



O
D
D

Livro 4

Pré-vestibular Geografia

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

Autoria: Murilo Medici Navarro Cruz.

Diretor executivo: Nicolau Arbex Sarkis.

Gerência editorial: João Carlos Puglisi.

Coordenação de edição técnica: Marília L. dos Santos C. Ribeiro.

Edição técnica: Equipe de editores técnicos da Editora Poliedro.

Coordenação de produção editorial: Livia Scherrer dos Santos.

Analista de produção editorial: Claudia Moreno Fernandes.

Coordenação de edição: Michelle Silva da Mata e Vivian Plascak Jorge.

Edição: Equipes de edição da Editora Poliedro.

Coordenação de revisão: Mariana Castelo Queiroz.

Revisão: Equipe de revisão da Editora Poliedro.

Coordenação de arte: Antonio Domingues e Kleber S. Portela.

Diagramação: Equipe de arte da Editora Poliedro.

Ilustrações: Equipes de ilustração e de arte da Editora Poliedro.

Coordenação de licenciamento: Ana Rute A. M. Perugini.

Licenciamento: Equipe de licenciamento da Editora Poliedro.

Projeto gráfico: Alexandre Moreira Lemes e Kleber S. Portela.

Projeto gráfico da capa: Bruno Torres e Varão Monteiro Junior.

Coordenador de PCP: Anderson Flávio Correia.

Impressão e acabamento: nywgraf Editora Gráfica Ltda.

Créditos: capa e frontispício Anton Balazh/Shutterstock 5 André Koehne/Wikipedia
• Rosco/Wikipedia • Bruno Cirin/Wikipedia 87 Dantada/Morguefile • Reprodução
• Silktork/Wikipedia contracapa Elinalee/Shutterstock.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as obras de artes plásticas presentes nesta obra, sendo que sobre alguns nenhuma referência foi encontrada. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos faltantes, estes serão incluídos nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos nos arts. 28 e 29 da lei 9.610/98.

SISTEMA DE ENSINO
POLIEDRO

São José dos Campos - SP
ISBN: 978-85-7901-068-2
Telefax: (12) 3924-1616
editora@sistemapoliedro.com.br
www.sistemapoliedro.com.br

Copyright © 2015
Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro

SUMÁRIO

Frente 1

10	Qualidade de vida	6
	A questão do desenvolvimento.....	7
	O desenvolvimento e a estrutura da população... 8	
	Os fatores do desenvolvimento	11
	Tentando medir o desenvolvimento.....	17
	Revisando	22
	Exercícios propostos	22
	Texto complementar	33
	Exercícios complementares	35
11	Regiões e regionalização do espaço brasileiro	40
	Integração do território e divisão territorial do trabalho.....	41
	Região e regionalização.....	41
	A divisão territorial do trabalho no Brasil	44
	Migrações internas.....	54
	Os quatro Brasis	57
	Revisando	59
	Exercícios propostos	60
	Texto complementar	74
	Exercícios complementares	77

Frente 2

12 Oriente Médio.....	88
Oriente Médio, uma região de conflitos.....	89
Revisando.....	104
Exercícios propostos.....	105
Texto complementar.....	112
Exercícios complementares.....	114
13 As potências emergentes: Índia, Rússia e China.....	117
Índia.....	118
Rússia.....	119
China.....	124
Revisando.....	126
Exercícios propostos.....	127
Texto complementar.....	136
Exercícios complementares.....	138
14 Japão, Tigres Asiáticos e Oceania.....	140
Japão: caracterização geral.....	141
Os Tigres Asiáticos.....	143
Oceania.....	145
Revisando.....	147
Exercícios propostos.....	148
Texto complementar.....	151
Exercícios complementares.....	153
Cabarito.....	155



Frente 1



LIBERDADE

[...]

As liberdades não são apenas os fins primordiais do desenvolvimento, mas também os meios principais. Além de reconhecer, fundamentalmente, a importância avaliatória da liberdade, precisamos entender a notável relação empírica que vincula, umas às outras, liberdades diferentes. Liberdades políticas (na forma de liberdade de expressão e eleições livres) ajudam a promover a segurança econômica. Oportunidades sociais (na forma de serviços de educação e saúde) facilitam a participação econômica. Facilidades econômicas (na forma de oportunidades de participação no comércio e na produção) podem ajudar a gerar a abundância individual, além de recursos públicos para os serviços sociais. Liberdades de diferentes tipos podem fortalecer umas às outras.

Amartya Sen. *Desenvolvimento como liberdade*. Laura Teixeira Motta (Trad.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 25-6.



A questão do desenvolvimento

Expressões como país desenvolvido e subdesenvolvido, utilizadas no cotidiano, demonstram que a maioria das pessoas possui uma percepção mínima sobre quais são as condições socioeconômicas desejáveis e indesejáveis. No entanto, no momento de se medir tais condições, assim como de investigar as causas das diferenças e propor ações para transformá-las, as polêmicas aparecem e fica bem mais difícil comprovar as questões de desenvolvimento econômico e social.

Até o século XIX, a questão do desenvolvimento socioeconômico não estava muito presente nas preocupações das pessoas comuns, tampouco nas dos estudiosos. Sem dúvida, existiam povos que viviam em condições melhores ou piores, mas, em geral, isso estava muito associado a fatores naturais (chuva e sol na hora certa, por exemplo) ou a resultados de guerras entre reinos.

Durante o século XX, entretanto, o desenvolvimento passou a ser visto como condição resultante de processos de industrialização, urbanização e integração à economia de mercado. Veremos mais detalhadamente no capítulo que o primeiro índice utilizado para tentar medir o desenvolvimento foi o PIB, Produto Interno Bruto.

Para compreender as polêmicas que giram em torno da questão do **desenvolvimento**, é preciso, primeiramente, diferenciá-lo da noção de **crescimento econômico**. Para tanto, é importante entender que crescimento se refere a uma mudança quantitativa, enquanto desenvolvimento trata de uma **mudança qualitativa**. Isso não significa que essas mudanças não possam e não tendam a ocorrer conjuntamente, mas sim que elas se diferem.



Fig. 1 Península Bygdoy em Oslo, a capital e maior cidade da Noruega (países desenvolvidos).

Para reforçar essa diferença, lembremos que o vínculo entre desenvolvimento e mudanças qualitativas se dá também por meio de análises do meio natural e dos seres vivos. Quando uma criança se transforma em adolescente e depois em adulto, podemos até dizer que ela cresceu, o que é verdade, mas, mais

do que isso, ela se desenvolveu, já que seu corpo mudou, assim como seu comportamento, sua mentalidade e assim por diante. Podemos pensar o mesmo com relação a uma árvore ou ao vale de um rio, que tem seu desenvolvimento ao ser esculpido pelas águas que são drenadas pela rede hidrográfica. Mas é importante lembrar que os fatores e o modo como se dão os desenvolvimentos no meio físico e no meio social são diferentes.

Outra diferenciação necessária é entre desenvolvimento e felicidade ou realização social e pessoal. Se, por um lado, desenvolvimento significa uma mudança qualitativa, por outro, essa mudança não é, necessariamente, para melhor em todos os aspectos da vida social.

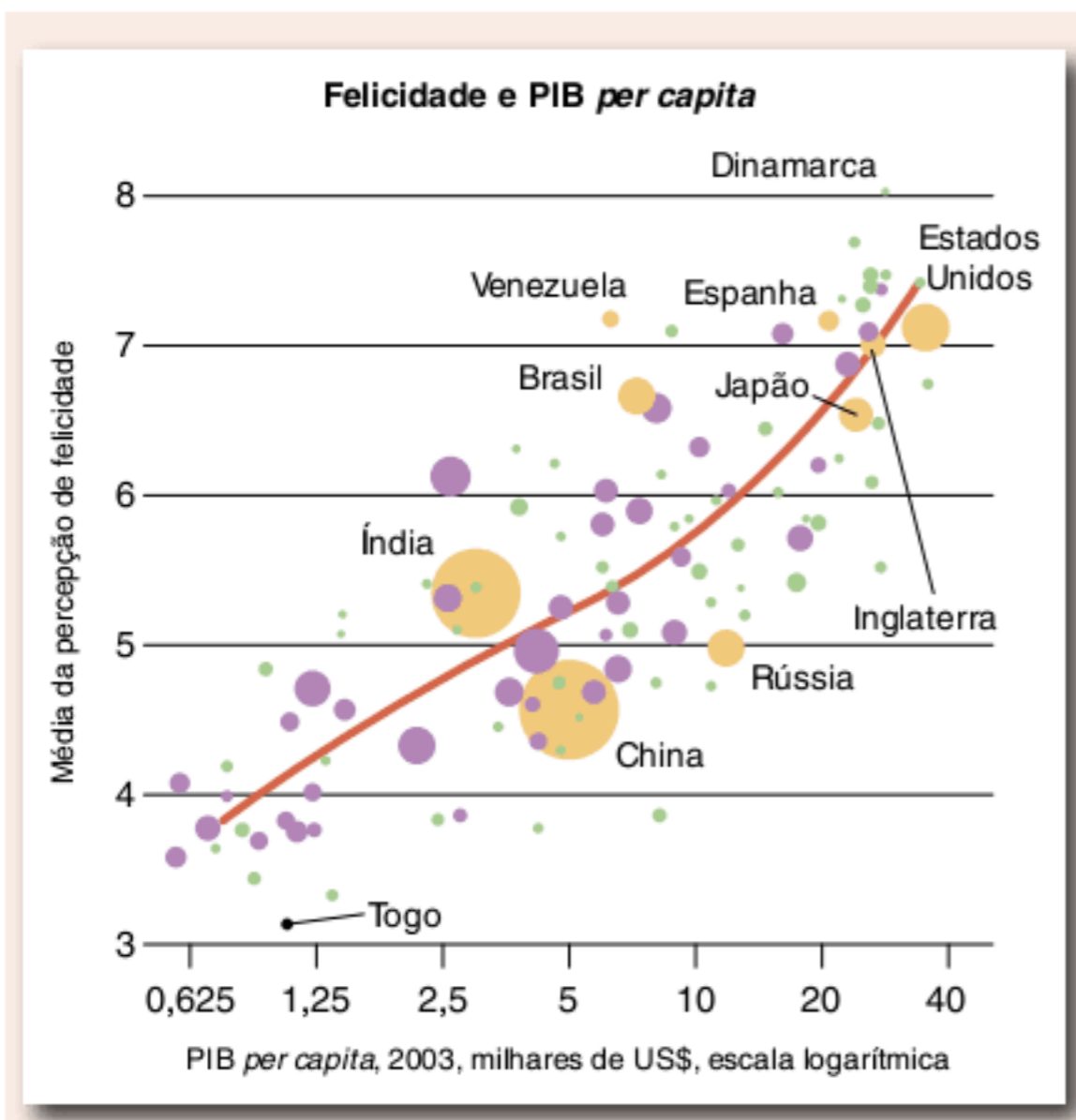


Fig. 2 Crianças estudando em uma sala de aula em Bié, Angola (países subdesenvolvidos).

SAIBA MAIS

Riqueza e felicidade

Em 2010, o governo do Reino Unido anunciou a criação de um índice de felicidade, o qual deverá ser divulgado anualmente junto com o PIB. A ideia é relativizar o peso deste último, principalmente, em um país em que o crescimento econômico vem sendo muito baixo há um bom tempo. Índices de felicidade, em geral, não têm como objetivo medir o bem-estar, mas sim a percepção que as pessoas têm sobre ele. São, portanto, medidas de opinião e não de fatores objetivos. Mas, relacionando a percepção do bem-estar com fatores materiais ou sociais, como dinheiro, emprego e lazer, é possível perceber algumas conexões. A principal delas é que há uma ligação relativa entre riqueza e felicidade. Relativa porque as pessoas tendem a se considerar mais felizes devido ao enriquecimento até certo ponto, em geral até atingirem o topo da classe média. Mas também porque outros fatores como emprego, lazer e questões culturais influem diretamente nessa equação. O gráfico a seguir nos dá uma ideia disso.



Assim sendo, vamos avaliar a questão do desenvolvimento a seguir, considerando-o como um conjunto de mudanças na economia, nas relações sociais e na cultura de uma sociedade. Veremos questões ligadas ao desenvolvimento no Brasil e no mundo, começando por uma relação importante que exemplifica a questão do desenvolvimento: a mudança na estrutura da população.

O desenvolvimento e a estrutura da população

No último capítulo, tratamos de um exemplo interessante de desenvolvimento, a transição demográfica. Estudamos que, em geral, quando uma população passa por mudanças econômicas (industrialização, urbanização, integração à economia de mercado) e socioculturais (inserção da mulher no mercado de trabalho, laicização) a tendência é que se reduza drasticamente suas taxas de natalidade e mortalidade, provocando, primeiramente, crescimento demográfico e, mais tarde, estabilização ou até mesmo decréscimo.

Além disso, vimos que as fases finais da transição demográfica levam ao envelhecimento da população, que passa a ter uma estrutura etária marcada por poucos jovens, muitos adultos e muitos idosos. Nesse sentido, é possível dizer que uma população desenvolvida (em termos demográficos) é aquela que já passou pela transição demográfica e também por uma certa estrutura etária. O mesmo pode ser observado em outros aspectos da estrutura de uma população, particularmente nos estudos que tratam da PEA e dos fatores de qualidade de vida.

A PEA e sua estrutura

Considerando que o desenvolvimento costuma estar vinculado à ideia de modernização e esta, por sua vez, inclui, entre outros aspectos, a passagem de formas de economia de

subsistência para economias de mercado, a PEA, que significa **População Economicamente Ativa**, é um índice interessante para avaliar os processos de desenvolvimento. Ela trata de um conjunto de pessoas que estão trabalhando, ou dispostas a trabalhar, em atividades econômicas ligadas à economia de mercado. Isso inclui as pessoas ocupadas e desocupadas.



Fig. 3 População Economicamente Ativa – PEA.

As pessoas **ocupadas**, segundo o IBGE, podem ser classificadas em empregados e empregadores, por conta própria e não remunerados. Mas mesmo no caso destes últimos, a condição é que a pessoa exerça, ou pretenda exercer, uma atividade econômica. Portanto, o serviço de uma dona de casa, por exemplo, ou atividades de reforma ou de construção da própria casa, não classificam a pessoa como parte da PEA.

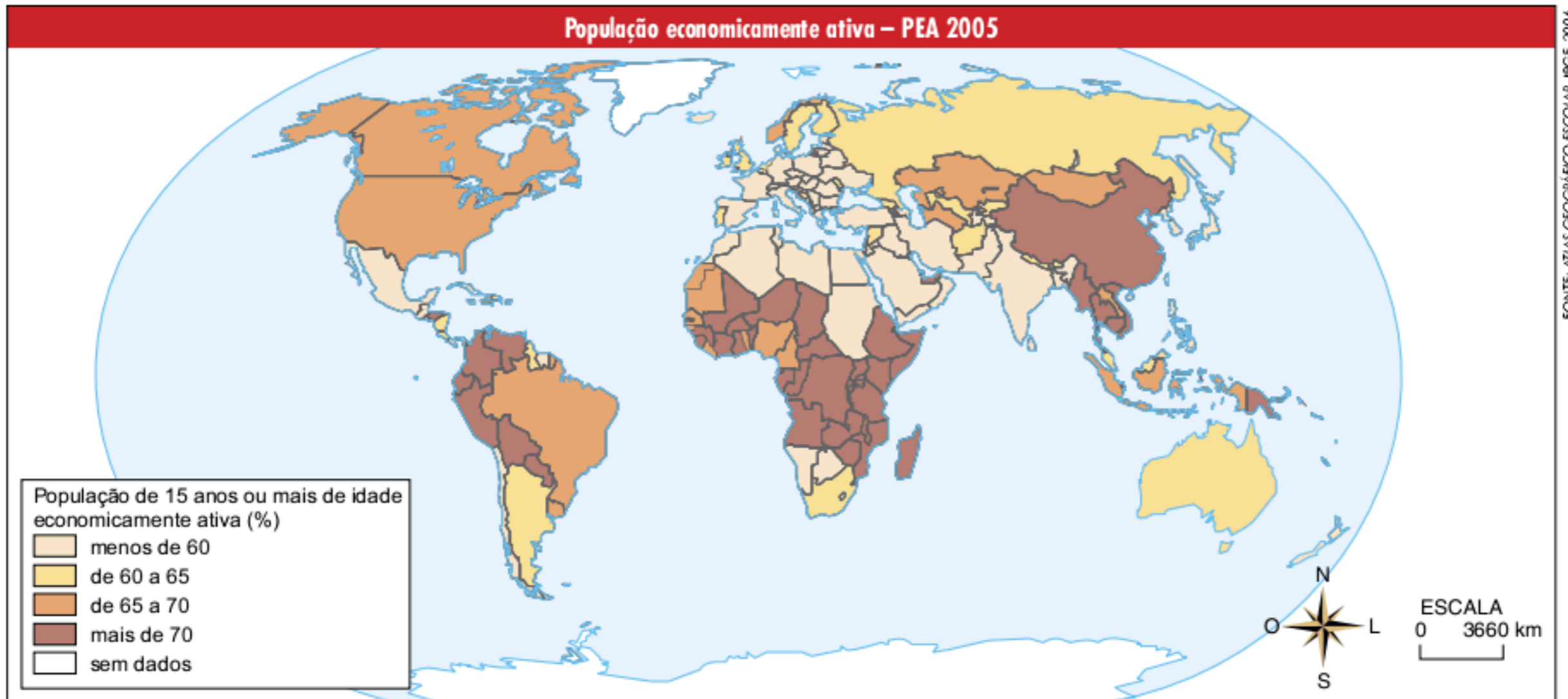
As pessoas **desocupadas** são aquelas que não estavam trabalhando no momento em que a pesquisa foi realizada, mas que estão dispostas a trabalhar e tomaram alguma iniciativa para conseguir alguma ocupação. Por exemplo, procuraram emprego ou tentaram realizar alguma atividade econômica por conta própria.

A PEA pode ser expressa diretamente em número de pessoas, em porcentagem, relacionando a população total ou a **população em idade ativa** (mais de 10 anos). Em 2009, segundo os dados do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios), do IBGE, os dados do Brasil eram aproximadamente os seguintes:

PEA total	101.000.000
PEA em % da pop. em idade ativa	62%
PEA em % da pop. total	53%

Tab. 1 População economicamente ativa no Brasil em 2009.

Os dados estão um pouco diferentes dos presentes no mapa a seguir, que está considerando a porcentagem da população acima de 15 anos, mas nos auxiliará ao fazermos algumas comparações.



No início desse conteúdo, sugerimos que a PEA poderia ser um indicador para avaliarmos o processo de desenvolvimento. Até certo ponto isso pode ser considerado verdade, mas a relação entre aumento ou diminuição e o desenvolvimento econômico e social não é direta, podendo ser maior ou menor, em porcentagem da população total, basicamente de acordo com dois fatores: a idade média da população e a inserção da mulher no mercado de trabalho.

Considerando a **idade média**, conforme estudamos no capítulo anterior, quando começa a ocorrer o envelhecimento da população, há um aumento da participação de adultos e diminuição dos mais jovens. Comparando-se um país de população muito jovem com outro de população mais adulta, poderíamos dizer que este último tende a apresentar uma PEA percentualmente maior. Entretanto, se observarmos o mapa anterior do ano de 2005, perceberemos que muitos países da África Subsaariana apresentam grandes porcentagens quando se trata da população acima de 15 anos. Isso não se deve, ainda, ao amadurecimento da população, mas sim ao fato de que nesses países as pessoas começam a trabalhar mais cedo, geralmente antes dos 15 anos. Ao mesmo tempo, um país como o Brasil, que apresenta uma população mais madura e, portanto, deveria apresentar também uma porcentagem maior que a daqueles países, ocorre o contrário; está apresentando uma tendência de diminuição do trabalho infantil.

A diminuição do trabalho infantil é um indicador de que o desenvolvimento está ocorrendo e que ele pode estar sendo sustentável, em termos econômicos. Isso ocorre porque se uma porcentagem menor de jovens faz parte da PEA, os dados indicam que há mais desses jovens estudando e cumprindo etapas mais avançadas do ensino formal, como o Ensino Médio, o Técnico e o Superior. Tal processo sugere a tendência de melhoria na formação da mão de obra.

Em contrapartida, o contínuo aumento da idade média devido à queda da fecundidade e ao aumento da expectativa de vida, faz com que a população apresente uma proporção de idosos cada vez maior, o que, por sua vez, provoca a diminuição percentual. Portanto, podemos dizer que países muito pobres ou muito ricos têm a tendência de apresentar uma porcentagem relativamente menor.

Levando em consideração a **inserção da mulher no mercado de trabalho**, o que ocorre é que o desenvolvimento econômico e social tende a liberar essas mulheres das relações tradicionais de submissão aos seus pais, irmãos ou maridos. Dessa forma, o desenvolvimento tende a aumentar a participação da mulher, pois ela passa a trabalhar fora de casa.

Para que a análise da relação entre o desenvolvimento e a participação da mulher no mercado de trabalho fique mais clara, é interessante dividirmos a PEA em masculina e feminina. O gráfico a seguir nos permite visualizar uma expressiva mudança nesse tipo de composição brasileira nas últimas décadas.



Fig. 4 Diminuição do trabalho infantil no Brasil.

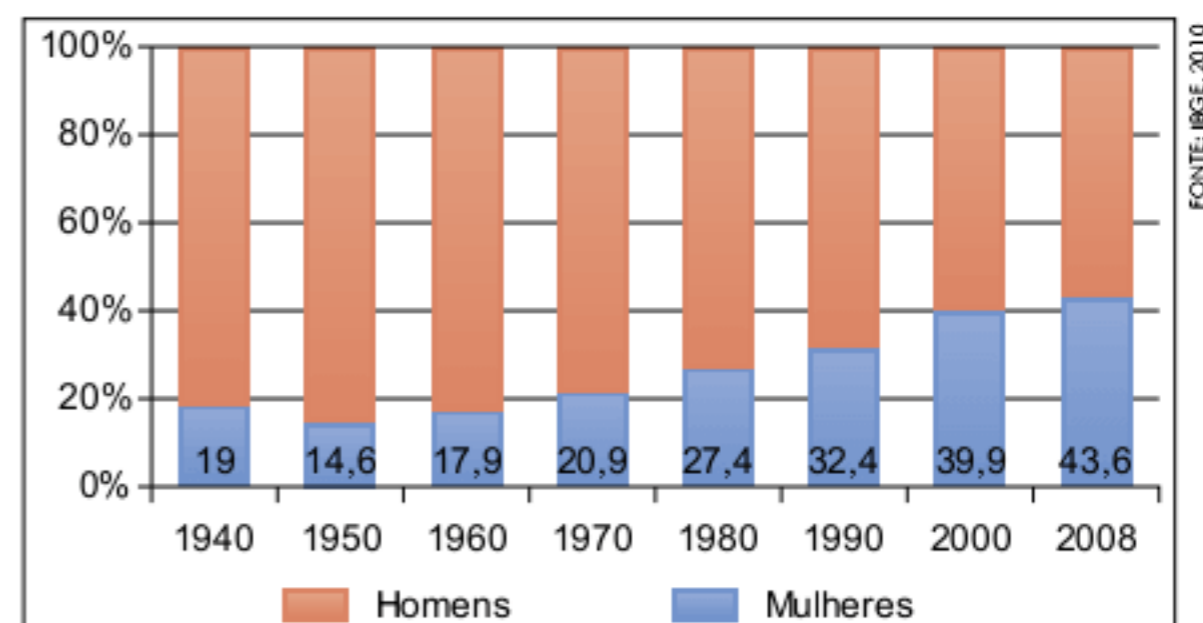


Fig. 5 Distribuição da PEA entre homens e mulheres no Brasil.

Esse aumento da participação das mulheres na PEA não pode ser tomado como um sinal imediato de melhoria. Se, por um lado, é possível dizer que a modernização leva à diminuição da submissão direta das mulheres aos homens de sua família, por outro, uma parcela dessas relações de submissão, geralmente, se reproduzem no mercado de trabalho. Podemos verificar esses problemas na desigualdade de rendimentos entre os sexos.

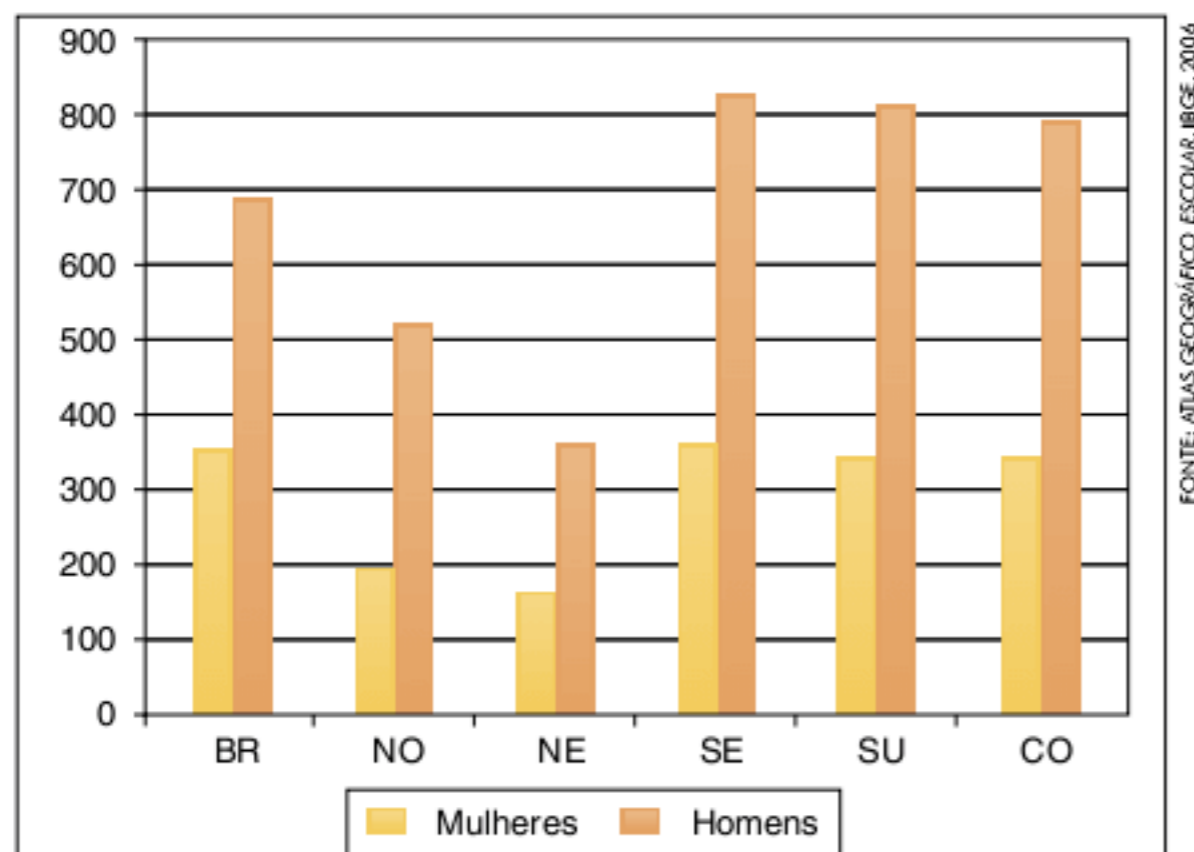


Fig. 6 Rendimentos de homens e mulheres por região, em R\$.



Fig. 7 Mulher de negócios.

Os salários mais altos para os homens se devem a dois fatores. Por um lado, são eles que tendem a assumir cargos mais bem pagos, principalmente os de chefia. Por outro, mesmo quando se trata do mesmo tipo de profissão, as vagas mais atrativas tendem a ser ocupadas por eles. Essa desigualdade se deve, principalmente, a uma herança cultural que vem conduzindo, especialmente

as mulheres que pretendem trilhar carreiras profissionais mais desafiadoras, para uma forte queda da taxa de fecundidade. Como vimos no capítulo sobre dinâmica demográfica, a queda exagerada da fecundidade é um problema, pois causa o envelhecimento e a diminuição da população. Entretanto, é importante perceber que o desenvolvimento econômico e social inicialmente dá às mulheres a possibilidade de ingressar no mercado de trabalho, mas faz-se necessário ir além e criar condições para que as mulheres sejam tratadas com igualdade nesse mercado.

A divisão setorial da PEA

Outra forma de relacionar a organização da PEA com o processo de desenvolvimento é analisando sua divisão setorial. Ou seja, analisar como a população economicamente ativa está dividida entre os setores primário, secundário e terciário.

O setor **primário** é aquele que envolve atividades relacionadas ao campo, como agricultura, pecuária e extrativismo mineral e vegetal. O **secundário** é o setor onde há a atividade de transformação, ou seja, a indústria. Já o setor **terciário** envolve o comércio e os serviços em geral.

Um país com o setor primário predominante tem um modelo econômico agrário, sendo possivelmente subdesenvolvido, pois não completou a passagem para as atividades urbanas e industriais. Países com a presença de um setor secundário forte demonstram um modelo baseado na industrialização que já não existe nos países capitalistas desenvolvidos, podendo ser encontrado em alguns países que tiveram um longo período de economia planejada como a Hungria e a Polônia, mas tendendo a desaparecer. Já países com predomínio de pessoas no setor terciário, como é o caso dos países capitalistas mais desenvolvidos, demonstram uma **economia pós-industrial**, na qual a atividade de transformação perde importância para os setores financeiros e de serviços em geral. Porém, a análise não deve ser direta e simples, principalmente nos dias atuais, quando os capitais internacionais têm condições para investir em quase todos os lugares do mundo, o que não vincula diretamente a existência de várias indústrias com o desenvolvimento de uma região. Analisando as mudanças históricas ocorridas na divisão da PEA brasileira nos diferentes setores da economia, podemos compreender melhor algumas modificações nos modelos econômicos vigentes ao longo de nossa história.

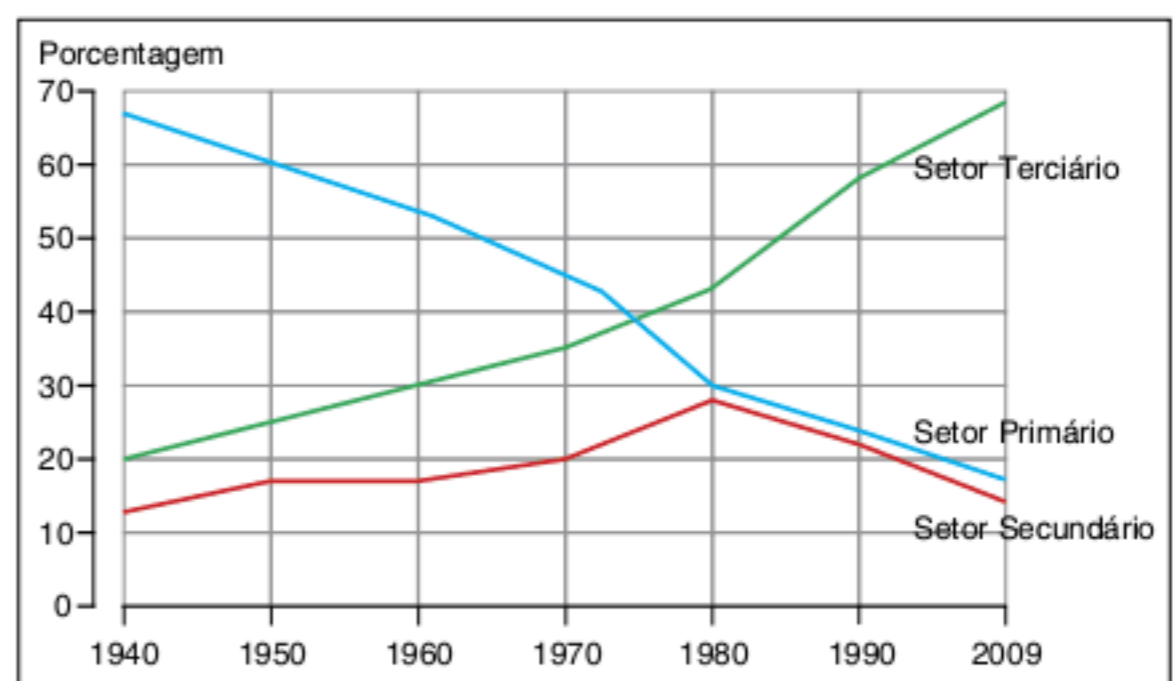


Fig. 8 Distribuição setorial do PEA.

A partir da década de 1940, o setor primário começou a apresentar uma diminuição acelerada, enquanto os setores secundário e terciário apresentaram um constante aumento até a década de 1980. Durante os anos de 1970, o setor terciário ultrapassou o primário. Essa reação foi em consequência da mudança do modelo agroexportador para o urbano-industrial, que envolveu a introdução de novas técnicas que dispensaram um grande número de pessoas do campo. Por outro lado, a urbanização aumentou a demanda por serviços urbanos, como comércio, educação, transporte etc.

No entanto, a migração que ocorreu do campo para a cidade, provocada pela diminuição de empregos na zona rural, levou a um acúmulo da população urbana que acabou formando uma reserva de mão de obra, já que nem todos foram absorvidos pela industrialização do país. Essa situação começou a piorar em fins dos anos de 1980, quando as empresas nacionais passaram a se reestruturar para competirem com a produção mundial de mercadorias. Essa tendência intensificou-se na década de 1990, pois a flexibilização da produção diminuiu os postos de trabalho na fábrica, aumentando a reserva de mão de obra.

As pessoas excluídas do setor secundário passaram a incorporar-se no setor terciário, criando a chamada **hipertrofia do setor terciário**, que é o número elevado de pessoas participando de atividades pouco produtivas. No Brasil e em vários outros países subdesenvolvidos, o predomínio das atividades terciárias representa um acúmulo de pessoas em serviços de baixa produtividade, ganhando salários pouco atraentes. Destaca-se também, entre os trabalhadores do setor terciário brasileiro, um grande número de trabalhadores informais, como camelôs e ambulantes.



Fig. 9 Vendedores ambulantes e camelôs em rua do Rio de Janeiro.

Os fatores do desenvolvimento

Discutiremos, nesse momento, alguns fatores do desenvolvimento, ou seja, processos, ações, políticas e transformações que tendem a colaborar com o desenvolvimento.

Nos primeiros séculos depois de Cristo, a população mundial atingiu o patamar dos 250 milhões de habitantes. Atualmente são mais de seis bilhões. Esse aumento representa a capacidade humana de criar técnicas que procuram melhorar suas possibilidades de sobrevivência e perpetuação da espécie. Em geral, vemos esse processo como uma evidência de desenvolvimento, mas há muitas questões a pontuar e a esclarecer sobre isso.

No caso do **desenvolvimento técnico**, é envolvido, entre outros fatores, o aumento da produtividade agrícola, a melhoria das condições de higiene e abrigo e os avanços da medicina. Por meio desses desenvolvimentos, a taxa de mortalidade infantil diminuiu muito e a expectativa de vida se elevou. Tais mudanças resultaram no intenso aumento populacional, levando em consideração que a população cresce mais pela queda da mortalidade que pelo aumento da natalidade. Entretanto, nem todos os seres humanos têm acesso a tais benefícios, apesar de a maioria colaborar de uma forma ou de outra nesse processo.

Em sociedades hierarquizadas, seja pela política ou pela propriedade privada, os seres humanos têm diferentes papéis sociais, pois participam de forma diversa do conjunto da sociedade. A divisão do trabalho, interna nos países ou entre eles,

produz também a divisão não igualitária da riqueza produzida. Sendo assim, o desenvolvimento técnico, resultante do trabalho do conjunto da sociedade, é apropriado mais para uns do que para outros.

Essa apropriação diferenciada dos bens e serviços, assim como a garantia diferenciada de direitos aos cidadãos de cada país ou classe social, gera também diferenças nas condições de vida das pessoas. Veremos a seguir, alguns elementos que podem ser considerados importantes para melhorar a qualidade de vida das pessoas e como se dá esse acesso pelas diferentes parcelas da população brasileira e mundial.



Fig. 10 Representação da conexão tecnológica das pessoas com o mundo exterior.

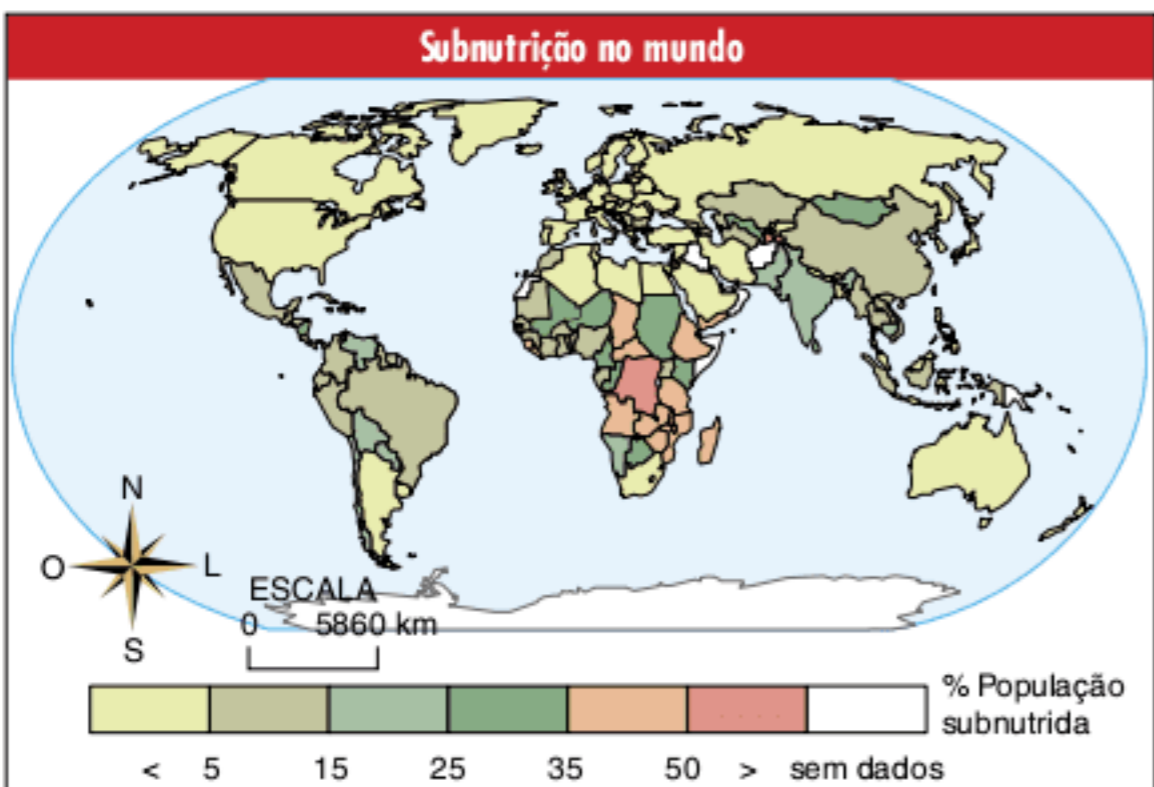
Alimentação

Se o desenvolvimento pode ser visto, algumas vezes, como diminuição das privações, é fundamental que as pessoas tenham garantida uma alimentação na quantidade e na qualidade corretas. Mas é preciso esclarecer alguns pontos nessa questão que, *a priori*, pode parecer evidente.

Para começar, fome é diferente de desnutrição ou subnutrição. Para muitos autores, fome é a condição de quem tem uma alimentação tão deficitária que não chega a satisfazer as necessidades diárias para manter o seu organismo em funcionamento, digamos, da melhor forma. Em tal situação, a pessoa não tem energia para realizar as atividades diárias, principalmente, trabalho, cuidado com os filhos e, até mesmo, higiene pessoal. Essa condição é profundamente degradante e se destaca como um problema que atinge milhões de pessoas no mundo. No entanto, geralmente a **fome** propriamente dita é causada por catástrofes ambientais, como grandes secas; ou sociais, como guerras que destruíram o sistema de produção de alimentos em um país ou em uma região. O problema da fome, que também pode ser chamada de **desnutrição crônica**, é mais comum na África Subsaariana, principalmente devido às guerras civis que vêm se perpetuando nestes países durante as últimas décadas. Mas também podemos encontrar casos isolados no Brasil, em áreas rurais de difícil acesso.



Fig. 11 Na Tanzânia, o percentual de desnutrição infantil, baixo peso, é de 44% (Fonte: FAO).



Por sua vez, a **desnutrição** ou **subnutrição** é um problema bem mais comum do que imaginamos. São subnutridas as pessoas que não se alimentam bem o suficiente para que o organismo desenvolva suas potencialidades o melhor possível. A subnutrição é, portanto, um problema de saúde pública e a preocupação central deve se voltar, principalmente, para sua presença entre as crianças que, estando em fase de desenvolvimento do próprio corpo, necessitam de uma boa alimentação para se tomarem adultos saudáveis.

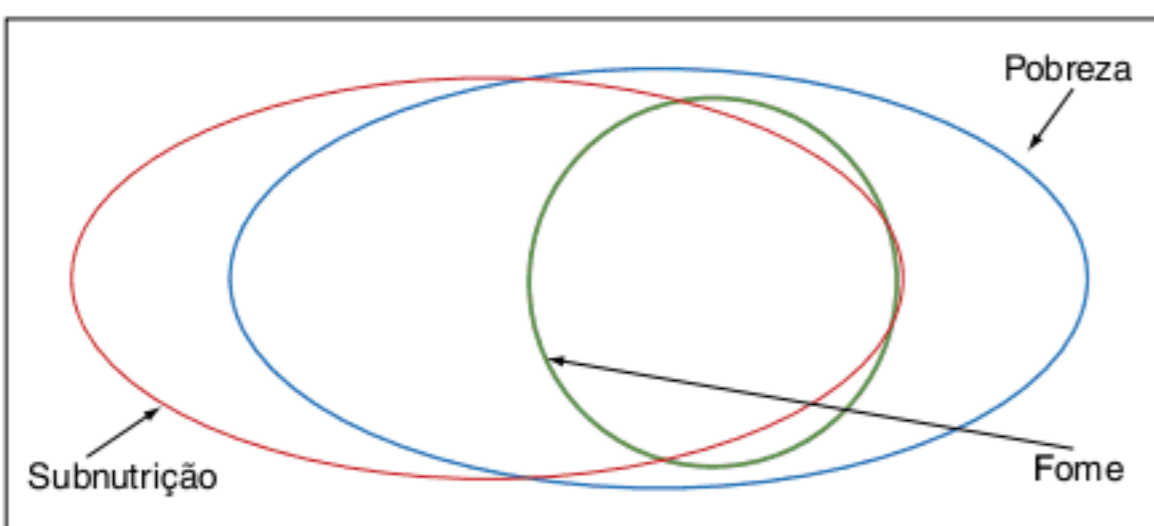


Fig. 12 Pobreza, fome e subnutrição.

Como é possível verificar no esquema anterior, as relações entre fome, pobreza e subnutrição são mais complexas do que imaginamos. No entanto, não é verdade que todos os subnutridos passam fome nem que todos os pobres são subnutridos, nem mesmo que todos os subnutridos são pobres.

Para esclarecer melhor essas relações, vamos acrescentar mais dois conceitos, o de segurança alimentar e o de soberania alimentar, assim como discutir a mudança da dieta que o aumento da renda pode causar.

A pobreza não indica, necessariamente, subnutrição quando estamos utilizando o conceito de pobreza em relação aos ganhos monetários e, ao mesmo tempo, a comunidade em questão desfruta do que chamamos de **soberania alimentar**. Esta condição indica que a comunidade consegue produzir sua própria alimentação de forma autônoma, sem depender de outra fonte. Esse é o caso de inúmeras comunidades tradicionais – indígenas, ribeirinhos, pescadores, camponeses e muitos outros – que podemos encontrar no Brasil ou em muitos outros países do mundo.



Fig. 13 Produtos de comércio justo e solidário: artesanato africano (instrumentos musicais, cerâmica e chás).

O conceito de soberania alimentar também pode ser usado para indicar a condição de um país que produz seu próprio alimento. Não se aplica exclusivamente às comunidades tradicionais pobres. Mas, por sua vez, é por meio dele que podemos destacar essa possibilidade de que a pobreza não coincide com a subnutrição.

Entretanto, as relações de mercado, atualmente, são cada vez mais generalizadas entre os países e entre as pessoas, tornando cada vez mais difícil encontrarmos a condição de soberania alimentar. Mesmo que seja desejável sua reconquista, tanto pelas comunidades tradicionais como pelos países, as políticas públicas atuais de combate à subnutrição dão prioridade à garantia da **segurança alimentar**. Esta, diferentemente da soberania, significa que as pessoas têm garantido o fornecimento de alimentos, normalmente, pelo mercado. Ou seja, elas têm dinheiro para comprar comida.

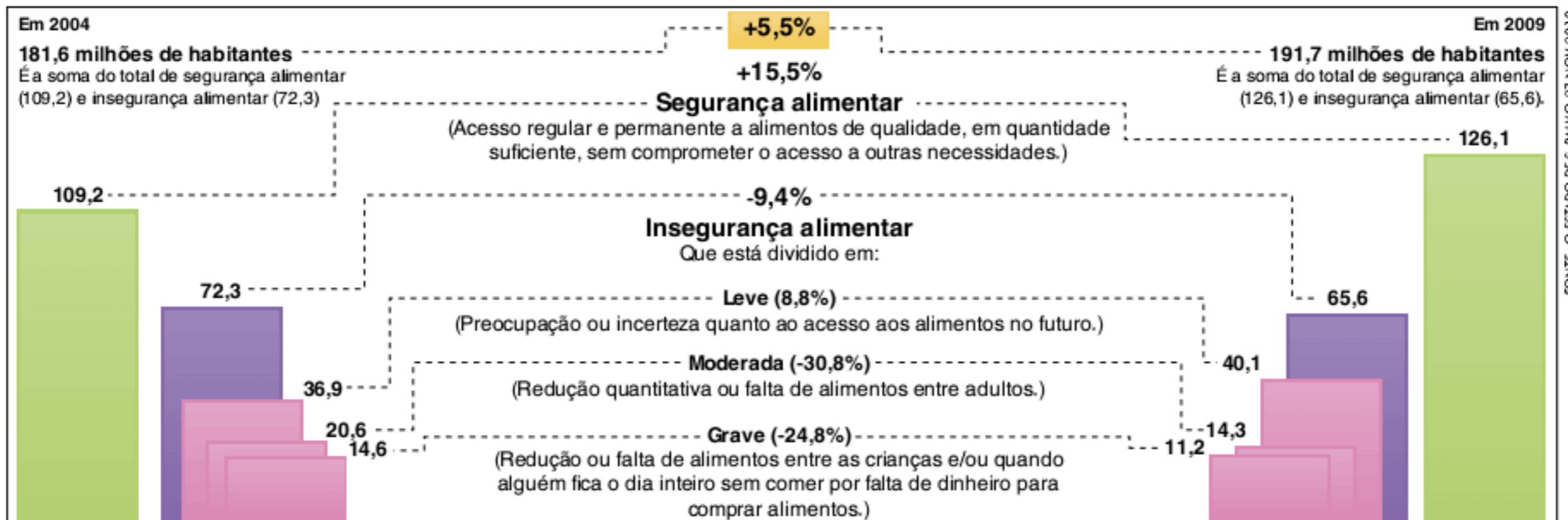


Fig. 14 Aumento da segurança alimentar no Brasil.

A segurança alimentar pode ser garantida, portanto, por meio do aumento da renda, o qual pode se basear no aumento e na melhoria dos empregos ou em programas sociais que garantam uma renda mínima. Desde meados da década de 1990, com a estabilização econômica, a renda dos mais pobres, no Brasil, começou a melhorar. Mas foi entre 2003 e 2010 que os programas de renda mínima colaboraram fortemente para assegurar essa melhoria. Mais adiante veremos que houve, nos últimos anos, uma melhoria geral da renda no país e que muito desse aumento está ligado à geração de empregos. Mas entre a população mais pobre, como podemos observar no gráfico a seguir, foram os programas sociais que mais contribuíram com esse aumento.

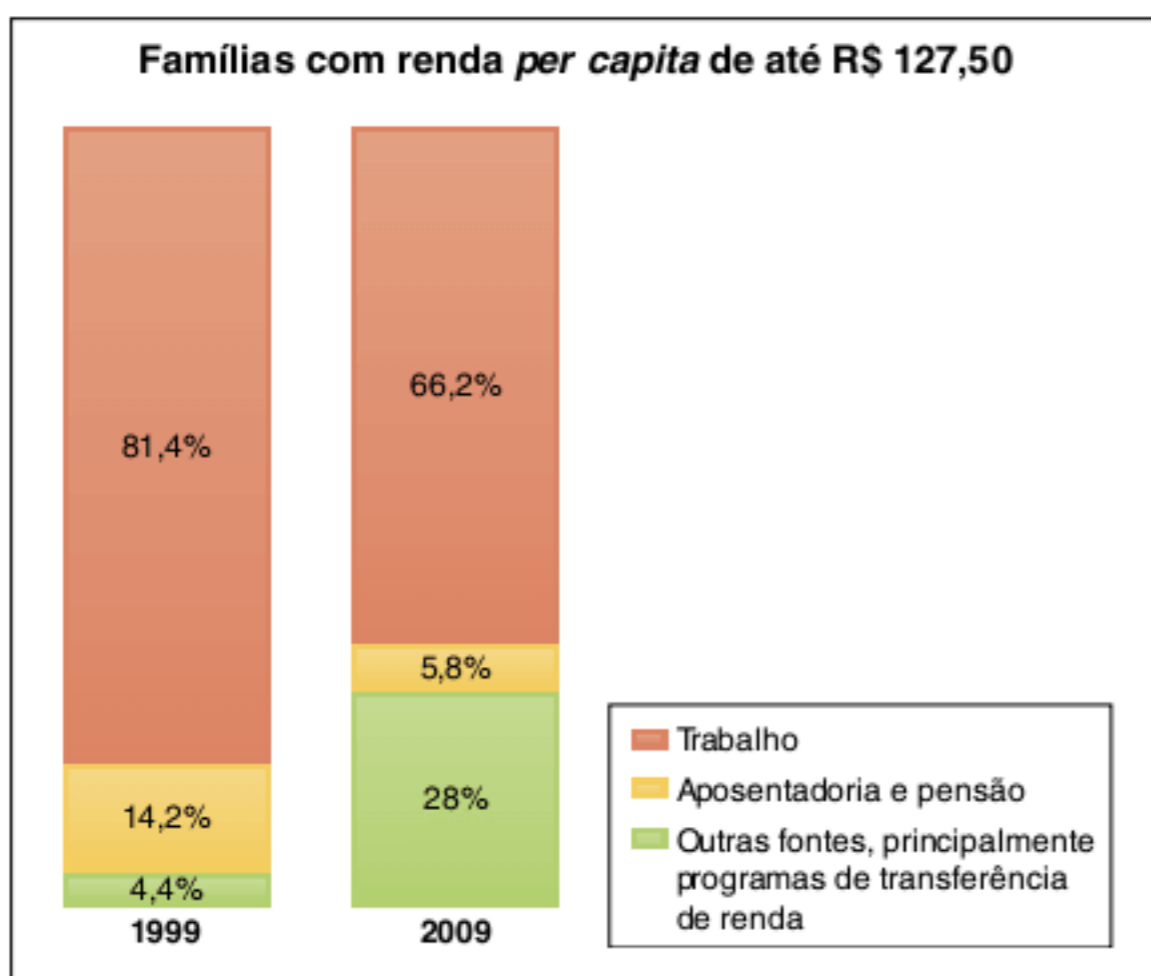


Fig. 15 Aumento do peso do Estado na renda dos mais pobres.

O aumento da renda dos mais pobres nos ajuda a entender a diminuição da insegurança alimentar no país, mas não nos permite dizer muito sobre a soberania alimentar. Aliás, a tendência é que esse aumento de renda diminua essa soberania, uma vez que a população mais pobre passa a depender mais do mercado e dos programas sociais para satisfazer suas necessidades alimentícias. No entanto, de qualquer modo, é perceptível uma melhoria no aspecto alimentar da população mais pobre.

Por outro lado, o aumento da renda do restante da população e as mudanças sociais e culturais vêm gerando outro problema alimentar que não tem a ver com a fome nem com a pobreza, mas, mesmo assim, guarda relação com a subnutrição. Estamos nos referindo à mudança da dieta dos brasileiros de classe média devido à elevação do poder de compra e às alterações dos hábitos cotidianos.

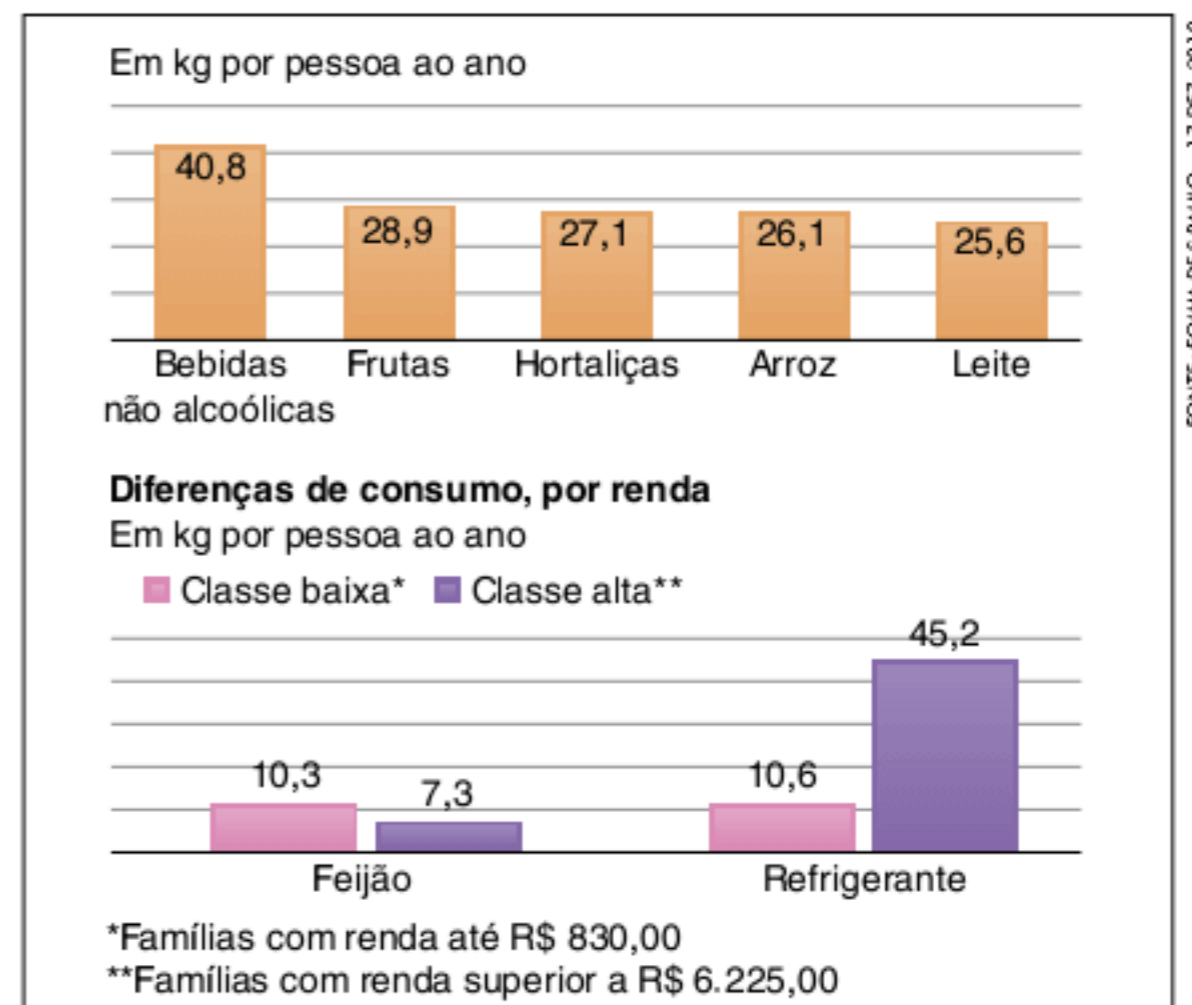


Fig. 16 Os campeões da despensa.



Fig. 17 Mantimentos nas prateleiras de supermercado.

Enquanto caiu o consumo de feijão e arroz, aumentou o de comida industrializada, normalmente com muito sal, açúcar e gordura. Para termos uma ideia, o item da alimentação que teve seu consumo mais elevado nos últimos anos foi o refrigerante. Essa mudança, por incrível que pareça, pode gerar dois problemas aparentemente opostos, que são a subnutrição e a obesidade.



Fig. 18 Prato com arroz e feijão.



Fig. 19 Refrigerante.

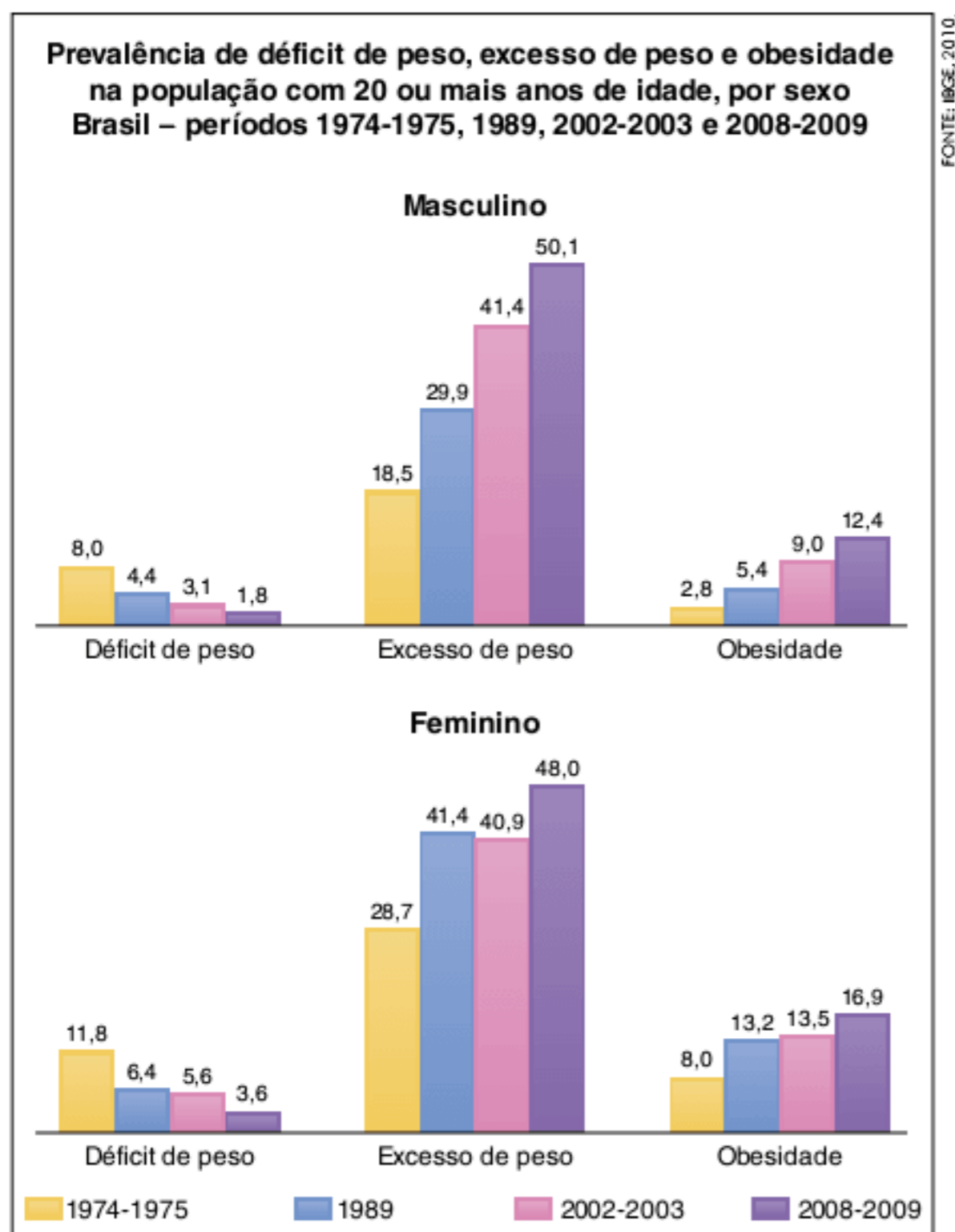


Fig. 20 Déficit de peso, excesso de peso e obesidade na população brasileira – de 1974 a 2009.

Saúde

A subnutrição pode conviver com a obesidade, neste caso, pois não está ligada à escassez de comida em geral. Mesmo que a pessoa esteja com excesso de peso, ela pode estar com escassez de vitaminas, fibras e proteínas, assim como com excesso de açúcar e gordura. Na última década, o problema da obesidade já ultrapassou o da subnutrição por escassez de alimentos no Brasil, tornando-se a principal preocupação dos programas de saúde pública nessa área.

A saúde de uma população depende da conjunção de diversos fatores, entre eles uma **alimentação** adequada, postos de **atendimento médico** e hospitais acessíveis não apenas para quem pode pagar e uma boa estrutura de **saneamento básico**.

Conforme estudamos anteriormente, a alimentação adequada não se restringe ao acesso a alimentos, mas inclui uma alimentação balanceada com o conjunto de nutrientes necessários ao bom funcionamento do organismo, inclusive no combate às infecções e outros problemas.

Quanto ao sistema de saúde, temos uma situação que é mais claramente problemática. O baixo nível de investimentos públicos dos países pobres em bons equipamentos, profissionais competentes e suficientes à população e leitos de hospitais que atendam à demanda, produz uma condição de saúde precária.



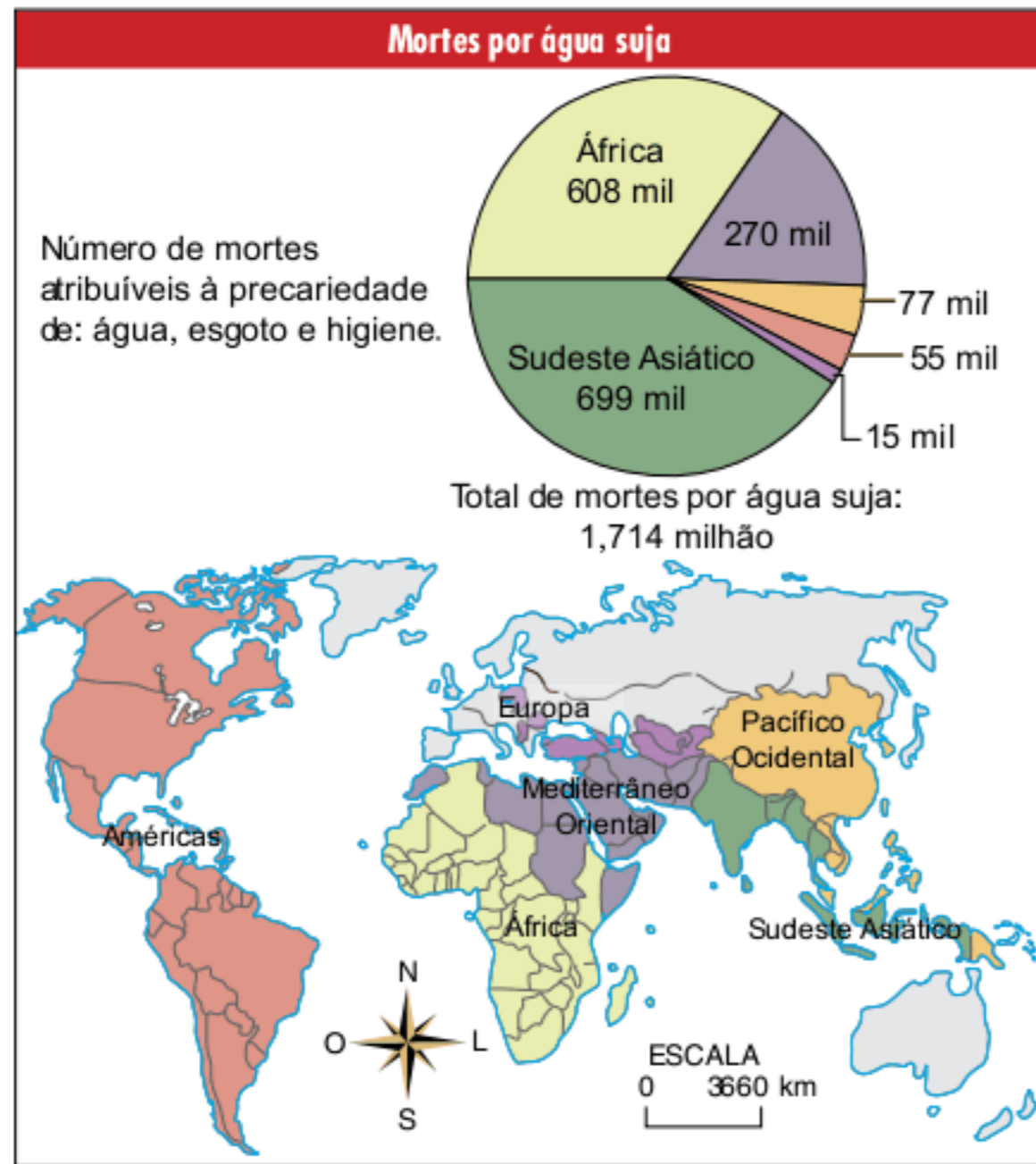
Fig. 21 Saúde e atendimento médico de qualidade.

Número de médicos para cada 100 mil habitantes			
Cuba	518	Chade	2
Israel	459	Eritreia	2
Geórgia	436	Gâmbia	2
Ucrânia	429	Malauí	2
Espanha	400	Guiné	3
Lituânia	399	Níger	3
Azerbaijão	390	Etiópia	4
Grécia	387	Gana	4
Rússia	380	Mali	4
Bélgica	365	Tanzânia	4
Cazaquistão	360	Uganda	4
Turcomenistão	353	Nepal	5
Hungria	337	Benin	6
Áustria	327	Burundi	6
Alemanha	319	Togo	6
Estônia	312	Camarões	7
Portugal	291	Senegal	7
Dinamarca	283	Sudão	10
França	280	Quênia	15
EUA	245	Bangladesh	18

FONTE: ENCICLOPÉDIA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO, 1998.

Tab. 2 Número de médicos para cada 100 mil habitantes.

O saneamento básico, que inclui o fornecimento de água, a coleta de esgoto, a disposição adequada de resíduos sólidos e o manejo de pragas, é fundamental para evitar a proliferação de doenças infectocontagiosas, entre elas a cólera, o tifo, a filária, a poliomielite e as diarreias causadas por infecções bacterianas diversas. Mesmo as doenças mais comuns causadas pela água contaminada, como as diarreias, podem ser uma importante causa de mortalidade infantil.



Coletar adequadamente o esgoto e fornecer água potável em volume suficiente para a população não é uma tarefa tão fácil quanto pode parecer, pois impõe várias exigências. Em primeiro lugar, é preciso ter água disponível, o que já não é uma realidade para grande parte da população mundial. Em seguida, é preciso gastar muito dinheiro com a construção das redes de coleta de esgoto e de distribuição de água, assim como estações de tratamentos de ambos. Dessa forma, normalmente os países com problemas de saúde pública, devido à falta de água de qualidade, são aqueles com escassez hídrica e falta de verbas para investimentos.

Para unir os três problemas destacados anteriormente, vejamos o gráfico sobre **mortalidade infantil** no Brasil. Consideramos mortalidade infantil, geralmente, as mortes antes de completar um ano de vida. O Brasil conseguiu reduzir essa taxa de 47,1 por mil nascidos vivos, em 1990, para 19, em 2008. Essa queda expressiva se deve, principalmente, à melhoria da alimentação e do fornecimento de água tratada para a população.

Percebe-se, ao mesmo tempo, que as mortes no período neonatal, ou seja, nas primeiras quatro semanas de vida, não tiveram uma queda tão expressiva, passando a representar a maioria dos casos de morte. Essa resistência à queda da mortalidade no período neonatal se deve à falta de estrutura hospitalar, principalmente UTIs neonatais e profissionais qualificados para atender à demanda da população. Esse é mais um exemplo das várias dimensões que o desenvolvimento deve abranger.

A educação

Para compreender a relação entre desenvolvimento e educação, começaremos definindo e diferenciando três conceitos chaves: educação, alfabetização e escolarização.

Quando falamos de **educação**, estamos falando de um processo que ocorre em todas as sociedades humanas, inclusive antes da invenção da escrita e que conceme na passagem dos conhecimentos, valores e procedimentos de uma geração para outra. Atualmente, podem existir diferentes tipos de educação, em diferentes espaços, dentro e fora da escola, da família, das igrejas ou das empresas.

A **alfabetização**, por sua vez, é o ensino de uma habilidade específica, que é a de saber ler e escrever utilizando um determinado alfabeto e as regras gramaticais e noções semânticas (de significado) próprias de uma língua e da cultura na qual ela está inserida. A alfabetização pode ser realizada na escola, mas não precisa, necessariamente, ser somente nela.

A **escolarização**, por sua vez, é a formalização do processo educativo, ou, mais precisamente, de parte dele, já que continua havendo a educação fora da escola. A educação escolarizada se refere a um processo de ensino da língua e de outros códigos e conteúdos de acordo com regras, finalidades e estruturas organizacionais definidas, normalmente, pelo Estado, mesmo quando grande parte da escolarização é privada.

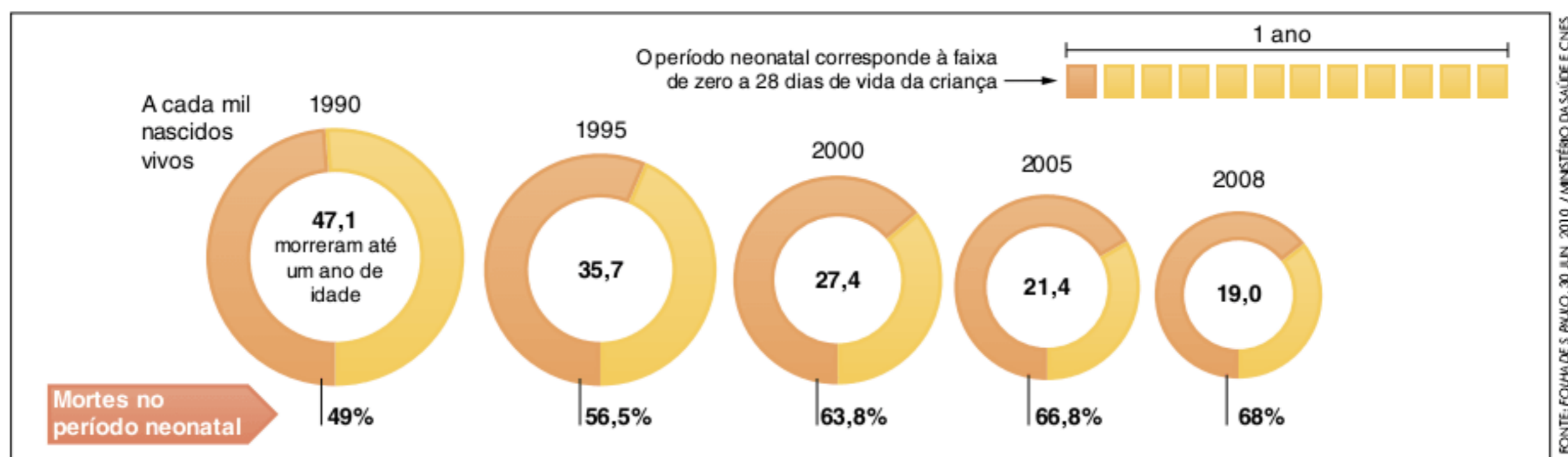


Fig. 22 Mortalidade infantil no Brasil.

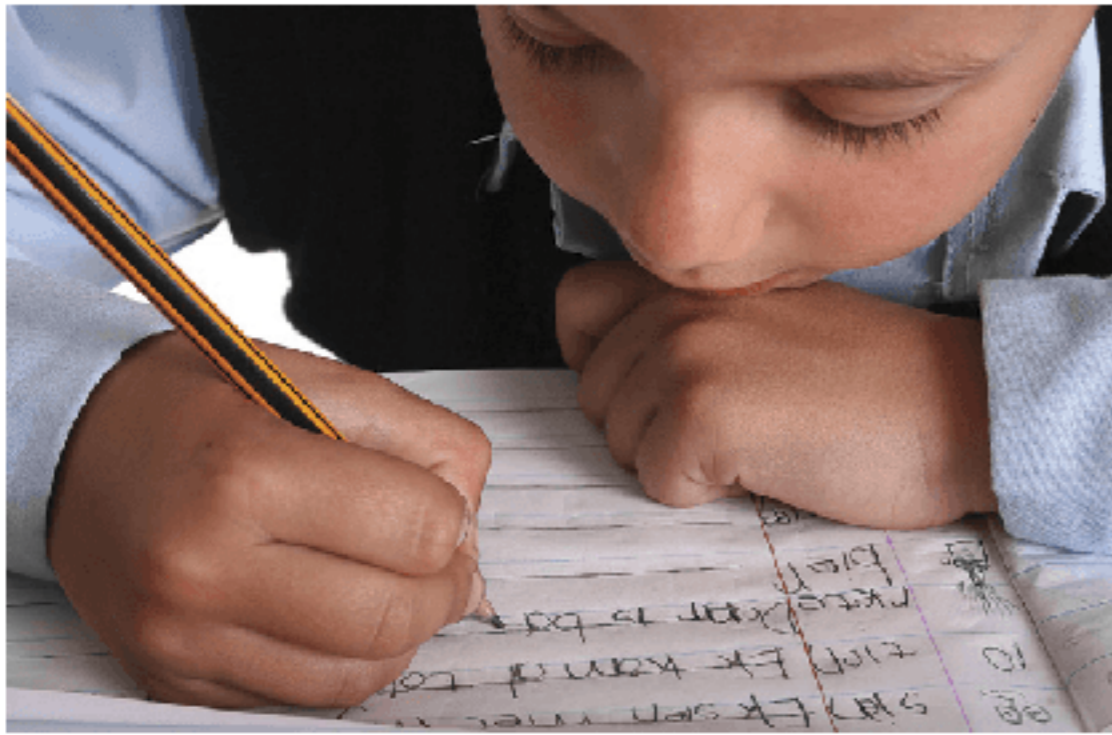


Fig. 23 Alfabetização e escolarização.

A relação entre educação formal e qualidade de vida é uma característica que faz parte das sociedades modernas. Até o período do Capitalismo comercial, antes da Revolução Industrial e do Iluminismo, a educação formal era restrita a algumas camadas da população, notadamente à elite política, com o objetivo de melhor administrar seus países, e ao clero, que a utilizava principalmente para o estudo de textos sagrados. Nesses casos a educação era realizada por tutores ou mestres, pois não havia, propriamente, escolas.

A industrialização e a conseqüente urbanização criaram uma nova perspectiva para a educação formal. Ao contrário das sociedades agrárias, nas quais os trabalhadores rurais aprendiam seus ofícios com os familiares mais velhos e os artesãos com seus mestres, nas sociedades industrializadas se tornou cada vez mais comum a necessidade de preparar as pessoas em escolas para que elas tivessem condições de realizar tarefas mais diversificadas e complexas que se desenvolviam de maneira progressiva.

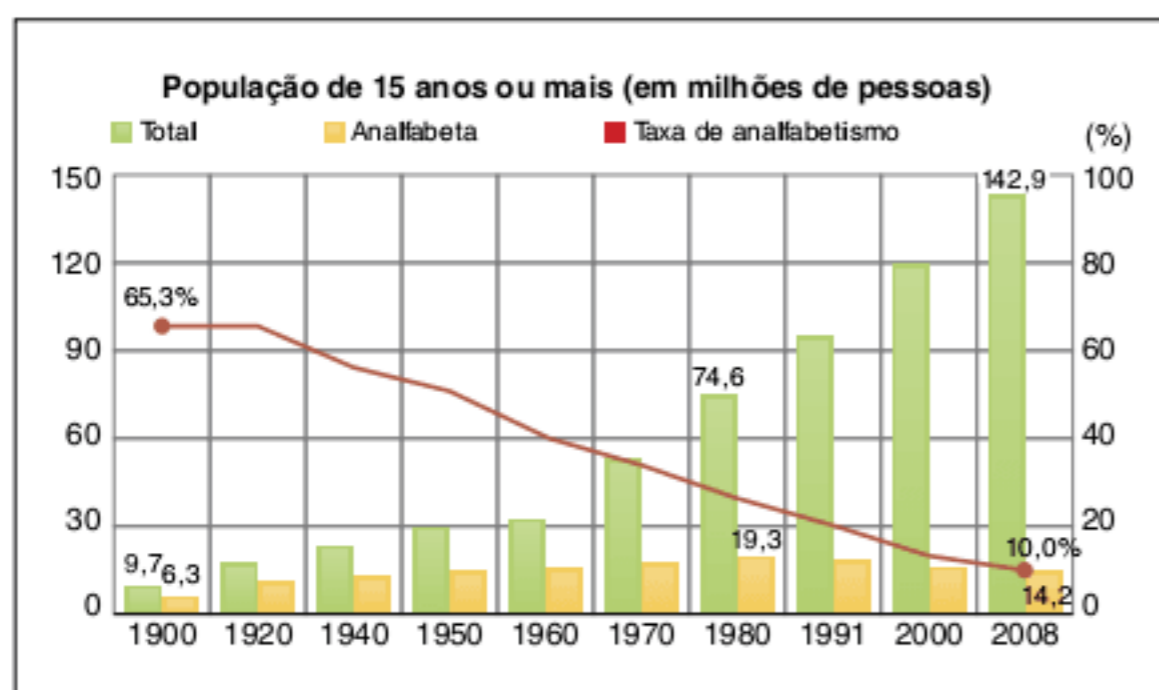


Fig. 24 A lenta redução do analfabetismo no século XX.

Portanto, por um lado, a relação entre desenvolvimento e educação poderia ser mais bem definida como uma relação entre desenvolvimento e escolarização devido à necessidade de formação de mão de obra. Por outro lado, como o processo de desenvolvimento envolve a passagem de sociedades tradicionais para sociedades modernas, nas quais as formas de se fazer política e de se relacionar com a cultura de sua época dependem do aprendizado de determinados códigos e habilidades, a escolarização também se tornou necessária para garantir a cidadania.

A passagem do Brasil de um país agroexportador, com população predominantemente rural, para uma sociedade industrial – com mais de 80% da população vivendo em cidades – exigiu um grande esforço, ainda que não satisfatório, de alfabetização.

Entretanto, esse resultado ainda incompleto do processo de alfabetização é questionável devido ao conceito de **analfabetismo funcional**. Se a alfabetização significa dotar a pessoa dos códigos necessários às suas atividades cotidianas na sociedade em que vive, evitando assim a sua exclusão e exposição à discriminação, então ela tem de acompanhar a complexidade da sociedade. A maneira de medir o analfabetismo funcional varia de um país para outro. No Brasil, é feita contabilizando os anos de estudo, considerando um mínimo de quatro anos para que a pessoa seja classificada como alfabetizada funcional.

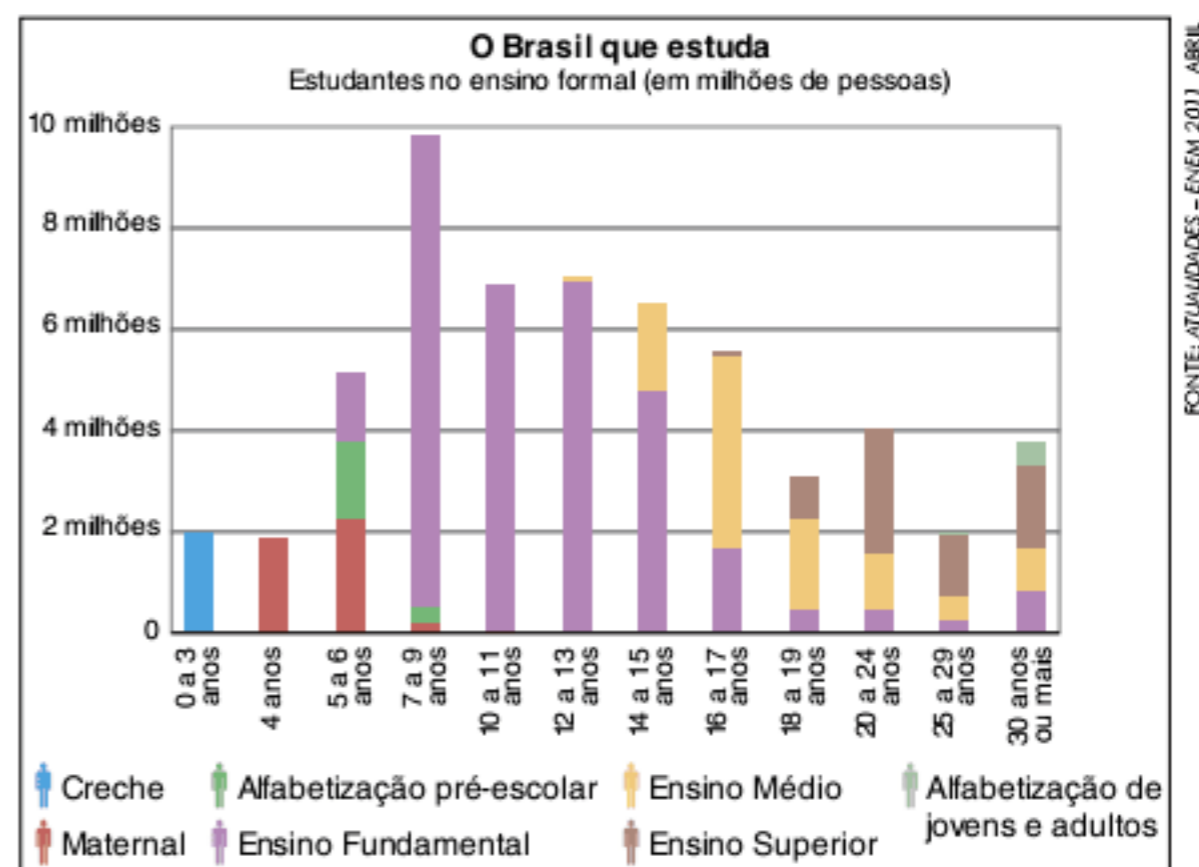


Fig. 25 Escolarização no Brasil.

No gráfico sobre escolarização no Brasil é possível verificar outra deficiência do país no desenvolvimento da educação formal, ou seja, o abandono escolar e, portanto, a tendência de que uma parcela pequena da população cumpra todo o processo de escolarização. Quando consideramos apenas o Ensino Fundamental, a taxa de matrícula (percentual de pessoas em determinada idade que deveriam estar matriculadas no nível de ensino que lhe é próprio) chega a quase 98%, mas nos níveis médio e superior ela despensa.

A população brasileira com 11 anos de estudo ou mais (que é equivalente ao término do Ensino Médio) subiu de 21%, em 2000, para 34%, em 2009, mas isso ainda é relativamente pouco. Para termos uma ideia, no IDH publicado em 2010, o pior índice do Brasil foi, justamente, a média de anos de estudo de sua população, ou seja, 7,2, o que equivale à colocação número 102 entre 169 países considerados.

Além do problema quantitativo no nível de escolarização, outro problema é o qualitativo. Ou seja, em termos de aprendizado, se passa muitos anos na escola. Nesse caso, é interessante destacar as notas baixas do Brasil no Pisa (Programa Internacional de Acompanhamento dos Alunos), teste realizado pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico) em vários países do mundo.

Um agravante do baixo nível de aprendizado dos estudantes brasileiros, em termos de desenvolvimento e justiça social, é que há uma grande desigualdade entre os alunos de escolas públicas e os que estudam em boas escolas privadas. Com isso, tende-se a manter a desigualdade de renda no país.

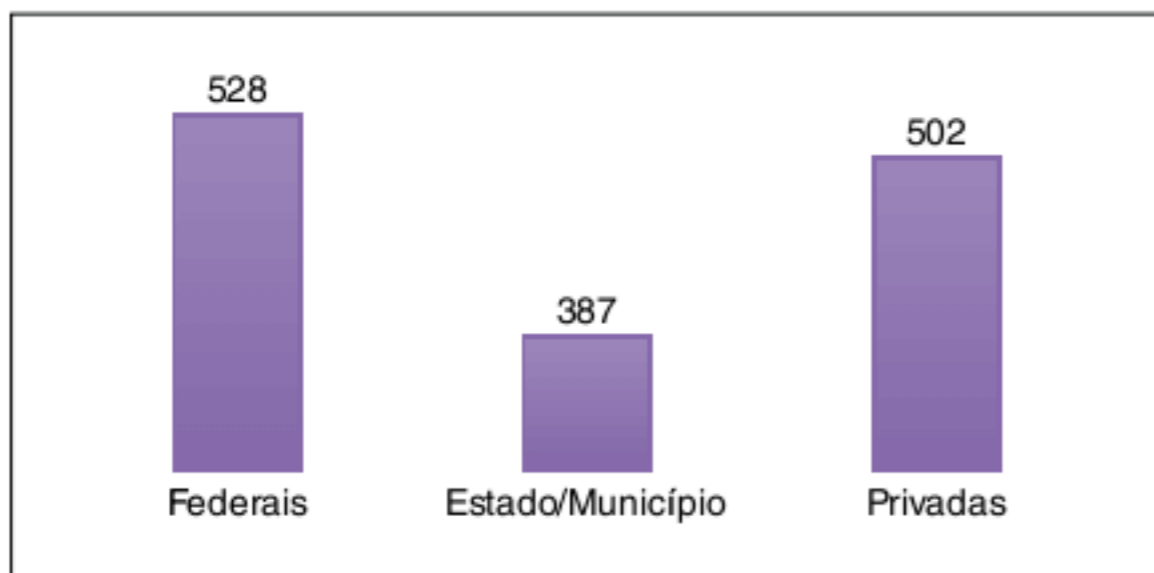


Fig. 26 Média geral do Pisa 2009 no Brasil.

Em geral, acreditamos que o maior determinante da qualidade da escolarização é o investimento, no entanto, alguns dados vêm mostrando que a relação não é tão direta. Fatores que explicam esse relativo desencontro são a forma insatisfatória de investimento do dinheiro (ilegal ou apenas ineficiente) e a valorização dos professores pela sociedade, e da escola pelos pais dos estudantes. A partir disso, retomamos a um dos pontos principais de nosso estudo, o de que a educação não ocorre só na escola nem depende só dela; na realidade, é um processo mais amplo e complexo.

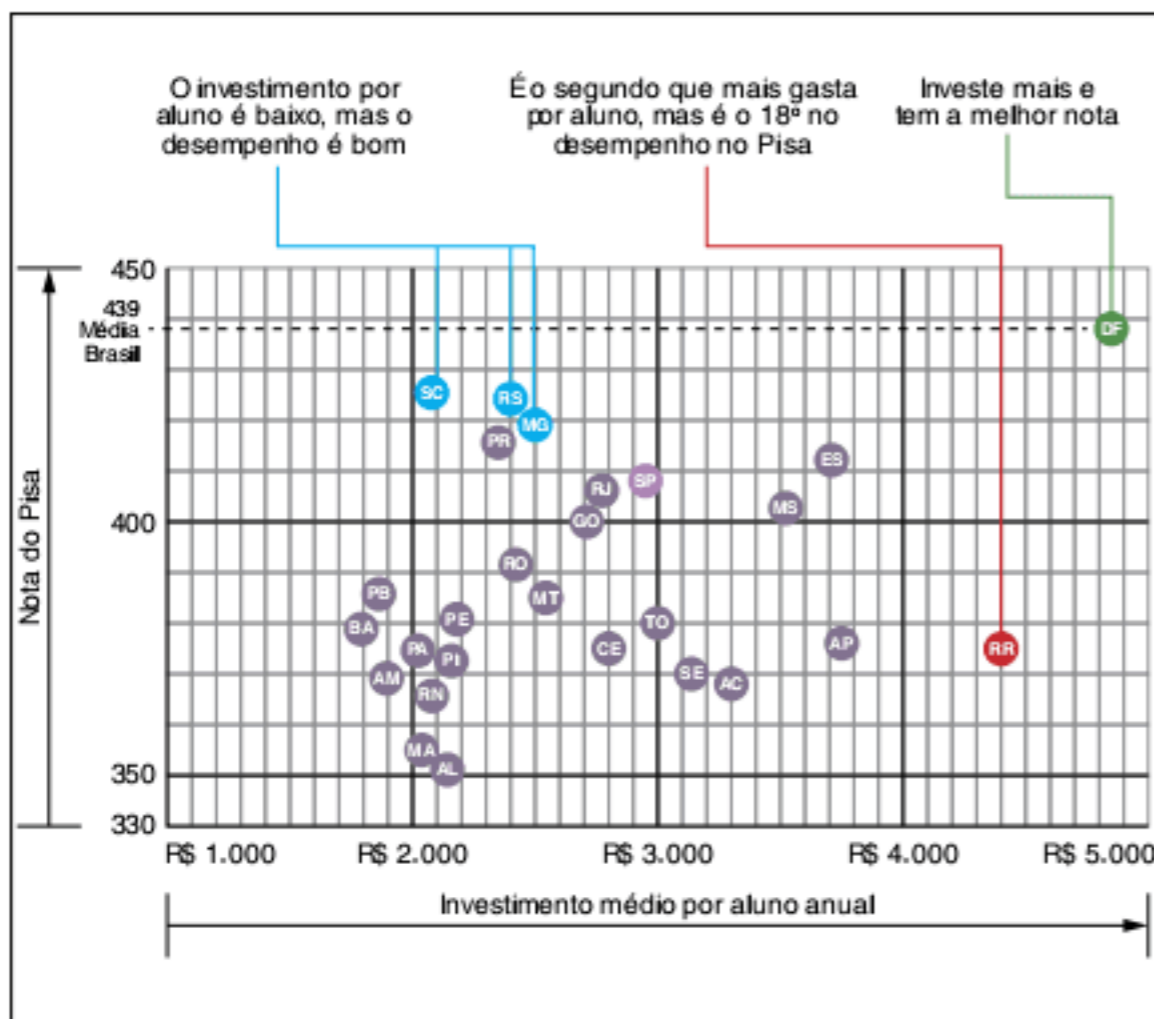


Fig. 27 Investimentos dos Estados – Pisa 2009 no Brasil.

Enfim, quando tratamos de educação e escolarização, é interessante sempre lembrarmos que a distinção entre esses dois processos tem de continuar sendo feita, principalmente porque há comunidades tradicionais que vêm lutando para manter o direito de educar seus filhos à sua maneira. É o caso de vários grupos indígenas brasileiros, que conquistaram tal direito nos últimos anos.



Fig. 28 Educação indígena.

Tentando medir o desenvolvimento

De acordo com o que estudamos anteriormente, as tentativas de medir a qualidade de vida são muito polêmicas. Normalmente, o que os governos, institutos de pesquisa ou organismos internacionais procuram medir são as condições básicas para que os indivíduos alcancem boas condições de vida em sociedades urbano-industriais.

Nesse sentido, um primeiro índice que costuma ser utilizado como parâmetro para medir o desenvolvimento é o **PIB**, ou seja, o Produto Interno Bruto. Existem diferentes metodologias para se gerar o PIB, mas a ideia geral é a de se obter a soma da riqueza produzida em um ano por uma sociedade. Mas é importante observar que o PIB só mede a riqueza monetária, ou seja, aquela produzida para a venda no mercado. Outras formas de riqueza, por exemplo, bens produzidos para o consumo próprio, casas produzidas por meio de mutirão, ou o trabalho doméstico, não são computadas.

Ranking 2011		Ranking 1980	
1º	EUA	15.157	1º 2.788
2º	China	6.422	10º 202
3º	Japão	5.683	2º 1.059
4º	Alemanha	3.358	3º 826
5º	França	2.591	4º 691
6º	Reino Unido	2.395	5º 542
7º	Brasil	2.193	12º 163
8º	Itália	2.055	6º 461
9º	Rússia	1.678	- -
10º	Canadá	1.633	7º 269

Fig. 29 PIB nominal.

O PIB é constantemente utilizado para se compreender a situação econômica de um país. Mas, como no capitalismo a prioridade é o crescimento econômico, costuma-se falar do crescimento do PIB. É comum vermos notícias no jornal ou na internet sobre o crescimento da economia brasileira ou estadunidense, ou seja, sobre o crescimento do PIB.

Todavia, a prioridade dada ao PIB esconde questões bem mais complicadas sobre o problema do desenvolvimento. Um país em forte crescimento ou com uma grande economia não é, necessariamente, um país que esteja se desenvolvendo. Ou, pelo menos, nem todo crescimento significa realmente desenvolvimento.

Esse desencontro se dá, em primeiro lugar, porque o tamanho do PIB deve ser sempre considerado relativamente ao tamanho do país. Países pequenos como a Bélgica ou a Suíça tendem a ter economias menores que de outros grandes como o Brasil e a China. Para corrigir parcialmente o problema, utiliza-se o PIB *per capita*, ou seja, o produto interno bruto dividido pelo número de habitantes do país. Nesse caso, conseguimos comparar melhor diferentes países.

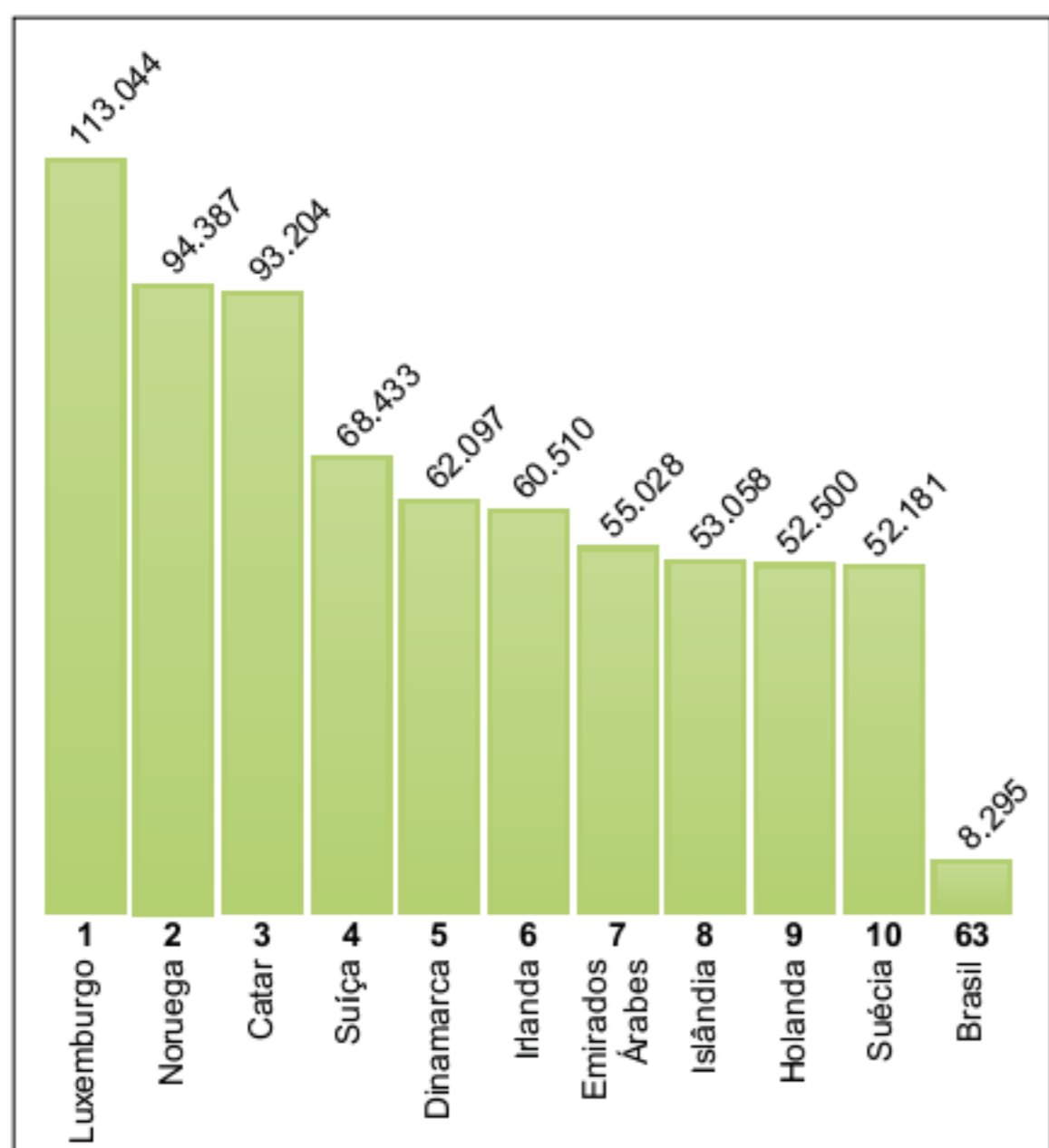


Fig. 30 Dez maiores PIBs *per capita* nominais em 2008.

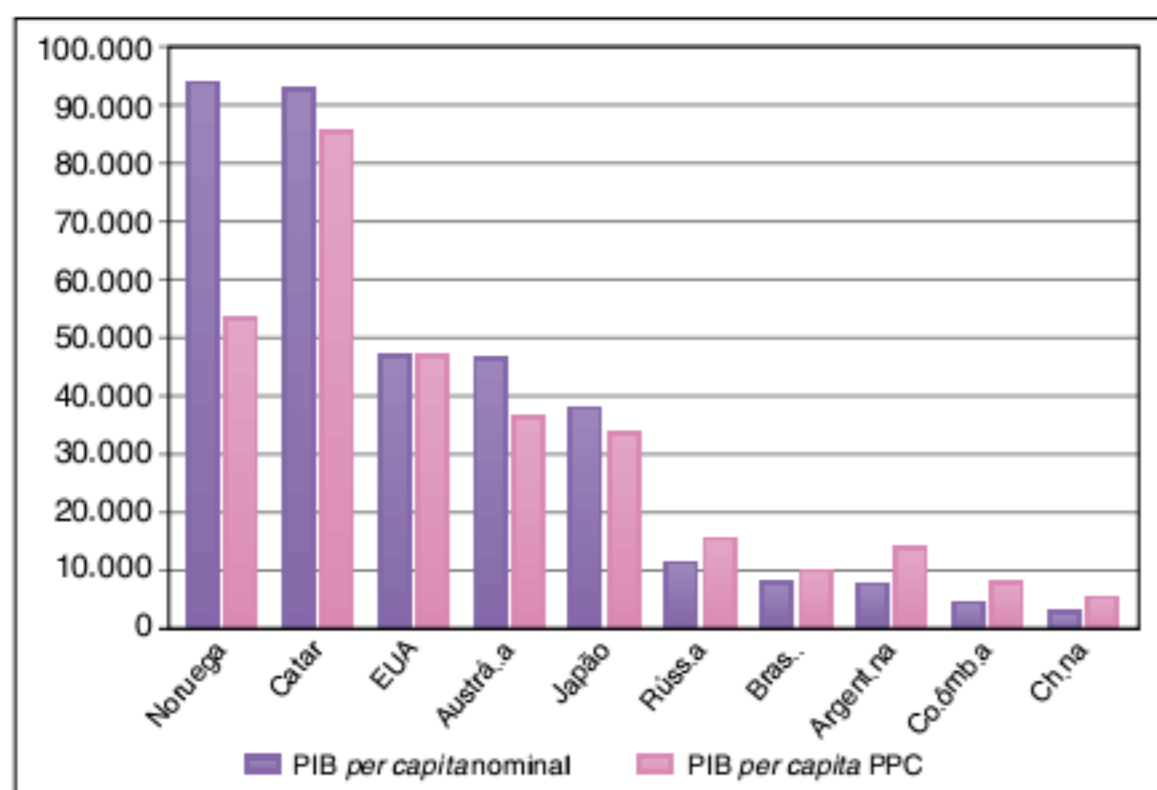


Fig. 31 Comparativo PIB *per capita* nominal e PIB *per capita* PPC entre dez países.

Os problemas, porém, ainda continuam. O PIB *per capita* pode ser interessante para comparar os volumes de riqueza que os países produzem proporcionalmente aos habitantes que têm, de acordo com um parâmetro internacional, que é o dólar. Porém, ele é muito impreciso para representar a qualidade de vida, uma vez que o poder de compra do dólar é diferente de um país para outro, o que significa que ter cem dólares em um país pode significar algo muito diferente de tê-los em outro. Para tentar corrigir este problema, a ONU criou um índice chamado PIB *per capita* PPC (Paridade do Poder de Compra), que é o PIB *per capita* corrigido de acordo com o poder de compra do dólar no país em questão.

Porém, dois problemas ainda se mantêm mesmo com o uso do PIB *per capita* PPC. O primeiro deles é o problema da desigualdade. O PIB *per capita*, seja ele PPC ou não, é uma média que pouco tem a ver com a realidade de um país como o Brasil, onde a desigualdade social é altíssima. Isso significa que tais índices demonstram como viveria um brasileiro médio que, na prática, só existe em uma parcela muito pequena da população.

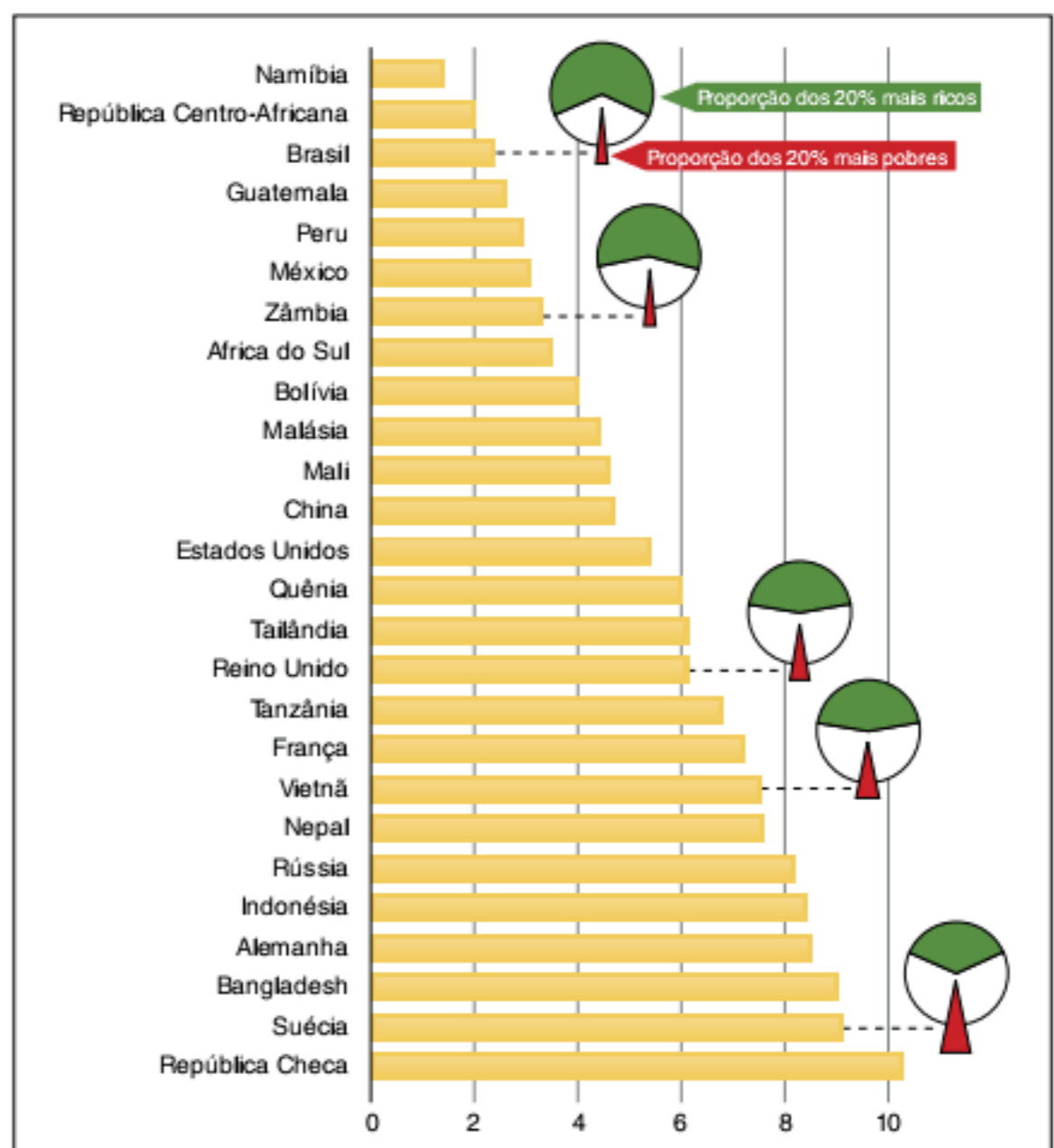


Fig. 32 Proporção da renda que fica com os 20% mais pobres da população.

O outro problema que se mantém é o fato de que todas as formas de PIB, como citado anteriormente, só medem a riqueza monetária. Apesar disso parecer um detalhe, pode criar grandes distorções. As comunidades tradicionais, representadas por índios, camponeses, quilombolas, caiçaras ou ribeirinhos, em diversos lugares do Brasil e de outros países do mundo, têm grande parte de sua economia funcionando de forma não monetária, mas sim por meio da subsistência. Tais comunidades podem garantir para si uma qualidade de vida superior a de grupos pobres de grandes centros urbanos, que muitas vezes podem aparecer mais bem posicionados em uma classificação que considere algum tipo de PIB.

Atualmente, o indicador mais utilizado para tentar medir a qualidade de vida é o **IDH** (Índice de Desenvolvimento Humano). Criado pela ONU e medido desde 1990, tal índice manteve até 2009 a consideração do PIB *per capita* PPC, porém, junto a este, considerava outros dois fatores: a esperança de vida ao nascer e uma composição de dois índices sobre educação (taxa de alfabetização das pessoas maiores de 15 anos e taxa de matrícula nos três níveis do ensino).

A partir de 2010, algumas alterações foram feitas na forma de se calcular o IDH. No geral, ele continuou sendo um índice sintético (um único número final) baseado em três aspectos: renda, educação e saúde. Mas houve algumas mudanças nos métodos para se medir esses três aspectos.

Em relação à renda, é considerada agora a **renda nacional bruta per capita** PPC. A diferença entre o PIB e a renda nacional é que esta última considera o dinheiro que é enviado para fora do país, debitando-o do total, e o dinheiro enviado para o país, somando-o. A consideração da renda demonstra que a ONU acredita que o acesso ao dinheiro e, portanto, ao mercado de consumo representam um aumento da qualidade de vida.

Com relação aos **índices de educação**, é interessante entender sua composição. Se antigamente a alfabetização já era considerada o grande ganho em termos educacionais, atualmente, é necessário mais do que isso. Por esse motivo, considera-se a média de anos de estudo (sendo uma referência à ideia de analfabetismo funcional, já estudada) e os anos de estudo esperados, o qual se refere a uma medida de fluxo para verificar como a juventude do país está acompanhando e melhorando em termos educacionais em relação ao seus pais.

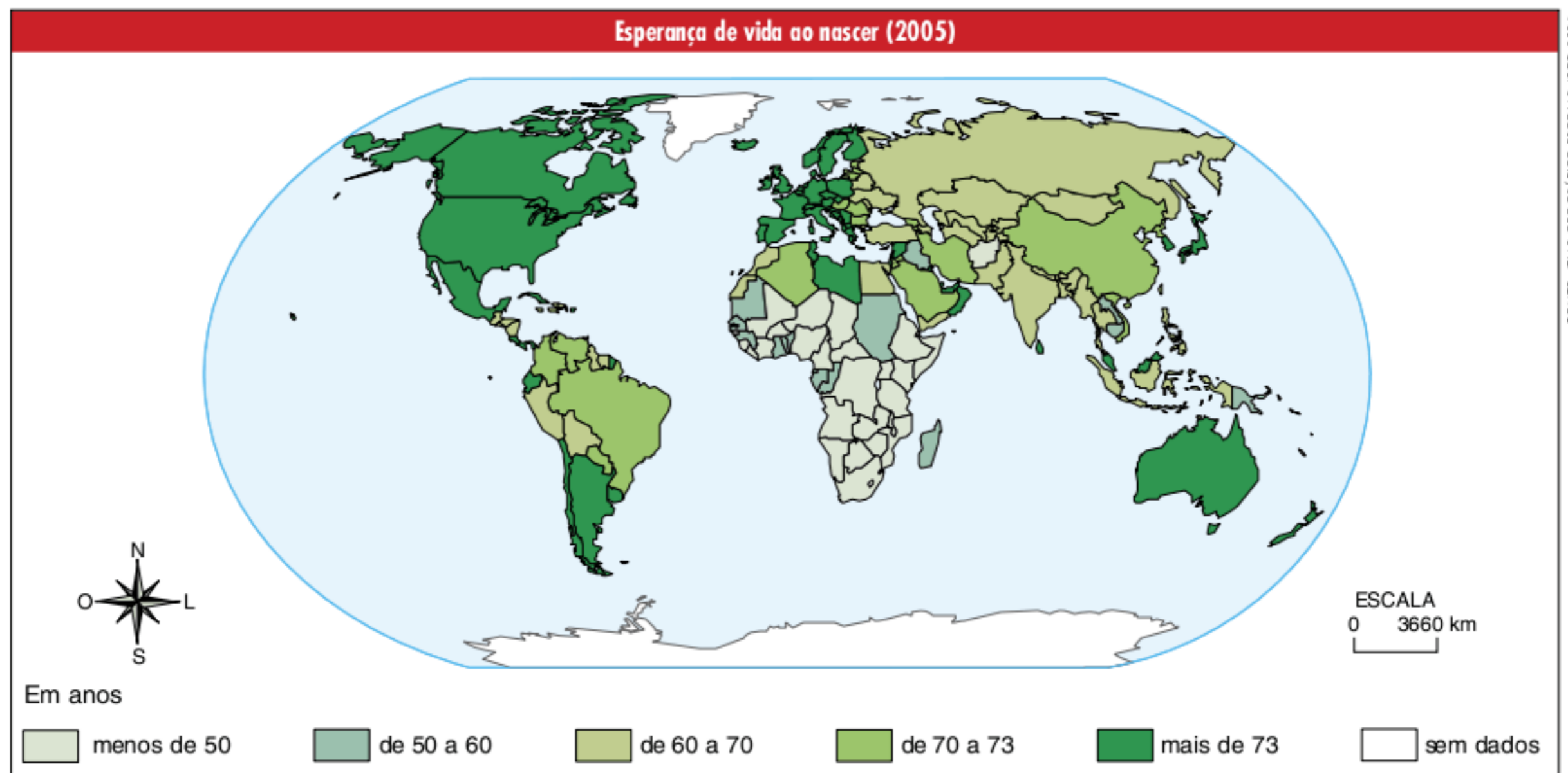
1	Japão	82,6
2	Islândia	81,8
3	Suíça	81,7
4	Austrália	81,2
5	Espanha	80,9
6	Suécia	80,9
7	Israel	80,7
8	França	80,7
9	Canadá	80,7
10	Itália	80,5
76	Brasil	72,9

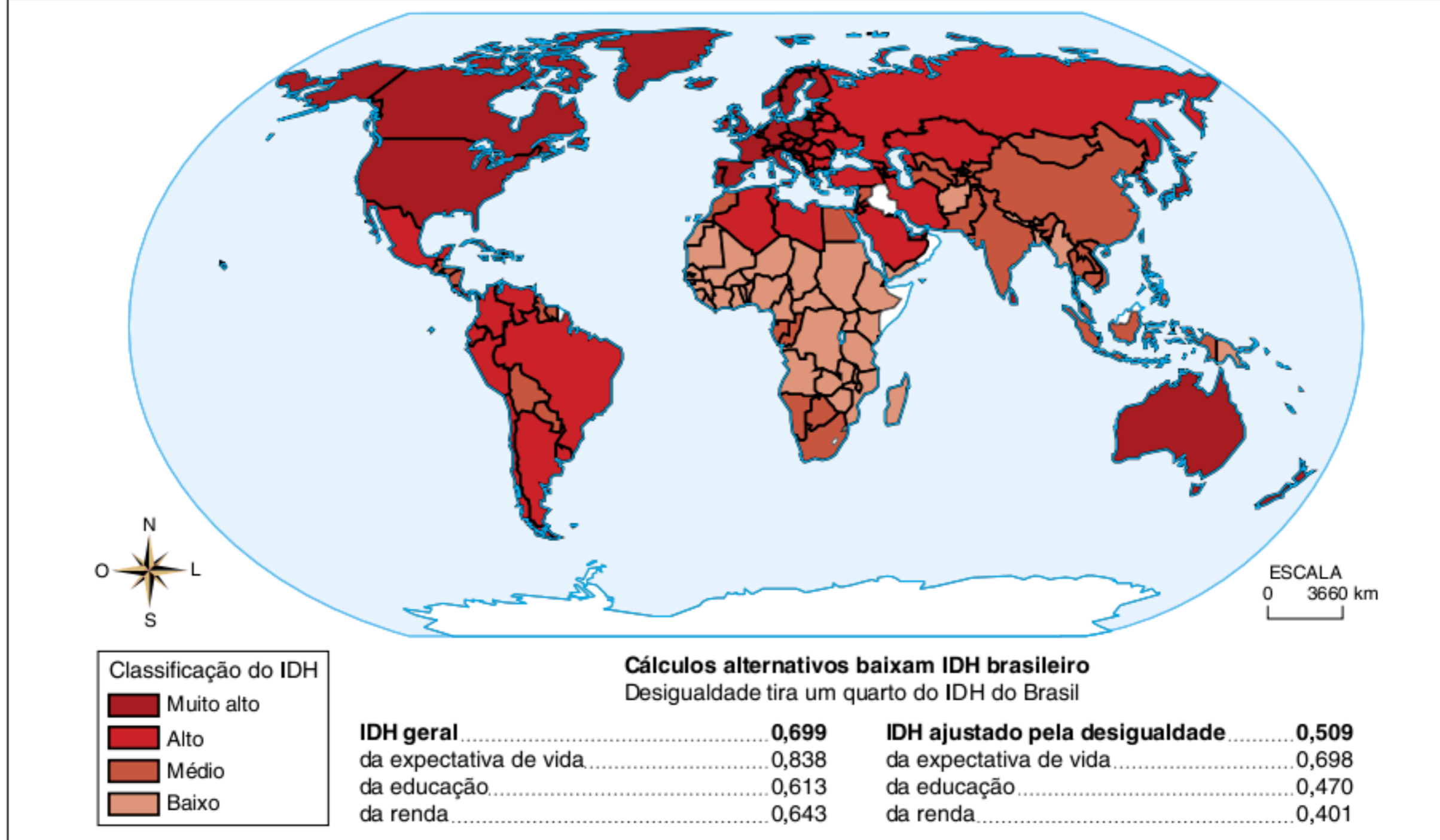
FONTE: ONU

Tab. 3 Esperança de vida ao nascer – 2005-2010.

A **esperança de vida ao nascer**, chamada também de expectativa de vida ao nascer, é a média do tempo de vida das pessoas em uma sociedade. Isso não deve ser confundido com, por exemplo, o tempo de vida normal para a maioria das pessoas em tal sociedade porque esta média leva em consideração a mortalidade infantil, ou seja, crianças que morrem antes de completarem um ano de vida. Portanto, em países ou regiões nas quais a mortalidade infantil é alta, a expectativa de vida cai muito, podendo chegar aos 45 anos, por exemplo, mesmo que grande parte da população chegue aos 60 anos ou mais.

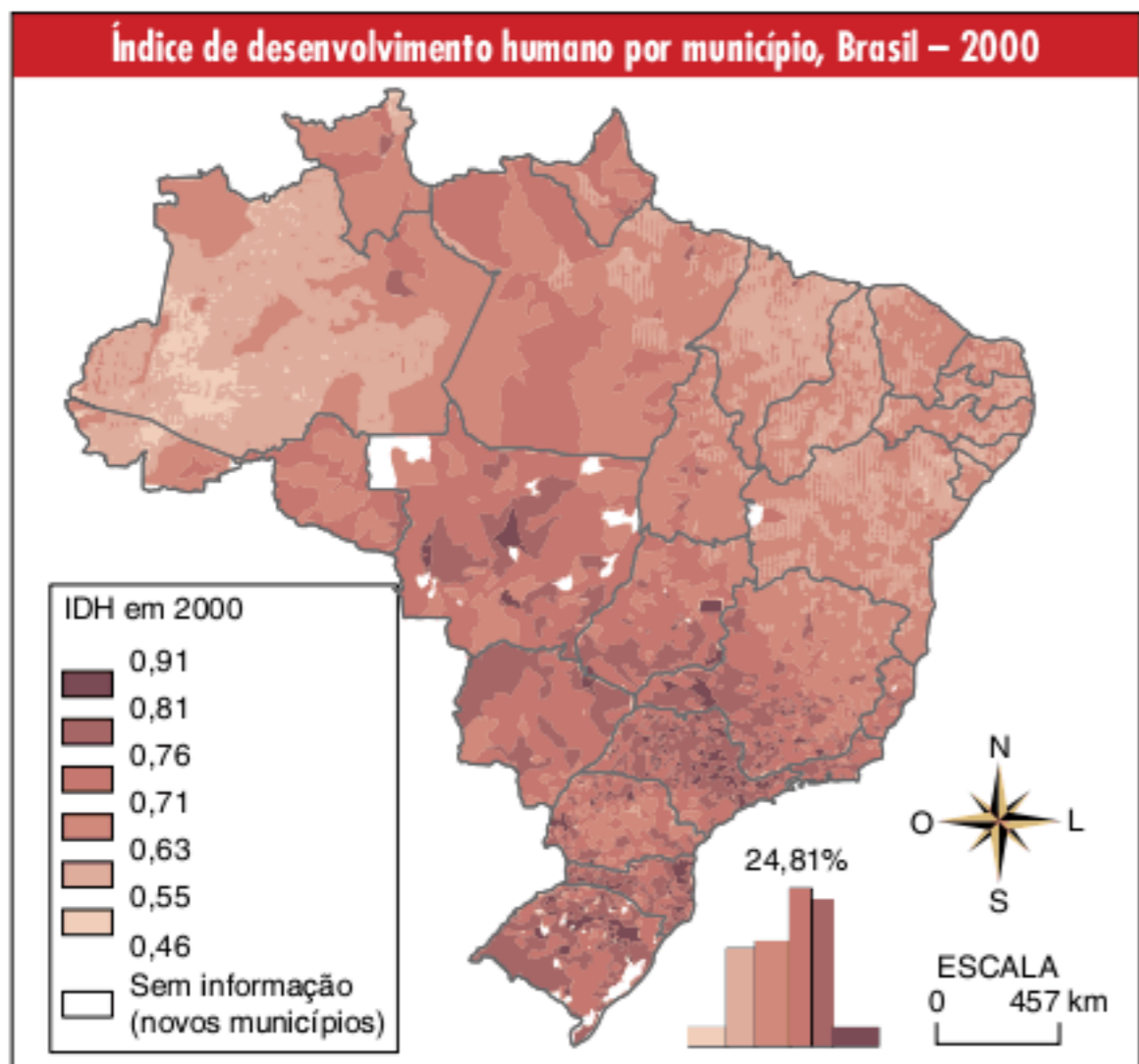
Unindo os três índices (renda nacional bruta, índices de educação, esperança de vida ao nascer), o IDH é representado com um número, entre zero e 1, sendo 1 o máximo de qualidade de vida e zero o mínimo. Todos os anos, o PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) publica o RDH (Relatório do Desenvolvimento Humano), no qual expõe os valores de IDH para quase todos os países do mundo, ficando de fora apenas aqueles que não têm dados disponíveis.





O IDH vem sendo considerado um índice importante para a verificação do nível de desenvolvimento social e não apenas de crescimento econômico de países, de regiões ou mesmo de municípios. Mas é preciso ressaltar que os índices que compõem o IDH são médias, o que, geralmente, nos dá uma ideia um tanto distorcida da realidade, principalmente no caso de países grandes e desiguais como o Brasil. Na classificação mundial, o Brasil apresentou, em 2007, um IDH de 0,800, considerado de alto nível. Outro aspecto importante é que se verificarmos o IDH por município, percebemos que a situação é bem variada no território nacional.

A renda brasileira apresentou um aumento nos últimos anos e os indicadores refletem uma diminuição da desigualdade, ligada aos programas sociais governamentais, mas, principalmente, à geração de empregos. Nesse sentido, o aumento da classe C vem ganhando destaque. O aumento tanto da porcentagem de pessoas nessa classe como também do total de recursos por ela controlado evidencia uma grande mudança na economia e na cultura do país.



FONTE: HEINÉ THÉRY; NELL AP DE MEOLLO. ATLAS DO BRASIL. EDUSP 2005.

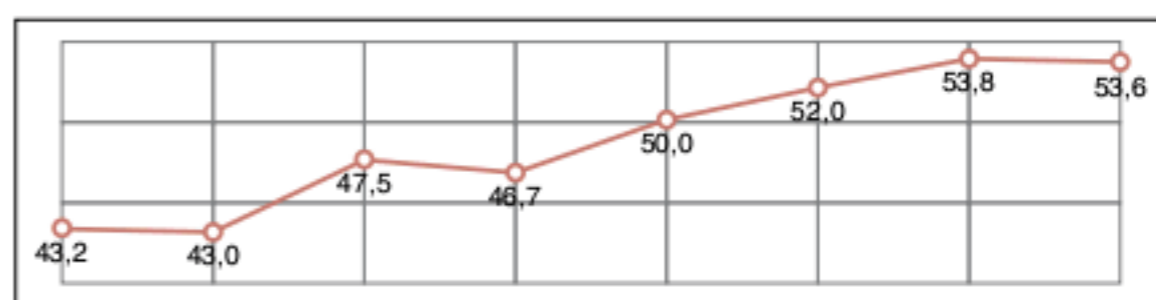


Fig. 33 Classe C.

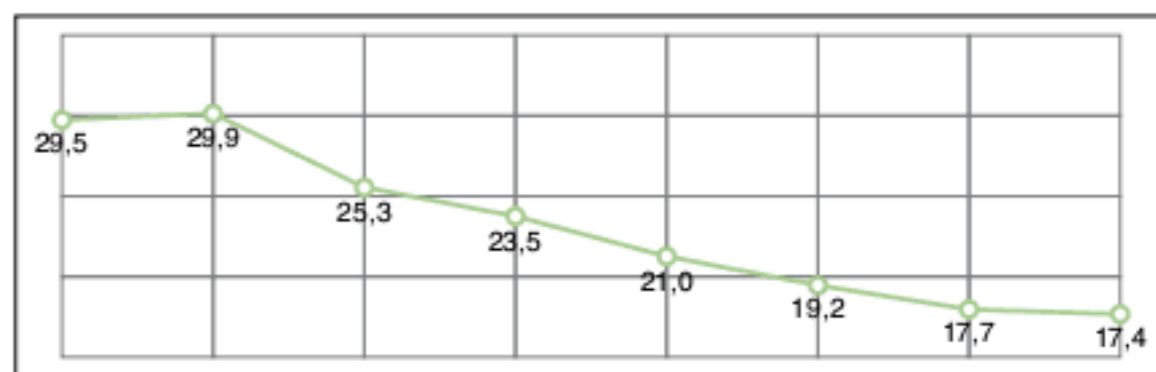


Fig. 34 Classe E.

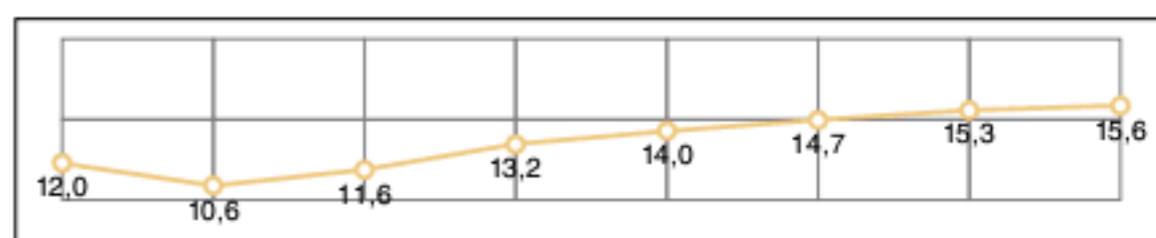


Fig. 35 Classe AB.

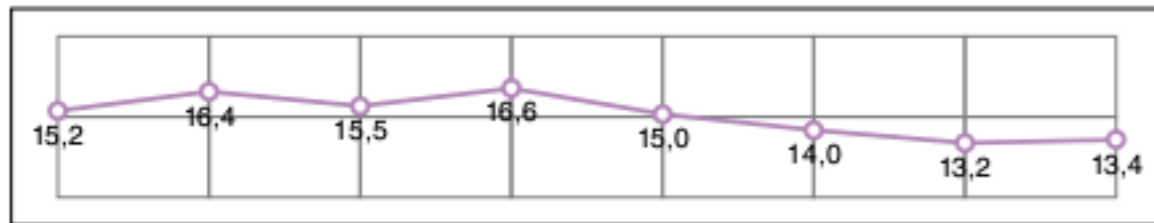


Fig. 36 Classe D.

Outro fator que teria colaborado para o aumento da renda e também para essa relativa reorganização das classes sociais no Brasil foi a recomposição do valor do salário-mínimo no país, que teve aumento real em dólar e em poder de compra de mais de 100% durante a primeira década do século XXI. Esse aumento colocou grande parte da população brasileira em outro patamar de consumo.

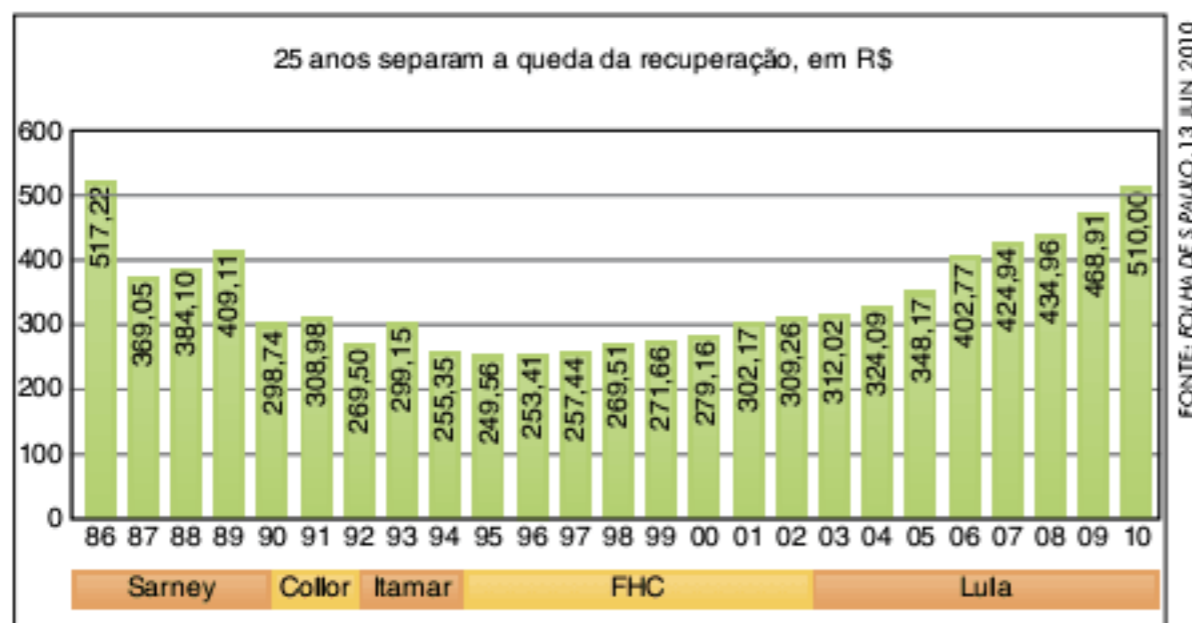


Fig. 37 Valor do salário mínimo volta ao mesmo valor real de 1986.

Mesmo assim, analistas apontam para a manutenção da desigualdade social no Brasil, o que pode ser comprovado por dois fatores. Primeiramente, a PNAD, que é a pesquisa do IBGE, vem apontando para um aumento da renda. Ela é uma pesquisa de declaração de renda, sem comprovação. O problema é que, neste caso, podemos estar lidando com uma percepção de aumento da renda e não necessariamente com o aumento real.

O outro fator complementa esse primeiro. Ao mesmo tempo em que aumentou a percepção de enriquecimento, aumentou também o endividamento das famílias e dos Estados no Brasil. O aumento do endividamento pode gerar uma percepção de enriquecimento que nem sempre é verdadeiro. Além disso, para piorar, o problema é que quem ganha com esse endividamento é a população mais rica, que empresta dinheiro tanto para o Estado como para as famílias, a juros altíssimos. Nesse contexto, podemos perceber o principal sinal de manutenção da desigualdade social no Brasil.

Outra forma interessante de medir a desigualdade é o **Índice de Gini**, que é um índice de concentração. Quanto mais próximo de 1 mais concentrada é a renda, e quanto mais próximo de zero mais distribuída ela é. No gráfico a seguir temos a possibilidade de comparar o IDH com o Gini de cada país. É possível identificarmos países em que o IDH é baixo, mas a desigualdade também, como é o caso da Etiópia. Já o Brasil é um país que apresenta IDH relativamente alto e o Gini também.

Considerando que muitos países do mundo apresentam níveis altos de desigualdade, o PNUD criou em 2010, juntamente com as mudanças na medição do IDH, um índice complementar, chamado de **IDH-D**, ou seja, um Índice de desenvolvimento Humano corrigido de acordo com a desigualdade. No caso do Brasil, corrigindo-se o IDH pela desigualdade, nossa posição caiu de 73º para 88º, o que equivale a quase um terço.

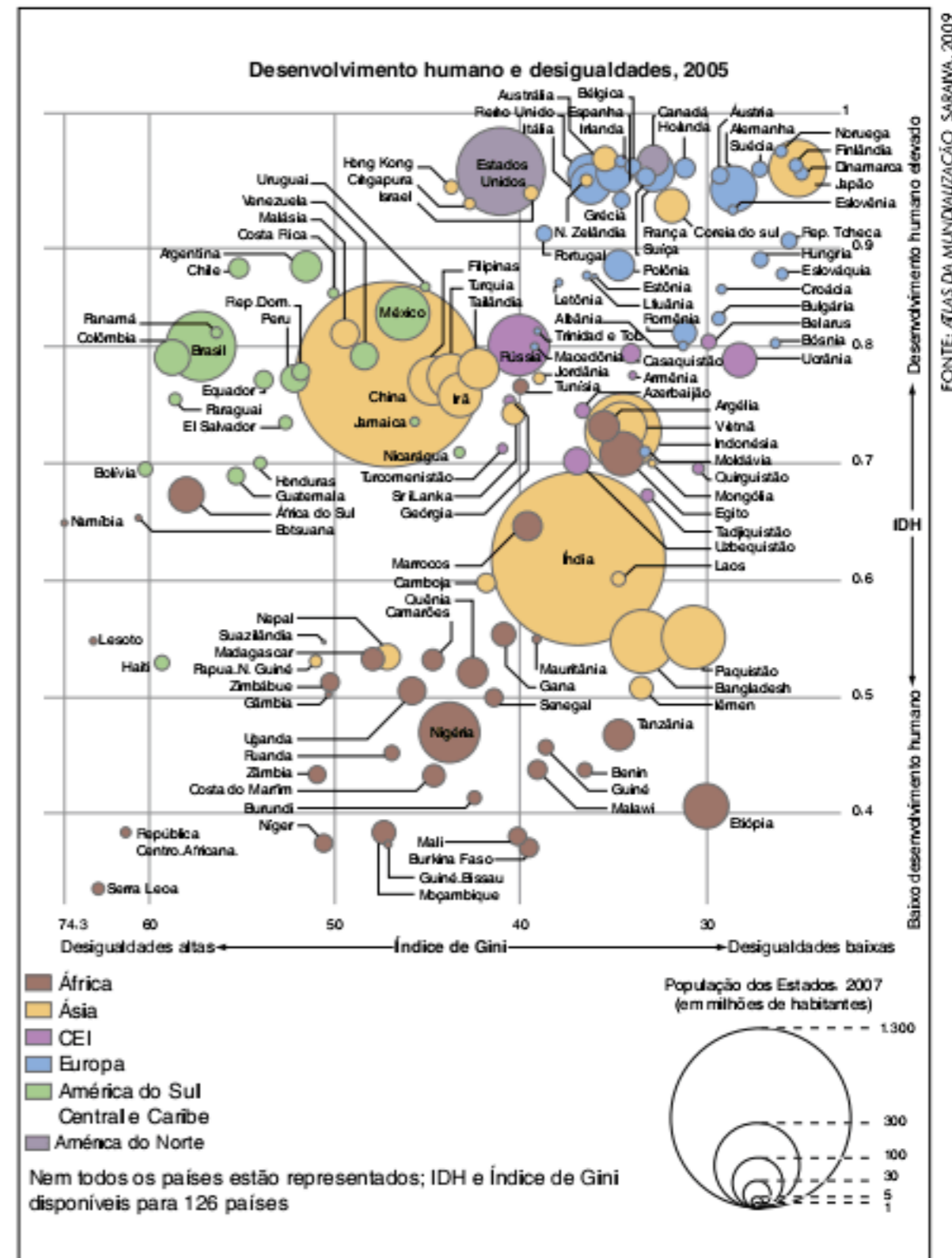


Fig. 38 Comparativo do Índice de Gini e IDH, 2005.

Com isso, percebemos que o problema da desigualdade, que marca nossa sociedade, é um dos maiores problemas sociais existentes hoje no planeta. Ele é capaz de gerar injustiça, violência, discriminação e falta de coesão social, assim como a degradação das cidades e problemas ambientais, acarretando barreiras ao desenvolvimento econômico.

Para finalizar nosso estudo nesse capítulo, deixamos como recomendação o conhecimento de outros índices de desenvolvimento, pobreza ou qualidade de vida. Até a década de 1980, o PIB *per capita* reinava quase sozinho como medidor do progresso humano. O IDH, no entanto, conseguiu romper essa barreira de limitação científica e abriu caminho para o surgimento de vários outros índices. O próprio PNUD publica, junto com o IDH, índices de pobreza humana, de desigualdade de gêneros, e assim por diante. No Brasil criou-se o índice de exclusão social, e muitos estudiosos ligados ao ambientalismo estão criando outros que levem em conta a questão ambiental, entre eles o PIB verde e a pegada ecológica.

Revisando

1 Diferencie crescimento econômico de desenvolvimento.

2 O que é a PEA e quais os dois fatores que costumam colaborar com sua variação?

3 Quais são os três setores da economia nos quais a PEA pode se dividir?

4 Qual a diferença entre fome e subnutrição?

5 Qual a tendência atual da questão alimentar no Brasil?

6 O que o saneamento básico envolve?

7 Que mudança ocorre atualmente no perfil da mortalidade infantil no país?

8 Como podemos diferenciar educação, alfabetização e escolarização?

9 Quais as três dimensões consideradas no IDH?

10 O que mede o Índice Gini?

Exercícios propostos

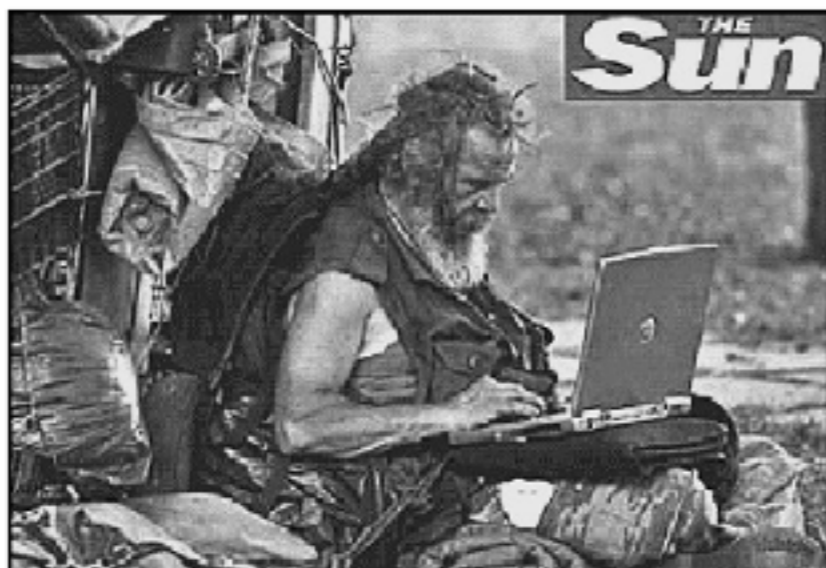
1 **Enem 2009** *Populações inteiras, nas cidades e na zona rural, dispõem da parafernália digital global como fonte de educação e de formação cultural. Essa simultaneidade de cultura e informação eletrônica com as formas tradicionais e orais é um desafio que necessita ser discutido. A exposição, via mídia eletrônica, com estilos e valores culturais de outras sociedades, pode inspirar apreço, mas também distorções e ressentimentos. Tanto quanto há necessidade de uma cultura tradicional de posse da educação letrada, também é necessário criar estratégias de alfabetização eletrônica, que passam a ser o grande canal de informação das culturas segmentadas no interior dos grandes centros urbanos e das zonas rurais. Um novo modelo de educação.*

Clóvis E. Brigagão; Gilberto Rodrigues. *A globalização a olho nu: o mundo conectado*. São Paulo: Moderna, 1998 (Adapt.).

Com base no texto e considerando os impactos culturais da difusão das tecnologias de informação no marco da globalização, depreende-se que:

- (a) a ampla difusão das tecnologias de informação nos centros urbanos e no meio rural suscita o contato entre diferentes culturas e, ao mesmo tempo, traz a necessidade de reformular as concepções tradicionais de educação.
- (b) a apropriação, por parte de um grupo social, de valores e ideias de outras culturas para benefício próprio é fonte de conflitos e ressentimentos.
- (c) as mudanças sociais e culturais que acompanham o processo de globalização, ao mesmo tempo em que refletem a preponderância da cultura urbana, tornam obsoletas as formas de educação tradicionais próprias do meio rural.
- (d) as populações nos grandes centros urbanos e no meio rural recorrem aos instrumentos e tecnologias de informação basicamente como meio de comunicação mútua, e não os veem como fontes de educação e cultura.
- (e) a intensificação do fluxo de comunicação por meios eletrônicos, característica do processo de globalização, está dissociada do desenvolvimento social e cultural que ocorre no meio rural.

2 PUC-Rio 2010



Em maio de 2008, Paul Krueger, um “sem-teto”, foi preso pela polícia de Atlantic City acusado de dar golpes em mulheres inscritas em um site de relacionamento. Segundo a promotora da cidade: “Um mendigo com um laptop consegue um tremendo acesso ao mundo exterior”.



Charles Pitt, morador das ruas de São Francisco, possui perfis nos sites *MySpace*, *Facebook* e *Twitter*, além de comandar o fórum *SF Homeless*, que possui 140 membros. Nele os participantes podem ser alertados sobre encontros para moradias públicas, dentre outras informações. Para Pitt, “*Você não precisa de uma TV. Você não precisa de um rádio. Você não precisa nem mesmo de um jornal. Mas você precisa da internet.*”

As reportagens ilustram uma importante característica do mundo atual apresentada na opção:

- (a) Ampliação da inclusão social, consequência do desinteresse das classes mais pobres pelas novas tecnologias da informação.
- (b) Redução das desigualdades sociais, possibilitada pelo acesso irrestrito às novas tecnologias de comunicação em todas as partes do mundo.
- (c) Expansão dos fluxos materiais, resultado da consolidação das redes mundiais de produção que garantem o acesso às redes globais de informação.
- (d) Consolidação de velhas redes sociais, acessíveis a todos e plenamente no mundo graças à rapidez na troca de informações em escala planetária.
- (e) Aumento das possibilidades de interatividade com o mundo, resultado da facilitação do acesso à informação e da intensificação dos fluxos imateriais.

3 Unifesp 2008 Recente pesquisa divulgada pelo IBGE apontou um crescimento da participação de mulheres como chefes de família no Brasil.

- a) Aponte e explique uma determinação econômica deste fato.
- b) Descreva e explique uma consequência para o mercado de trabalho no país.

Textos para a questão 4.

Texto I

Thomas Malthus (1766-1834) assegurava que, se a população não fosse de algum modo contida, dobraria de 25 em 25 anos, crescendo em progressão geométrica, ao passo que, dadas as condições médias da terra disponíveis em seu tempo, os meios de subsistência só poderiam aumentar, no máximo, em progressão aritmética.

Texto II

A ideia de um mundo famélico assombra a humanidade desde que Thomas Malthus previu que no futuro não haveria comida em quantidade suficiente para todos.

Organismos internacionais – Organização das Nações Unidas, Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional – chamaram a atenção para a gravidade dos problemas decorrentes da alta dos alimentos. O Banco Mundial prevê que 100 milhões de pessoas poderão submergir na linha que separa a pobreza da miséria absoluta devido ao encarecimento da comida.

Ronaldo França. “O fantasma de Malthus”.
Veja, 23 abr. 2008. (Adapt.).

4 Assinale a alternativa que identifica os fatores causadores da escassez de alimentos apontados pelos textos I e II, respectivamente.

- (a) Limites naturais e crescimento demográfico acelerado.
- (b) Elevação dos custos de produção dos alimentos e empobrecimento da população.
- (c) Pauperização dos solos e subdesenvolvimento.
- (d) Controle de natalidade e explosão demográfica.
- (e) Produção insuficiente de alimentos e elevação dos preços dos alimentos.

5 UEL 2009 Apesar dos contrastes econômico e sociocultural entre países pobres e ricos, as tendências observadas em estudos epidemiológicos sobre consumo alimentar assinalam que o padrão alimentar, antes característico dos países desenvolvidos, é atualmente uma preocupação também dos países em desenvolvimento.

A adoção da dieta “afluente”, caracterizada por um excesso de alimentos de grande densidade energética, ricos em gordura e em açúcar refinado simples, e por uma diminuição no consumo de carboidratos complexos, tem se expandido, sobretudo, em situações de prosperidade econômica.

R. W. Diez Garcia. “Efeitos da globalização na cultura alimentar: considerações sobre mudanças na alimentação urbana.”
Revista de Nutrição, v. 16, n. 4, 2003.

Evolução da quantidade anual *per capita* de alimentos adquiridos para consumo no domicílio nas regiões metropolitanas e Brasília – DF – 1975/2003.

Produtos selecionados	Quantidade anual <i>per capita</i> de alimentos adquiridos para consumo no domicílio – kg			
	1975	1988	1996	2003
Arroz	31,6	29,7	26,4	17,1
Feijão	14,6	12,1	10,1	9,2
Farinha de mandioca	5,2	4,6	3,7	3,3
Macarrão	5,2	4,2	4,0	4,2
Óleo de soja	5,1	8,7	6,9	5,8
Alimentos preparados	1,7	1,3	2,7	5,3
Refrigerante	1,2	2,6	4,2	7,6
logurte	0,3	1,1	0,7	2,9

Madalena Maria Schilinduvein; Ana Lúcia Kassouf. *Mudanças no padrão de consumo de alimentos*. Disponível em: <<http://ipea.gov.br>>. Acesso em: 10 maio 2008. (Adapt.).

Com base no texto, na tabela e nos conhecimentos sobre o processo de urbanização e suas implicações no padrão de consumo alimentar, considere as afirmativas.

- I. O texto e a tabela revelam que, apesar das diferenças geográficas e sociais, está ocorrendo uma convergência relativa dos hábitos de consumo alimentar em direção ao que se denomina dieta afluente.
- II. As variações apontadas na tabela, relativas a alimentos como o arroz e o feijão, reiteram as afirmações do texto sobre o consumo de carboidratos no contexto da dieta afluente.
- III. No meio urbano, o consumo crescente de calorias, provenientes de alimentos de grande densidade energética está ligado à aquisição de alimentos industrializados, facilitada por sua ampla distribuição em redes varejistas.
- IV. O aumento da aquisição para consumo de alimentos industrializados indica que houve estabilização na taxa de urbanização no Brasil no período 1975-2003, aproximando o país dos países desenvolvidos.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

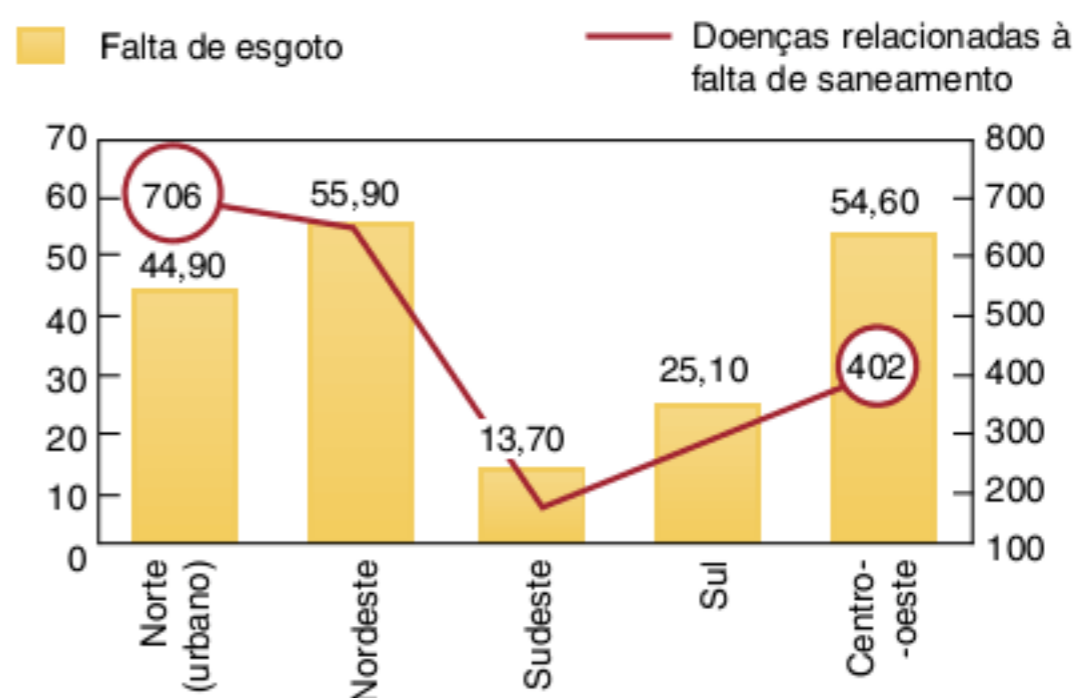
6 Udesc 2009 Sobre a população feminina e sua participação no mercado de trabalho, assinale a alternativa incorreta.

- (a) Chama a atenção a maior participação no mercado de trabalho das mulheres da região Sul, onde também são verificadas as maiores taxas de ocupação da população feminina.
- (b) O aumento da escolaridade feminina, a queda da fecundidade, as novas oportunidades oferecidas pelo mercado e as mudanças nos padrões culturais são as principais causas do aumento da participação feminina no mercado de trabalho.
- (c) As mulheres vêm aumentando sua participação no mercado de trabalho nos últimos anos.

- (d) A volta ao lar já é uma realidade absoluta para a maioria das mulheres trabalhadoras nas grandes cidades brasileiras, fruto do desemprego e das desigualdades salariais entre homens e mulheres.
- (e) As mulheres ainda hoje fazem parte da maioria que está à procura de emprego.

7 Ufpel 2007 Observe o gráfico.

Domicílios sem esgotamento sanitário, em 2003 (em %) Internações por doenças relacionadas a saneamento inadequado, por 100 mil habitantes (2002)



Fonte: PNAD/IBGE e Indicadores do Desenvolvimento Sustentável/IBGE.

A média da expectativa de vida do brasileiro tem crescido nas últimas décadas. Entretanto, as desigualdades regionais mostram como atuam os fatores que melhoram ou pioram a qualidade de vida no país.

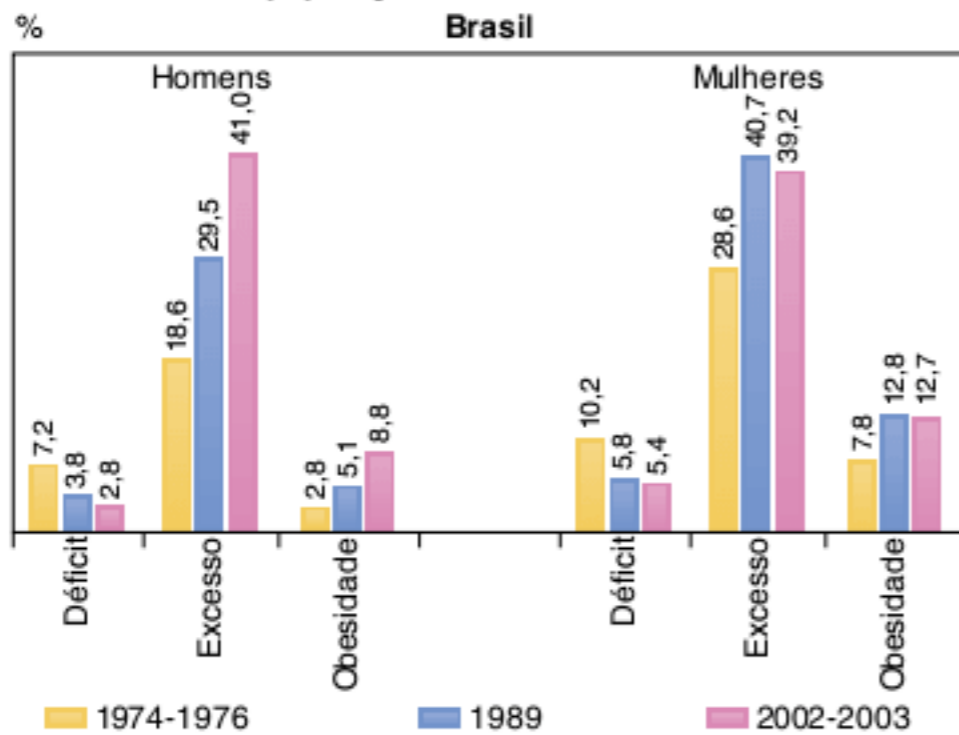
O gráfico apresentado anteriormente estabelece uma relação entre o saneamento precário e o número de casos de internações por doenças, como diarreia, hepatite e leptospirose.

Com base em seus conhecimentos e nos textos, é correto afirmar que a relação apresentada no gráfico demonstra que:

- (a) a linha indicadora do número de casos de internação por doenças relacionadas à falta de saneamento é alta nas regiões em que a falta de saneamento básico é mais grave.
- (b) a região Sudeste apresenta um número baixo de doenças relacionadas a saneamento inadequado em virtude do pequeno número de esgotos existentes.
- (c) a redução da mortalidade infantil é uma das principais causas para o aumento da expectativa de vida, e esse fator não está relacionado com as condições de saneamento básico.
- (d) o tifo, doença diretamente ligada à falta de serviços de saneamento e saúde, é responsável pela elevação do número de casos de internações na região Centro-Oeste.
- (e) a linha das doenças relacionadas à falta de saneamento vem diminuindo ao longo do tempo, e a região Sul apresenta a melhor relação entre saneamento e doenças.

8 UFPR 2008 O índice de massa corporal é um dos critérios mais importantes para avaliar a situação nutricional de uma população. Se o déficit de peso atinge menos de 5% das pessoas, considera-se que a população não está exposta à desnutrição, pois 3% a 5% dos indivíduos são constitucionalmente magros. O gráfico a seguir apresenta a distribuição da população brasileira segundo esse critério.

Prevalência de déficit de peso, excesso de peso e obesidade na população com mais de 20 anos



Fonte: IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares. Rio de Janeiro: IBGE, 2004, p. 46.

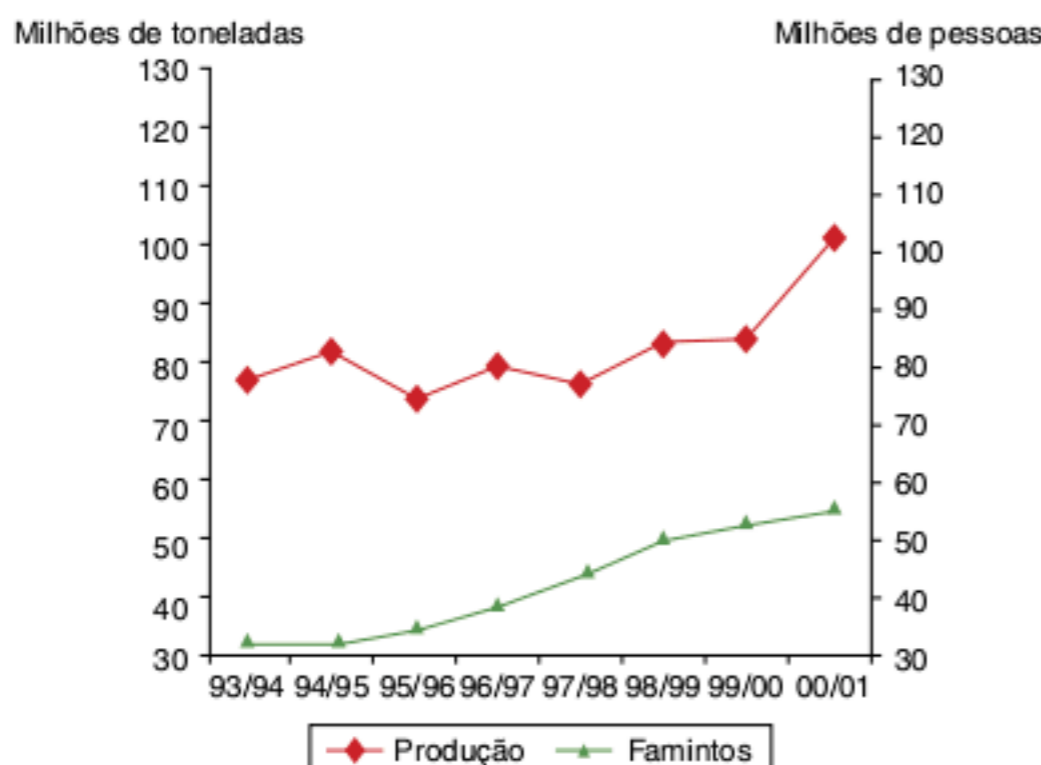
Com base nas informações do gráfico e nos conhecimentos de Geografia, considere as afirmativas a seguir.

1. A população feminina se apresenta distribuída de forma semelhante à masculina nas três categorias, mas com frequência maior de indivíduos em situações extremadas.
2. O crescimento do excesso de peso e da obesidade resulta da opção dos agricultores por produzir alimentos altamente calóricos, que são economicamente mais rentáveis.
3. A trajetória do déficit de peso está relacionada ao aumento da produtividade agrícola, que ampliou a oferta de alimentos e reduziu seus preços em termos reais (descontada a inflação).
4. As médias nacionais mostradas no gráfico ocultam a verdadeira dimensão do problema da fome, pois a exclusão social impede os mais pobres de se alimentar adequadamente.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- (b) Somente as afirmativas 1 e 3 são verdadeiras.
- (c) Somente as afirmativas 2 e 3 são verdadeiras.
- (d) Somente as afirmativas 1 e 4 são verdadeiras.
- (e) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.

9 UEL 2009 Analise o gráfico a seguir.



Crescimento da safra de grãos e a população de famintos – 1993-2001

Fonte: P.A.S. Carneiro; M.F.V. Pereira. Território da desigualdade: pobreza, fome e concentração fundiária no Brasil contemporâneo. Geografia. Rio Claro, v. 30, n. 2, p. 255-69. maio/ago. 2005.

Com base no gráfico e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

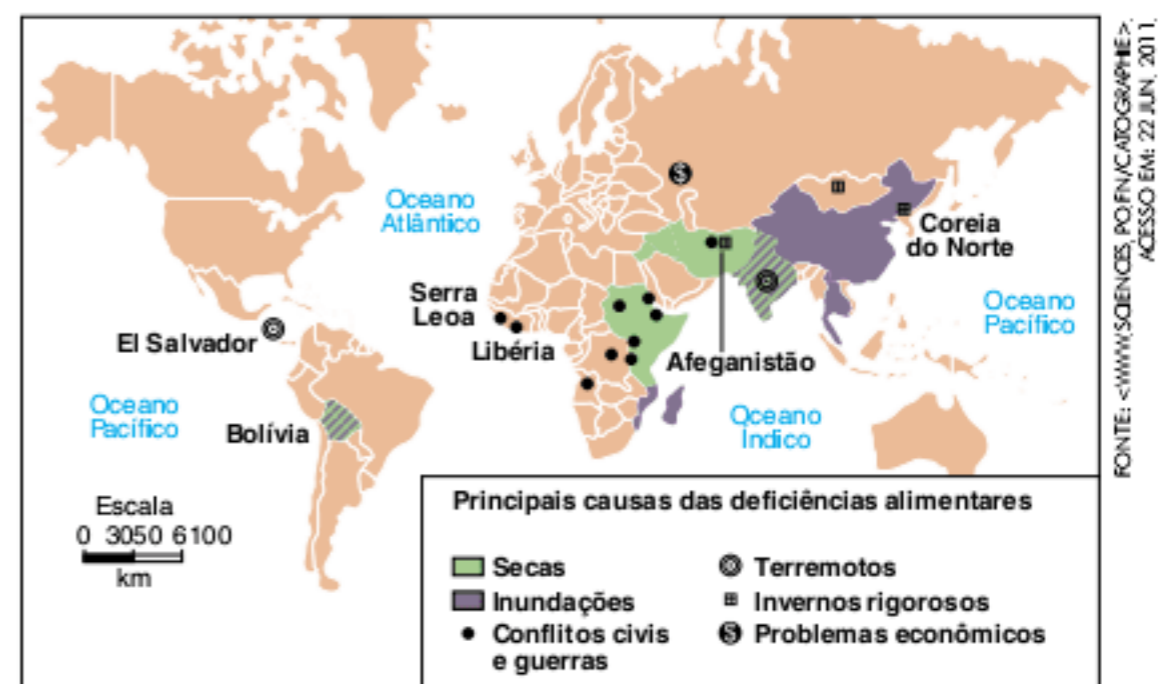
- I. No Brasil, no contexto da modernização da agricultura, a evolução tecnológica proporcionou ganhos de produtividade que, por sua vez, influenciaram o crescimento da safra de grãos a ponto de, pela primeira vez na safra 2000/2001, atingir a casa dos 100 milhões de toneladas.
- II. Os grandes proprietários rurais dominam a produção agrícola de grãos, fato que permite identificar a apropriação diferenciada dos recursos no território brasileiro, processo que tem ligação com a contínua concentração da propriedade no meio rural e, em consequência, o aumento da pobreza e da fome.
- III. Apesar do crescimento da produção proporcionado pela modernização da agricultura brasileira, permanece o problema estrutural da produção insuficiente de grãos para atender a demanda do mercado interno, que acompanha a história brasileira desde o período colonial.
- IV. O aumento da produção de grãos, na última década, foi dinamizado pela expansão do cultivo da soja, que apresenta como um de seus objetivos o mercado externo, influenciando, assim, a distribuição e o uso das áreas agricultáveis em favor das culturas de exportação.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- (b) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

10 FGV 2007 Observe o mapa apresentado sobre as causas das deficiências alimentares.

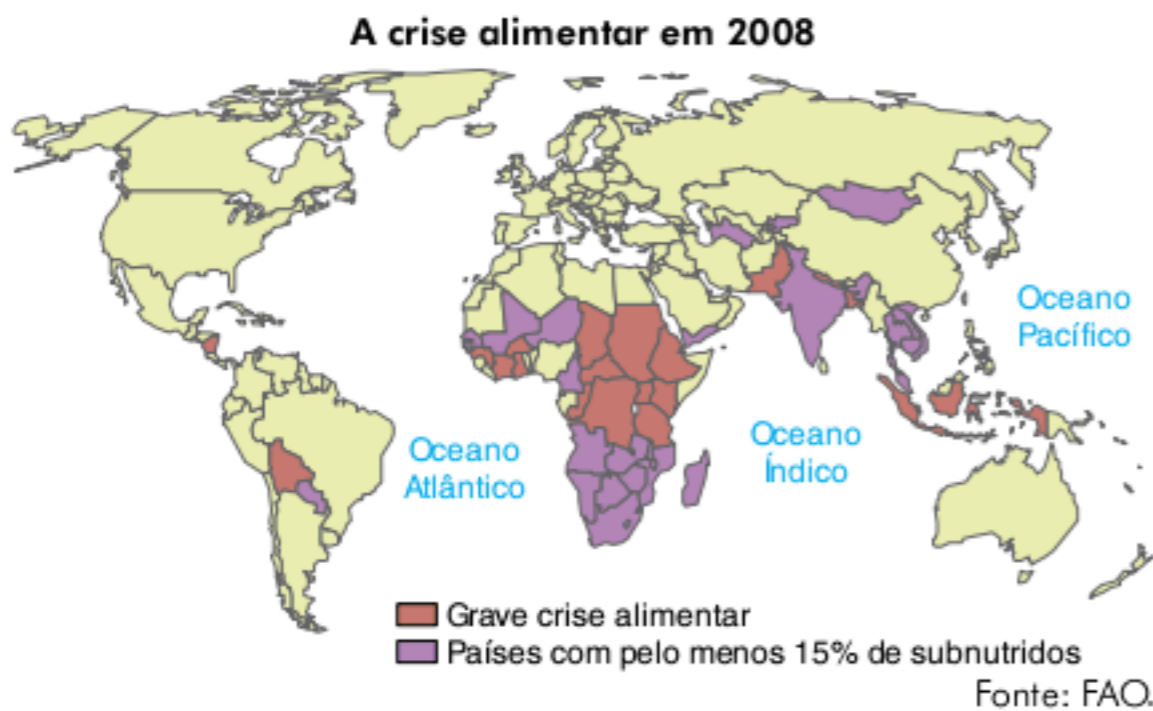
As principais causas da fome no mundo



A leitura do mapa permite concluir que:

- (a) as causas naturais são as maiores responsáveis pela fome.
- (b) a Índia e a China, devido às maiores populações absolutas, representam o maior número de desnutridos.
- (c) na América Latina, as acentuadas melhorias nas condições socioeconômicas, nas últimas décadas, reduziram drasticamente a mortalidade causada pela fome.
- (d) os países da África sofrem com a seca, que é o principal causador da fome. Os conflitos pouco interferem na produção e distribuição dos alimentos.
- (e) os invernos rigorosos são os principais responsáveis pela fome em países de clima temperado oceânico.

11 FGV 2009 Considere o mapa a seguir.



A leitura do mapa e os conhecimentos sobre as condições socioeconômicas do mundo atual permitem afirmar que:

- (a) a redução dos estoques disponíveis de terras aráveis, em várias partes do mundo, tem sido responsabilizada pela atual crise alimentar.
- (b) a sensível diminuição da pobreza crônica, na Ásia e na África, aumentou a demanda por alimentos e, por isso, a escassez.
- (c) a existência de minifúndios improdutivos aliada à proliferação de conflitos nos países produtores de alimentos são as principais causas da fome aguda no mundo.
- (d) a forte expansão das áreas de cultivos destinados à produção de biocombustíveis, sobretudo na África, é apontada como causa da crise de fome.
- (e) o aumento da demanda de alimentos em alguns países e o encarecimento dos transportes pelo elevado preço do petróleo estão entre os fatores responsáveis pela fome.

12 PUC-Rio 2007 A ideia de “fome” vem há algum tempo sendo ressignificada, politicamente, sob a luz do conceito de “segurança alimentar”. No Fórum Mundial Social de Mumbai (Índia), em 2004, as discussões foram focadas na necessidade de emancipação dos povos dependentes das políticas internacionais que regulam a produção, estocagem, distribuição e comercialização alimentar no mundo. Sobre o conceito de “segurança alimentar”, pode-se afirmar que:

- I. ele representa uma mudança de concepção que poderá transformar a qualidade de vida de inúmeras sociedades historicamente dependentes dos padrões de consumo alimentar de países e regiões possuidores de índices de desenvolvimento humano (IDH) bastante elevados.
- II. ele é o caminho para a construção de outro conceito, ainda mais expressivo, voltado para a erradicação da miséria no mundo: o da “sustentabilidade alimentar”. Este conceito, que incorpora programas ligados à preservação do meio ambiente e à não utilização de agrotóxicos nas monoculturas extensivas, concebe o enfrentamento da pobreza a partir de programas locais voltados para o mercado de trabalho.
- III. se as populações em estado de “pobreza absoluta” forem os principais atores de sua própria emancipação social – isto é, se o controle da “fome” apoiar-se sobre suas atividades econômicas e não fundamentalmente na ajuda

alimentar dos outros – então há chances de que espaços diversos onde há “insegurança alimentar” sejam menos afetados por processos de marginalização socioespacial.

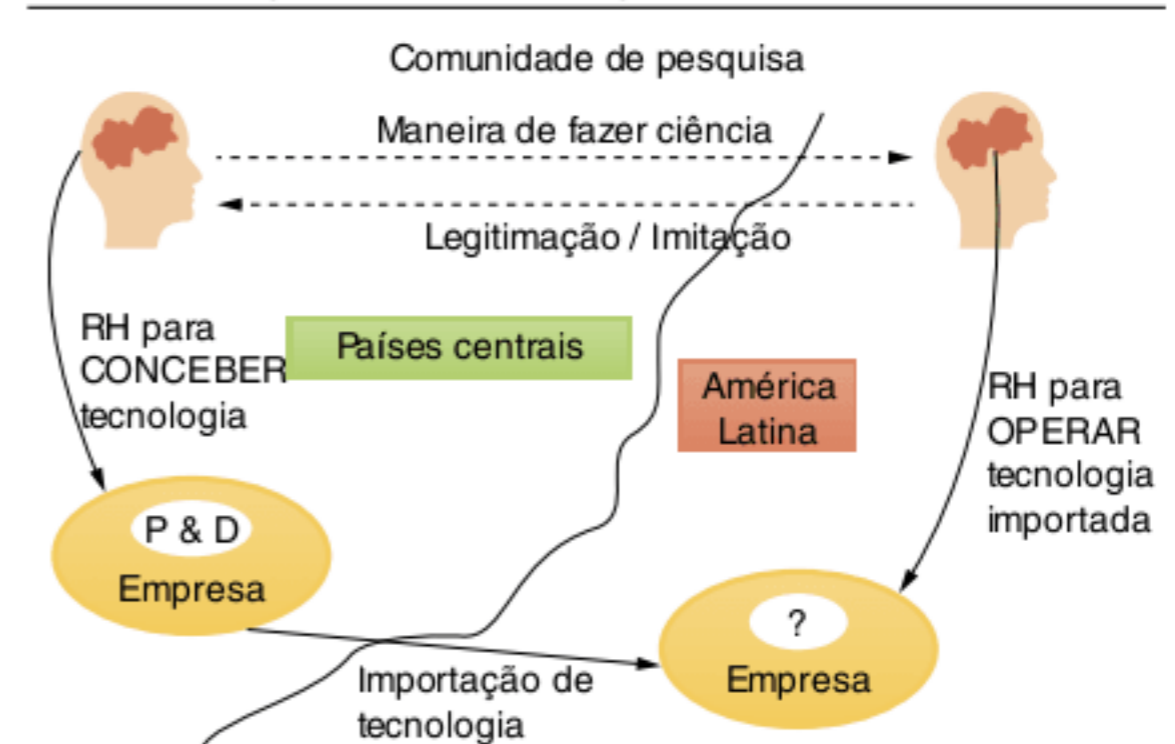
- IV. a sustentabilidade das atividades agrícolas nos países mais pobres deve ser delegada às suas tecnologias e tradições produtivas, para que seja possível a erradicação da fome. O conceito relaciona a autonomia alimentar dos países com a geração de novos empregos e a menor dependência das importações e flutuações dos preços no mercado internacional.

Estão corretas:

- (a) todas as afirmações.
- (b) somente as afirmações I, II e III.
- (c) somente as afirmações I, II e IV.
- (d) somente as afirmações II e III.
- (e) somente as afirmações III e IV.

13 PUC-Rio 2009

Relação pesquisa-produção na América Latina



Fonte: Dagnino. *A relação pesquisa-produção: em busca de um enfoque alternativo*. Unicamp, 2002. (Adapt.).

O esquema acima selecionado sintetiza, em linhas gerais, como se dá a relação Pesquisa-Produção tecnológica na América Latina e entre essa região e os países centrais, na atualidade. Considerando-se que as iniciais RH significam “Recursos Humanos” e que P&D são “Pesquisa e Desenvolvimento”, marque a única opção incorreta em relação à interpretação do esquema.

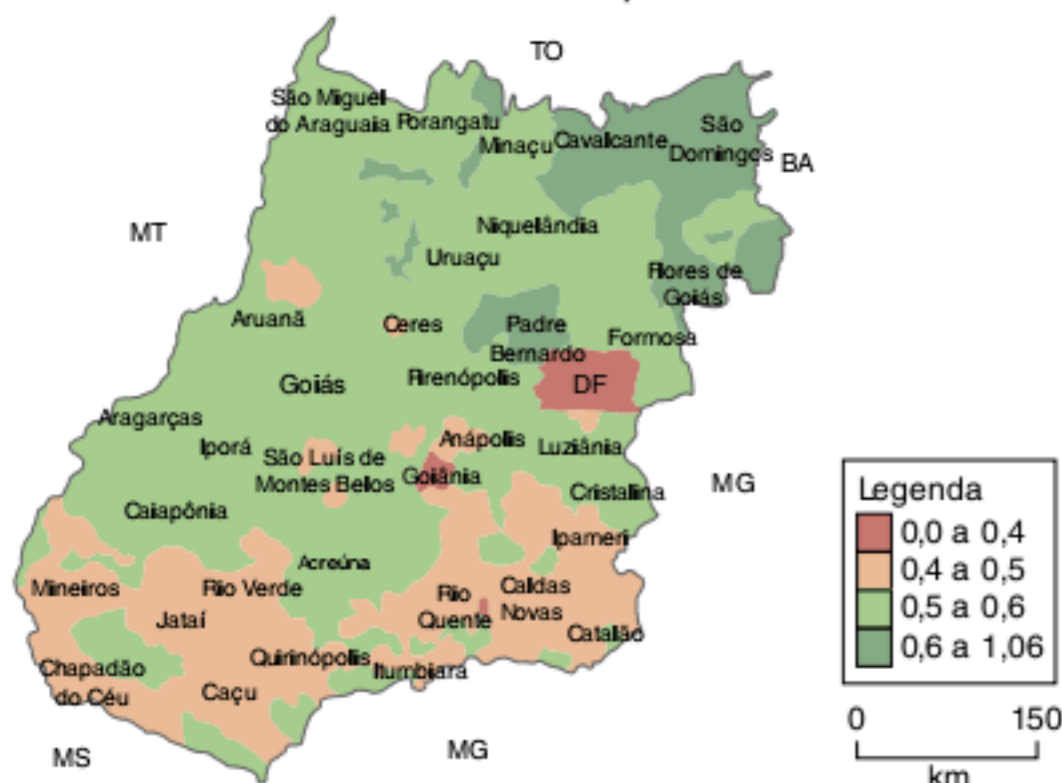
- (a) A fuga de cérebros dos países latino-americanos para os países centrais só amplia a carência de quadros humanos qualificados e especializados na América Latina. Tal situação obriga os investidores dos países centrais a optarem pelo uso da tecnologia produzida na região periférica.
- (b) As estratégias tecnológicas de ponta que definem as metodologias mais atuais do “saber fazer ciência” se localizam nos países centrais, submetendo a América Latina e demais regiões periféricas do planeta aos padrões de raciocínio e organização das pesquisas mais avançadas, em muitos setores.
- (c) A interrogação (?) presente na parte “América Latina” do esquema está diretamente relacionada à carência de um circuito estrutural fundamental para a automatização da região em termos da ligação pesquisa-produção: o circuito da educação básica, técnica e científica na composição dos RHs dos países.

- (d) Na concepção e operação das tecnologias veem-se os graus diferenciados de qualificação nos dois grupos de países. Enquanto nos países centrais, produz-se a racionalidade tecnológica, na América latina aprende-se a usar essa mesma racionalidade de maneira pouco autônoma.
- (e) A pirataria de patentes e produtos na América latina pode ser uma consequência do atraso imposto tanto pela dependência gerada pelos países centrais à região quanto pela falta de investimentos sociais (educação em todos os níveis) dos Estados nacionais latino-americanos, tornando a produção de P&D na região incapaz de promover a autonomia econômica-produtiva de suas sociedades.

14 Udesc 2009 A expectativa de vida dos brasileiros tem aumentado nos últimos anos, conforme atestam as pesquisas feitas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Comente as diferenças regionais da expectativa de vida no Brasil e cite a região onde a expectativa de vida é maior.

15 UFG 2010 Analise o mapa a seguir.

Mapa da exclusão social do estado de Goiás e Distrito Federal, 2000



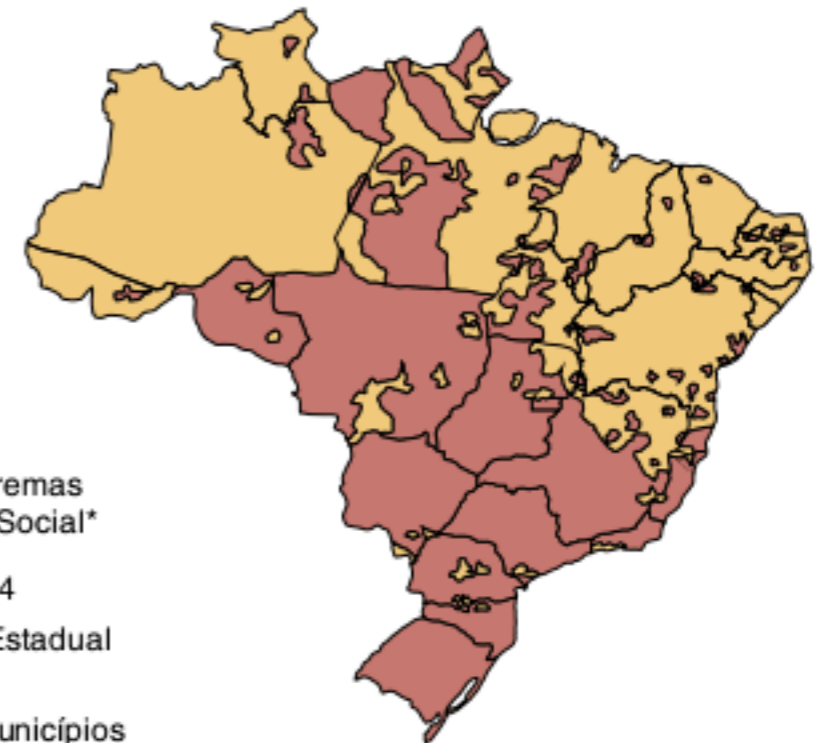
Fonte: Tadeu Alencar Arrais. *Geografia contemporânea do estado de Goiás*. Goiânia: Ed. Vieira, 2004, p. 62. (Adapt.).

Com base no mapa da exclusão social do estado de Goiás e Distrito Federal, percebe-se uma nítida desigualdade entre norte e sul, o que implica na dinâmica socioespacial do território goiano. Tendo em vista essa desigualdade:

- a) apresente uma causa para o índice de exclusão social do nordeste.
- b) explique um fator social que justifique os atuais índices da região Sul.

16 UFF 2010 (Adapt.). Existe no Brasil, próximo ao Trópico de Capricórnio, uma espécie de “trópico da exclusão social”, a partir do qual podemos distinguir claramente as regiões que concentram e abrigam os municípios com maior problema de exclusão social, ou seja, onde a “selva” da exclusão mostra-se

intensa e generalizada. Atualmente, existem 2.290 municípios com Índice de Exclusão Social na faixa de 0,0 a 0,4, portanto, em situação de maior exclusão.



Manchas extremas da Exclusão Social*

0,0 a 0,4

Limite Estadual

* Somente municípios com menores índices.

POCHANN, M e AMORIM R. (orgs.). *Atlas da exclusão social no Brasil*. São Paulo; Cortez, 2007. (Adapt.).

A partir da análise do mapa e do texto:

- a) identifique as macrorregiões que concentram municípios com maior exclusão social.
- b) apresente dois fatores que expliquem essa precária situação social.

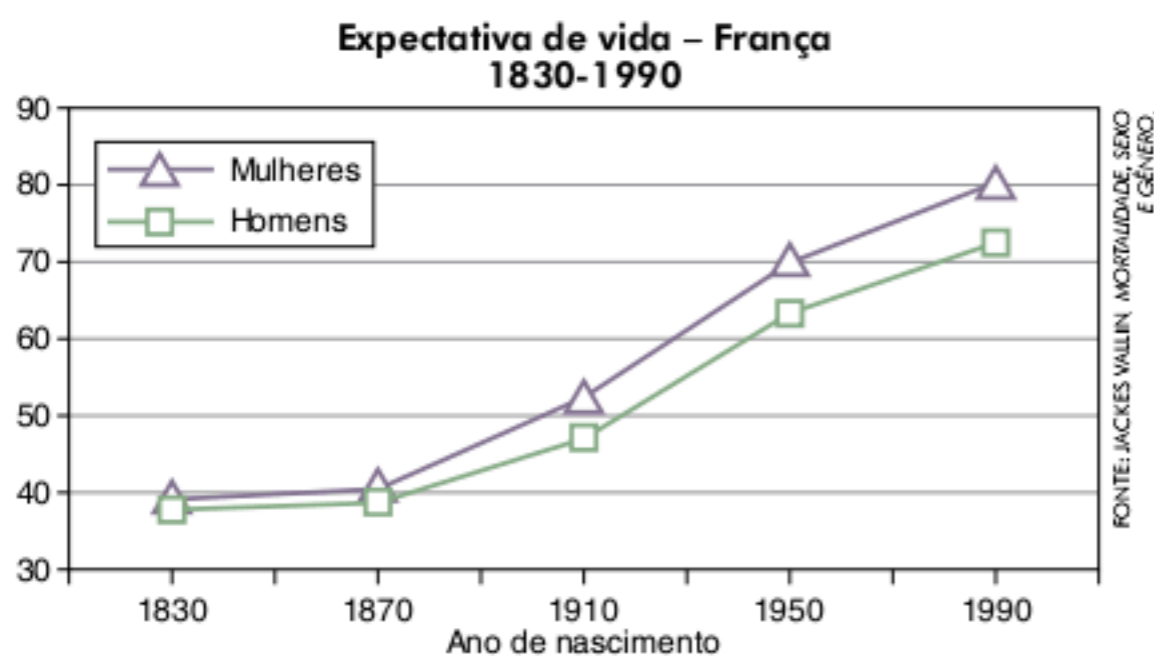
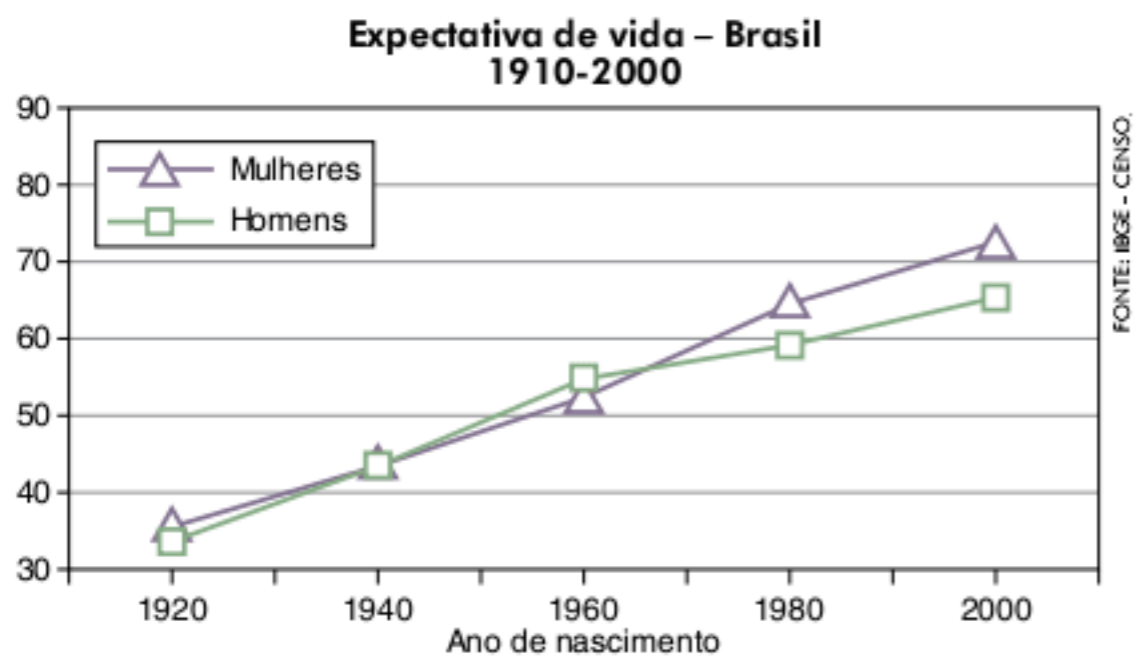
17 PUC-Rio 2010



Há diversas interpretações sobre as melhorias das condições de vida perante a alguns dados populacionais. Todavia, a conclusão adequada para o indicador demográfico apresentado na charge é a de que ele:

- (a) atrapalha as políticas sociais de Estado por ser um dado estatístico.
- (b) desconsidera as condições ambientais em que as pessoas vivem.
- (c) sugere apenas melhorias nas condições de vida devido à imprecisão dos dados.
- (d) oculta os interesses particulares de agentes econômicos internacionais.
- (e) reduz a mobilização social contra os problemas de saúde dos mais pobres.

18 Unicamp 2011 Os gráficos abaixo apresentam as expectativas de vida de homens e de mulheres nascidos nos anos de 1920 a 2000 no Brasil, e de 1830 a 1990 na França.



Disponível em: <www.abep.nepo.unicamp.br/docs/outraspub/Demographicas2/demographicas2artigo1_15a54.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2010.

A partir desses gráficos, podemos concluir que a diferença verificada na expectativa de vida entre os gêneros, na segunda metade do século XX:

- foi uma característica dos países mais industrializados, como a França.
- diminuiu quando os países se industrializaram, uma vez que as mulheres passaram a ter mais direitos e oportunidades.
- ocorreu apenas em países com altas taxas de criminalidade entre jovens adultos do sexo masculino, como o Brasil.
- aumentou quando a expectativa de vida alcançou níveis mais altos.

19 Unicamp 2009 Os dados recentes sobre analfabetismo no Brasil e nos países da América Latina e Caribe, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2008), revelam importante aspecto das diferenças regionais.

Gráfico 1 – Taxa de analfabetismo das pessoas de 15 anos ou mais, segundo as Grandes Regiões do Brasil – 2007

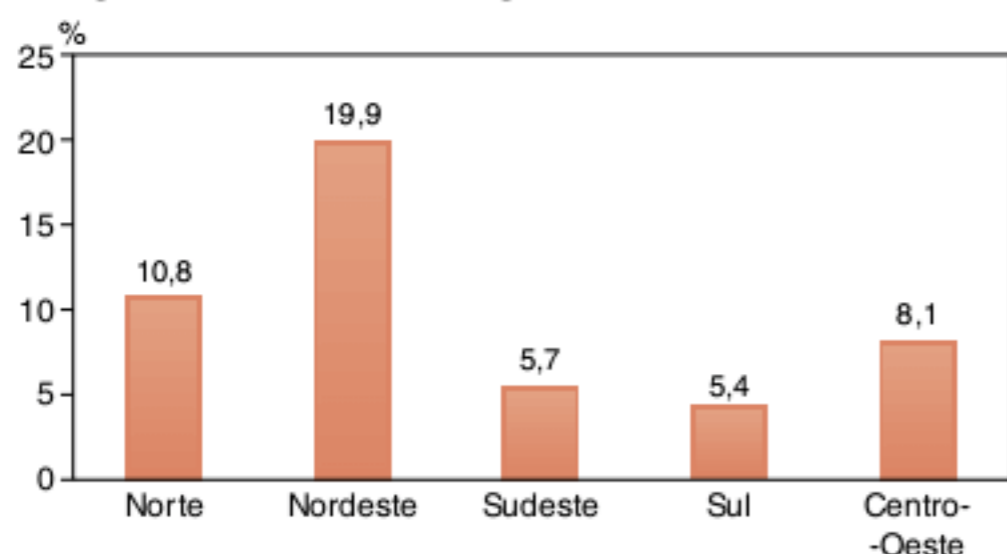
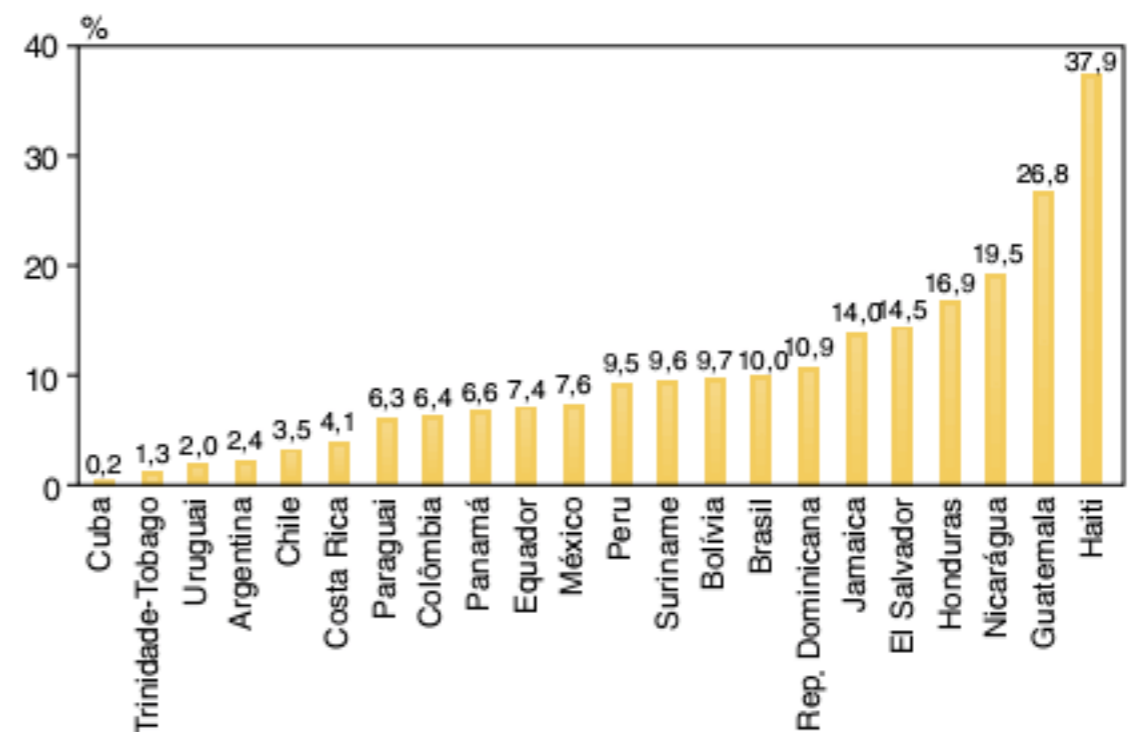


Gráfico 2 – Projeções para a taxa de analfabetismo da população de 15 anos ou mais para países da América Latina e Caribe – 2007.



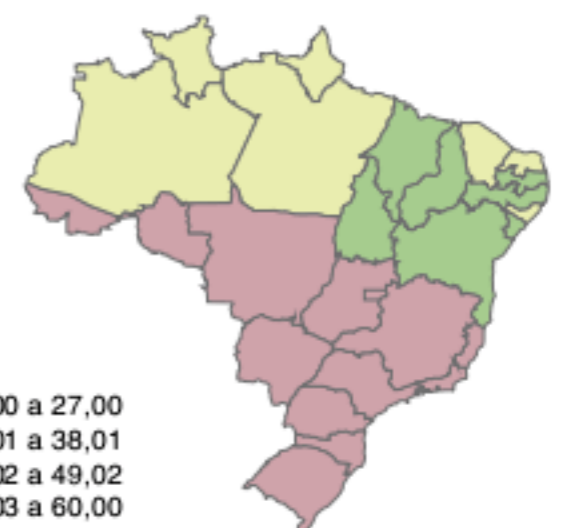
- Em termos regionais, qual a situação da distribuição das taxas de analfabetismo no Brasil? De que maneira isso influencia a manutenção das desigualdades regionais?
- Entre os países citados, qual apresenta a maior taxa de analfabetismo? De que maneira a situação política desse país contribui para explicar tal fato?

20 PUC-Rio 2008

Taxa de mortalidade infantil %
Negros



Taxa de mortalidade infantil %
Branco



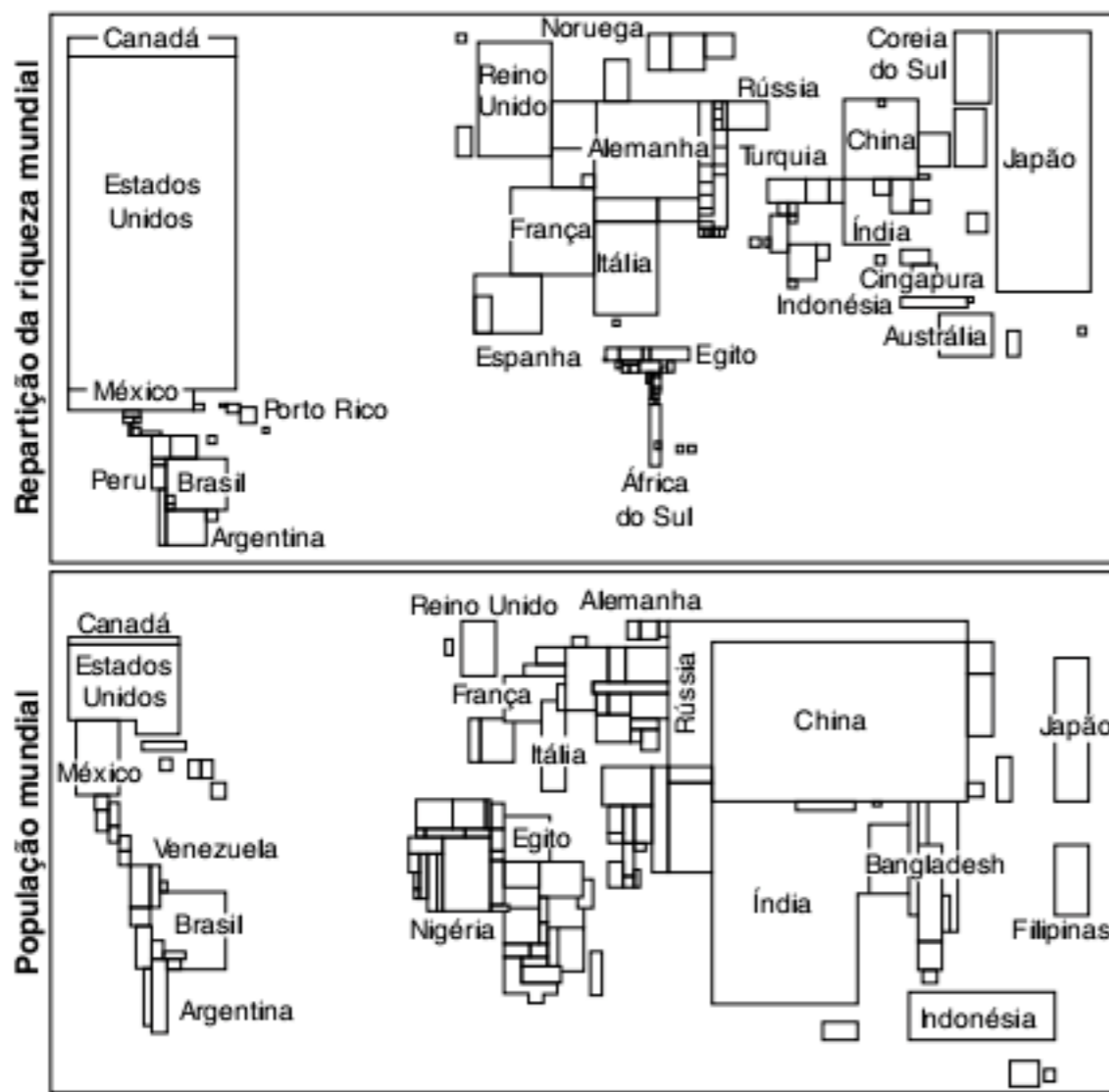
% Número de crianças que morrem, para cada mil que nascem vivas

Fonte: IBGE – Censo Demográfico, 2000.

Os mapas apresentados são indicativos de um grave problema presente, ainda nos dias de hoje, na realidade do povo brasileiro: a desigualdade étnico-racial que agrava as desigualdades socioterritoriais. Baseando-se nos indicativos de taxa de mortalidade infantil apresentados nos mapas, indique, justificando as suas respostas:

- a região político-administrativa brasileira onde os indicativos de igualdade étnico-raciais devem ser mais equilibrados.
- dois estados da região político-administrativa Nordeste onde as disparidades das taxas de mortalidade entre negros e brancos tendem a ser maiores.

21 PUC-Rio 2008



Fonte: Maria Elena Simielli. *Geoatlas*, São Paulo: Ática, 2006.

Os cartogramas selecionados dimensionam o planisfério, a partir do quantitativo de população mundial nos países e da repartição da riqueza mundial entre eles.

Com base nas informações contidas nos cartogramas:

- explique por que o tamanho das representações referentes à China e à Índia aparece inversamente proporcional às dimensões do Japão;
- compare o indicador econômico renda *per capita* entre os EUA e o Brasil.

22 Fatec 2007 Observe o mapa para responder à questão.



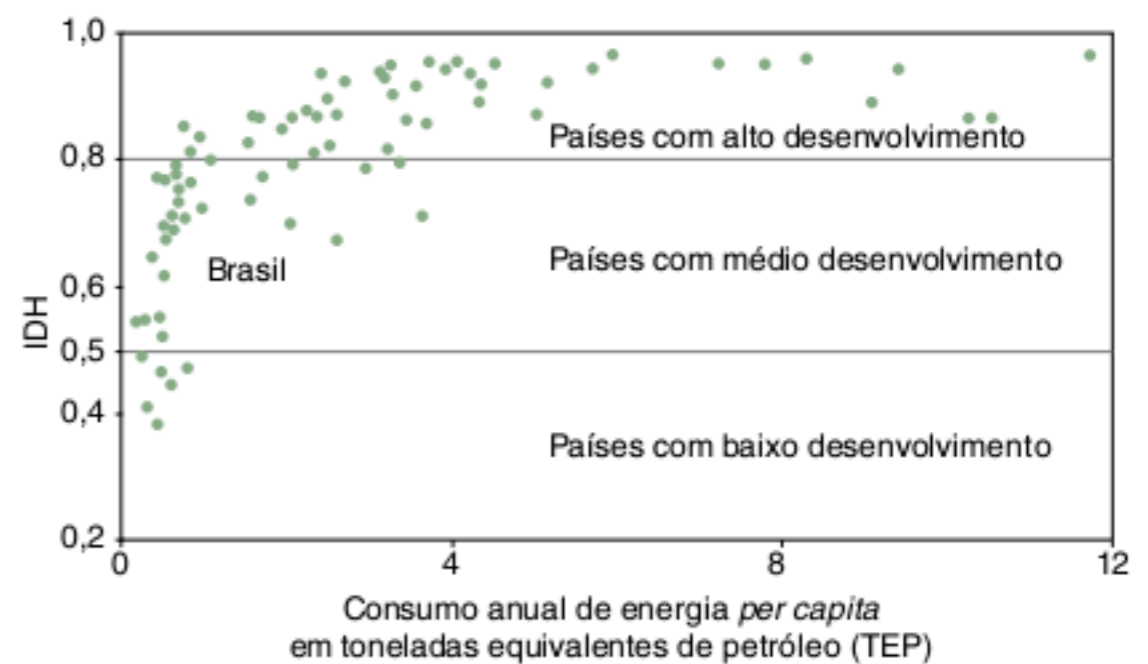
Fonte: Maria Elena Simielli. *Geoatlas*. S. Paulo: Ática, 2006, p. 126.

Assinale a alternativa que indica o fenômeno socioeconômico representado no mapa.

- Taxa de analfabetismo entre adultos.
- Taxa de fecundidade entre adolescentes.
- Mortos em conflitos de terra.
- Proporção de desempregados.
- Índice de desenvolvimento humano.

23 Fuvest 2009 O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)

é um indicador do nível de desenvolvimento socioeconômico de um dado país, que leva em conta, simultaneamente, diversos aspectos, tais como expectativa de vida, índice de mortalidade infantil, grau de escolaridade e poder de compra da população. A relação entre o consumo anual de energia *per capita* (TEP) e o IDH, em vários países, está indicada no gráfico a seguir, no qual cada ponto representa um país.



Com base nesse conjunto de dados, pode-se afirmar que:

- o IDH cresce linearmente com o consumo anual de energia *per capita*.
- o IDH aumenta, quando se reduz o consumo anual de energia *per capita*.
- a variação do IDH entre dois países é inferior a 0,2 dentre aqueles cujo consumo anual de energia *per capita* é maior que 4 TEP.
- a obtenção de IDH superior a 0,8 requer consumo anual de energia *per capita* superior a 4 TEP.
- o IDH é inferior a 0,5 para todos os países com consumo anual de energia *per capita* menor que 4 TEP.

24 PUC-RS 2008 Responder à questão com base nas afirmativas referentes à organização demográfica do Brasil.

- O Brasil está entre os dez países com maior desigualdade social do mundo.
- A taxa de fecundidade do Brasil está em torno de 4,3 filhos por mulher, e a taxa de fertilidade está diminuindo.
- Os dados referentes ao IDH possibilitam localizar o Brasil no grupo de países situados na faixa de 0,8 a 1,0.
- Desde a década de 1950, a população absoluta do Brasil está diminuindo, graças às políticas governamentais de controle da natalidade.

As afirmativas corretas são, apenas:

- I e II.
- I e III.
- I, II e IV.
- II, III e IV.
- III e IV.

25 Udesc 2009 Observe a tabela a seguir.

Município	IDH Municipal, 2000	População
Blumenau	0,855	292.972
Pomerode	0,849	25.261
Timbó	0,843	33.326
Brusque	0,842	94.962
Luiz Alves	0,840	8.966
Gaspar	0,832	52.428
Guabiruba	0,829	8.986
Indaial	0,825	47.686
Rio dos Cedros	0,817	9.685
Ascurra	0,813	6.761
Rodeio	0,810	10.773
Doutor Pedrinho	0,802	3.280
Benedito Novo	0,802	9.841
Botuverá	0,795	4.127
Apiúna	0,768	10.270

Sobre os municípios da microrregião do Médio Vale do Itajaí, assinale a alternativa incorreta.

- (a) Blumenau, da Oktoberfest, é o município com maior população e maior IDH municipal da região.
- (b) Apiúna, onde se pratica o turismo de aventura, com esportes como *rafting*, rapel e montanhismo, é um município pequeno, com o pior IDH municipal da região.
- (c) Brusque é a segunda cidade em população na região, estando entre as cinco de maior IDH municipal para a região.
- (d) Apiúna, que contou em sua colonização com imigrantes alemães, possui o pior IDH municipal da região e uma população maior que Ascurra, com a qual faz fronteira ao norte.
- (e) Embora os municípios de Doutor Pedrinho e Benedito Novo possuam o mesmo IDH municipal, o primeiro tem aproximadamente 1/3 da população do segundo, o que faz com que a população de Doutor Pedrinho tenha uma qualidade de vida muito superior à da população de Benedito Novo.

O conceito de desenvolvimento das sociedades humanas, utilizado pela Organização das Nações Unidas (ONU) para aferir qualidade de vida, baseia-se no índice de desenvolvimento humano (IDH) expresso em educação, saúde e renda.

A análise e a interpretação do mapa, relacionadas às características regionais brasileiras, indicam que as unidades da Federação componentes da área:

- (a) I são de povoados antigos, com agricultura pouco intensa e reduzido poder econômico.
- (b) II são densamente urbanizadas, de povoamento antigo e vida comercial intensa.
- (c) III são de ocupação antiga e com rede de cidades assentadas sobre uma produção agrícola moderna.
- (d) IV são densamente povoadas, urbanizadas e possuem elevado desenvolvimento técnico-científico.
- (e) V são pouco povoadas e foram as últimas a implementar a mecanização da produção agrícola.

27 Ufop 2008 Analise a tabela a seguir.

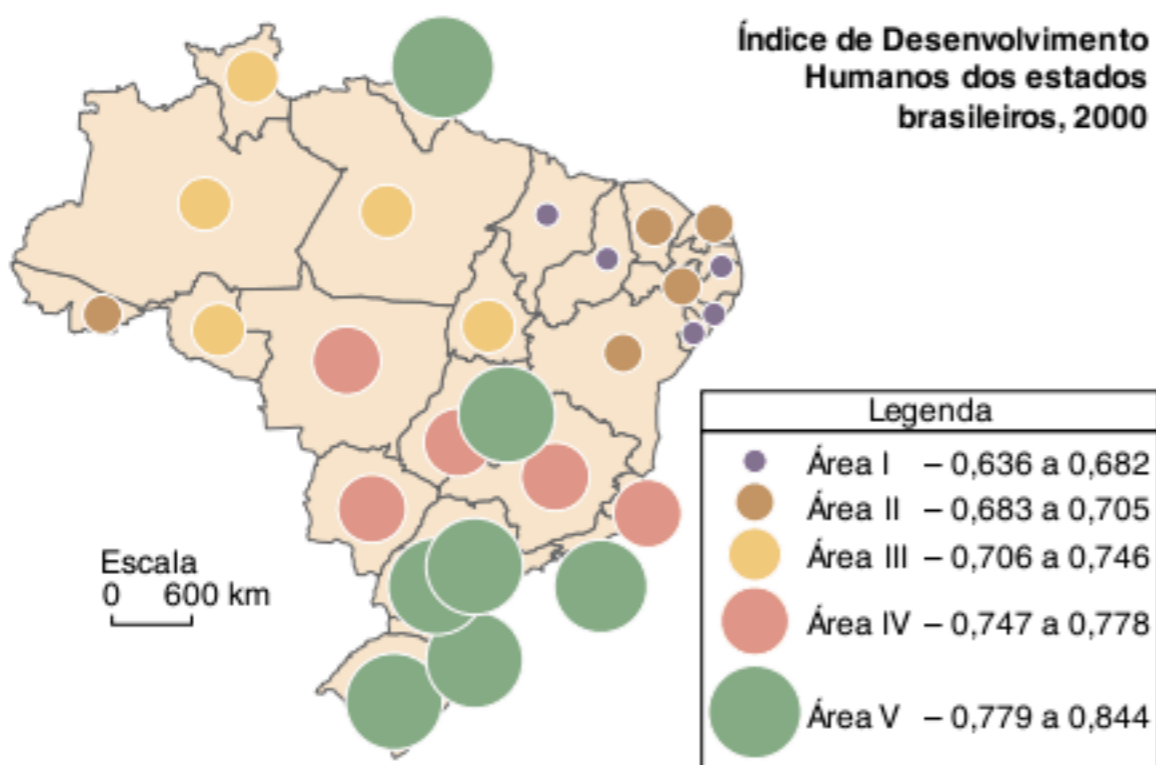
Grandes regiões, unidades da Federação e regiões metropolitanas	População ocupada, por cor ou raça					
	Branca		Preta		Parda	
	Média de anos de estudo	Rendimento médio mensal em salário-mínimo	Média de anos de estudo	Rendimento médio mensal em salário-mínimo	Média de anos de estudo	Rendimento médio mensal em salário-mínimo
Brasil	8,0	4,50	5,7	2,20	5,6	2,20
Sudeste	8,5	5,10	6,1	2,50	6,4	2,60
Minas Gerais	7,6	3,70	5,0	1,80	5,8	2,20
Região metropolitana de Belo Horizonte	9,8	4,80	6,3	2,60	7,2	2,90

Fonte: Pesquisa nacional por amostra de domicílios 2001: microdados. Rio de Janeiro: IBGE, 2002. 1 CD-ROM.

Com base nos dados, é incorreto afirmar:

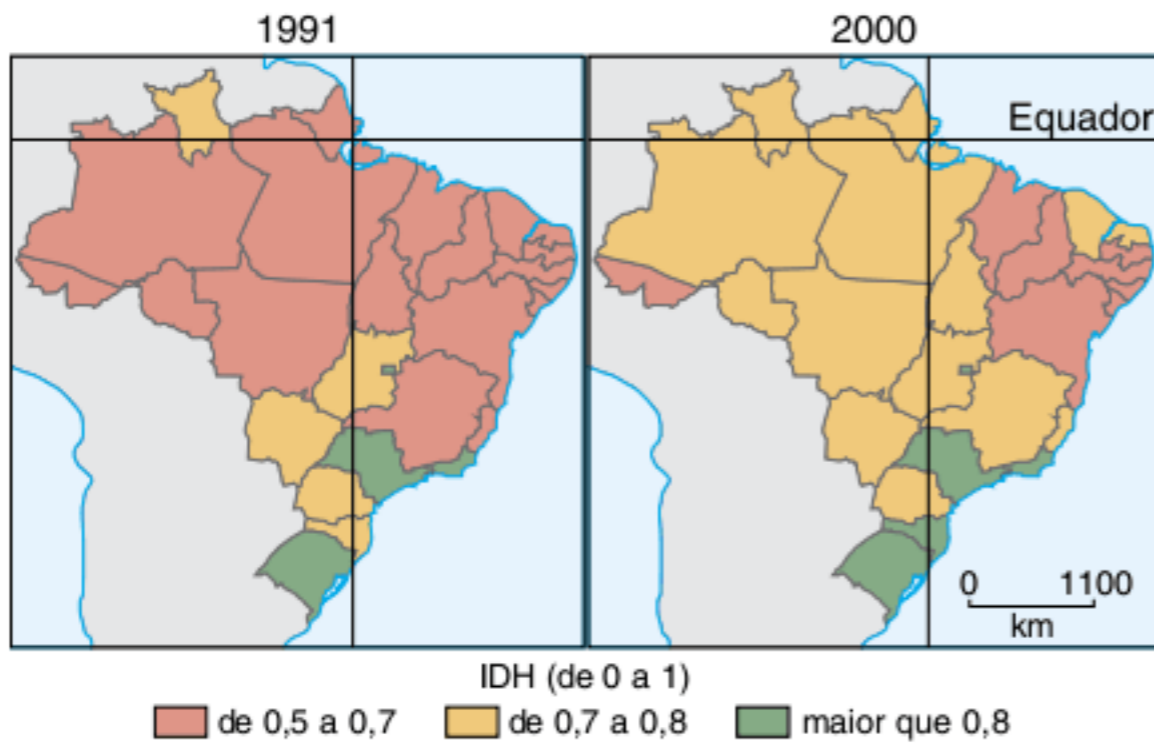
- (a) o rendimento médio da população residente na região metropolitana de Belo Horizonte é maior do que o rendimento médio da população brasileira.
- (b) o rendimento médio dos "pretos" é menor do que o dos "pardos", e ambos possuem índice de escolaridade menor do que os chamados "brancos".
- (c) os dados indicam a existência de forte relação entre nível de escolaridade e rendimento médio de toda a população brasileira.
- (d) os dados sobre o rendimento e a escolaridade dos "pretos" e "pardos" da região metropolitana de Belo Horizonte indicam que essa população é majoritária.

26 UFG 2007 Observe o mapa a seguir.



Fonte: PNUD. ONU. Atlas do desenvolvimento humano no Brasil, 2000. (Adapt.).

28 Unifesp 2007 Os mapas indicam o IDH no Brasil, por estado, em dois momentos.

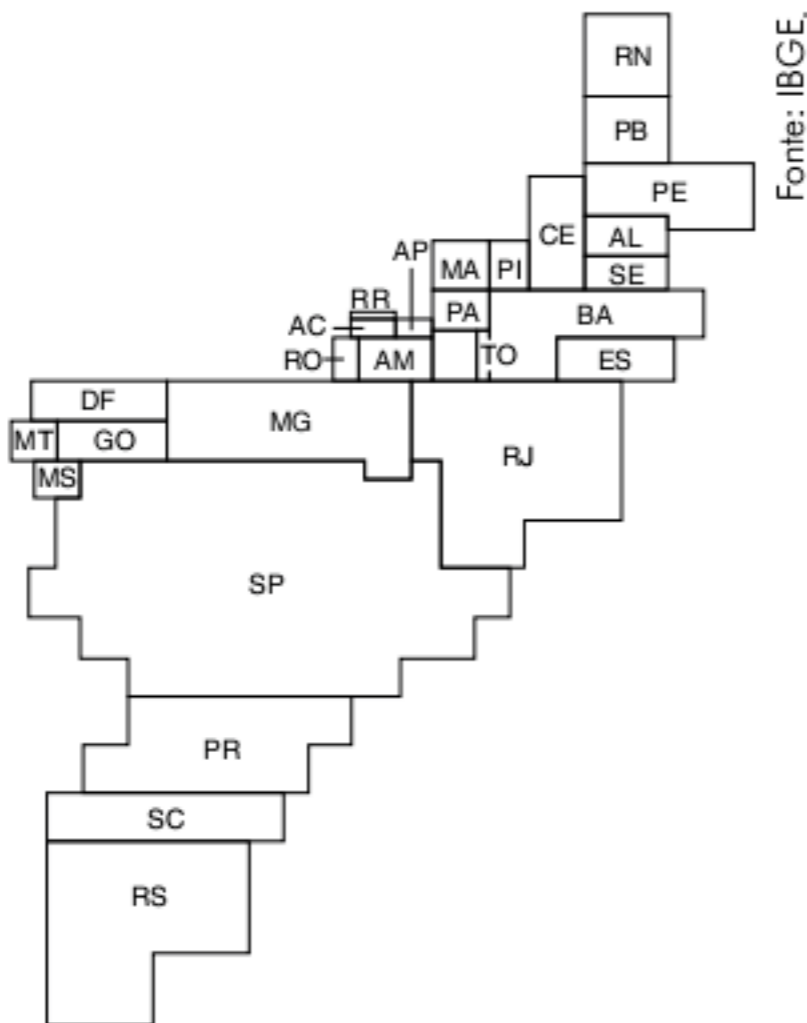


Fonte: PNUD, Ipea, 2003. (Adapt.).

Está correto afirmar que, nesse período, o IDH:

- (a) melhorou em todo o país e elevou a posição do Brasil na classificação mundial.
- (b) permaneceu baixo em estados do nordeste, apesar da implementação de programas sociais.
- (c) estagnou nas áreas mais ricas do país, resultado de uma política de distribuição de renda.
- (d) cresceu nas áreas de maior concentração urbana do Brasil, depois da diminuição do fluxo migratório.
- (e) continuou baixo na Amazônia, mesmo com a expansão da fronteira agrícola, baseada no cultivo da soja.

29 Fatec 2007 Considere a anamorfose a seguir.



Assinale a alternativa que apresenta corretamente o título da representação.

- (a) População absoluta.
- (b) Renda *per capita*
- (c) Participação no PIB.
- (d) Produção industrial.
- (e) Valor das exportações agrícolas.

30 Enem 2006 A tabela a seguir apresenta dados relativos a cinco países.

País	Saneamento básico (%)		Taxa de mortalidade infantil (por mil)		
	Esgotamento sanitário adequado	Abastecimento de água	Anos de permanência das mães na escola		
			até 3	de 4 a 7	8 ou mais
I	33	47	45,1	29,6	21,4
II	36	65	70,3	41,2	28,0
III	81	88	34,8	27,4	17,7
IV	62	79	33,9	22,5	16,4
V	40	73	37,9	25,1	19,3

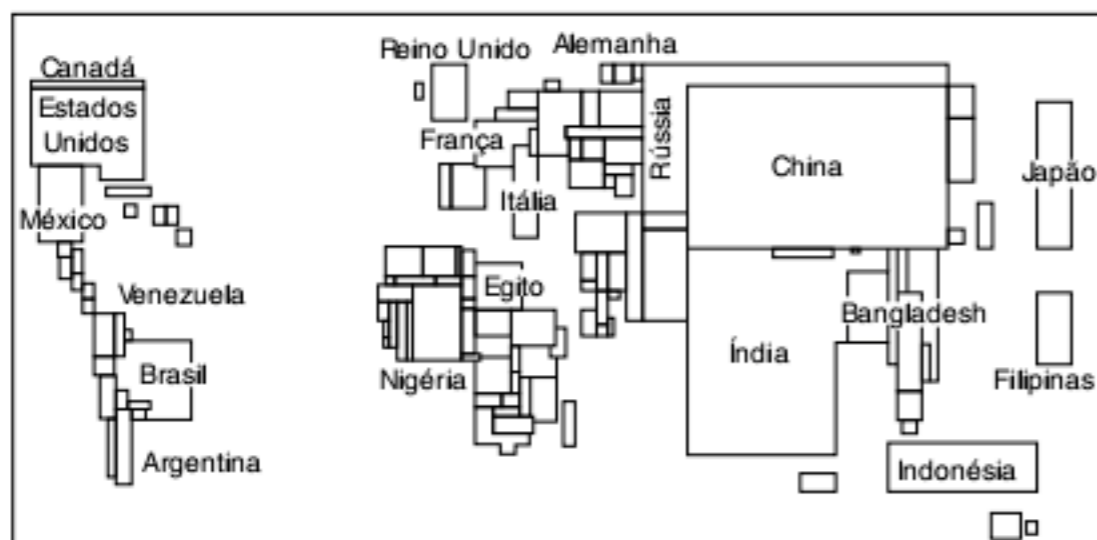
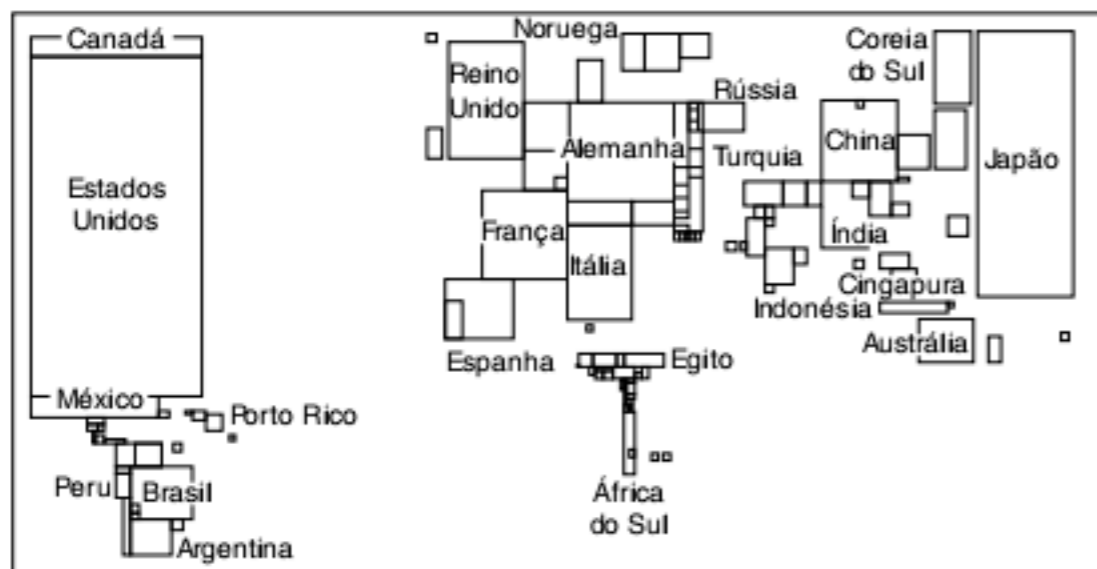
Com base nessas informações, infere-se que:

- (a) a educação tem relação direta com a saúde, visto que é menor a mortalidade de filhos cujas mães possuem maior nível de escolaridade, mesmo em países onde o saneamento básico é precário.
- (b) o nível de escolaridade das mães tem influência na saúde dos filhos, desde que, no país em que eles residam, o abastecimento de água favoreça, pelo menos, 50% da população.
- (c) a intensificação da educação de jovens e adultos e a ampliação do saneamento básico são medidas suficientes para se reduzir a zero a mortalidade infantil.
- (d) mais crianças são acometidas pela diarreia no país III do que no país II.
- (e) a taxa de mortalidade infantil é diretamente proporcional ao nível de escolaridade das mães e independe das condições sanitárias básicas.

31 Fatec 2007 Enquanto países europeus como a Bélgica e a Suíça apresentam taxas de mortalidade infantil inferiores a 5 por mil, países como Serra Leoa, Angola e Somália, na África, apresentam taxas de mortalidade infantil acima de 100 por mil. A comparação entre essas taxas nos revela que:

- (a) as condições climáticas temperadas são mais favoráveis à vida humana que as tropicais.
- (b) países de povoamento muito antigo tiveram mais condições de superar os problemas demográficos que os países novos.
- (c) os efeitos dos avanços alimentares e médico-sanitários não atingem de forma semelhante os vários países do mundo.
- (d) apesar das diferenças na mortalidade infantil, a expectativa de vida aumenta na mesma proporção nos dois grupos de países.
- (e) as taxas de mortalidade mais elevadas tornam a estrutura da população dos países africanos semelhante à dos países europeus.

32 Fatec 2008 Analise as representações cartográficas.



Fonte: Maria Elena Simielli. *Geoatlas*, 2007.

Estas representações são anamorfoses geográficas. Uma anamorfose geográfica representa a superfície dos países em áreas proporcionais a uma determinada quantidade.

As anamorfoses acima representam, respectivamente:

- (a) Número de turistas recebidos e Produto Nacional Bruto.
- (b) Produto Nacional Bruto e População.
- (c) População e Número de turistas recebidos.
- (d) População ativa na agricultura e Produto Nacional Bruto.
- (e) População e População ativa na agricultura.

33 PUC-MG 2007 O IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) foi criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para servir como indicador em estudos comparativos das condições de vida das populações do mundo. Desde então, divulga-se o IDH das nações, classificando-as em uma escala de 0 a 1. O IDH contribui para orientar a adoção de políticas públicas que objetivam reduzir níveis de pobreza e de desigualdade regional. São indicadores que compõem o IDH, exceto:

- (a) a expectativa de vida ao nascer, visto que o aumento da longevidade expressa a redução dos níveis de mortalidade.
- (b) o consumo médio de energia *per capita*, uma vez que sua elevação indica o acesso da população aos bens de consumo da sociedade moderna.
- (c) o nível de renda, cujos resultados exprimem, segundo alguns economistas, as condições de acesso da população aos bens de consumo.
- (d) o nível de instrução, uma vez que a ampliação da escolarização tem importantes efeitos na melhoria da renda e consequente redução da pobreza.

34 UEL 2008 Segundo o Human Development Report (HDR – Boletim da ONU) de 2001, 2002, pobreza significa a negação das oportunidades de escolha mais elementares para o desenvolvimento humano, tais como: ter uma vida longa, saudável e criativa; ter um padrão adequado de liberdade, dignidade, autoestima, e gozar de respeito por parte das outras pessoas. Pode-se constatar que o conceito de pobreza envolve um forte componente de subjetividade ideológica. Assim, numa perspectiva de interpretação neoclássica e conservadora, a pobreza é considerada uma condição ou um estágio na vida de um indivíduo ou de uma família. A linha de pobreza, neste caso, é definida como um padrão de vida (normalmente medido em termos de renda ou de consumo) abaixo da qual as pessoas são consideradas como pobres. Já, na perspectiva de que é historicamente determinada, a pobreza se constitui numa resultante da competição e dos conflitos que se dão pela posse daqueles ativos, sejam eles produtivos, ambientais ou culturais. As pessoas simplesmente não nascem pobres.

J de J Lemos; E. L. L. Nunes. "Mapa da exclusão social num país assimétrico: Brasil". *Revista econômica do Nordeste*. Fortaleza, v. 36, n. 2, abr./jun. 2005.

Com base no texto, considere as afirmativas.

- I. A linha de pobreza situa-se numa posição passível de quantificação determinada pela posição relativa do indivíduo ou da família no que se refere à posse e ao acesso aos bens, serviços e à riqueza.
- II. O texto defende um eixo básico na definição de pobreza de um ponto de vista da economia política: a pobreza resulta das capacidades do indivíduo de superar as adversidades determinadas pela sua posição social ao nascer.
- III. Para a perspectiva neoclássica, pobreza não se trata simplesmente de um estado de existência; ela é determinada e definida pela forma como se dão as relações entre os grupos sociais, e no poder que determinado grupo tem de apoderar-se dos ativos gerados pelas diversas atividades socioculturais e ambientais.
- IV. Na perspectiva de que é determinada historicamente, a pobreza constitui-se nos resultados de conflitos que resultam, de forma competitiva, na privação do poder, da riqueza ou de diversos ativos, requisitos necessários ao bem-estar das pessoas.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

- (a) I e II.
- (b) I e IV.
- (c) III e IV.
- (d) I, II e III.
- (e) II, III e IV.

35 Uerj 2008

As dez maiores cidades por população e PIB

Segundo a população em 2000	Segundo o PIB em 1995 (posição segundo a população em 2000)
1 Tóquio	Tóquio (1)
2 Cidade do México	Nova York (3)
3 Nova York	Los Angeles (8)
4 Seul	Osaka (9)
5 São Paulo	Paris (25)
6 Mumbai	Londres (19)
7 Délhi	Chicago (26)
8 Los Angeles	São Francisco (35)
9 Osaka	Düsseldorf (46)
10 Jacarta	Boston (48)

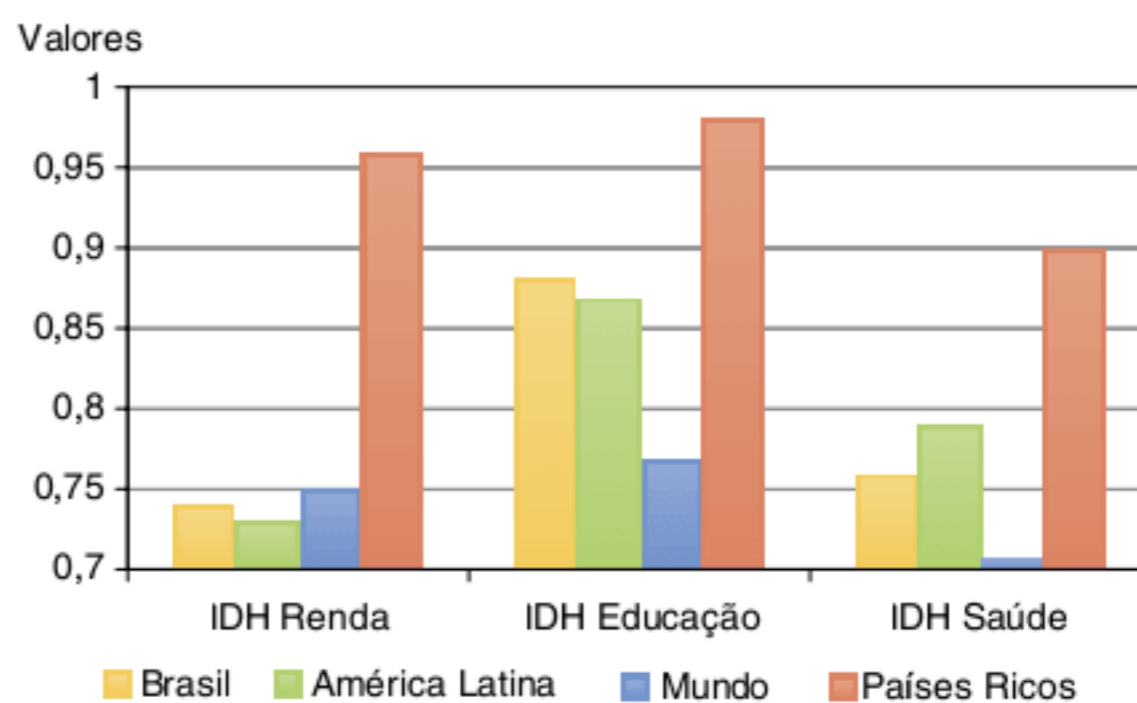
Fonte: Mike Davis. *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo, 2006.

A análise da tabela permite estabelecer uma associação entre demografia e hierarquia urbana que pode ser formulada corretamente como:

- (a) o país desenvolvido com maior população urbana abriga a metrópole mais rica.
- (b) a concentração de riqueza não apresenta relação direta com a população absoluta.
- (c) as megacidades são encontradas, sobretudo, na rede urbana dos países centrais.
- (d) os aglomerados urbanos mais ricos não se localizam nas grandes megalópoles do planeta.

36 UFG 2008 Observe o gráfico a seguir.

IDH Renda, Educação e Saúde no Brasil, América Latina, Mundo e Países Ricos, 2006.



Disponível em: <www.pnud.org.br>. Acesso em: 20 set. 2007.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sintetiza indicadores como renda, saúde e educação, com o objetivo de aferir a qualidade de vida da população de um determinado lugar. Tendo por referência a leitura e interpretação do gráfico, verifica-se que o IDH relativo à saúde no Brasil é:

- (a) menor do que o IDH renda e maior do que o IDH educação do Brasil, o qual tem IDH de, aproximadamente, 0,88.
- (b) menor do que o do mundo e maior do que o da América Latina, cujo IDH é de, aproximadamente, 0,79.
- (c) maior do que o da América Latina e menor do que o do mundo, o qual tem IDH de, aproximadamente, 0,71.
- (d) maior do que o do mundo e menor do que o dos países ricos, cujo IDH é de, aproximadamente, 0,9.
- (e) maior do que o IDH renda dos países ricos e do que o IDH educação do mundo, o qual tem IDH de, aproximadamente, 0,77.

TEXTO COMPLEMENTAR

Por outra concepção do desenvolvimento

“O desenvolvimento territorial integrado e sustentável exige uma democracia participativa”, afirma a autora. Para ela, ano de eleição é ano de desmistificar os conceitos e pensar em soluções duráveis.

Constato de um fracasso: nem tudo é possível!

O paradoxo da história das grandes nações consideradas desenvolvidas era de se sentir com a missão coletiva de reconstruir um mundo que eles destruíram com as guerras fratricidas. Entretanto, essa missão não ajudou as nações ditas desenvolvidas a forjar um mundo mais solidário. Pelo fato de que fizeram dos conhecimentos científicos e tecnológicos uma potente arma comercial e passaram a açambarcar o poder econômico, impondo às regiões por eles consideradas “atrasadas” ou “subdesenvolvidas” um modelo ocidental de desenvolvimento puramente econômico. A economia torna-se tão determinante que as ideologias do século XIX e XX vão compartilhar da mesma base cultural do liberalismo econômico, a

natureza e o ser humano serão tratados como fator de produção, os bens fundamentais como a terra, o ar, a água, as florestas e a vida não terão valor ecológico.

Ao longo dos séculos, o capitalismo se expandiu exportando um tipo de desenvolvimento que vai degradar e esgotar os recursos naturais, destruir relações sociais, sem levar em conta a especificidade cultural e dinâmica locais dos chamados países subdesenvolvidos. As desigualdades sociais, o aumento da pobreza, as diferenças de renda entre os países, a degradação dos ecossistemas rurais e urbanos passam a ser indicadores do fracasso das políticas chamadas desenvolvimentistas.

Em vez de criar uma cooperação baseada na solidariedade entre os povos, na autonomia para escolher seu próprio desenvolvimento, as grandes potências impõem suas próprias regras. O poder econômico vai subordinar os direitos sociais e políticos ao direito comercial, a vida privada se transforma em mercadoria e o ser vivo será patenteado. Os países ricos irão continuar a pagar licenças para poluir. Tudo virou possível! Constatado é que nem tudo é possível.

[...]

Perspectiva de uma governabilidade com desenvolvimento territorial integrado e solidário para o Brasil. Desafio possível?

A questão do desenvolvimento sustentável, que tanto rendeu artigos e projetos, é repleta de contradições. Muitos se apropriaram dela, mas não pararam para refletir sobre estas contradições para poder agir com consequência e reinventar uma nova prática para mudar a realidade em que se vive. Como construir projetos duráveis de desenvolvimento?

Em primeiro lugar, quando se elabora um programa, um plano, prioriza-se os projetos e atividades que serão executados ao longo dos anos. Daí faz-se necessário que todos os projetos e atividades sejam pensados, elaborados e implantados de modo global e articulado. Articulados entre a esfera federal, estadual e municipal, assim como articulados setorialmente e com um acompanhamento coordenado entre as três esferas do poder. Desta forma, evita-se a visão setorial do desenvolvimento. Por exemplo, a cultura, o meio ambiente, a economia devem ser tratadas conjuntamente.

Seria como imaginar o funcionamento de um ecossistema. Nos ecossistemas, tudo interage, tem efeitos e causas. A mesma coisa é a intervenção humana no campo de desenvolvimento, as questões locais não se dissociam de questões globais, elas estão interconectadas. Em um espaço geográfico não existe somente bens e circulação de mercadorias, existe os atores, cidadãos com pleno exercício da cidadania, e existe o meio natural. Os cidadãos e suas comunidades não são somente consumidores dentro da rede de mercados e de serviços públicos. Cada cidadão deve ser responsável pela preservação da natureza, assim como pelo bom funcionamento do Estado. Quando exigimos nossos direitos, devemos também pensar que temos deveres diante da república brasileira.

Como organizar um novo modo de desenvolvimento em um espaço territorial, sem tocar na malha do poder?

[...]

A burocracia brasileira nunca foi uma forma de organização no sentido de "agilizar" o funcionamento da máquina estatal. Ao contrário, ela instala uma forma de poder altamente hierarquizado, com uma cadeia de comando; quem está no nível superior detém os conhecimentos; estes conhecimentos devem permanecer desconhecidos para seus subordinados, que também têm seus subalternos. Privados de conhecimentos, eles não inovam e nem fazem uso de criatividade; eles foram contratados para obedecer às

ordens dos escalões superiores. Assim se caracterizou o poder dos altos funcionários públicos, na lógica de que quem detém o saber, detém o poder.

Quanto mais ignorante é o povo, mais fácil será manipulá-lo. O poder burocrático exercido pela hierarquia é dificilmente assimilado com o poder democratizado, no qual o cidadão funcionário age em função da igualdade dos direitos e se torna um defensor do bom funcionamento da máquina estatal e de uma empresa com finalidade pública. Esta concepção de burocracia, infelizmente, vai também se instalar em alguns partidos políticos.

O poder na história política do Brasil vai ser praticado como uma forma de tutela e de favor, sem mediações políticas e sociais. O governante é sempre aquele que detém o poder, o saber sobre a lei e sobre o social, privando os governados dos conhecimentos, criando-se assim uma relação clientelista e de favor. O uso abusivo da máquina pública levou à falência o Estado Brasileiro e, hoje, o desafio é restaurar um verdadeiro Estado democrático e cidadão compatível com o modo de desenvolvimento territorial integrado com sustentabilidade ambiental, social, política, cultural e econômica. Nesse sentido, o modo inovador de desenvolvimento, dentro de uma visão integrada da realidade, exige mudança de atitude, mudança no modo de fazer política. Exige um sistema de educação compatível com este desafio.

[...]

O período de eleições é sempre um momento propício para somar forças e exigir dos candidatos um compromisso com o bem-estar das novas gerações e com o futuro de nosso planeta Terra. Devemos nos mobilizar para que o Brasil seja protagonista de outro modo de desenvolvimento que diminua as desigualdades ainda presentes nas regiões brasileiras, conciliando crescimento econômico com respeito aos ecossistemas. A proteção social e ambiental é inseparável. Devemos nos mobilizar para que o combate que o presidente Lula assumiu contra a pobreza continue. Devemos nos mobilizar também para que o Estado continue no seu papel regulador, a fim de garantir a qualidade nos serviços públicos, principalmente na área da educação e na saúde.

Estaria Dilma, candidata de Lula, disposta a enfrentar esse desafio? Não vamos deixar a ecologia política nas mãos dos conservadores, de naturalistas iluminados que, na certa, utilizarão a questão ambiental como pretexto para ganhar as eleições. Devemos batalhar para que essa outra concepção de desenvolvimento territorial integrado seja abraçada e defendida por Dilma ou por quem for eleito. Agora que o Brasil é respeitado como grande nação na cena internacional e convidado à mesa de negociações dos organismos multilaterais, ele deve dar exemplo de que outro desenvolvimento é possível.

A autora é doutora em Economia e especialista em desenvolvimento territorial integrado e solidário.

Marilza de Melo Foucher. "Por outra concepção do desenvolvimento". *Le Monde Diplomatique – Brasil*.

Disponível em: <www.diplomatique.org.br/print.php?tipo=ac&id=2922&PHPSESSID=099cbc670a7e8a6c998a4f532aaf76c9>.

RESUMINDO

Neste capítulo, estudamos que:

- o desenvolvimento econômico e social não é uma mudança quantitativa, mas, sim, qualitativa, apesar de não estar totalmente desligado da primeira.
- as mudanças promovidas pelo processo de desenvolvimento podem ser percebidas nas transformações da estrutura da população, principalmente na organização da PEA.
- a PEA pode ser analisada tanto em relação ao quanto ela representa da população total como também em relação às suas subdivisões, por exemplo, homens e mulheres ou por setores da economia.
- os principais fatores para o desenvolvimento são a alimentação, a saúde e a educação. Cada um deles deve ser estudado levando-se em consideração as características socioespaciais que dificultam ou facilitam o desenvolvimento.
- entre os índices para medir o desenvolvimento, estudamos o PIB, o PIB *per capita*, o IDH e o Índice de Gini.

■ QUER SABER MAIS?

LIVROS

- Florence Jany-Catrice, Jean Gadrey. *Novos indicadores de riqueza*. São Paulo: Senac, 2006.
- Amartya Sen. *Desenvolvimento como liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- José Eli da Veiga. *Desenvolvimento sustentável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

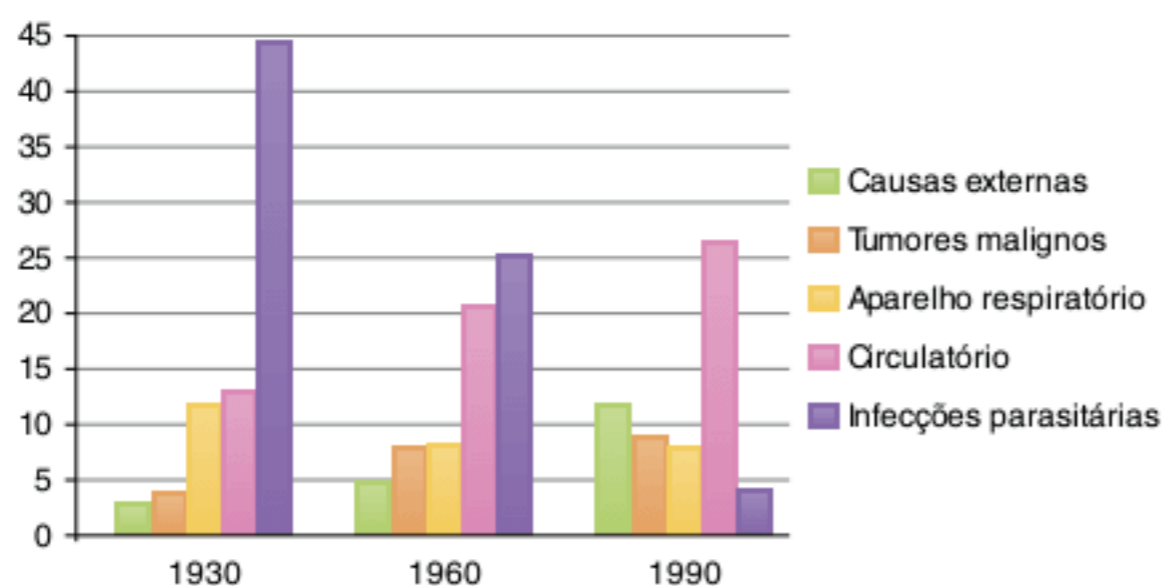
SITES

- Dossiê da revista da SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) com vários artigos e reportagens sobre a questão da qualidade de vida.
<<http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=dossie&edicao=57>>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, onde podem ser encontrados dados sobre a população e a economia brasileiras referentes às diferentes escalas.
<<http://www.ibge.gov.br/home/>>.
- Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas, onde podem ser encontrados diversos dados estatísticos sobre o Brasil.
<<http://www.ipeadata.gov.br/>>.
- Associação Brasileira de Estudos Populacionais, onde pode-se encontrar publicações variadas sobre o tema.
<<http://www.abep.org.br>>.
- Divisão de população do Departamento de assuntos econômicos e sociais da ONU, onde pode-se encontrar dados e relatórios sobre diversos temas da população mundial.
<<http://www.un.org/esa/population/unpop.htm>>.
- Fundo de população das Nações Unidas, órgão da ONU responsável por questões populacionais.
<<http://www.unfpa.org.br/novo/index.php>>.
- Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, órgão dedicado ao estudo e combate da pobreza. É quem calcula e publica anualmente o IDH.
<<http://www.pnud.org.br/home/>>.

Exercícios complementares

1 PUC-Rio 2009

Evolução de algumas causas de óbitos, nas capitais brasileiras, ao longo do século XX (1930 - 1960 - 1990), em porcentagem (%)



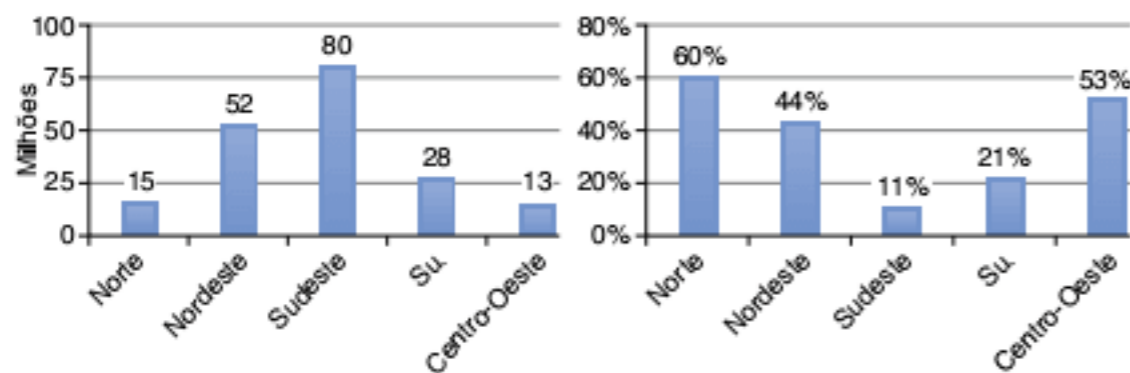
Fonte: Ministério da Saúde, 2000.

Considerando-se o crescimento urbano no Brasil no século XX:

- identifique duas causas socioespaciais, entre 1930 e 1990, para a diminuição do número de óbitos causados por infecções parasitárias.
- cite um motivo para o aumento significativo das mortes geradas por causas externas e um motivo para a ampliação das mortes na categoria aparelho circulatório.

2 Udesc 2009 A expressão “pobreza é igual à violência” é questionada por muitos pesquisadores que exemplificam situações de países mais pobres e com índices de violência menores que os encontrados no Brasil. Comente as causas socioespaciais da violência urbana no Brasil.

3 Enem 2009 (Não aplicado) Os dados dos gráficos a seguir foram extraídos da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (PNAD), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a respeito da população nas cinco grandes regiões brasileiras. O gráfico da esquerda mostra a distribuição da população brasileira, em milhões de habitantes e, o da direita, mostra o percentual da população que reside em domicílios urbanos sem saneamento básico adequado.



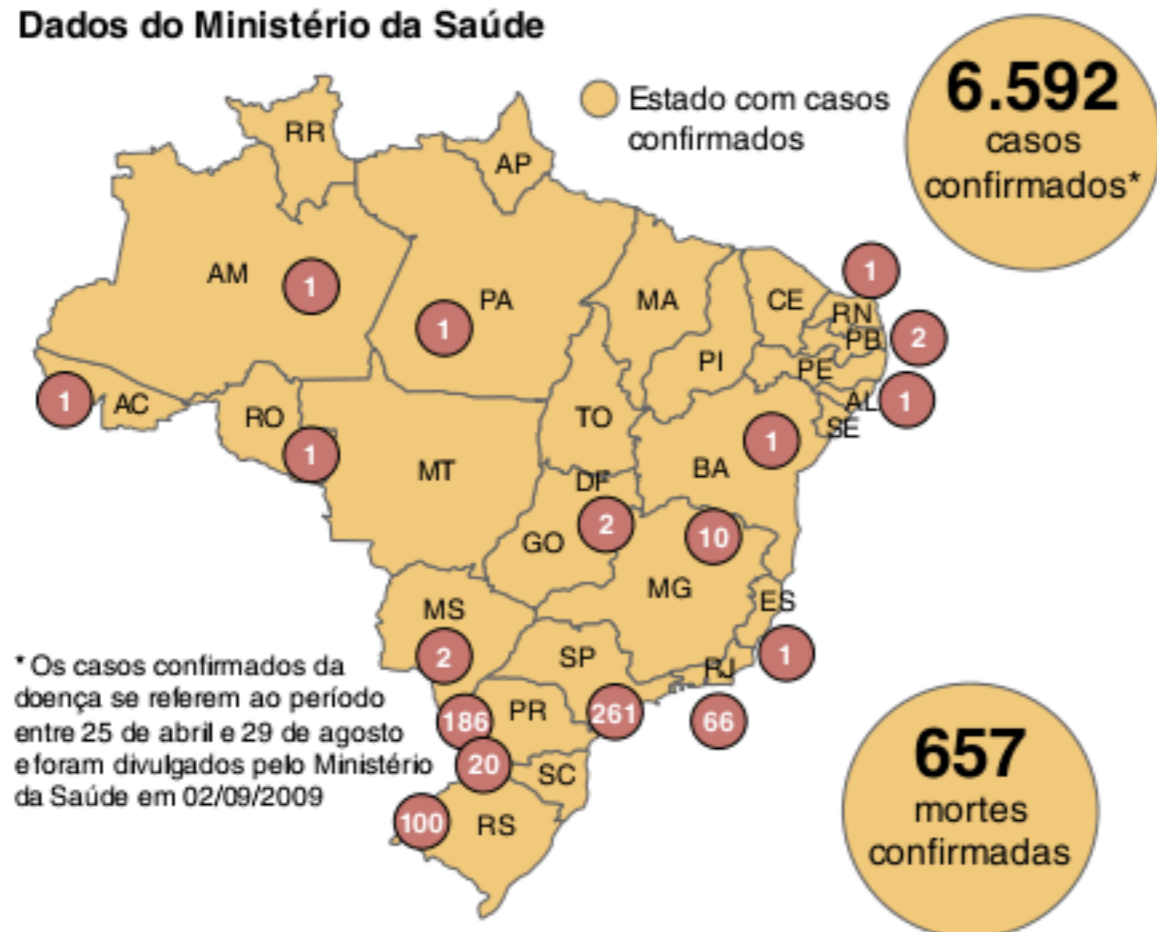
Fonte: IBGE/ PNDA, 2007. Disponível em: <www.ibge.com.br>. Acesso em: 10 out. 2008.

Considerando as informações dos gráficos, a região que concentra o menor número absoluto de pessoas residentes em áreas urbanas sem saneamento básico adequado é a região:

- (a) Norte.
- (b) Nordeste.
- (c) Sudeste.
- (d) Sul.
- (e) Centro-Oeste.

4 IFSC 2010 O mapa abaixo apresenta o número de casos confirmados e a distribuição espacial dos óbitos em decorrência da disseminação do vírus *Influenza A* no Brasil, entre 25 de abril e 29 de agosto de 2009.

Dados do Ministério da Saúde



* Os casos confirmados da doença se referem ao período entre 25 de abril e 29 de agosto e foram divulgados pelo Ministério da Saúde em 02/09/2009

Fonte: <www.folhaonline.com>. Acesso em: 11 set. 2009.

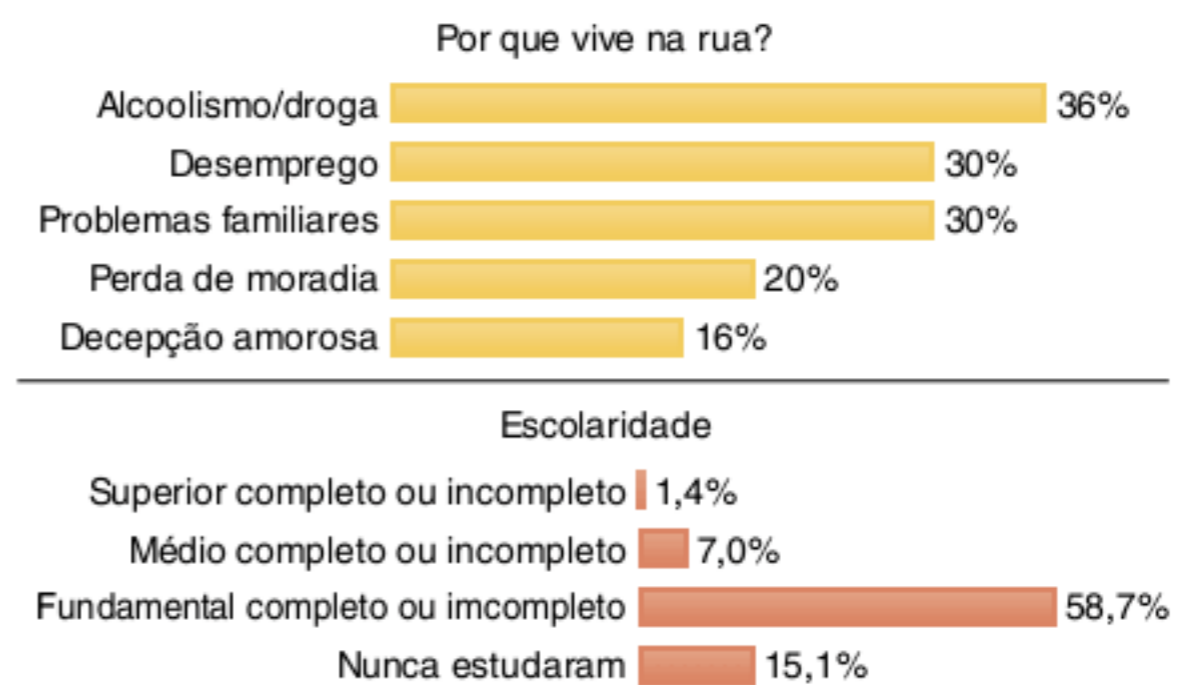
A partir da análise dos dados apresentados no mapa, é correto afirmar que:

- (a) a região Sul foi a que apresentou o maior número de mortes confirmadas em decorrência da gripe A.
- (b) o número de mortes em decorrência da gripe A foi maior no ecossistema da Amazônia, se comparado ao do ecossistema do Cerrado.
- (c) todos os estados tiveram casos e mortes confirmados em decorrência da gripe A.

- (d) a taxa de mortalidade pela gripe A, em função dos 6.592 casos confirmados, foi de 18%.
- (e) nas áreas de domínio do clima subtropical úmido e dos estados que são atravessados pelo trópico de Capricórnio foi confirmado o maior número de mortes em decorrência da gripe A.

5 Enem 2008 A vida na rua como ela é

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) realizou, em parceria com a ONU, uma pesquisa nacional sobre a população que vive na rua, tendo sido ouvidas 31.922 pessoas em 71 cidades brasileiras. Nesse levantamento, constatou-se que a maioria dessa população sabe ler e escrever (74%), que apenas 15,1% vivem de esmolas e que, entre os moradores de rua que ingressaram no ensino superior, 0,7% se diplomou. Outros dados da pesquisa são apresentados nos quadros a seguir.



Fonte: IstoÉ, 7 maio 2008, p. 21. (Adapt.).

As informações apresentadas no texto são suficientes para se concluir que:

- (a) as pessoas que vivem na rua e sobrevivem de esmolas são aquelas que nunca estudaram.
- (b) as pessoas que vivem na rua e cursaram o Ensino Fundamental, completo ou incompleto, são aquelas que sabem ler e escrever.
- (c) existem pessoas que declararam mais de um motivo para estarem vivendo na rua.
- (d) mais da metade das pessoas que vivem na rua e que ingressaram no Ensino Superior se diplomou.
- (e) as pessoas que declararam o desemprego como motivo para viver na rua também declararam a decepção amorosa.

6 UEL 2009 O processo de transição da juventude para a vida adulta, na família contemporânea, vem acontecendo de forma cada vez mais tardia em diversos países do mundo. Na sociedade brasileira atual observa-se cenário semelhante. Se, precisamente entre as décadas de 1960 e 1970, a juventude aguardava ansiosamente o momento de sair da casa dos pais e completar sua independência, hoje o jovem busca prolongar ao máximo seu caminho de transição para a vida adulta. No caso brasileiro, a "geração canguru" é constituída principalmente na família de classe média urbana.

Disponível em: <www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt_021.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2008. (Adapt.).

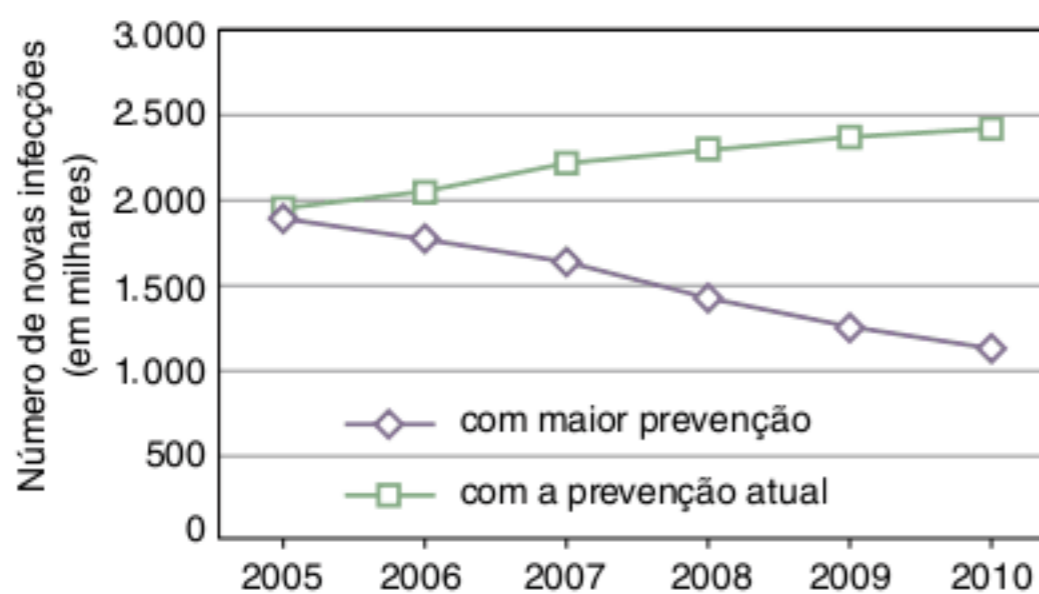
Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, são fatores que explicam o fenômeno discutido:

- I. o fato de os jovens não conseguirem ingresso imediato no mercado de trabalho.
- II. o maior tempo despendido na escola para a ampliação dos estudos.
- III. a frustração dos pais, pertencentes à geração dos anos 1960 e 1970, quanto à independência alcançada na sua juventude.
- IV. a maior instabilidade nas uniões conjugais entre homens e mulheres jovens.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- (b) Somente as afirmativas II e III são corretas.
- (c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- (e) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.

7 Enem 2006 No primeiro semestre de 2006, o Movimento Global pela Criança, em parceria com o Unicef, divulgou o relatório *Salvando vidas: o direito das crianças ao tratamento de HIV e Aids*. Nesse relatório, conclui-se que o aumento da prevenção primária ao vírus deverá reduzir o número de novos casos de infecção entre jovens de 15 a 24 anos de idade, como mostra o gráfico a seguir.



Com base nesses dados, analise as seguintes afirmações.

- I. Ações educativas de prevenção da transmissão do vírus HIV poderão contribuir para a redução, em 2008, de mais de 20% dos novos casos de infecção entre os jovens, em relação ao ano de 2005.
- II. Ações educativas relativas à utilização de preservativos nas relações sexuais reduzirão em 25% ao ano os novos casos de Aids entre os jovens.
- III. Sem o aumento de medidas de prevenção primária, estima-se que, em 2010, o aumento de novos casos de infecção por HIV entre os jovens será, em relação ao ano de 2005, 50% maior.

É correto apenas o que se afirma em:

- (a) I.
- (b) II.
- (c) III.
- (d) I e II.
- (e) II e III.

8 Ufop 2008 Analise a charge a seguir, publicada no *Jornal da Ciência* n. 597, em 11/05/2007.

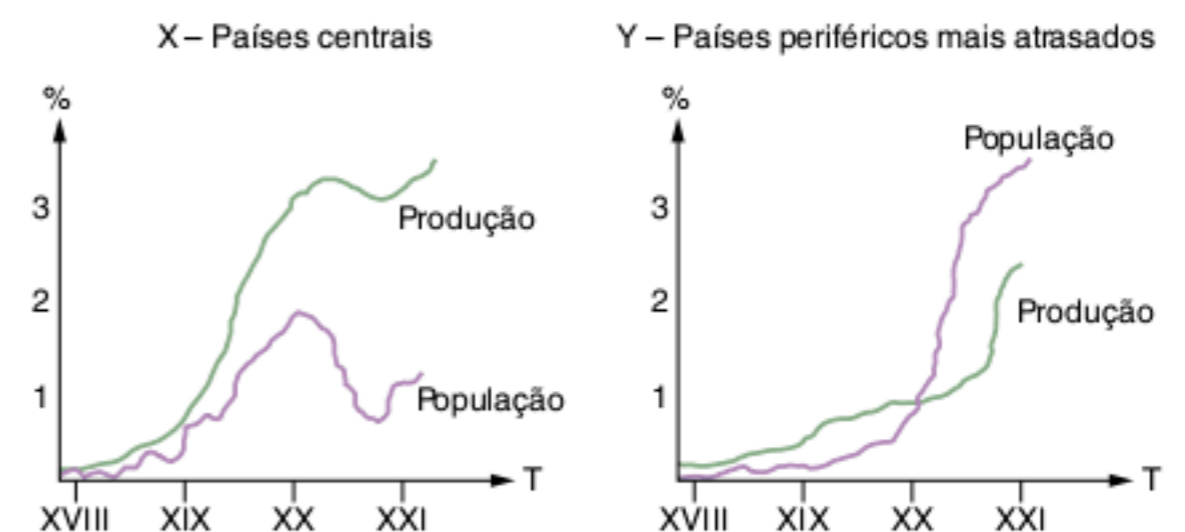
BRASIL QUEBRA PATENTE DE REMÉDIO ANTI-AIDS



Sobre a questão da relação entre Aids, países subdesenvolvidos e em desenvolvimento e as empresas farmacêuticas multinacionais, é incorreto afirmar:

- (a) a tentativa de forçar a baixa dos preços por meio da quebra de patentes fará com que a indústria farmacêutica deixe de se interessar pela solução do problema da Aids.
- (b) as empresas fabricantes dos medicamentos relutam em vender os seus produtos a preços mais acessíveis ao consumidor.
- (c) os países que possuem maior índice de contaminados também possuem maior número de pessoas que não têm recursos financeiros para arcar com os custos da medicação.
- (d) países subdesenvolvidos têm sido processados por empresas multinacionais fabricantes de medicamentos, porque se recusam a pagar *royalties*.

9 PUC-MG 2007 Responda à questão com base na interpretação dos gráficos hipotéticos referentes à “Evolução do crescimento demográfico e econômico” dos países centrais e dos países periféricos mais atrasados.



Com referência ao gráfico Y – Países periféricos mais atrasados, assinale a afirmativa incorreta.

- (a) No século XX, a expansão demográfica favoreceu um maior equilíbrio entre produção e população.
- (b) As taxas de crescimento líquido da economia desses países mantiveram-se positivas até o final do século XIX.
- (c) As maiores taxas de crescimento demográfico e econômico ocorreram ao longo do século XX.
- (d) Nos séculos XVIII e XIX, a taxa de crescimento da produção manteve-se superior à do crescimento demográfico.

10 PUC-RS 2007 A sociedade pós-industrial modifica o mercado de trabalho.

Com relação a essas modificações, é correto afirmar:

- (a) o trabalho informal diminui, e aumenta o trabalho especializado regulamentado pelos sindicatos.
- (b) o trabalho sistêmico ou rígido nos complexos industriais está presente, com o máximo de especialização.
- (c) a relação do profissional com o emprego se tornou mais flexível em horários e locais de trabalho, sendo cada vez mais valorizada a criatividade e o conhecimento.
- (d) o desemprego aumenta no setor terciário da economia, e a oferta de emprego é cada vez maior nos setores primário e secundário.
- (e) o turismo deixa de ter uma participação ativa no mercado de trabalho devido ao aumento das horas de trabalho acordado por trabalhadores e sindicatos.

11 UFSM 2007 São características da sociedade da informação, exceto:

- (a) o radical desenvolvimento do sistema de comunicação em escala global, em especial da internet, tem possibilitado a universalização do acesso à informação e também a democratização de sua geração e controle por um número cada vez maior de empresas e agências de notícias.
- (b) a expansão dos mercados e a aceleração dos fluxos de capitais, possibilitadas pela revolução tecnológica, conectam os nós do sistema financeiro global, em tempo real.
- (c) há um desigual acesso às redes e sistemas de computadores e de informação; parcelas significativas da população não usufruem da tecnologia, sobretudo entre os países do sul, onde milhares de pessoas encontram-se marginalizadas.
- (d) o domínio de vastos setores da economia, do lazer, da educação e da mídia pelas redes eletrônicas e tecnologias industriais constitui um espaço político estratégico para seus detentores.
- (e) os fluxos de informação e comunicação, assim como estimulam e defendem as artes e as ciências, colaboram para a disseminação de uma cultura global dominada significativamente pelos Estados Unidos, gerando formas de dependência e subordinação em escala planetária.

12 CPS 2008 Um jornalista está escrevendo um texto sobre o desenvolvimento desigual dos países no mundo atual com base nos dados da tabela a seguir.

Nível de desenvolvimento socioeconômico	Nível Tecnológico – Revoluções Industriais em geral alcançadas	Taxas Médias de Analfabetismo (%)	Taxas Médias de Investimento em Ciência & Tecnologia (% do PIB)
Países Desenvolvidos	1ª, 2ª e 3ª Revoluções industriais	Menos de 2 (Exemplos: EUA 1; Itália 1,6)	De 2 a 5
Países Subdesenvolvidos Industrializados	1ª e 2ª Revoluções Industriais	Entre 2 e 40 (Exemplos: Cingapura 7,5; Brasil 11,4)	De 0,5 a 1,5
Países Subdesenvolvidos Primário-exportadores	1ª Revolução Industrial	Entre 10 e 80 (Exemplos: Bolívia 13,3; Mali 76)	Menos de 0,5

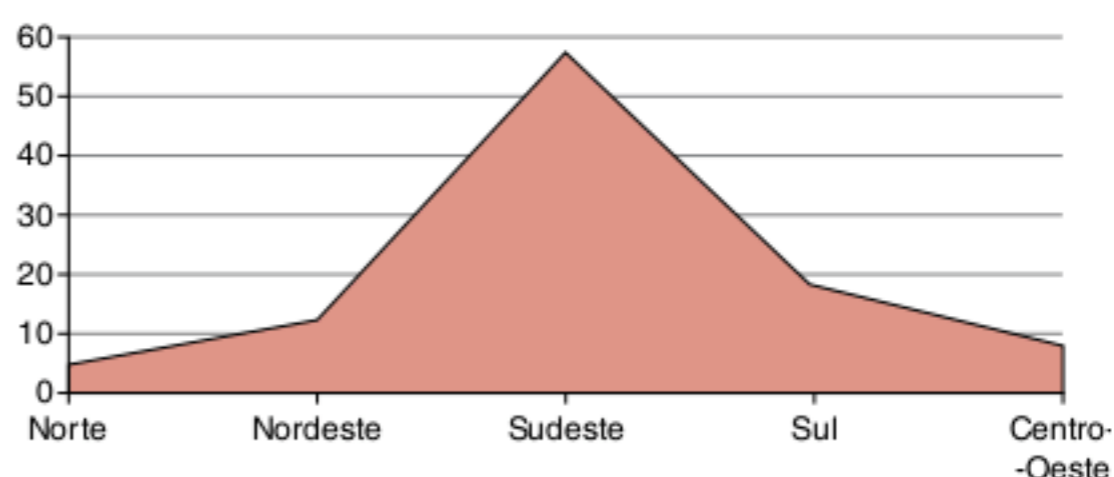
Elaborado a partir de dados do Banco Mundial/FGV, 2004 e da Unesco, 2007.

Um título adequado a esse texto jornalístico seria:

- (a) Subdesenvolvidos primário-exportadores alcançam revoluções industriais e médios investimentos globais em ciência e tecnologia.
- (b) Analfabetismo mundial é erradicado pelo nível tecnológico e pelos investimentos científicos dos países desenvolvidos.
- (c) O segredo do desenvolvimento é a popularização de mercadorias tecnológicas entre pobres e analfabetos.
- (d) Desenvolvimento socioeconômico exige bons investimentos em educação básica, ciência e tecnologia.
- (e) Países desenvolvidos diminuem taxas de alfabetização e estabilizam investimentos em ciência e tecnologia.

13 PUC-Rio 2008

Distribuição da classe média brasileira, por macrorregião (2006)



Fonte: Alexandre Guerra et al. Atlas da nova estratificação social do Brasil. 2006.

NOTA: Segundo a pesquisa, o piso e o teto da renda mensal das famílias de classe média equivaleriam, respectivamente, a R\$ 1.556,00 e R\$ 17.351,00.

No que se refere à distribuição da classe média pelas macrorregiões brasileiras:

- I. a sua menor participação nas grandes regiões Nordeste, Centro-Oeste e Norte, comparativamente ao Sudeste, é consequência das relações escravocratas no passado colonial, que perduraram até o final do século XIX.
- II. a sua concentração na grande região Sudeste se dá, dentre outros fatores, à qualificação profissional mais significativa ante os outros espaços regionais.
- III. a porcentagem representada na macrorregião Centro-Oeste ainda é pouco expressiva no total nacional, por este ser um espaço regional pouco povoado.

Das sentenças acima, qual(is) explica(m) corretamente a distribuição mostrada no gráfico?

- (a) I e II.
- (b) II e III.
- (c) Somente a III.
- (d) I e III.
- (e) Somente a II.

14 Ufop 2008 O início do século XXI tem sido marcado pela constatação de que os modelos de desenvolvimento e estilo de vida adotados pela sociedade contemporânea, caracterizada pelo aumento da produtividade e maximização do lucro, tornam-se insustentáveis e exigem mudanças profundas, sem as quais a crise social tornar-se-á cada vez mais grave.

Sobre a questão, é incorreto afirmar:

- (a) a sustentabilidade implica a alteração no padrão de valores culturais tradicionais e a adoção de uma cultura mundial homogênea.
- (b) os riscos para a sustentabilidade não são apenas os advindos do mundo natural, mas principalmente os criados pela atividade humana.
- (c) segundo alguns estudiosos, a demanda humana já pode ter excedido a capacidade regenerativa da biosfera.
- (d) uma das soluções possíveis para a questão implica a diminuição do crescimento populacional e do consumo industrial.

15 UFPE 2006 O Relatório do Desenvolvimento Humano da Organização das Nações Unidas (ONU), divulgado no ano de 2005, revela diferenças alarmantes de IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), entre os vários países do mundo. Países africanos, em geral, – como o Níger (0,281), Moçambique (0,379), Nigéria (0,453) – apresentam valores muito baixos, enquanto países como Noruega (0,963), Austrália (0,955), EUA (0,944) e Japão (0,943), por exemplo, apresentam valores elevados de IDH. A respeito deste assunto, pode-se afirmar que:

- índices de IDH mais altos estão quase sempre no hemisfério Norte.
- enormes reservas minerais, tais como o petróleo, asseguram altos índices de desenvolvimento humano para os países que as contêm.
- as potências atômicas todas apresentam os mais elevados índices de IDH.
- as diferenças contrastantes de IDH entre a África, por exemplo, e a Europa, e a persistente reprodução destas desigualdades, não têm relações histórico-causais com as interações espaciais ou geográficas que se desenvolveram nos quadros do Colonialismo Europeu, uma vez que os EUA, o Chile, o Uruguai e a Argentina, por exemplo, são ex-colônias.
- os mais elevados índices de desenvolvimento humano correspondem a países cujas geografias políticas caracterizam-se pelo elevado controle do Estado, com líderes vitalícios, pois isto evita a descontinuidade no planejamento do desenvolvimento e das melhorias sociais para toda a população.

16 UEL 2009 Com base nos conhecimentos sobre a distribuição de renda na escala mundial, considere as afirmativas a seguir.

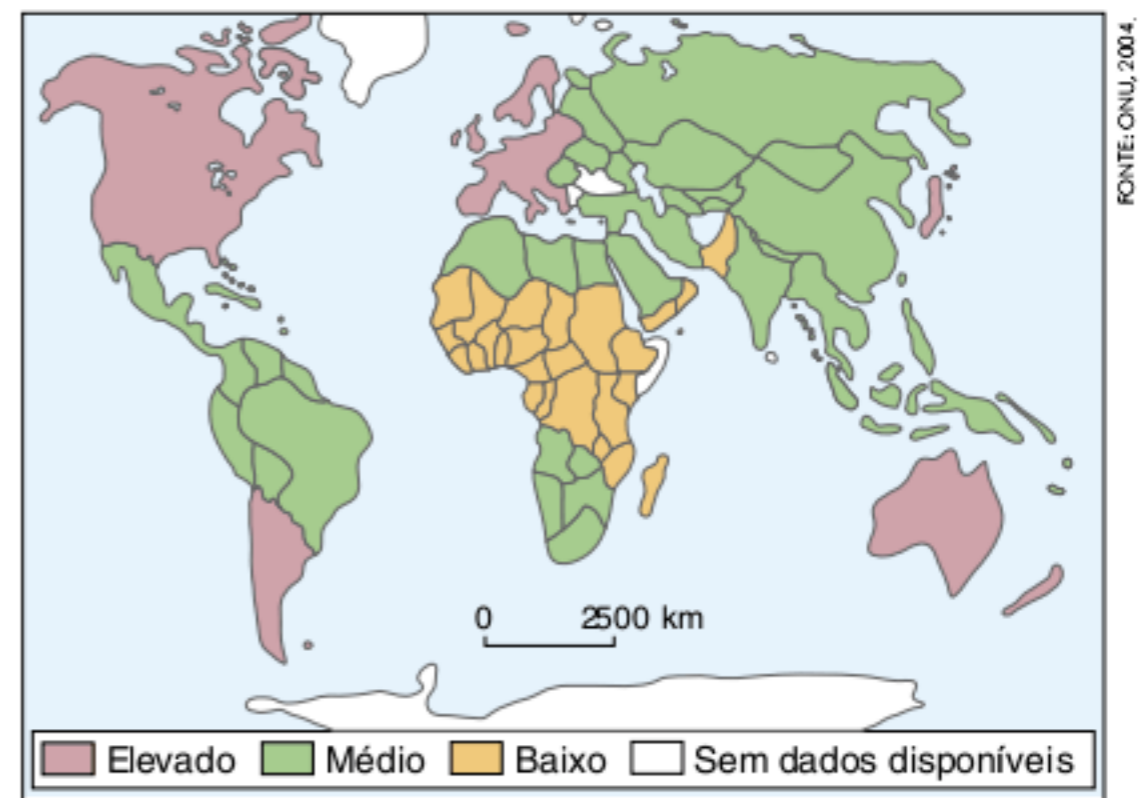
- I. No início do século XXI, cerca de 2,8 bilhões de pessoas – duas entre cada cinco no planeta – sobreviviam com menos de US\$ 2 por dia, o que as Nações Unidas e o Banco Mundial consideram como mínimo para atender às necessidades básicas.
- II. Também no início do século XXI, aproximadamente 1,2 bilhão de pessoas viviam sob “extrema pobreza”, com uma renda diária média de US\$ 1.
- III. Na América Latina, em termos absolutos, as pessoas em condições de extrema pobreza residentes em zonas rurais superam numericamente aquelas que residem nas zonas urbanas.

IV. A África Subsaariana tem ficado essencialmente à margem da prosperidade vivida pela maior parte do mundo nas últimas décadas.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- (b) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- (c) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, II e IV são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

17 UFPE 2007 Com base na análise do mapa sobre a distribuição do IDH mundial, em 2002, analise as proposições seguintes.



- A Austrália é o único país da Oceania a possuir um IDH elevado.
- Na América Latina, o maior índice é visto apenas no Chile e na Argentina.
- Na América Anglo-Saxônica, esse indicador se apresenta superior a 0,8, o que lhe garante uma condição de elevado.
- A maior parte dos países africanos possui um IDH inferior a 0,5, estando, portanto, bastante distante de 1, valor máximo a ser alcançado pelo referido índice.
- De acordo com o mapa apresentado, podemos concluir que os países que apresentam os mais elevados IDHs correspondem àqueles considerados como desenvolvidos.

Regiões e regionalização do espaço brasileiro



Evitemos de imediato a sedutora tentação de procurar responder definitivamente à questão – o que é região – estabelecendo uma validade restritiva para este conceito, como se a ciência fosse um tribunal onde se julgasse o direito de vida e de morte das noções. Parece bem mais salutar começar justamente pelo oposto, reconhecendo a existência da noção de região em outros domínios, que não os da ciência e, o mais importante, reconhecendo, ao mesmo tempo, a variedade de seu emprego no âmbito da própria ciência e particularmente na Geografia.

Paulo Cesar da Costa Gomes. In: *Geografia: conceitos e temas*.
10 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

Integração do território e divisão territorial do trabalho

A partir da transição de uma economia agroexportadora para uma urbano-industrial, o território nacional passou por um processo de integração. As ilhas de economia do território em arquipélago fundiram-se em um território integrado para favorecer o desenvolvimento de uma economia **voltada para dentro**. Sistemas de transporte, comunicação e energia foram construídos com o objetivo de criar uma base territorial para a efetivação do mercado interno.

O processo de integração do território seria, portanto, uma união entre as antigas ilhas de economia agroexportadora, formando uma única economia urbano-industrial. Essa ideia dá a impressão de criar uma igualdade entre as diferentes partes do território nacional. Entretanto, observando nosso país atualmente, não podemos constatar um território homogêneo, com condições de vida iguais em toda a parte, muito menos com estruturas econômica e espacial iguais. O sertão nordestino, por exemplo, continua se caracterizando como uma região de pecuária extensiva, extrema miséria, analfabetismo e assim por diante. Será, então, que o processo de integração do território nacional ainda não deu conta de igualar a vida nas regiões brasileiras? Será que ele está incompleto?

Tendo em vista o processo de integração do território, tanto o sertão nordestino quanto a capital paulista ou a Amazônia, participam efetivamente da nova economia urbano-industrial, porém os papéis são diferentes. Há o que chamamos **divisão territorial do trabalho**.



Fig. 1 Agricultura de pequeno porte no Brasil.

Mesmo a economia brasileira sendo caracterizada como urbano-industrial, por ter um grande número de indústrias e a maioria da população morar em cidades, não é verdade que tenhamos nos livrado das necessidades econômicas que tínhamos na economia agroexportadora. Primeiramente, a própria produção de bens primários para exportação continua sendo uma necessidade da economia brasileira. Além dela, a produção de alimentos a baixos custos para a população urbana e de matéria-prima para as indústrias instaladas no Brasil também não podem deixar de existir. Sendo assim, foi preciso que se

estruturasse, durante o processo de integração, uma divisa territorial do trabalho, ou seja, cada região adquiriu um papel para a manutenção da totalidade da economia nacional. A partir dessa necessidade, o território passou a se estruturar em regiões muito desiguais, mas sempre interdependentes. Para estudarmos essas regiões que se formaram no território nacional, é preciso, antes de tudo, entendermos o que é uma região.

Observação: Utilizamos o termo “território em arquipélago” para falar da organização espacial da economia brasileira até o início do século XX. Naquele período, cada região do país havia desenvolvido atividades econômicas mais ligadas ao exterior do que ao restante do território nacional. Assim sendo, existia, entre tais regiões, certo isolamento. No caso das migrações, a situação de território em arquipélago desestimulava os fluxos, ao passo que a integração do território nacional, processo pelo qual as “ilhas” de economia se interligaram, passou a intensificá-los.

Região e regionalização

Quando usamos a palavra região no dia a dia, temos intenção de delimitar uma área do espaço em que encontramos algumas características das quais estamos tratando. Por exemplo, se nos referimos à área mais arborizada da cidade, tomamos como critério a concentração de árvores e definimos a tal região. Podemos também falar da região mais pobre do estado de São Paulo ao tomarmos algum índice de pobreza como critério para demarcarmos uma área, dando-lhe o *status* de região.

Em Geografia não é muito diferente. O conceito de região varia de acordo com os critérios que estão sendo considerados para defini-lo. Se tomarmos como referência as características físicas de uma área, poderemos definir uma região como natural, por exemplo. Se quisermos saber qual a região que tem determinada função econômica, como a indústria, podemos definir uma região como funcional. A definição dos critérios a serem utilizados e sua aplicação na definição das regiões é o que chamamos regionalização.

É possível pensar: se a definição do que é uma região depende dos critérios utilizados, qualquer um pode fazer a sua própria regionalização. A partir dessa ideia, as regiões seriam relativas ao gosto de cada um. Contudo, antes de delimitar o espaço de acordo com as características que queremos encontrar nele, é bom fazermos uma reflexão sobre as consequências de se utilizar cada conceito de região.

Região natural

A região natural é um conceito muito comum entre alguns geógrafos do século XIX, que seguiam a linha do determinismo ambiental. No contexto do imperialismo europeu – quando as potências econômicas europeias estavam dominando os países africanos e asiáticos com a intenção de garantir a venda de seus produtos e a aquisição de matéria-prima barata – muitos estudiosos acabaram justificando a dominação europeia pelos estudos que se pretendiam científicos, mas que discriminavam as sociedades dos outros continentes e as classificavam como inferiores pela raça ou pelo meio em que viviam.

Outro problema da análise dos possibilistas é que estes tomam a região como algo fechado em si mesmo. Como se realmente a relação entre o homem e a natureza em uma área pudesse caracterizar por si só essa área. Esquecem que a relação entre os lugares do mundo vem ocorrendo desde a Antiguidade e que, portanto, não podemos falar em regiões isoladas. Isso é importante porque, se entendemos que não há isolamento entre as regiões, podemos ter a noção de que as características de cada uma delas não são formadas apenas pela relação homem-natureza que nela se dá, mas depende também da relação do povo de uma região com os povos das outras.

Região homogênea

Após a Segunda Guerra Mundial, surge nos Estados Unidos a Nova Geografia, uma corrente que procura unir a análise do espaço geográfico às técnicas estatísticas. Os geógrafos que seguem esse objetivo buscam utilizar-se do maior número possível de dados estatísticos para criar uma espécie de média das características espaciais, para, dessa forma, criar uma regionalização do espaço mais calculável.

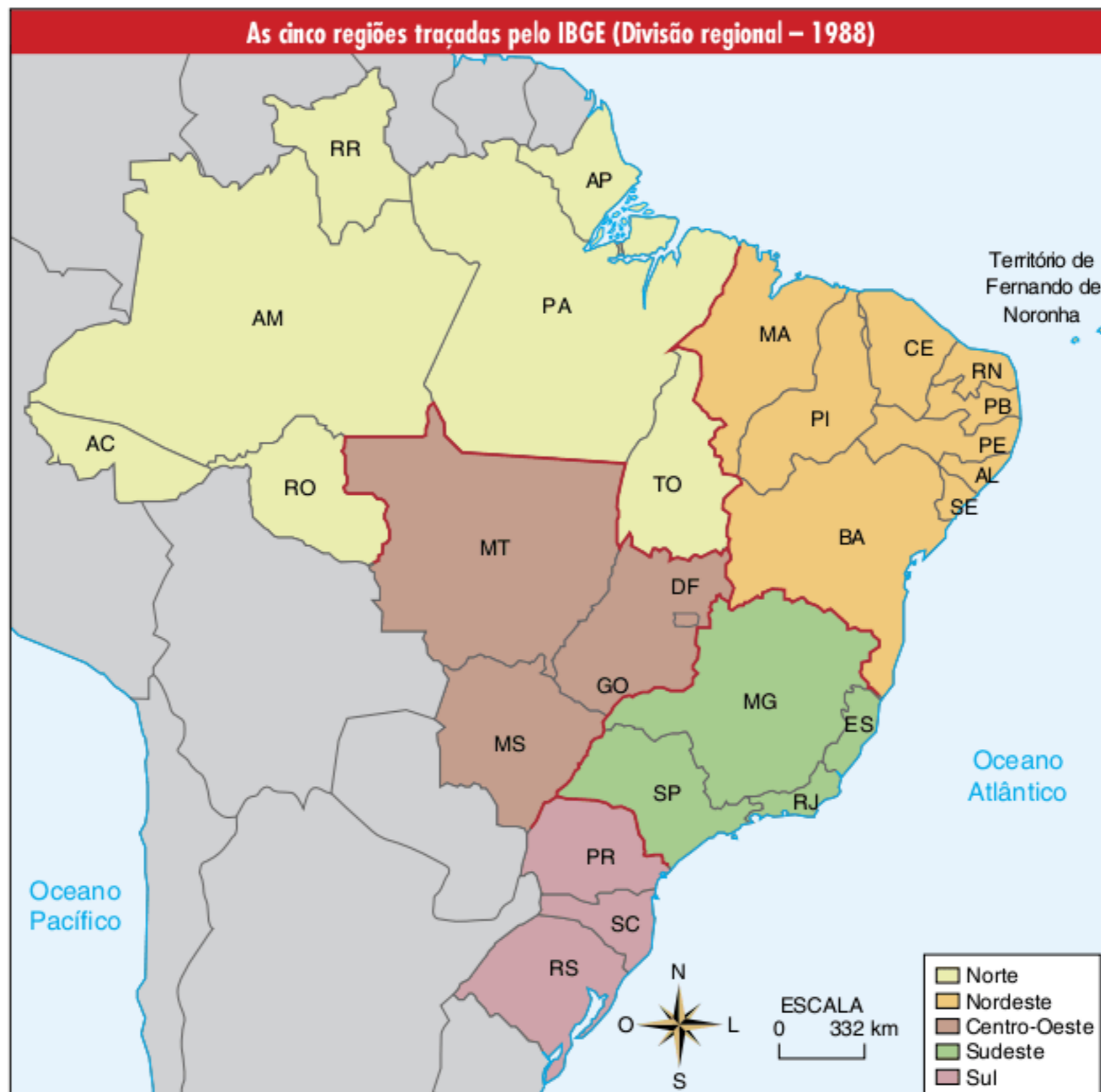
Pretende-se, com isso, que a divisão do espaço em regiões seja feita por um método mais científico e mais exato, ao invés de se basear na observação das paisagens de cada área. Índices de industrialização, de densidade demográfica, de renda *per capita*, de natalidade e mortalidade, tipos climáticos e vegetação são alguns dos critérios utilizados para se delimitar as tais regiões homogêneas.

No Brasil, esse método de regionalização foi utilizado pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), que criou a

regionalização oficializada pelo Governo Federal em 1969. Essa regionalização baseia-se na região homogênea e não rompe com a divisão política entre os estados. Dessa forma, temos a criação de cinco macrorregiões compostas por um conjunto de estados que se encaixam melhor na média dos índices estatísticos considerados.

Um dos grandes problemas dessa regionalização é, primeiro, a descon sideração de que os fenômenos sociais e naturais que se procuram analisar não coincidem com as divisões políticas entre os estados. Em virtude disso, acaba-se juntando dentro de uma mesma região áreas e populações que têm características de outras regiões mais próximas. Um exemplo é o norte de Minas Gerais, que é muito mais parecido com o sertão nordestino, tanto natural como socialmente, do que com o restante da região Sudeste.

Outro problema é a crença na exatidão das médias estatísticas. Na realidade, sabemos que muitas coisas não podem ser medidas, como a história de exploração de um povo ou a cultura de determinado grupo populacional. Por causa desses problemas, a regionalização homogênea criada pelo IBGE só é eficiente na obtenção de dados estatísticos realizada pelo próprio instituto. Mesmo assim, tem-se um grande problema para o estudo e a análise da realidade brasileira, que é o da obtenção de dados, ou seja, como estes são obtidos levando-se em consideração as cinco macrorregiões. Os estudiosos das mais diversas áreas acabam baseando seus estudos nessa regionalização, que nem sempre é a mais adequada, mas que é a única possível, em razão da necessidade dos dados econômicos, populacionais ou mesmo naturais.



Região e divisão territorial do trabalho

Para essa análise dos conceitos de região, vamos nos ater a uma definição que nos dê formas de melhor analisar a realidade brasileira. Primeiramente, é preciso lembrar que o meio natural é sempre modificado pelo homem de acordo com suas necessidades e possibilidades, assim, descartamos a ideia do determinismo ambiental.

Contudo, é importante lembrar que, na economia capitalista que começou a se espalhar pelo mundo após a expansão marítima, não há possibilidade de isolamento, o que nos faz entender que as regiões não estão isoladas, mas sim interligadas de alguma forma.

Se o capitalismo é um sistema econômico que vem se expandindo pelo mundo todo há alguns séculos, como temos tantas desigualdades entre os países e o interior de cada um deles? O fato é que o capitalismo vem se tornando um sistema econômico mundial com base em uma divisão territorial do trabalho. Ou seja, a necessidade de produzir mercadorias com níveis tecnológicos diferenciados (da extração vegetal à indústria de tecnologia de ponta) acaba formando uma repartição de papéis nesse sistema produtivo global. Algumas regiões acabam se especializando na produção de alguns bens primários ou manufaturados e trocam suas produções com as outras regiões, as quais produzem o que a primeira não produz.

A essa repartição da produção damos o nome de divisão do trabalho; como ela toma forma em uma divisão do trabalho por

regiões diferentes do espaço, utilizamos o conceito de divisão territorial do trabalho. Essa divisão se dá quando cada região do planeta ou de um país passa a ocupar determinado lugar no todo da economia mundializada. Essa posição varia de acordo com o nível tecnológico de produção, com a especialização e o preço da mão de obra, com as condições de vida das pessoas e assim por diante. Podemos, portanto, fazer uma regionalização baseada na divisão territorial do trabalho, que pode ser muito útil para entendermos porque há melhores ou piores condições de vida em cada região do mundo. Vejamos, a seguir, como podemos entender melhor nosso país a partir dessa regionalização.

A divisão territorial do trabalho no Brasil

À medida que se foi dando a integração do território nacional, baseada em um modelo econômico de desenvolvimento do mercado interno, as regiões brasileiras, que até então se relacionavam comercialmente mais com o exterior que entre si, passam a se constituírem como partes de uma divisão territorial do trabalho. Partes do território nacional passaram a se caracterizar por uma economia industrial relativamente moderna, enquanto outras por uma economia de subsistência agropecuária ou extrativista. Essas características não são tão contraditórias quanto parecem; na verdade, elas é que dão a base para a divisão do trabalho no território nacional. Assim, podemos definir três grandes complexos regionais no país, chamados também complexos geoeconômicos, que são: Centro-Sul, Nordeste e Amazônia.



Centro-Sul

Começar pelo Centro-Sul é uma necessidade da análise. Essa região caracteriza-se não apenas como a mais industrializada e modernizada do país, mas também é o centro de todo o processo de modernização que levou à formação do território nacional integrado.

Como já vimos anteriormente, o processo de modernização pelo qual passou a economia e o território brasileiros é uma tentativa de se aproximar do modelo econômico e social dos países capitalistas centrais. Vimos também que, para esse processo se concretizar, foram fundamentais as ações políticas e econômicas da elite brasileira e não somente uma postura de dominação econômica por parte das grandes potências capitalistas. Agora é importante destacarmos que muito do que se fez para a efetivação da modernização brasileira partiu da região Centro-Sul.

Muitos já pensaram que essa região é a mais desenvolvida do país por contar com um clima mais favorável para o trabalho ou com uma população mais acostumada a ele. Na verdade, o que ocorreu para que houvesse uma concentração das atividades econômicas modernas nessa região pode ser explicado muito bem pela história. À época da crise do modelo econômico agroexportador, São Paulo concentrava as melhores condições para um desenvolvimento urbano-industrial, já que coincidentemente era a região que se especializara no produto agrícola mais lucrativo da época: o café.

A economia cafeeira surge no Rio de Janeiro, passa pelo Vale do Paraíba e, com a instalação das primeiras ferrovias, começa a se espalhar pelo interior paulista, aproveitando-se da fértil terra roxa ali presente. No final do século XIX, houve

uma grande expansão dessa atividade agrícola, o que levou a um aumento expressivo de fazendas produtoras de café. Muitos comerciantes compravam terras devolutas do interior do estado ou falsificavam seus títulos de propriedade, com o objetivo de destamá-las e transformá-las em áreas cafeeiras, vendendo-as posteriormente a pessoas interessadas em investir seu dinheiro em um negócio bastante lucrativo. Dessa forma, foi se expandindo a rede ferroviária no oeste paulista, sendo construída pelos próprios cafeicultores e tendo como função escoar a produção até a cidade de São Paulo e daí para o porto de Santos. Assim, a capital paulista torna-se um grande centro de ligação entre as ferrovias que vinham das regiões produtoras de café do interior em direção ao porto de exportação.

Essa situação espacial favorável deu a São Paulo o *status* de importante cidade comercial, na qual se faziam os principais negócios ligados à exportação do café e à importação dos bens manufaturados da Europa. Os bancos e as empresas de comércio externo faziam da cidade o seu lugar predileto. Com isso a cidade adquiriu algumas características que foram bastante interessantes para a instalação das indústrias: mercado de consumo relativamente desenvolvido, acúmulo de capitais nos bancos e nas empresas de exportação, infraestrutura espacial favorável (ferrovias, o porto de Santos, a produção de energia elétrica e a própria cidade).

Com tais características, a cidade tornou-se o centro da transição do modelo econômico agroexportador para o urbano-industrial. Primeiramente, com os próprios capitais acumulados pelos bancos e pelos comerciantes de café foram construídas as primeiras indústrias do processo de substituição de importações, principalmente no setor têxtil e de alimentos. Em seguida, no



momento do crescimento econômico baseado naquilo que anteriormente chamamos tripé econômico, concentraram-se na região os investimentos estatais para a melhoria dos objetos técnicos que davam suporte à vinda das indústrias multinacionais especializadas em bens de consumo duráveis, como os automóveis e os eletrodomésticos.

Portanto, pode-se verificar que o processo de modernização brasileiro inicia-se pelo estado de São Paulo, mas de imediato toma uma proporção mais ampla, atingindo toda a sociedade brasileira, em todas as partes do território nacional. A primeira grande consequência da industrialização de São Paulo foi o fim do isolamento entre as regiões do país e a decadência das pequenas manufaturas locais. Como as indústrias paulistas tinham melhores condições econômicas e políticas para o crescimento, acabaram infiltrando seus produtos nas principais cidades do Nordeste e do Sul, levando ao início da divisão territorial do trabalho, ao reproduzir o mesmo esquema centro-periferia que caracterizava a relação entre cada região brasileira e o mercado externo.



Fig. 3 O próprio governo contribuiu para a concentração do desenvolvimento ao reunir suas grandes obras no Centro-Sul.

Enquanto a industrialização se concentra nas capitais do Sudeste ou em regiões a elas próximas, a decadência econômica e a submissão à economia do Centro-Sul passam a dominar as outras regiões do país. Em muitas dessas áreas, nas quais ocorre uma grande recessão econômica, há um forte processo de emigração, caracterizado pela saída da população, principalmente do Nordeste e do interior de Minas Gerais, em direção a São Paulo, ao Rio de Janeiro e a Belo Horizonte. Essa população recém-chegada vai formar um grande exército de mão de obra para as indústrias que se montavam e para as obras governamentais da economia em tripé.

Em virtude desse processo de concentração de indústrias e de investimento estatal, a região veio a se tornar a de maior atividade econômica do país, contribuindo com mais da metade da produção de riquezas. Pelo mesmo motivo, desenvolveram-se sub-regiões associadas ao desenvolvimento econômico de São Paulo, envolvendo a criação de uma forte indústria alimentícia nos estados do Sul e do Centro-Oeste. São exemplos importantes empresas como a Sadia e a Perdigão, ou, também, as grandes fazendas de plantio de soja em Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e oeste da Bahia. É

por isso que podemos considerar algumas áreas do Centro-Oeste e do Sul como partes integrantes da região Centro-Sul.

Ainda sobre a concentração econômica na região, é preciso destacar que as grandes cidades nela localizadas, principalmente São Paulo e Rio de Janeiro, têm uma grande influência sobre as decisões econômicas do restante do país. São o que chamamos centros de decisão, ou seja, os lugares de onde a economia brasileira é efetivamente dirigida, pelos bancos, pelas bolsas de valores e escritórios das grandes empresas nacionais e estrangeiras.



Fig. 4 Os centros de decisão das grandes empresas estão nas metrópoles do Centro-Sul.

Contudo, mesmo sendo a região de maior concentração econômica do Brasil, o Centro-Sul pode ser subdividido em regiões menores, já que não há uma homogeneidade entre todas as áreas, mesmo se considerarmos apenas o estado de São Paulo, por exemplo. No caso desse estado, encontramos áreas de agricultura comercial desenvolvida, como as das regiões de Piracicaba, Bebedouro e Ribeirão Preto, e, ao mesmo tempo, áreas de agricultura tradicional e extrativismo, como o Vale do Ribeira, na região sul do estado.

Nordeste

O Nordeste brasileiro carrega atualmente uma imagem de miséria e seca, principalmente se visto a partir do Centro-Sul. A ideia que se tem sobre essa região é, geralmente, que o seu maior problema é o clima semiárido, o qual seria a grande causa da pobreza e do atraso. Todavia tanto a imagem de uma grande “região problema” como a real situação de miséria são produtos do processo de integração do território nacional e não de uma característica natural intrínseca à região.

É de conhecimento geral que a região da Zona da Mata nordestina, situada no Nordeste oriental, foi a primeira área de ocupação intensa no período da colonização. Até o início do século XVIII, era ali que se concentrava a riqueza do território. Já nesse período, há uma subdivisão da área produtora de açúcar. A cidade de Recife constituía o polo de exportação das áreas canavieiras dos estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Rio Grande do Norte, considerados, até então, os estados nordestinos. Já Salvador funcionava como o outro porto de exportação açucareiro, centralizando a produção da Bahia e de Sergipe, os quais não eram vistos como estados nordestinos.



Fig. 5 Essa é a imagem que costumamos ter em relação ao Nordeste. Mas será só isso?

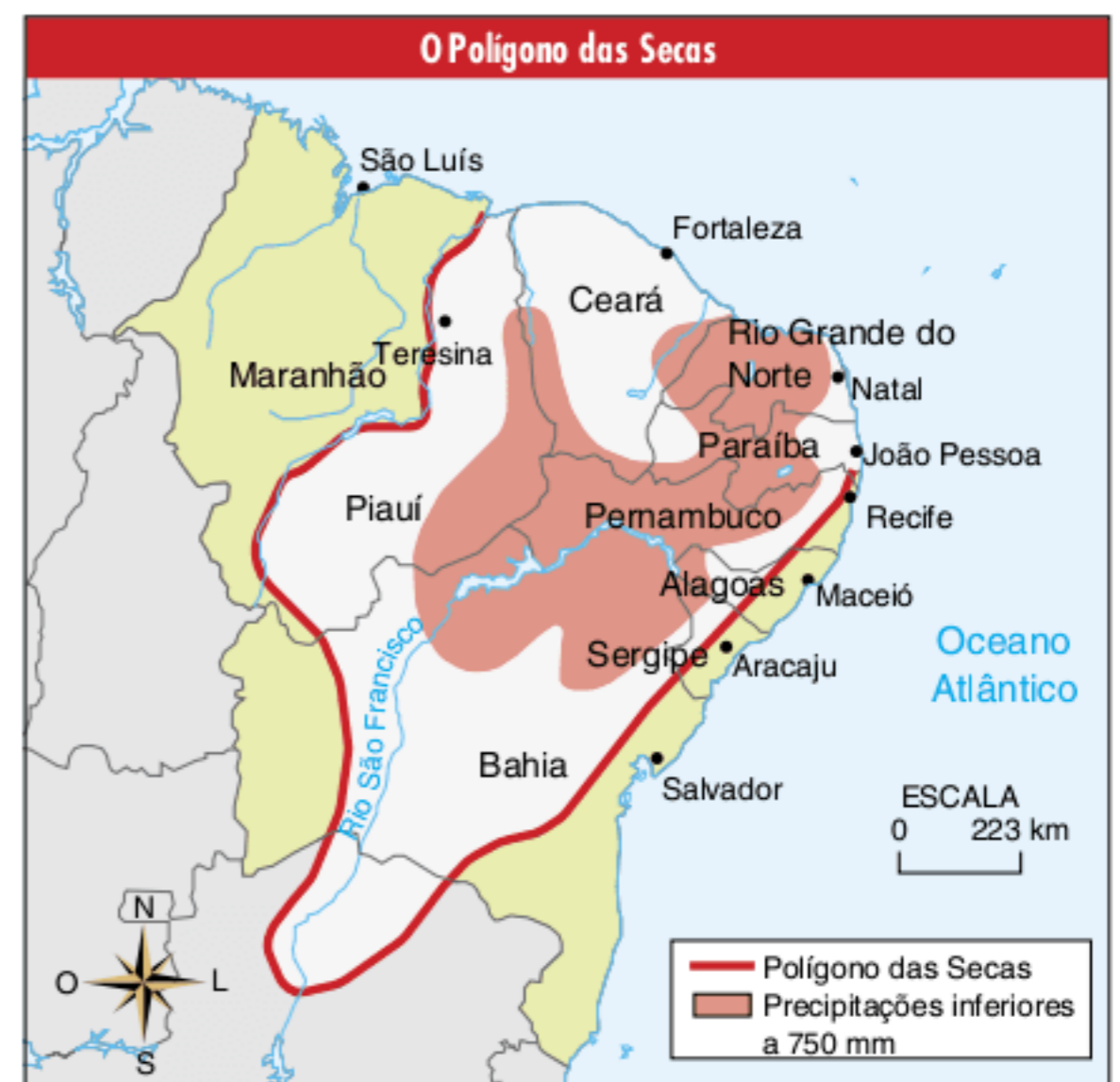
Por causa da grande demanda por açúcar no mercado internacional, essas áreas produtoras não se dedicavam à produção de subsistência, ou seja, de alimentos, a qual começava a se desenvolver no Agreste, em pequenas e médias propriedades, e no sertão, especializado em pecuária extensiva. A pecuária do sertão tinha uma característica bastante diferente em relação ao restante da região Nordeste, a produção não se dava em forma de *plantation* (latifúndio com mão de obra escrava ou assalariada barata), como era o caso do açúcar, nem em pequenas e médias propriedades como ocorria no Agreste. O Sertão, mesmo sendo caracterizado por uma grande concentração da propriedade da terra, produzia pecuária por meio da atividade dos meeiros e parceiros, camponeses que davam parte de suas produções aos donos das terras – os coronéis – como forma de pagamento pelo seu uso.

A industrialização dos países europeus e dos Estados Unidos, elevando a demanda internacional por algodão, juntamente com as boas condições naturais do sertão para abrigar tal produto, acabou levando à transformação desta área de pecuária extensiva no Nordeste algodoeiro-pecuário. Os camponeses trabalhavam nos latifúndios plantando algodão e produtos de subsistência, grande parte de suas produções individuais eram destinadas aos coronéis, que as vendiam para as grandes empresas internacionais compradoras do algodão. O Sertão havia se transformado em um grande algodão, dividido em pequenas produções familiares, mas que se estendia por grande parte dos estados do Ceará, Pernambuco e Bahia.



No final do século XIX, pouco antes de iniciar-se o processo de integração do território, a situação era a seguinte: na Zona da Mata continuava existindo uma intensa produção de cana-de-açúcar, mesmo tendo perdido sua importância em consequência da incapacidade de competir com a produção das Antilhas; no Sertão, encontrava-se a atividade mais lucrativa da região, a produção de algodão para exportação; no Agreste, concentrava-se uma produção de subsistência baseada nas pequenas e médias propriedades; por último restava, ainda, a sub-região denominada Meio-Norte, que inclui o estado do Maranhão e parte do Piauí, caracterizados por uma economia mais vinculada à região Amazônica, baseada no extrativismo vegetal.

Até então, não se via esse conjunto de regiões como a região Nordeste do Brasil, não havia características em comum que pudessem englobá-las em uma tal classificação. A seca, por exemplo, ao contrário do que se pensa, não é um problema para a região Nordeste. Não que ela não exista, ela é real, porém, não tem a importância que se imagina no conjunto da região. Primeiramente, é preciso diferenciar a seca do clima semiárido. O clima de parte do Nordeste é realmente mais seco que o do restante do país, principalmente na área do chamado **Polígono das Secas**. No entanto, em outras áreas, como a Zona da Mata (na qual aliás está a maior parte da população e os maiores problemas sociais), não existe clima semiárido, muito menos seca. As secas são períodos de queda intensa da pluviosidade abaixo dos índices normais do clima semiárido e ocorrem periodicamente, com duração normal de dois a três anos.



Na realidade, o problema das secas não tinha grande destaque nos assuntos do governo e nem mesmo para a população nordestina até o fim do século XIX. As áreas afetadas eram pouco povoadas e divididas entre alguns grandes proprietários, que só as utilizavam para “emprestar” aos pequenos pecuaristas, os quais pagavam por esse “empréstimo”, dando parte da produção ao coronel. Só com a intensificação da lucrativa produção de algodão é que se desenvolveu uma preocupação com

as secas, o que fica evidente com a fundação da IFOCS (Inspeção Federal de Obras Contra as Secas) em 1909, transformada posteriormente em DNOCS (Departamento Nacional de Obras Contra as Secas).

Por meio do DNOCS, o problema das secas tomou uma dimensão no imaginário dos brasileiros maior do que tinha na realidade. A tentativa de solucionar esse problema requeria do Governo Federal grandes investimentos na área, os quais serviram para a construção de açudes, represas e poços para a obtenção de água na região. O que não se considerou é que as terras nas quais essas obras eram realizadas pertenciam (e ainda pertencem) aos coronéis da economia algodoeira-pecuarista; por isso, só a eles interessava os investimentos. Além das obras de irrigação, estradas também foram construídas para possibilitar o escoamento do algodão. O mais interessante é que tais obras eram realizadas geralmente nas épocas de secas, quando a população estava passando fome e trabalhava nas frentes de trabalho do governo em troca de pratos de comida, nada muito diferente do trabalho escravo.

A integração do território e a formação do Nordeste

Na verdade, o Nordeste propriamente dito, como o vemos hoje, passa a se formar com a integração do território nacional. Aquelas sub-regiões, que pouco tinham em comum até o momento em que o território se organizava em ilhas autônomas de economia (o território em arquipélago), passam a ter uma característica fundamental em comum: a estagnação econômica. Com o desenvolvimento da industrialização no Centro-Sul, acompanhada pela intensificação de uma agricultura moderna voltada para os mercados nacionais e internacionais, forma-se o mercado interno. Nesse mercado, que não é mais regional, mas sim nacional, a economia nordestina enfrenta uma concorrência difícil de ser vencida. Os produtos industriais de São Paulo penetram a baixos preços nas cidades nordestinas e acabam com as pequenas manufaturas que estavam se formando. Enquanto isso, os bens agrícolas produzidos no Centro-Sul conseguem tomar porções importantes do mercado nacional e internacional em relação aos produtos do Nordeste.

Nas cidades, já relativamente grandes, da Zona da Mata, o desemprego cresce violentamente. Entretanto, o obstáculo maior está no campo; os pequenos produtores têm que tentar aumentar sua produção agrícola para fazer frente aos produtos do Centro-Sul e, para isso, esbarram no maior problema do Nordeste, que é a concentração da propriedade da terra. Os coronéis cobram, dos pequenos produtores, parte da produção como pagamento pelo uso de seus latifúndios, o que encarece o produto e não dá possibilidade de o pequeno produtor continuar sobrevivendo no campo. Com esse processo, o êxodo rural torna-se um grande problema do Nordeste, milhares de pessoas deixando a região do Sertão e do Agreste e se amontoando nas cidades com poucas condições para a criação de empregos. As consequências não poderiam ser outras: grandes áreas de favelas e cortiços.

As tensões sociais que surgem nesse momento, como é o caso das Ligas Camponesas, vão levar às condições para a criação da Sudene. A Superintendência para o Desenvolvimento do

Nordeste nasce em 1959, como um órgão de planejamento estatal que se pretende redentor dos problemas sociais da região. A atuação desse órgão se deu, principalmente, de duas formas: concessão de incentivos fiscais para a instalação de indústrias modernas no Nordeste e criação de subsídios para sustentar a continuidade de atividades agrícolas, principalmente a produção açucareira.

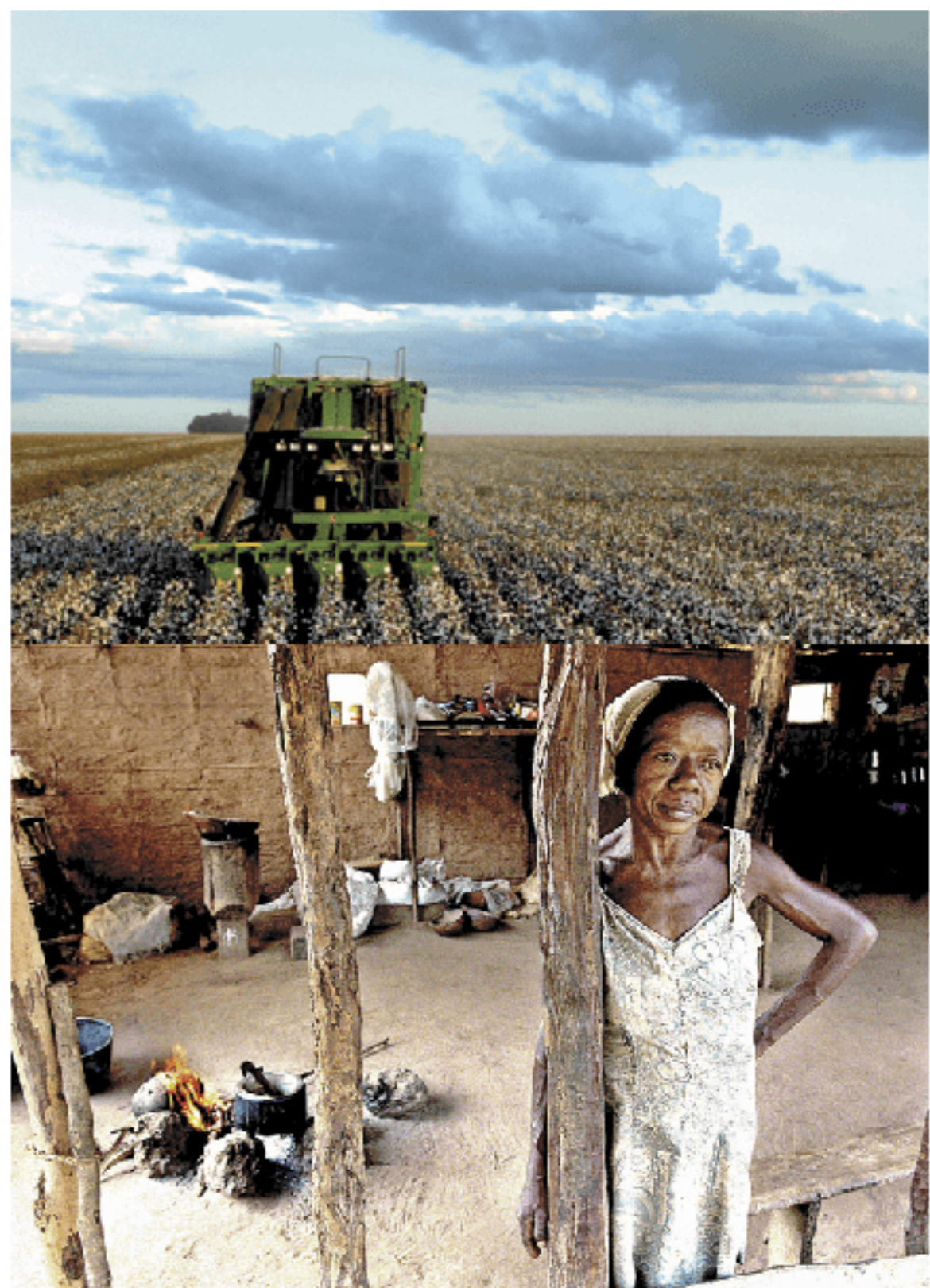


Fig. 6 Riqueza e pobreza no Nordeste.

A isenção do imposto de renda em até 50% para empresas que se instalassem no Nordeste não resolveu o problema de emprego para a população da região, já que acabou criando um tipo de industrialização que absorve pouca (e barata) mão de obra para produzir bens industriais a serem consumidos no Centro-Sul. Já os subsídios à produção de cana-de-açúcar nas antigas usinas nordestinas não passaram de uma forma de os usineiros (proprietários dessa produção) poderem manter seus bons níveis de vida, mesmo tendo usinas com baixíssima produtividade.

No geral, o que ocorreu com o Nordeste foi a transformação de várias sub-regiões, com suas economias diferenciadas e seus problemas próprios, em uma grande “região problema”. Essa situação deu ao Nordeste o papel de região fornecedora de mão de obra barata, o que acaba sendo um contrapeso às reivindicações salariais em todo o território brasileiro, principalmente nas atividades pouco especializadas, como mineração, agricultura, pecuária e construção civil.

O novo Nordeste

Apesar dos desvios de verba, dos inúmeros casos de corrupção e da continuidade dos problemas sociais, a região Nordeste vem se destacando como a que mais cresce nos últimos anos. Para se ter uma ideia, o PIB da região em 2010 cresceu quase 8%.

Esse recente dinamismo econômico pode ser visto como resultado de uma série de fatores. Primeiramente, a tendência à descentralização da economia brasileira. Nesse caso, é possível perceber que o menor custo de produção (terreno, mão de obra, impostos) da região nordestina em relação ao centro-sul estimula a migração de investimentos para a área.

Um segundo fator, que complementa o primeiro, é o acúmulo de obras de infraestrutura que a região vem recebendo nos últimos anos, entre elas: a transposição do rio São Francisco, a construção de refinarias de petróleo, um grande estaleiro, ferrovias, rodovias, usinas de energia eólica e solar. Com uma infraestrutura melhorada e custos mais baixos de produção, é reforçada a tendência de migração de novos investimentos para a região.



Fig. 7 Usina de Paulo Afonso.

A esses dois fatores, pode-se adicionar um terceiro, que é o aumento da renda dos nordestinos, acima do aumento da renda média nacional. Segundo dados do IBGE, a renda do nordeste cresceu 77% entre 2003 e 2008, enquanto a média brasileira foi de 60%. Não há dúvida de que esse aumento mais intenso na região se explica, em parte, pelos programas sociais do Governo Federal nos últimos anos, principalmente o Bolsa Família, mas a maior parte dele se deve mesmo ao aumento da geração de empregos diretos e indiretos nas obras.

Como veremos mais adiante, esse crescimento econômico nordestino, aliado ao aumento do custo de vida e à relativa desindustrialização das grandes capitais do centro-sul, vem gerando uma transformação nas tendências migratórias no território nacional.

Amazônia

A área da região geoeconômica que chamamos Amazônia não se limita ao estado do Amazonas nem coincide com os limites da região Norte, definidos pelo IBGE. Pelo contrário, a definição de seus limites segue os mesmos critérios que utilizamos para as duas regiões anteriores. Vimos que o Centro-Sul

tem se caracterizado como centro da modernização e o Nordeste como área de decadência econômica e reserva de mão de obra barata. Por sua vez, a Amazônia tem passado por um processo duplo e até certo ponto contraditório: por um lado é tomada como o “Brasil do futuro”, por outro como grande área de reserva.

Amazônia: Brasil do futuro

Desde o período político desenvolvimentista, a Amazônia vem sendo tomada como o “Brasil do futuro”. Em meados do século passado, a região era concebida como uma área virgem, cheia de recursos naturais, esperando por ser explorada e podendo trazer ao país grandes possibilidades de desenvolvimento econômico e social. Nesse sentido, principalmente após a década de 1960, a integração da Amazônia ao processo de desenvolvimento da economia capitalista nacional foi vista como uma missão do Estado e da iniciativa privada. Isto é, tinha-se de romper com o isolamento econômico e social, o qual seria o grande obstáculo à realização do desenvolvimento na região. Para tanto, vários projetos foram implantados com a intenção de integrar a região na economia nacional.

Já em 1966, foi criada a Sudam (Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia), órgão do Governo Federal que tinha por objetivo planejar o desenvolvimento da região por meio da realização de projetos agropecuários e de mineração. A área de atuação da Sudam é denominada Amazônia Legal, incluindo a região Norte e mais o norte do Mato Grosso, o atual estado de Tocantins e o oeste do Maranhão.



Em 1967, foi criado outro grande projeto para a integração da Amazônia: a Zona Franca de Manaus, criada pela Suframa (Superintendência da Zona Franca de Manaus), com o objetivo de propiciar um processo de industrialização na área. O projeto constitui-se de uma série de benefícios fiscais, como descontos em impostos e facilidades alfandegárias para importação de componentes destinados à fabricação de produtos eletroeletrônicos. A partir disso, o que se formou foi um enclave industrial no meio da Floresta Amazônica, caracterizado por montadoras que acabam não produzindo uma tecnologia nacional, mas apenas importando de suas matrizes o que geralmente já está sucateado.

Além disso, o alcance desse projeto não ultrapassou a própria capital amazônica, a qual se desenvolveu como uma cidade com problemas de infraestrutura urbana e com uma economia voltada para montar produtos a serem vendidos nas principais capitais do país.

Os projetos de colonização da Amazônia também merecem destaque em nosso estudo. Em 1970, foram criados o Programa de Integração Nacional e o Incri (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), os quais uniam a construção de rodovias e a colonização em torno delas. O principal projeto foi o da Transamazônica, rodovia projetada para ligar o Nordeste à região da Amazônia Ocidental, cruzando a área meridional da Floresta Amazônica. Em torno dessa rodovia, foram delimitadas faixas de 100 km de cada lado, as quais seriam divididas em propriedades de 100 ha, a serem distribuídas aos colonos, inicialmente vindos do Nordeste. A falta de apoio por parte do Incri e os problemas para a construção da própria estrada acabaram levando ao insucesso desse projeto, com o abandono de grande parte das propriedades e a consequente concentração da propriedade da terra nas mãos dos que resistiram.

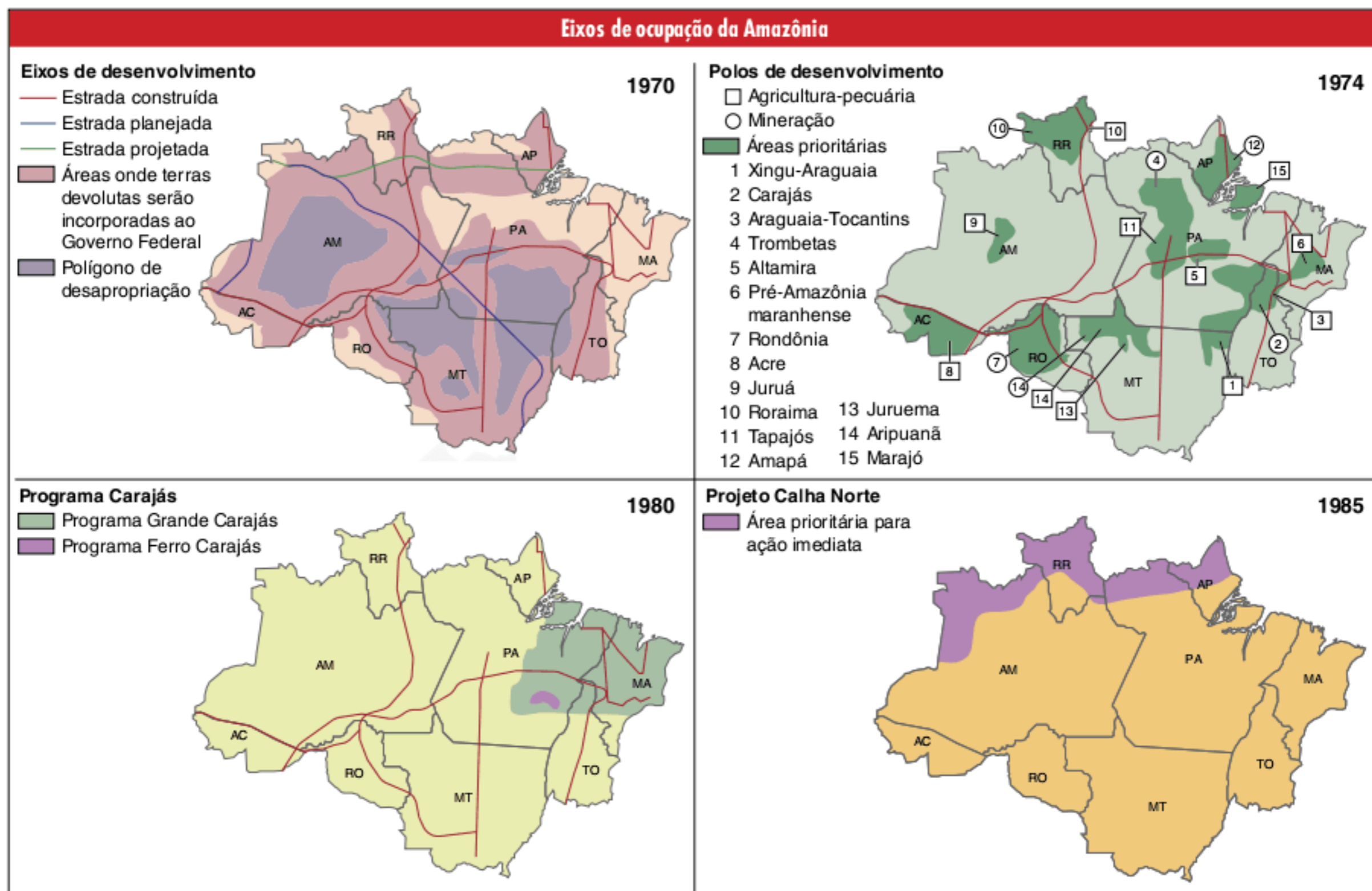
É importante lembrar que nem todas as áreas da Amazônia têm condições para um bom desenvolvimento de atividades agropecuárias. Primeiramente, pela própria fragilidade do solo em alguns casos, mas principalmente pela falta de possibilidades técnicas de produção e comercialização dos produtos.

No entanto, a situação se complica quando o fluxo migratório para a região começa a aumentar em fins da década de 1970, o que provoca a intensificação dos conflitos pela terra. Esses conflitos, unidos à própria crise econômica do período, levaram o governo a mudar sua política de colonização, apostando em um modelo de colonização baseado na iniciativa privada. É o que podemos verificar em grande parte do norte do Mato Grosso, onde empresas privadas compraram grandes porções de terra do governo, a preços bastante baixos, e realizaram aí grandes loteamentos rurais. Essas empresas acabaram dominando grande parte das terras da Amazônia, enriquecendo-se com isso e não resolvendo o problema da colonização e dos conflitos pela terra, muitas vezes até aumentando a violência.



Fig. 8 Indústria em Manaus.

ALBERTO CÉSAR ARAÚJO/FOLHAPRESS





A mudança da política de colonização por parte do governo representa também a adoção de novas estratégias para a incorporação da Amazônia à economia nacional. Um bom exemplo disso é o Programa Grande Carajás. A serra do Carajás é uma grande reserva de recursos minerais, na qual são encontrados o minério de ferro, o manganês e a bauxita. O projeto teve como objetivo a criação de um grande corredor de exportações, cobrindo toda a área entre o sudeste do Pará e as saídas para a produção pelo porto de Ponta da Madeira, no Maranhão, e pelos próprios rios da região, até o oceano Atlântico.

O Carajazão, como ficou conhecido, envolve, além da própria exploração dos minérios, o beneficiamento de boa parte da produção e a geração de energia elétrica para suprir suas necessidades. Assim, muitas empresas se instalaram na área com a intenção de transformar a bauxita em alumina, matéria-prima para a produção de alumínio, o que envolve grande necessidade de energia elétrica. Para integrar o programa, foi construída a segunda maior usina hidrelétrica do país, a Usina de Tucuruí, no rio Tocantins.

Outro importante investimento feito para possibilitar a exportação do minério da região foi a Estrada de Ferro Carajás, com mais de 900 km, ligando a área de extração de ferro, na serra dos Carajás, ao porto de Ponta da Madeira, em São Luís do Maranhão.

A Vale, antiga Companhia Vale do Rio Doce, teve grande importância nos investimentos e na organização desse grande projeto governamental – como pode-se verificar no gráfico a seguir –, mas empresas privadas nacionais e estrangeiras também tiveram sua participação, principalmente nos projetos de extração de alumínio.

Um último destaque a ser feito é o Projeto Calha Norte. Com o intuito de proteger as fronteiras do norte da Amazônia e de controlar os conflitos entre índios, garimpeiros e posseiros, o Governo Federal construiu a rodovia Perimetral Norte e delimitou uma área militarizada entre a rodovia e as fronteiras com a Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa. Em uma faixa de terra que corresponde a 14% do território nacional e que contém 22,7% da população indígena, foram instaladas várias bases militares, próximo das quais surgiram pequenas cidades.

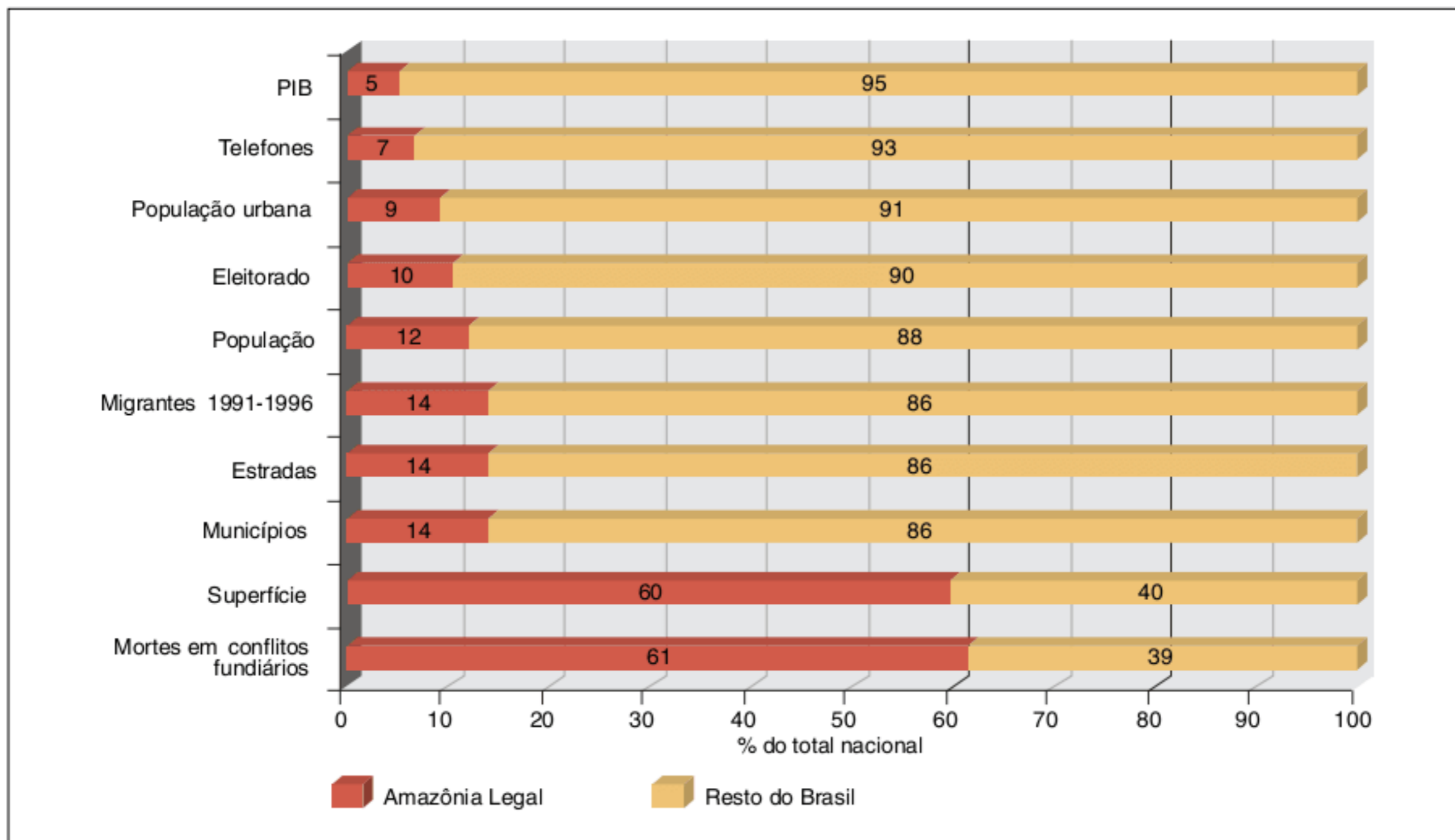
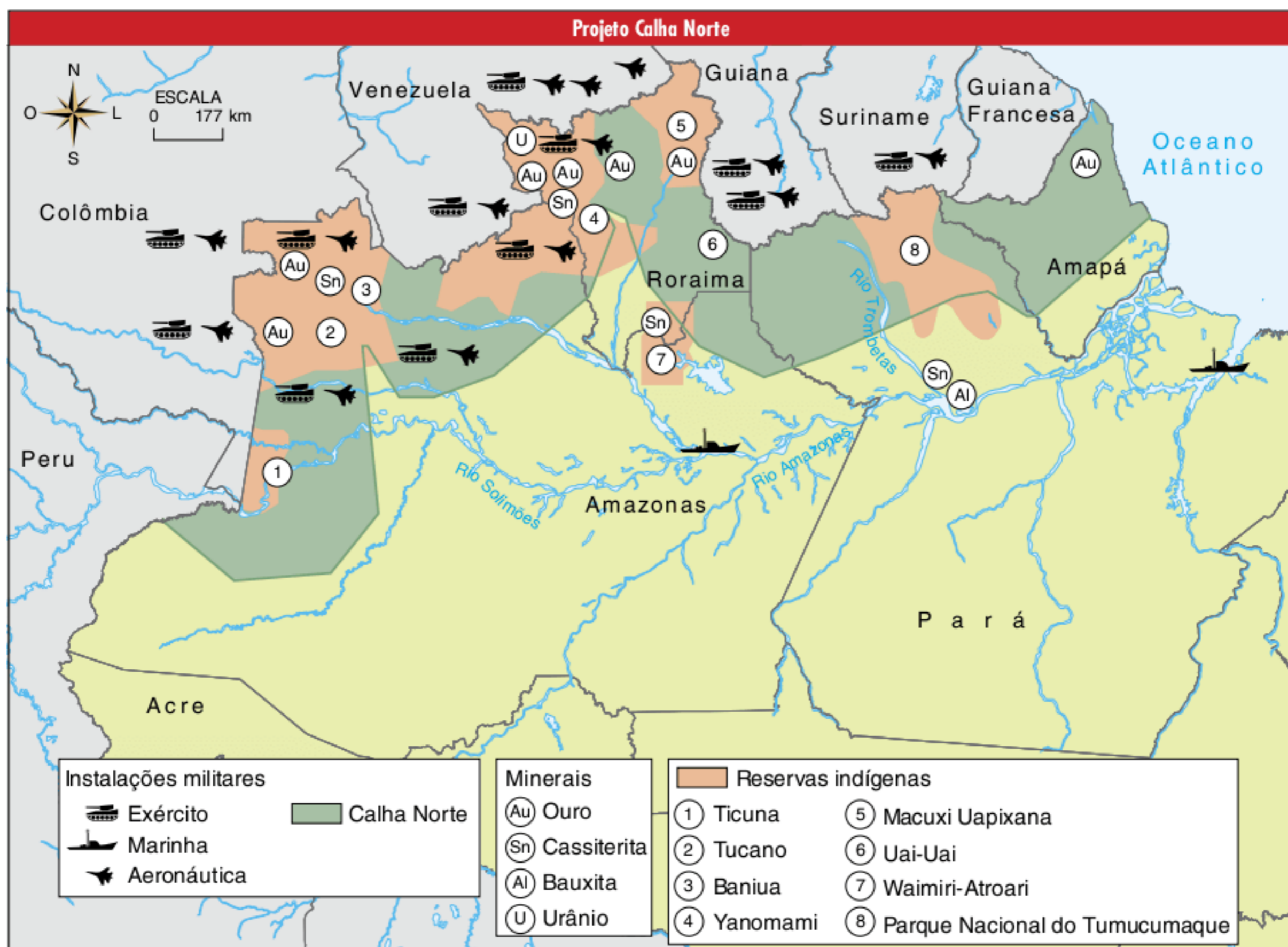


Fig. 9 O peso da Amazônia no conjunto do país.



Amazônia: grande reserva

O outro lado da questão amazônica gira em torno da preservação do meio ambiente, ou dos recursos naturais da região. Nesse ponto, há uma certa indefinição sobre o que se entende por preservação do meio ambiente amazônico e, conseqüentemente, como esta deve ser feita e a quem deve beneficiar.

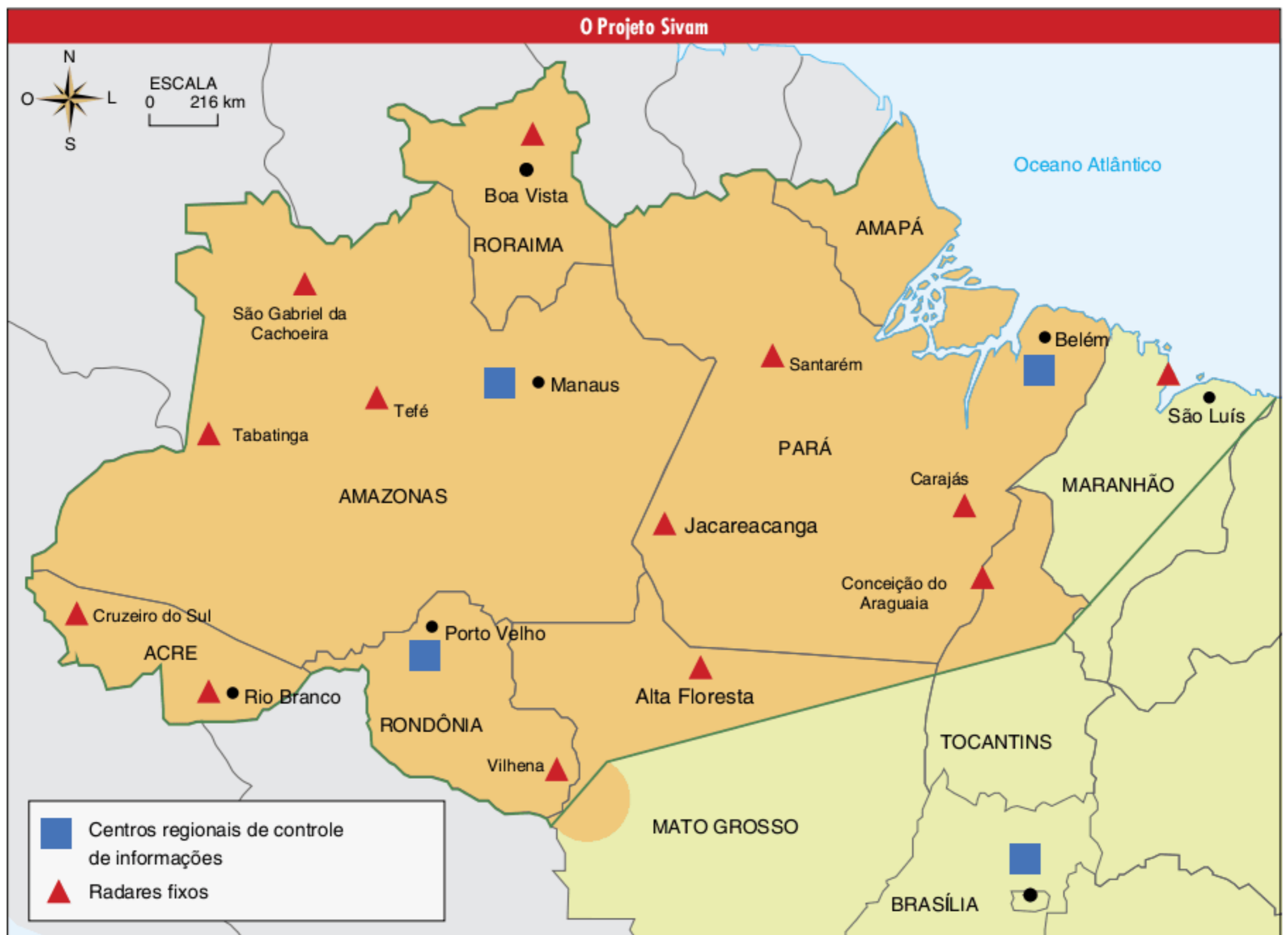
Uma primeira confusão que se faz é sobre a própria visão de preservação ambiental. Temos a posição de grupos ambientalistas que pregam a preservação da natureza, entretanto existem também os grupos de populações amazônicas que lutam pelos seus direitos, principalmente os indígenas e os seringueiros. Juntos, esses grupos formaram, a partir de 1989, a União dos Povos da Floresta, lutando pela demarcação de reservas extrativistas, que seriam áreas de propriedade estatal, mas com o uso garantido a esses povos.

Os indígenas e os seringueiros vêm sofrendo com o processo de integração da Amazônia, já que a própria ideia que apresentamos anteriormente, de que esta região seria uma área de floresta virgem e desabitada esperando por ser explorada, desconsidera que a Amazônia era ocupada pelos indígenas e seringueiros. Dessa forma, a maior parte dos projetos governamentais simplesmente acabou desestruturando o modo de vida dessas populações, levando a região a se transformar em um grande palco de violentas disputas pela propriedade da terra, seja para a implantação de projetos de colonização, seja para a mineração ou para a atuação militar na área.



Fig. 10 Extração do látex da seringueira.

Os projetos de integração da Amazônia trouxeram também à região um intenso processo de modificação do meio ambiente, com a ocorrência de desmatamentos e de queimadas, além da poluição de rios e do próprio ar. Os desmatamentos estão ligados aos projetos agropecuários e aos de extração vegetal, as madeiras. Grande parte da madeira extraída da floresta é destinada à exportação, principalmente para a Europa e o Japão, o que torna, de certa forma, contraditória a posição desses países em relação à política preservacionista do governo brasileiro em relação à Amazônia considerada por eles ineficiente e limitada.



Mais uma questão que vem chamando muito a atenção e provocando polêmicas é a da proteção da biodiversidade presente nesse ecossistema. A biodiversidade é muito grande em ecossistemas equatoriais, o que dá à Floresta Amazônica uma posição importante em termos de número de espécies vegetais e animais ali presentes. Essa biodiversidade tem uma importância estratégica para a pesquisa e, principalmente, para a indústria farmacêutica e cosmética.

Essa importância estratégica acaba levando a uma corrida pela pesquisa e oficialização de patentes sobre as plantas usadas pelas populações locais. Isso criou um novo problema a ser enfrentado pelo governo brasileiro, que é o da “biopirataria”. Por causa da falta de investimentos nacionais em pesquisas na região, acaba surgindo um vácuo que é ocupado por pesquisadores estrangeiros, que atuam na região com ou sem autorização do governo e que conseguem transformar conhecimentos indígenas, sobre o uso de algumas plantas, em patentes de grandes empresas multinacionais do setor.

Contudo, a invasão da floresta não se dá apenas pelos pesquisadores estrangeiros. Em razão das dificuldades de fiscalização na região, ocorrem problemas como os desmatamentos e queimadas ilegais (é bom lembrar que na Amazônia só é permitido retirar 30% da cobertura vegetal original em cada propriedade), além do tráfico de drogas e dos garimpos clandestinos. Na busca de solucionar esses problemas, o Governo Federal criou o projeto Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia), envolvendo um grande investimento (cerca de 1,7 bilhão de dólares) para a instalação de radares e outros sistemas de monitoramento do espaço aéreo e terrestre da Amazônia.

Migrações internas

A população de um país pode se deslocar de um lugar para outro conforme suas necessidades econômicas. Em um país grande como o Brasil, cada região tem uma atividade econômica diferente, que pode ser a agricultura, a pecuária, a extração mineral, a indústria química, a indústria têxtil, o turismo etc. Essas atividades podem encontrar momentos de expansão, quando são criados empregos ou aumentada a lucratividade, e momentos de retração, quando há o fechamento de muitos estabelecimentos. Não interessam, no momento, os motivos pelos quais uma atividade econômica regional pode se expandir ou se retrair, mas sim as consequências dessas variações na distribuição da população.

Em áreas onde existem atividades econômicas em expansão, onde há criação de empregos ou bom nível de vida, verificamos que a chegada de pessoas é maior que a saída, pois há como absorver essa mão de obra que aí chega à procura de emprego ou da melhoria de seu nível de vida, estas são as áreas de atração populacional. Já aquelas que não têm atividades econômicas em expansão e que não conseguem absorver a mão de obra que ali se forma passam a ser as áreas de repulsão populacional, nas quais o número de pessoas saindo é bem maior que o de pessoas chegando.

No Brasil, esse processo se deu de várias maneiras durante a história, com diferentes intensidades e direções. Pensando nessas diferenças, podemos classificar as migrações internas do Brasil em duas fases. A primeira é de baixa intensidade,

acompanhada de perto pela chegada de imigrantes de outros países seguindo a atividade econômica hegemônica em cada período; já a segunda se dá de maneira mais intensa e diversificada.

Migrações no território em arquipélago

Enquanto o Brasil tinha uma economia agroexportadora e o território em arquipélago, os fluxos populacionais no país eram limitados. As dificuldades de locomoção no território, a ausência de uma economia propriamente nacional e, principalmente, a baixa diferença de nível de desenvolvimento econômico entre as regiões eram os fatores que desestimulavam as pessoas a deixar sua região de origem para buscar outras.

Inicialmente, a concentração de pessoas do território nacional verificava-se na região Nordeste. Durante o século XVI, essa região era a mais desenvolvida, por causa da cultura da cana-de-açúcar, principal atividade econômica do território na época.

Durante o século XVIII, a relativa decadência da atividade açucareira e a ascensão da mineração na região de Minas Gerais estimularam um grande fluxo migratório do Nordeste e das áreas de São Paulo e Rio de Janeiro em direção ao planalto mineiro.

Como o ouro não é infinito, a mineração foi se tornando cada vez menos atrativa. O que diminuiu os movimentos migratórios em direção às minas. A situação inverteu-se; a região que havia sido uma área de atração populacional passa a ser de emissão. Dessa região, partem pessoas para o Rio de Janeiro e São Paulo, onde, no início do século XIX, começa a se destacar a cafeicultura. A produção e exportação do café tornaram-se a principal atividade econômica do Brasil, transformando a região do Vale do Paraíba e, mais tarde, a do Oeste Paulista em áreas de atração populacional.

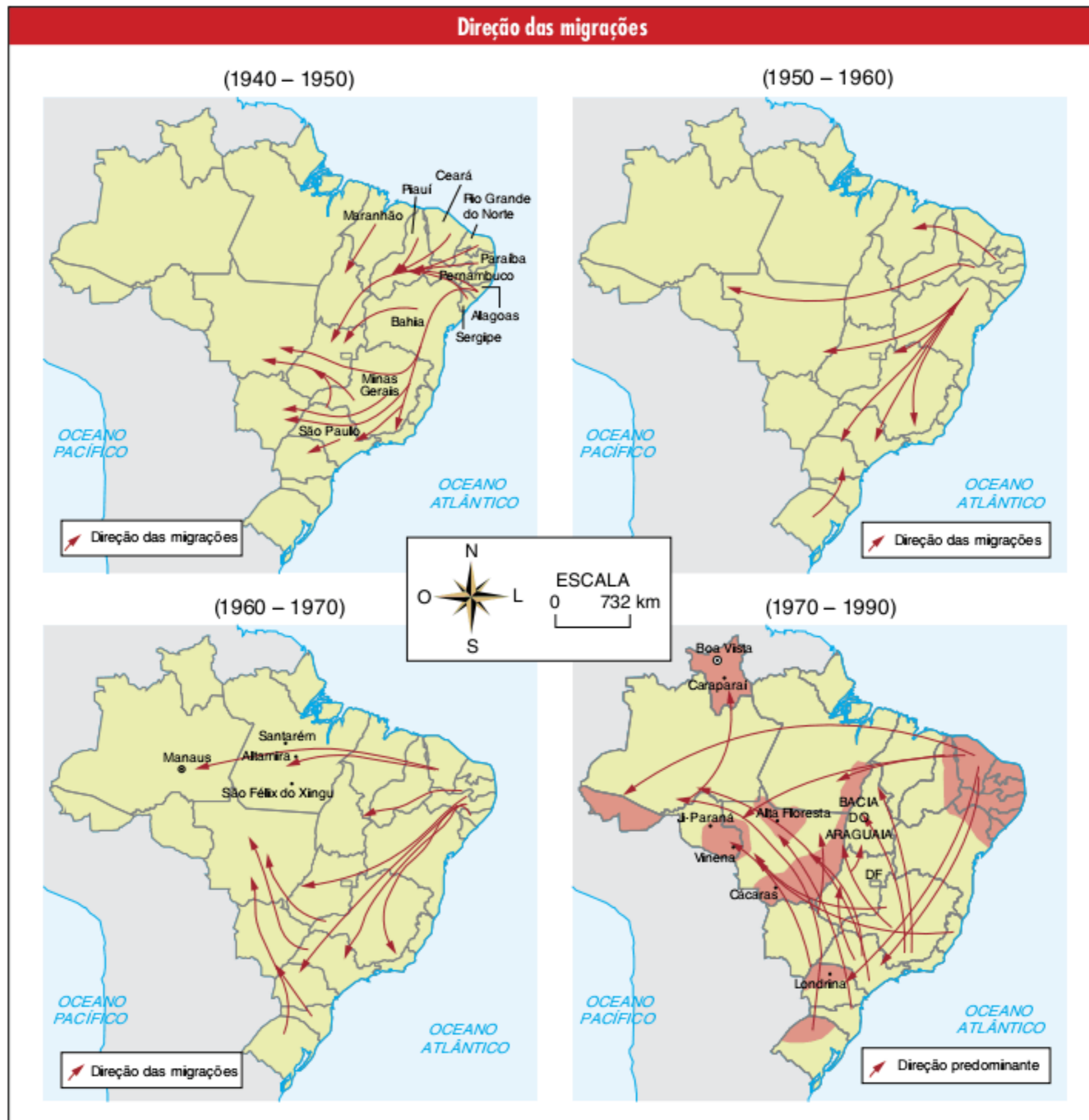
Outro fluxo migratório se deu do Nordeste em direção à Amazônia, durante o ciclo da borracha no fim do século XIX. Juntamente com a existência de uma grande seca no Nordeste, a expansão da produção de borracha natural levou milhares de nordestinos à região.

As migrações e a integração do território

Após a década de 1940, os fluxos migratórios inter-regionais intensificaram-se. Os processos interdependentes de industrialização e urbanização mudaram definitivamente o modelo econômico do país. Cada vez mais o Brasil se afastava da economia agroexportadora e da configuração territorial em arquipélago. Estava se dando o processo de integração do território nacional, o qual, como já vimos, produziu também as grandes disparidades econômicas entre as regiões do país.

Com a industrialização, as grandes cidades da região Centro-Sul despontavam como os centros da economia nacional. As áreas agrícolas dessa região se modernizaram, especializando-se em produtos de exportação ou no fornecimento de alimentos às metrópoles. Enquanto isso, a economia nordestina entrava em decadência e a região passava a ser um bolsão de pobreza e mão de obra barata. Por último, a Amazônia era a grande reserva de recursos naturais que poderia sustentar as necessidades de matérias-primas do processo de industrialização.

A integração do território nacional, realizada através de grandes rodovias e meios de comunicação, fez com que fosse mais fácil o deslocamento populacional.



O controle da entrada de imigrantes estrangeiros no país fez com que as necessidades de mão de obra que aparecessem aqui e ali fossem supridas com os migrantes brasileiros. Devido a essas novas características da economia, da política e do território nacional, criaram-se novas áreas de atração e de repulsão populacional.

Os processos de industrialização, urbanização e integração do território nacional trouxeram a necessidade de muitas obras, como prédios, rodovias, grandes avenidas nas metrópoles, hidrelétricas, portos etc. A mão de obra, para realizar essas construções, veio, principalmente, do Nordeste. Além disso, todos os empregos, diretos e indiretos, criados pela vinda de indústrias de bens de consumo duráveis, como automóveis e eletrodomésticos, e todo o comércio e os serviços em geral, tornaram o Sudeste uma área de grande atração populacional.

A região Nordeste viu sua frágil economia, baseada na monocultura da cana-de-açúcar, do algodão e do cacau, ser massacrada com a integração do território, que proporcionou a chegada de bens fabricados em São Paulo e Rio de Janeiro até a região.

A competição entre as pequenas indústrias nordestinas de roupas, calçados, móveis etc., que estavam se formando, e as grandes fábricas do Sudeste determinaram a não industrialização do Nordeste e a sua posição de fornecedora de matérias-primas, produtos primários e mão de obra barata para construir a modernidade dos estados e capitais do Centro-Sul do país. A grande importância dos imigrantes nordestinos foi justamente a de trabalhar nos piores empregos ganhando os mais baixos salários. Tal situação acabou tornando interessante, para as elites paulista e carioca, a pobreza do Nordeste.

A região Sul tem dois períodos bastante diferentes, até opostos, em termos de migrações. Durante a década de 1940, com o declínio da cafeicultura no Estado de São Paulo, esta atividade monocultura se expandiu em direção ao norte do Paraná, transformando essa região em grande produtora de café. Com isso, a região tornou-se uma área de grande atração populacional, o que dobrou sua população entre 1950 e 1960.

A partir dos anos 1970, houve a introdução da cultura da soja, realizada em grandes propriedades e com mecanização em larga escala, o que mudou drasticamente a estrutura fundiária da região e a intensidade do uso de mão de obra nas plantações. Somando-se a isso, as fortes geadas provocaram um efeito catastrófico nas plantações no início da década de 1970; a união desses fatores fizeram com que a região passasse de área de atração para área de grande repulsão populacional. Os sulistas que deixaram essa área passaram a se estabelecer nos estados do Centro-Oeste, juntando-se a outros colonos que compunham as frentes de expansão e as frentes pioneiras.

A região Centro-Oeste passou por um processo de ocupação a partir da década de 1950. Surgiram nessa época as frentes de expansão, que são caracterizadas pela chegada de ocupantes e posseiros, ou seja, agricultores camponeses que tomam posse e cultivam terras devolutas com métodos de subsistência. Depois das frentes de expansão, que vão abrindo caminho no território, chegam as frentes pioneiras (que não são verdadeiramente pioneiras), as quais são feitas por projetos de colonização estatais e particulares, que praticam agricultura de média e grande escala, voltada para o mercado.

Para se expandirem, as frentes pioneiras têm que expulsar os posseiros das terras, causando conflitos fundiários. Após conseguirem a propriedade da terra, os grandes projetos de ocupação e colonização do território acabam trazendo um grande número de pessoas interessadas em trabalhar na agricultura e pecuária, assim a terra tem grande valorização. Por conta desses projetos, a região conheceu um grande crescimento populacional, causado pela chegada de imigrantes vindos principalmente do Nordeste e do Sul.

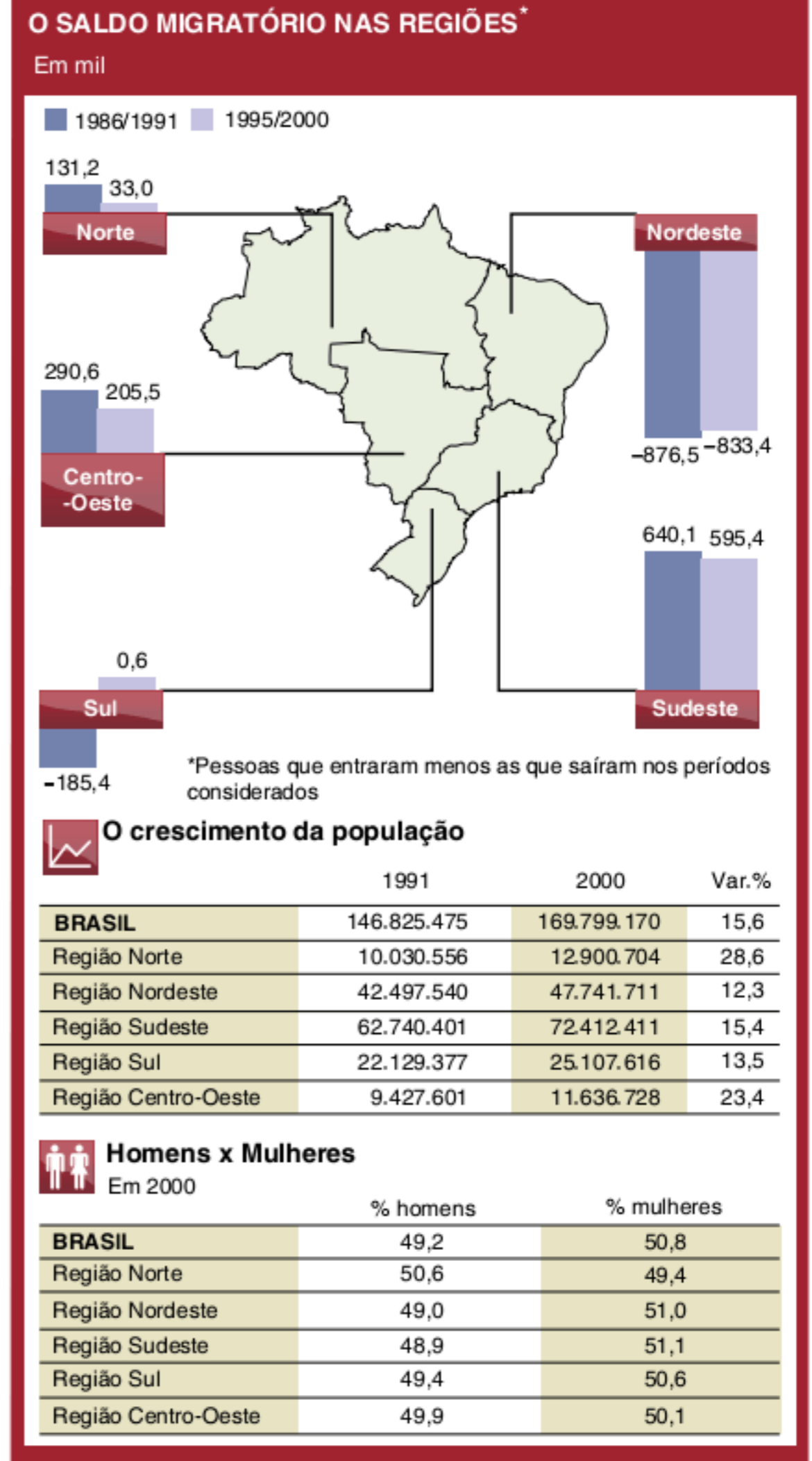
Entretanto, com a valorização da terra, com os conflitos e com as grilagens, a estrutura fundiária ficou bastante concentrada, com grandes propriedades nas mãos de poucos. Além disso, foi introduzida a monocultura da soja na região, que inclui alta mecanização da produção. Assim, houve grande diminuição do crescimento populacional do Centro-Oeste. As frentes de expansão e as frentes pioneiras voltaram-se para a região Norte.

Os Estados do Norte são atualmente os de maior crescimento populacional relativo. Essa situação se apoia em três processos diferentes: os projetos de colonização na Amazônia, o ouro em Roraima e a busca de terras em Rondônia.

Em 1970, o governo militar iniciou um grande projeto de colonização, com a justificativa de ocupar o território para aumentar a segurança, mas com a intenção de aliviar as tensões sociais das outras regiões. Esse projeto incluía a construção de estradas como a Transamazônica e a Cuiabá-Santarém, em torno das quais se fariam grandes projetos de colonização com incentivo ao pequeno produtor, que poderia pagar sua propriedade em 20 anos e teria ajuda para comercializar seus produtos. Porém, antes mesmo da conclusão das estradas, os planos foram mudados, atrás do mito de que as pequenas propriedades eram muito custosas para o governo, este passou a apostar nos megaprojetos agropecuários, os quais beneficiavam grandes proprietários de terra, que acabaram conseguindo grandes latifúndios por meio de grilagens.

Após a decepção com os projetos da Amazônia, Rondônia passou a ser a nova esperança para os pequenos agricultores

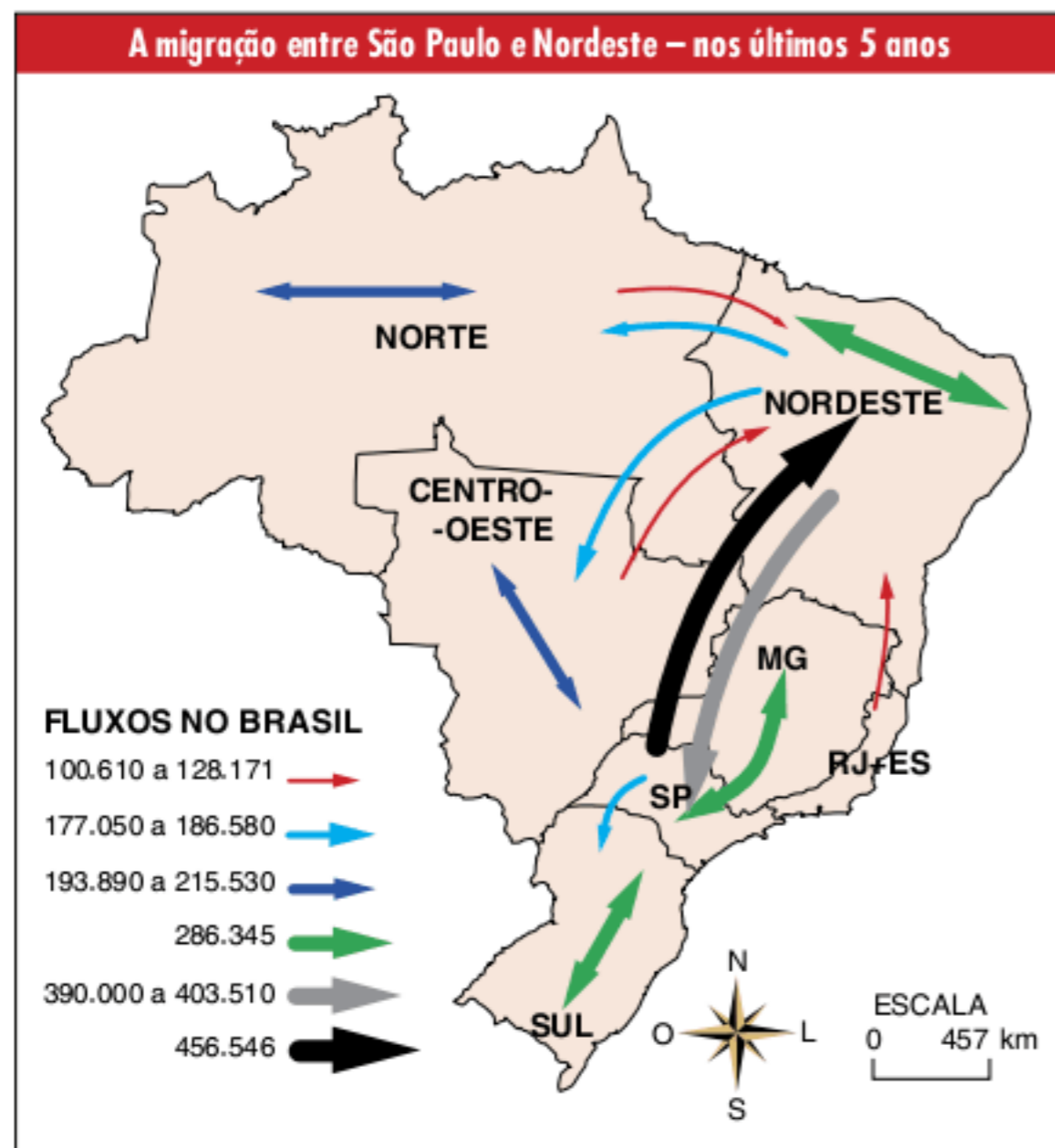
conseguirem suas terras. Assim, após a notícia de que o Estado havia recebido recursos para o asfaltamento da BR-364 e para a realização de projetos de colonização ao seu redor, milhares de pessoas dirigiram-se para lá. A maioria dos migrantes partiu das regiões Sul e Sudeste. No entanto, os projetos de colonização foram deturpados e as grandes fazendas acabaram parando na mão de uns poucos latifundiários, a exemplo do que ocorreu na Amazônia. Com isso, os posseiros foram expulsos para as proximidades das reservas indígenas, surgindo daí um grande número de violentos conflitos entre índios, posseiros e grandes fazendeiros.



No caso de Roraima, o ouro foi o grande atrativo para a colonização da região. Durante a década de 1980, milhares de garimpeiros chegaram ao Estado. Esse processo contribuiu para o grande crescimento da população de toda a região Norte. No entanto, na década de 1990, o governo brasileiro decidiu oficializar totalmente as reservas indígenas na região, sob as quais estão os grandes depósitos de ouro. Hoje, 42% do território de Roraima é composto de reservas indígenas.

Atualmente, a principal característica dos movimentos migratórios internos é a tendência à desconcentração populacional. Estamos observando uma diminuição do crescimento das populações das grandes metrópoles, enquanto as cidades médias e pequenas iniciam uma fase de maior acréscimo populacional. A modernização das infraestruturas do território nacional, principalmente os transportes, as comunicações e as fontes de energia, permitiu que diminuísse a necessidade de concentração tanto das populações como das atividades econômicas em geral. Não é mais necessário que as fábricas estejam ao lado dos maiores centros consumidores, basta que haja condições de o produto chegar até seu consumidor através das vias de transporte. Com isso, os empregos vão se desconcentrando e consequentemente as áreas de atração populacional também.

Esse processo é facilmente verificável na diminuição da emigração na região Nordeste e da imigração nas outras regiões. A exceção é a região Sul, que mais recentemente passou de área de repulsão para área de atração populacional, o que está ligado às novas áreas industriais e à efetivação do Mercosul.



Migrações temporárias

O panorama geral sobre os movimentos populacionais no território brasileiro, que acabamos de descrever, refere-se às migrações permanentes – aquelas nas quais o migrante não tem planos de retornar à região da qual saiu, pelo menos não em curto prazo.

Entretanto, há também as migrações intermitentes, ou temporárias, nas quais o migrante já sabe que sua estadia no local de destino é temporária e seu retorno é certo e tem data marcada.

Entre as migrações temporárias no Brasil existem as de curtíssimo prazo, quando o migrante retorna no mesmo dia ou na mesma semana para sua residência. Quando tal migração é diária, ela é chamada de pendular, pois é marcada por um vai e vem constante.

As migrações pendulares costumam ocorrer entre os núcleos urbanos principais e as cidades-dormitório em torno. Essas migrações são próprias do modelo de urbanização que inclui um crescimento horizontal intenso e exagerado e, apesar de afetar mais intensamente a população mais pobre, que vai viver em periferias nas quais os custos de moradia são menores, também vem atingindo a classe média e a média alta, que buscam os condomínios fechados localizados nos arredores das grandes áreas metropolitanas.

Outro tipo de migração temporária bastante comum é a sazonal, ou seja, que se dá em uma época específica do ano. Ela pode estar ligada a atividades turísticas ou estudantis, mas o maior volume está relacionado às atividades agrárias, principalmente à colheita de produtos resultantes do agronegócio, marcado pela contratação de trabalhadores temporários para esses períodos.



As próprias organizações de produtores rurais apontam para o fato de que não seria possível realizar a colheita da laranja, da cana-de-açúcar e do café sem a participação dos migrantes vindos de áreas distantes. Só o café emprega mais de 800 mil trabalhadores no período da colheita.

Os quatro Brasis

Em sua última obra, *Brasil: Território e Sociedade no início do século XXI*, o geógrafo Milton Santos propõe uma nova forma de regionalizar o Brasil, a qual recebe o título de “Os quatro Brasis”. Apesar de fazer referência à forma tradicional de se entender o Brasil como um conjunto de países distintos e justapostos, essa nova regionalização se baseia em ideias novas.

A novidade é que Santos parte de sua concepção complexa sobre o espaço como meio técnico-científico-informacional. O que importa saber sobre esse conceito para poder entender a nova regionalização é que o espaço é composto por objetos técnicos nele inseridos em períodos diferentes da história, o que provoca diferentes arranjos entre novos e antigos objetos, assim como diferentes formas de agir sobre esses conjuntos. Só para dar um exemplo mais concreto, basta compararmos cidades como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo com a cidade de Brasília. Enquanto as três primeiras têm uma grande variedade de configurações urbanas referentes a períodos diferentes da história (por exemplo, a coexistência de um centro antigo com novos centros), Brasília é uma cidade construída de uma só vez, sendo menos heterogênea neste sentido.

O interessante dessa forma de enxergar o espaço é que ela nos permite entender as relações positivas ou negativas, cooperativas ou conflitivas entre os antigos e novos objetos técnicos a se materializar no espaço, assim como entre os objetos que compõe determinado espaço e as ações que ali podem se dar. Um exemplo de cooperação poderia ser a relação entre as estradas de ferro de São Paulo, construídas *a priori* para possibilitar as exportações de café, e a industrialização que posteriormente se instaurou naquela cidade e que teve nessas ferrovias um ponto de apoio. Já algo mais conflitivo pode ser a expansão do uso do automóvel em uma área urbana antiga, formada em um período no qual as pessoas costumavam mais andar a pé ou nos antigos bondes elétricos.

Voltando à concepção de meio técnico-científico-informacional, Santos destaca também a importância dos objetos técnicos adequados a cada período histórico para que uma região tenha mais ou menos importância na relação com as outras. Se o Sudeste se industrializou mais rápido e intensamente que o restante do Brasil até a década de 1980 é porque era a região que tinha melhores condições técnicas para isso até aquele momento. E, ao mesmo tempo, se de trinta anos para cá tem ocorrido uma redistribuição das atividades industriais no território nacional é porque os objetos técnicos necessários ao funcionamento das indústrias vêm se generalizando pelo país. Estas são as noções que guiam essa nova forma de regionalização. Vejamos a seguir como fica o Brasil deste ponto de vista.

Em vez da divisão em cinco regiões, como faz o IBGE, ou em três, como no caso da Divisão Territorial do Trabalho, Milton Santos divide o Brasil em quatro regiões: Concentrada, Centro-Oeste, Amazônia e Nordeste.

A região Concentrada coincide com a junção dos estados das regiões Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e Sudeste (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo) da regionalização do IBGE. A característica geral dessa região é justamente a forte concentração do meio técnico-científico-informacional. Isso significa que nela podemos encontrar uma forte densidade de meios de transporte, comunicação e energia, assim como a presença de uma rede urbana bastante desenvolvida. Nas atividades econômicas, destaca-se a presença dos maiores centros industriais e de uma agricultura com intensa utilização de tecnologia, em particular tratores e agrotóxicos.



É igualmente importante lembrar que essa concentração de objetos técnicos não é muito recente, tendo já uma história relativamente longa. Pelo menos desde a expansão cafeeira já começaram a se constituir de forma mais generalizada as redes de transporte (inicialmente ferrovias), alguns polos regionais urbanos e portos que mantêm ainda hoje importante papel no cenário nacional. Posteriormente, a industrialização sobrepôs ao meio técnico próprio da economia cafeeira novos elementos. Indústrias, rodovias, novas ferrovias, centros de mineração (em particular o Vale do Aço mineiro), redes de energia e de comunicações, e grandes centros urbanos ligados à indústria e ao comércio.

Mais recentemente, podemos verificar dois movimentos. Em primeiro lugar, um processo de redistribuição espacial da indústria, que vem deixando centros até então tradicionais como o ABC paulista e se instalando em novas áreas industriais, principalmente nos estados de Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, nas quais também se projetam plantas industriais de empresas até então ausentes no território nacional. Em segundo lugar, as novas redes técnicas ligadas à alta tecnologia e à transformação de grandes cidades da região em tecnopolos (São José dos Campos, Campinas e São Carlos, no estado de São Paulo) e em centros de decisão (São Paulo e Rio de Janeiro) completam o quadro no qual podemos encontrar objetos técnicos de períodos diferentes da história, o que promove, como citado anteriormente, tanto relações de cooperação como de conflito.

No Centro-Oeste, podemos encontrar os estados da região Centro-Oeste (Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Goiás) do IBGE mais Tocantins (que nesta última classificação está inserido na região Norte). A característica distintiva dessa região é que, por apresentar ocupação moderna relativamente recente (principalmente a partir da década de 1970), seu meio técnico não é marcado pela presença de objetos de épocas diferentes.

A expansão da agricultura de grãos, principalmente da soja, em um modelo agrícola diretamente ligado ao intenso uso de mecanização, fertilizantes e agrotóxicos industriais vem promovendo a formação de grandes fazendas modernas dispersas no espaço, mas com uma forte ligação com os principais centros econômicos da região Concentrada (muitas vezes as fazendas são comandadas por empresas sediadas em São Paulo e Rio de Janeiro) e com o mercado internacional, posto que grande parte da produção é voltada à exportação. É interessante destacar ainda que esse avanço econômico fez desta a região que mais cresce em termos econômicos e em qualidade de vida, apesar dos danos causados ao bioma do cerrado e às populações tradicionais que ali se localizavam antes da expansão.

A região Nordeste é definida da mesma forma como na regionalização do IBGE, formada pelos estados da Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará, Piauí e Maranhão. A ocupação antiga, própria dessa região, (já bem desenvolvida entre os séculos XVI e XVII) sofreu o impacto do processo de industrialização, mas, ainda assim,

mantém muitas de suas características, principalmente em relação à estrutura fundiária e à agricultura pouco mecanizada. Apesar disso, podem ser encontradas ali manchas de economia mais ligadas à região Concentrada (como centros industriais voltados à produção para consumo nas grandes capitais do Sul e Sudeste) ou mesmo ao mercado externo (caso de fábricas de roupas que vem se instalando nas proximidades das capitais e da agricultura irrigada do Vale do São Francisco, especializada na produção de frutas tropicais para exportação).

A Amazônia é formada pelos estados do Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Acre e Pará. Sua principal característica é ser uma zona de expansão da ocupação moderna. Assim sendo, em termos de objetos técnicos, conhece a ampliação da presença de aeroportos e hidrovias (duas formas de transporte mais adequadas ao território extremamente amplo e recoberto por vastas áreas de floresta tropical úmida). Por outro lado, as novas ondas de expansão levam a fortes conflitos sociais com os povos tradicionais da região (índios, seringueiros, população ribeirinha) e com as pretensões, governamentais ou não, de proteger o bioma amazônico em relação à devastação.

Revisando

1 O que foi o processo de integração do território nacional e a qual mudança de modelo econômico ele está ligado?

2 Explique o conceito de divisão territorial do trabalho e identifique as três regiões brasileiras delimitadas segundo esse conceito.

3 Como o processo de integração do território nacional influenciou nas migrações internas?

4 Aponte duas tendências atuais dos movimentos migratórios internos.

5 Identifique a característica mais geral de cada uma das quatro regiões da regionalização dos “quatro brasis”, de Milton Santos.

6 Descreva o processo de mudança que vem ocorrendo na região Nordeste nos últimos anos.

Exercícios propostos

1 UFC A regionalização do espaço brasileiro tem sido trabalhada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e por especialistas geógrafos que têm apresentado, ao longo dos anos, diferentes propostas de divisão regional. Sobre o referido assunto, responda aos itens a seguir.

- Cite a atual divisão regional adotada pelo IBGE.
- Cite a divisão das regiões geoeconômicas (ou complexos regionais) no Brasil (proposta do geógrafo Pedro Pinchas Geiger).
- Sobre as divisões regionais relacionadas nos itens anteriores (divisão regional adotada pelo IBGE e complexos regionais), aponte as diferenças básicas quanto aos critérios para a delimitação do espaço.
 - Crítérios definidos para a divisão regional adotada pelo IBGE.
 - Crítérios definidos para a divisão dos complexos regionais.

2 Unesp O mapa representa três grandes complexos regionais brasileiros.



Fonte: J. W. Vesentini. *Brasil: sociedade e espaço*.

- Qual o critério utilizado para dividir o espaço brasileiro nestes três grandes complexos regionais?
- Caracterize o Centro-Sul, destacando os aspectos relativos à população, à economia e à hierarquia urbana.

3 Fuvest A divisão do território brasileiro em 3 grandes complexos regionais – Amazônia, Nordeste e Centro-Sul – tem a vantagem de caracterizar:

- a Amazônia, com seus recursos explorados a partir de um planejamento global do Estado.
- o Nordeste, como um polo de atração demográfica, em decorrência do turismo.
- o Centro-Sul, como região socioeconômica de poucos contrastes internos.
- a homogeneidade econômica no interior de cada complexo, do ponto de vista agropecuário.
- a especialidade do processo socioeconômico, considerando a gênese histórica de cada complexo.

4 UEG 2010 Uma divisão regional é fruto de teorias e métodos utilizados para a regionalização. Ela apresenta uma espécie de fotografia do estágio da organização do espaço geográfico nacional feita a partir das lentes dessas teorias e desses métodos. Com base nesse fragmento e nos mapas a seguir, apresente as diferenças entre as regionalizações estabelecidas para o Brasil por Milton Santos (1999), IBGE (1988) e Pinchas Geiger (1964), identificando os critérios (naturais, econômicos e/ou sociais) utilizados pelos autores.

Brasil: Divisão regional (Milton Santos – 1999)



Brasil: Divisão regional (IBGE – 1988)



Brasil: Divisão regional (Pedro Pinchas Geiger – 1967)



5 PUC-RS 2010 Responder à questão com base nas afirmações que tratam da demografia e da ocupação do espaço brasileiro.

- I. A população brasileira apresenta alto grau de movimentação interna, sendo a região Norte a de maior repulsão populacional.
- II. A ocupação do sul do Brasil, nas chamadas áreas de colonização com etnias europeias, apresenta uma organização baseada na pequena propriedade de base familiar, contrastando com os latifúndios monocultores do Nordeste.
- III. O índice de fertilidade relativo ao número de filhos por mulheres entre 15 e 49 anos tem aumentado sistematicamente nas duas últimas décadas.
- IV. A crise econômica mundial que teve início em setembro de 2008 dificulta a vida de muitos brasileiros emigrantes, provocando um movimento de retorno ao Brasil.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- | | |
|--------------|-------------------|
| (a) I e II. | (d) I, III e IV. |
| (b) I e III. | (e) II, III e IV. |
| (c) II e IV. | |

6 PUC-MG Refere-se às grandes regiões geoeconômicas brasileiras:

- I. a Amazônia é a região mais extensa e com a paisagem menos modificada do espaço geográfico brasileiro; atualmente, é polo de atração populacional.
- II. o Nordeste, antiga área de ocupação, hoje é polo de repulsão demográfica, devido à estagnação da economia na maior parte do espaço e à falta de eficazes programas governamentais e empresariais.
- III. o Centro-Sul tem perdido significativos índices de sua produção agrícola e industrial para as novas fronteiras agrícolas e polos de desenvolvimento subsidiados por Superintendências Regionais.

Assinale:

- (a) se apenas as afirmativas I e II estiverem corretas.
- (b) se apenas as afirmativas I e III estiverem corretas.
- (c) se apenas as afirmativas II e III estiverem corretas.
- (d) se todas as afirmativas estiverem corretas.
- (e) se todas as afirmativas estiverem incorretas.

7 PUC-PR O mapa a seguir diferencia-se da conhecida divisão regional do IBGE para o território brasileiro. Este novo mapa tem sido cada vez mais utilizado para representar os grandes contrastes entre as diferentes regiões do país.

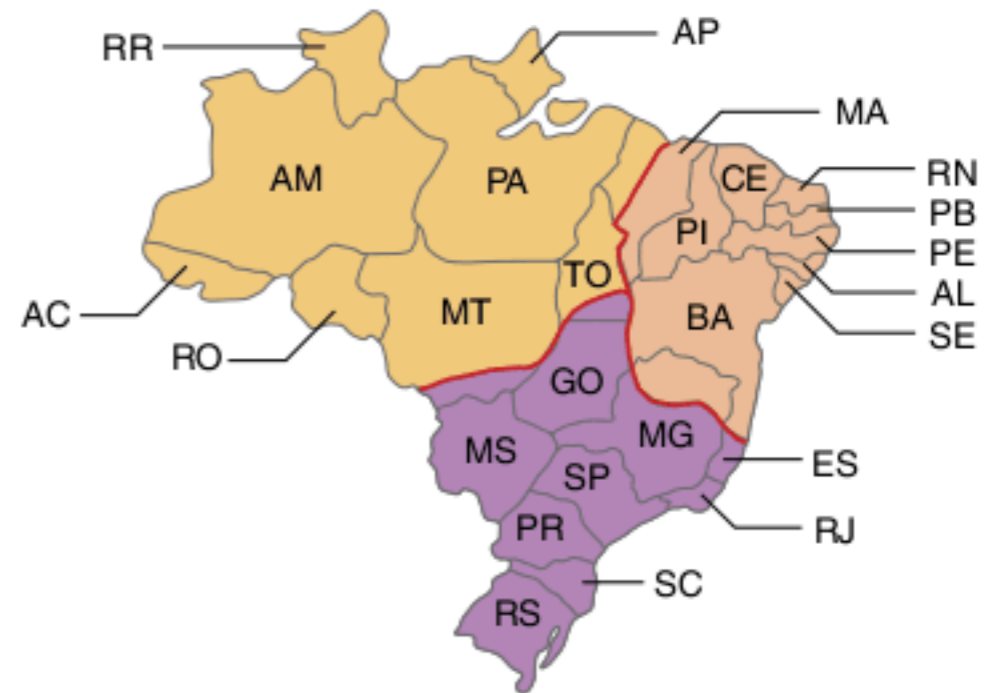


Leia as afirmativas que se relacionam com os diferentes complexos regionais do país e assinale a alternativa correta.

- I. A Amazônia, em função de sua grande superfície e devido à sua baixa ocupação demográfica, não apresenta áreas de conflitos fundiários.
- II. Há muitas décadas, o Nordeste tem se caracterizado como região de grande dinâmica populacional, através de migrações intrarregionais, em especial do sertão para o litoral e como fornecedora de mão de obra para outras regiões, com destaque para o Centro-Sul.
- III. O Centro-Sul, embora também seja palco de graves contrastes sociais, possui a maior concentração do PIB do país, uma vez que aí se encontram os principais polos industriais e centros financeiros do Brasil.

- | | |
|------------------------------|------------------------------|
| (a) Apenas I está correta. | (d) I e II estão corretas. |
| (b) Apenas II está correta. | (e) II e III estão corretas. |
| (c) Apenas III está correta. | |

8 UFPE Observe atentamente o mapa e identifique a seguir o que ele representa.



- (a) As grandes zonas climáticas do Brasil.
- (b) As regiões geoeconômicas do Brasil.
- (c) Os três grandes biomas brasileiros.
- (d) As mesorregiões naturais do Brasil.
- (e) Os três grandes escudos brasileiros.

9 Unesp Em maio de 1969, foi aprovada a divisão regional do Brasil em cinco grandes regiões, para fins estatísticos e didáticos. Mais modernamente, o espaço geográfico brasileiro foi dividido em três grandes unidades territoriais. Para essas duas divisões, os critérios utilizados foram, respectivamente:

- (a) político-administrativo e econômico-fiscal.
- (b) geoeconômico e político-administrativo.
- (c) econômico e político-administrativo.
- (d) político-administrativo e geoeconômico.
- (e) administrativo e econômico-fiscal.

10 UFSM Sobre as três regiões geoeconômicas do Brasil, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) nas alternativas a seguir.

- Cada complexo regional tem características importantes em comum que ultrapassam as divisões político-administrativas dos estados.

- No complexo da Amazônia, destaca-se a capital Belém que, na tipologia de cidades, é classificada como metrópole regional e, no modelo informacional, é avaliada como metrópole nacional.
- O Centro-Sul, juntamente com a faixa litorânea do território brasileiro, detém as principais cidades do país.
- No Nordeste, estão localizadas nove metrópoles regionais que exercem seu poder de polarização apenas em escala regional.
- A presença de Brasília, situada ao norte da região Centro-Sul, facilita a integração entre os complexos regionais e favorece o intenso turismo serrano na área.

A sequência correta é:

- (a) V – V – V – F – F
- (b) F – V – F – V – F
- (c) F – F – F – V – V
- (d) F – V – V – V – F
- (e) V – F – F – F – V

11 PUC-MG Considere os três grandes complexos regionais geoeconômicos do Brasil:

- 1 - Amazônia
- 2 - Nordeste
- 3 - Centro-Sul

Numere as frases abaixo de acordo com os elementos que identificam cada um dos complexos e, em seguida, assinale a alternativa que apresenta a numeração correta encontrada.

- Ocorre um processo de desconcentração econômica no seu espaço regional, fortalecendo as cidades médias com a instalação de centros de pesquisa e implantação de grandes empresas.
- Suas atividades produtivas baseiam-se na agricultura e no extrativismo mineral e vegetal.
- A criação de grandes projetos de irrigação tem beneficiado majoritariamente grandes grupos empresariais, às custas de pequenos produtores rurais.
- Aprofunda-se a integração de sub-regiões voltadas para o desenvolvimento de complexos agroindustriais, favorecidos pelo dinamismo industrial.

- (a) 1 – 2 – 3 – 3
- (b) 2 – 3 – 1 – 2
- (c) 3 – 1 – 2 – 3
- (d) 2 – 1 – 3 – 2

12 UEL O geógrafo Pedro Pinchas Geiger propôs, em 1967, a divisão regional do Brasil em três regiões geoeconômicas ou complexos regionais [...]. Essa divisão regional tem por base as características geoeconômicas e a formação histórico-econômica do Brasil. [...]

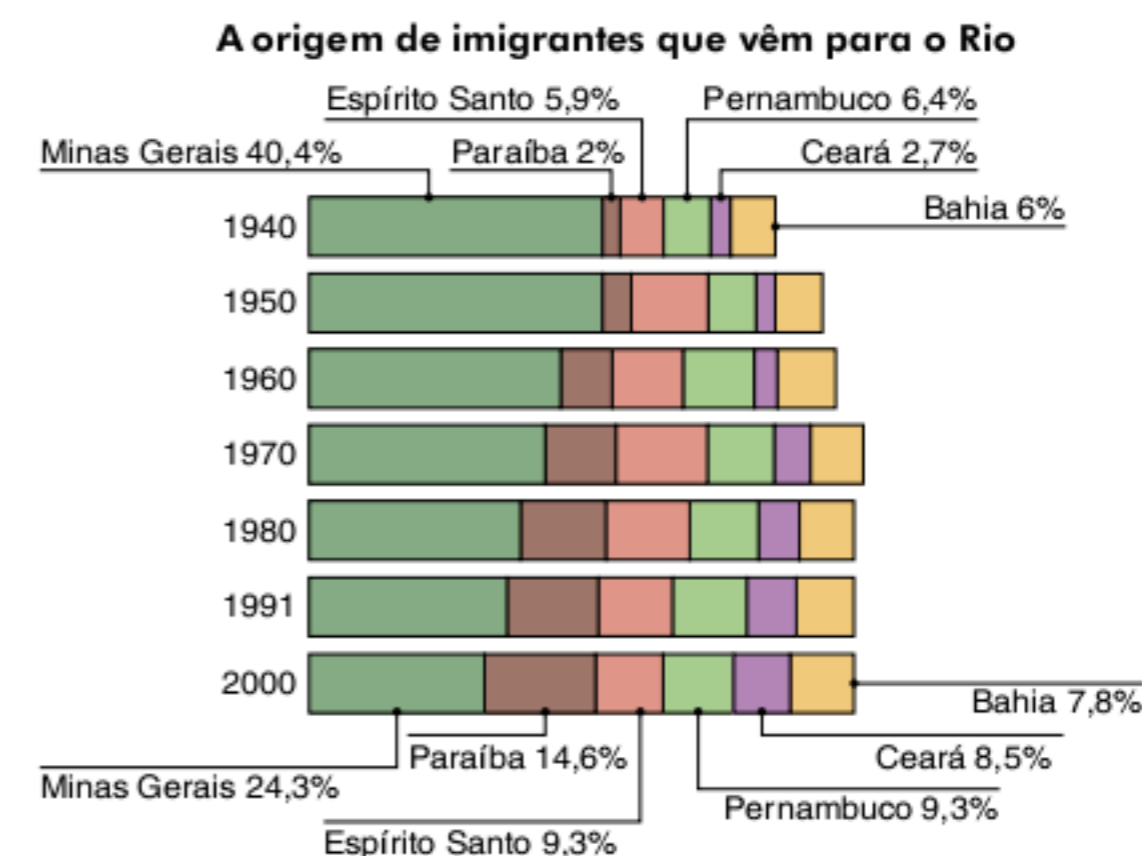
M. Adas. *Geografia: o Brasil e suas regiões geoeconômicas*. São Paulo: Moderna, 1996, pp. 52 e 67.

Aos complexos regionais da Amazônia, do Nordeste e do Centro-Sul, propostos por Geiger, podem-se atribuir, respectivamente, as seguintes caracterizações:

- (a) povoado no período colonial – industrializado – de baixa densidade demográfica.
- (b) de agricultura tecnificada – de atração de mão de obra – de predomínio de população rural.
- (c) de pequenas propriedades rurais – de industrialização tradicional – de economia extrativa.
- (d) de expansão da fronteira agrícola – colonizado através da economia açucareira – o mais industrializado e urbanizado.

- (e) de integração dos povos da floresta – de economia agropecuária moderna – de expulsão de mão de obra.

13 Uerj



O Globo, 16 maio 2005.

No gráfico, são indicadas variações nas taxas de migração para a cidade do Rio de Janeiro. Considerando as desigualdades regionais brasileiras, a alternativa que descreve uma causa adequada para as variações observadas é:

- (a) a elevação do percentual de migrantes do Ceará foi provocada pela dinâmica do clima desértico em seu território.
- (b) a mudança nos fluxos de Minas Gerais decorreu do avanço das condições de vida nesse Estado em comparação com os demais.
- (c) o crescente número de migrantes capixabas resultou da proximidade geográfica entre o Espírito Santo e a atual capital fluminense.
- (d) o aumento da proporção de nordestinos verificou-se pela melhoria recente das estradas de ligação entre Nordeste e Rio de Janeiro.

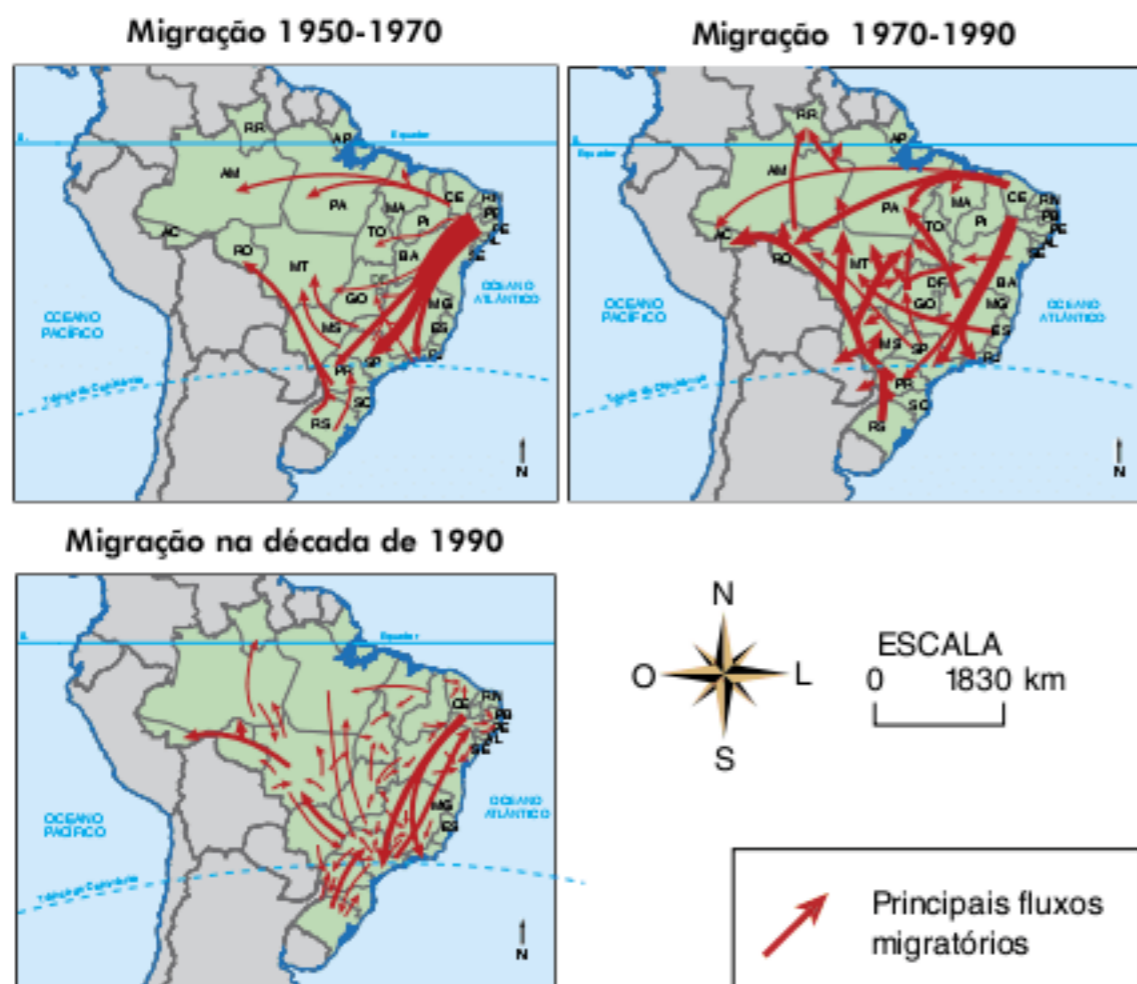
14 UFRGS Considere as afirmações a seguir, referentes à distribuição territorial da população brasileira.

- I. Em 2000, as regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belo Horizonte e Porto Alegre concentravam 80% da população brasileira.
- II. A região Sul apresenta a segunda maior densidade demográfica no Brasil, superando a região Nordeste.
- III. Embora o estado de Minas Gerais seja o segundo mais populoso do Brasil, sua densidade demográfica é várias vezes menor que a do estado do Rio de Janeiro.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I.
- (b) Apenas II.
- (c) Apenas I e II.
- (d) Apenas I e III.
- (e) Apenas II e III.

15 UFU A mobilidade da população brasileira sempre esteve ligada ao processo de povoamento do território nacional. A sucessão dos períodos da economia do Brasil favoreceu essa mobilidade que pode ser observada nos mapas a seguir.



Fonte: M. E. Simielli. *Geoatlas*. São Paulo: Ática, 2000, p. 97.

A análise dos mapas anteriormente apresentados permite afirmar que:

- (a) as décadas de 1970-1990 constituem-se como os principais períodos da migração de nordestinos rumo ao Centro-Oeste, fato que contribuiu para que essa região apresente, atualmente, o maior crescimento populacional do país.
- (b) as décadas de 1950-1970 foram marcadas pela migração de nordestinos para o Sudeste, motivados pela industrialização; para o Mato Grosso e Paraná; e para a Amazônia, devido à criação da Zona Franca de Manaus.
- (c) a década de 1990 foi marcada pela migração de moradores das periferias das grandes cidades brasileiras, atraídos pelas expectativas de trabalho nas reservas extrativas da região Amazônica.
- (d) nas décadas de 1970-1990, o maior fluxo de migração interna do Brasil foi o de nordestinos rumo ao Centro-Oeste, onde eles transformaram-se em empresários do extrativismo mineral.

16 Uerj 2009 Ildenice Rita da Silva, de 33 anos, chegou a Brasília há 15 anos. Foi atrás da irmã, Denizelda de Carvalho, de 41, que morava na cidade desde a década de 70. Ildenice sonhava com um emprego melhor do que em Riachão das Neves, na Bahia, onde trabalhava na roça com a família. [...] De acordo com o Censo 2000, de 1995 a 2000, 15,6% das saídas do Nordeste tiveram como destino as cidades-satélites do Distrito Federal e os municípios goianos ao redor de Brasília. Além das promessas de emprego, uma política de distribuição de lotes, anteriormente iniciada, fez inchar o entorno de Brasília.

Lisandra Paraguassú. *O Globo*, 12 maio 2002. (Adapt.).

A situação relatada na reportagem possibilita estabelecer uma correlação entre dois processos de grande importância para a área das ciências humanas.

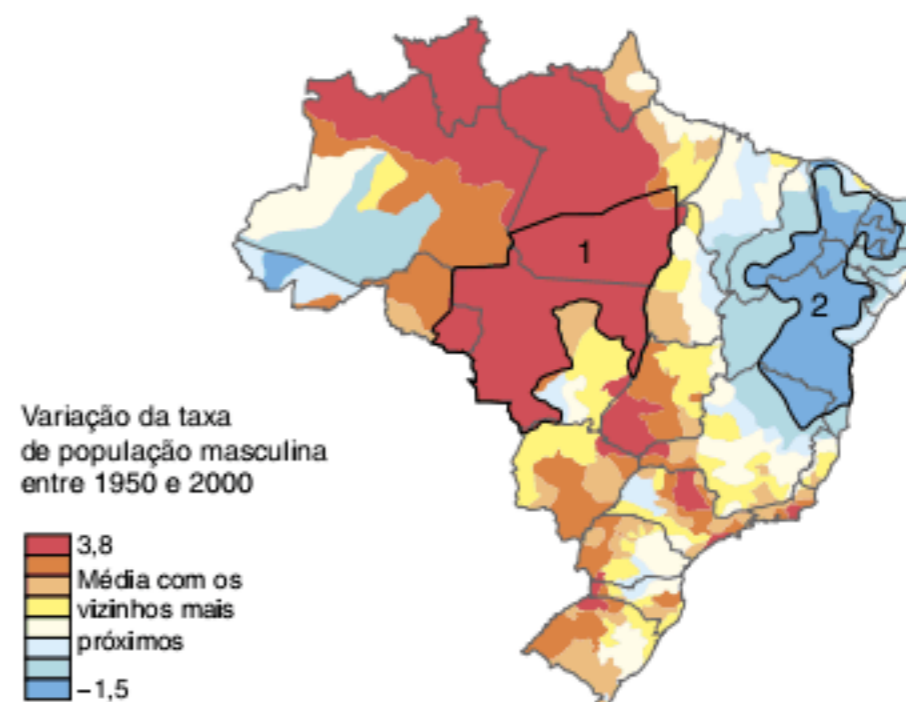
Esses processos estão indicados em:

- (a) urbanização – modernização agrícola.
- (b) migração – segregação socioespacial.
- (c) terceirização – reordenamento territorial.
- (d) metropolização – desemprego estrutural.

17 UFPE 2007 O fenômeno das migrações foi sempre um marco na história da humanidade. Segundo a ONU, o deslocamento populacional cresceu significativamente nos últimos 25 anos. Com relação a esse movimento de pessoas, analise as proposições seguintes.

- Pessoas com elevado grau de formação profissional, especializadas, de países periféricos e emergentes, são chamadas para assumirem postos de trabalho em países centrais. Esse tipo de migração é chamado de “migração de cérebros” ou “fuga de cérebros”.
- O nordestino brasileiro continua a ser visto como uma “ave de arribação”, em função de viver se deslocando para outras áreas do país. Exemplo disso, é a migração atual de trabalhadores para o Centro-Sul, a fim de atuarem na agroindústria canavieira.
- A crise econômica que assolou a Europa, nos anos de 1970, provocou uma forte retração no movimento migratório. Contudo, nos anos de 1980, houve uma retomada desse movimento, principalmente por parte de pessoas oriundas do Leste Europeu, que se deslocaram em direção à Europa Ocidental.
- O êxodo rural, que bem caracterizou as migrações no Brasil, nos anos de 1960 e 1970, continua a ocorrer e até mesmo com mais intensidade nessa primeira década do século XXI, em função do poder de atração que têm as metrópoles.
- A migração de garimpeiros da região Norte brasileira para Venezuela, Guiana, Suriname, Guiana Francesa pode ser classificada, quanto ao espaço, em migração externa continental.

18 Uerj A variação da taxa de população masculina entre 1996 e 2000 pode ser observada no mapa a seguir.



Fonte: H. Théry; A. N. Mello. *Atlas do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2005.

- a) Compare a variação das taxas das áreas 1 e 2 e indique a razão da diferença encontrada.
- b) Descreva uma característica socioeconômica de cada uma dessas áreas que justifique a variação apontada no mapa.

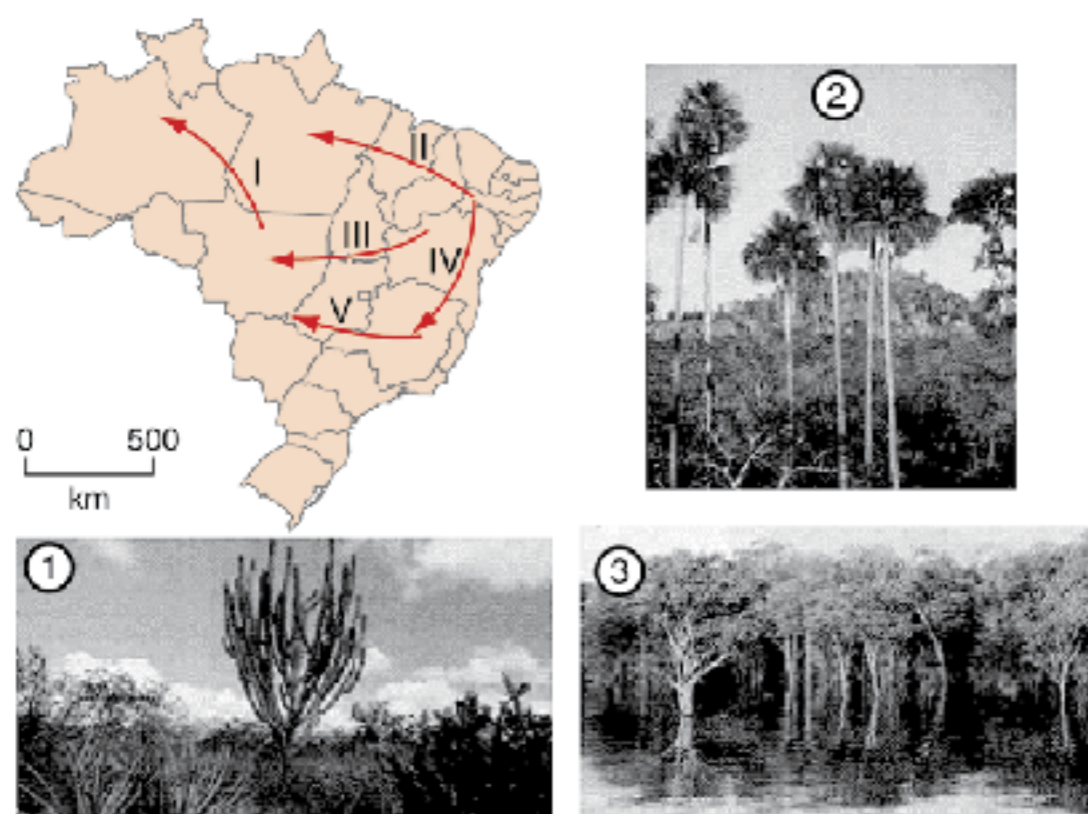
Texto para a questão 19.

Estrangeiro é quem
mudou de país
mudou de paisagem
e fez da viagem
um modo de estar.
Quem deixou para trás
o que tinha pela frente.
Quem era igual
e se tornou diferente.
Estrangeiro é quem
mudou por inteiro:
de ares, de amigos
e até de dinheiro.

Alberto Martins. *A floresta e o estrangeiro*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000, p. 6-7.

19 Puccamp “mudou de país [...] mudou de paisagem [...]”. Essa é uma realidade vivida por quase todos os imigrantes. No caso do Brasil, nem é necessário mudar de país para encontrar paisagens bem distintas.

Considere o mapa e as paisagens.



Para observar as três paisagens, o migrante deve seguir a rota, assinalada no mapa por:

- (a) I. (b) II. (c) III. (d) IV. (e) V.

20 FGV Observe o mapa para responder à questão.



Atlas do Censo Demográfico. Rio de Janeiro: IBGE, 2000. (Adapt.).

A leitura do mapa e seus conhecimentos sobre a dinâmica populacional brasileira permitem afirmar que:

- (a) o Nordeste transformou-se em área de atração de migrantes.
(b) a Amazônia não conseguiu atrair mais migrantes.
(c) os estados do Centro-Oeste tiveram saldo migratório negativo.
(d) estados como o Paraná e a Bahia tiveram saldo migratório negativo.
(e) a região Sul apresentou os maiores fluxos inter-regionais do país.

21 UEL Leia os trechos do poema a seguir.

Todo roxo de saudade
Tou aqui nesta cidade,
Meu prezado amigo Eloi,
Sofrendo calô e frio,
Nesta cidade do Rio,
Pertinho de Niterói.
[...]
Já fui a Copacabana,
Fui ao Campo de Santana,
Leblon, Mesquita e Bangu.
Senti um desgosto forte,
Por saber que o nosso Norte
É uma colônia do Sù.
[...]
O Rio é bastante lindo,
Eu devia aqui tê vindo
No tempo de cabra môço,
Porém, fui um desastrado,
Já cheguei véio e cansado,
E com a canga no pescoço.

Patativa do Assaré. “Coisas do Rio de Janeiro”. In: *Inspiração nordestina: Cantos de Patativa*. São Paulo: Hedra, 2003, p. 321-3.

Com base no poema e nos conhecimentos sobre migração no Brasil, é correto afirmar que:

- (a) a afirmação, no poema, de que o Rio é bastante lindo mostra a sensibilidade do migrante nortista que identifica a semelhança das paisagens naturais entre o local de origem e o de chegada, resultado da homogeneidade climática brasileira.
(b) em seu poema, Patativa indica que o sofrimento do migrante nordestino no Centro-Sul se refere à sua preferência pelo clima semiárido em comparação ao clima litorâneo úmido, motivação primordial do retorno à sua terra natal.
(c) o fenômeno do enriquecimento fácil e rápido, comum à realidade de jovens migrantes nortistas na região Sudeste, foi registrado pelo poeta, que explicita sua infelicidade pelo fato de ter chegado velho, cansado e com a canga no pescoço, fatores determinantes de sua miséria.
(d) o poeta denuncia o processo de colonização inter-regional da região Norte pelo “Sul maravilha”, ocorrido logo após o movimento de independência do Brasil, principal responsável pelo enriquecimento da região.
(e) o poema expressa, ao mesmo tempo, a saudade que o migrante sente dos amigos e do lugar de origem e a ambiguidade de seus sentimentos, um misto de frustração e encantamento em relação à metrópole carioca.

22 UFG Leia o trecho a seguir.

Ainda hoje, grande parte dos motivos que forçam os homens a migrar são os mesmos do passado. Os recentes episódios políticos ocorridos com os palestinos, os sul-vietnamitas e outros servem de testemunhos. Porém, neste momento, o que mais nos interessa é o estudo dos movimentos migratórios voluntários, os motivados pelo desejo de melhoria de vida ou de ascensão social, em particular na sociedade brasileira.

F. C. Scarlato. "População e urbanização brasileira". In: J. L. S. Ross (Org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998, p. 392. (Adapt.)

A interpretação do texto sobre o fenômeno migratório possibilita compreender a emigração de brasileiros, no período de 1985 a 1994, devendo-se considerar também a:

- (a) modernização do espaço agrário conjugada à concentração fundiária e às lutas no campo.
- (b) repressão política e social desencadeada pela ditadura militar e o grande número de exilados.
- (c) política econômica, com altas taxas de inflação, aliada ao desemprego e ao baixo crescimento econômico.
- (d) inserção do Brasil na economia globalizada associada ao desenvolvimento dos transportes e do turismo internacional.
- (e) geopolítica brasileira na América Latina articulada à expansão do mercado nacional e ao fortalecimento do Mercosul.

23 Udesc 2009 No Brasil, a concentração populacional e industrial se dá na costa leste do país.

Comente as origens históricas dessa concentração.

24 UFMG 2008 Analise este mapa, em que está destacada a área de distribuição espacial da Depressão do São Francisco em Minas Gerais.



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR, 3. ED. RIO DE JANEIRO: IBGE, P. 97. (ADAPT.)

A partir dessa análise e considerando outros conhecimentos sobre o assunto, é incorreto afirmar que essa área:

- (a) abriga uma população que, em número e densidade, decresce, grosso modo, de sul para norte, à medida que se afasta da metrópole nacional localizada em território mineiro.
- (b) constitui hoje o principal polo mineiro de atração da indústria nacional, diretamente beneficiado pela desconcentração industrial em curso no Estado.

- (c) é constituída de grandes áreas, em que a criação extensiva de gado faz uso de pastagens desenvolvidas em áreas ocupadas, originalmente, pelo cerrado e pela caatinga.
- (d) ocupa extenso corredor de terras baixas, de orientação norte-sul, resultante do rebaixamento do relevo por ação do Rio São Francisco e de seus principais afluentes.

25 Ufpel 2008 Até o início do século XX, o processo de industrialização no Rio Grande do Sul teve mais força na região sul do estado. Primeiro com as charqueadas e depois com os frigoríficos. Já a partir de 1890 começou a se desenvolver a indústria também no nordeste, e o estado passou a ter dois focos de industrialização bem distintos: o do sul e o do nordeste.

Observe as características da indústria do Rio Grande do Sul no período enfocado no texto.

- I. Produção para o mercado externo.
- II. Capital gerado pelo comércio.
- III. Capital de imigrantes.
- IV. Capital gerado pela pecuária.
- V. Capital bancário e internacional.

É correto afirmar que, no contexto da questão, as características da indústria do sul do Rio Grande do Sul são:

- (a) I, II e III.
- (b) I, IV e V.
- (c) II e IV.
- (d) I, III e V.
- (e) II, IV e V.

26 UEPG 2008 A respeito da regionalização do estado do Paraná, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), assinale o que for correto.

- 01 A mesorregião Centro-Oriental Paranaense incorpora a região dos Campos Gerais, em que se destacam, entre outros, os municípios de Ponta Grossa, Castro, Jaguariaíva e Telêmaco Borba.
- 02 As mesorregiões do Paraná foram criadas para facilitar as pesquisas, o censo e o planejamento, e essa divisão considera as características sociais e naturais de cada área.
- 04 A mesorregião da Região Metropolitana de Curitiba, em que se destacam, entre outras, as cidades de Curitiba, São José dos Pinhais, Araucária, Paranaguá e Campo Largo, é a que se apresenta como o maior polo de atração populacional do estado.
- 08 A mesorregião do Oeste Paranaense, em que se localizam Toledo, Marechal Cândido Rondon, Cascavel e Foz do Iguaçu, tem destaque, entre outros, na produção de suínos.
- 16 Na mesorregião Norte-Central Paranaense, em que se destacam Londrina e Maringá, localizam-se as mais extensas áreas de conservação de florestas nativas do Paraná. Ela apresenta o menor índice de atração populacional do estado.

Soma =

27 UFRGS 2010 Considere as seguintes afirmações sobre o Rio Grande do Sul.

- I. Historicamente, a metade sul do estado caracteriza-se pela maior presença do latifúndio associado à pecuária.
- II. No século XIX, a colonização alemã e a italiana distribuíram-se uniformemente pelo território estadual.
- III. Atualmente, a população concentra-se majoritariamente na metade norte do estado.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I. (c) Apenas III. (e) I, II e III.
(b) Apenas II. (d) Apenas I e III.

28 UFRJ Considerando o Brasil como um todo, as taxas de crescimento demográfico caíram nos últimos 5 anos. "O estado do Rio de Janeiro tem hoje a menor taxa de crescimento populacional entre todos os estados do país, ou seja 0,78%."

Anuário estatístico do IBGE, jul. 1997.

Essa situação acontece no Rio de Janeiro, porque no estado:

- (a) o alto índice de urbanização favorece para que as informações sobre controle de natalidade cheguem à maior parte da população.
- (b) há um elevado número de idosos e a taxa de mortalidade entre eles é alta.
- (c) tem crescido o número de habitantes que migram para outras áreas do país em busca de melhor qualidade de vida.
- (d) o espaço físico é insuficiente para abrigar uma população muito grande, pois ocupa uma área de apenas 43.305 km².
- (e) a taxa de natalidade é menor do que a taxa de mortalidade.

29 Puccamp Observe as fotos a seguir.



Década de 1910.

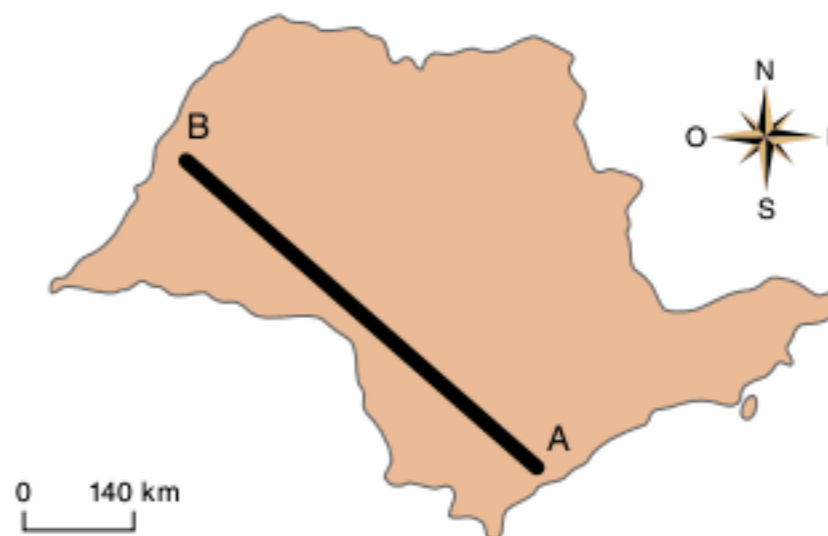


Década de 1990.

Assinale a alternativa que analisa o conteúdo geográfico das duas fotos.

- (a) A origem e a evolução da Av. Paulista, como área urbanizada, estiveram fundamentalmente associadas às políticas de planejamento.
- (b) O espaço urbanizado da Av. Paulista demonstra, em vários momentos históricos, a importância e a hegemonia do capital nacional.
- (c) O uso do solo da Paulista, pelo setor financeiro, representou duro golpe na burguesia nacional, que privilegiou o caráter residencial da avenida.
- (d) A organização do espaço da Av. Paulista é uma representação que evidencia em metrópoles industrializadas, como São Paulo, que não há segregação espacial.
- (e) A formação e a transformação, ao longo do século XX, do uso e ocupação do solo da Av. Paulista estão fortemente relacionados à presença do capital.

30 Fuvest Veja o mapa a seguir.



No corte A-B, indicado no mapa do estado de São Paulo, as atividades econômicas mais significativas são:

- (a) reflorestamento, cana-de-açúcar, pecuária e turismo.
- (b) turismo, reflorestamento, cana-de-açúcar e pecuária.
- (c) reflorestamento, fruticultura, cana-de-açúcar e pecuária.
- (d) fruticultura, reflorestamento, pecuária e cana-de-açúcar.
- (e) turismo, cana-de-açúcar, fruticultura e reflorestamento.

31 Uerj 2009

Fábricas de brinquedos querem polo no Nordeste

A forte concorrência dos chineses deve levar os maiores fabricantes nacionais de brinquedos a criar um polo de produção no Nordeste.

A China já responde por 70% dos brinquedos vendidos no mundo e por 50% no mercado brasileiro.

Atualmente, 80% das fábricas brasileiras de brinquedos estão no estado de São Paulo. O polo no Nordeste poderá significar a extinção de 18 mil dos 23 mil postos de trabalho existentes no mercado paulista.

Lino Rodrigues. *O Globo*, 2 abr. 2008. (Adapt.).

Indique dois fatores explicativos para a realocação industrial relatada na reportagem e aponte duas consequências socioeconômicas desse processo para a região Nordeste.

32 Udesc 2009 Descreva o significado da expressão "indústria da seca", caracterizando a região brasileira onde esse processo se desenvolveu.

33 Unicamp 2013 No século XXI, a participação do Produto Interno Bruto (PIB) do Nordeste no PIB brasileiro vem aumentando paulatinamente, o que indica que a região passa por um ciclo de crescimento econômico. Os principais fatores responsáveis por esse fenômeno são:

- (a) investimentos de grandes empresas em empreendimentos voltados para a promoção de economias solidárias e para o desenvolvimento de atividades de pequenos produtores agroextrativistas.
- (b) investimentos públicos em infraestrutura, concessões estatais de créditos e incentivos fiscais a empresas, e o aumento do consumo da população mais pobre, que passa a ter acesso ao crédito.
- (c) investimentos de bancos privados em grandes obras de infraestrutura direcionadas para a transposição do Rio São Francisco e para a melhoria dos sistemas de transporte rodoviário e ferroviário da região.
- (d) investimentos de bancos estrangeiros em empreendimentos voltados para a aquisição de grandes extensões de terras e para a instalação de rede hoteleira nas áreas litorâneas da região.

34 PUC-MG 2008 Leia o trecho da canção “Asa Branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, respondendo, em seguida, à questão proposta.

*Quando olhei a terra ardendo qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornalha, nenhum pé de plantação
Por falta d’água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a Asa Branca bateu asas do sertão
Entonce eu disse: adeus Rosinha, guarda contigo meu coração
Hoje longe muitas léguas nessa triste solidão
Espero a chuva cair de novo pra eu voltar pro meu sertão.*

A canção descreve, de forma poética, um dos problemas que afetam sistematicamente uma região brasileira, agravando problemas sociais cuja origem possui estreitas relações com o processo de apropriação da terra, de produção da riqueza e de distribuição da renda. A região descrita e a consequência mais comum do processo relatado na canção são:

- (a) o sul do Brasil e o êxodo rural.
- (b) as regiões agrícolas brasileiras e a migração sazonal.
- (c) o semiárido nordestino e a migração para o Centro-Sul e Norte do país.
- (d) as regiões metropolitanas e a migração pendular.

35 PUC-PR 2009 No Nordeste brasileiro, existem áreas que podem ser consideradas “ilhas de modernidade” agrícolas, que empregam técnicas e equipamentos sofisticados e produzem gêneros agrícolas para a exportação, contrastando com a agricultura sertaneja.

O enunciado refere-se à área:

- (a) do oeste baiano, que produz soja, e o médio Vale do Rio São Francisco, que produz frutas com um sistema de irrigação, destinadas em sua maior parte à exportação.
- (b) da Zona da Mata pernambucana, que produz grande quantidade de cana-de-açúcar e que usa modernos equipamentos de colheita que dispensam o trabalho braçal.

- (c) da mata de Cocais, no Maranhão, que produz açaí (cuja polpa é exportada) com o uso de moderno equipamento de colheita e secagem.
- (d) do litoral, a única área produtora do coco-verde, que é exportado para outras regiões do Brasil e é de ampla utilização na culinária regional e nacional.
- (e) do Recôncavo Baiano, onde se produz cacau, que é cultivado com auxílio de modernos equipamentos de plantio e colheita, segundo a técnica de sombreamento, considerada uma forma de produção ecológica e preservacionista.

36 PUC-Rio 2009

O Polígono das Secas



Disponível em: <www.ibge.gov.br>.

[...] Trata-se de uma divisão regional efetuada em termos político-administrativos e não corresponde à zona semiárida, pois apresenta diferentes zonas geográficas com distintos índices de aridez, indo desde áreas com características estritamente de seca, com paisagem típica de semideserto a áreas com balanço hídrico positivo [...] (grifo nosso)

Disponível em: <www.codevasf.gov.br/osvales/vale-do-sao-francisco/poligono-das-secas>.

De acordo com o fragmento e a figura anteriores, marque a única opção que apresenta uma justificativa verdadeira para incorporação de áreas com balanço hídrico positivo nessa região de planejamento.

- (a) A necessidade de destruição de barragens e açudes em áreas onde chova ao longo do ano para suprir outras onde as precipitações são inferiores a 200 milímetros.
- (b) A amenização pelo poder público local do problema da falta d’água com a redistribuição, via carros pipas, desse recurso, que é restrito a poucas pessoas dessa região.
- (c) A compra de votos pela esfera federal para a eleição dos representantes locais, substituindo-se as práticas assistencialistas regionais dos velhos coronéis.
- (d) A construção de reservatórios e açudes que substituam as bombas hidráulicas usadas como “moeda de troca” na transferência de recursos públicos para os governos regionais.
- (e) A captura de recursos públicos provenientes do Governo Federal pelas oligarquias nordestinas, especialmente as sertanejas, que conjugam seu poder à delimitação da área de atuação dos órgãos de combate às secas.

Sub-regiões do Nordeste



Após a leitura do mapa, conclui-se que:

- a área 3 é grande produtora de café e cacau, graças a seu solo tipo massapé.
- a área 2 constitui uma faixa de transição, produzindo milho, arroz, feijão e mandioca.
- na área 4, ocorre a produção de cana-de-açúcar e também a extração do látex.
- todas as áreas numeradas no mapa pertencem ao Polígono da Seca, que tem como principal característica fisiográfica a existência de desertos.
- a área 1 produz uvas de excelente qualidade, concorrendo diretamente com as castas viníferas do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul.

38 UFRN 2008 A falta de água tem se constituído, historicamente, como um dos mais graves problemas para as populações do agreste e do sertão nordestino. No Rio Grande do Norte, como medida para amenizar essa problemática, foi implementada uma política de construção de adutoras, aproveitando as potencialidades hídricas do Estado.

Entre outros aspectos, o programa de adutoras tem sido de significativa importância para a população do semiárido norte-rio-grandense porque proporciona:

- melhoria das condições de vida da população com o consumo de água tratada, contribuindo para a diminuição da mortalidade infantil.
- melhoria dos programas de irrigação nas pequenas propriedades familiares das áreas atingidas pela seca.
- distribuição de água gratuita para as áreas secas, com vistas ao desenvolvimento da agricultura.
- distribuição de água para proporcionar a sustentabilidade das populações e de seus rebanhos na região semiárida do Estado.

39 FGV-2005 Essa é uma das maiores originalidades dos sistemas hidrográfico e hidrológico regionais. [...] Daí resulta a inexistência de salinização excessiva ou prejudicial no domínio dos sertões. Encontram-se, aqui e ali, manchas de solos ligeiramente salinizados, riachos curtos designados "salgados", porém o conjunto de tais áreas é extremamente pequeno.

Aziz Ab'Saber, 2003.

No texto, a originalidade dos rios do sertão nordestino está relacionada à seguinte explicação:

- todos os rios do Nordeste, apesar de intermitentes periódicos, chegam ao Atlântico por diversas trajetórias.
- ao contrário de outras regiões semiáridas do mundo, seus rios e bacias hidrográficas convergem para depressões fechadas.
- a hidrologia regional do Nordeste seco não depende do ritmo climático sazonal dominante no espaço dos sertões.
- nas baixadas do Rio Grande do Norte, as áreas mais quentes e com luminosidade mais ampla correspondem a verdadeiros enxaguadores dos riachos salgados.
- apenas os rios da vertente oriental são intermitentes, o que justifica a expressão "rios que cortam no inverno", uma grande originalidade do Nordeste.

40 PUC-Rio 2008

Onde está o sertão nordestino? Em relação à diversidade fisiográfica de cada estado federado da região Nordeste brasileira, as unidades político-administrativas mais e menos sertanejas são, respectivamente:

- Bahia e Pernambuco.
- Bahia e Sergipe.
- Ceará e Maranhão.
- Ceará e Sergipe.
- Bahia e Alagoas.

- 41 PUC-RS 2008** Instrução: Para responder à questão, considere as afirmativas a seguir sobre a região Nordeste do Brasil.
- I. A região Nordeste é a maior região do país, concentrando mais de 50% da população brasileira.
 - II. A sub-região nordestina do Sertão é caracterizada pelo clima semiárido, com a predominância de rios intermitentes.
 - III. A transposição do Rio São Francisco tem causado muita polêmica, pois há temor de que a transferência das águas possa destruir de vez esse ecossistema.
 - IV. Os maiores problemas sociais do Nordeste estão no Agreste, onde há concentração de miséria associada a subemprego e a baixos salários, principalmente nas metrópoles, como Recife e Salvador.

As afirmativas corretas são, apenas:

- (a) I e II. (c) I e IV. (e) II, III e IV.
 (b) I e III. (d) II e III.

- 42 Puccamp** A carnaubeira é uma palmeira largamente encontrada no Nordeste, conforme o mapa apresentado a seguir.



Mário Guimarães Ferri. *Vegetação brasileira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, p. 30-2.

Sobre as áreas destacadas no mapa, afirma-se que:

- I. são densamente povoadas em consequência da presença de recursos extrativistas.
- II. apresentam o espaço profundamente alterado graças à introdução de inúmeras atividades agrícolas modernas.
- III. têm na pecuária extensiva uma de suas principais atividades.
- IV. são medianamente povoadas e, à exceção de Teresina, não apresentam núcleos urbanos de destaque.

Está correto somente o que se afirma em:

- (a) I e II. (c) II e III. (e) III e IV.
 (b) I e III. (d) II e IV.

- 43 Puccamp** O rio São Francisco, conhecido como o “Rio da Integração Nacional”, de sua nascente à foz, percorre a seguinte sequência de biomas:

- (a) cerrado, caatinga e mata Atlântica.
 (b) floresta amazônica, pampas e caatinga.
 (c) caatinga, cerrado e mata de araucária.
 (d) pantanal, cerrado e mata Atlântica.
 (e) mata Atlântica, pantanal e manguezal.

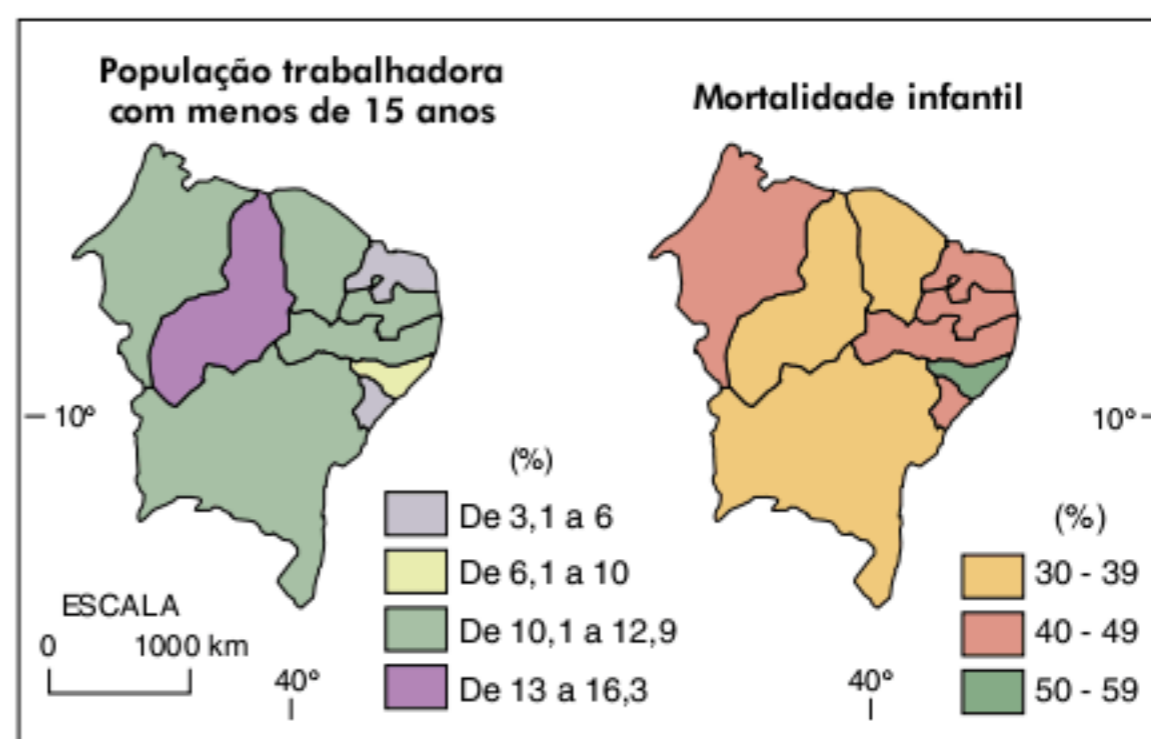
- 44 UFMG** Considerando-se a posição geoeconômica e política ocupada pela região Nordeste, hoje, no Brasil, é incorreto afirmar que essa região se caracteriza por:

- (a) significativa mobilidade intrarregional de populações atraídas pelo maior dinamismo econômico das metrópoles Salvador, Recife e Fortaleza.
 (b) autonomia no controle de suas atividades econômicas, que se traduz em independência em relação à região de economia mais dinâmica do país.
 (c) importância, no plano político nacional, desproporcional a seu peso econômico quando comparada ao papel exercido pelo Centro-Sul do país.
 (d) relativo declínio da participação de seu setor agropecuário no contexto nacional, sobretudo no que se refere à produção de algodão e de cana-de-açúcar.

- 45 UFPE** Na América do Sul, existem três núcleos de regiões semiáridas em um contexto de uma área continental predominantemente úmida. Um desses núcleos é o domínio morfoclimático das caatingas no Nordeste brasileiro. Considerando esse domínio, é correto afirmar que:

- constitui uma região seca, muito quente, de posição subtropical, com drenagem extensiva aberta ao mar e dotada de acentuada intermitência sazonal.
 a causa principal da semiaridez desse domínio morfoclimático, sobretudo nos estados do Ceará e do Rio Grande do Norte, é a chapada da Borborema, um extenso planalto sedimentar que se dispõe transversalmente aos fluxos dos alísios úmidos.
 as paisagens e condições ecológicas mais típicas desse domínio são encontradas, sobretudo, em terrenos cristalinos e topograficamente deprimidos.
 as chuvas no semiárido nordestino, especialmente no Piauí, no Ceará e no Rio Grande do Norte, ocorrem no inverno, entre junho e agosto, em face dos avanços de frentes frias.
 em decorrência das elevadas taxas de insolação, as precipitações pluviais anuais excedem as altas taxas de evapotranspiração real; daí o predomínio de uma cobertura vegetal xerófila nesse domínio.

- 46 Unifesp** Observe os mapas a seguir.



Relacionando os mapas, observa-se que no Nordeste brasileiro os piores índices de mortalidade infantil e as mais elevadas taxas de população trabalhadora com menos de 15 anos estão, respectivamente, nos estados de:

- Sergipe e Ceará.
- Bahia e Maranhão.
- Paraíba e Rio Grande do Norte.
- Alagoas e Piauí.
- Pernambuco e Bahia.

47 Unicamp (Adapt.) Leia a seguir o trecho da música “Tropicália”, de Caetano Veloso (1968). A seguir responda às questões.

*Sobre a cabeça os aviões
Sob os meus pés os caminhões
Aponta contra os chapadões
Meu nariz.
Eu organizo o movimento
Eu oriento o Carnaval
Eu inauguro o monumento no planalto central do país.*

- O movimento tropicalista, do qual Caetano Veloso foi um representante, traça um retrato “cantado” do Brasil. Segundo algumas interpretações, na música “Tropicália”, o autor contesta a ideologia que dominava o pensamento político do Brasil, principalmente entre as décadas de 1930 e 1960, mostrando as contradições da modernização subdesenvolvida do Brasil. A que fatos se referem os versos segundo e sétimo do trecho da música “Tropicália” acima reproduzida?
- Brasília, inaugurada em 1960, completa 50 anos em 2011. A sua construção no Planalto Central era um velho sonho do Estado brasileiro desde o Império. Aponte duas justificativas para a construção de Brasília.

48 Fatec 2009 Os cerrados brasileiros são formados por árvores com aspecto xeromórfico, com árvores tortuosas e espaçadas, com troncos de cortiça espessa e folhagem coriácea e pilosa, muitas vezes lembrando a caatinga arbustiva densa, da região do semiárido nordestino.

Jurandyr Ross (org.). *Geografia do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1996. (Adapt.).

O fator que pode explicar tal semelhança fisionômica entre os dois tipos de vegetação é:

- a baixa umidade nos solos do cerrado, com árvores com menor capacidade de captar e armazenar água do ambiente.
- a baixa fertilidade natural dos solos do cerrado, em geral muito ácidos, pobres em cálcio e nutrientes em geral.
- a vigência de um clima tropical seco e de altitude no cerrado, responsável por invernos mais chuvosos e verões mais quentes e secos.
- o uso intensivo das queimadas como fator de manejo e controle do cerrado para eliminação de gramíneas.
- o extenso desmatamento do domínio dos cerrados para a produção de soja e gado, tornando a região mais seca.

49 UFF O processo de urbanização no Brasil apresenta, conforme está demonstrado na tabela adiante, diferentes taxas de urbanização regional.

Taxas de urbanização no Brasil(em %)			
Região	1960	1980	1999
Norte	37.80	51.69	62.4
Nordeste	34.24	50.44	65.2
Centro-Oeste	35.02	67.75	84.4
Sudeste	57.36	82.79	89.3
Sul	37.58	62.41	77.2

Fonte: IBGE, 2000.

Identifique a variação da taxa de urbanização na região Centro-Oeste e analise uma das causas dessa variação no período de 1980 a 1999.

50 PUC-MG O Pantanal mato-grossense é uma região que apresenta um dos ecossistemas mais diversificados do mundo. Entre as características desse bioma, é incorreto afirmar que:

- a cobertura vegetal possui formações diversificadas que se apresentam sob a fisionomia de campos, cerrados ou matas.
- a composição florística inclui espécies da mata amazônica, cerrado, caatinga e outros biomas brasileiros.
- a planura do relevo é reflexo do amplo processo de deposição realizado pelo rio Paraguai e seus afluentes, o que não implica uniformidade paisagística.
- a baixa variabilidade sazonal dos elementos temperatura e precipitação reflete-se na fisionomia e comportamento das espécies locais.

51 Unifesp A gênese de cidades no Brasil Central registra dois momentos distintos, como o século:

- XVI, por meio da captura de escravos, e a década de 1930, a partir do planejamento estatal.
- XIX, pela expansão cafeeira, e a década de 1950, com a construção de Brasília.
- XVII, pela presença de quilombos, e a década de 1970, com a construção da Transamazônica.
- XVIII, pela mineração, e a década de 1970, com a expansão da fronteira agrícola.
- XVI, pela pecuária extensiva, e a década de 1990, com o cultivo de soja.

52 Unicamp 2010 Leia o trecho a seguir e responda às questões.

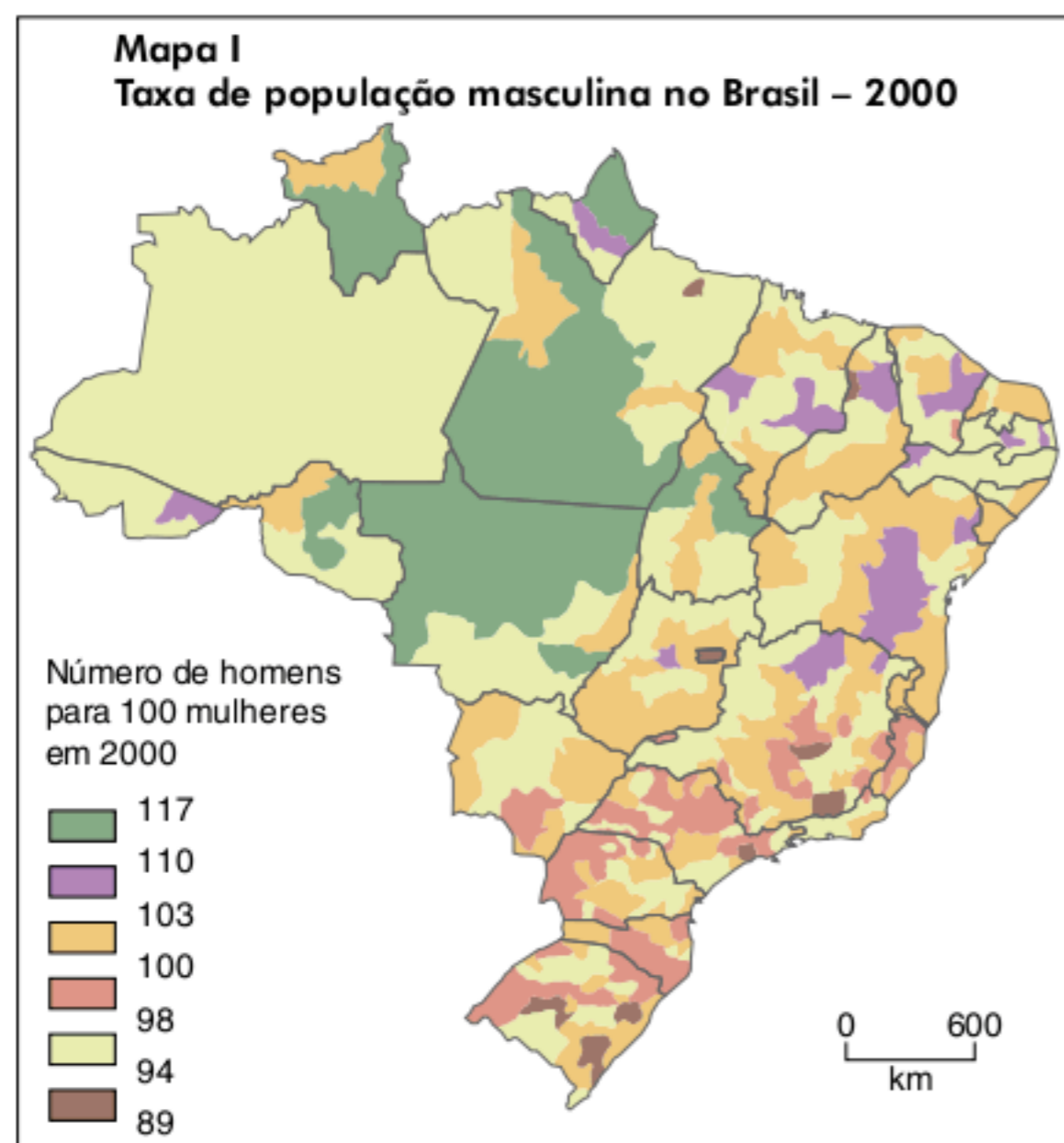
O Brasil faz fronteira com dez países da América do Sul, entre os doze existentes, o que reforça o caráter estratégico dessa área para a competitividade do país e para a integração do continente. Mas grande parte das regiões de fronteira está isolada dos centros nacionais, quer pela ausência de redes de transportes e de comunicação, quer pelo peso político e econômico menor que possui. Na escala local-regional, o meio geográfico que melhor caracteriza

a zona de fronteira é aquele formado pelas cidades gêmeas nos limites entre os países. Essas cidades gêmeas apresentam fluxos transfronteiriços com elementos comuns, que geram interações.

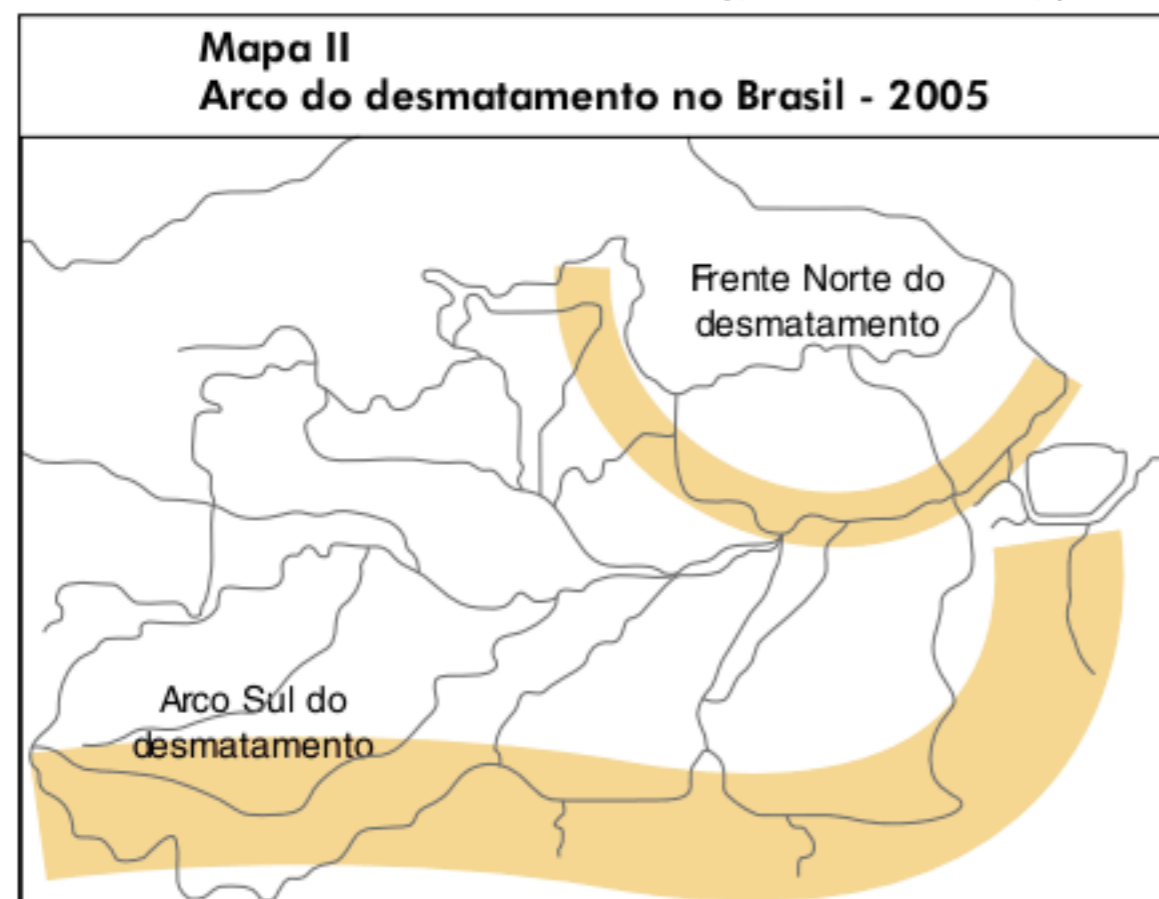
Lia Osório Machado. "Estado, territorialidade, redes: cidades gêmeas na zona de fronteira sul-americana". In: Maria Laura Silveira (org.). *Continente em chamas: globalização e território na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005, p. 258; e do Programa de desenvolvimento de Faixa de Fronteira. Brasília: Ministério da Integração Nacional. Disponível em: <www.mi.gov.br/programasregionais/fronteira.asp?area=spr_frenteira>. Acesso em: 12 out. (Adapt.).

- Comente, sucintamente, dois elementos incentivadores de fluxos transfronteiriços entre cidades gêmeas.
- Aponte dois projetos nacionais elaborados entre as décadas de 1980 e 1990 que podem ser considerados como estratégicos para a manutenção das fronteiras brasileiras.

53 UFF 2010 Com base na relação entre território e movimentos populacionais, analise os mapas I e II.



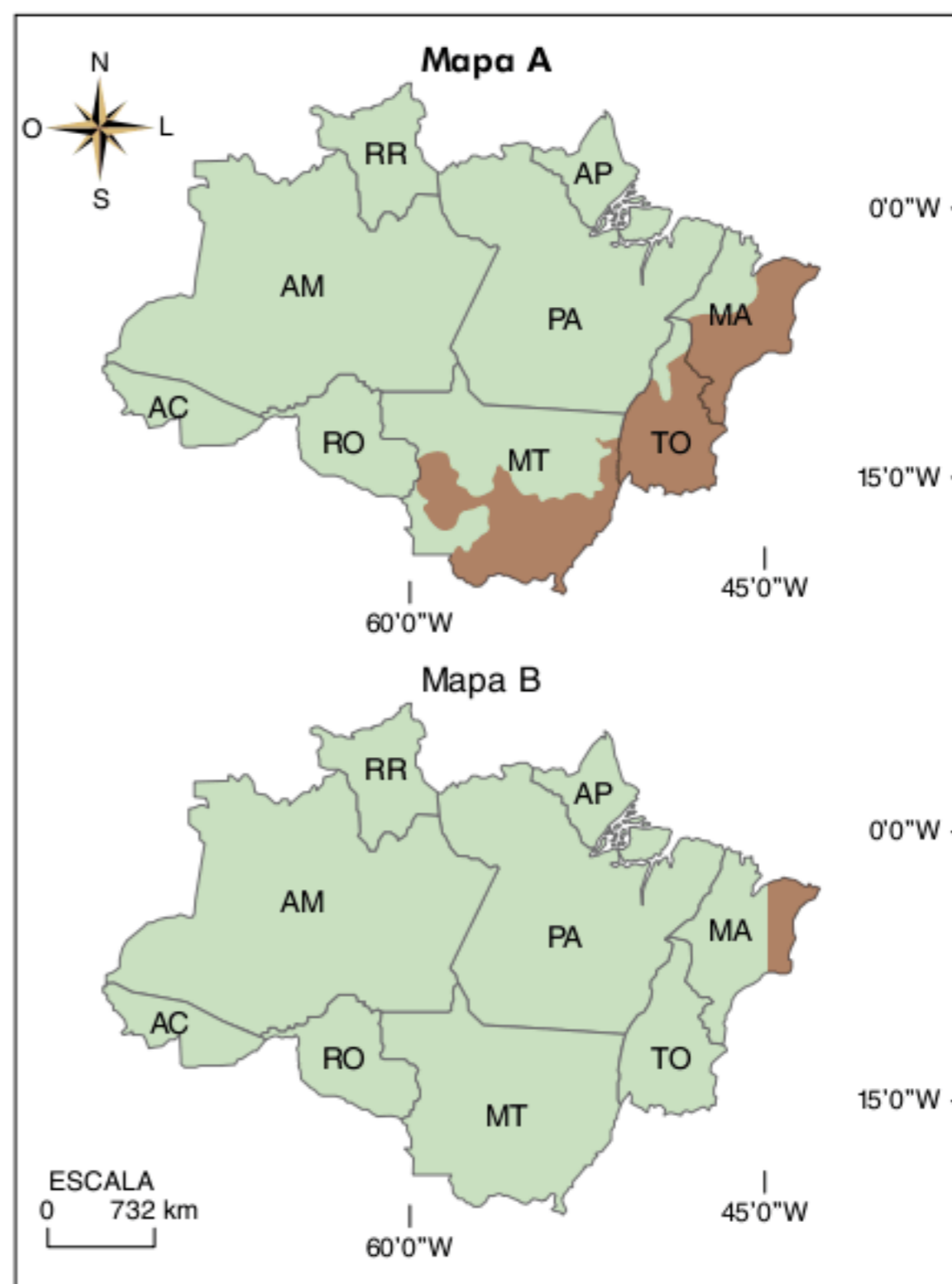
Fonte: H. Théry; N.A. Mello. 2004, p. 106.



Fonte: M.E. Simielli. *Geoatlas. Ática*, 2006, p. 113.

- Considere o mapa I e aponte uma razão para o forte contraste entre a faixa litorânea e as áreas interioranas do Norte e do Centro-Oeste.
- Pode ser estabelecida uma relação de causalidade entre os fenômenos assinalados nos mapas I e II. Justifique-a.

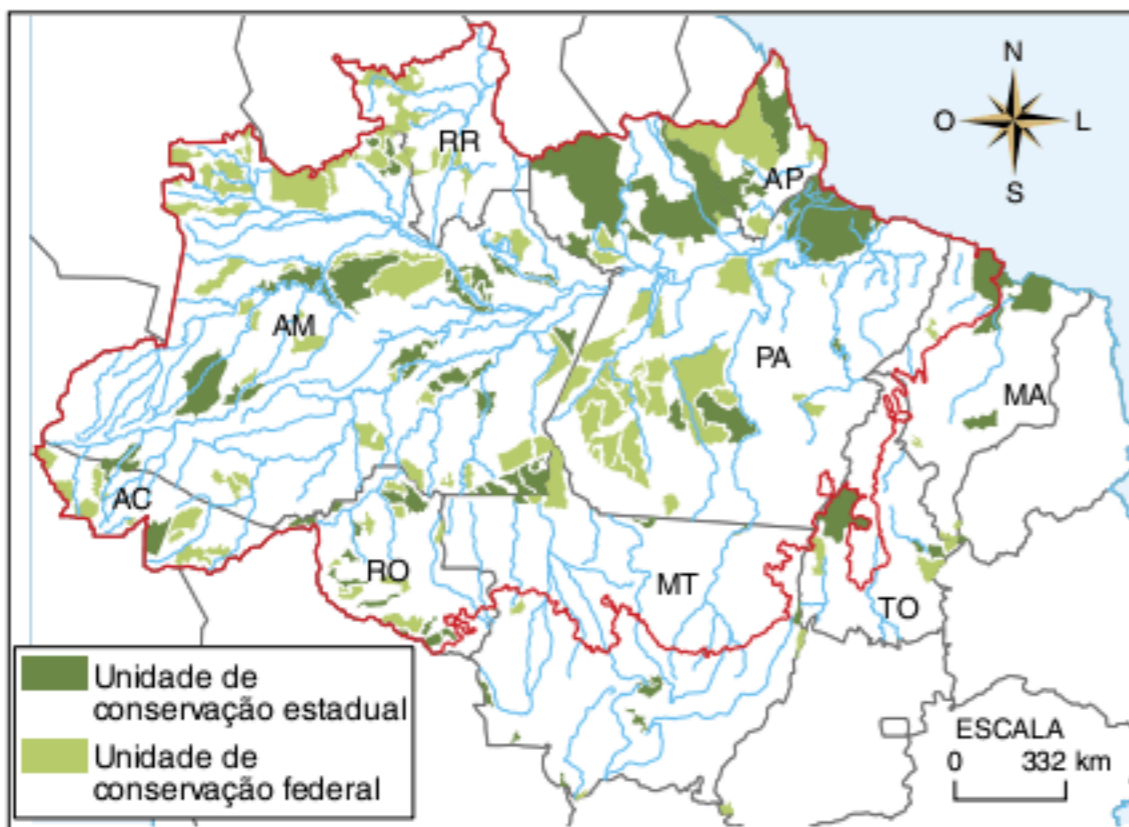
54 Unicamp 2009 Os mapas A e B representam parte do território nacional, com delimitação de área segundo dois importantes elementos para estudo do espaço brasileiro.



Fonte: IBGE, 2008. (Adapt.).

- Identifique a que se referem, respectivamente, as áreas representadas nos mapas A e B.
- Quais os principais problemas ambientais da atualidade verificados na região? Que tecnologia geográfica vem sendo empregada para o monitoramento dessa região?

55 UFRJ 2008 Atualmente, 20% da área da Amazônia brasileira estão oficialmente protegidos por Unidades de Conservação (parques nacionais, florestas nacionais, reservas biológicas, reservas extrativistas etc.), o que corresponde a cerca de um milhão de km². Mesmo com o monitoramento por imagens de satélite da região (Sivam), a proteção efetiva dessas áreas ainda enfrenta inúmeros desafios.



Fonte: IPAM, 2007. (Adapt.).

- Indique dois elementos, associados à ocupação da região amazônica, que ameaçam as unidades de conservação.
- Explique por que a fiscalização das unidades de conservação é mais difícil na Amazônia do que em outras regiões do país.

56 Mackenzie 2009



No mapa, a área destacada se refere:

- à demarcação do Projeto Calha Norte, área de litígio entre Brasil e Venezuela por essa região, que defendem, respectivamente, as reservas indígenas dos índios Pataxós e os madeireiros venezuelanos.
- à demarcação do Projeto Jarí, área de disputa entre a reserva indígena dos Ianomâmis e as indústrias extrativas e mineradoras.
- à demarcação da reserva indígena Raposa Serra do Sol, região de tensão entre populações indígenas e arroteiros que ocupam a área desde a década de 1970.
- à criação da última fronteira agrícola da Amazônia, no extremo norte do país, dentro da política de descentralização econômica, estimulando a recente implantação da rizicultura.
- à criação de uma região para a efetivação de assentamentos rurais, com o objetivo de apaziguar as tensões entre posseiros e grileiros da região.

57 Uece 2008 Vetores de ordem política, econômica e cultural concorrem para ativar a dinâmica da população. No caso do Ceará, as ações implementadas pelo Estado, retendo ou estimulando a mobilidade populacional, sempre ocorreram em diferentes momentos e espaços. Assinale a alternativa que apresenta um caso no qual o papel do Estado funciona como agente inibidor do processo migratório da população no Ceará.

- “Soldados da borracha” – cearenses que são levados para a Amazônia a fim de ocuparem espaços fronteiriços e garantirem a produção da borracha, durante a Segunda Guerra Mundial.
- Durante a seca de 1932, o Estado impõe ações emergenciais com o intuito de fazer com que a população permanecesse nos municípios, garantindo assim a concentração populacional em áreas do Ceará.
- Os incentivos governamentais e privados para a agroindústria do caju provocaram a migração de trabalhadores de outras regiões do estado para o litoral, sobretudo a região metropolitana de Fortaleza.
- A construção da barragem do Castanhão, que provocou o surgimento da cidade de Nova Jaguaribara, quando cerca de 15.000 pessoas foram deslocadas para aquele novo centro urbano.

58 UEL Na atualidade, a Amazônia Legal consolida sua participação no processo geral de transformação territorial do Brasil, marcadamente no que diz respeito às mudanças ocorridas no uso da terra, no qual a expansão e a intensificação da agropecuária determinam, em grande parte, a dinâmica econômica e demográfica desta imensa região.

Amazônia Legal-Fronteira Agrícola. Disponível em: <www.ibge.gov.br>. Acesso em: 25 jun. 2005. (Adapt.).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, é correto afirmar que:

- parte da expansão recente da fronteira agrícola na Amazônia Legal é marcada por um novo perfil produtivo caracterizado, entre outros fatores, pelos elevados índices de produtividade em áreas de baixa densidade demográfica.
- na Amazônia Legal, a exigência de numerosa mão de obra, por parte da pecuária extensiva, provocou uma intensa fragmentação política, elevando o número de municípios da região.
- a predominância da agricultura de subsistência na Amazônia Legal, fortalecida pelos atuais movimentos migratórios, criou um novo padrão produtivo e tecnológico, alterando a dinâmica tradicional de ocupação dessa imensa região.
- entre as mudanças ocorridas no uso da terra na Amazônia Legal, destaca-se a implantação de projetos agroindustriais baseados na fruticultura irrigada, que vem substituindo a pecuária como principal fator de avanço e expansão da ocupação da região.
- por estar circunscrita às áreas de transição entre floresta e cerrado, a expansão do padrão produtivo agrícola moderno oferece poucos riscos aos ecossistemas da Amazônia Legal.

- 59 Unifesp** Os graves problemas ambientais da Amazônia resultam em consequências sociais também relevantes, como:
- (a) a contaminação dos rios, que dizimou a população quilombola.
 - (b) a exploração mineral, que gera conflitos com povos indígenas.
 - (c) a extração de petróleo, que expulsa trabalhadores do campo.
 - (d) o extrativismo vegetal, que dispensa a agricultura familiar.
 - (e) o desmatamento, que provoca a retirada de garimpeiros.

60 Enem Observe as seguintes estratégias para a ocupação da Amazônia brasileira.

- I. Desenvolvimento de infraestrutura do Projeto Calha Norte.
- II. Exploração mineral por meio do Projeto Ferro Carajás.
- III. Criação da Superintendência para o Desenvolvimento da Amazônia.
- IV. Extração do látex durante o chamado Surto da Borracha.

A ordenação desses elementos, desde o mais antigo ao mais recente, é a seguinte:

- (a) IV, III, II, I.
- (b) I, II, III, IV.
- (c) IV, II, I, III.
- (d) III, IV, II, I.
- (e) III, IV, I, II.

61 Fatec A partir dos anos de 1970, o processo de ocupação da região Norte marcou-se por forte intervenção do Estado.

Entre as medidas tomadas para controlar essa ocupação, pode-se citar:

- (a) a instalação de projetos mineradores beneficiados pela construção de usina hidrelétrica e ferrovia.
- (b) a criação de reservas extrativistas, como forma de desenvolver atividades de exploração mineral sem provocar danos à natureza amazônica.
- (c) a implantação de rede de hidrovias interligada à rede rodoviária, o que possibilitou a redistribuição da população, antes concentrada na faixa litorânea.
- (d) a rígida política ambientalista, que dificultou a instalação de projetos agropecuários ou minerais que ameaçassem o meio ambiente.
- (e) a privatização da exploração de minérios, que teve como objetivo dar início à exportação de matérias-primas minerais e garantir o desenvolvimento sustentado da região.

62 PUC-RS A Amazônia é alvo de vultosos investimentos e também de muitas preocupações. Os olhares do mundo inteiro veem nela uma área de futuro, tanto do ponto de vista natural quanto do econômico. Com relação a esse espaço, é correto afirmar que:

- I. seu clima, equatorial úmido, apresenta uma precipitação anual média de 2.000 mm, com temperaturas elevadas e pequena amplitude térmica.
- II. a Zona Franca de Manaus, que atraiu centenas de imigrantes durante as últimas décadas do século passado, foi extinta em 2005.
- III. a manutenção da floresta equatorial é fundamental, pois a Amazônia continua sendo o pulmão do mundo.

- IV. o Plano de Desenvolvimento Amazônia Sustentável, proposto em 2004, propõe a divisão da Amazônia em três macrorregiões e estabelece diretrizes de planejamento para cada uma delas.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que somente estão corretas:

- (a) I, II e III. (c) I e IV. (e) III e IV.
- (b) I, II e IV. (d) II e III.

63 UFSM O período do governo militar no Brasil marcou o início da incorporação da Amazônia ao projeto nacional de desenvolvimento.

A figura refere-se a um anúncio da Sudam, publicado na revista *Veja*, de dezembro de 1970.



D. Magnoli; R. Araujo. *Projeto de Ensino de Geografia: geografia do Brasil*. São Paulo: Moderna, 2001, p. 268.

Qual das afirmações a seguir melhor expressa as consequências do projeto político contido no anúncio?

- (a) Os seringueiros do Acre resistiram ao avanço das empresas madeireiras e das fazendas sobre os seringais nativos e conseguiram que um decreto criasse reservas extrativas comunitárias.
- (b) Durante a fase derradeira da ocupação de Rondônia, a descoberta de ouro aluvial provocou um imenso, mas efêmero fluxo migratório para Roraima.
- (c) Os projetos agropecuários e florestais, incentivados pelo governo, priorizaram atividades predatórias do ponto de vista ambiental e pouco eficientes do ponto de vista econômico.
- (d) Os produtos naturais da floresta encontram novas e sofisticadas aplicações na indústria farmacêutica e de alimentos. Além disso, os institutos científicos da Amazônia pesquisam técnicas adequadas para o cultivo de espécies como a seringueira e a castanheira.
- (e) O guaraná, o urucum, a malva e diversas frutas nativas, que eram produtos exclusivamente de coleta, passaram a ser cultivados com sucesso.

TEXTO COMPLEMENTAR

Entre 2007 e 2008 o governo brasileiro promoveu uma série de estudos para gerar uma nova forma de regionalização do território nacional destinada a subsidiar o PPA 2008-2011, ou seja, o Plano Plurianual, que é um conjunto de definições sobre quais devem ser as prioridades de investimento das políticas públicas no território nacional. O objetivo desse último PPA é direcionar as políticas públicas territoriais até por volta de 2027. O fragmento a seguir é parte do primeiro volume desse abrangente estudo. Ao lê-lo, procure identificar as características regionais e as carências de cada área, as quais, por sinal, fundamentaram essa regionalização, voltada ao planejamento territorial.

Territórios Homogêneos e Vetores Estratégicos de Desenvolvimento

As análises acerca da atual organização espacial brasileira a partir de um conjunto de indicadores sociais e econômicos demonstraram, primeiramente, a diferença marcante entre duas frações do território, uma ao norte e outra ao sul, divididas por uma linha que passa pelas regiões de Porto Velho/RO, Brasília/DF e Vitória/ES (ver figura a seguir). Ainda se observa no Brasil uma porção sul desenvolvida, que apresenta os melhores índices sociais e econômicos do país, que se expande para a região Centro-Oeste, e uma porção mais ao norte, com indicadores abaixo da média nacional em termos de desenvolvimento econômico e social.



A expressão da densidade populacional e produtiva do país e a delimitação do bioma amazônico configuram a existência de dois grandes anéis que segmentam o mapa do Brasil em sentido oposto ao da diagonal anteriormente assinalada, dando origem a três grandes áreas, conforme mostra a figura a seguir.



Grande parcela da população e da atividade econômica do país ainda se concentra no litoral. Mais ao sul, observa-se um prolongamento desse perfil de desenvolvimento rumo ao interior, englobando todo o estado de São Paulo e a região Sul do país.

Ainda, isolou-se, para efeito da construção da estratégia de desenvolvimento territorial, o bioma da floresta amazônica, caracterizado aqui como aquele delimitado pelas linhas divisórias das sub-regiões Amazônia Ocidental e Amazônia Central tal como definidas no Plano Amazônia Sustentável – PAS.

Na zona central da configuração atual do território nacional, prevalece uma vasta área cuja ocupação foi-se intensificando nos últimos anos. Ela foi impulsionada pelo avanço da agroindústria capitalista e pelo mais importante movimento concreto da política de desenvolvimento regional brasileira, que foi a instalação da nova capital do país, Brasília, com sua conexão com a vizinha Goiânia e seus eixos de acesso ao Centro-Sul, em direção ao Triângulo Mineiro e São Paulo e a Belo Horizonte e Rio de Janeiro.

O cruzamento da diagonal inicial com os dois anéis produziu cinco conjuntos territoriais. A eles, foi adicionada uma linha que delimita o território do semiárido nordestino, foco principal da Política Nacional de Desenvolvimento Regional por ainda ser a região que apresenta os menores índices de desenvolvimento humano do país.

Daí, destacaram-se seis grandes áreas, expressões das homogeneidades e, por contraposição, das diferenças que marcam o território nacional. A figura a seguir representa a feição atual do país, segundo essa análise.



Cada uma dessas áreas merece análise objetiva, em separado, em qualquer estratégia de desenvolvimento que se pretenda organizar para o Brasil. Pensar o futuro da configuração territorial brasileira é pensar como se pode transformar a realidade do país em busca de uma trilha de superação de, ao menos, algumas dessas grandes marcas de divisão do território nacional.

Sob essa perspectiva, o atual estudo também buscou identificar, para os seis conjuntos territoriais supramencionados, vetores estratégicos de desenvolvimento, os quais permitissem gerar impulsos dinâmicos de desenvolvimento para as diversas regiões, de forma que possibilitasse uma convergência dos níveis de renda *per capita* e de qualidade de vida da população. Para tanto, foram analisados os imperativos globais e determinantes nacionais que impõem obstáculos ou oferecem oportunidades ao projeto de estruturação de uma nova organização do território nacional, assim como identificados os principais fatos portadores de futuro que poderão influenciar essa trajetória. Abaixo faz-se uma apresentação sintética acerca dos vetores selecionados para cada território.

Território 1- Bioma Florestal Amazônico

1. Revolução técnico-científica associada à biodiversidade, para valorizar decisivamente os produtos da floresta e de suas águas.
2. Empreendedorismo regional, que abra espaço para novas fronteiras da inovação social e gere atividades que valorizem a cultura regional.
3. Implantação de uma logística integrada e adequada às especificidades da área.
4. Transformação das débeis redes de cidades em um sistema urbano, capaz de melhorar a provisão de serviços básicos à população.
5. Fortalecimento da presença do Estado e dos instrumentos de ordenamento territorial.

Território 2A - Centro-Oeste

1. Oferta de uma malha logística adequada em transporte e energia.
2. Consolidação da ocupação agroindustrial contemporânea, diversificando e ampliando suas bases de sustentação tecnológica e financeira.
3. Desenvolvimento de iniciativa que aponte caminhos para superar os problemas fundiários e ambientais.
4. Fortalecimento dos elos que se estruturam no arco Brasília-Anápolis-Goiânia, o que ajudará a região a se tornar um polo de atração de empreendimentos de base científica e tecnológica e serviços de alta complexidade.

5. Integração sul-americana baseada em complementaridade de recursos e projetos conjuntos, capazes de embasar uma agenda de desenvolvimento para o coração do continente.

Território 2B1 – Centro-Norte

1. Ampliação intensiva da logística disponível com a estruturação de uma economia minero-agroindustrial ativa na área florestal desmatada, localizada na confluência dos estados do Pará, Maranhão e Tocantins.
2. Aproveitamento de grandes extensões de terras degradadas e/ou abandonadas pela antiga frente de expansão.
3. Modificação da estrutura da ocupação produtiva dos cerrados e ofertas de alternativas tecnologicamente densas de exploração agrosilvopastoril.
4. Desenvolvimento da conectividade interna da região a partir das cidades que cresceram com a nova dinâmica, como Barreiras e Balsas, ou mesmo Palmas.
5. Montagem de uma competência técnico-científica dedicada, voltada às questões das atuais formas produtivas.

Território 2B2 – Sertão Semiárido Nordestino

1. Promoção de amplo acesso à água e seu uso sustentável.
2. Apoio e impulso a atividades regionais adequadas ao ambiente e à cultura regionais.
3. Renovação e ampliação da logística para ampliar a acessibilidade, a integração e a revitalização dos núcleos urbanos.
4. Adensamento da base científico-tecnológica na área, com reforço ao ensino técnico profissionalizante.
5. Esforço decisivo em educação, saúde, saneamento, habitação e resgate social por mecanismos de transferência de renda que o território demanda.

Território 3A - Litoral Sudeste-Sul

1. Fortalecimento das competências em CT&I do território, mobilizando-as para que contribuam diretamente na formação mais intensa de competências em outras partes do país.
2. Consolidação das articulações das cidades mundiais do país com as redes estabelecidas e polos do Cone Sul, ampliando as condições de inserção global autônoma.
3. Desenvolvimento das possibilidades de articulação da estrutura socioprodutiva com países vizinhos.
4. Mudança das condições de vida nos grandes centros urbanos com maior integração social, acesso a serviços públicos e redução da violência.
5. Exploração sustentável dos recursos do mar e dos ambientes costeiros, incluindo pesca, transporte, lazer, exploração mineral e aspectos ligados à defesa.

Território 3B – Litoral Norte-Nordestino

1. Promoção de setores competitivos com alto poder de geração de emprego e renda.
2. Diversificação econômico-produtiva de zonas dedicadas seletivamente às monoculturas.
3. Distribuição ampla de ativos estratégicos pela população e pelas sub-regiões.
4. Fortalecimento e intensificação das relações que o território mantém com o mar e os ambientes costeiros.
5. Adensamento tecnológico e comercial das novas e velhas cadeias produtivas regionais.

Brasil. *Estudo da Dimensão Territorial para o Planejamento*. Sumário Executivo / Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos. Brasília: MP, 2008, v. 1. Disponível em: <www.planejamento.gov.br/secretarias/upload/Arquivos/spi/programas_projeto/planejamento_territorial/plan_ter_Vol1.pdf>. (Adapt.).

RESUMINDO

Neste capítulo destacamos os seguintes conteúdos:

- região é uma área delimitada de acordo com critérios estabelecidos caso a caso, portanto, são possíveis diferentes regionalizações em diferentes escalas. Cada regionalização está baseada em uma teoria ou mesmo em uma visão de mundo diferente.
- existem três principais formas de regionalizar o território brasileiro. A mais conhecida é a do IBGE, baseada na regionalização homogênea, que inclui 5 regiões: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Outra, também ligada a estudos do IBGE, é a regionalização geoeconômica, baseada na ideia de divisão territorial do trabalho, dividindo o país em três macrorregiões: Centro-Sul, Amazônia e Nordeste. E uma mais recente, ligada às teorias de Milton Santos, é a que divide o país em “Quatro Brasis”: região Concentrada, Centro-Oeste, Amazônia e Nordeste.
- o processo de integração do território nacional, ligado à mudança da economia agroexportadora para a urbano-industrial, promoveu a configuração da divisão territorial do trabalho que conhecemos atualmente, destacando a região Concentrada como o grande centro produtivo e decisivo do país; a região Centro-Oeste como a de expansão econômica recente, ligada principalmente ao agronegócio; a Nordeste como a região de manutenção de modelos, tanto técnicos quanto político-sociais, de atraso; e a Amazônia como reserva territorial pouco ocupada. No entanto, nos últimos anos fica clara a tendência de renovação econômica do Nordeste.
- o mesmo processo de integração do território que gerou a divisão territorial do trabalho produziu também as migrações internas no país. Ao longo do processo de industrialização da região Concentrada, o Centro-Oeste conheceu um intenso e rápido processo de expansão da fronteira agrícola, a Amazônia foi alvo de investimentos pontuais (Zona Franca e áreas de mineração) e o Nordeste conheceu um longo período de estagnação econômica. Dessa forma, enquanto esta última região ia se afirmando como área de repulsão econômica, as outras três se firmaram como áreas de atração. Uma exceção importante, nesse esquema sintético, foi o interior dos estados do Paraná e do Rio Grande do Sul, de onde também saíram muitos grupos de migrantes, principalmente em direção ao Centro-Oeste.
- atualmente destaca-se uma tendência de desconcentração dos fluxos migratórios, marcada pelas migrações intrarregionais, pelas migrações temporárias (pendulares e sazonais) e pela queda da imigração na região Concentrada e aumento da imigração no Nordeste, configurando, muitas vezes, uma migração de retorno.

■ QUER SABER MAIS?

LIVROS

- João Cabral de Melo Neto. *Poemas Morte e vida severina e O Rio* – essas obras dão uma ideia do que é a situação do emigrante nordestino.
- Edith Oliveira Menezes. *Seca no Nordeste: desafios e soluções*. São Paulo: Atual, 2002.
- Wilson Teixeira & Roberto Linsker. *Parques nacionais Sul: Cânions e cataratas*. São Paulo: Terra Virgem, 2010.
- José Lins do Rego. *Fogo Morto*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

SITES

- <www.ibge.gov.br/estadosat/>.
- <www.fundaj.gov.br>.
- <www.sudene.gov.br>.
- <www.integracao.gov.br>.
- <www.dnocs.gov.br>. (Departamento Nacional de obras contra as secas)
- <www.sudam.gov.br>.
- <www.planejamento.gov.br>. (Ministério do planejamento)

FILMES

- *Garapa*. Direção: José Padilha. Brasil, 2008. Duração: 108 min.
- *O povo brasileiro*. Direção: Isa Ferraz e Darcy Ribeiro. Brasil, 2000.
- *Morte e vida Severina*. Direção de Valter Avancini. Brasil, 1981. Duração: 101 minutos.
- *Deus e o Diabo na terra do sol*. Direção de Glauber Rocha. Brasil, 1964. Duração: 125 minutos.

Exercícios complementares

1 Uerj 2008



Fonte: *Atlas Geográfico Escolar*. Rio de Janeiro: IBGE, 2007. (Adapt.).

No mapa apresentado estão assinaladas as três macrorregiões geoeconômicas presentes no território brasileiro. Escolha duas delas e apresente uma característica física e uma característica socioeconômica que sejam marcantes para a sua individualização como macrorregiões.

2 Fuvest 2009 O Brasil é uma República Federativa que apresenta muitas desigualdades regionais. Confrontando-se dois aspectos – a igualdade jurídica entre os estados-membros e as disparidades econômicas entre as regiões – pode-se afirmar que:

- (a) o desequilíbrio econômico regional vem sendo, ao menos parcialmente, atenuado pelo menor número de representantes do Sudeste no Congresso Nacional, em comparação aos do Norte e Nordeste.
- (b) a região Norte é a menos representada no Congresso Nacional, fato notável principalmente no Senado, derivando daí uma situação de desigualdade perante as demais regiões.
- (c) a região Sul goza de ampla maioria de representação no Congresso Nacional, o que lhe tem permitido obter vantagens na redistribuição dos repasses federais.

- (d) o princípio da igualdade, garantido pelo número fixo de senadores por Estado, permite uma distribuição equilibrada dos repasses federais, entre as diferentes regiões do país.
- (e) os estados nordestinos, apesar de sua pouca representatividade no Congresso, vêm assumindo liderança na definição das políticas monetária e cambial no país.

3 PUC-MG Com referência ao complexo geoeconômico nordestino, assinale a afirmativa incorreta.

- (a) É uma região definida pela reprodução interna da DIT; entretanto, possui elevado contingente populacional e constitui importante mercado consumidor para os produtos produzidos em outras regiões.
- (b) É uma região que recebeu, nas últimas décadas, um elevado percentual do investimento público e privado, o que contribuiu para a montagem de um parque industrial complexo e autônomo nacionalmente.
- (c) É uma região que, a despeito das restrições ambientais e da modernização promovida pelo planejamento econômico, a partir dos anos 60, possui no campo o esteio de sua economia, representado, sobretudo, pela pecuária e agricultura comercial de exportação.
- (d) É uma região cuja indústria tem elevado substancialmente sua participação no PIB industrial brasileiro.

4 Cesgranrio

[...] O Rio Grande do Sul não é um só, são vários geograficamente e historicamente falando. O mais conhecido e mais antigo é, claro, o Rio Grande gaúcho, cujo coração é a região sudoeste do estado, o pampa [...].

[...] é uma história de sucesso, a deles, primeiro nas pequenas propriedades agrícolas, depois em uma indústria que não cessa de crescer. No Rio Grande do Sul, como no Brasil, a diversidade cultural foi fator de grandeza.

Moacyr Scliar. "Caminhos do Sul: impressões literárias". *Folha de S. Paulo*, 29 out. 2002. Sinapse.

Sobre o espaço sociopolítico e econômico do Brasil meridional, pode-se afirmar que a(s):

- (a) autossuficiência da região vem reduzindo a dependência tecnológica nos setores agrícola e energético, como forma de garantir o atendimento às necessidades internas.
- (b) oligarquia rural, de base açucareira, em busca de solo fértil, ocupou o Sul brasileiro destruindo as missões religiosas ali estabelecidas.
- (c) estagnação da estrutura produtiva, basicamente agropecuária, reflete o declínio da pecuária da Campanha Gaúcha e a concorrência de produtos argentinos e uruguaios.
- (d) proximidade com o Mercosul e o crescente intercâmbio por ele propiciado tendem a favorecer os produtores de trigo do Sul brasileiro, em detrimento da produção argentina.
- (e) propostas econômicas do movimento Farroupilha foram rejeitadas pela população da região, inconformada com o trágico fim dos revolucionários.

5 UFG A formação do território goiano constitui-se pela conjugação de diversos fatores de ordem natural, histórico-social e político-econômica. Essa formação se manifesta:

- (a) na posição geográfica privilegiada pela centralidade no território brasileiro, o que promoveu o povoamento desde o período colonial.
- (b) nos litígios de terras com os estados do Pará, Maranhão, Bahia, Mato Grosso, Minas Gerais e Tocantins, o que determinou a extensão atual de sua área.
- (c) no relevo de planalto e pelas bacias com grande potencial hidrográfico, o que facilitou a construção de usinas hidrelétricas.
- (d) na política de colonização oficial, que incentivou a imigração de europeus, o que transformou as relações tradicionais de produção no campo.
- (e) na distribuição mineral, no avanço da agropecuária e na implantação de ferrovias e rodovias, o que possibilitou a sua integração ao território nacional.

6 Ufpel

Brasileiros em fuga

A via mexicana tem sido a alternativa dos imigrantes que desistiram de obter o visto americano ou não tiveram coragem de recorrer a falsificações. Para chegar lá, o viajante pode contratar, ainda no Brasil, os serviços dos traficantes de gente ou ir por conta própria. Somando-se gastos com passagem aérea, transporte até a fronteira, hospedagem e alimentação, os custos da aventura podem chegar aos 10 mil reais.

Ricardo Amorim. *Veja*, 7 fev. 2001. (Adapt.).

Analisar as seguintes afirmativas, a respeito da dinâmica da população.

- I. Desde os primórdios da história humana, ocorrem movimentos migratórios: grupos humanos abandonam o lugar onde vivem, motivados por perseguições de caráter religioso ou político, por causas naturais ou em busca de melhores condições de vida.

- II. Para os Estados Unidos, fluxos migratórios significativos envolvem os latino-americanos, como os “braceros” (do México), os “balseros” (do Caribe) e os “brazucos” (brasileiros que migram, em busca de emprego e melhores condições de vida).
- III. Na atualidade, os movimentos da população envolvem aspectos preocupantes, como o tráfico de imigrantes e o tráfico de mulheres, as quais, seduzidas com promessas de altos salários, acabam envolvidas em redes de prostituição.
- IV. A emigração de brasileiros cresceu a partir da Revolução de 1964 – a chamada década perdida; apesar disso, o Brasil não alterou sua condição histórica de país receptor de estrangeiros.
- V. A atual fase de migração de brasileiros – inédita e expressiva em relação ao total da população – é consequência do processo de globalização, que aumentou a escala geográfica das relações socioeconômicas, consolidando, no Brasil, as áreas de repulsão.

Assinale a alternativa com o conjunto de afirmativas verdadeiras.

- (a) I, II e III. (c) I, II e V. (e) I, III e IV.
- (b) II, III e IV. (d) II, III e V.

Texto para a questão 7.

E a cidade se apresenta centro das ambições/ Para mendigos ou ricos e outras armações/ Coletivos, automóveis, motos e metrô/ Trabalhadores, patrões, policiais e camelôs/ A cidade não para, a cidade só cresce/ O de cima sobe e o de baixo desce.

Chico Science. “A Cidade”. Intérprete: In: *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Sony. 1 CD. Faixa 4.

7 UEL A canção faz referência à presença de camelôs na cidade. A presença desses trabalhadores e a necessidade de revitalização dos centros de grandes cidades, isto é, a reforma e a readequação das estruturas e normas de uso das áreas centrais, visando reconquistar o interesse de investidores e do público em geral, são assuntos inter-relacionados e muito discutidos. Com base na canção e nos conhecimentos sobre as áreas centrais de grandes cidades, é correto afirmar que o comércio praticado por camelôs é uma atividade:

- (a) que contribui para o aumento do desemprego, sendo responsável pela diminuição do crescimento econômico, principalmente nas grandes cidades.
- (b) decorrente do incremento de postos de trabalho no mercado formal e do aumento da produção de bens de consumo não duráveis, o que demanda uma estrutura de comercialização popular.
- (c) que tem atraído um grande contingente de pessoas, por ser, no atual cenário econômico, a forma de ocupação em que a precarização do trabalho ocorre em menor grau.
- (d) cuja territorialidade se viu transformada com a chegada dos imigrantes estrangeiros ao Brasil, quando, de atividade ligada ao rural, passa a ser realizada predominantemente nas cidades.
- (e) cujos trabalhadores têm a territorialidade de sua atividade negada ou marginalizada nos projetos de revitalização urbana, pois sua expulsão tem sido prática recorrente.

8 Enem Observe a tira a seguir.



A tira ironiza uma célebre fábula e a conduta dos governantes. Tendo como referência o estado atual dos países periféricos, pode-se afirmar que nessa história está contida a seguinte ideia:

- (a) crítica à precária situação dos trabalhadores ativos e aposentados.
- (b) necessidade de atualização crítica de clássicos da literatura.
- (c) menosprezo governamental com relação a questões ecologicamente corretas.
- (d) exigência da inserção adequada da mulher no mercado de trabalho.
- (e) aprofundamento do problema social do desemprego e do subemprego.

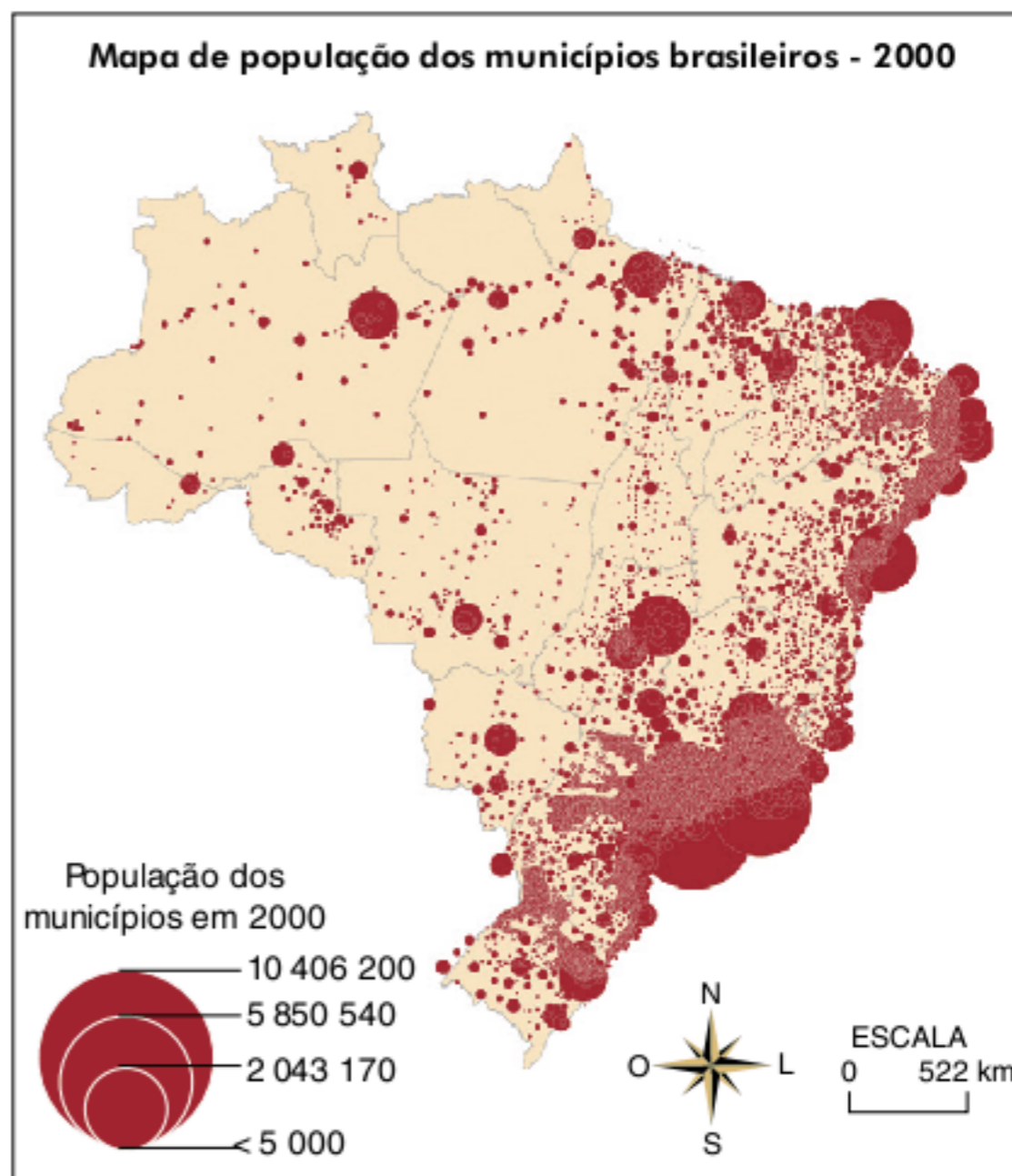
9 PUC-RS Considere o mapa do Brasil – Divisão Regional.



Com relação às regiões brasileiras, é correto afirmar que:

- (a) a região III apresenta grande atratividade turística, recebendo, cada vez mais, voos fretados, provenientes principalmente da Europa e da região Sudeste do Brasil e demonstrando, assim, que os investimentos aplicados na expansão hoteleira e na qualificação dos produtos oferecidos estão tendo retorno.
- (b) as regiões IV e V, que possuem o maior contingente de imigrantes europeus do país, apresentam forte influência da fronteira agrícola no aumento populacional.
- (c) a região I, apesar de ser a menor, apresenta o maior parque industrial do Centro-Sul do país.
- (d) na região III está localizado o mais jovem estado brasileiro, criado pela Constituição de 1988, a partir da extinção dos Territórios Federais.
- (e) a região IV é contemplada pelos cinco municípios de maior PIB do Brasil, com destaque para Manaus, onde a Zona Franca continua atraindo grandes investimentos estrangeiros.

10 PUC-SP 2009 Observe o mapa a seguir.



Fonte: IBGE. Censo demográfico, 2000.

Tendo como referência os volumes populacionais e sua distribuição geográfica, pode ser dito que:

- (a) houve enorme concentração populacional em alguns municípios da faixa atlântica, o que indica a existência de grandes cidades.
- (b) há grande representatividade dos municípios médios de um modo geral e, em especial, no norte do território.
- (c) há grande concentração populacional no Sudeste, embora não haja nenhum município que se destaque particularmente.
- (d) há concentração em certas partes do território, porém os contingentes dos municípios mais populosos não chegam a ser expressivos.
- (e) à exceção do sudeste brasileiro, não há nas outras regiões que alcancem os dois milhões de habitantes.

11 PUC-Rio 2010 Os estudos regionais no Brasil e no mundo ganham força nos dias atuais, assim como a delimitação de regiões diversas para estratégias diferentes de gestão dos territórios.



Em relação ao conjunto espacial destacado no mapa pela cor mais escura, afirma-se que ele se refere à:

- (a) Baixada Fluminense, região conurbada ao município carioca.
- (b) região do Conleste, consórcio municipal em formação no RJ.
- (c) Costa do Sol, litoral da Baía de Guanabara.
- (d) bacia da Baía de Guanabara, que envolve municípios diversos.
- (e) região metropolitana do Rio de Janeiro, definida em 1975.

12 UFU O mapa a seguir indica duas regiões de Minas Gerais que apresentam grandes desigualdades regionais.



Fonte: Perfil de Minas Gerais. Instituto de Desenvolvimento Industrial de Minas Gerais – INDI, 2006.

Apartir da identificação das Regiões I e II, assinale a alternativa que apresenta, respectivamente, as principais características das regiões mencionadas.

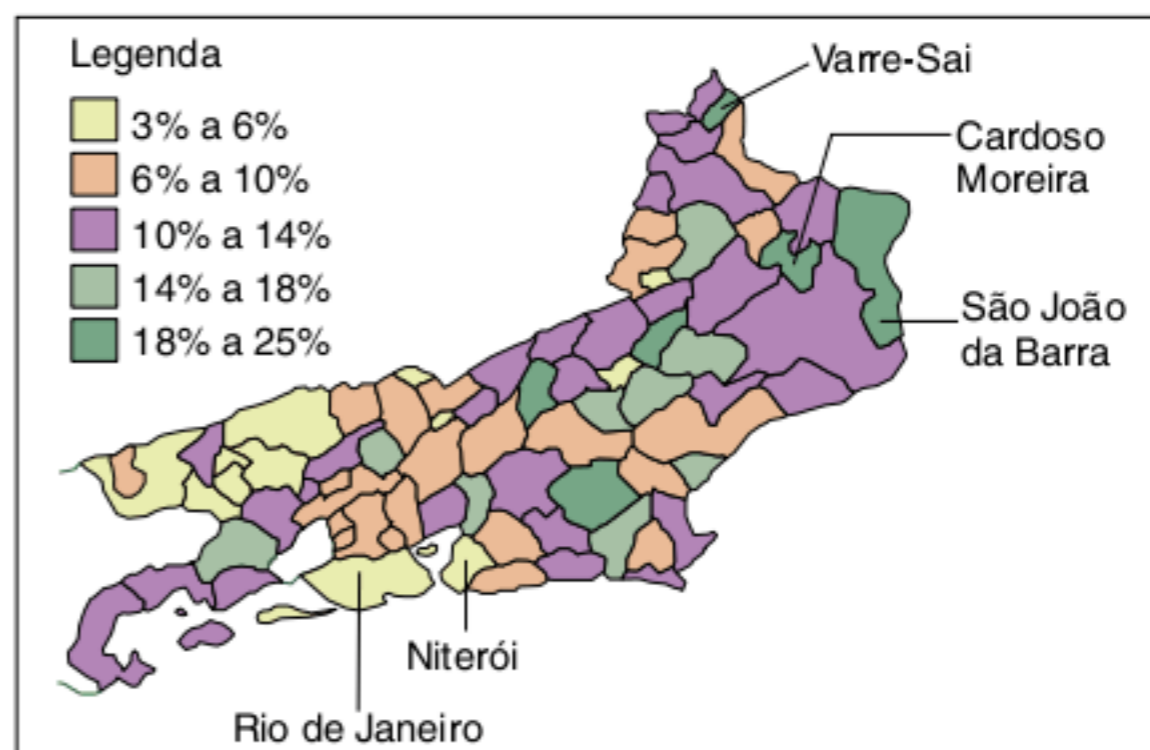
- (a) Região I: apresenta grande expansão das atividades agropecuárias modernas; tem atraído investimentos com a instalação de empresas agroindustriais de processamento de alimentos; sua vegetação natural típica é o cerrado. Região II: é considerada uma das regiões mais pobres do estado, sendo polarizada por Montes Claros; pertence ao Polígono das Secas; na atividade agrícola, possui grandes projetos de irrigação, a exemplo do Jaíba.
- (b) Região I: apresenta grande destaque na pecuária de corte; a atividade industrial nesta região está relacionada, principalmente, aos recursos minerais (calcário, granito e quartzo) e de bens de consumo (calçados, confecções e móveis). Região II: é a região que, sob atuação da Sudene, apresenta os índices municipais do IDH mais baixos do estado; possui riquezas minerais como: diamante, ouro, manganês, mármore e pedras preciosas. Seu clima varia de subúmido a semiárido.
- (c) Região I: apresenta a agricultura como atividade mais importante, com destaque para a produção de grãos; é a região mais populosa do estado; apresenta altos níveis de renda e possui, também, a maior rede urbana do estado. Região II: destaca-se pela sua diversificação nas atividades industriais, tais como nos ramos de siderurgia, metalurgia do zinco e têxtil; mais recentemente, tem o seu desenvolvimento caracterizado pela emergência de um importante polo automobilístico e de autopeças.

- (d) Região I: localizada, estrategicamente, entre Belo Horizonte, São Paulo e Distrito Federal; concentra o maior polo turístico do estado; destaca-se como a região mais industrializada de Minas Gerais.

Região II: compreende a bacia do Vale do Jequitinhonha, que se estende desde as nascentes da Serra da Canastra até a divisa da Bahia, pertencendo à área de atuação da Codevasf.

13 UFRJ

Taxa de analfabetismo da população de 10 a 14 anos – estado do Rio de Janeiro – 1991



Fonte: IBGE, Censo Demográfico – 1991 (dados brutos) e Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro – CIDE (dados derivados).

O estado do Rio de Janeiro apresenta uma das menores taxas de analfabetismo do país, correspondendo a 5,9%. Entretanto, verifica-se significativa variação nesta taxa entre os municípios que compõem o estado. Alguns municípios da região metropolitana, como Rio de Janeiro e Niterói, apresentam taxas de analfabetismo inferiores a 6%, para a população de 10 a 14 anos, enquanto municípios das regiões norte e noroeste Fluminense, como São João da Barra, Cardoso Moreira e Varre-Sai, apresentam valores de 18 a 25%.

Aponte duas razões que expliquem as diferenças nas taxas de analfabetismo encontradas nessas regiões.

14 Unesp Observe o mapa do estado de São Paulo, onde estão representadas grandes bacias hidrográficas.



Assinale a alternativa que apresenta essas bacias enumeradas na ordem crescente.

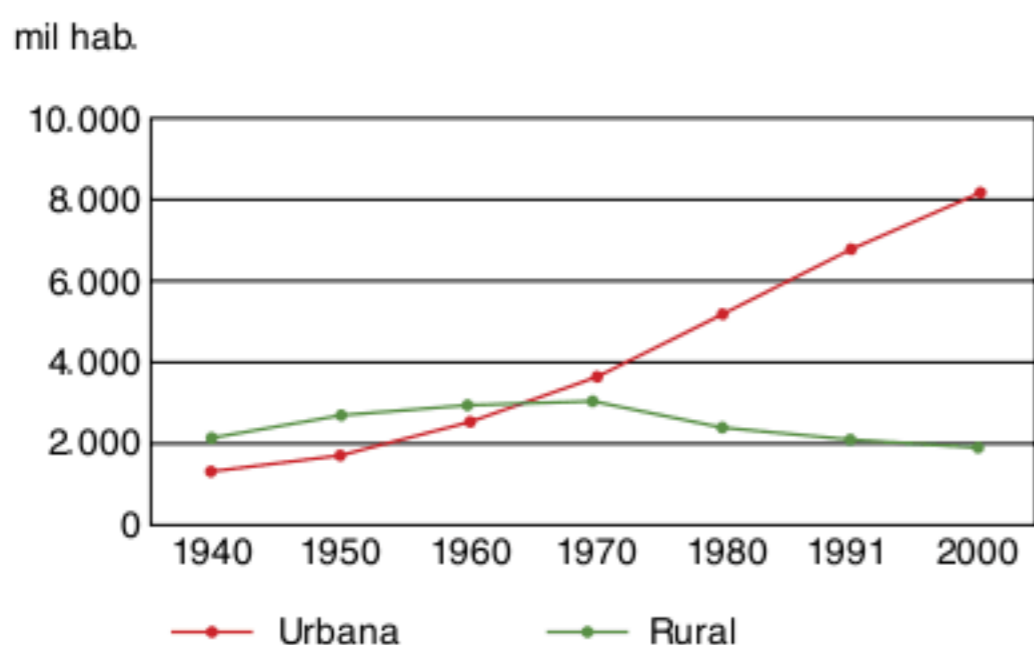
- (a) Ribeira do Iguape, Paraná e Parnaíba.
- (b) Paraíba do Sul, Paranaíba e Ribeira do Iguape.
- (c) Paraíba do Sul, Ribeira do Iguape e Paraná.
- (d) Parnaíba, Paraná e Ribeira do Iguape.
- (e) Paranaíba, Ribeira do Iguape e Tietê.

15 UFMG O Censo Demográfico do Brasil de 2000, entre outras conclusões, confirmou alguns comportamentos da população de Minas Gerais, já evidenciados anteriormente.

Esses comportamentos estão corretamente expressos em todas as alternativas, exceto em:

- (a) manutenção de taxas de crescimento da população masculina superior ao da feminina nas áreas urbanas.
- (b) maiores taxas de crescimento populacional no estado registradas em alguns municípios da região metropolitana de Belo Horizonte.
- (c) variação negativa de crescimento da população rural revelada desde o Censo de 1970.
- (d) taxas de crescimento demográfico dos municípios do interior maiores que as do município da Capital.

16 UFRGS Observe o gráfico a seguir, que mostra a evolução da população urbana e rural do Rio Grande do Sul no período de 1940-2000.

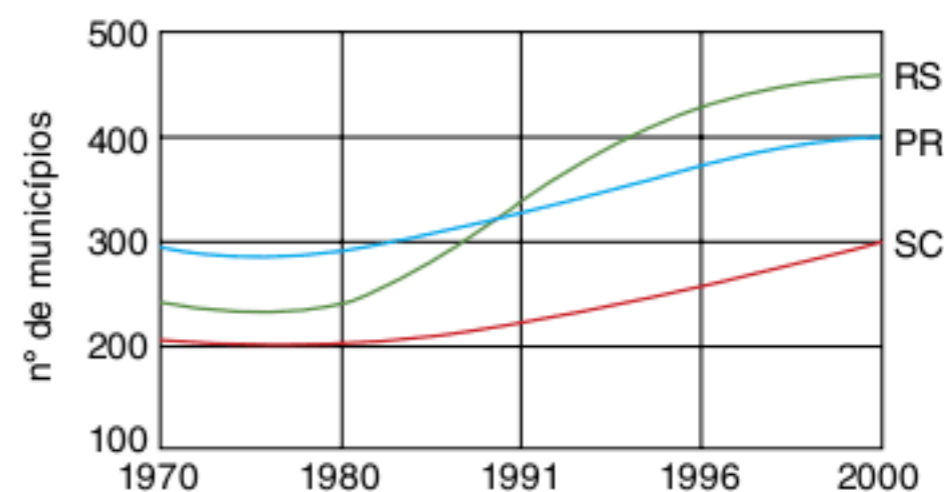


Fonte: Atlas socioeconômico do Rio Grande do Sul. 2 ed., 2002.

Considerando as informações contidas no gráfico e o processo de urbanização do estado do Rio Grande do Sul e do Brasil, assinale a afirmação correta.

- (a) O período de 1940-1950 indica uma população rural menor que a população urbana no Rio Grande do Sul, pois a estrutura agrária do estado caracterizava-se, na época, pelo predomínio da grande propriedade, que expulsava o homem do campo.
- (b) A população urbana do estado ultrapassou a rural a partir de meados da década de 1960, mantendo, a partir desse período, um crescimento constante, em razão principalmente do processo de industrialização, que desencadeou fluxos migratórios do campo para a cidade.
- (c) O Rio Grande do Sul, diferentemente da tendência brasileira, apresentou um crescimento do número de habitantes urbanos a partir da década de 1970, ao passo que a população urbana do país já apresentava essa tendência desde a década de 1950.
- (d) A partir de meados da década de 1970, a população urbana gaúcha passou a ser mais numerosa que a população rural, em razão do significativo aumento das migrações estrangeiras e das migrações do campo para a cidade.
- (e) Desde a década de 1970, de forma progressiva, a população gaúcha vem se concentrando nas cidades, tendo todos os seus municípios atingido em 2000 uma taxa de urbanização de 95%.

17 UFRGS Observe o gráfico a seguir, que mostra a evolução do número de municípios da região Sul no período de 1970-2000.



Com base no gráfico, são feitas as seguintes afirmações.

- I. A região Sul apresentou na última década um crescimento significativo no número de municípios dos estados que a compõem.
- II. O estado do Rio Grande do Sul tem, desde o início da década de 1980, o maior número de municípios entre os três estados.
- III. Em 1970, a região Sul estava constituída por uma rede de, aproximadamente, 700 cidades, ao passo que, no ano 2000, esse mosaico passa a se compor de cerca de 1.000 municípios, comprovando o intenso processo de fragmentação de seu território.

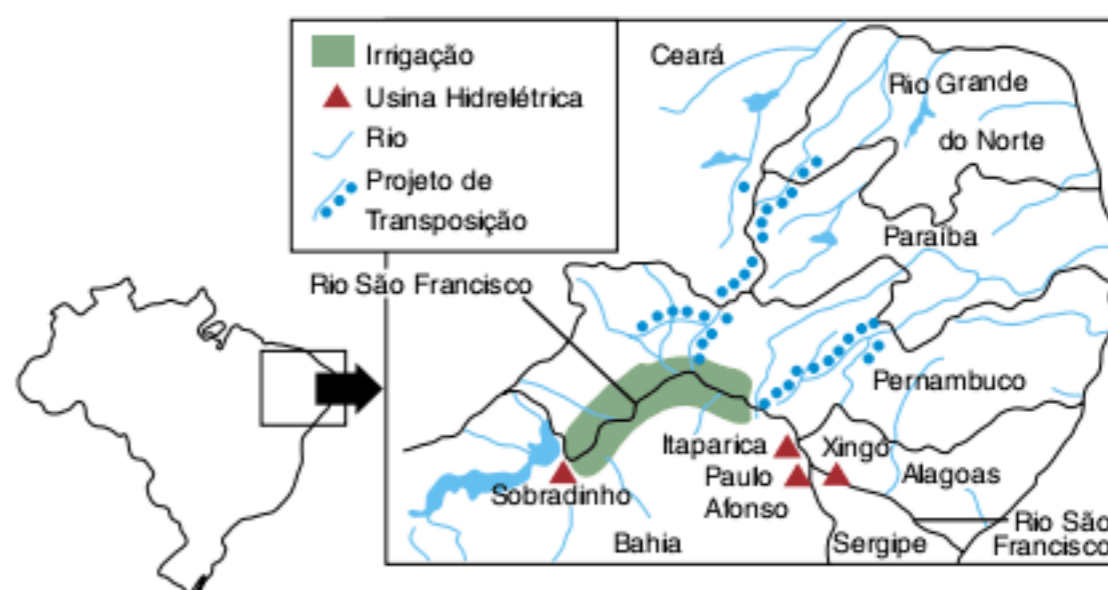
Quais estão corretas?

- (a) Apenas I.
- (b) Apenas II.
- (c) Apenas III.
- (d) Apenas I e III.
- (e) Apenas II e III.

18 UFRJ

As águas do São Francisco

O rio São Francisco é a principal fonte de água para irrigação e geração de energia no Nordeste Brasileiro. Ele atravessa a zona semiárida, que vem apresentando um acelerado processo de crescimento urbano, em função da migração campo-cidade provocada pela crise do complexo gado-algodão-lavouras alimentares.



Nos dias atuais, o "Velho Chico" – denominação cunhada pelos ribeirinhos – está no centro das atenções devido ao projeto de transposição de suas águas para as bacias hidrográficas do Sertão Setentrional. Esse projeto é considerado, por muitos, a melhor alternativa para minimizar o problema da vulnerabilidade climática e da tensão social no Nordeste semiárido.

- a) Explique as razões para o conflito entre o uso das águas para irrigação e o seu aproveitamento na geração de energia elétrica no vale do São Francisco.
- b) Apresente uma crítica feita pelos movimentos ambientalistas à transposição de águas do São Francisco para as bacias do Nordeste Setentrional.

19 UFC Sobre as diferenciações altimétricas do território cearense e sua relação com os riscos ambientais, indique a alternativa verdadeira.

- (a) As altitudes abaixo dos 100 metros são comuns nas áreas de domínio das depressões sertanejas, onde se eleva consideravelmente o risco de deslizamento de terra.
- (b) A cidade de Fortaleza, localizada na área de domínio dos tabuleiros pré-litorâneos, apresenta cotas altimétricas elevadas, acima dos 100 metros, o que elimina riscos relativos à variação do nível do mar.
- (c) A altitude em torno dos 500 metros é registrada nas áreas mais elevadas do Estado, como na serra de Baturité e no planalto da Ibiapaba, e estas constituem as principais áreas de deslizamento de terras.
- (d) As cotas altimétricas diminuem nas planícies fluviais, o que as torna propensas às inundações, portanto, essas planícies, quando ocupadas, vêm a constituir as principais áreas de risco em Fortaleza.
- (e) Os pontos mais elevados do estado são o Pico Alto na Serra das Matas, o Pico da Serra Branca e o Pico da Serra do Olho-d'água, na Serra de Baturité, áreas propensas aos desmoronamentos.

20 PUC-Rio Do litoral do Ceará e do Rio Grande do Norte até o médio São Francisco, estende-se uma mancha semiárida, dentro do domínio tropical, abrangendo quase 1 milhão de km².



Em relação às características do clima e da vegetação desta área, analise as afirmativas a seguir.

- I. As médias térmicas anuais elevadas e as ações dos ventos originam índices de evaporação maiores que os de precipitação.
- II. As médias pluviométricas inferiores a 600 mm anuais dão origem a áreas secas bem marcadas com indícios de desertificação.

III. A semiaridez é percebida no quadro natural pela vegetação xerófila e pelo escoamento temporário dos rios.

A(s) afirmativa(s) correta(s) é(são):

- (a) I.
 (b) II.
 (c) I e III.
 (d) II e III.
 (e) I, II e III.

21 UFRGS Joaquim Francisco de Assis Brasil costumava classificar o clima do estado do Rio Grande do Sul de "anárquico", dadas as variações que comumente aí ocorrem. Essa característica gerou no imaginário popular a impressão expressa no ditado "Temos as quatro estações em um mesmo dia" ou a ideia de que o clima muda diariamente.

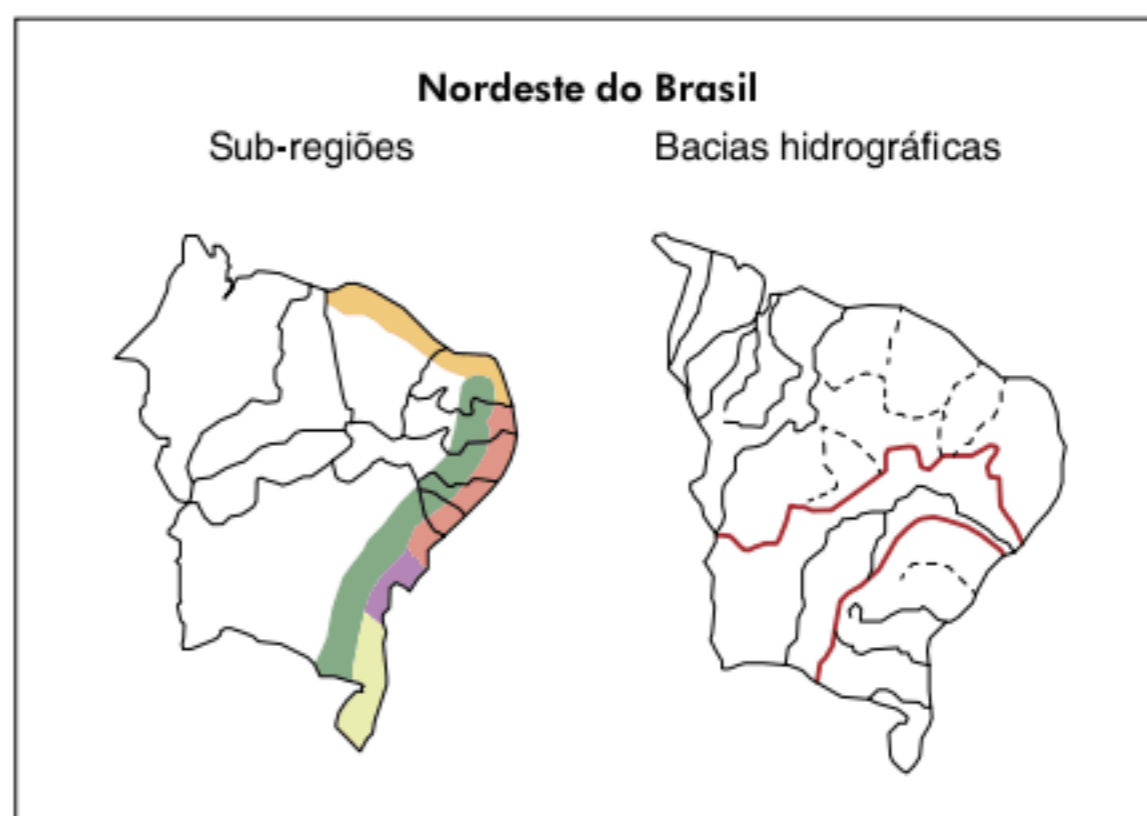
Sobre esse tema, considere as afirmações a seguir.

- I. Clima é um conjunto de valores que, em um dado momento, em um certo lugar, caracterizam o estado atmosférico desse lugar.
- II. O tempo representa a sucessão dos tipos climáticos em um determinado lugar da superfície terrestre.
- III. A amplitude térmica diária é um dado que caracteriza o tempo meteorológico.

Quais estão corretas?

- (a) Apenas I.
 (b) Apenas II.
 (c) Apenas III.
 (d) Apenas I e II.
 (e) Apenas II e III.

22 Unesp Observe os mapas, que representam as sub-regiões e as bacias hidrográficas do Nordeste brasileiro.



Fonte: IBGE.

Indique a alternativa que contém as sub-regiões inteiramente localizadas na Bacia de Leste.

- (a) Agreste e Sertão.
 (b) Zona da Mata e Agreste.
 (c) Litoral Oriental e Sul da Bahia.
 (d) Recôncavo Baiano e Sul da Bahia.
 (e) Litoral Setentrional e Recôncavo Baiano.

23 UFSCar

[...] A vegetação recama de flores, cobrindo-os, os grötões es-cancelados, e disfarça a dureza das barrancas, e arredonda em co-linas os acervos dos blocos disjuntidos – de sorte que as chapadas grandes, intermeadas de convas, se ligam em curvas mais suaves aos tabuleiros altos. [...]

Euclides da Cunha. Os Sertões.

O trecho ilustra descrições geográficas e geomorfológicas do domínio da caatinga, presentes na obra de Euclides da Cunha. Assinale a alternativa que apresenta somente características deste domínio morfoclimático brasileiro.

- (a) Clima tropical árido; solos de baixa fertilidade natural e predomínio dos chapadões e chapadas.
- (b) Clima tropical alternadamente úmido e seco; solos ácidos e presença de depressões interplanálticas.
- (c) Clima tropical seco; solos profundos e presença de formas mamelonares resultantes da ação do intemperismo químico.
- (d) Clima tropical semiúmido; solos ácidos de profundidade regular e relevo planáltico levemente ondulado.
- (e) Clima tropical semiárido; solos ricos em sais minerais e presença de áreas deprimidas delimitadas por planaltos e chapadas.

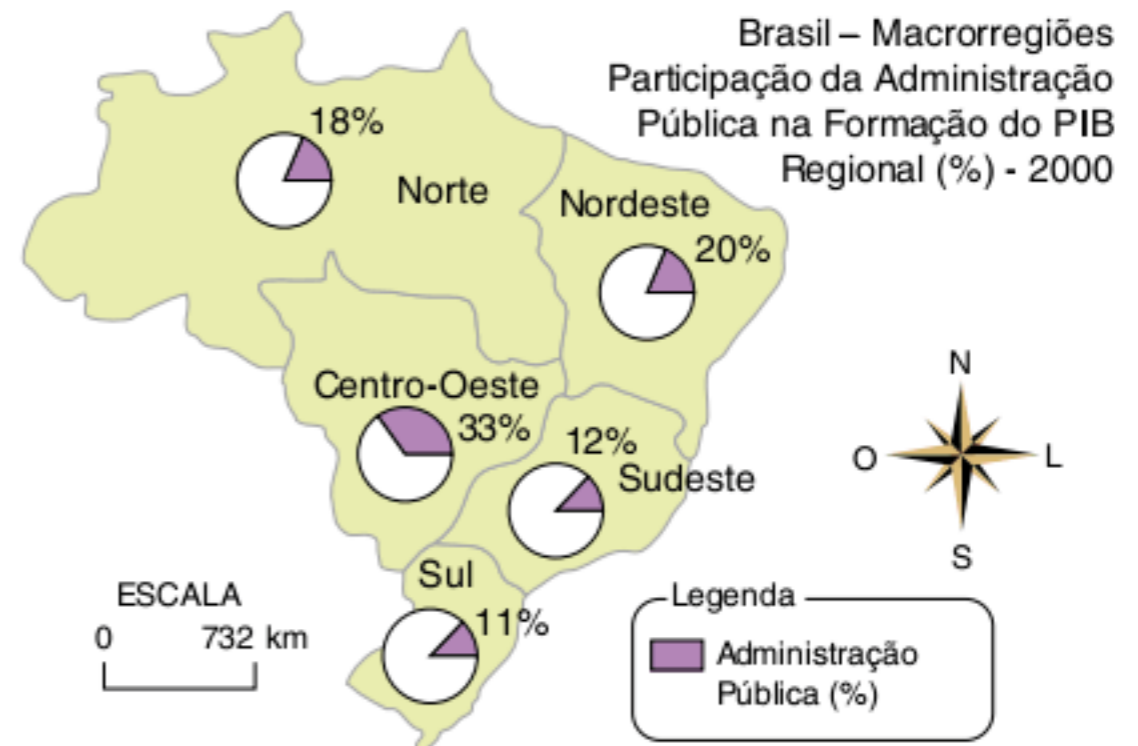
24 Unemat 2010 Sobre as características gerais do território mato-grossense é correto afirmar que:

- (a) está situado entre os trópicos, o que faz com que no Estado predominem climas temperados.
- (b) Mato Grosso limita-se ao norte com Amazonas e Pará; a oeste com Rondônia e República da Bolívia; a leste com Tocantins e Goiás; e ao sul com Mato Grosso do Sul.
- (c) é o segundo estado brasileiro em extensão territorial.
- (d) o fuso horário de Mato Grosso está uma hora atrasado em relação a Londres.
- (e) a totalidade do território mato-grossense está ao norte da linha do Equador, ou seja, no hemisfério meridional.

25 Fatec Nas décadas de 1970 e 1980, a região Centro-Oeste apresentou um grande crescimento demográfico motivado por grandes fluxos migratórios vindos, principalmente:

- (a) da região Sul, pois a modernização agrícola e a concentração fundiária reduziram as oportunidades de emprego na região.
- (b) da Zona da Mata nordestina, devido à redução das áreas canavieiras, gradativamente substituídas pela pecuária de corte.
- (c) a Amazônia Ocidental, pois a proibição dos garimpos nas margens dos rios Madeira e Xingu reduziu as oportunidades de trabalho na região.
- (d) do norte e oeste de Minas Gerais, devido aos longos períodos de seca que inviabilizaram os cultivos de pequenos proprietários.
- (e) do Meio-Norte, pois a diminuição do extrativismo vegetal e a forte concentração de terras criaram grande número de desempregados.

26 UFRJ O mapa mostra a contribuição da Administração Pública na formação do Produto Interno Bruto (PIB) das regiões brasileiras.



- a) Explique a menor participação da Administração Pública no conjunto formado pelas regiões Sudeste/Sul.
- b) Explique por que há um papel mais expressivo da Administração Pública na formação do PIB da região Centro-Oeste.

27 UFRJ Observando o mapa a seguir, percebe-se a presença de bacias hidrográficas próprias de rios que têm direções divergentes.



José Arbex Júnior; Nelson Bacic Olic. *Rumo ao Centro-Oeste*. São Paulo: Moderna, 1996, p.24.

- A explicação para o fato é de que a região funciona como:
- (a) concentradora de águas, em decorrência do regime das chuvas locais.
 - (b) coletora de águas, em função das nascentes dos rios locais.
 - (c) centralizadora de águas, em virtude da disposição do planalto central.
 - (d) dispersora de águas, em função da disposição do relevo local.
 - (e) divisora de águas, em virtude da atração hídrica da Bacia Amazônica.

28 UFRGS Observe o quadro a seguir, que apresenta algumas características marcantes de cinco sub-bacias hidrográficas que constituem a grande bacia hidrográfica do Guaíba.

Sub-bacia	Características
1	Solo ocupado por latifúndios, com pecuária do tipo extensivo. Atividade industrial pouco expressiva.
2	Intensa extração de carvão.
3	Grande demanda de água pelas lavouras de arroz, principalmente entre dezembro e fevereiro.
4	Lançamento dos efluentes do polo petroquímico no seu principal rio. Grande utilização de agrotóxicos na cultura de morango.
5	Presença de áreas úmidas, importantes na regularização da vazão do principal rio da sub-bacia, bastante degradada pelas lavouras de arroz.

Assinale a alternativa que apresenta os nomes das sub-bacias hidrográficas correspondentes aos números 1, 2, 3, 4 e 5, respectivamente.

- (a) Vacacaí – Baixo Jacuí – Pardo – Caí – Gravataí.
- (b) Vacacaí – Pardo – Baixo Jacuí – Gravataí – Caí.
- (c) Baixo Jacuí – Vacacaí – Pardo – Caí – Gravataí.
- (d) Baixo Jacuí – Pardo – Vacacaí – Caí – Gravataí.
- (e) Baixo Jacuí – Pardo – Vacacaí – Gravataí – Caí.

29 Fuvest A partir da década de oitenta, do século XX, programas agrícolas promoveram o desenvolvimento da região Centro-Oeste do Brasil. Isso foi realizado com grande aplicação de capital e utilização de técnicas agrícolas avançadas.

Podemos afirmar que a substituição das formações do cerrado pela agricultura mecanizada, entre outras características:

- (a) foi favorecida pela grande fertilidade de suas terras planas, próprias dos chapadões.
- (b) aumentou a tendência natural de processos erosivos por interferências antrópicas, como a compactação do solo.
- (c) desnudou extensas áreas de mares de morros, provocando assoreamento de rios, como o Araguaia.
- (d) gerou poucos impactos ambientais, tendo em vista a substituição de uma cobertura vegetal por outra.
- (e) eliminou as queimadas naturais e antrópicas na região com o uso de irrigação por gotejamento.

Texto para a questão 30.

Não, é nossa terra, a terra do índio. Isso que a gente quer mostrar pro Brasil: gostamos muito do Brasil, amamos o Brasil, valorizamos as coisas do Brasil porque o adubo do Brasil são os corpos dos nossos antepassados e todo o patrimônio ecológico que existe por aqui foi protegido pelos povos indígenas. Quando Cabral chegou, a gente o recebeu com sinceridade, com a verdade, e o pessoal achou que a gente era inocente demais e aí fomos traídos: aquilo que era nosso, que a gente queria repartir, passou a ser objeto de ambição. Do ponto de vista do colonizador, era tomar para dominar a terra, dominar nossa cultura, anulando a gente como civilização.

Caros Amigos, n. 37, ano 4, abr. 2000, p. 36.

30 Puccamp As reservas extrativistas têm sido apontadas como uma alternativa econômica sustentável para a Amazônia capaz também de proteger nosso patrimônio ecológico. Sobre as reservas extrativistas, é possível afirmar que:

- I. as áreas são de domínio da União, com usufruto exclusivo dos seringueiros e outros extrativistas.
- II. o trabalho é organizado em cooperativas ou em associações e não há título individual de propriedade.
- III. é permitida a agricultura comercial em larga escala.
- IV. são permitidas a extração de produtos de valor comercial e também a caça e a pesca não predatórias.
- V. é permitida a implantação de projetos de agropecuária para o corte em propriedades extensivas.

Estão corretas somente:

- (a) I e III.
- (b) II e III.
- (c) II e V.
- (d) I, II e IV.
- (e) III, IV e V.

31 PUC-PR Observe o texto.

É uma área com, aproximadamente, 100.000 km², com altitudes de 100 e 200 m, estendendo-se além das fronteiras do Brasil. A região é marcada pelo ciclo das águas. No período da cheia, os rios extravasam de seus leitos, alagando grandes extensões de terra. No período da vazante, ocorre a principal contribuição dos rios aos solos da região, grandes quantidades de sedimentos, nutrientes e material orgânico e decomposição são arrastados pelos rios e depositados no solo anteriormente alagado. A vegetação é bastante variada em espécies de cerrado, amazônicas, do chaco e da caatinga.

O texto citado refere-se à região:

- (a) da Mata de Cocais.
- (b) da Amazônia.
- (c) do Pantanal.
- (d) dos Lençóis Maranhenses.
- (e) da Chapada Diamantina.

32 Fuvest Nas últimas décadas, têm aumentado os estudos relativos à função das florestas tropicais nos balanços físicos e químicos em diversas escalas. Focalizando especialmente o papel da floresta Amazônica, examine as associações a seguir.

Estudo	Papel da floresta Amazônica	Balanco
I	Sumidouro	Global de carbono
II	Fonte significativa de umidade para precipitação regional	Hidrológico regional
III	Atenuadora de processos erosivos e sedimentares	Geomorfológico

Está correto o que se associa em:

- (a) I apenas.
- (b) II apenas.
- (c) I e III apenas.
- (d) II e III apenas.
- (e) I, II e III.

33 UFPR No cinturão de máxima diversidade biológica do planeta [...] a Amazônia se destaca pela extraordinária continuidade de suas florestas, pela ordem de grandeza de sua principal rede hidrográfica e pelas sutis variações de seus ecossistemas.

A. Ab'Saber. *Os domínios da natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

Sobre a Amazônia, é correto afirmar que:

- 01 a Amazônia, domínio das florestas ombrófilas (pluviais), tem como um dos seus limites naturais a porção oriental dos Andes e ocupa áreas da Venezuela, Colômbia, Equador, Peru e Bolívia, além do Brasil.
- 02 a presença da floresta prende-se, prioritariamente, à alta incidência de energia solar, à entrada de massas de ar úmido e à baixa amplitude térmica, determinadas pela sua posição geográfica.
- 04 o regime do rio Amazonas, principal eixo da rede hidrográfica da Amazônia, é predominantemente pluvial, embora suas nascentes estejam relacionadas ao regime nival.
- 08 devido ao intenso desmatamento que se verifica na Amazônia, a floresta está se restringindo às proximidades dos grandes rios, ou seja, está sendo transformada em florestas de galeria.
- 16 durante o período de cheias, a floresta Amazônica permanece inundada em praticamente toda a sua extensão.

Soma =

34 UFF A Amazônia e seus habitantes vêm sendo expostos ao modelo de desenvolvimento preconizado pela sociedade ocidental, que é o responsável, segundo a maioria dos críticos, pela crise ecológica que hoje é reconhecida como uma questão de sobrevivência para a humanidade. "E foi exatamente no seio dessa população que emergiu uma voz [Chico Mendes (1944-1988)] que revolucionou o debate sobre o modelo de desenvolvimento e juntou duas questões, isto é, ecologia e justiça social".

C.W.P. Gonçalves. *Amazônia, Amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001, p. 171.

Assinale a proposta de modelo de desenvolvimento alternativo para a Amazônia, inspirada pelo movimento social liderado pelo seringueiro Chico Mendes.

- (a) Área de Proteção Ambiental: área em geral extensa e com ocupação humana, possuindo elementos abióticos, bióticos e culturais importantes, tendo como objetivos proteger a biodiversidade, disciplinar a ocupação e garantir a sustentabilidade no uso dos recursos naturais.
- (b) Reserva Extrativista: área usada por populações tradicionais, cuja base econômica é o extrativismo, complementado por agricultura de subsistência e criação de pequenos animais, tendo como objetivo básico proteger os meios de vida e a cultura dessas populações, bem como o uso sustentável dos recursos naturais.
- (c) Floresta Nacional: extensa área pública coberta por florestas com o predomínio de espécies nativas, tendo por objetivo usos diversificados e sustentáveis de seus recursos, como a pesquisa científica, que serve para o desenvolvimento de métodos e técnicas de manejo e exploração sustentável.

- (d) Reserva Biológica: área destinada à preservação integral da biota e outros elementos naturais, sem a interferência humana e mudanças ambientais, à exceção de medidas de recuperação de ecossistemas alterados ou ações de manejo, voltadas para a preservação do equilíbrio ecológico.
- (e) Parque Nacional: área pública que tem por objetivo a preservação dos ecossistemas brasileiros de grande relevância ecológica e beleza paisagística, utilizados para a pesquisa científica, a educação e o conhecimento da natureza, a recreação em ambientes naturais e o turismo ecológico.

35 Enem Em 2003, deu-se início às discussões do Plano Amazônia Sustentável, que rebatiza o Arco do Desmatamento, uma extensa faixa que vai de Rondônia ao Maranhão, como Arco do Povoamento Adensado, a fim de reconhecer as demandas da população que vive na região. A Amazônia Ocidental, em contraste, é considerada nesse plano como uma área ainda amplamente preservada, na qual se pretende encontrar alternativas para tirar mais renda da floresta em pé do que por meio do desmatamento. O mapa apresenta as três macrorregiões e três estratégias que constam do Plano.



Estratégias:

- I. Pavimentação de rodovias para levar a soja até o rio Amazonas, por onde será escoada.
- II. Apoio à produção de fármacos, extratos e couros vegetais.
- III. Orientação para a expansão do plantio de soja, atraindo os produtores para áreas já desmatadas e atualmente abandonadas.

Considerando as características geográficas da Amazônia, aplicam-se às macrorregiões Amazônia Ocidental, Amazônia Central e Arco do Povoamento Adensado, respectivamente, as estratégias:

- (a) I, II e III.
- (b) I, III e II.
- (c) III, I e II.
- (d) II, I e III.
- (e) III, II e I.

36 Fuvest Quando o nível do mar recuou e permaneceu por alguns milênios a uma centena de metros mais baixo do que atualmente, o clima regional em seu conjunto era menos quente e muito mais seco [...]. Havendo muito menos precipitações, os rios eram bem menos volumosos [...]. Pelo oposto, durante a ascensão do nível do mar [...], processou-se uma retropicalização generalizada da região, com aumento de calor e, sobretudo, dos níveis de pluviosidade e umidade do ar. Mais chuvas e teor de umidade [...] provocaram a reexpansão florestal.

A. Ab'Saber, 1996.

O texto citado descreve o processo de uma região natural brasileira. Identifique-a corretamente, relacionando-a ao processo.

	Região Natural	Processo
(a)	Mata Atlântica	Tectonismo
(b)	Cerrado	Tectonismo
(c)	Pampa Gaúcho	Variação climática
(d)	Mata de Araucária	Tectonismo
(e)	Floresta Amazônica	Variação climática

37 Mackenzie O projeto foi concebido no âmbito da geopolítica brasileira, com o objetivo de implementar uma política especial do Estado para proteger as fronteiras setentrionais do país. Visa combater o contrabando de metais preciosos, conter conflitos entre garimpeiros (muitos deles com países vizinhos como a Venezuela), entre fazendeiros e indígenas e dar apoio às comunidades locais e tribos indígenas, como os Ianomamis. Trata-se do:

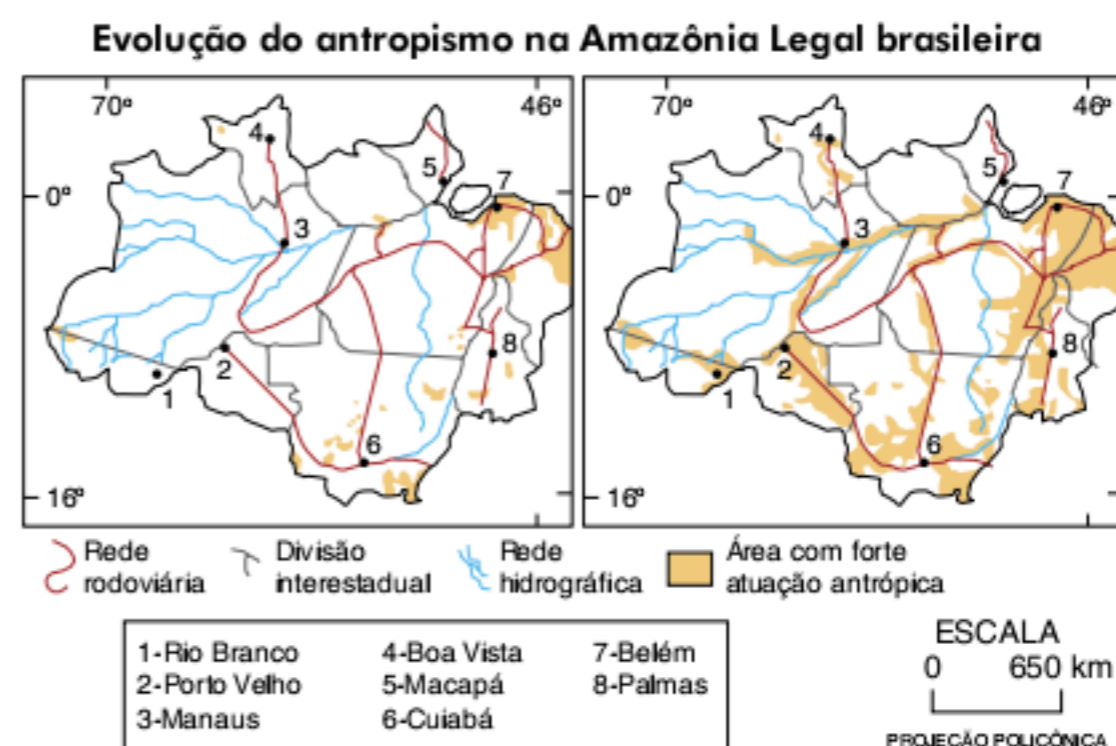
- (a) Projeto Radam.
- (b) Projeto Sivam.
- (c) Projeto Trombetas.
- (d) Projeto Calha Norte.
- (e) Projeto Carajás.

38 UFMG (Adapt.) O Sistema de Vigilância da Amazônia (Sivam) atende a interesses tanto do Brasil, isoladamente, quanto do mundo globalizado, em que o país se insere.

Assim sendo, é incorreto afirmar que esses interesses são:

- (a) globalizados, porque o sistema permite monitorar o desmatamento de vasta reserva florestal, onde grande parte das espécies não foi sequer catalogada.
- (b) nacionais, porque será possível ao Brasil exercer, em caráter permanente, o controle – aéreo e terrestre – sobre mais da metade do território nacional.
- (c) globalizados, porque parte da região coberta pelo sistema abriga bases de redes de tráfico ilegal, que, hoje, comprometem a segurança do mundo.
- (d) nacionais, porque revela o desenvolvimento tecnológico e científico do país em um setor de ponta, o que aumenta seu prestígio em âmbito mundial.

39 UFMG Analise estes mapas.



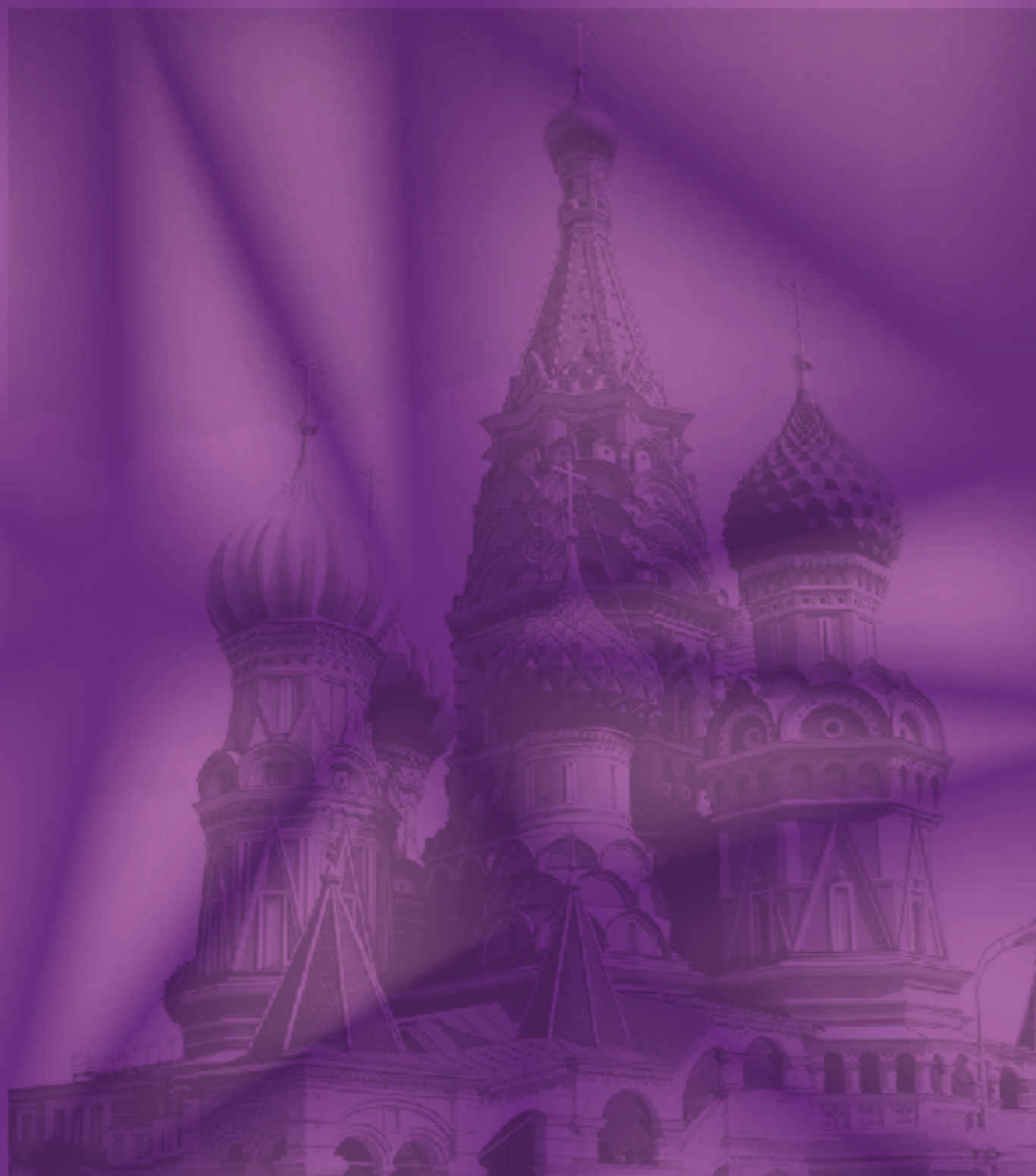
Fonte: Atlas Geográfico Escolar. Rio de Janeiro: IBGE, 2002, p. 110-1. (Adapt.).

A partir da análise desses mapas e considerando-se outros conhecimentos sobre o assunto, é incorreto afirmar que:

- (a) a evolução do antropismo, representada nos dois mapas, parte da borda da floresta equatorial, cumprindo as recomendações de desenvolvimento sustentável e de exploração, como proposto na Agenda 21, da ONU.
- (b) os eixos rodoviários com sentido longitudinal constituíram importantes vias de integração da região à porção Centro-Sul do País, mas deram início ao desmatamento do espaço em que se implantaram.
- (c) a expansão das atividades humanas na porção oriental do espaço representado resulta, em grande parte, de interesses estrangeiros na exploração das províncias minerais da região.
- (d) o antropismo evoluiu rumo à Amazônia Ocidental pela concretização das metas do Plano de Integração Nacional – PIN, que associava a integração da região com a redistribuição da população do sertão nordestino.



Frente 2



Oriente Médio



JOSSA FRIE/123RF.COM



LORDHARRIS/WIKIPEDIA



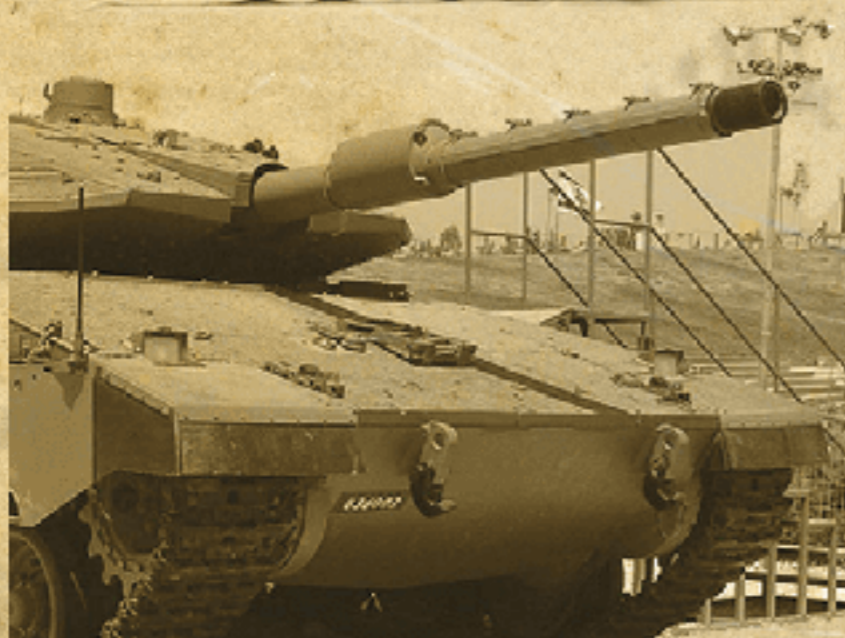
DANI SIMMONDS/STOCK.XCHNG

Difícilmente algum estudioso dos assuntos internacionais discordará da afirmação de que o Oriente Médio é a região com mais complicações políticas nas últimas décadas. A constância e a intensidade dos conflitos ali presentes devem-se a causas internas (diversidade étnico-religiosa, proximidade entre religião e política) e externas (relações das potências ocidentais com os grupos da região).



CATHY YELLE/123RF.COM

A rede de relações que se pode tecer ao estudar os conflitos da região é extremamente vasta, por isso, neste capítulo, buscaremos entender os principais agentes e suas causas nesses conflitos.



MATHKNIGHT/WIKIPEDIA



PAVEL BERNSHTEIN/123RF.COM



DAVID PIN/WIKIPEDIA

Oriente Médio, uma região de conflitos

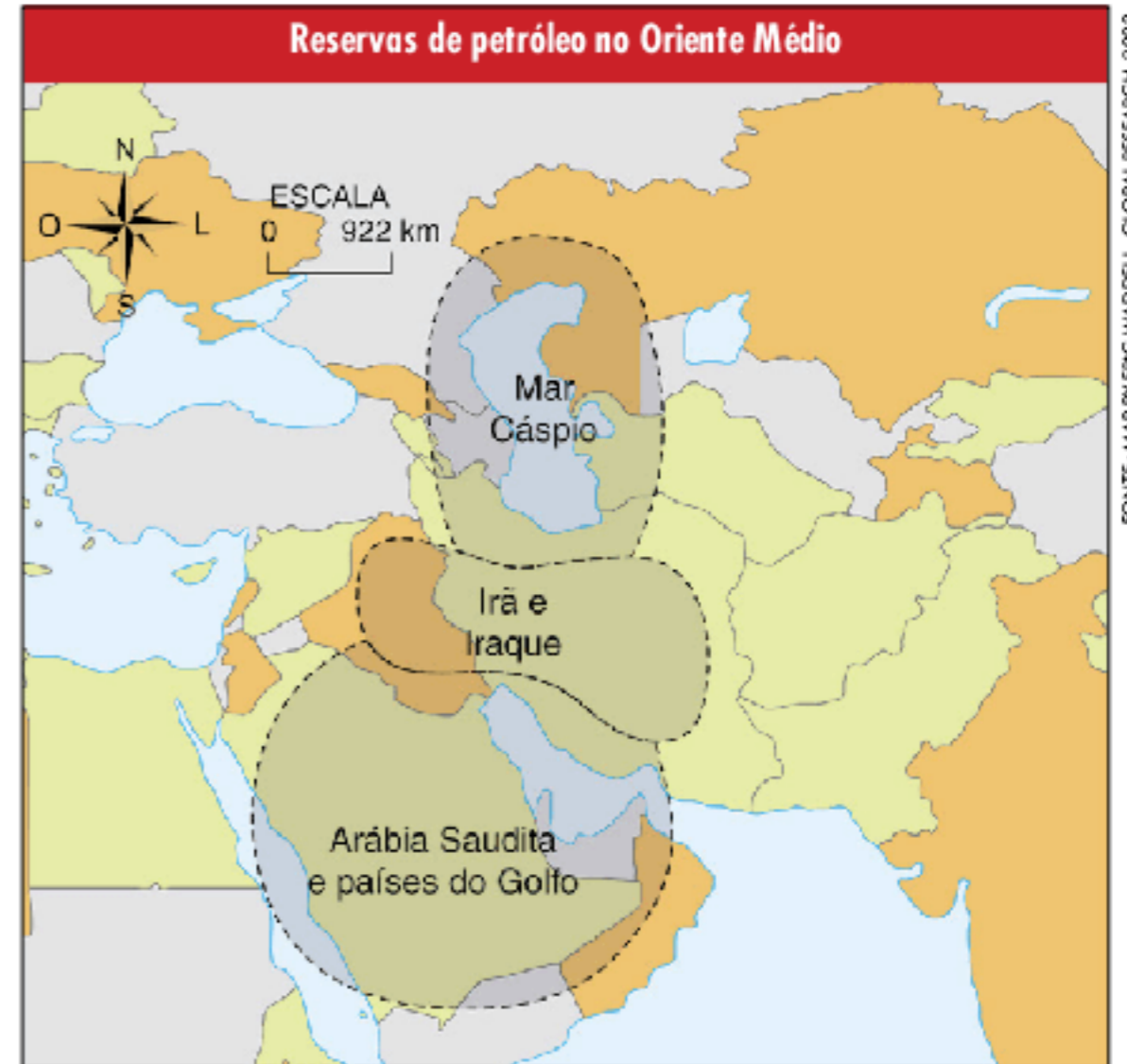
O termo **Oriente Médio** foi criado no Ocidente para se referir à região localizada entre o sudoeste da Ásia, o sudeste da Europa e o nordeste da África. Geralmente, considera-se que tal região inclui a área entre a Turquia, a Península Arábica e o Irã, mas, dependendo do contexto em que se esteja utilizando o termo, outros países podem entrar no grupo, principalmente o Egito e o Afeganistão.

A região está cercada por mares, com destaque para o Vermelho, o Mediterrâneo, o Negro e o Cáspio, além dos golfos de Aden, Pérsico e de Omã. O relevo é caracterizado pelos planaltos da Arábia, da Armênia e do Irã, sendo os últimos dois bastante montanhosos, apesar de não muito altos. Entre os grandes planaltos, podemos encontrar algumas planícies pelas quais correm importantes rios, como é o caso da fértil Mesopotâmia, por onde passam os rios Tigre e Eufrates, e do vale do Jordão, rio que deságua no Mar Morto, a depressão absoluta mais profunda do mundo, a mais de 400 metros abaixo do nível do mar.

Dominam a região os climas áridos e semiáridos, o que se explica, principalmente, por ser uma área de alta pressão tropical, de onde saem ventos que carregam a umidade para longe. A vegetação é diretamente determinada pelas características climáticas, as quais muitas vezes levam à simples inexistência de formas de vida vegetal.

Provavelmente, a característica física mais importante do Oriente Médio seja a presença da maior reserva de petróleo do planeta, calculada em mais de 60% do total mundial de reservas

comprovadas. Isso se deve à história geológica daquele local, inicialmente uma bacia sedimentar marítima (ambiente próprio para a formação de petróleo), que foi soerguida devido ao movimento das placas Africana, Asiática e da Arábia. Com isso, formaram-se ali três áreas de grande disponibilidade de petróleo e gás natural: a Arábia Saudita, com os países do Golfo Pérsico, o conjunto formado por Irã e Iraque e a região do mar Cáspio.



FONTE: MAP BY ERIC WADDELL, GLOBAL RESEARCH, 2003.



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR. RIO DE JANEIRO: IBGE, 2002.

Oriente Médio físico



A presença de tanto petróleo é um dos fatores que explicam a existência de vários conflitos na região do Oriente Médio. Os enfrentamentos se dão pelo fato de os povos daquela área já terem brigado muito entre si pelo domínio dessa riqueza natural e, principalmente, pelas intervenções das grandes potências na política regional, por causa do seu interesse estratégico. Mas existem outros fatores tão ou até mais importantes que este para se entender os conflitos. Vejamos dois deles:

Primeiramente, o Oriente Médio é uma região de grande diversidade étnico-religiosa, o que pode ser explicado por dois motivos principais. Por um lado, a área está localizada entre três continentes (África, Ásia e Europa) de antiga ocupação, sendo assim uma zona de intensa atividade social há milênios. Em segundo lugar, nasceram ali três importantes religiões; o Judaísmo, o Cristianismo e o Islamismo, todas elas monoteístas e com fortes ligações com questões políticas.

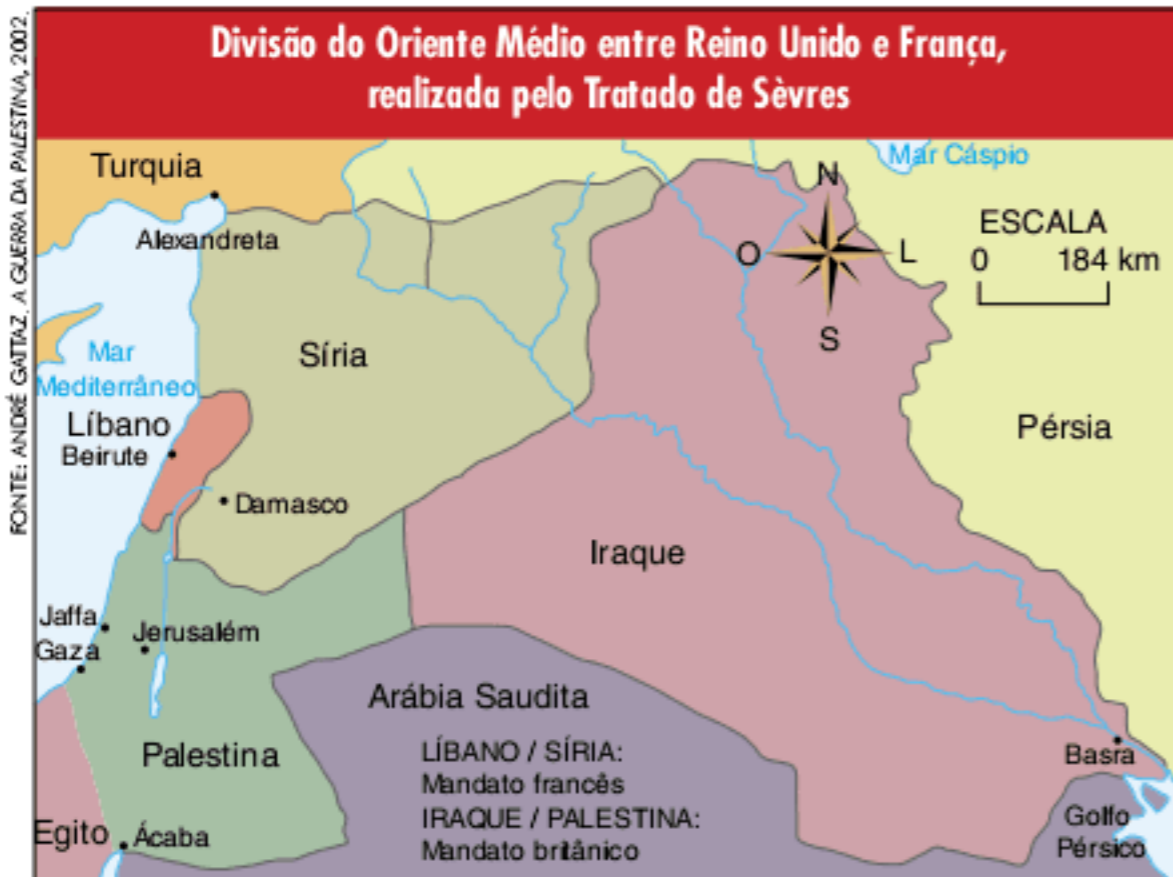
Nesse contexto, formaram-se diferentes grupos, tanto étnicos quanto religiosos. Entre as principais etnias é interessante destacar os judeus, os árabes, os persas (iranianos), os curdos, os armênios e os turcos. Podemos citar também os sunitas e xiitas, sendo que esses dois grupos assumem diferentes tendências dentro da religião islâmica. A diversidade étnico-religiosa por si só não explica os conflitos violentos que ocorrem no Oriente Médio. Basta pensarmos no Brasil ou nos Estados Unidos, países também de grande diversidade, mas sem conflitos de tal natureza. Ainda assim, no Oriente Médio, as identidades e diferenças relativas a esse aspecto são, muitas vezes, utilizadas para definir alianças de poder e apoio ou recusa a determinados grupos.



Fig. 1 A mesquita de Al-Aqsa e o Domo da Rocha (ao fundo, à esquerda) e o Muro das Lamentações (no centro), em Jerusalém: locais de peregrinação para muçulmanos e judeus.

Além da questão étnica e religiosa, é importante destacar o processo de descolonização realizado no Oriente Médio durante o século XX. Anteriormente sob o domínio do Império Turco-Otomano, a partir do Tratado de Sèvres, de 1920, a região ficou dividida entre Reino Unido e França, as potências europeias vencedoras da Primeira Guerra Mundial. A missão,

delegada pela Liga das Nações (entidade internacional que precedeu a Organização das Nações Unidas), era a administração do momento de transição política destas áreas de partes de um império (no qual não são reconhecidas as identidades nacionais) para países independentes. É nesse momento que começam a surgir os principais problemas políticos que afetam a região até hoje.



A organização política em países, ou seja, em Estados nacionais, é uma criação ocidental com influência notadamente europeia. Dessa forma, está relacionada a características culturais, políticas e históricas dos povos do Ocidente, não sendo necessariamente o melhor modelo para qualquer outro povo. Um aspecto que merece ser destacado, nesse sentido, é a laicização política (a separação entre religião e política, ou melhor, entre Igreja e Estado) que ocorreu na Europa antes de os povos europeus concluírem sua organização em Estados nacionais. No Oriente Médio, essa separação não se deu, ou se deu de forma muito incompleta, o que acaba sendo um dos motivos das discórdias entre os grupos religiosos que querem tomar o poder.

Mas além dessa relação problemática entre Estado e Igreja – que é um problema interno do Oriente Médio – é preciso destacar o fato de que os europeus administraram a região no processo de transição para a independência de forma muito parcial. Ou seja, em diferentes oportunidades, as fronteiras criadas e a forma como a política foi ali administrada seguiram os interesses britânicos e franceses, alimentando outros motivos para futuros conflitos e, como ocorreu na África, dividindo o mesmo povo – os árabes – em vários Estados ou unindo povos diferentes em um mesmo Estado, como no Iraque.

A seguir, veremos especificamente os mais importantes conflitos da região. Embora eles estejam separados é sempre bom lembrar, e em grande parte isso ficará claro ao longo do estudo, que existiram relações entre cada um deles. Começaremos pelo mais antigo e permanente problema político do Oriente Médio, aquele que pode ser entendido como o centro de outros conflitos da região: a Guerra da Palestina.

SAIBA MAIS

Islamismo

Existe muita confusão a respeito do Islamismo como religião e também sobre suas divisões internas e relações com a cultura e o povo árabe. O tema é vasto, mas é importante fazer algumas ressalvas mesmo sem aprofundar demais o assunto. Em primeiro lugar, **árabe** e **muçulmano** não são sinônimos. **Árabe** é uma etnia, muçulmano é quem segue a fé islâmica. Apesar de a maioria também ser muçulmana, é possível ser um árabe cristão, judeu ou ateu, por exemplo. Da mesma forma, é possível ser muçulmano e não ser árabe.

Outra confusão diz respeito à religião em si. O Islamismo não é muito distante do Cristianismo ou do Judaísmo. De certa forma, todas as três são interpretações dos mesmos fatos, mitos ou conjuntos de valores. Alá significa Deus; não é outro senão o mesmo da cultura cristã. Assim como protestantes e católicos divergem em suas interpretações, mas acreditam no mesmo Deus, os muçulmanos têm sua interpretação própria. Estão presentes no Islã as figuras dos anjos, do arcanjo Gabriel e até de Moisés e Jesus. Uma diferença, por exemplo, é que no Islamismo Jesus é considerado um profeta, mas não filho de Deus.

Por fim, há um ponto fundamental que deve ser esclarecido. É comum a ideia de que xiitas são radicais e sunitas são moderados. Essa divisão é uma simplificação tão grosseira que realmente não tem utilidade. Xiitas e sunitas são diferentes visões da fé (como cristãos ortodoxos e católicos, por exemplo), mas o radicalismo depende de cada um dos fiéis, não da visão religiosa em si. Há pessoas radicais em qualquer grupo humano ou religioso. O Azerbaijão, por exemplo, é um país xiita que nunca criou problemas internacionais. Osama Bin Laden e o Talibã são sunitas. Percebe-se, em exemplos simples, que tal divisão não retrata a realidade.

A Guerra da Palestina

O nome Palestina significa **país dos filisteus** e indica uma região do Oriente Médio localizada entre o mar Mediterrâneo (a oeste), o Mar Morto (ao sul), o rio Jordão (a leste) e o Líbano (ao norte). Foi dominada por diversos povos e impérios, com destaque para os filisteus entre os séculos XIII e X a.C., pelos judeus até o século VI a.C. e, em seguida, pelos babilônios e romanos. Cada povo que passou por ali deixou sua marca.



Fig. 2 Gruta da Natividade.

Em 70 d.C., quando fazia parte do Império Romano e tinha uma grande população judaica, a Palestina foi palco de forte repressão aos judeus, que a partir daí foram se dirigindo a outras regiões, como a Rússia, a Europa e o Norte da África. Este movimento de saída dos judeus da Palestina é conhecido como a Grande Diáspora (dispersão).

Até o ano 634, a região foi dominada pelo Império Bizantino, quando passou então pelo controle de vários povos. Entre 1516 e 1917, a Palestina permaneceu na situação de província do Império Turco-Otomano (de religião muçulmana, cultura árabe e sede na região da atual Turquia). Tanto neste último período como nos anteriores (desde o fim do domínio romano) foi se formando, na região, uma população de maioria árabe-muçulmana.

Com a derrota do Império Turco-Otomano durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), criou-se o Mandato da Palestina, que ficou sob a responsabilidade do Reino Unido. Os mandatos criados pela Liga das Nações eram instrumentos do direito internacional que, teoricamente, deveriam servir para as potências mundiais ajudarem povos ainda não desenvolvidos a se organizar para alcançar a autodeterminação. Ou seja, legalmente, a missão dada aos britânicos pela Liga era a de fazer com que a população palestina (na época dividida entre 90% de árabes-muçulmanos e uma minoria de cristãos e judeus) formasse seu próprio país.

Ao contrário, porém, os ingleses permitiram uma intensa imigração judaica entre 1920 e 1947, o que fez a porcentagem de judeus subir para, aproximadamente, 30% da população palestina. A medida tomada pelo governo inglês como mandatário da Palestina deu origem à disputa territorial entre judeus e palestinos. O conflito atravessou a maior parte do século XX, tendo vitimado milhares de pessoas de ambos os lados e sendo atualmente uma das mais complicadas e controvertidas questões da política internacional.

O sionismo

O Islamismo, o Cristianismo e o Judaísmo são religiões que nasceram no Oriente Médio e dali se espalharam por vários lugares do mundo. No caso do Judaísmo, a expansão se deu a partir da Grande Diáspora. O Cristianismo e o Islamismo se espalharam mantendo vínculos com impérios e fortes governos. O primeiro tomou conta da Europa através do Império Romano (assim como pelo Sacro Império Romano-Germânico); e o segundo, do Oriente Médio e do Norte da África através dos Impérios Árabe-Muçulmano e Turco-Otomano. Enquanto isso, o Judaísmo se espalhou por intermédio de seus próprios fiéis, isto é, sem apoio do poder estatal.

Com isso, os judeus se tornaram minorias religiosas em todas as regiões em que se estabeleceram. Nestas condições, foram sempre tratados como estrangeiros, geralmente não possuindo os mesmos direitos da população local.

Na Península Ibérica, durante a Santa Inquisição (séculos XII a XVI), foram intensamente perseguidos. No Centro-Leste europeu e na Rússia, eram obrigados a viver isolados em pequenas vilas do interior ou guetos judaicos nas cidades. Esta antiga discriminação contra os judeus é chamada de **antisemitismo**. Vale notar que tecnicamente o termo está incorreto, mas

seu uso é frequente. **Semita** designa vários povos da mesma região, o que inclui os árabes. Ainda assim, consagrou-se o uso da expressão apenas em relação aos judeus.

A partir do século XVII, com as revoluções burguesas na Inglaterra e na França, os judeus começam a ser reconhecidos como iguais aos outros cidadãos destes países. Este processo levou a um aumento da assimilação, que era a adoção total ou parcial dos costumes ocidentais pelos judeus. Isto causou certa revolta entre os judeus mais tradicionais (ortodoxos), que viam no processo de assimilação uma grande perda cultural e religiosa para seu povo.

Ao mesmo tempo, a situação dos judeus do Centro-Leste da Europa, principalmente na Polônia e Rússia, continuava precária, já que nestes países eles ainda não eram reconhecidos como iguais aos outros cidadãos. Na segunda metade do século XIX, principalmente por volta de 1880, a preocupação com a influência moderna sobre os judeus da Europa Ocidental e com a discriminação sofrida por eles na Europa Oriental fez nascer, entre algumas lideranças judaicas, o **sionismo**.



Fig. 3 O menorah, candelabro de sete braços que simboliza o Judaísmo.

Influenciados pelo nacionalismo cada vez mais forte nos países europeus, alguns judeus começaram a interpretar o Judaísmo não apenas como uma religião, mas como elemento definidor de uma nação. A nação é composta de grupos de pessoas que estão unidas por laços de cultura, religiosidade e origens, mesmo que não vivam em um mesmo território. Nesse sentido, podemos dizer que o sionismo é uma tentativa de criar e reforçar a identidade nacional judaica.

Originado do nome de um dos montes sobre os quais foi construída Jerusalém (o Monte Sião), o sionismo se baseia na crença de que os judeus espalhados por todo o mundo poderiam compor uma única nação e, a partir daí, conquistar um território para formar um Estado nacional para os judeus. Esta crença ganhou força a partir da publicação do livro *O Estado Judeu*, de Theodor Herzl, em 1896.

É preciso diferenciar, portanto, o Judaísmo – que é uma religião presente em diversos lugares do mundo – do sionismo, que é a busca de parte dos judeus por um território para formar seu próprio país.

O sionismo e a Palestina

Se o sionismo em si já era uma tentativa de afirmar o Judaísmo como base para uma identidade nacional judaica, faltava ainda definir como e onde se criaria um território para se formar o novo país.

Várias possibilidades foram levantadas, entre elas a compra de uma área no oeste dos Estados Unidos, em Uganda ou na Argentina. A Palestina acabou sendo a região escolhida devido a uma série de motivos, dentre os quais se destacam:

- a ligação histórica dos judeus com a região (seus antepassados haviam dominado a região por volta do século VI a.C.), o que poderia ser usado como argumento para legitimar o projeto sionista. Os poucos vestígios de um Estado judeu estão nessa região.
- a Palestina era ocupada por um povo relativamente pobre e sem poder (os árabes-muçulmanos), no meio de um império (o Turco-Otomano) em decadência, o que facilitaria a criação de novas fronteiras que acolhessem o Estado judeu.

Após decidirem pela Palestina como o local a acolher seu novo país, os sionistas começaram a negociar com o governo britânico. Em troca do apoio das organizações judaicas na luta contra os turcos na Primeira Guerra, os britânicos declararam publicamente (no que ficou conhecido como *Declaração de Balfour*) seu apoio à formação de um “lar nacional para o povo judeu na Palestina”.

Na prática, o Reino Unido permitiu uma intensa imigração de judeus refugiados para a Palestina, facilitando a compra de terras por parte destes e defendendo-os da crescente hostilidade da população árabe local com os novos moradores. Ocorreram conflitos entre árabes, judeus e ingleses, sendo os principais em 1920, 1921, 1929, 1933 e uma rebelião generalizada da população (envolvendo greves gerais, passeatas e desobediência civil) entre 1935 e 1939.

Ao longo da década de 1940, os conflitos continuavam, o que demonstrava que o Exército Britânico havia perdido o controle da situação. Após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), por não conseguir adotar sozinho uma medida para pôr fim à situação conflituosa na Palestina, o Reino Unido entregou o caso à Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU). Em um contexto político extremamente favorável aos judeus, que tinham sido brutalmente massacrados pelo regime nazista, a ONU decidiu, em 1947, realizar a partilha da Palestina.

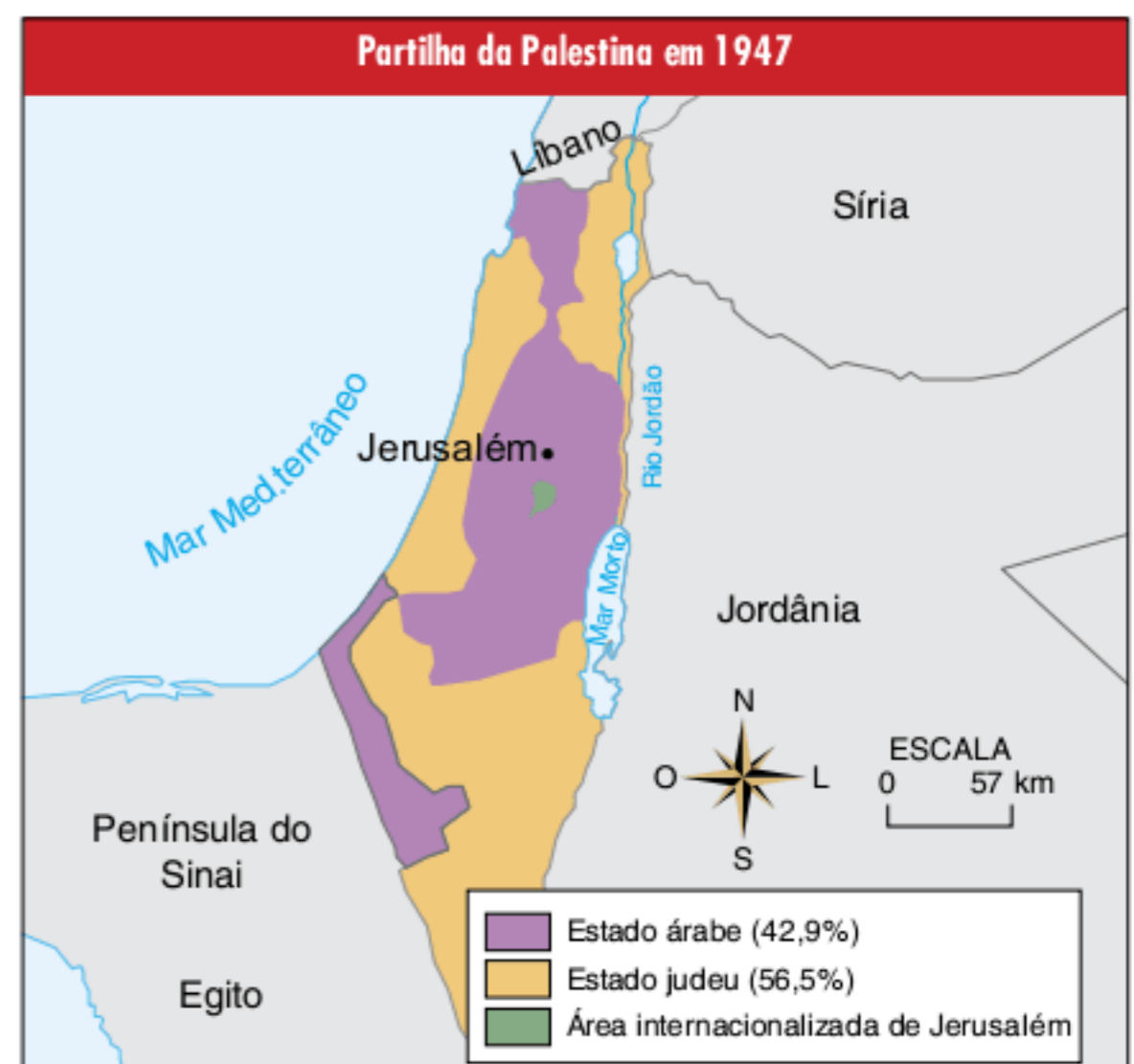
Os conflitos entre árabes e israelenses pelo controle da Palestina

As discussões sobre o futuro da Palestina foram iniciadas na ONU em fevereiro de 1947. A visão original que havia sobre a região é que existiam ali povos que não se entendiam. Enquanto os judeus (que representavam 30% da população) eram a favor da partilha (divisão da Palestina), os árabes (que somavam 70% dos habitantes) se negavam a discutir tal possibilidade. O Alto Comitê Árabe Palestino (na época representante daquela população na Palestina), considerava a partilha ilegal e inaceitável e embasava seus argumentos na recente história da dominação britânica. Deve-se lembrar que, primeiramente, o Reino Unido tinha recebido da Liga

das Nações (em 1920) a responsabilidade de preparar o povo da Palestina para a independência política, mas, ao contrário, favoreceu um desequilíbrio entre as duas principais populações da região. Em segundo lugar, nenhum país árabe ou muçulmano tinha uma posição de poder na ONU. Na verdade, o Conselho de Segurança era formado por duas ex-potências coloniais (Reino Unido e França), duas então superpotências (Estados Unidos e União Soviética) e a China.

O contexto político e cultural levou os membros da ONU a apoiarem e aprovarem a partilha. Entre os elementos que caracterizavam tal contexto poderíamos considerar o relativo desconhecimento da situação da população árabe na Palestina e o empenho da maior parte do mundo em devolver a dignidade ao povo judeu, por causa da perseguição que sofrera durante a Segunda Guerra.

Mas o elemento mais importante que colaborou para uma decisão positiva da ONU em relação ao plano da partilha foi a pressão que os Estados Unidos exerceram sobre países menos poderosos. O interesse central dos norte-americanos neste caso era aprovar a partilha para garantir a presença de um país aliado ao Ocidente (que viria a ser Israel) dentro da região do Oriente Médio, que na época tinha um caráter bem mais antiocidental que atualmente. Os árabes, há anos dominados por turcos e britânicos, não nutriam simpatia pelo Ocidente.



A Partilha da Palestina dividiu a região em duas áreas, uma de maioria arábica (que deveria servir de base à constituição de um Estado árabe) e outra de maioria judaica (que deveria futuramente compor o território do Estado judeu). É preciso destacar, no entanto, que a região judia contabilizava 498 mil habitantes contra 497 mil árabes, enquanto a outra região possuía, aproximadamente, 500 mil árabes e uma irrisória população judaica. Para piorar, enquanto os judeus representavam apenas 30% da população da Palestina, a área a eles destinada pela ONU representava 56,5% do total. Por causa dessa situação desigual de partilhas, considerada intolerável pelos árabes, iniciou-se a reação contra a presença judaica na Palestina.

Em 1948, os judeus declararam sua independência em relação ao Reino Unido e formaram o Estado de Israel. Com isso, alguns países, notadamente o Egito, a Jordânia, o Iraque, a Síria e o Líbano, uniram-se aos palestinos que estavam sendo prejudicados com a chegada dos judeus. O objetivo era impedir que estes últimos realmente constituíssem um Estado independente na região.

Do ponto de vista dos palestinos, o problema da criação do Estado de Israel era justamente a perda de terras. Já por parte dos países árabes a insatisfação vinha do fato de seus processos de independência, ocorridos naquela mesma década, terem intensificado o nacionalismo, o que os deixava pouco dispostos a aceitar a influência ocidental na região.

Começou assim o primeiro conflito, que se estendeu até 1949. No final da guerra, a riqueza dos judeus (vinda principalmente da Comunidade Sionista Internacional) e o despreparo dos exércitos árabes deram aos israelenses a vitória. Além de serem garantidas as fronteiras de Israel, os territórios que deveriam constituir o Estado palestino foram todos ocupados, a maior parte pelos próprios israelenses. Só ficaram fora do controle de Israel a Faixa de Gaza, que permaneceu com o Egito; e a Cisjordânia, que ficou com a Jordânia. A situação dos palestinos e dos países árabes que os apoiavam piorou, uma vez que, além de Israel garantir suas fronteiras, ainda havia conquistado mais territórios para si.



Durante a década de 1950, vários fatores colaboraram para o agravamento da tensão entre árabes e israelenses no Oriente Médio.

- No Egito em 1952, após um golpe militar que pôs fim à Monarquia, subiu ao poder Gamal Abdel Nasser. A política de Nasser baseava-se no nacionalismo e no **pan-arabismo**

(união dos povos árabes), ambos elementos que colocavam o país em uma posição de choque direto contra a influência europeia e norte-americana na região.

- Entre os palestinos exilados nos países vizinhos de Israel, foram se formando grupos armados que tinham como objetivo eliminar o Estado de Israel. Entre eles, podemos destacar a própria Organização para a Libertação da Palestina (OLP), na época com um posicionamento anti-israelense mais radical. Tais grupos passaram a agir nas fronteiras de Israel com o objetivo de desestabilizá-las.
- As superpotências, Estados Unidos e União Soviética, passaram a definir suas políticas no Oriente Médio. O primeiro começou a apoiar Israel com o objetivo de criar, a partir deste país, um “cordão sanitário” que impedisse a expansão do socialismo pela região. Já os soviéticos sinalizaram seu apoio aos países árabes com a intenção de incentivá-los em sua luta contra o imperialismo do Ocidente.
- Em 1956, ocorreu a Guerra de Suez, na qual o Egito entrou em choque com a Inglaterra, a França e Israel pelo controle do Canal de Suez, que liga o Mar Vermelho ao mar Mediterrâneo, sendo assim uma área de grande importância estratégica. Apesar de perder militarmente, o Egito, com apoio soviético, consegue uma vitória diplomática na ONU: a determinação da retirada dos Exércitos ingleses, franceses e israelenses. Esta vitória deu grande poder político aos egípcios.
- Após a Guerra de Suez, Egito e Síria começaram as negociações para tornar a tese do pan-arabismo uma realidade, procurando formar um único país: a República Árabe Unida (RAU). Um dos principais objetivos da RAU era fechar o cerco a Israel.



Fig. 4 Canal de Suez.

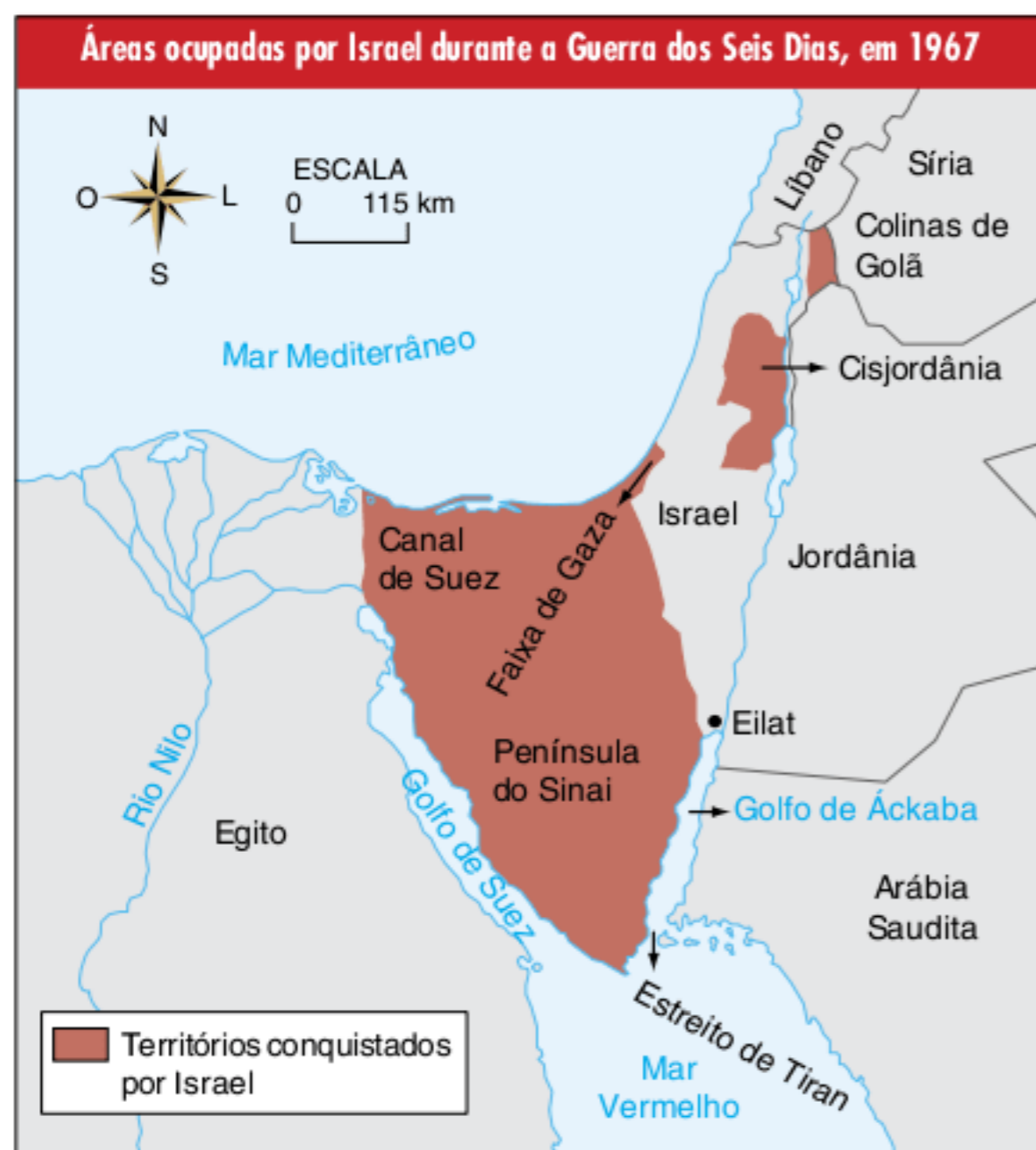
Pan-arabismo

Movimento político com força durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, principalmente no Egito e na Síria, que pregava a união entre os povos árabes da região em um só país.

A vitória de Suez, a formação da RAU, o aumento da atuação dos grupos guerrilheiros palestinos e o apoio soviético criaram um clima de grande otimismo entre os árabes. Em meados da década de 1960, eles começavam a se enxergar como uma grande nação pronta para derrotar Israel e acabar com a influência ocidental no Oriente Médio.

Antes que essas intenções se tornassem realidade, Israel tomou providências. Em junho de 1967, as Forças Armadas israelenses deflagraram um ataque surpresa ao Egito, à Síria e à Jordânia. O acontecimento ficou conhecido como Guerra dos Seis Dias, já que foi esse o tempo necessário para que os judeus conseguissem derrotar as Forças Armadas árabes e tomar grandes extensões de terras destes países.

O Egito perdeu toda a Península do Sinai (incluindo a Faixa de Gaza), a Jordânia ficou sem a Cisjordânia e a Síria teve as Colinas de Golã ocupadas pelas forças de Israel. Todas as áreas ocupadas fazem fronteira com Israel e formaram assim um grande cordão de isolamento entre este e seus inimigos. Com as ocupações, os judeus triplicaram o tamanho de seu território e intensificaram a ira dos árabes sobre eles.



Apesar da grande vitória militar, a posição dos israelenses na Guerra dos Seis Dias e nos meses seguintes a ela iniciou uma mudança da política das grandes potências em relação aos conflitos do Oriente Médio. Israel atacou seus vizinhos árabes sem ter sofrido qualquer ameaça concreta da parte deles, ocupou vastas áreas e, após a guerra, não seguiu as determinações da ONU para devolver as áreas ocupadas. Para finalizar, começou a criar colônias agrícolas nestas terras, principalmente na Cisjordânia, mostrando-se pouco disposto a devolvê-las. Tais colônias ficaram conhecidas como **assentamentos** e atualmente são um dos principais pontos de atrito na região.

Com isso, os israelenses demonstravam seu caráter expansionista e deixavam claro que sua meta era afirmar-se como potência regional. Era o primeiro, apesar de ainda muito pequeno, golpe no apoio que a opinião pública ocidental dedicava a Israel.

Começaram também a mudar as posições das próprias nações árabes, já que todo aquele otimismo anterior à Guerra dos Seis Dias já fazia parte do passado. Em vez de continuar o apoio à causa do pan-arabismo, inclusive dando apoio aos palestinos, os países árabes buscaram políticas menos regionais e mais particulares.

A Jordânia abriu mão de recuperar a Cisjordânia, declarando-a território dos palestinos. Porém, também não fez nada para que tal região, que estava sob ocupação israelense, passasse efetivamente ao controle dos árabes-palestinos.

O Egito, após a morte de Nasser em 1970, começou a se afastar da União Soviética, buscando uma aproximação com o Ocidente. O objetivo era conseguir apoio para resolver as questões territoriais com Israel e atrair as multinacionais ocidentais como forma de dinamizar seu processo de modernização industrial.

Já a Síria, mesmo continuando ligada à União Soviética e ao pan-arabismo, passou a se preocupar mais com a retomada de seus territórios e com sua expansão sobre o Líbano.

Neste contexto, Síria e Egito fizeram um ataque surpresa a Israel, com o objetivo claro de retomar seus territórios. O ataque ocorreu em outubro de 1973, durante o mais importante feriado sagrado para os judeus, o *Yom Kippur* (Dia do Perdão). De início, os árabes estavam conseguindo impor derrotas aos israelenses, porém com a ajuda dos Estados Unidos, que enviaram armamentos para repor as perdas provocadas pelos árabes, os judeus conseguiram controlar a situação.

Ao mesmo tempo em que os Estados Unidos apoiaram Israel, exigiram também sua retirada. Sendo assim, ao final da Guerra do *Yom Kippur*, as fronteiras não tinham se alterado. Mesmo assim, as consequências do conflito marcaram a geopolítica do Oriente Médio.

Ficava claro para os países árabes que Israel tinha apoio ocidental e que, de certa forma, era inútil tentar a retomada dos territórios a partir da guerra com um país militarmente superior. Com isso, os conflitos na região tomaram outros rumos.

O Egito se aproximou ainda mais dos Estados Unidos e conseguiu, por meio da mediação deste, em 1980, um acordo com Israel. Este ficou conhecido como Acordo de *Camp David*, e nele os egípcios reconheciam a existência do Estado de Israel em troca da devolução da Península do Sinai. Com isso, a posição do Egito ficava clara: o país tinha desistido da guerra contra Israel, do pan-arabismo e do apoio militar aos árabes-palestinos.

Outro novo elemento – e talvez o mais importante – é a utilização que os países árabes começaram a fazer do petróleo como arma contra os países ocidentais. Dos treze membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), pelo menos nove têm população de maioria árabe-muçulmana. Com tamanha força dentro desta organização, os países do Oriente Médio conseguiram elevar o preço do barril de petróleo de US\$ 2.00 para US\$ 12.00 entre 1973 e 1974. Apesar de hoje parecer um valor baixo, em termos proporcionais o preço do petróleo subiu 600%.

O Primeiro Choque do Petróleo, como ficou conhecido, provocou um grande impacto na economia mundial. Pode até mesmo ser considerado como um dos fatores que determinou a falência do modelo keynesiano (que contempla a intervenção do Estado na economia), e o conseqüente nascimento do neoliberalismo. O grande problema é que a maioria dos países industrializados não eram (e ainda não são) autossuficientes na produção de petróleo, tendo de importar grandes quantidades do produto. Para cobrir o enorme rombo criado pelo aumento do preço do petróleo, os governos destes países tiveram de adotar políticas inflacionárias – já que imprimiam dinheiro para pagar os gastos – e iniciar programas de ajuste fiscal que envolviam privatizações, diminuição do investimento estatal na economia e, inclusive, diminuição dos benefícios dados aos cidadãos.

ATENÇÃO!

Os choques do petróleo

O Segundo Choque do Petróleo ocorreu entre 1978 e 1979, quando o barril atingiu o preço de US\$ 18,00. O Terceiro ocorreu durante a Guerra do Golfo, no início de 1991, e o preço flutuou acima dos US\$ 30,00.

Nesta situação, os países árabes tiveram uma relativa vitória política, uma vez que, até pelo menos o ano 2000, as potências econômicas e militares pressionaram Israel a buscar acordos de paz na região para estabilizar os preços do petróleo. Não houve, principalmente por pressão dos Estados Unidos, nenhuma medida prática tomada pela ONU para obrigar os israelenses a cumprir as resoluções da Assembleia Geral.

Uma terceira consequência do desfecho desfavorável aos árabes na Guerra do *Yom Kippur* foi o término de ofensivas de diversos países a Israel e o início de um conflito mais isolado entre palestinos e israelenses. Como vimos, a Jordânia desistira da batalha logo após a Guerra dos Seis Dias, em 1967; o Egito assinou o Acordo de Paz com Israel em 1980; O Iraque também abandonou a luta armada, apesar de tentar atacar Israel em 1991 durante a Guerra do Golfo. Já a Síria, mesmo se negando a fazer qualquer acordo com Israel, ficou muito isolada para lutar e foi aos poucos se concentrando nos problemas com o Líbano. Nesse contexto, os palestinos estavam sozinhos e foram obrigados a tomar a frente da luta pela devolução da Cisjordânia e da Faixa de Gaza, territórios a eles concedidos pela ONU, para a formação de seu Estado. Desse modo, ganhou destaque a Questão Palestina.

A Questão Palestina

Com a efetivação do Estado de Israel, os palestinos haviam se transformado em uma nação sem pátria. Eles ficaram espalhados pelas áreas ocupadas por Israel e pelos países vizinhos, principalmente no sul do Líbano, na Jordânia, no Egito (Faixa de Gaza) e na Síria. Por não terem sido totalmente incorporados à população desses países, acabaram entregues aos campos de refugiados, onde sofrem com más condições de vida e discriminação social até hoje.

Na década de 1950, surgiram organizações para lutar pela criação de um Estado palestino no Oriente Médio. Em 1959, formava-se o *Fatah*, na época uma organização militar que tinha como objetivo eliminar o Estado de Israel e criar em seu lugar o Estado palestino. Em 1964, os países árabes apoiaram a formação da Organização para Libertação da Palestina, que passou a envolver as organizações menores, como o próprio *Fatah*.



Fig. 5 Yasser Arafat.

A partir da Guerra dos Seis Dias e, principalmente, com a Guerra do Yom Kippur, os palestinos se viram sozinhos em sua luta direta contra Israel e passaram a optar por uma linha mais diplomática, apesar da existência de grupos extremistas armados. O líder da OLP, Yasser Arafat, foi quem conseguiu transformar a organização, inicialmente paramilitar, em um Estado palestino sem território. A partir de 1974, a OLP passou a ser reconhecida pela ONU e pela maioria dos países do mundo como representante legítima dos interesses do povo palestino. Desde então ocupa um lugar na Assembleia Geral da ONU como observadora.

Israel, mantendo sua postura de não negociar com os palestinos, não reconheceu a legitimidade da OLP até a década de 1990. Em vez disso, continuou tratando seus integrantes como inimigos, mesmo depois de os líderes da organização proibirem as ações terroristas. Em 1982, Israel invadiu a sede da OLP no sul do Líbano e expulsou de lá seus integrantes. A organização passou a ter sede na Tunísia e a imagem de Israel perante a opinião pública internacional ficou ainda mais prejudicada.

Com o reconhecimento de sua causa por parte da ONU e a intransigência de Israel, a população palestina residente nos territórios ocupados de Gaza e da Cisjordânia iniciou uma série de revoltas a partir de 1987. Com o nome de *Intifada* (Levante, em árabe), esta série de revoltas populares que durou até 1991 contou com greves, passeatas e outros protestos de rua. O Exército israelense reagiu violentamente, causando centenas de mortes. As imagens de palestinos lutando com pedras e paus e israelenses utilizando carros, bombas e armas de fogo deram ainda mais apoio estrangeiro à questão palestina.

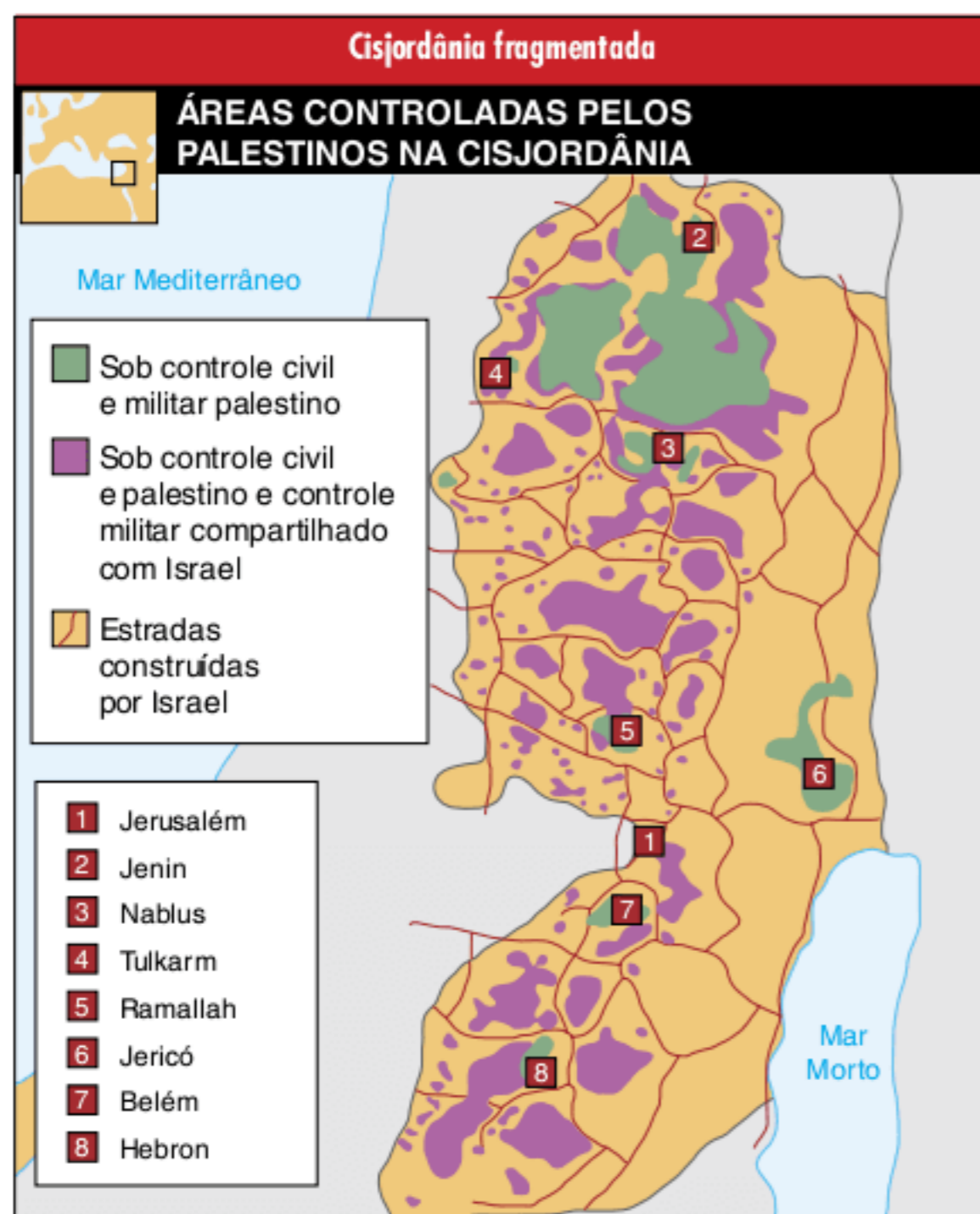
No início da década de 1990, vários fatores levaram à assinatura de acordos entre Israel e a OLP. A pressão externa sobre os israelenses aumentou, sendo que até mesmo a política dos Estados Unidos passou a ser pacifista. Isso porque a cada conflito na região os preços do petróleo sobem e a imagem norte-americana entre os muçulmanos piora por conta da associação a Israel. Dentro do país, o *Likud* (partido da direita israelense, contrário aos acordos com a OLP) foi perdendo apoio da população, que se cansou do permanente clima de guerra. Dessa forma, estava criado o clima político favorável para o processo de Paz de Oslo.

Acordos de Oslo

Em 1992, o líder palestino Yasser Arafat e o primeiro-ministro israelense Yitzhak Rabin iniciaram conversações secretas em Oslo (Noruega). Dessas negociações, surgiu o primeiro acordo entre as duas partes, que passou a ser conhecido como Oslo I. Neste momento, por um lado, as lideranças palestinas reconheceram o direito de Israel existir como país. Por outro, Israel reconheceu a legitimidade da OLP, cujo nome mudou para Autoridade Palestina (AP) e constituiu-se como um governo, uma vez que segundo este acordo passou a ter autoridade sobre a cidade de Jericó, na Cisjordânia. Por causa deste primeiro acordo, Arafat e Rabin receberam o Prêmio Nobel da Paz em 1994. Para se organizar financeiramente, a Autoridade Palestina receberia dinheiro de doações externas e dos impostos recolhidos pelos palestinos que viviam sob o domínio israelense.

Em 1995, os mesmos líderes políticos assinaram o Acordo de Oslo II, no qual ficou definido que Israel devolveria partes da Faixa de Gaza e da Cisjordânia para os palestinos. A devolução obedeceu as seguintes condições:

- áreas do tipo A passaram ao domínio militar e civil da AP;
- áreas do tipo B ficaram sob administração civil da AP, mas sob domínio militar de Israel;
- as áreas do tipo C permaneceram sob domínio civil e militar israelense.



Israel justificou a forma de devolução dos territórios alegando oficialmente o fortalecimento da segurança do país. Sem os territórios palestinos, Israel se torna um país muito frágil, podendo ser facilmente dividido ao meio. Além da segurança, os territórios ocupados são usados para o cultivo agrícola e para o abastecimento, utilizando a água do rio Jordão.

No caso da Faixa de Gaza (desocupada em 2005), os interesses de Israel não são tão grandes, já que esta é uma área de clima e solo pouco favoráveis, motivo pelo qual ela já foi totalmente devolvida aos palestinos. Já a situação da Cisjordânia é mais complicada. Em primeiro lugar, desde 1967, quando a região foi invadida por Israel, o governo invasor estimulou a fixação de muitas colônias judaicas, chamadas **assentamentos**. Isso já demonstra que o interesse era realmente anexar toda a Cisjordânia. O resultado desta política foi a criação de áreas de maioria judaica entre os palestinos.

Outro fato que complica as negociações é a questão da água do rio Jordão, localizado na fronteira entre o que seria a Palestina e a Jordânia. Ou seja, se Israel devolvesse toda a Cisjordânia, ficaria sem acesso às águas deste rio, responsável por cerca de 1/3 de toda a água consumida em Israel. Os assentamentos também utilizam a água do Jordão, pois contam com uma produção agrícola importante.

O resultado desta divisão das áreas a serem devolvidas em A, B e C foi a fragmentação do território palestino, de tal modo que seus habitantes continuam totalmente controlados pelo governo de Israel, tanto em termos econômicos quanto político-militares, já que é quase impossível ir de uma cidade palestina para outra sem passar por áreas sob controle israelense. A gravidade desta situação pode ser compreendida pela leitura de um trecho do livro *A Guerra da Palestina*, de André Gattaz:

Segundo um relatório da Anistia Internacional, em dezembro de 1999, existiam 227 enclaves separados na Cisjordânia sob controle parcial ou total da AP (aproximadamente 88% das áreas têm menos de 2 km²), fazendo com que todos os palestinos na Cisjordânia vivessem a menos de seis quilômetros de áreas sob controle israelense.

Existe outra questão a respeito do domínio sobre Jerusalém. Pela proposta de Partilha da Palestina feita pela ONU, em 1947, a Grande Jerusalém deveria ficar sob administração internacional, pelo fato de ser uma cidade sagrada para três grandes religiões do mundo: o Islamismo, o Judaísmo e o Cristianismo, por possuir monumentos sagrados para as três. Atualmente, um lado da cidade tem maioria judaica (Jerusalém Ocidental) e outro maioria muçulmana (Jerusalém Oriental). Mesmo assim, ambos sofrem controle civil e militar de Israel, que se nega a discutir a questão. Recentemente, o governo israelense intensificou a ocupação de Jerusalém Oriental por meio da construção de prédios para a população judaica.

Do declínio dos acordos de Oslo aos nossos dias

Poucas semanas após a assinatura dos acordos de Oslo II, o líder israelense responsável pelo processo de paz, Yitzhak Rabin, foi morto por um judeu ortodoxo, o que expressou de forma muito clara a posição do setor mais conservador da elite

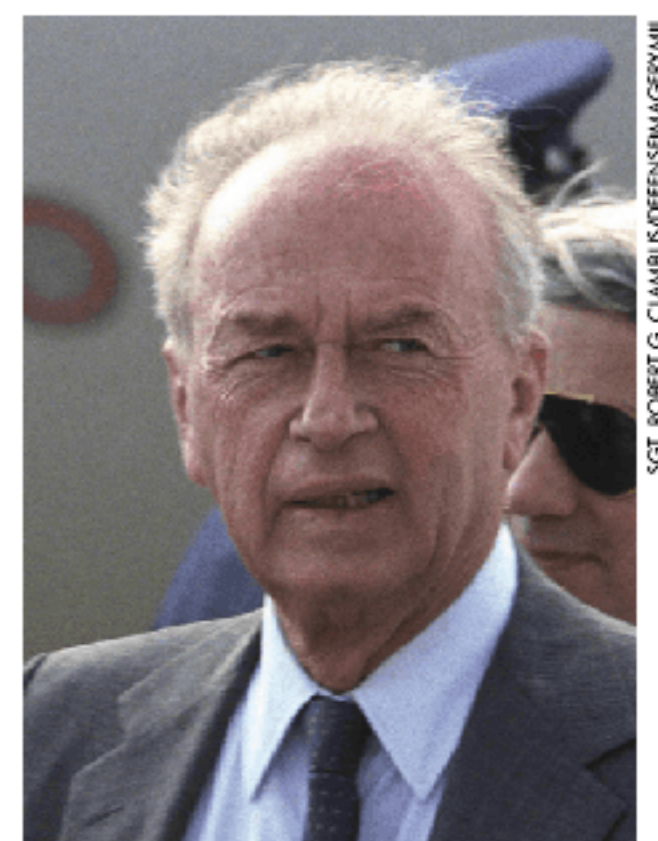


Fig. 6 Yitzhak Rabin.

israelense em relação ao que fora firmado. Nos anos posteriores, este grupo ganhou força política, o que lhe possibilitou incentivar a instalação de mais colônias judaicas na Cisjordânia, apontando para um retrocesso no processo de paz.

Ao mesmo tempo, as condições de vida nos enclaves palestinos foram se deteriorando. O governo israelense passou a adotar a política da clausura, que basicamente consiste na proibição total ou parcial de circulação de palestinos entre os enclaves. A consequência mais grave é a crise econômica que vem se aprofundando em virtude da dificuldade no estabelecimento de relações comerciais entre um enclave e outro. Como resultado, tem ocorrido um constante aumento do desemprego e uma crescente dificuldade para que os palestinos tenham acesso a bens básicos para subsistência, como água e alguns alimentos. Esses fatores são os maiores incentivos aos grupos palestinos radicais e aos ataques com homens-bomba.

Neste contexto de desapontamento com o processo de paz e desespero com a opressão israelense, os palestinos iniciaram uma nova *Intifada* em setembro de 2000, quando Ariel Sharon (à época líder do *Likud*) decidiu fazer uma visita à Esplanada das Mesquitas, lugar com vários santuários muçulmanos e judeus. Como Sharon já havia



Fig. 7 Ariel Sharon.

declarado diversas vezes ser contra a divisão de Jerusalém entre muçulmanos e judeus e a favor de que toda a cidade se torne capital de Israel, tal visita representou uma afronta aos palestinos.

Com isso, novos protestos de rua foram ocorrendo nas regiões da Faixa de Gaza e da Cisjordânia. A nova *Intifada* foi reprimida com armamento pesado pelo Exército israelense e o saldo de mortes foi grande. Neste contexto, a violência promovida por ambos os lados aumentou, mas sempre com um número de perdas maior do lado palestino.

Em 2005, Ariel Sharon surpreendeu aqueles que o viam como radicalmente contra os palestinos, pois colocou em prática um plano de retirada das colônias judaicas na Faixa de Gaza, completando a devolução deste território aos árabes. Esta novidade, no entanto, não impediu que novas radicalizações e ações violentas ocorressem, uma vez que a construção de assentamentos na Cisjordânia prosseguiu.

Atualmente, a Autoridade Palestina tem domínio sobre a Faixa de Gaza e alguns enclaves da Cisjordânia, mas está internamente dividida entre os partidos *Fatah* e *Hamas*, este último, um grupo radical de luta armada que venceu as eleições parlamentares palestinas em 2006. Israel, por sua vez, vem procurando reforçar a segurança do país contra possíveis ataques militares ou terroristas palestinos. Para tanto, construiu um muro entre a Cisjordânia e seu território e faz incursões militares na Faixa de Gaza, geralmente matando dezenas de palestinos.

SAIBA MAIS

Fatah e Hamas

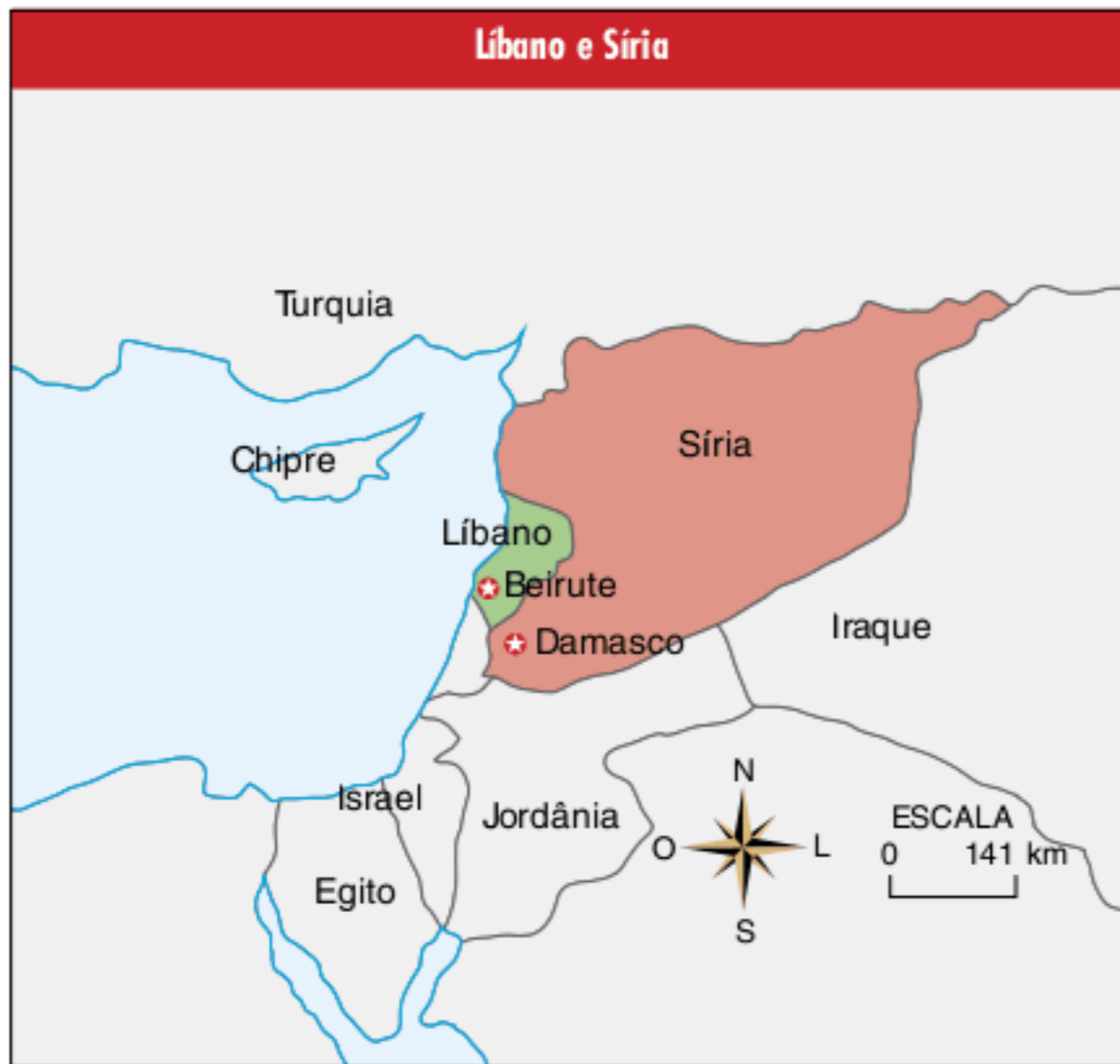
O movimento de resistência palestina é formado por vários grupos das mais diferentes tendências. Há desde os que optam somente pela política até os mais violentos. Os grupos que se destacam nesse cenário são o *Fatah* e o *Hamas*. O *Fatah* foi liderado por Yasser Arafat enquanto ele esteve vivo e é um grupo laico (não religioso) que, apesar de ter um braço armado, busca uma solução negociada com Israel. É o maior grupo entre os palestinos e o único com quem o Ocidente aceita conversar. É acusado pelos seus opositores de corrupção e incompetência ante a ocupação israelense. O *Hamas* é um grupo de resistência armada surgido em 1987, durante a *Intifada*. Seus membros são homens religiosos e suas técnicas são classificadas como terroristas por Israel e seus aliados. Além de grupo armado, é um partido político e mantém uma rede de assistência social. Seus opositores criticam os métodos violentos.

Em 2006, o *Hamas* foi eleito para controlar a Autoridade Palestina. Imediatamente, a comunidade internacional declarou que não negociaria com o vencedor da eleição, e iniciou-se uma crise entre os grupos. Atualmente, o *Hamas* controla a Faixa de Gaza e o *Fatah* controla a Cisjordânia.

Israel enfrenta alguns problemas de longo prazo. Em primeiro lugar, a pressão da opinião pública ocidental aumenta constantemente e a intransigência israelense é vista como motivador da violência. Em segundo lugar, a população palestina se reproduz com mais velocidade do que a população israelense. As previsões não são claras, mas ainda na primeira metade do século XXI os palestinos serão maioria, no que se convencionou chamar de **bomba demográfica**. Em terceiro lugar, existe o problema da população chamada árabe-israelense. São descendentes dos palestinos que ficaram sob controle de Israel na guerra de 1948-1949. São cidadãos de Israel, mas não podem servir ao exército porque sua lealdade é “contestável”. Por fim, por questões religiosas, a população de judeus ortodoxos se recusa a pegar em armas (apesar de sua influência política e seu apoio aos assentamentos), o que reduz ainda mais a quantidade de israelenses disponíveis para integrar o exército. Apesar de pequeno, existe também um número crescente de pacifistas judeus que veem a ocupação das terras palestinas como a origem da violência. Por fim, o governo Barack Obama tem insistido na necessidade de um diálogo efetivo entre as partes beligerantes e no fim da expansão dos assentamentos. Isso não quer dizer que os Estados Unidos realmente irão obrigar Israel a se retirar, mas demonstra a complexidade da situação.

O Líbano e a Síria

Até a Primeira Guerra Mundial, a região que hoje engloba o Líbano e a Síria pertencia ao Império Turco-Otomano. Com a queda do império, a região passou a ser controlada pelos franceses. Como a população era dividida entre muçulmanos, principalmente sunitas e cristãos árabes, chamados de maronitas, a França dividiu administrativamente sua colônia, criando assim o Líbano e a Síria.



Após a Segunda Guerra Mundial, a França deixou a região na qual se formaram os dois países. No caso do Líbano, a composição da população não era tão homogênea como na Síria, onde os cristãos ortodoxos representam cerca de 10% da população. Os maronitas perfaziam um pouco mais da metade do total de habitantes, porém, em razão da colonização francesa, detinham uma porção muito grande do poder econômico. Na tentativa de equilibrar essa diferença, foi criado o Pacto Nacional, que determinava que o presidente seria cristão e o primeiro-ministro muçulmano.

Com o passar do tempo, o número de adeptos ao Islamismo ampliou-se rapidamente e se tornou maioria desde fins da década de 1960, criando tensões entre os dois setores da população. Esse aumento foi agravado pelo fluxo de refugiados palestinos. Apoios externos também ajudaram a aumentar essa tensão. As potências ocidentais e Israel apoiavam claramente os cristãos, enquanto os países árabes apoiavam os muçulmanos. No início da década de 1970, os guerrilheiros da OLP foram expulsos da Jordânia e se instalaram no sul do país, aumentando ainda mais as discórdias entre o povo libanês. Toda esta tensão originou a Guerra Civil libanesa que começou em 1975, após um cristão ter atacado um ônibus e matado 27 muçulmanos. Participaram da guerra várias milícias, com destaque para as falanges cristãs, o exército libanês, as milícias islâmicas e drusas (uma seita que mistura cristianismo e islamismo), além dos Exércitos sírio e israelense. O objetivo da Síria era incorporar todo o Líbano, dando origem à Grande Síria, anulando assim a divisão realizada pelo imperialismo francês.

Em 1982, o Exército de Israel invadiu o Sul do Líbano para expulsar os guerrilheiros da OLP e obteve sucesso. A ocupação israelense do território libanês durou até o ano 2000. Durante esse período, os israelenses criaram uma milícia com libaneses cristãos chamada Exército do Sul do Líbano, utilizada como frente de batalha de Israel contra os muçulmanos da OLP ou do *Hezbollah*, grupo de resistência islâmica que se formou no ano da invasão israelense e que atualmente atua como partido político legítimo no Líbano.

SAIBA MAIS

Hezbollah

Em árabe, Hezbollah que dizer “o partido de Deus” (*Hezb* = partido, no sentido político; *Allah* = Deus). O grupo surgiu no contexto da Guerra Civil libanesa e da invasão israelense. Inicialmente, era uma milícia criada para defender a população xiita durante o conflito, já que o próprio governo deixara de existir. Tornou-se então um grupo de resistência à ocupação israelense (1982-2000), o que lhes garantiu muito apoio popular mesmo entre libaneses não xiitas, mas que repudiavam a ocupação por Israel. Fortemente ligado à Síria e ao Irã, o grupo é frequentemente acusado de terrorismo. O caso não é tão simples, porém. O Hezbollah é um partido político muito popular no Líbano e também mantém uma rede de assistência social, além de ter representantes no Parlamento e ser dono de meios de comunicação próprios.

A Guerra Civil libanesa terminou em 1990, no entanto continuam ocorrendo choques entre os diferentes segmentos da população e, mesmo após a retirada das tropas israelenses, ocorreram conflitos entre os grupos islâmicos do Líbano, principalmente o Hezbollah e o governo de Israel. Um dos episódios mais recentes foi o lançamento de mísseis entre os dois países em 2006, que acabou gerando uma guerra que durou pouco mais de um mês. Apesar do esforço, Israel não conseguiu deter o Hezbollah.

Os conflitos do Golfo

O Golfo Pérsico é outro foco de conflitos no Oriente Médio. O Iraque, no período liderado por Saddam Hussein (1979-2003), tentou impor sua hegemonia sobre a região e, para isso, enfrentou uma longa guerra com seu vizinho Irã, outra com as potências ocidentais lideradas pelos Estados Unidos; um longo embargo econômico e parcial intervenção militar durante a década de 1990 e, finalmente, uma nova invasão americana em 2003.



Fig. 8 Saddam Hussein.

O elemento que mais inflama os ânimos no Golfo é o petróleo, uma vez que é nessa região que estão as maiores jazidas do mineral. O Golfo Pérsico também é o local por onde mais passam os petroleiros que levam o combustível para o Ocidente, para o Sudeste Asiático e para a China. Porém, outros fatores são importantes para podermos compreender a situação, principalmente as disputas entre xiitas e sunitas e a luta entre Irã e Iraque pela hegemonia regional.

O Iraque é um país étnica e religiosamente dividido. Em termos étnicos, existem ali os árabes e os curdos; os grupos religiosos predominantes são os sunitas e os xiitas. Durante o governo de Saddam Hussein, os árabes de religião sunita foram favorecidos, enquanto eram promovidas perseguições aos xiitas e à etnia curda (que em sua maioria adota o islamismo sunita). Isso se deu, por um lado, em virtude do projeto pan-arabista no qual o governo iraquiano se inseriu e, por outro, às disputas de poder com o Irã, país que se assumiu como uma teocracia (governo religioso) ligada à religião islâmica xiita. Além de ter maioria xiita, o Irã apresenta uma população de etnia persa. Contudo, existem minorias oprimidas, com destaque para os curdos, localizados no noroeste do país. Estes são os dois atores regionais principais dos conflitos no Golfo, cujas origens remontam à década de 1970.

Na década de 1960, o Irã iniciou um processo de modernização econômica. O xá (rei) Reza Pahlevi, aliado dos Estados Unidos, tentou direcionar as divisas da venda do petróleo para a construção de uma infraestrutura que possibilitasse ao país a sua industrialização. O projeto não era muito diferente do que havia ocorrido na América Latina: tratava-se do chamado desenvolvimentismo.

No entanto, esta política de ocidentalização não foi bem aceita pela população islâmica xiita do país e, muito menos, pelo clero. Junto com a modernização econômica havia transformações culturais, como a liberalização do trabalho feminino, a criação de um mercado de consumo e a urbanização. As mudanças se chocavam diretamente com os valores da religião islâmica iraniana.

Durante a década de 1970, a população do Irã passou a apoiar uma articulação entre o clero xiita e os grupos de esquerda. Estes últimos estavam insatisfeitos com a modernização ligada ao apoio americano. Em 1979, esses grupos depuseram o xá, no acontecimento que ficou conhecido como revolução islâmica ou iraniana.

Após a tomada de poder, surgia outro problema. As propostas do clero xiita e dos grupos esquerdistas eram claramente opostas. Os xiitas tinham por meta desfazer o programa de modernização iniciado pelo xá de modo a retornar ao modelo de sociedade rural e com Estado teocrático. Além disso, queriam expandir a revolução islâmica para todo o Oriente Médio.

Já os grupos de esquerda queriam iniciar no país um processo de modernização socialista, abolindo inclusive os privilégios do clero. Por causa dessas diversidades, depois da revolução islâmica, seguiu-se uma breve guerra civil pela definição dos grupos que tomariam o poder. Após alguns meses, os xiitas garantiram a efetivação de seu projeto.

O aiatolá Khomeini, líder da Igreja Iraniana na época, passava a ser também o líder político do país. Com isso, o Irã, apesar de estar fragilizado em virtude do processo revolucionário, definia-se como um polo de poder no Golfo Pérsico, pronto para expandir sua hegemonia sobre a região. O projeto iraniano de exportar a revolução contava com um forte caráter antiocidental.

Atualmente, o Irã é palco ou agente de frequentes crises regionais. O principal fator de confronto é o programa nuclear do país. O governo argumenta que o programa tem fins pacíficos (geração de energia e uso medicinal), mas é forte a suspeita de que o país, na prática, busca o desenvolvimento de armas nucleares. Esse fato ficou claro nas crises de 2009 e 2010 envolvendo o presidente Mahmoud Ahmadinejad e diversos líderes mundiais, incluindo o então presidente do Brasil, Luís Inácio Lula da Silva. Para as potências ocidentais, sanções econômicas por parte da ONU, seriam a única maneira de forçar o Irã a abandonar o projeto nuclear militar e permitir as inspeções da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA, ligada à ONU). Para Brasil e Turquia, as sanções geram mais problemas e a opção seria buscar um acordo diplomático antes de tomar medidas mais severas. As soluções para este impasse são, portanto, difíceis de serem alcançadas.

No mesmo ano da revolução iraniana (1979), Saddam Hussein subia ao poder no Iraque. O novo presidente se preocupava em evitar o crescimento do poder dos xiitas iranianos, que poderiam estimular a revolução islâmica também em seu país de maioria xiita. Além disso, desde o início de seu governo, ele tinha o projeto de liderar o movimento pelo pan-arabismo. Apenas estes dois fatores eram suficientes para um choque entre Irã e Iraque.

Aproveitando-se do momento de fragilidade pelo qual passava o Irã, em 1980, Saddam Hussein invadiu o país na tentativa de controlar a região do Chatt-al-Arab, importante para a produção e transporte de petróleo. A guerra que se iniciou a partir de então durou oito anos.



Arábia Saudita e Kuwait tinham interesse na guerra contra os xiitas e fizeram grandes empréstimos ao Iraque. Os Estados Unidos, durante o governo de Ronald Reagan, deram forte apoio a Saddam Hussein, pois viam o governo xiita do Irã como um mal maior à sua influência na região.

Acabada a Guerra Irã-Iraque, em 1988, quase nada havia mudado. Os iraquianos conseguiram conquistar um pequeno trecho de terra depois de se afundarem em dívidas e perderem milhares de vidas.



Dois anos depois, Saddam Hussein retomou um antigo conflito com outro vizinho, o Kuwait. O pequeno país é considerado pelos iraquianos uma produção do imperialismo europeu após a Primeira Guerra Mundial.

Além disso, em 1990, o Kuwait era um dos maiores credores do Iraque e produzia mais petróleo que a cota que lhe era devida de acordo com a Opep. Esses dois fatos deram a Saddam apoio popular para a tentativa de incorporar o território vizinho.

A invasão do Kuwait provocou a revolta das potências ocidentais, principalmente Estados Unidos, Reino Unido, França e Itália. Primeiramente, o Kuwait, junto com a Arábia Saudita, é o país árabe mais claramente aliado a essas potências. Em segundo lugar, a movimentação dos exércitos iraquianos acabou produzindo um grande aumento no preço do barril de petróleo, que chegou a mais de US\$ 30,00, preço considerado bastante alto para a época.

Após tentativas frustradas de negociação por meio da ONU, as potências ocidentais lideradas pelos Estados Unidos (na época governado por George Bush, o pai), começaram a bombardear as áreas mais estratégicas do Iraque ou suas posições no Kuwait. Começava a Guerra do Golfo. Com curta duração, de 16 de janeiro a 28 de fevereiro de 1991, ela terminou com a retirada das tropas iraquianas e provocou um grande desastre ambiental, por causa do vazamento e queima de milhares de toneladas de petróleo durante os conflitos.

Como penalização por sua atitude agressiva, o Iraque passou a ter duas áreas de exceção aérea, uma no Sul e outra no Norte, sobre as quais os aviões militares das potências ocidentais poderiam voar, como forma de fiscalizar as atitudes do governo de Saddam Hussein. A escolha da localização das áreas foi motivada pelas concentrações das minorias curda (norte) e xiita (sul), reprimidas pelo governo iraquiano.



Fig. 9 Caças americanos na Guerra do Golfo.

SAIBA MAIS

Curdos

Os curdos são uma etnia composta de aproximadamente 30 milhões de pessoas e, em sua maioria, adotam o islamismo sunita como religião. Ao contrário de outros povos da região, não conseguiram criar um Estado próprio e hoje vivem em territórios pertencentes ao Iraque, Irã, Turquia e Síria. Por serem minoria nestes países, frequentemente são alvo de perseguição étnica ou religiosa, sofrendo desde discriminação e exclusão socioeconômica até ataques militares. Na Turquia, os curdos formaram diversos grupos separatistas. No Iraque, hoje, sua região tem relativa autonomia em relação ao governo central e goza de algum desenvolvimento, sendo Irbil e Kintak as cidades mais prósperas do Quirdistão iraquiano.

Além das áreas de exceção, o Iraque sofreu um embargo econômico determinado pela ONU durante toda a década de 1990, como uma forma de obrigar o país a acabar com as supostas armas de destruição em massa (principalmente armas químicas) de que era acusado de possuir. As sanções da ONU incluíam vistorias constantes de comissões para fiscalizar as bases militares do país, que começou a se negar a abrir seus segredos estratégicos a partir do final da década de 1990. As penalidades contavam também com restrições financeiras e materiais que prejudicavam muito a população civil.

A partir de 2001, após os atentados de 11 de setembro, o governo norte-americano chefiado por George W. Bush (o filho) incluiu o Iraque no chamado “eixo do mal”, acusando o governo de Saddam Hussein de possuir armas químicas de destruição em massa e de colaborar com a Al Qaeda, organização terrorista que assumiu os atentados contra os Estados Unidos. Mais tarde, as afirmações se mostraram falsas, mas, compondo uma campanha midiática maciça, conseguiram gerar apoio popular à invasão do território iraquiano pelo Exército americano em março de 2003.

Em maio, o governo de Saddam Hussein já havia sido derrotado. O ex-ditador foi capturado em dezembro do mesmo ano e em 2006 foi condenado à morte por enforcamento em um julgamento bastante criticado, realizado em território iraquiano ocupado pelo Exército norte-americano.

A partir de 2004, o país mergulhou em uma guerra civil que envolveu ataques de todas as partes: árabes contra curdos, xiitas contra sunitas e também a chegada maciça de militantes extremistas estrangeiros. O caos reinou no país pelo menos até 2007. Cientes do descontrole da região e dos gastos (agravados pela Guerra do Afeganistão), os militares norte-americanos passaram a buscar um modo de estabilizar o país e reduzir o número de soldados (e de mortes) em combate. A estratégia adotada foi a recriação de forças militares compostas de iraquianos e controladas pelo governo local constituído em 2005. O objetivo era transferir gradualmente a responsabilidade pela guerra aos próprios iraquianos. Apesar de polêmica, a medida de fato surtiu alguns efeitos. O número de civis mortos caiu bastante, já que um exército nacional comete menos erros do que um estrangeiro por conhecer a cultura, os costumes e o idioma. O número de soldados norte-americanos mortos também sofreu uma redução drástica, o que permitiu ao governo Obama, em agosto de 2010, declarar o fim da participação dos Estados Unidos em combates, apesar da manutenção de aproximadamente 40 mil soldados no país (em comparação aos quase 140 mil antes presentes).

Ainda é difícil determinar se a estratégia foi bem-sucedida e se o Iraque voltará a viver em paz. Atentados contra o governo e o Exército iraquianos ainda são constantes e o país ainda sofre as marcas da invasão de 2003 e da guerra civil. Mais de 4 mil soldados dos Estados Unidos morreram no conflito. Do lado iraquiano os números são imprecisos, mas muitos concordam com, no mínimo, 200 mil mortos. As estimativas mais altas chegam à cifra de um milhão de vidas perdidas.

Afeganistão e Paquistão

A crise entre o Paquistão e o Afeganistão é hoje um dos problemas envolvendo forças ocidentais no local. Para entendermos o problema, é preciso voltar a alguns fatores históricos que afetam as relações étnicas, culturais, políticas e econômicas da região.

Geograficamente, o Afeganistão pode ser dividido em duas partes básicas. O Norte é dominado por uma cordilheira chamada *Hindu Kush*, que apresenta altitudes bastante elevadas e diversos vales onde é possível praticar agricultura. Esse relevo também facilita muito a defesa no caso de invasões estrangeiras ou mesmo de choques internos. O Sul é um deserto bastante plano. As comunidades residentes na região aprenderam desde cedo a utilizar a pouca água disponível para a agricultura, o que permite ao menos manter o cultivo de subsistência. Ainda assim, o país é basicamente árido ou desértico, fato agravado ainda mais pelo seu isolamento geográfico: a ausência de saídas para o mar.

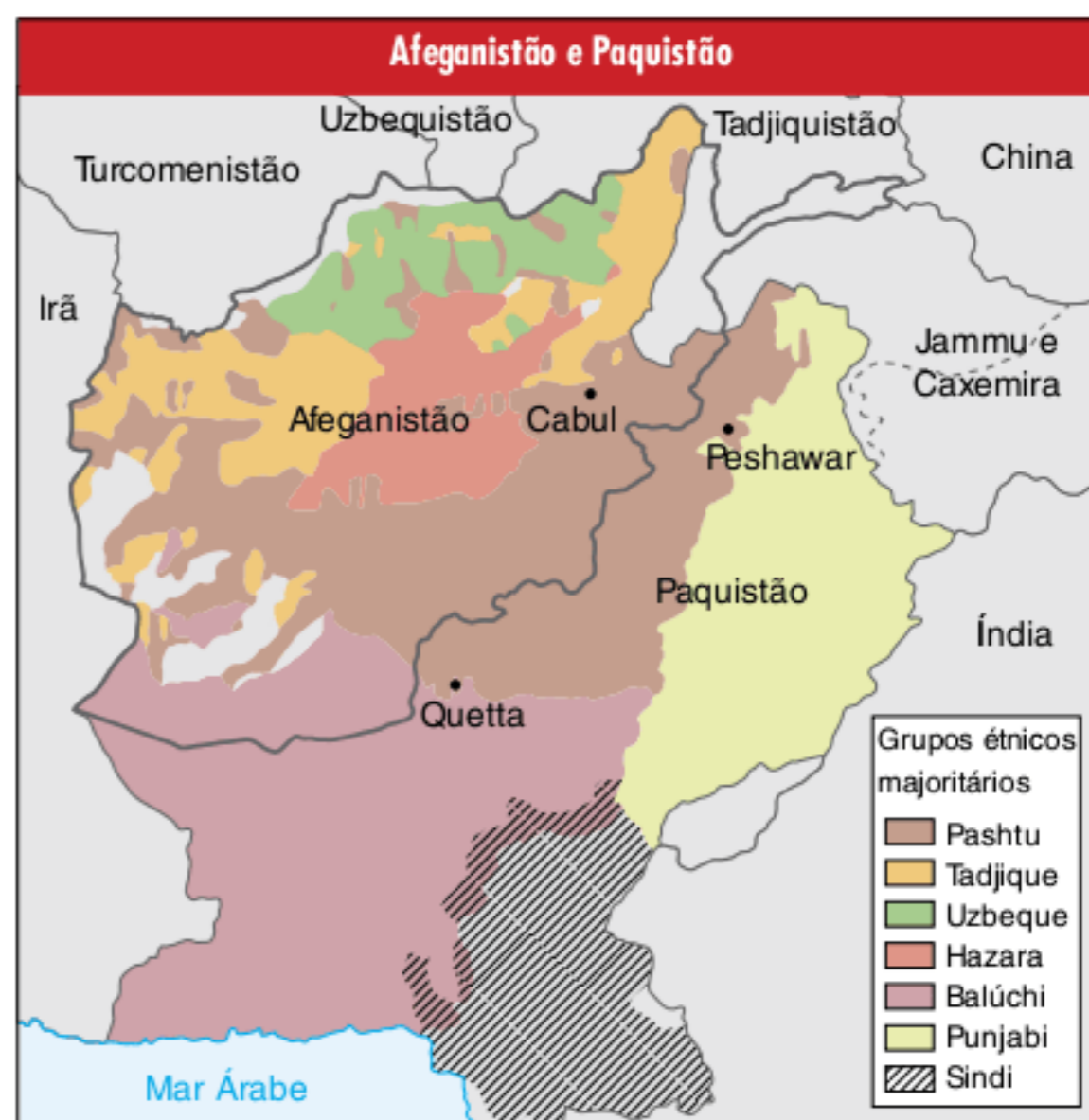
Culturalmente, o país é bastante dividido. A região integra a histórica Rota da Seda, que ligava o Oriente ao Ocidente por terra, partindo de cidades chinesas e chegando até Istambul. Por ali também passaram diversos povos nômades ou seminômades, cada um deixando sua marca e alguns descendentes. O atual Afeganistão encontra-se entre o antigo Império Persa, as civilizações indianas e os povos da Ásia Central. Tudo isso contribuiu para um grande quadro de diversidade étnica e religiosa. Hoje o país é muçulmano.

Ao falar em Afeganistão, estamos tratando de um país que só teve suas fronteiras realmente definidas em 1893. Essa definição ocorreu no contexto de uma disputa entre os Impérios Inglês (em expansão para o norte) e Russo (em expansão para o sul), que passou a ser conhecida como *O Grande Jogo*. Após derrotas militares e tentativas de exercer influência direta ou indireta sobre a região, ingleses e russos concordaram em definir os limites do seu avanço por meio de um acordo, que previa também a criação de um “Estado-tampão” que viria a se tornar o Afeganistão.

Como sempre ocorre nos casos em que potências estrangeiras interferem em questões locais, as fronteiras políticas não respeitaram as fronteiras étnicas ou culturais. Com isso, o Afeganistão é hoje um país no qual estão presentes diversas etnias residentes também em países vizinhos, fato fundamental para entender o conflito atual.

No Afeganistão, as principais etnias são os *pashtus* ou *patanes* (majoritários), os *balúchis* e os *tadjiques*. Há presença também de turcomenos, uzbeques, *hazaras* e *quirguizes*, além de grupos menores. Quase todos os grupos são muçulmanos sunitas (exceto os *hazaras* que são xiitas) e quase todos são ligados a povos da Ásia Central (exceto os *tadjiques*, de origem persa) e os *balúchis*.

Quanto ao Paquistão, estudaremos alguns detalhes na aula sobre a Índia, mas é importante fazer alguns comentários. O país surgiu apenas em 1947, no contexto da descolonização da Índia Britânica. Sua criação, em parte, tinha como objetivo proteger a população muçulmana. A Índia Britânica (formada pelas regiões atuais da Índia, Paquistão e Bangladesh) tinha 75% de sua população hindu e 25% muçulmana. Assim como seu vizinho do norte, o Paquistão também é formado por várias etnias: *pashtus* e *balúchis* (presentes no Afeganistão), *punjabis* (presentes na Índia) e *sindis*. Hoje, o país está envolvido em dois conflitos: o conflito afegão e uma antiga disputa com a Índia pelo controle da região da Caxemira.



As guerras afegãs

Apesar de o Afeganistão já ter passado por diversos conflitos, estudaremos as crises diretamente relacionadas ao confronto iniciado em 2001 com a invasão norte-americana. Para tanto, devemos voltar à década de 1970. Naquela época, o país era uma Monarquia que buscava se modernizar. Entre as várias correntes políticas internas, havia a presença de civis e militares de inspiração socialista ligados à então União Soviética, com quem o país fazia fronteira.

Em 1978, um golpe militar liderado por grupos de esquerda derrubou a Monarquia, mas não conseguiu manter a estabilidade. O que se seguiu foi o início de uma guerra civil causada pelos desentendimentos entre o novo governo, sediado nas regiões urbanas, e os grupos rurais ligados a estruturas tradicionais de poder (famílias e clãs) que não se submetiam às mudanças propostas pelo novo governo.

Os interesses soviéticos estavam diretamente envolvidos. O eventual colapso do Estado afegão poderia repercutir diretamente nas áreas muçulmanas da Ásia Central ainda dominadas por Moscou: Cazaquistão, Tadjiquistão, Uzbequistão, Quirguistão e Turcomenistão. Havia o medo de uma rebelião generalizada e de ordem étnica, já que todas essas etnias, exceto os cazaques, estão presentes também em solo afegão. Por outro lado, a estabilidade afegã sob um governo socialista seria uma forma de expandir a influência soviética.

Decidida a não deixar a situação fugir do controle, a União Soviética invadiu o Afeganistão em 1979, supostamente para ajudar o governo aliado, que enfrentava dificuldades. Perante o poder do Exército Vermelho, muitos afegãos, em especial *pashtus*, fugiram para áreas tribais no Paquistão, onde foram recebidos por parentes. Na ocasião, foram erguidos campos de refugiados para mais de um milhão de pessoas.

Neste momento, começou o envolvimento árabe e ocidental, além do paquistanês. Aos Estados Unidos, interessava evitar qualquer expansão soviética que pudesse desestabilizar ainda mais a região, já abalada pela revolução no Irã. Ao Paquistão, interessava repatriar os refugiados afegãos para evitar uma crise humanitária em seu território. Formou-se então uma estranha coalizão de forças entre os governos americano, árabe (aliados dos Estados Unidos) e paquistanês. O refugiado afegão transformou-se em guerrilheiro treinado em solo paquistanês, com dinheiro americano e árabe. Muitos países daquela região, em especial a Arábia Saudita, forneceram também ajuda humanitária e missionários religiosos para que os jovens refugiados tivessem alguma educação, ainda que restrita, à fé. Formou-se a partir daí um cinturão de campos de refugiados nos quais surgiram diversos grupos guerrilheiros formados basicamente por homens adultos. Os mais jovens recebiam instrução religiosa nos campos de refugiados. Esses guerrilheiros, chamados *mujahedin* (guerreiros santos), foram reforçados por militantes de todo o mundo islâmico interessados em uma “guerra santa” contra os soviéticos. Foi assim que um árabe de origem iemenita chamado Osama Bin Laden chegou à região.

Durante dez anos, os vários grupos de guerrilheiros tomaram impossível a ocupação soviética. Atingida por sua paralisia econômica e sem sucesso militar, a União Soviética se retirou em 1989, mesmo ano em que caía o Muro de Berlim, sem ter vencido a guerra.

Após a expulsão das tropas estrangeiras, o que se seguiu foi o retorno às velhas rivalidades internas. O país mergulhou em uma guerra civil, sendo dividido entre diversos líderes locais. Foi nesse contexto que surgiu o grupo Talibã e o envolvimento paquistanês se aprofundou ainda mais.

Talibã é o plural da palavra árabe *talib*, que significa “aquele que estuda o livro (o *Corão*, livro sagrado do Islamismo)”. No caso, refere-se aos jovens criados nos campos de refugiados que só receberam educação religiosa e viveram a vida toda em condições precárias, o que ajuda a explicar – embora não justifique – seu radicalismo. São, na sua imensa maioria, *pashtus*. Segundo os estudiosos, o Talibã formou-se no Paquistão e, durante a guerra civil pós-invasão soviética, o grupo voltou para o solo afegão. Sua primeira ação conhecida foi em 1994, na cidade de Kandahar. Segundo registros históricos, o grupo assumiu o controle da cidade e executou em praça pública criminosos acusados de estupros e outros delitos. A ordem se impôs de imediato. Deste ponto em diante, o Talibã ganhou apoio popular porque, apesar de seu radicalismo religioso, o grupo não extorquia, não estuprava nem roubava. Em um cenário de caos e incerteza, traziam ordem e regras muito rígidas, mas muito claras e sem variação. Em 1996, tomaram a capital, Cabul, e avançaram para o norte. O único grupo capaz de opor resistência era liderado pelo tadjique Ahmed Shah Massoud, que se uniu aos sobreviventes de outros grupos e criou a chamada Aliança do Norte. Massoud foi morto em 2001 por suicidas enviados por Bin Laden.

Entre 1996 e 2001, o Talibã governou o país com apoio paquistanês e conivência ocidental. A estabilidade afegã era vantajosa ao Paquistão por três motivos: o fluxo de refugiados foi revertido, em parte; a aliança com o governo de Cabul permitia que o corredor Afeganistão-Paquistão servisse para ligar a Ásia Central ao oceano Índico (com muito lucro para o comércio paquistanês) e o território afegão passou também a ser usado para treinar as milícias que lutam contra os indianos na Caxemira, como veremos adiante. Para os Estados Unidos e a Europa, um governo estável significava a possibilidade de criar uma rede de gasodutos e oleodutos que poderiam atingir as reservas da Ásia Central e do Mar Cáspio sem passar pelo Cáucaso (de domínio russo), pela Rússia ou pelo Irã. Porém, o Talibã nunca permitiu que esse projeto fosse adiante.

Em outubro de 2001, sob o pretexto de capturar Bin Laden (acusado pelo ataque às Torres Gêmeas) e punir o regime que lhe dava abrigo, os Estados Unidos iniciaram mais uma guerra no país. Ocorreu o mesmo processo da invasão soviética: fuga em massa para o Paquistão. Porém, dessa vez, a fuga foi de um grupo já organizado e não só de refugiados em desespero. Resultado: o Talibã criou bases sólidas na região *pashtu* do Paquistão e hoje é também um problema paquistanês. Na prática, a porosidade da fronteira permite o movimento de grupos armados nas duas direções. Em outras palavras, só é possível vencer o Talibã se este for atacado nos dois países. Desde 2001, o Afeganistão vive as consequências de uma ocupação estrangeira malsucedida. Em 2006, tropas da OTAN passaram a ajudar o Exército americano. O país sofre com crises humanitárias e com a ausência de um Estado eficiente. Na prática, o Afeganistão está em guerra desde 1979, ou seja, há mais de 30 anos.

As crises paquistanesas

Como já foi estudado, o Paquistão foi formado durante a partilha da Índia Inglesa. Apesar de uma grande homogeneidade religiosa, a partilha não foi perfeita e a crise da Caxemira é o exemplo mais claro.

Região fértil e rica em nascentes de rios, a Caxemira é essencial para a segurança hídrica tanto da Índia quanto do Paquistão. A população é majoritariamente muçulmana, mas a partilha entregou o controle da região para a Índia. Desde 1947, parte da Caxemira foi invadida pelo Paquistão, o que deixou os dois países em estado de guerra crônica. É importante lembrar que os dois países têm arsenal nuclear e que uma atitude radical do Paquistão poderia ter consequências graves.

A Índia conta com apoio diplomático dos Estados Unidos e da Inglaterra, e tem um exército poderoso. O Paquistão, mais pobre, conta com pequeno apoio chinês; entretanto, suas Forças Armadas convencionais não são comparáveis às indianas. Nesse contexto, surgiu o apoio não oficial do governo paquistanês a guerrilheiros islâmicos. Esses grupos promovem ataques como

forma de pressionar o governo indiano a ceder toda a Caxemira para o Paquistão. Para os militantes radicais, essa é também uma “guerra santa”. O apoio do governo paquistanês ao Talibã permitiu trocar experiências e treinar essas milícias fora do país.

A partir de 2001, esse quadro se modificou. A ditadura paquistanesa foi derrubada em 2008, com apoio dos Estados Unidos, e o novo governo democrático passou a colaborar um pouco mais com a guerra contra o Talibã, embora grande parte da população continue simpática ao antigo regime e à luta na Caxemira. O governo paquistanês ficou então preso a um dilema: a colaboração com o Ocidente pode gerar mais descontentamento interno e até radicalização religiosa, o que é perigoso para um país em guerra e que detém um arsenal nuclear. Entre 2009 e 2010, o governo enfrentou forte oposição do Talibã paquistanês nas áreas *pashtus* do país. Combater os radicais de hoje é combater os antigos aliados, e há muitas dúvidas sobre a lealdade dos membros do Exército neste contexto, mesmo assim, esses radicais são úteis na guerra não oficial na Caxemira.

Revisando

1 O que é o sionismo?

2 Como a Inglaterra se tornou responsável pela Palestina?

3 O que são os Acordos de Oslo?

4 O que são os assentamentos judaicos e por que eles são foco de tensão?

5 Como Israel justificou sua invasão ao Líbano?

6 Que fatores internos levaram à Revolução Iraniana?

7 Qual a relação entre a Revolução Iraniana e a Guerra Irã-Iraque?

8 Quais as consequências do embargo que o Iraque sofreu após a invasão do Kuwait?

9 Que justificativas os Estados Unidos usaram para invadir o Iraque em 2003? Quais os resultados dessa invasão?

10 Qual é a base étnica do grupo Talibã?

11 Em que conflitos o Paquistão está envolvido?

Exercícios propostos

1 UFRJ Região de caráter estratégico em termos mundiais. Nos conflitos regionais, chamam a atenção os confrontos entre árabes e judeus, agravados com a criação do Estado de Israel, em 1948. Para conquistar sua independência, os palestinos têm adotado medidas variadas, que vão das medidas diplomáticas até as ações armadas.

R. Scalzaretto. *Geografia Geral: nova geopolítica*. São Paulo: Scipione, 1996. Cap. 8.

A região que corresponde à referida no texto é:

- (a) Paquistão e Israel.
- (b) Europa e Leste Asiático.
- (c) Irã e Iraque.
- (d) África Subsaariana.
- (e) Oriente Médio.

2 UFF Leia o fragmento que se segue da entrevista concedida pelo intelectual palestino Edward Said, comentando os problemas atuais no Oriente Médio.

Entrevistador: O senhor não gosta da expressão “choque de civilizações”. Por quê?

Said: [...] são inúmeros os problemas. Para começar, ela trata as civilizações como se fossem entidades fechadas, lacradas, alheias a qualquer tipo de troca [...]. Por fim, a ideia de choque de civilizações tem um aspecto caricatural muito nocivo, como se enormes entidades chamadas “Ocidente” e “Islã” estivessem num ringue, lutando para ver qual é a melhor.

Revista Veja, 25 jun. 2003.

Assinale a opção que reforça a opinião emitida por Said.

- (a) As diferenças culturais não podem ser tratadas como expressão de conflitos, mas sim como particularidade de cada civilização no tempo e no espaço.
- (b) Não existem diferenças jurídico-políticas entre o Ocidente e o Oriente Médio, logo não faz sentido diferenciar essas duas civilizações.
- (c) O mundo muçulmano não é homogêneo assim como o ocidental; portanto, apenas os conflitos internos devem ser considerados.
- (d) As trocas entre distintos conjuntos civilizacionais incluem mercadorias culturais; desse modo, padronizam as civilizações.
- (e) A expressão “choque de civilizações” é inapropriada para o mundo atual, pois não há conflitos relevantes no âmbito das culturas e das religiões.

3 UFSCar Observe o mapa.



A área em destaque:

- (a) é banhada pelos mares: Vermelho, Negro e Cáspio. Tem ocorrência de clima: árido. Possui predomínio de população de: religião islâmica.
- (b) é banhada pelos mares: da Arábia, Báltico e Negro. Tem ocorrência de clima: semiárido. Possui predomínio de população de: hábitos monoteístas.
- (c) é banhada pelos mares: Cáspio, Tirreno e Mediterrâneo. Tem ocorrência de clima: semidesértico. Possui predomínio de população de: origem árabe.
- (d) é banhada pelos mares: Mediterrâneo, Vermelho e Aral. Tem ocorrência de clima: desértico. Possui predomínio de população de: tradição xiita.
- (e) é banhada pelos mares: Amarelo, de Barents e Cáspio. Tem ocorrência de clima: seco. Possui predomínio de população de: maioria turca.

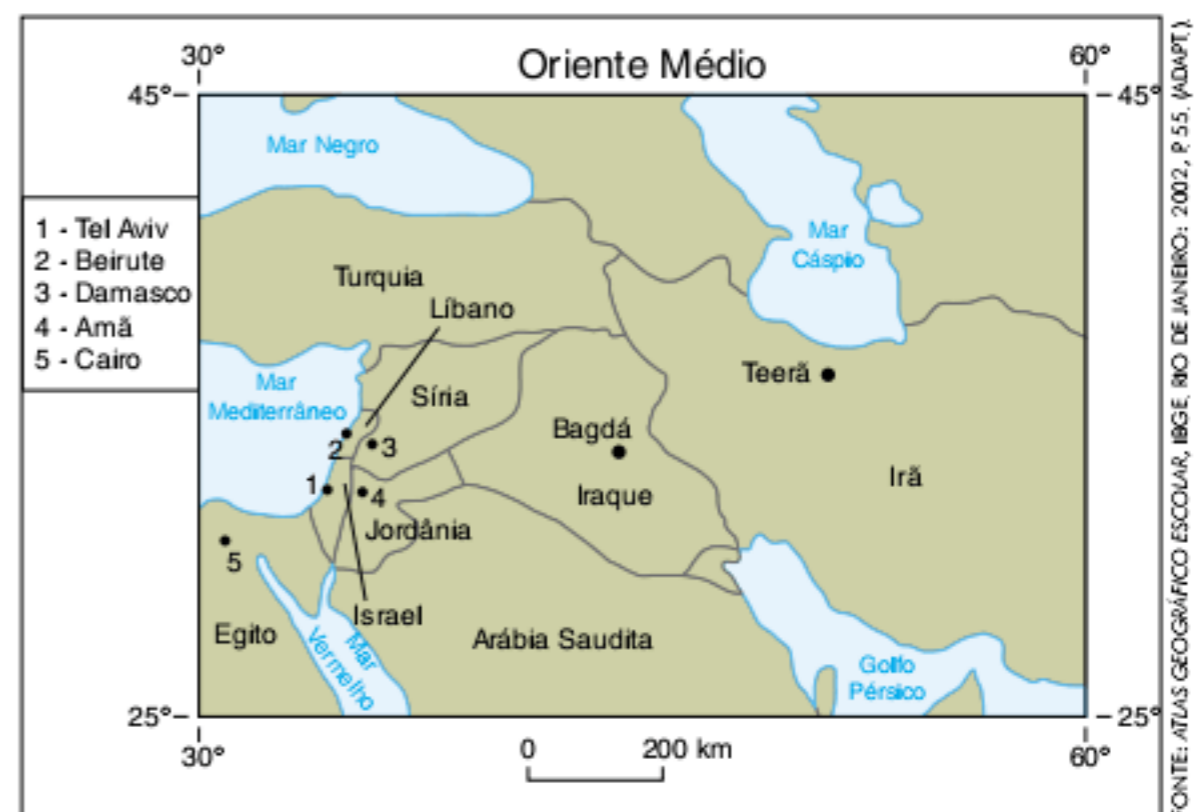
4 UFG 2007 Leia o texto a seguir.

O que domina o mundo hoje é o confronto entre grupos islâmicos prontos a tudo, inclusive ao suicídio, e o império americano, que possui as armas mais poderosas, mas não consegue controlar totalmente o Afeganistão, o Iraque e os outros países do Oriente Médio.

Alain Touraine. *Um novo paradigma para compreender o mundo hoje*. Petrópolis: Vozes, 2006, p. 76.

Considerando o confronto entre os grupos mencionados no texto, apresente e explique uma das razões do interesse estadunidense no Oriente Médio.

5 UFMG Observe este mapa.



A partir da interpretação desse mapa e considerando outros conhecimentos sobre o assunto, é incorreto afirmar que:

- (a) a proximidade entre várias capitais nacionais, sobretudo Beirute, Tel Aviv, Amã e Damasco, torna-as mais vulneráveis em situações de conflitos bélicos, frequentes na região.
- (b) o Oriente Médio, por sua posição latitudinal e relativa à circulação atmosférica geral, tem clima mediterrâneo, com tendência à semiaridez ou à aridez, responsáveis pelo impacto nos recursos hídricos, um dos maiores problemas regionais.

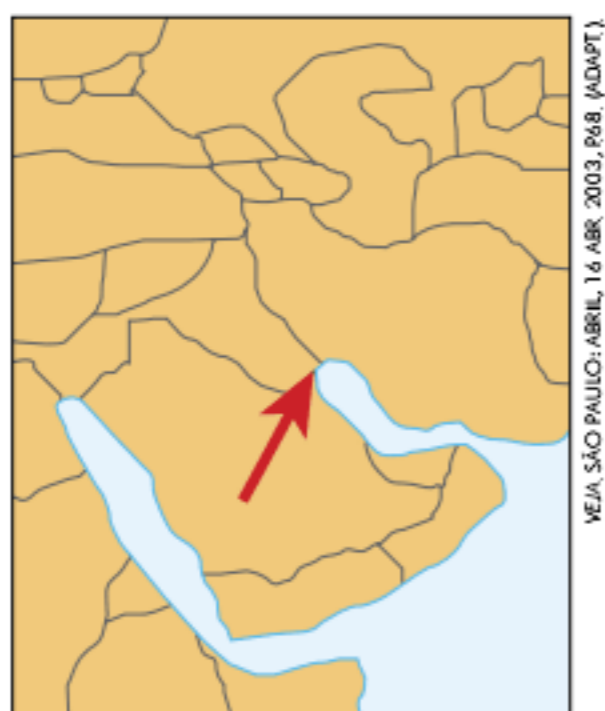
- (c) a região, situada no “fundo” do mar Mediterrâneo, na junção de três continentes, foi rota de grandes exércitos conquistadores e esteve sob domínio sucessivo de inúmeros grandes impérios.
- (d) as fronteiras nacionais, definidas há muitos anos, resultaram da existência de obstáculos de natureza física, que impediam o traçado de limites correspondentes ao quadro geopolítico.

6 PUC-PR Na mais recente reunião anual do G8, ocorrida em Sea Island (EUA), foram discutidas, além de questões macroeconômicas, ações para democratizar o Oriente Médio. Contudo, a inclusão de temas como direitos das mulheres, liberdade de imprensa, programas de alfabetização, eleições e fortalecimento de ONGs, praticamente determinou a ausência de cinco líderes do mundo muçulmano: Arábia Saudita, Egito, Kuwait, Marrocos e Paquistão. Afora isso, o Catar não foi convidado, sob a alegação de ter em seu território uma rede de TV que apoia o terror.

A respeito, assinale a única alternativa incorreta.

- (a) O Grupo dos Oito é formado pelos sete países mais ricos do Globo, EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Canadá e Itália, além da Rússia, pela sua relevância geopolítica.
- (b) Os encontros da cúpula do G8 costumam atrair simpatizantes dos movimentos “antiglobalização”, os quais protestam energicamente, fato que tem exigido um imenso aparato de segurança e medidas para dificultar o acesso dos militantes.
- (c) Ao mesmo tempo em que a cúpula do G8 declara-se favorável a reformas democráticas, a ausência do Catar sinaliza uma medida no mínimo contraditória em relação à liberdade de imprensa.
- (d) A proposta de democratização do Oriente Médio é no mínimo paradoxal, uma vez que há décadas os EUA apoiam ditaduras naquela região.
- (e) A democratização do Oriente Médio reduziria significativamente o radicalismo islâmico, revelando-se como a forma mais racional e menos onerosa para os países ocidentais combaterem o terror.

7 FGV Observe com atenção a seguinte figura.



Sobre a região representada na figura anterior, apenas não está correta a afirmação contida na alternativa:

- (a) região da Mesopotâmia, atualmente seca em razão da drenagem de seus pântanos, efetuada pelo governo iraquiano.
- (b) região alagada da Palestina, que servia de rota para os iranianos chegarem ao Mar Cáspio.
- (c) região entre os rios Tigre e Eufrates, habitada pelos “árabes dos pântanos” até a década de 1990, quando foram atacados com bombas e expulsos pelo governo do Iraque.
- (d) região ao sul do Iraque, onde descendentes dos sumérios, uma das culturas mais antigas da Mesopotâmia, viviam uma vida primitiva, parecida com a dos seus ancestrais.
- (e) região de pântanos milenares da Mesopotâmia, cuja recente drenagem foi condenada internacionalmente, como um dos maiores crimes ecológicos da atualidade.

8 UFMG As questões religiosas ainda afloram em várias regiões do Globo, agravando situações de instabilidade e de conflitos, associadas a outros fatores sociais, econômicos e políticos.

Na Ásia, atualmente, vários países e regiões enfrentam tensões reais ou potenciais, em que o componente religioso está presente.

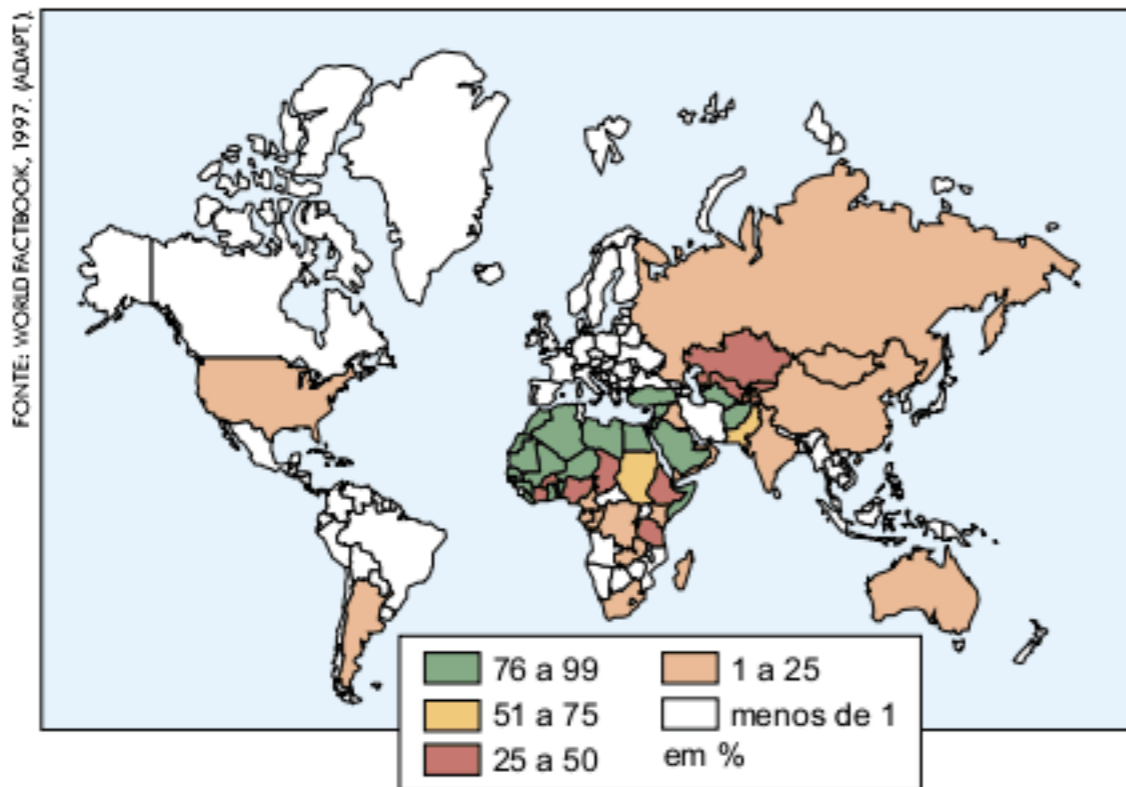
Considerando-se esses países e essas questões, é incorreto afirmar que:

- (a) a Índia, país de origem e de convívio de várias grandes religiões, enfrenta tanto choques entre muçulmanos e hinduístas quanto ressentimentos contra as minorias cristãs.
- (b) a Indonésia, hoje o mais populoso país muçulmano, além de conflitos étnicos, ressent-se de animosidade entre o grupo religioso predominante e as minorias cristãs.
- (c) as Filipinas, país de maioria católica, no que constitui uma exceção no Sudeste Asiático, têm enfrentado conflitos com a minoria muçulmana, de tendência separatista.
- (d) os países árabes – Síria, Jordânia e Iraque –, que assistiram à expansão do Cristianismo nos seus primórdios, têm nos conflitos entre cristãos, hoje em minoria, e muçulmanos, mais um grave fator de instabilidade política.

9 UFSM Em muitos países do mundo, o direito à livre expressão é tolhido por motivos de ordem política e/ou religiosa, como é o caso dos Estados islâmicos. Qual das características desses países melhor explica a perda da liberdade?

- (a) A desigualdade na distribuição da riqueza entre os donos do petróleo e a grande massa pobre desses países.
- (b) A existência de constantes conflitos armados nas fronteiras desses países, o que demanda uma maior presença militar do Estado.
- (c) A negação da separação entre o Estado e a religião se traduz no estabelecimento de um rígido controle moral sobre o conjunto da população.
- (d) A proliferação de grupos paramilitares fortemente armados, como o Hamas palestino e o Hezbollah libanês, que contribuiu para aumentar o medo e diminuir a livre expressão popular.
- (e) A grande diversidade religiosa da população, obrigando o Estado a manter um rígido controle para evitar a eclosão de conflitos religiosos.

10 FGV Considere o mapa-múndi representado a seguir.



Considerando os conhecimentos sobre a distribuição dos grupos políticos e religiosos, pode-se afirmar que a população representada no mapa corresponde aos:

- muçulmanos do grupo sunita, concentrados predominantemente em países da África do Norte e do Oriente Médio.
- curdos, repartidos em diferentes países do mundo e identificados como povo pela cultura, história, ancestralidade e língua.
- muçulmanos do grupo xiita, radicais defensores do sistema de eleição contra a hereditariedade do poder político no Oriente Médio.
- curdos e drusos, povos indo-europeus concentrados no Oriente Médio, com pequena expressão nos países africanos do Magreb.
- islâmicos animistas, grupos religiosos concentrados na África Negra, que atribuem a existência de espíritos a todos os seres da natureza.

11 UFSCar 2007 O Oriente Médio é, historicamente, zona de tensões entre povos, nações e países. Em 2006, ocorreram conflitos armados nas fronteiras de Israel, Palestina e Líbano, envolvendo exército e grupos armados. Sobre os conflitos, analise as afirmações seguintes.

- O grupo Hamas, acusado por Israel pela morte e sequestro de soldados na região da Faixa de Gaza, é um movimento que luta pela formação do Estado Independente da Palestina e se opõe à existência do Estado de Israel.
- O grupo Hezbollah luta pela desocupação israelense nos territórios de Gaza e Golã e pela demarcação de Jerusalém como território independente, devido à sua importância religiosa para católicos, judeus e muçulmanos.
- Além dos conflitos de ordem histórica, religiosa e política, a região apresenta tensões decorrentes da escassez de recursos hídricos, como o interesse no controle das nascentes do rio Jordão.
- Uma das zonas de tensão é a fronteira do Líbano, onde se encontram as nascentes do rio Jordão, área estratégica para o acesso e controle da água doce disponível na região.

Estão corretas as afirmações:

- I e III, apenas.
- I e IV, apenas.
- II e III, apenas.
- III e IV, apenas.
- II e IV, apenas.

12 UEL Analise a imagem a seguir.



Depois de 38 anos, em agosto de 2005, chegou ao fim a ocupação israelense na Faixa de Gaza. Com base no mapa e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas a seguir.

- A retirada da população judia dos assentamentos da Faixa de Gaza está relacionada ao Plano de Paz, elaborado com o objetivo de mitigar os ataques terroristas a Israel.
- Apesar da forte oposição de grupos radicais religiosos à retirada da população israelense da Faixa de Gaza, a maioria da população daquele país foi a favor do ato.
- Compõe um dos focos das estratégias do Plano de Paz a retirada da população judia da cidade de Jerusalém.
- Ao longo do tempo, a permanência da minoria judaica na Faixa de Gaza tornou-se problemática em decorrência da presença de mais de um milhão de palestinos na região.

Estão corretas apenas as afirmativas:

- I e II.
- II e III.
- III e IV.
- I, II e IV.
- I, III e IV.

13 PUC-Rio



Nacionalismo: Ideologia política que reivindica para um povo o direito de formar uma nação. [...] Como o Estado-nação está referenciado ao território, o nacionalismo é também suporte ideológico para a defesa e a conquista territorial e para as guerras entre Estados.

Iná Elias de Castro. *Geografia e política: território, escalas de ação e instituições*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Com base nas informações anteriores, indique uma área na figura selecionada onde ainda não há a consolidação de um Estado-nação e identifique uma condição espacial que dificulta esse processo.

14 Unifesp A charge a seguir, publicada em 07 jul. 2006, faz alusão à:



Courier International, nº 66, 2006.

- (a) ocupação, por militares dos Estados Unidos, do Iraque, acusado de manter armas nucleares.
- (b) contraofensiva de Israel ao Líbano, em resposta a agressões promovidas pelo Hezbollah.
- (c) presença militar do Ocidente no Oriente Médio, para garantir o acesso a recursos energéticos.
- (d) rejeição às forças de paz da ONU, que não evitaram a eclosão de novos conflitos árabe-israelenses.
- (e) ação militar de Israel em reação às lideranças do Hamas, que exercem o poder na Palestina.

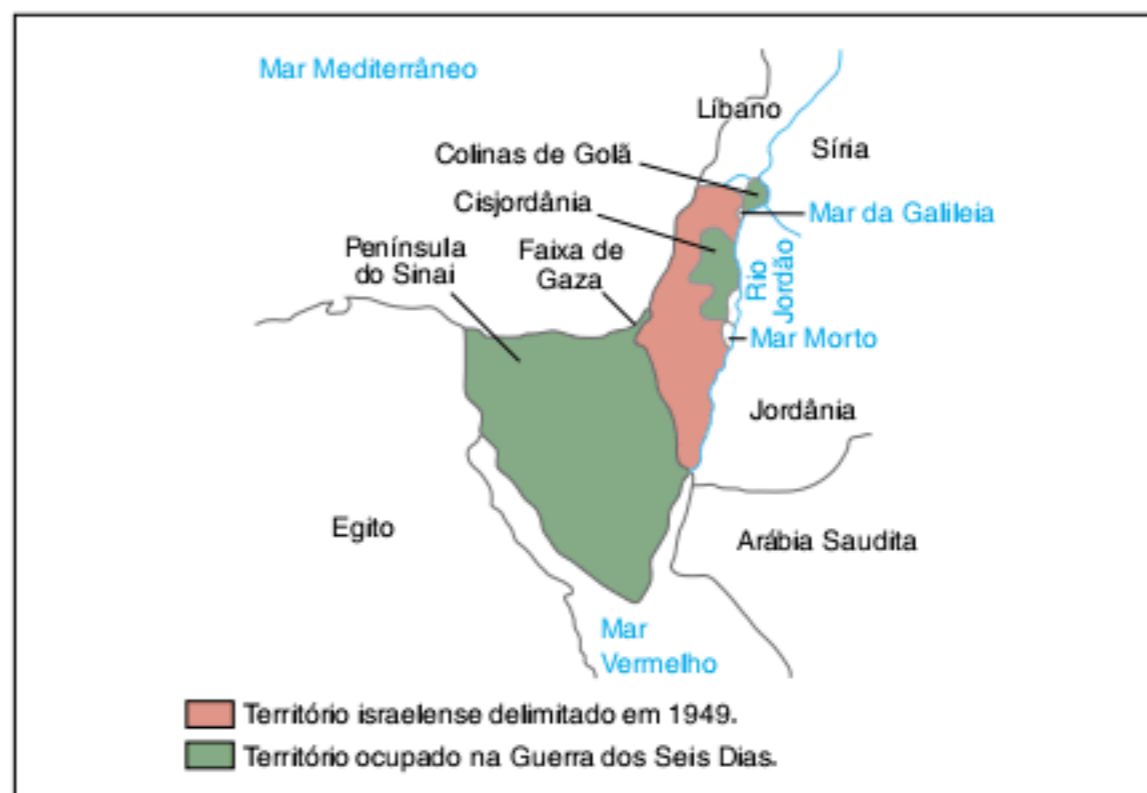
15 UFG O Estado de Israel foi criado pela ONU em 1948. Desde a sua criação, Israel mantém um conflito permanente com os palestinos. Sobre esse conflito, explique:

- a) a expansão de Israel sobre os territórios palestinos;
- b) o papel estratégico dos Estados Unidos nesse conflito.

16 Unicamp Para responder a esta questão, leia o trecho a seguir e observe o mapa a seguir.

Indispensável à vida, a água é fonte de poder. O controle dos poços, dos oásis e dos cursos de água tem sido objeto de conflitos políticos e militares na região da bacia do rio Jordão, desde a Antiguidade.

Philippe Le Preste. *Ecopolítica Internacional*. São Paulo: Senac, 2000, p. 444. (Adapt.).

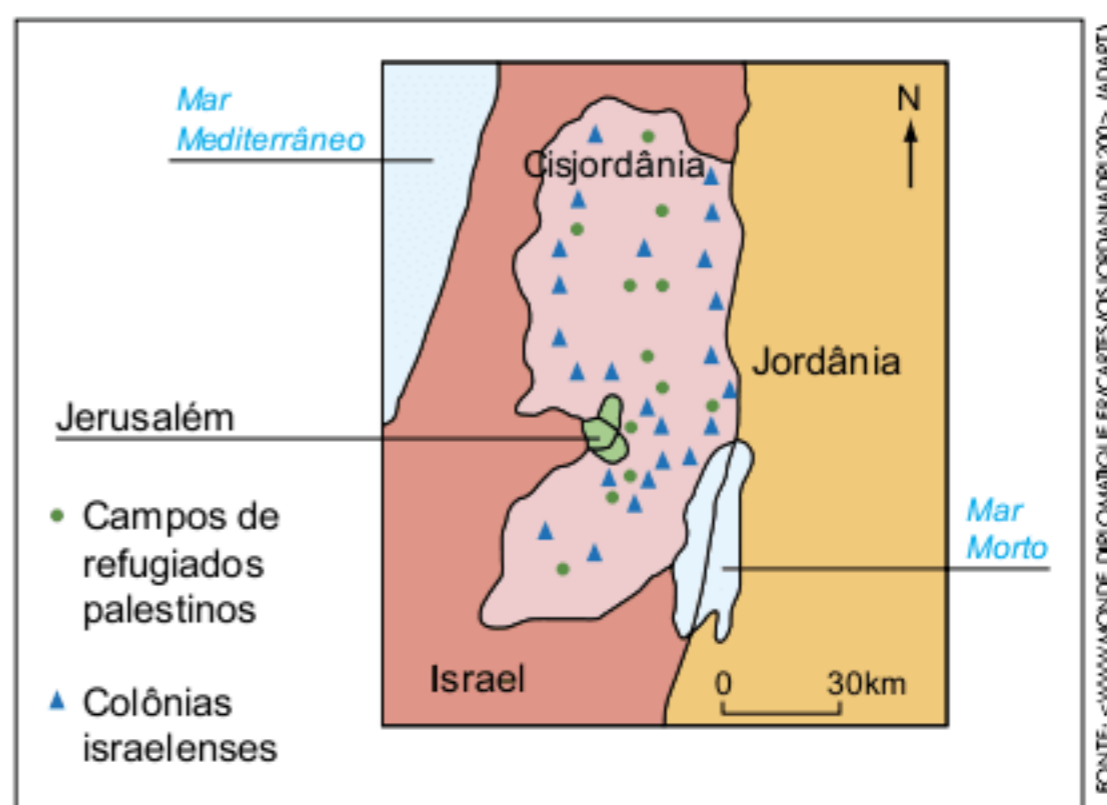


Fonte: <www.mw.pro.br/mw/mw.php>. (Adapt.).

- a) Qual a vantagem obtida pelo Estado de Israel na Guerra dos Seis Dias (1967) no que diz respeito à disputa pelo controle das águas do Rio Jordão perante os países vizinhos?
- b) Quais são os fatores que explicam a escassez de água na bacia do Rio Jordão?
- c) Entre os territórios ocupados por Israel na Guerra dos Seis Dias, quais são aqueles que ainda não foram total ou parcialmente devolvidos?

17 FGV Considere o mapa apresentado a seguir.

Cisjordânia – Campos de refugiados palestinos e colônias israelenses selecionadas



A partir das informações apresentadas e de seus conhecimentos sobre os conflitos entre palestinos e israelenses, pode-se afirmar que:

- (a) a proposta de criação de um Estado palestino independente na Cisjordânia deverá implicar uma redistribuição territorial entre o espaço ocupado pelas colônias israelenses e os campos de refugiados palestinos.
- (b) não se justifica a criação de um Estado palestino na Cisjordânia, pois a sua integridade territorial seria constantemente questionada em função da existência de colônias israelenses que gozam de autonomia política.

- (c) a permanência dos campos de refugiados palestinos na Cisjordânia é um reflexo da pouca solidariedade dos países vizinhos que, embora reconhecendo a soberania israelense sobre a região, não ofereceram abrigo aos palestinos.
- (d) é viável a criação de um Estado palestino independente, formado por vários núcleos representados pelos atuais campos de refugiados, com autonomia política e administrativa, sem interferir na existência das colônias israelenses.
- (e) a reivindicação palestina pelo reconhecimento da cidade de Jerusalém como capital de um Estado independente, englobando a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, sustenta-se na tradição de autonomia política e territorial dessa cidade.

18 FEI Após décadas de conflitos, guerras abertas e atentados, a região passa, já há algum tempo, por um delicado processo de paz. Interrompido por atentados e pelo assassinato de um dos líderes envolvidos nas negociações, mais uma cúpula foi realizada em outubro de 1998 nos Estados Unidos, dando origem a mais um acordo. As fraturas são seculares e difíceis de serem curadas. Estamos nos referindo às negociações de paz realizadas entre:

- (a) Israel e OLP, representante dos palestinos.
- (b) Rússia e Estados Unidos.
- (c) Alemanha e França.
- (d) Índia e Paquistão.
- (e) Iraque e Irã.

19 UFPE Os acordos de paz entre israelenses e palestinos encontram, geralmente, sérios entraves para serem concretizados. Dentre esses entraves, citam-se:

1. o terrorismo.
2. os refugiados.
3. as colônias israelenses nos territórios ocupados.
4. as pressões exercidas pelos cristãos ortodoxos da Palestina.
5. as pressões dos sindicatos direitistas de Israel.

Estão corretas:

- (a) 1 e 2 apenas.
- (b) 1, 2 e 3 apenas.
- (c) 1, 3 e 5 apenas.
- (d) 3 e 4 apenas.
- (e) 1, 2, 3, 4 e 5.

20 Ufes Estratégica região localizada no Sudoeste da Síria, foi invadida e anexada por Israel na Guerra dos Seis Dias. Sua ocupação é condenada pelo governo sírio, que reivindica sua devolução; porém, o atual governo israelense afirma que só restituirá a região ocupada se a Síria cessar a ajuda a grupos extremistas islâmicos no Sul do Líbano.

Essa região é denominada:

- (a) Colinas de Golã.
- (b) Faixa de Gaza.
- (c) Península do Sinai.
- (d) Jericó.
- (e) Cisjordânia.

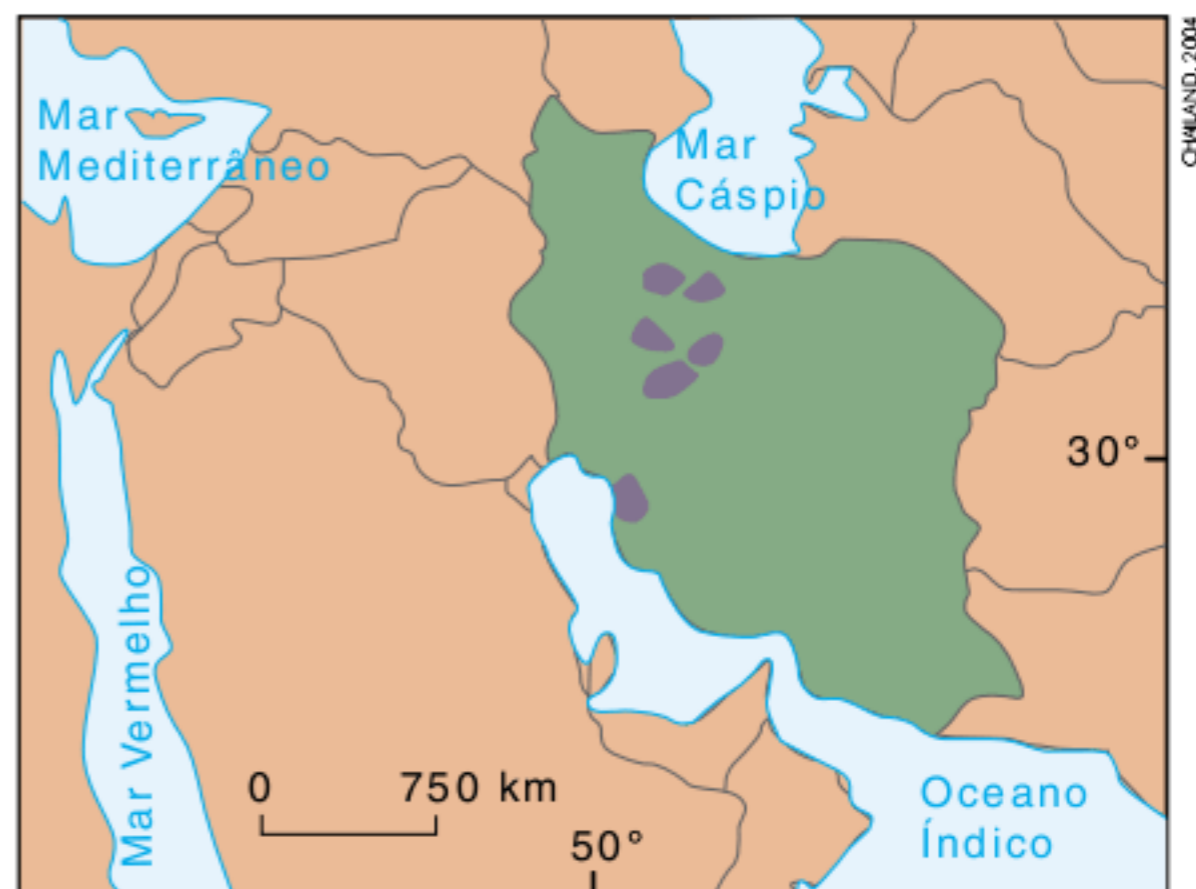
21 Unifesp Leia as frases seguintes, sobre as dificuldades para a paz entre Israel e a Palestina.

- I. Destino de 3 milhões de refugiados palestinos dispersos pelos países vizinhos.
- II. Controle do rio Jordão a partir das Colinas de Golã, que estão sob domínio da Síria.
- III. Fim da Intifada, movimento de judeus pela aceitação do Acordo de Oslo.
- IV. Definição da situação de Jerusalém, apontada como capital por judeus e considerada sagrada pelos palestinos.
- V. Presença de colônias judaicas em áreas destinadas ao Estado palestino.

Está correto o que se afirma em:

- (a) I, II e IV, apenas.
- (b) I, III e V, apenas.
- (c) I, IV e V, apenas.
- (d) II, III e IV, apenas.
- (e) II, III e V, apenas.

22 Unifesp 2006 No mapa, encontram-se em destaque um país e aspectos de seu território que despertam oposição de países ocidentais.

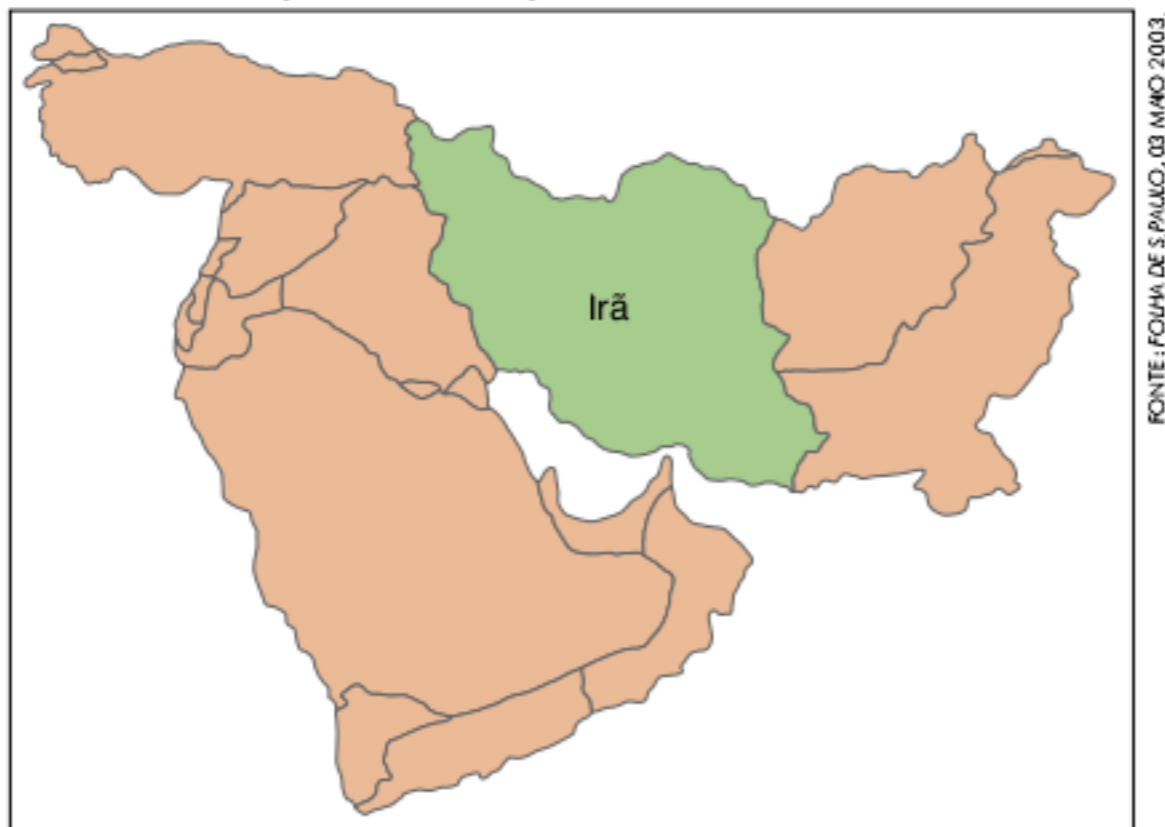


Assinale a alternativa que indica corretamente o título adequado ao mapa.

- (a) Geórgia – poços de petróleo.
- (b) Irã – instalações nucleares.
- (c) Afeganistão – bases terroristas.
- (d) Paquistão – centros de formação islâmica.
- (e) Iraque – focos de insurgência às tropas estrangeiras no país.

23 UFG 2010 Analise o mapa.

Mapa da divisão política do Oriente Médio



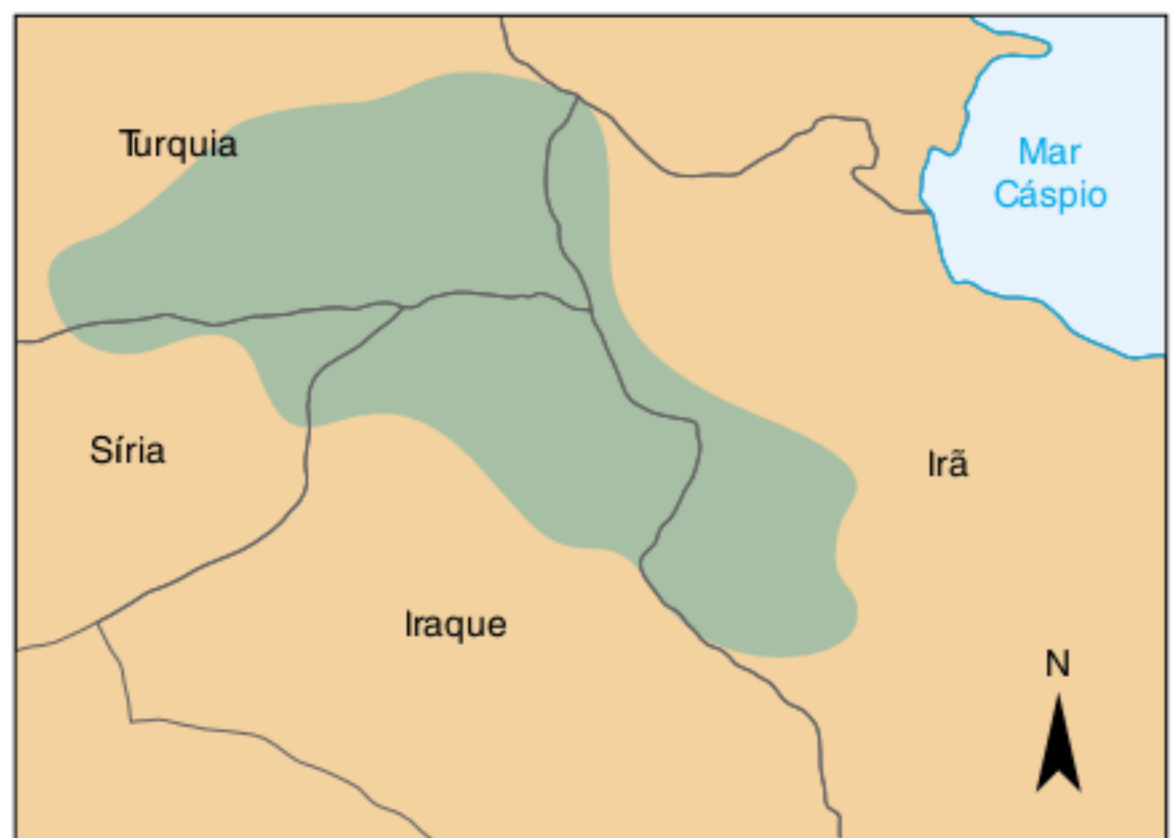
FONTE: FOLHA DE S. PAULO, 03 MAIO 2003.

Fonte: <www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=mapasm>. Acesso em: 6 nov. 2009.

O mapa da divisão política do Oriente Médio indica, nas suas fronteiras, interesses geoestratégicos que opõem o governo do Irã às políticas dos EUA. Observando esse mapa:

- a) cite dois países cujas fronteiras com o Irã são determinantes aos interesses dos EUA na região.
- b) explique um desses interesses geoestratégicos.

24 PUC-RS 2008 Responda à questão com base nas informações a seguir.



FONTE: SIMIELLI, 2007. (ADAPT.)

Na área assinalada no mapa vive um povo sem território próprio, que sofre, em geral, discriminação, não usufrui de direitos políticos e tem provocado tensões em países como a Turquia.

As informações anteriores se referem ao povo:

- (a) mongol.
- (b) afegão.
- (c) palestino.
- (d) curdo.
- (e) basco.

25 UFRN No exemplar da revista *Época*, publicado em 12 abr. 1999, lê-se:

Após a guerra Irã-Iraque (1980-88), 2,5 milhões fugiram do Iraque para o Irã e a Turquia, onde também enfrentam perseguições.

O texto refere-se aos:

- (a) afegãos.
- (b) sérvios.
- (c) palestinos.
- (d) curdos.

26 PUC-RS Responder à questão com base nas afirmativas referentes ao Iraque, país invadido pelos “aliados”, liderados pelos Estados Unidos da América do Norte, numa guerra iniciada em março de 2003.

- I. Localiza-se na Ásia, mais precisamente no Oriente Médio, região caracterizada como importante produtora de petróleo, que tem apresentado diferentes conflitos.
- II. É banhado pelo mar Mediterrâneo, ao norte, e pelo oceano Índico, ao sul, situação que facilitou a invasão, por mar, das tropas “aliadas”.
- III. Vizinho do Irã e do Kuwait, teve Bagdá, sua capital e espaço estratégico para o domínio do país, invadida pelas forças “aliadas”.
- IV. Possui um relevo acidentado, caracterizado pela ausência de planícies e depressões.

A análise das afirmativas permite concluir que estão corretas somente:

- (a) I, II e III.
- (b) I, II e IV.
- (c) I e III.
- (d) II e IV.
- (e) III e IV.

27 UFRGS Em relação às atuais realidades socioeconômicas e geopolíticas mundiais, é correto afirmar que:

- (a) os produtos e mercadorias brasileiros tornam-se mais caros no exterior quando o real está valorizado frente ao dólar, o que determina o aumento do superávit na balança comercial brasileira.
- (b) um dos principais conflitos armados que assola o continente africano é a disputa por territórios com vastas reservas petrolíferas, travada entre a Argélia e a Líbia.
- (c) o fenômeno migratório conhecido por Fuga de Cérebros refere-se à emigração de professores altamente qualificados que se dirigem aos países pobres para auxiliar no combate ao analfabetismo desses países.
- (d) a retirada das tropas israelenses e o desmantelamento dos assentamentos judaicos no Líbano e na Jordânia fazem parte do Acordo de Paz firmado entre Israel e a Autoridade Nacional Palestina.
- (e) o governo norte-americano acusa o Irã de apoiar grupos terroristas e de retomar o programa de enriquecimento de urânio para fins nucleares.

28 Ufla A recente guerra entre EUA e Inglaterra contra o Iraque fez lembrar a Guerra do Golfo Pérsico de 1991, após o Iraque ter invadido e anexado o Kuwait.

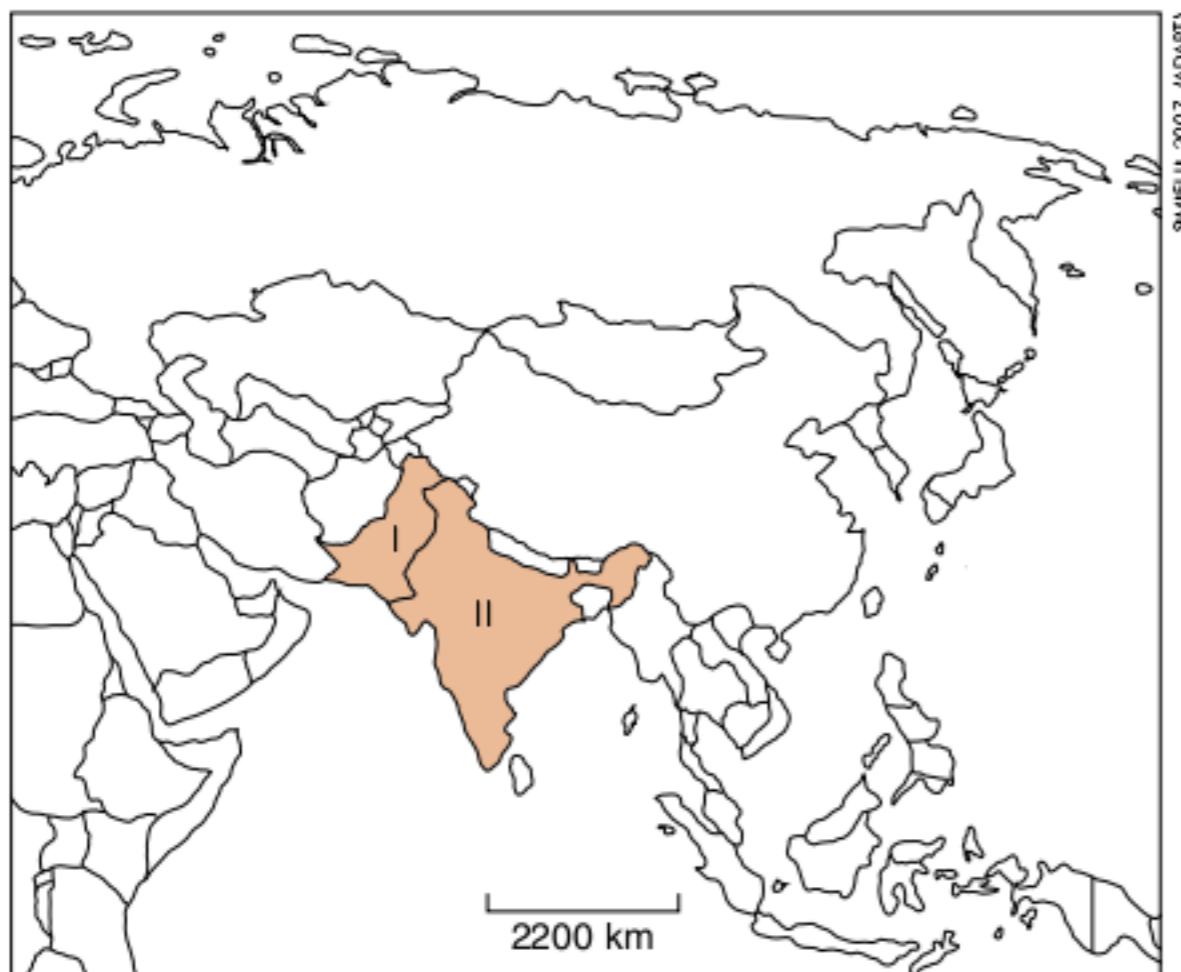
As alternativas a seguir descrevem uma etapa da Guerra do Golfo de 1991, exceto:

- (a) envio de tropas dos EUA para a região do Golfo Pérsico.
- (b) renúncia do Xá Reza Pahlevi, a pedido dos EUA, para evitar maiores constrangimentos.
- (c) decretação do boicote econômico ao Iraque pela ONU.
- (d) ataques a Israel e Arábia Saudita promovidos pelo Iraque.
- (e) rendição do Iraque.

29 Unifesp Nos Jogos Olímpicos de Atenas de 2004, um judoca iraniano se recusou a lutar com um atleta israelense, apesar de ser um dos favoritos à medalha de ouro. Com essa atitude, ele reafirmou:

- (a) o *Alcorão*, que proíbe o contato físico com seguidores de outra religião.
- (b) o *fair-play*, princípio olímpico definido pelo Barão de Coubertin.
- (c) a política externa iraniana, que é contra a manutenção do Estado de Israel.
- (d) o espírito olímpico, que proíbe guerra entre países durante os jogos.
- (e) a decisão do Conselho de Segurança da ONU, que aprovou um embargo a Israel.

30 Unifesp 2009 Observe o mapa.



Conflitos políticos, de matriz religiosa, geram contestações fronteiriças entre os países I e II, que são, respectivamente:

- (a) Paquistão e Índia.
- (b) China e Índia.
- (c) Afeganistão e Paquistão.
- (d) Bangladesh e China.
- (e) Bangladesh e Afeganistão.

31 UFR-RJ 2005 No mapa a seguir, encontra-se identificada uma das principais áreas de tensão do planeta na atualidade.



Assinale a alternativa que apresenta uma das razões para o conflito entre Índia e Paquistão, pelo controle dessa região.

- (a) Disputa pelo controle das cidades consideradas sagradas por ambos os povos.
- (b) Existência de reservas de urânio, cobiçadas pelos dois países com capacidade nuclear.
- (c) Conflitos religiosos, onde budistas e muçulmanos já travaram três guerras e adotaram práticas de terrorismo.
- (d) Aspirações nacionalistas dos povos da Caxemira, que reivindicam a sua separação e independência do Paquistão.
- (e) Disputas territoriais decorrentes do processo de independência desses dois países, com o fim do domínio britânico.

32 ESPM 2007 O interesse pela energia nuclear demonstrado nesse início do século XXI, por países desenvolvidos, como também em alguns países periféricos, encontrou campo fértil para debate em vista do programa do Irã. Entre as questões a serem consideradas, devemos assinalar que seria ingenuidade reduzir o assunto à economia e desprezar suas implicações estratégicas. Ao mesmo tempo, não há como garantir que um programa nuclear se mantenha pacífico para sempre. Em 1970, o Tratado de Não Proliferação Nuclear (TNP) autorizou apenas cinco potências a deter armas nucleares e a permanecer livres de inspeções – EUA, Rússia, Reino Unido, França e China. Várias nações recusaram-se, por décadas, a aderir a esse tratado discriminatório e assimétrico. Com o fim da Guerra Fria e a ascensão dos EUA à condição de superpotência única, a maioria se submeteu. Três países permaneceram fora do TNP até hoje, conduziram seu programa sem supervisão da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA), deram o passo final e hoje detêm armas nucleares.

Carta Capital, 13 set. 2006.

Assinale a alternativa que apresenta os três países que permaneceram fora da TNP e produziram armas nucleares.

- (a) Israel; Índia; Turquia.
- (b) Turquia; Coreia do Sul; Indonésia.
- (c) Índia; Paquistão; Coreia do Sul.
- (d) Israel; Índia; Paquistão.
- (e) Coreia do Sul; África do Sul; Egito.

33 ESPM 2007 *Matéria do diário britânico The Guardian, do dia 19 out. 2006, citando autoridades antiterrorismo comenta que o Reino Unido se tornou o maior alvo para a Al Qaeda, que realizaria atentados para promover perdas de vidas e embaraço às autoridades. O jornal afirma que as ligações tradicionais entre o Reino Unido e o Paquistão tornam o primeiro um alvo fácil, já que milhares de pessoas viajam entre os dois países anualmente, dificultando o monitoramento de suspeitos pelas autoridades inglesas.*

Folha de S.Paulo, 23 out. 2006.

Sobre as ligações tradicionais entre o Reino Unido e o Paquistão, a que o enunciado faz referência, podemos afirmar que:

- (a) o Paquistão foi vítima do imperialismo inglês, mas obteve a independência em meio ao movimento de descolonização ocorrido no século XIX.
- (b) o Paquistão foi vítima do imperialismo inglês, mas obteve sua independência por decisão da Conferência de Berlim de 1885, reunião comprometida com o movimento de descolonização.
- (c) o Paquistão foi vítima do imperialismo inglês, mas obteve sua independência por decisão dos tratados firmados após a Primeira Guerra Mundial.
- (d) o Paquistão foi vítima do imperialismo inglês, mas obteve sua independência após a Conferência de Bandung de 1955, quando surgiram dois Estados soberanos: União Indiana e Paquistão.
- (e) o Paquistão foi vítima do imperialismo inglês, mas obteve sua independência em 1947, quando surgiram dois Estados soberanos: a União Indiana (com maioria hinduísta) e o Paquistão (com maioria muçulmana).

34 Unifesp 2009 *Os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos causaram um grande impacto em diversas partes do mundo. Da queda do regime do Talebã no Afeganistão a leis, restringindo liberdades civis na Europa, a tragédia americana estabeleceu uma nova era nas relações internacionais e abalou governos.*

“O mundo após 11 de setembro”. In: *BBCBrasil.com*, 11 set. 2002. Disponível em: <www.bbc.co.uk/portuguese/especial/1911_mundo911/>.

Entre os impactos provocados pelos ataques terroristas ao World Trade Center de Nova Iorque, em 11 de setembro de 2001, podemos citar a:

- (a) ação decisiva dos Estados Unidos na intermediação dos conflitos entre Israel e palestinos para solucionar a crise do Oriente Médio.
- (b) vitória de Barack Obama nas eleições presidenciais, tornando-se o primeiro afro-americano a governar os Estados Unidos.
- (c) retomada dos conflitos no Oriente Médio, com a ocupação do Kuwait por tropas iraquianas e a repressão contra os curdos.
- (d) pressão norte-americana sobre o governo do Paquistão para que participasse do combate ao terrorismo islâmico.
- (e) crescente preocupação diplomática e militar norte-americana com os governos de esquerda latino-americanos.

TEXTO COMPLEMENTAR

Afegãos lideram pedidos de asilo em 2009

Com recrudescimento da guerra, 26,8 mil cidadãos buscaram refúgio em outros países, superando Iraque

O Afeganistão suplantou o Iraque pela primeira vez na lista de países cujos habitantes mais pediram asilo, informou ontem em Genebra o braço da ONU para o tema. As requisições afegãs saltaram 45%, para 26,8 mil em 2009, ano em que Barack Obama assumiu a Presidência dos EUA e pôs seu foco militar no país Centro-Asiático.

No mundo, o total de solicitações ficou estável, segundo o relatório anual do Acnur (Alto Comissariado nas Nações Unidas para Refugiados), que engloba os pedidos de asilo feitos a 44 países desenvolvidos (37 na Europa, mais EUA, Canadá, Japão, Coreia do Sul, Turquia, Austrália e Nova Zelândia).

Para a agência, os números desmentem o discurso de políticos europeus de direita de que o continente está sendo “invadido”. – “A ideia de que há uma enxurrada de solicitações de asilo é um mito”, disse o alto comissário Antonio Guterres, para quem políticos que usam essa bandeira são “populistas”.

Mas os reflexos das medidas restritivas já se fazem sentir. Na Itália, onde o governo de Silvio Berlusconi fechou um acordo com a Líbia há quase um ano para que caçasse no mar e devolvesse a seus países de origem imigrantes africanos, as solicitações caíram pela metade, e o país desceu dois postos no ranking de destinos, para 7º.

Já Chipre e Malta, para onde muitos desses solicitantes de asilo foram redirecionados, tornaram-se os líderes em pedidos recebidos “per capita”, dada sua população diminuta.

Os Estados Unidos permanecem como o principal destino maior para asilo, com 13% das requisições globais. Juntamente com a França e o Canadá, que receberam um terço de todos os pedidos.

Mas pela primeira vez no passado recente, não vem do vizinho México a maior fatia de solicitantes, mas da China. Mais da metade dos 20,4 mil chineses que pediram esse status – 16% a mais do que em 2008 – o fizeram nos Estados Unidos. As 13 mil solicitações de chineses a Washington superaram em 31% as de mexicanos e responderam por 1 em cada 5 requisições aos americanos.

O Acnur não soube explicar a mudança, já que a situação chinesa não piorou especialmente em 2009. É possível concluir que ela esteja no lado americano e derive da troca de governo.

Com o lento restabelecimento da soberania no Iraque e a redução da violência, os pedidos de asilo de iraquianos caíram 40%. O país, no entanto, ainda é a segunda fonte de solicitações, com 24 mil. Em seguida vêm a Somália e a Rússia.

Luciana Coelho. *Folha de S.Paulo*, 24 mar. 2010. Caderno Mundo. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u711228.shtml>.

RESUMINDO

Neste capítulo, vimos que as diversas crises do Oriente Médio devem ser estudadas à luz de uma rede muito complexa de fatores. Além das diferenças culturais locais, a região é marcada por intervenções externas que contribuíram muito para o atual quadro de instabilidade. Deve-se destacar o imperialismo europeu e a forma com foi feita a partilha da região a partir da Primeira Guerra Mundial, assim como o sionismo e o apoio inglês à criação de um Estado judaico. Devemos ter em mente também a riqueza mineral devido ao petróleo.

A Guerra Fria colaborou ainda mais para complicar o quadro, já que o nacionalismo árabe, com apoio soviético, era visto como ameaça ao Ocidente e o apoio dos Estados Unidos a Israel serviu para criar um quadro de tensão permanente em torno da questão palestina ainda não resolvida. Mesmo com os Acordos de Oslo e a criação da Autoridade Palestina, a região continua em estado de tensão e os palestinos continuam controlados por Israel.

Vimos também que o Líbano e a Síria acabaram sendo envolvidos nas crises regionais, seja pelas lutas contra Israel, seja devido ao fluxo de refugiados palestinos. O Líbano em especial foi bastante afetado, porque, além de viver uma guerra civil, sofreu também uma invasão israelense que perdurou até o ano 2000. O país ainda carrega as marcas dessa violência.

No caso da região do Golfo Pérsico, com destaque para Irã e Iraque, os interesses ocidentais ficam mais claros devido ao petróleo. O rompimento do Irã com o Ocidente a partir de sua revolução em 1979 foi agravado pela guerra contra o Iraque (1980-1988) e pela consolidação do governo teocrático. Já o Iraque passou de aliado a inimigo, uma vez que ajudou a combater o Irã quando este era uma ameaça, mas depois, ao invadir o Kuwait, acabou perdendo o apoio ocidental e sofreu uma importante derrota em 1991. Anos mais tarde, em 2003, o governo de George W. Bush invadiu o país com o argumento de buscar armas de destruição em massa. A invasão em si foi bem-sucedida e derrubou o ditador Saddam Hussein, mas o que se seguiu foi uma violenta guerra civil que mergulhou o país no caos. Em 2010, após uma relativa pacificação, os Estados Unidos transferiram as responsabilidades militares para o novo Exército iraquiano e se retiraram dos combates, apesar de manterem tropas no país.

Por fim, vimos o complexo caso afegão-paquistanês. Neste conflito, é essencial perceber o peso que as questões étnicas locais têm no resultado final dos combates. Sob o pretexto de capturar Bin Laden e vingar o atentado às Torres Gêmeas, os Estados Unidos acabaram se envolvendo em uma guerra muito difícil de vencer. O objetivo geopolítico final relaciona-se também ao petróleo da Ásia Central, atualmente de difícil alcance para o Ocidente. Ao invadir o Afeganistão, os Estados Unidos contribuíram para que o grupo Talibã acabasse criando raízes também no Paquistão, expandindo a crise em uma região já marcada pela rivalidade com a Índia devido ao controle da Caxemira.

■ QUER SABER MAIS?



LIVRO

- Jason Burke. *Al Qaeda, a verdadeira história do radicalismo islâmico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

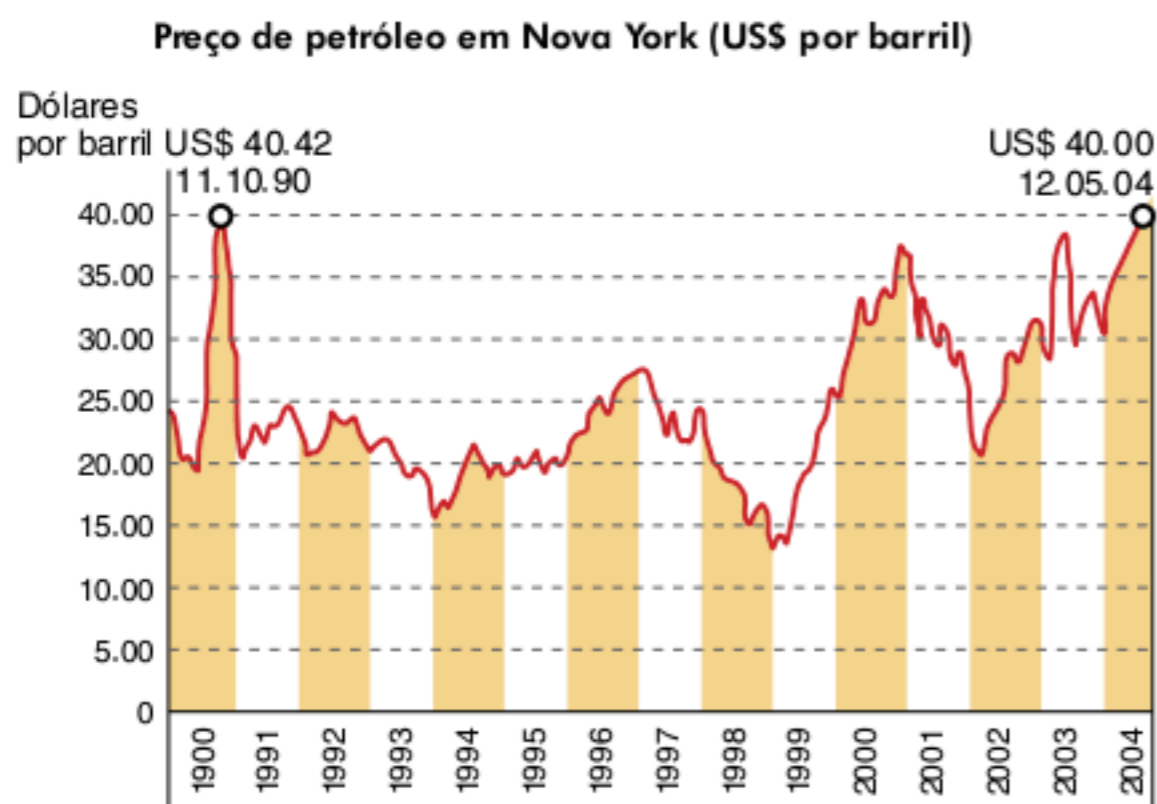


FILMES

- *Paradise now*. Direção de Hany Abu-Assad. Produção: Alemanha/França/Holanda/Israel/Palestina, 2005. 90 min.
- *Promessas de um mundo novo*. Direção de Justine Shapiro, B.Z. Goldberg e Carlos Bolado. Produção: Estados Unidos, 2001. 105 min.
- *Sob o céu do Líbano*. Direção de Randa Chahal Sabag. Produção: Líbano/França, 2003. 80 min.
- *A noiva síria*. Direção de Eran Riklis. Produção: França/Alemanha/Israel, 2004. 97 min.
- *Kedma*. Direção de Amos Gitai. Produção: Israel, França e Itália, 2002. 100 min.

Exercícios complementares

1 Unesp A Agência Internacional do Petróleo previu um aumento para o consumo mundial em 2004, com base na recuperação econômica de vários países. Observe o gráfico.



Fonte: *The New York Times Service*, 2004.

Utilizando seus conhecimentos geográficos, assinale a alternativa que contém a causa principal que explica os picos de preços verificados em outubro de 1990 e em maio de 2004 e os países que os desencadearam.

- (a) Invasão do Kuwait pelo Iraque, ameaçando o fornecimento de petróleo; recuperação econômica dos Estados Unidos e crescimento acelerado da China, pressionando a demanda.
- (b) Tensão política na Nigéria, cortando o fornecimento de petróleo; recuperação econômica da Índia e rápido crescimento da República Tcheca, elevando a demanda.
- (c) Atividade militar na Colômbia, suspendendo o fornecimento de petróleo; recuperação econômica da Rússia e instalação da Opep, elevando a demanda.
- (d) Golpe político na Venezuela, dificultando o fornecimento de petróleo; recuperação econômica da Itália e grande crescimento do Canadá, diminuindo os estoques mundiais.
- (e) Tensões geopolíticas no Afeganistão, ameaçando o fornecimento de petróleo; recuperação econômica da Espanha e elevado crescimento do México, aumentando a demanda.

2 Ufla *Cinco vezes ao dia para tudo no país. Até a globalização. São os momentos dedicados a Alá. O muçulmano ajoelha-se e reza.*

Próxima viagem, ago. 2000, p. 70.

Miséria e falta de democracia, aliadas ao nacionalismo, fazem o caldo no qual nasce o radicalismo islâmico – uma minoria na religião.

Veja, 19 set. 2001.

Nos trechos citados, pode-se perceber as “duas faces” do Islã: o islamismo religião, que prega o respeito por outras crenças e se define como religião de paz, e o islamismo fundamentalista. Todas as alternativas a seguir expressam um aspecto do fundamentalismo como um todo, exceto:

- (a) tal movimento entende os textos sagrados como única orientação para a própria organização da sociedade.
- (b) o fundamentalismo como movimento não é exclusividade do mundo muçulmano, ocorrendo em outras religiões, inclusive no judaísmo.
- (c) se o “radicalismo islâmico”, exemplificado em um dos textos anteriores, é uma “minoria na religião”, é também insignificante como movimento.
- (d) a existência de grupos fundamentalistas atualmente é que determina a origem de alguns conflitos ao redor do mundo.
- (e) uma das características do fundamentalismo islâmico, por exemplo, está na organização da sociedade regida pelo *Alcorão*.

3 UFRRJ

A questão geopolítica

Existem dois grupos de questões de caráter geopolítico distribuídos em países ou regiões no mundo, gerando tensões políticas e conflitos regionais: questões com intuito economicamente estratégicos e as de ordem étnico-cultural.

H. C. Garcia; T. M. Caravelleto. Geografia Geral. São Paulo: Scipione, 2000, p. 234. (Adapt.).

- a) Cite um país para cada grupo.
- b) Analise a realidade geopolítica desses dois países selecionados.

4

Leia as afirmações a seguir.

- I. No final dos anos 1970, começaram a ocorrer mudanças na organização produtiva interna de um país asiático, visando à sua inserção na economia de mercado. Na agricultura, de forma gradativa, as fazendas coletivas foram abolidas, dando lugar à disseminação da propriedade privada no campo.
- II. Os principais produtores e exportadores de petróleo situados no Golfo Pérsico e na Mesopotâmia formam uma das mais importantes organizações do mundo.

A que organização a afirmativa II se refere?

- (a) ONP.
- (b) ERU.
- (c) OEA.
- (d) Opep.
- (e) OLP.

5 PUC-MG O recente conflito na fronteira Líbano-Israel possui como característica fundamental que o distingue de antigos focos de conflito regional no Oriente Médio:

- (a) envolve um Estado e um grupo extremista, determinando diferentes formas de confronto armado.
- (b) possui nuances étnico-religiosas entre as partes envolvidas.
- (c) trata-se de conflito direto entre Estados independentes e seus exércitos.
- (d) constitui reflexo de antigas e modernas políticas intervencionistas de potências estrangeiras na região.

6 PUC-RS Responda à questão com base nas informações referentes a um dos espaços mais conflituosos do mundo.

Tornou-se Estado em 1948, ampliando o seu território no ano seguinte. Chegou a incorporar a Faixa de Gaza na década de 1960, devolvendo-a oficialmente em 2005.

O país a que o texto se refere é:

- (a) Palestina. (c) Eritreia. (e) Israel.
- (b) Afeganistão. (d) Síria.

7 FGV Em julho de 2006, tropas israelenses iniciaram uma grande ofensiva no Líbano. Dentre as justificativas do governo israelense para essa ação, pode-se citar:

- (a) o desmantelamento da estrutura militar e administrativa do Hamas, na cidade litorânea de Tiro.
- (b) a destruição das células da Al Qaeda, ligadas ao terrorista Bin Laden, localizadas em território libanês.
- (c) a retomada das fazendas de Chebaa, ainda sob controle libanês, porém reconhecidas pela ONU como pertencentes a Israel.
- (d) a destruição do poder militar do grupo Hezbollah que, a partir do sul do Líbano, atacava cidades e postos militares de Israel.
- (e) a captura de terroristas do grupo Fatah, escondidos entre os civis palestinos dos campos de refugiados de Sabra e Chatila.

8 PUC-PR [...] milhares de libaneses tomaram as ruas de Beirute para exigir a renúncia do governo imposto pela Síria, a própria retirada das tropas sírias estacionadas no país desde 1976 e justiça para os assassinos de Rafik Hariri, cuja morte num atentado tem todo o jeito de ter sido arquitetada em Damasco [...]. A resposta começou a ser formulada nas ruas de Beirute, agitando bandeiras, meio milhão de libaneses tomou as mesmas ruas centrais da cidade da manifestação anterior, mas desta vez para demonstrar apoio à Síria e detratar Israel e os Estados Unidos.

Veja, 16 mar. 2005.

No complexo contexto geopolítico do Oriente Médio – onde a reportagem citada demonstra um Líbano dividido entre apoiar ou não a presença militar dos sírios no país –, constituem análises corretas sobre o papel desempenhado pela Síria, exceto:

- (a) durante a invasão do Iraque, em 2003, a Síria foi acusada pelos países da coalizão, que derrubou Saddam Hussein, de ter abrigado em seu território muitos membros do governo do ex-ditador iraquiano.
- (b) a Síria está envolvida numa disputa territorial com o Estado de Israel, que na “Guerra dos Seis Dias” lhe tomou as Colinas de Golã e nunca mais daí se retirou.
- (c) a Síria foi uma das mais importantes aliadas soviéticas no Oriente Médio, durante o período da chamada “Guerra Fria”.
- (d) o governo Sírio possui boas relações com a milícia islâmica do Hezbollah, que atua no Sul do Líbano e sempre lutou contra o Estado de Israel.
- (e) a Síria é o país árabe que possui as mais sólidas relações com os EUA, sendo um fiel representante dos interesses norte-americanos na região.

9 UFV Leia o artigo a seguir, originalmente publicado em um jornal de grande circulação dos EUA, que ressalta a imagem negativa deste país no mundo árabe. Essa imagem, longe de ser gratuita, foi construída tanto pelo apoio incondicional à política do Estado de Israel como pelas duas guerras no Iraque e pela intervenção no Afeganistão.

Show do Hezbollah na TV

Programa de perguntas irrita EUA

Beirute. Responda rápido: qual prédio foi construído em 1792 e se tornou símbolo da opressão mundial? A questão, cuja resposta é a Casa Branca, faz parte do programa de perguntas “A missão”, da TV libanesa Al-Manar, pertencente ao Hezbollah. O show, que faz sucesso entre os espectadores, está irritando o governo americano.

Os participantes, dispostos num tabuleiro virtual, vão percorrendo as casas a cada pergunta respondida corretamente. Quem chegar primeiro à última, que simboliza a tomada de Jerusalém, ganha US\$ 3 mil.

– Acho muito interessante este programa, pois ele sempre faz questão de lembrar nas perguntas que a Palestina está sob ocupação –, disse o professor de Física Ihab Abi Nassif, um dos participantes do jogo.

A Embaixada dos Estados Unidos em Beirute disse nesta semana estar monitorando o programa, que “incita a formação de novos terroristas”.

O Globo, 3 maio 2004.

Considerando a situação atual no Oriente Médio, responda:

- a) o que torna essa região estratégica para a geopolítica americana?
- b) por que um dos participantes do jogo no show da TV libanesa afirma que a Palestina está sob ocupação?

10 Fatec Povo de maioria muçulmana, ocupando trechos de vários países e que, no início do ano de 2003, foi envolvido na Guerra do Iraque.

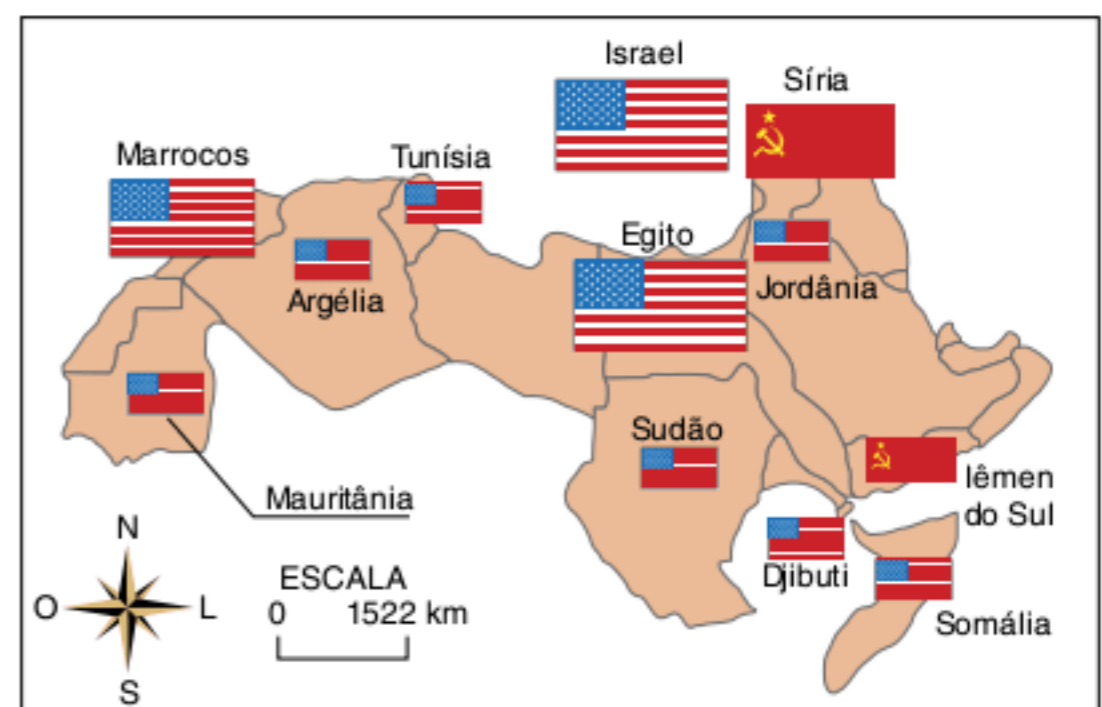
Esse povo constitui hoje o maior grupo étnico – cerca de 24 milhões de pessoas – sem Estado no mundo. Reivindica a formação de seu próprio país.

Trata-se dos:

- (a) bascos.
- (b) curdos.
- (c) tchetchenos.
- (d) albaneses.
- (e) bósnios.

11 Fuvest Analise o mapa.

Assistência militar na década de 1980



Nota: o tamanho das bandeiras é proporcional ao investimento militar recebido.

- Por que Israel recebeu um grande volume de investimentos militares dos Estados Unidos neste período?
- Aponte e explique uma característica atual das relações entre os Estados Unidos e Israel.

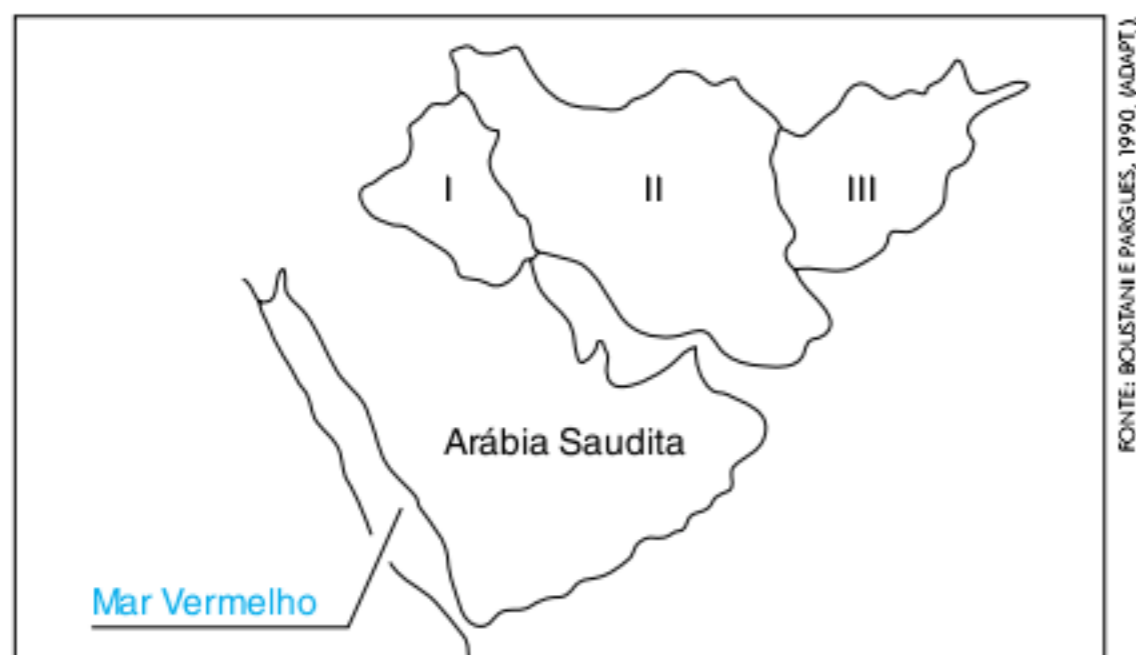
12 FGV A Geografia, enquanto descrição metodológica dos espaços, tanto sob os aspectos que se convencionou chamar de “físicos” como sob suas características econômicas, sociais, demográficas e políticas, deve absolutamente ser recolocada, como prática e como poder, no quadro das funções que exerce o aparelho de Estado, tanto para o controle e organização do território como para a guerra.

Yves Lacoste. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papyrus, 1993, p. 23. (Adapt.)

No conflito recente no Iraque, a afirmativa anterior é evidenciada, dentre outros fatos, considerando-se:

- o uso intensivo, pelas Forças Armadas dos Estados Unidos e Grã-Bretanha, de imagens de satélite e fotografias aéreas de grande escala, permitindo a suas tropas o conhecimento detalhado do território iraquiano.
- a dificuldade, por parte das Forças Armadas dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, em encontrar armas de destruição em massa no território iraquiano, porque elas não podem ser detectadas por fotografias aéreas e imagens de satélite.
- a utilização, pelas Forças Armadas do Iraque, do expediente da queima de petróleo próximo a alvos estratégicos, gerando grande quantidade de fumaça para impedir a utilização de bombas e mísseis guiados pelo sistema de coordenadas.
- o desconhecimento, pelas Forças Armadas dos Estados Unidos e Grã-Bretanha, das principais rodovias e pontes no território iraquiano, como resultado da pequena escala das imagens geradas por satélite.
- a inadequação da ONU e de seus órgãos na resolução de conflitos para intervir diretamente no Iraque, necessitando do apoio militar dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha.

13 Mackenzie (Adapt.) Considere as afirmações a seguir, sobre os países I, II e III identificados no mapa a seguir.



FONTE: BOUSTANI E PARQUES, 1990. (ADAPT.)

- Dominado por mais de duas décadas por uma ditadura pessoal, sofreu bloqueio econômico que dificultou suas exportações de petróleo e foi invadido por forças ocidentais em 2003.
- Controlado politicamente pelo clero islâmico, atravessa um momento de disputa política entre “fundamentalistas” e “liberais” e eleições marcadas por fraudes.

III. Antes vinculado politicamente à ex-URSS, foi dominado por grupos islâmicos ultrarradicais até a invasão por forças militares da OTAN em 2002.

I, II e III correspondem, respectivamente, a:

- Iraque, Irã e Afeganistão.
- Arábia Saudita, Turquia e Jordânia.
- Iraque, Arábia Saudita e Paquistão.
- Kuwait, Irã e Iraque.
- Iraque, Arábia Saudita e Irã.

14 UFRGS Acusado de abrigar grupos terroristas em seu território, o Afeganistão tornou-se alvo de retaliação dos Estados Unidos por causa dos atentados ocorridos em 11 de setembro de 2001 nas cidades de Nova Iorque e Washington.

Com relação aos países envolvidos nesse conflito e às novas derivações geopolíticas e econômicas daí resultantes, são feitas as seguintes afirmações.

- A mistura étnica no Afeganistão é um importante componente da guerra civil que assola o país desde a partida dos invasores soviéticos em 1989. Os patanes compõem a maioria absoluta do Talibã, enquanto que os tadjiques formam a maioria das forças que lutam contra o Talibã.
- Para qualquer tropa invasora, o território afegão é bastante inóspito. Contribuem para isso as variações climáticas regionais, com invernos extremamente frios e verões muito quentes.
- Nos últimos anos, os norte-americanos e os ingleses vinham tentando uma aproximação comercial com o governo talibã. O interesse são as jazidas petrolíferas do Mar Cáspio, cujas reservas são maiores que as dos países do Golfo Pérsico.
- Os Estados Unidos obtiveram dois parceiros estratégicos na sua ofensiva militar contra o Afeganistão: o Japão e a Rússia. O primeiro é um importante aliado devido às suas boas relações com as ex-repúblicas soviéticas vizinhas ao Afeganistão; já a Rússia, em apoio à luta contra o terrorismo, aprovou uma lei que permite ações militares pela primeira vez desde a Segunda Guerra Mundial.

Quais estão corretas?

- Apenas I e II.
- Apenas I e III.
- Apenas II e III.
- Apenas II e IV.
- Apenas III e IV.

15 UFES O passado forma o alicerce do presente e conduz à estratificação do futuro. Morre a nação – ou o sistema que não souber preservar, cultivar e transmitir a sua memória história.

Marcos Margulies. *Do racismo ao sionismo*, 1976, p. 7.

Considere as situações a seguir.

- A destruição de grande parte das obras de arte históricas, em território do Afeganistão, pela milícia do Talebã.
- A invasão do Afeganistão, em 1979, pelas tropas soviéticas.
- O controle das formas de diversão e a censura dos meios de comunicação adotados pela política extremista do Talebã.
- O aumento do índice de analfabetismo dos afegãos como resultado da política imposta pelo Talebã.
- O combate de guerrilheiros islâmicos, forçando a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

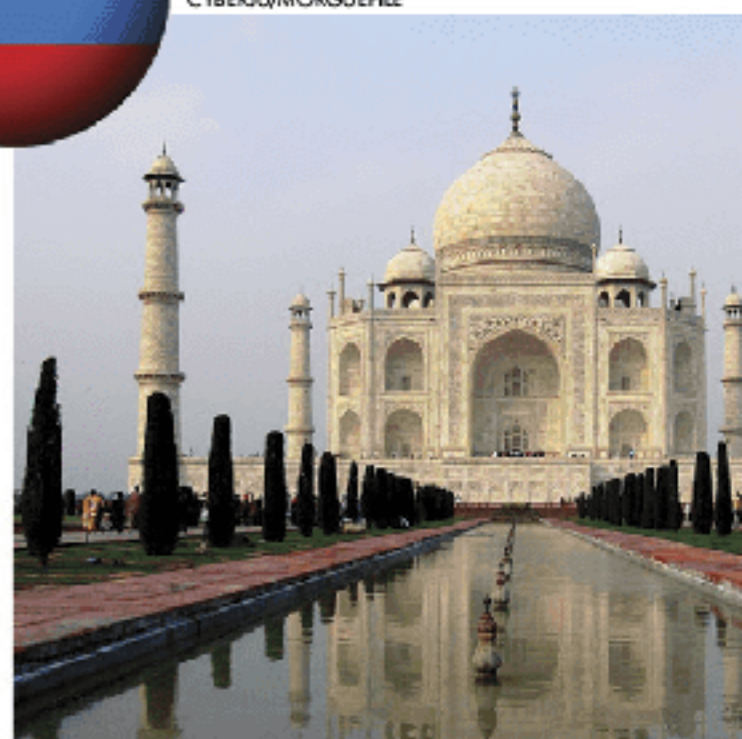
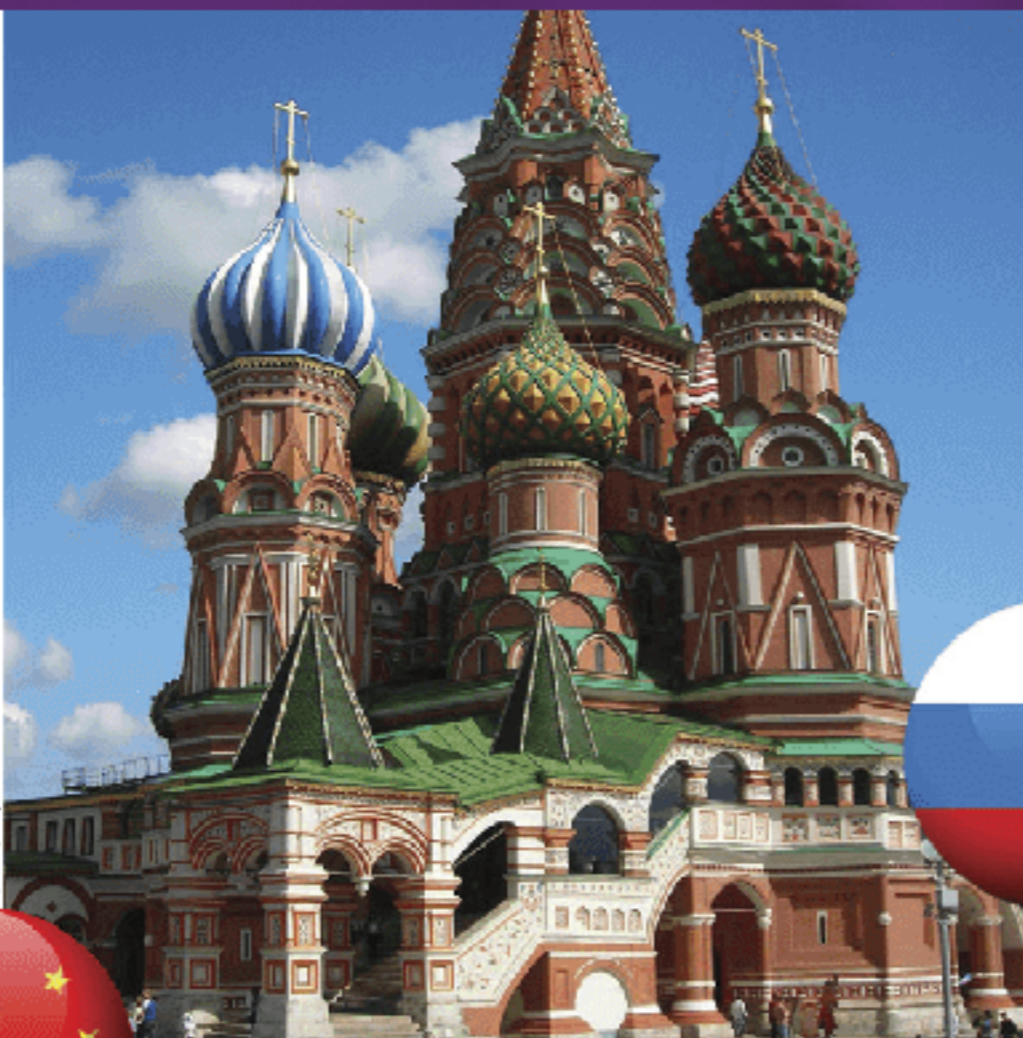
Estão de acordo com o texto:

- I, II e IV.
- I, III e IV.
- I, III e V.
- II, III e IV.
- III, IV e V.

As potências emergentes: Índia, Rússia e China

13

FRENTE 2



Índia, Rússia e China são países bastante diferentes. Os dois últimos passaram por experiências socialistas e, até os nossos dias, a democracia é muito tênue entre os russos e praticamente inexistente entre os chineses. A Índia, por sua vez, adotou a democracia desde sua independência em relação ao Reino Unido, em 1947. Entretanto, existem pontos em comum: os três países são potências nucleares, têm em seus territórios conflitos separatistas de cunho étnico-religioso e, principalmente, são vistos como países emergentes. A seguir, veremos mais detalhes sobre esses importantes atores da política mundial.



Índia

A Índia tem a segunda maior população do mundo. Seu território é marcado pela extensão do planalto do Decã ao sul e da planície dos rios Ganges e Bramaputra ao norte antes de chegar à Cordilheira do Himalaia, onde se localiza a fronteira com a China. Existe ali forte predomínio do clima de monções, com chuvas intensas no verão e longos períodos de secas do inverno.



A economia indiana vem apresentando forte crescimento nos últimos anos, o que é explicado pela presença de mão de obra barata, pelos investimentos em tecnologia e pela predominância do inglês como um dos idiomas oficiais, o que facilita sua comunicação com o restante do mundo. Os indianos formam a mais populosa democracia do mundo, existindo, tanto em seu território como no restante do subcontinente indiano, uma série de conflitos de natureza étnico-religiosa.

Chamamos de subcontinente indiano a região que atualmente compreende Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão.



Com uma cultura milenar e uma grande diversidade étnica, religiosa e linguística, até o século XVIII, a população estava distribuída em centenas de vilas e agrupamentos rurais com pouca centralização política. No início do século XIX, a Inglaterra conseguiu garantir seu domínio sobre a maior parte do território, estabelecendo uma colônia baseada na organização da Companhia das Índias Orientais. Para garantir seu domínio sobre a população, os colonizadores utilizaram as rivalidades entre as religiões e as etnias, lançando uns contra os outros de modo que não se unissem para retaliar a dominação inglesa. Como não houve um padrão, em cada região, o poder inglês se estabeleceu de maneira diferente: em algumas regiões os governantes nativos foram derrubados; em outras, foram mantidos e submetidos a imposições comerciais ou militares.

O principal alvo da colonização inglesa era a região da Índia. Ali foram desmantelados a agricultura tradicional, voltada para a subsistência e o artesanato de tecidos, que era desenvolvido com produtos de alta qualidade. Em lugar dessa economia local, foi estabelecida uma agricultura voltada para a exportação, de modo que a Índia passou a servir de fornecedora de matérias-primas para a Inglaterra e de compradora de produtos manufaturados desse mesmo país.

Foi imposto aos indianos um esquema de leis e um sistema educacional nos moldes britânicos. Assim, a integração entre a colônia e a metrópole se tornou bastante grande, criando inclusive a possibilidade de se formarem na Índia elites educadas com uma mentalidade ocidental, que passaram a questionar o processo de colonização. Essa elite formou o Partido do Congresso Indiano, o qual inicialmente procurava melhorar a economia indiana sem pensar em sua independência em relação aos ingleses.

Em 1915, Mahatma Gandhi, um indiano que estudara na Inglaterra, retornou à Índia e rapidamente se uniu ao Partido do Congresso. A partir de 1920, com a liderança de Gandhi, o Partido do Congresso passou a organizar um movimento de desobediência civil que envolvia não só um boicote às instituições coloniais britânicas como também a recusa de consumir os produtos ingleses e a aceitação passiva das represálias das forças coloniais que viriam conseqüentemente, o que lhe dava o caráter de não violência.

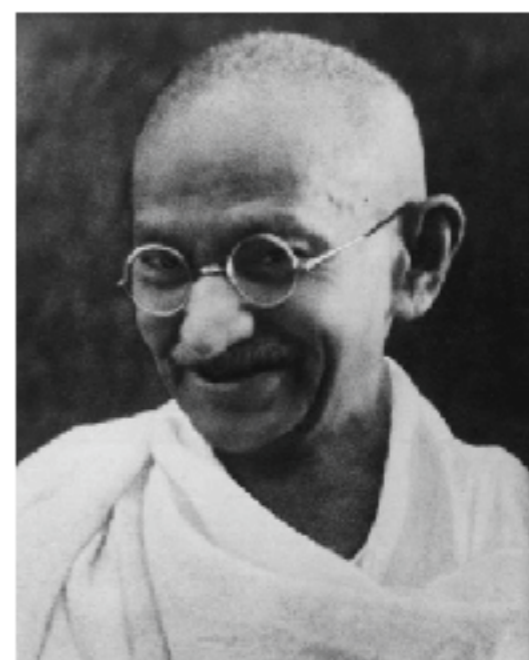


Fig. 1 Mahatma Gandhi.

Na década de 1930, Gandhi, que já havia se transformado em um grande líder popular, conseguiu expandir a participação do povo na luta pacífica pela independência. Ao criar um

movimento pela quebra do monopólio estatal da produção e venda do sal, o líder pacifista indiano conseguiu ligar as inquietações populares à causa maior, que era a independência.

Em 1947, depois de enfrentar uma série de boicotes aos seus produtos e sem ter escolha, a Inglaterra concedeu a independência às suas colônias no subcontinente indiano. Nas negociações pela independência, Gandhi lutava pela formação de um grande país envolvendo os dois grandes grupos religiosos, hindus e muçulmanos, e todas as minorias, como os *sikhs* da região do Punjab.

No entanto, as disputas do período colonial impossibilitaram um acordo e, no momento da independência, a colônia foi dividida. Com isso, surgiram dois países: a Índia (com maioria hindu) e o Paquistão (com maioria muçulmana), estudado anteriormente.

O Paquistão também teve seus problemas separatistas. Quando criado, o país era composto de regiões com maior concentração de muçulmanos. Dessa forma, ele acabou dividido em Paquistão Ocidental (atual Paquistão) e Paquistão Oriental (atual Bangladesh).

Apesar de o povo da porção oriental também ser da religião islâmica, isso não significava que as populações tinham realmente uma identidade para fazer parte de um mesmo estado-nação.

A situação da população do Paquistão Oriental só piorou após a saída dos ingleses. Entregue aos interesses dos militares do Paquistão Ocidental, a população tornou-se cada vez mais empobrecida, até que no início da década de 1970 foi declarada a independência do país e seu nome foi mudado para Bangladesh. Mas o Paquistão não aceitou a independência, o que levou a uma sangrenta guerra civil, na qual morreram mais de três milhões de pessoas e outros dez milhões tiveram de se refugiar na Índia.

Após a independência, Bangladesh estava com a economia e a política destruídas pela guerra, o que impôs grande dificuldade para estabilizar o país. Desde então, o poder vem sendo disputado por militares e grupos guerrilheiros, lançando o país em uma profunda crise social que gera uma das piores condições de vida do mundo para sua população.

Adiante estudaremos dois conflitos internos indianos. O principal conflito externo – a questão da Caxemira – foi abordado no capítulo anterior.

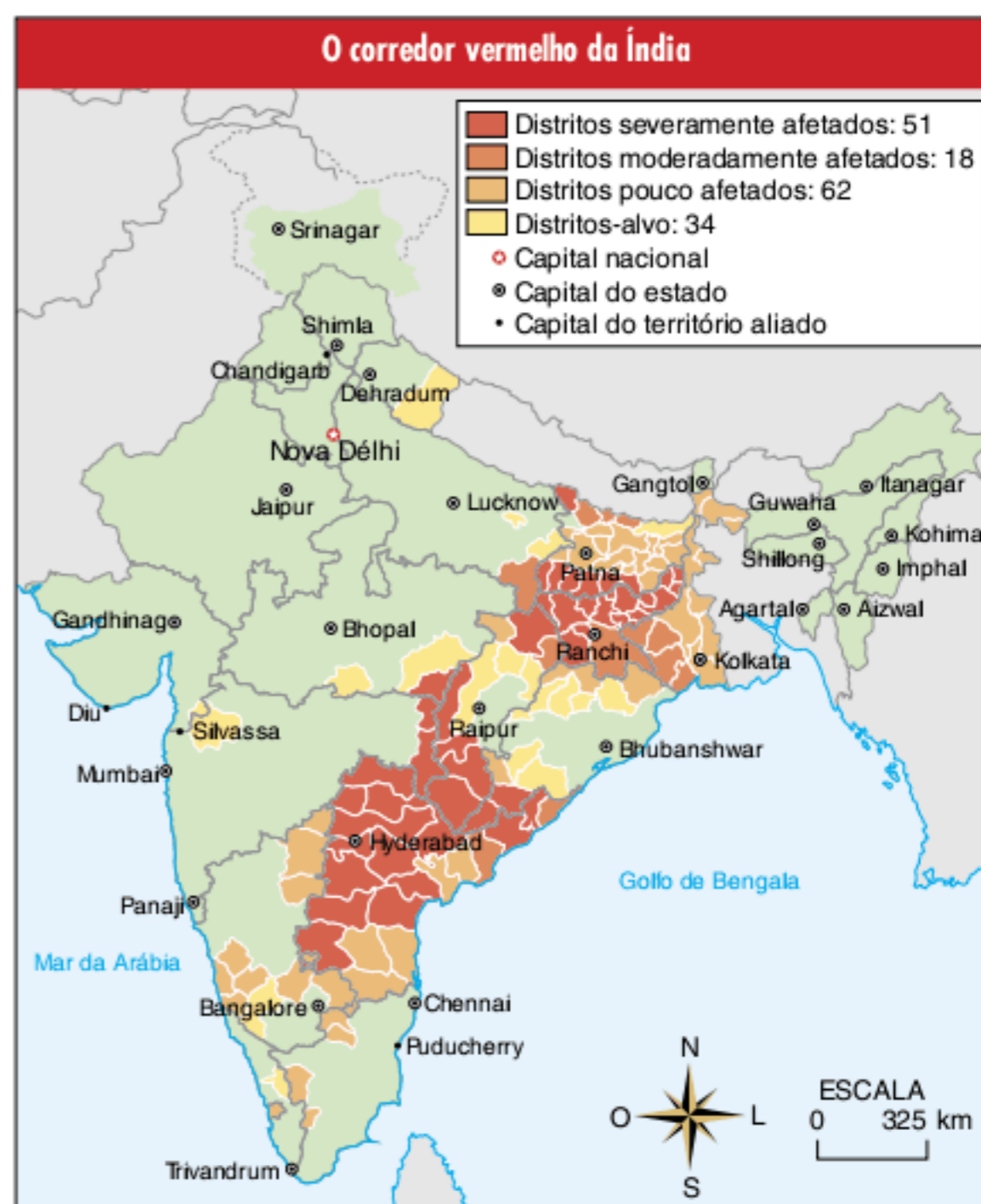
O separatismo no Punjab

A região do Punjab abriga um grupo étnico-religioso específico, também presente no Paquistão. Os punjabs são uma etnia que segue uma religião monoteísta chamada *sikhismo*. Seus membros são conhecidos como *sikhs*. Por serem um grupo minoritário na Índia, os *sikhs* não se sentem representados, apesar do regime democrático que levou à formação de grupos guerrilheiros separatistas. O enfrentamento com o Exército nacional indiano já levou milhares de hindus e *sikhs* à morte. Uma das vítimas mais célebres foi Indira Gandhi, primeira-ministra indiana que tentou acabar com a guerrilha e foi assassinada em 1984.

No começo do século XXI, o movimento separatista perdeu um pouco de sua força. Em 2004, um *sikh* chamado Manmohan Singh foi eleito Primeiro-Ministro da Índia, o cargo político mais alto do país. Essa vitória eleitoral foi interpretada como um sinal de que a Índia teria superado, pelo menos temporariamente, parte de suas diferenças internas.

O movimento naxalita

A Índia apresenta um movimento guerrilheiro de origem rural e inspiração maoísta. O termo *naxal* é proveniente da vila Naxalbari, no estado de Bengala Ocidental. Foi nesse local que a mobilização teve a sua origem, em 1967. O movimento é considerado hoje um dos maiores problemas de segurança interna do país. O objetivo do grupo é tomar o poder no país e instalar um governo comunista. Em 2010, os naxalitas fizeram uma série de pequenas ações por todo o país, matando mais de 70 soldados indianos em um único ataque. A pobreza no campo e o desemprego gerado pela modernização da agricultura indiana alimentam o descontentamento da população que dá abrigo aos guerrilheiros. A região afetada pelo movimento é bastante vasta e passou a ser conhecida como “corredor vermelho”.



Rússia

Em extensão territorial, a Rússia é o maior país do mundo. Longitudinalmente, seu território ultrapassa 9 mil quilômetros, o que faz com que o país tenha onze fusos horários diferentes. No sentido latitudinal, a Rússia chega a ter aproximadamente 4 mil quilômetros, o que a leva a apresentar diferentes zonas climáticas. Podemos encontrar quatro climas distintos no território russo: polar, subpolar (ou frio), temperado e subtropical, no sentido norte-sul. Por causa dessas características climáticas, dominam a paisagem três tipos de vegetação: a tundra, nas áreas polares e subpolares; a taiga (coníferas), nas regiões temperadas; e as estepes, também em áreas temperadas mais secas e nas regiões subtropicais.



Esse imenso território apresenta um relevo dividido por uma cordilheira com estrutura geológica antiga (maciços antigos): os Montes Urais. Essa cordilheira é tomada por limite entre a Ásia e a Europa e, como a Rússia se distribui dos dois lados dela, seu território está localizado parte em um continente, parte no outro. Por ser uma formação muito antiga, os Urais não apresentam altitudes muito elevadas, sendo seu ponto mais alto o monte Naroda, a 1.895 m. O ponto mais alto do território Russo é o monte Elbrus, com 5.633 m e localizado na cordilheira do Cáucaso, no extremo sul da Rússia Ocidental (europeia). A leste e a oeste dos Urais encontramos vastas planícies, dentro das quais se distribuem alguns planaltos. Nesse sentido, podemos destacar, do lado ocidental, a planície Sarmática com

os planaltos Central Russo e do Volga e, do lado oriental, a planície da Sibéria Ocidental e o planalto da Sibéria Central.

As grandes planícies russas são áreas de importante atividade agrícola, principalmente na produção de grãos, mas também de extração de petróleo e gás natural, recursos nos quais o país é extremamente rico. Também estão presentes em seu território reservas de ferro, carvão e manganês que foram muito úteis para a industrialização pesada da época da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Dentre os maiores desafios da sociedade russa atual, é importante destacar a reconstrução econômica, a estrutura política pouco democrática, a questão demográfica e os conflitos separatistas.

A economia russa: dos tempos da Guerra Fria aos anos 2000

Em termos econômicos, a Rússia já foi uma das maiores potências do mundo e, segundo historiadores, foi provavelmente o maior milagre econômico do século XX, visto que seu desenvolvimento industrial e urbano foi muito intenso entre as décadas de 1920 e 1950. Tal crescimento se deu com base no socialismo real que, como já vimos, não foi tão diferente do capitalismo.

Apesar de afirmarem seguir o projeto revolucionário de Marx e Engels, os líderes da Revolução Russa se encontraram em uma situação problemática logo após a vitória proletária. O projeto socialista pregava que a sociedade deveria desenvolver as forças produtivas para depois socializá-las, acabando com a propriedade privada dos meios de produção e, portanto, com o capitalismo.



O problema é que a Rússia não tinha desenvolvido as forças produtivas à época da revolução. Isso obrigou o governo a manter um projeto de desenvolvimento econômico com base na exploração da mão de obra para o reinvestimento nas empresas.

A grande diferença em relação ao capitalismo é que todos os meios de produção pertenciam ao Estado. Desse modo, havia uma grande centralização das decisões sobre onde investir o excedente gerado pelo trabalho do povo russo. A prioridade foi dada às indústrias de base (aço, petroquímicas e outras) e ao setor espacial-militar. Tais prioridades, somadas ao aumento da corrupção e da ineficiência a partir da década de 1960, levaram a economia e a própria União Soviética ao colapso.

Desde o fim da URSS, no início da década de 1990, até hoje, uma grande transição da economia socialista para um capitalismo pouco transparente e pouco democrático vem sendo realizada. Nesse processo, os meios de produção foram apropriados à elite política soviética e aos seus aliados, o que fez surgir no país alguns milionários do dia para a noite.

Nos primeiros dez anos da transição, a economia russa regrediu fortemente, criando-se um contexto de desemprego e problemas sociais. No início dos anos 2000, o quadro sofreu uma grande transformação. A Rússia herdou da URSS uma grande rede de gasodutos e oleodutos que hoje abastecem a Europa com produção das regiões do Cáucaso e da Ásia Central (ex-repúblicas soviéticas). O aumento do preço do petróleo fez com que a Rússia fosse extremamente beneficiada, como se comprova no crescimento do seu PIB até 2008. Esse período coincidiu também com o governo Vladimir Putin.

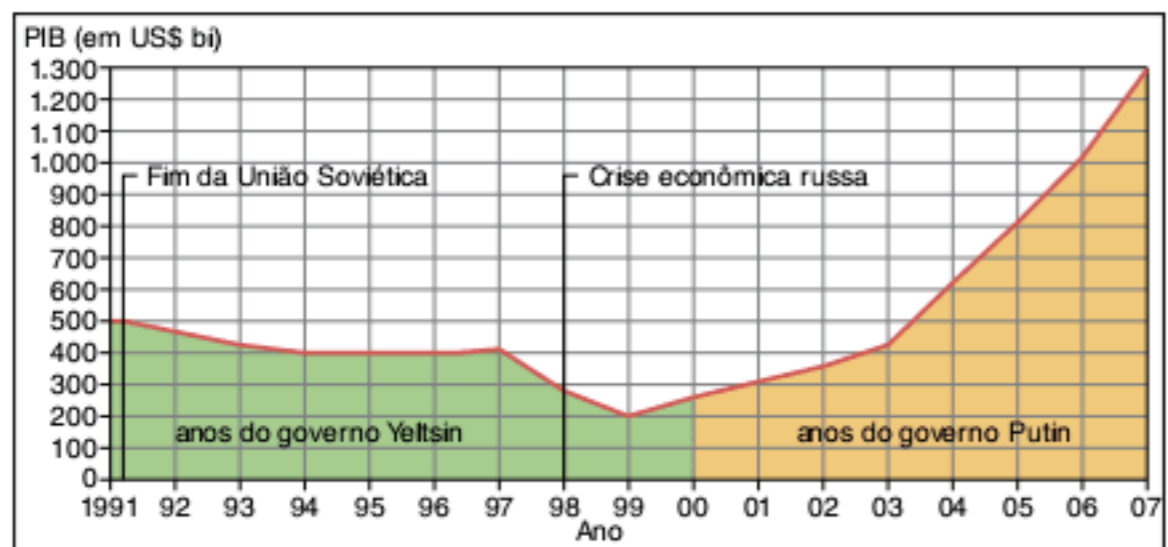


Fig. 2 Economia russa desde a queda da União Soviética.

Recentemente, porém, a tendência se inverteu e demonstrou as fragilidades do modelo econômico russo. Em 2008, houve a explosão da crise imobiliária dos Estados Unidos e, em 2010, a situação econômica da Europa também criou problemas. As crises econômicas reduziram muito o consumo de petróleo, gás e derivados. Apesar de ser uma potência nesse campo econômico, a Rússia não tem outros setores que sejam economicamente fortes e capazes de criar alternativas para o país. Em síntese, uma crise de consumo de petróleo acaba gerando uma crise econômica na Rússia. Entre 2009 e 2010, o PIB russo sofreu uma redução de 7%, criando muitas dificuldades para o governo de Dmitri Medvedev. Ainda é cedo para avaliar a extensão do dano, mas ficou claro o fato de que a Rússia depende demais de um único produto, o que deixa sua economia vulnerável.

A política russa: Vladimir Putin e Dmitri Medvedev

O presidente Vladimir Putin foi eleito em 2000, mesmo acusado de corrupção e de relações com os grupos mafiosos que tomaram conta da economia do país, e conseguiu se reeleger em 2004. Em 2008, seu sucessor Dmitri Medvedev tornou-se Premiê (Primeiro-Ministro). Com isso, Putin tem condições de permanecer no poder por tempo indeterminado, uma vez que exerce forte controle sobre seu partido e os meios de comunicação.



Fig. 3 Dmitri Medvedev.

As práticas políticas do regime também são consideradas suspeitas. Opositores políticos são presos sem acusações claras (ou mediante acusações falsas), jornais e jornalistas de oposição sofrem ameaças anônimas e mesmo ataques físicos fatais. O governo nega seu envolvimento, mas é acusado de ser mandante de parte dos crimes ou, pelo menos, conivente.

Ainda assim, a popularidade que Vladimir Putin conquistou (e repassou ao seu sucessor) parece garantir certa tranquilidade ao ocupante do Kremlin, a sede do governo russo.

Demografia

Em termos demográficos, a Rússia vem apresentando, assim como outros países que se industrializaram e se urbanizaram antes da Segunda Guerra Mundial, um forte envelhecimento da população, o que também envolve decréscimo populacional. Esse problema se deve, principalmente, à queda da taxa de fecundidade das mulheres russas, que parece ser um resultado do colapso econômico vivido na década de 1990. As famílias russas que passaram pela crise parecem ter buscado cada vez mais uma política de planejamento familiar e controle de natalidade. O governo de certas províncias russas já chegou, por exemplo, a lançar campanhas na mídia estimulando a reprodução.

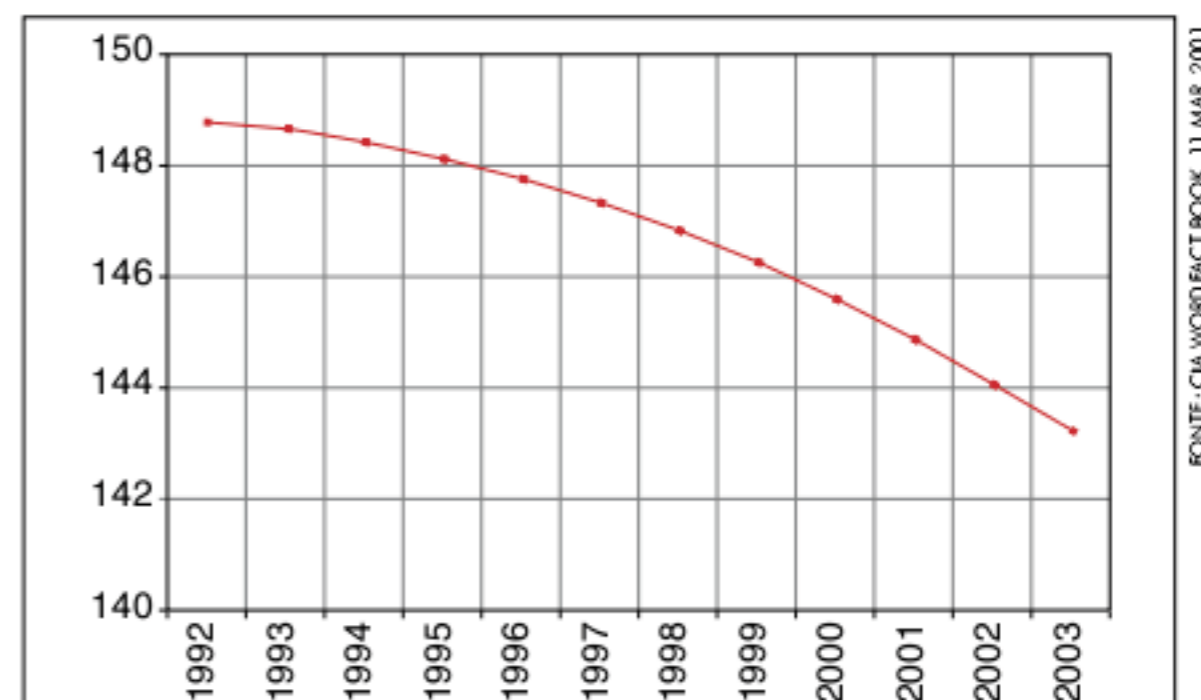


Fig. 4 População russa em milhões de habitantes.

A Rússia ainda hoje é um país multiétnico. A queda na taxa de natalidade se verifica em especial na população etnicamente russa. Em outras palavras, se essa tendência continuar, os russos étnicos podem um dia ser minoria em seu próprio país, agravando as pretensões separatistas de outros grupos étnicos.

O fim da URSS e os conflitos da CEI

Vimos como o socialismo soviético entrou em crise a partir da década de 1970 e acabou no final dos anos 1980. É importante estudar agora as consequências políticas desse colapso econômico soviético. A URSS começou a se formar com a Revolução Russa de 1917. Nessa época, os russos dominavam uma série de outros povos, constituindo assim o Império Russo comandado pelo czar. A Revolução de 1917 pôs fim ao império e instaurou uma república socialista de partido único na Rússia.

A exemplo dos outros impérios da época (o otomano e o austro-húngaro, principalmente), o império russo passava por uma crise de legitimidade. Os povos dominados pelo poder do czar contestavam a submissão ao império, exigindo a independência. A guerra civil que se seguiu à Revolução de 1917 foi um marco da luta desses povos.

Porém, se a Revolução Russa trouxe transformações à política interna da Rússia, externamente as coisas não mudaram tanto assim. Após a vitória do Exército Vermelho na guerra civil, os povos até então dominados foram incorporados à URSS, ganhando o *status* de repúblicas. Teoricamente, essas repúblicas deveriam ter grande autonomia, mas na prática continuaram dominadas pelo poder russo. Em 1945, após as agitações do período Entreguerras, a URSS passou a ser formada por 15 repúblicas, com características culturais e religiosas bastante distintas. Essa diversidade existia também dentro de cada uma das repúblicas – já foi possível identificar cerca de 120 nacionalidades diferentes em toda a URSS.

Procurando garantir o sucesso da Revolução na maior parte do ex-império russo, a liderança da URSS impôs seu regime aos povos das demais repúblicas. Para evitar que esses povos se rebelassem, foi criado um complexo sistema administrativo que dividiu-os em Repúblicas Federadas, dentro das quais existiam as repúblicas autônomas e as regiões autônomas, sendo estas últimas divisões administrativas menos importantes.

Por meio dessa divisão administrativa, os russos procuravam diminuir as tensões separatistas no território soviético. Porém, ela não foi suficiente para eliminar o risco de uma fragmentação total do país. Assim, o sistema de administração territorial ganhou mais uma característica: a centralização do poder nas mãos de Moscou, capital soviética. Desse modo, toda divisão em repúblicas e regiões autônomas tinha como objetivo garantir o domínio dos russos sobre o restante dos povos, dando assim continuidade à situação vigente no império russo.

Durante os anos do governo de Stalin, o autoritarismo chegou ao ápice e milhões de pessoas foram presas ou executadas por criticarem o regime. Nesse período, ocorreram migrações forçadas de russos para a maioria das repúblicas federadas na tentativa de misturar as populações, diminuindo as diversidades culturais que davam força aos movimentos separatistas. Esse processo ficou conhecido como russificação.



Fig. 5 Josef Stalin.

Através do controle efetuado pela burocracia, do autoritarismo e da russificação, os líderes soviéticos conseguiram manter artificialmente estabilizados os conflitos separatistas de seu território.

Com a decadência da economia soviética e a subida ao poder de Mikhail Gorbachev, com suas medidas liberalizantes (a *Perestroika* e a *Glasnost*), toda a centralização e a estabilidade da URSS entraram em colapso.



Fig. 6 Mikhail Gorbachev.

As medidas de Gorbachev, iniciadas em 1985, não deram o resultado esperado. Enquanto a *Perestroika* foi insuficiente para recuperar a economia, piorando a crise soviética, a *Glasnost* deu mais liberdade ao povo para sair às ruas e protestar. A agitação popular começou a crescer no país e acabou sendo um dos principais motivos para a tentativa de golpe que ocorreu em agosto de 1991, liderada por um grupo de militares favoráveis ao retorno da linha dura.

LEITURA

A *Perestroika* e a *Glasnost*

A palavra *perestroika* significa reconstrução. Entretanto, recebeu a conotação de reestruturação econômica. Uma chave principal da reestruturação era reduzir a quantidade de dinheiro gasta em defesa. Para isso, Gorbachev sentiu que a União Soviética deveria, em linhas gerais, iniciar o processo de desarmamento nuclear.

A *glasnost*, por sua vez, foi um processo de abertura política. O termo ficou associado, no Ocidente, à liberdade de expressão. A medida deu novas liberdades, inclusive de discurso, à população. Nesse caso, a mudança foi considerada radical, já que o controle dos meios de comunicação e a supressão de críticas ao governo eram uma característica do sistema soviético.

A tentativa foi frustrada devido ao fraco apoio que o grupo golpista tinha entre o restante dos militares e também pela força de mobilização que a população havia adquirido. Mesmo assim, após esse episódio, a política interna da URSS se transformou de vez. Gorbachev perdeu a pouca popularidade que ainda tinha, o que abriu uma brecha política para que os presidentes das repúblicas federadas se reunissem em dezembro do mesmo ano e declarassem o fim da URSS.

Essa postura dos representantes das repúblicas tinha como argumento a necessidade de uma maior autonomia nacional. No entanto, o que estava por trás de tudo isso era o momento de decadência econômica que tomava conta da URSS, e a opinião geral era que uma separação das repúblicas só poderia melhorar a situação.

Ao mesmo tempo em que decidiram pelo fim da URSS, os líderes das repúblicas assinaram o acordo de formação da Comunidade dos Estados Independentes (CEI). Essa comunidade tem como objetivo manter a independência da economia das ex-repúblicas soviéticas. É importante, porém, ressaltar um fato: algumas repúblicas conseguiram sua independência e formaram novos países, como mostra o quadro das repúblicas federadas.

Grupos étnico-religiosos	Repúblicas
Repúblicas eslavas	Rússia
	Belarus
	Ucrânia
	Moldávia
Repúblicas do Cáucaso	Armênia
	Azerbaijão
	Geórgia
Repúblicas Bálticas	Letônia
	Estônia
	Lituânia
Repúblicas da Ásia Menor	Cazaquistão
	Uzbequistão
	Tadjiquistão
	Turcomenistão
	Quirguistão

Tab. 1 Repúblicas federadas que compunham a URSS entre 1945 e 1991.

Muitos outros povos, fracos demais para enfrentar Moscou, permaneceram sob domínio russo e ainda hoje lutam por sua independência. Atualmente, a Rússia ainda conta com diversas repúblicas em seu território. Além de muitas terem importância estratégica, existe também um problema de coerência. Se o governo de Moscou permitir a independência de uma ou mais repúblicas, é muito provável que isso estimule movimentos separatistas nas outras regiões.

Entre os países que ficaram independentes e formaram a CEI também há uma série de divergências, que podem ser classificadas em dois tipos: primeiramente, os conflitos que ocorrem entre ex-repúblicas para a redefinição de fronteiras;

em segundo lugar, as questões internas de algumas repúblicas, onde minorias étnicas lutam pela separação. Nessa última categoria, encontra-se a própria Rússia. Como exemplo de conflitos entre ex-repúblicas podemos destacar o que ocorre entre o Azerbaijão e a Armênia pela posse da região de Nagorno-Karabakh. Essa região tem maioria de população armênia, no entanto está dentro do Azerbaijão. A guerra entre os dois países causou grandes prejuízos econômicos, principalmente ao Azerbaijão, país eminentemente agrário que dependia economicamente do comércio com a Armênia.

Os conflitos do Cáucaso

Os conflitos regionais que ganharam maior destaque na mídia internacional se deram no Cáucaso. Essa região se localiza no extremo sul da Rússia, na fronteira com a Geórgia. A maioria da população local é muçulmana, fato usado como argumento para sua independência. Porém, os conflitos envolvem interesses maiores. A região do Cáucaso é uma das maiores produtoras de petróleo do mundo e suas jazidas localizam-se principalmente no Mar Cáspio. O transporte do produto é feito por oleodutos até o mar Mediterrâneo ou por dentro do território russo, passando assim por repúblicas russas relativamente autônomas.



Essa situação territorial do Cáucaso faz com que o governo russo lute contra movimentos separatistas por dois motivos. Primeiramente, as repúblicas caucasianas têm importância estratégica para a produção e transporte do petróleo, garantindo à Rússia uma espécie de monopólio que poderia ser quebrado caso a região se fragmentasse. Além disso, permitir a independência de um povo é abrir a possibilidade para que outros povos do Cáucaso e demais regiões façam o mesmo. Sendo assim, os ataques violentos do governo russo sobre as guerrilhas na região têm como objetivo garantir o domínio russo e abafar os separatismos.

a Inglaterra; a derrota lhes custou a entrega do porto de Hong Kong e a abertura de outros tantos aos produtos ingleses.

A ação dos europeus desestabilizou o regime imperial na China, gerando grandes crises políticas entre o final do século XIX e o imediato pós-Segunda Guerra Mundial. Além dos europeus, os japoneses também atacaram a China, conquistando inicialmente a região da Manchúria. Durante a Segunda Guerra, o Japão se apoderou de quase dois terços do território chinês, em especial as grandes cidades do litoral.

Com a fragilização do regime imperial chinês, surgiram no país dois grupos opositoristas: o *Kuomintang* (Partido Nacionalista) e o PCC (Partido Comunista Chinês). Com a derrota do Japão pelos aliados na Segunda Guerra Mundial e sua consequente retirada, na China acentuou-se a disputa armada entre o *Kuomintang*, liderado por Chiang Kai-shek, e o PCC, liderado por Mao Tsé-Tung.

A China comunista

Em 1949, o PCC conquistou definitivamente o poder em um movimento que ficou conhecido como Revolução Chinesa. Surgiu então a República Popular da China, com regime republicano de orientação socialista, tendo como modelo inicial a URSS. Os nacionalistas do *Kuomintang* se refugiaram na ilha de Formosa, onde fundaram a China Nacionalista, conhecida como Taiwan.

O poder ficou nas mãos do PCC, único partido permitido. Toda economia passou a ser dirigida pelo Estado. A agricultura passou a funcionar pelo sistema de fazendas cooperativas, reunindo entre 100 e 200 famílias. Parte da colheita de cada fazenda era entregue ao Estado. O setor industrial, principalmente as indústrias de base, ganhou especial atenção do governo, que via a necessidade de industrializar o país.



Fig. 8 Mao Tsé-Tung.

O desenvolvimento industrial dependia diretamente do crescimento da produção agrícola, já que o dinheiro a ser investido na indústria saía exatamente dos excedentes vindos do campo. Dessa forma, em fins da década de 1950, Mao implementou um plano para ampliar a produção agrícola: as Comunas Populares.

Reuniram-se várias cooperativas em cada uma das comunas, nas quais a distinção ou a hierarquia entre os camponeses, fossem elas de idade, gênero, habilidade ou ocupação era abolida. A premissa da igualdade total que prometia dar origem a camponeses livres de velhas tradições, prontos para o trabalho em favor do coletivo, se transformou na desestruturação quase que completa

da produção agrícola chinesa. Durante alguns anos a fome se espalhou pela China; mais de 20 milhões de pessoas morreram.

Desgastado por causa das Comunas Populares, Mao se rebelou contra a burocracia do partido. O líder chinês colocou a culpa da decadência econômica na permanência de tradições conservadoras entre dirigentes, professores e funcionários públicos mais velhos. A solução seria obrigá-los a abandonar suas tradições. Foi o que se tentou na Revolução Cultural, realizada por milhões de jovens liderados por Mao.

A abertura econômica

A década de 1970 marca uma grande mudança na política chinesa. O enfraquecimento de Mao e seus seguidores abriu uma brecha no governo para a subida de Deng Xiaoping. Apesar de ter participado do processo revolucionário, Xiaoping estava afastado do poder por suas discordâncias em relação às Comunas Populares e à Revolução Cultural.

As mudanças impostas pelo novo governo puseram fim ao processo da Revolução Cultural e, a partir de 1970, deram origem ao sistema econômico que a China tem hoje: o chamado **socialismo de mercado**. Foi restabelecida a produção familiar no campo, os investimentos governamentais passaram a se concentrar mais nas indústrias bélicas, químicas e de alta tecnologia. Além disso, foram criadas as Zonas Econômicas Especiais (ZEE).

Nas ZEEs é permitida a instalação de fábricas privadas, inclusive multinacionais. Elas funcionam como enclaves capitalistas em meio ao socialismo real e têm como atrativo para as indústrias a mão de obra numerosa e muito barata.

As mudanças promovidas por Deng Xiaoping levaram a economia chinesa a um contínuo e impressionante crescimento econômico, de cerca de 10% ao ano. Atualmente, o país está prestes a superar o Japão e a se tornar a segunda economia do mundo, o que a deixaria abaixo dos Estados Unidos. Aliás, é na relação com os norte-americanos que podemos ter uma ideia ainda melhor sobre o poder econômico dos chineses. Por causa do volume das vendas chinesas para os Estados Unidos, o país oriental é hoje um dos maiores credores da endividada sociedade americana.



Fig. 9 Deng Xiaoping.

A entrada da China na OMC (Organização Mundial do Comércio), em 2001, foi o último passo para o país se tornar um gigante do mercado mundial, tanto na exportação de uma grande variedade de produtos industrializados (desde brinquedos e roupas até navios e aviões) como na importação de matérias-primas e alimentos.

Além disso, outros fatos têm sido bastante favoráveis aos chineses ultimamente. Em 1997, o país recebeu de volta a posse de Hong Kong, que estava sob domínio britânico havia mais de cem anos. Em 1999, foi a vez de Macau, sob domínio português, voltar a pertencer ao território da China. Só essas reconquistas significaram aumento de cerca de 25% no PIB do país.

O mesmo tende a acontecer com Taiwan, separada da China desde a Revolução Chinesa de 1949. Atualmente, o governo da ilha de Formosa não é reconhecido pela ONU nem pela maioria dos países do mundo, o que favorece a pretensão chinesa de reunificar o país absorvendo a chamada China Nacionalista.

Perspectivas para o crescimento chinês

Mesmo com todo esse clima favorável, existem também alguns desafios para o futuro do desenvolvimento chinês. Primeiramente, podemos destacar o fato de que a economia chinesa ainda é muito pequena se comparada ao tamanho de sua população.

Para atingir o nível relativo de riqueza de países como os Estados Unidos, o Japão ou mesmo a França e a Alemanha, o país teria de dobrar ou triplicar o tamanho de sua economia. Um crescimento dessa magnitude parece, nos dias de hoje, impossível de ser realizado segundo as técnicas e as fontes de energia conhecidas, uma vez que o impacto ambiental seria gigantesco não apenas para os chineses como também para o restante do planeta. Atualmente, a China é a maior poluidora do mundo entre os emergentes, especialmente pela sua grande queima de petróleo e carvão. Como tentativa de reverter esse processo, é também o país que anunciou o maior investimento mundial em energia limpa, com destaque para a geração eólica.

A questão política também é um problema para o governo da República Popular da China. Mesmo com todas as transformações econômicas pelas quais o país passou nas últimas décadas, o poder continua nas mãos de um único partido, o PCC (Partido Comunista Chinês). Os líderes desse partido ainda governam o país lançando mão de censura de imprensa, prisões arbitrárias e um nível altíssimo de execuções a cada ano. Ainda há muita falta de liberdade no território chinês. O exemplo mais

claro está no fato de os camponeses não poderem migrar para as cidades sem permissão. Por fim, quanto mais a economia chinesa cresce, maior é a desigualdade social no país e mais contatos são estabelecidos entre suas próprias regiões, o interior de seu território e o restante do mundo. Essa situação tende a tornar o governo de partido único cada vez mais questionado pelos diversos grupos da população do país. Para muitos analistas, isso pode levar a uma futura fragmentação da China.

Conflitos e crises

A China apresenta hoje três conflitos principais que podem ameaçar sua estabilidade interna bem como suas relações externas. Em primeiro lugar, o país apresenta atualmente uma grande diversidade étnica e religiosa. A etnia *han* representa cerca de 90% do país, mas há diversos outros grupos minoritários importantes. Devemos lembrar que o forte controle do governo sobre a imprensa dificulta que as crises se tornem conhecidas mundialmente.

Em termos étnico-religiosos, destaca-se a questão de Xinjiang, no extremo oeste do país, fronteira com as repúblicas centro-asiáticas. Essa província relativamente autônoma é habitada pela etnia *uigur*, que segue o islamismo sunita. Muitos uigures reclamam de exclusão socioeconômica e de vez em quando o conflito chega a fazer alguns mortos. Apesar de ser uma região árida, Xinjiang pode, no futuro, ser uma área estratégica para a importação de gás e petróleo por terra a partir da Ásia Central.

Outro conflito semelhante diz respeito ao Tibete, anexado em 1950. Os tibetanos são uma etnia e seguem o budismo. Durante o domínio chinês, muitos mosteiros foram destruídos, levando a população local a denunciar uma espécie de extermínio cultural, ou seja, uma tentativa da China de apagar os traços da cultura tibetana. A região é importante para o governo de Pequim, pois o Tibete concentra muitas das nascentes dos principais rios chineses.

A questão de Taiwan também pode ser considerada um dos problemas atuais da China. Devido a sua história peculiar de independência em relação ao governo de Pequim, o caso taiwanês será analisado juntamente com os Tigres Asiáticos, no capítulo seguinte.

Revisando

1 Qual foi a estratégia de resistência de Gandhi contra o domínio inglês na Índia?

2 Quais os principais conflitos internos da Índia?

3 Quais os principais produtos econômicos de exportação da Rússia?

4 Como as crises econômicas entre 2008 e 2010 afetaram a Rússia?

5 Quais as principais críticas políticas feitas contra o governo russo?

6 Quais os principais conflitos internos da Rússia?

7 O que são as Zonas Econômica Especiais na China?

8 Quais os principais conflitos internos na China?

Exercícios propostos

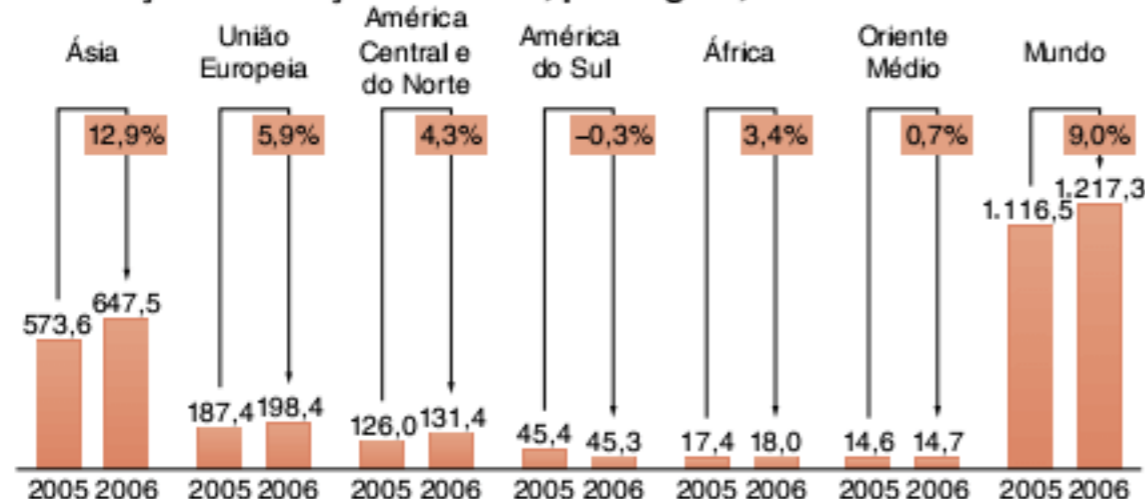
1 Unesp 2008 A sigla BRIC está sendo utilizada para indicar o grupo de países emergentes composto pelo Brasil, Rússia, Índia e China. Analise a tabela e o gráfico relativos à produção de aço em 2005 e 2006.

Produção de aço em alguns países emergentes, em 2005 e 2006

Produção em milhões de toneladas			
Países	2005	2006	Varição (em %)
Brasil	31,6	30,9	-2,2
Rússia	66,1	70,8	7,1
Índia	40,8	44,0	7,7
China	353,5	418,7	18,5

IISI, 2007.

Aço – Produção mundial, por região, em 2005 e 2006



IISI, 2007.

Descreva a produção de aço do Brasil, comparando-a com a dos demais países da tabela. Identifique a região do mundo onde está principalmente concentrada essa produção, analisando sua participação no total mundial.

2 ENEM Simulado 2009 Figuram no atual quadro econômico mundial países considerados economias emergentes, também chamados de novos países industrializados. Apresentam nível considerável de industrialização e alto grau de investimentos externos, no entanto as populações desses países convivem com estruturas sociais e econômicas arcaicas e com o agravamento das condições de vida nas cidades. As principais economias emergentes que despertam o interesse dos empresários do mundo são: Brasil, Rússia, Índia e China (BRIC). Tais países apresentam características comuns, como mão de obra abundante e significativas reservas de recursos minerais.

Diante do quadro apresentado, é possível inferir que a reunião desses países, sob a sigla BRIC, aponta para:

- um novo sistema socioeconômico baseado na superação das desigualdades que conferiam sentido à ideia de Terceiro Mundo.
- a razoabilidade do pleito de participarem do Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU).
- a melhoria natural das condições sociais em decorrência da aceleração econômica e da redução dos níveis de desemprego.
- a perspectiva de que se tornem, a médio prazo, economias desenvolvidas com uma série de desafios comuns.
- a formação de uma frente diplomática com o objetivo de defender os interesses dos países menos desenvolvidos.

3 UEMG 2010

Nova tentativa

Dirigentes do G8 e de outros nove países afirmam: a meta é manter o planeta apenas 2 graus mais quente do que em 1900

Depois do fracasso do Protocolo de Kyoto, o pacto que estabelecia metas para algumas nações diminuírem a emissão de gases causadores do efeito estufa, o mundo parece estar mais próximo de um acordo antipoluição. Um avanço nesse sentido ocorreu na semana passada, em Áquila, na Itália, na reunião de cúpula do G8. Outros nove países participaram do encontro como convidados. Pela primeira vez, os Estados Unidos apoiaram ações contra o aquecimento global. O foco de resistência ao pacto climático está agora em outro grupo de países, pois, por pressão da China e da Índia, os países do grupo do G5 não definiram a redução de, pelo menos, metade das emissões de gases do efeito estufa, até 2050.

Veja, 15 jul. 2009. (Adapt.).

Com base nas informações desse texto e nos seus conhecimentos sobre o fenômeno do aquecimento global, está correto o que se afirma na alternativa:

- o Protocolo de Kyoto foi uma tentativa de estabelecer a redução dos gases causadores do efeito estufa nos países subdesenvolvidos.
- a oposição a um acordo antipoluição vem agora de um grupo de nações emergentes, que estão em desenvolvimento.
- a China resiste ao acordo, pois é um país que apresenta baixos índices de emissão de gases causadores do efeito estufa.
- os Estados Unidos fizeram uma promessa de reduzir, ainda nesta década, 80% dos gases lançados na atmosfera.

4 PUC-PR 2010 O conceito de BRIC foi criado por Jim O'Neil, economista, chefe do Banco de Investimentos Goldman Sachs em 2001.

Com relação ao BRIC, é correto afirmar:

- (a) BRIC é uma sigla que se refere às iniciais dos países que a compõem: Brasil, Rússia, Índia e Cuba.
- (b) o Fundo Monetário Brasileiro estima que os países que integram o BRIC serão responsáveis por apenas 21% do crescimento econômico mundial devido à crise de 2008.
- (c) além do BRIC, o Brasil participa também do IBAS, organização dos países: Indonésia, Brasil e África do Sul, com vistas em melhorar a integração cultural entre esses países.
- (d) líderes do BRIC assinaram um acordo em 2010 que deverá facilitar o financiamento de obras e projetos nestas nações, priorizando as áreas de energia e infraestrutura.
- (e) o BRIC é uma organização fundada pelo Brasil, que prevê a união de determinados países com o objetivo de unificar as suas respectivas moedas, fortalecendo-os no mercado internacional.

5 ENEM 2010 O G-20 é o grupo que reúne os países do G-7, os mais industrializados do mundo (EUA, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Itália e Canadá), a União Europeia e os principais emergentes (Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Argentina, Austrália, Coreia do Sul, Indonésia, México e Turquia). Esse grupo de países vem ganhando força nos fóruns internacionais de decisão e consulta.

R. Allan. *Crise global*. Disponível em: <<http://conteudoclipppingmp.planejamento.gov.br>>. Acesso em: 31 jul. 2010.

Entre os países emergentes que formam o G-20, estão os chamados BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China), termo criado em 2001 para referir-se aos países que:

- (a) apresentam características econômicas promissoras para as próximas décadas.
- (b) possuem base tecnológica mais elevada.
- (c) apresentam índices de igualdade social e econômica mais acentuados.
- (d) apresentam diversidade ambiental suficiente para impulsionar a economia global.
- (e) possuem similaridades culturais capazes de alavancar a economia mundial.

6 UEL 2009 No cenário mundial contemporâneo, Índia e China se destacam pelo dinamismo de suas economias e por seu elevado contingente demográfico. Com base nos conhecimentos sobre esses países, considere as afirmativas a seguir.

- I. Tanto na Índia quanto na China, a agricultura ocupa um número reduzido de trabalhadores em função da mecanização, sendo o seu principal cultivo a soja, que apresenta elevada produtividade para garantir o abastecimento interno e as exportações.
- II. Nesses dois países, a questão religiosa está na base de movimentos separatistas que ameaçam a integridade territorial e a estabilidade política.

- III. A ausência de grandes jazidas de petróleo e a presença de importantes jazidas de carvão mineral são aspectos marcantes do setor energético desses dois países.
- IV. Após a ruptura colonial em meados do século XX, Índia e China seguiram caminhos semelhantes em seus respectivos processos de industrialização, priorizando a indústria de base e colocando em segundo plano o setor de bens de consumo.

Assinale a alternativa correta.

- (a) Somente as afirmativas I e II são corretas.
- (b) Somente as afirmativas I e III são corretas.
- (c) Somente as afirmativas II e IV são corretas.
- (d) Somente as afirmativas I, III e IV são corretas.
- (e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

7 Unifesp 2009 A Rodada Doha, promovida pela Organização Mundial de Comércio, não chegou a acordos importantes devido:

- (a) às exigências trabalhistas de operários de fábricas localizadas em países emergentes, como México e Coreia do Sul.
- (b) ao protecionismo agrícola dos países centrais, que afeta as exportações de países como China e Índia.
- (c) às restrições ambientais do Protocolo de Kyoto, apoiadas pela União Europeia, mas com resistência dos EUA.
- (d) às novas barreiras sanitárias à exportação de produtos agrícolas de países centrais aos países periféricos.
- (e) ao aumento nas exportações dos EUA para a China, apesar da crise financeira do país, gerada no setor imobiliário.

8 UFG 2009 Nos últimos anos, alguns países têm se destacado pela ampliação de seus produtos internos brutos (PIB) e pelo elevado índice de crescimento, alterando a ordem geoeconômica mundial. Os países que mais se destacam na economia global por essa razão são os seguintes:

- (a) Brasil, Rússia, Índia e China.
- (b) Índia, África do Sul, México e Rússia.
- (c) Brasil, Argentina, Índia e África do Sul.
- (d) China, México, Argentina e Índia.
- (e) México, Rússia, África do Sul e Brasil.

9 PUC-Rio A Índia, um país de fortes tradições e de cultura milenar, tornou-se, nas últimas décadas, um polo de tecnologia de informação. Este avanço tecnológico vem repercutindo na economia e na sociedade indianas. A partir do texto, podemos afirmar que o setor de tecnologia de informação:

- I. gerou, com a produção de *software* e serviços, milhares de empregos qualificados, o que acentuou ainda mais as diferenças sociais.
- II. foi o setor que mais cresceu na economia, mas, como está orientado para a exportação, sua influência não atinge o dia a dia da maior parte dos indianos.
- III. criou uma nova classe social, empreendedora e de perfil global, num país em que ainda persiste a divisão em castas.
- IV. resultou dos incentivos governamentais na formação de um grande número de pesquisadores no exterior e que retornaram ao país.

Assinale:

- (a) se somente a afirmativa IV está correta.
- (b) se somente as afirmativas I e II estão corretas.
- (c) se somente as afirmativas II e III estão corretas.
- (d) se somente as afirmativas I e IV estão corretas.
- (e) se as afirmativas I, II, III e IV estão corretas.

10 UFF O território em destaque no mapa – a Caxemira – tem sido alvo de disputas políticas e ações militares, envolvendo estados nacionais na Ásia Ocidental.



Fonte: Atlas Geográfico – Mec 1983.

Assinale a opção que faz referência a uma causa desses confrontos.

- (a) O crescimento da religião budista na Caxemira potencializou um forte movimento que contesta o domínio hindu na região. Esse movimento recebe a solidariedade diplomática e a proteção do exército do Nepal.
- (b) A Caxemira, de maioria hindu e bengali, reclama sua autonomia diante do controle territorial exercido pelo Paquistão, reivindicação que recebe o apoio político e militar da Índia.
- (c) A presença de grandes jazidas de carvão e de petróleo são os elementos principais que estabelecem a disputa pelo controle territorial da Caxemira entre a Índia e a China.
- (d) Por tratar-se de uma região fronteiriça entre países com regimes políticos e religiões muito diferentes, a Caxemira tornou-se um palco permanente de tensões e confrontos entre o Paquistão e a China.
- (e) O controle da Caxemira, historicamente exercido pela Índia, é contestado pela maioria muçulmana. Por outro lado, o Paquistão, ao apoiar os grupos islâmicos separatistas, reivindica a sua anexação territorial.

11 Ufla Após a Independência da Índia (1947), a região passou a ser disputada por hindus e muçulmanos. A solução parecia ter sido encontrada com a formação de dois países: Índia, de maioria hindu, e Paquistão, de maioria muçulmana. Porém, a paz não veio; o conflito ressurgiu com muito mais violência. O alvo passou a ser então a Caxemira, região de maioria muçulmana sob domínio da Índia.

No pós-Guerra Fria, o conflito da Caxemira assume uma importância internacional. Assinale a alternativa que justifica a preocupação mundial acerca desse conflito em questão.

- (a) Mahatma Gandhi deixou à posteridade hindu um sentimento de ódio e rivalidade contra os muçulmanos.

- (b) A Índia, pelo seu potencial econômico, ameaça a hegemonia econômica dos EUA, Europa e Japão.
- (c) O Paquistão quer expandir os seus ideais socialistas na Caxemira.
- (d) O Paquistão pretende entregar a região aos talibans do Afeganistão.
- (e) A Índia e o Paquistão são duas potências nucleares com intensa rivalidade e altamente armadas.

12 PUC-MG O crescimento econômico global tem sido, em grande parte, sustentado pelo crescimento dos países “gigantes” do mundo: China – Índia. O rápido crescimento econômico desses países está produzindo os seguintes efeitos, exceto:

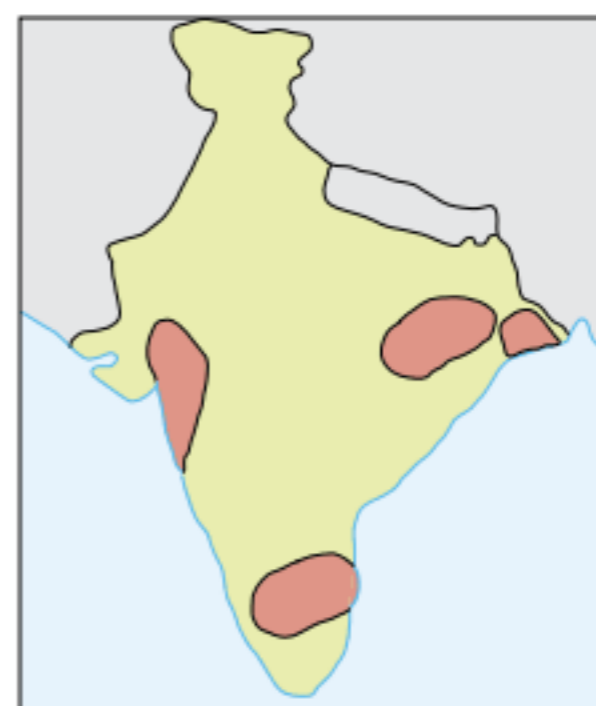
- (a) uma grande massa populacional está emergindo da chamada linha da pobreza e tornando-se novos consumidores.
- (b) as diferenças sociais têm sido reduzidas em ambos os países, em face à rapidez do crescimento e ao modelo econômico adotado.
- (c) essas gigantescas economias globais estão emergindo como um novo padrão de desenvolvimento, em que o tamanho das economias é proporcional às disparidades regionais internas.
- (d) o poderio econômico desses países poderá promover um rearranjo das zonas de influência de poder global.

13 Mackenzie A maior parte da sua população vive no meio rural e, embora existam grandes cidades, a urbanização é lenta. É um imenso mosaico étnico com estruturas sociais arcaicas. Possui o maior rebanho bovino do mundo, mas muito mal aproveitado. Entre as suas paisagens geográficas destaca-se o planalto do Decã.

O país a que se refere o texto é:

- (a) a Índia. (c) a China. (e) o Irã.
- (b) o Paquistão. (d) a Tailândia.

14 Mackenzie Assinale a alternativa que caracteriza as áreas assinaladas no mapa da Índia.



- (a) Maiores áreas rizicultoras da península.
- (b) Áreas de rarefação demográfica.
- (c) Regiões de policultura de subsistência.
- (d) Principais concentrações industriais do país.
- (e) Áreas de baixos níveis pluviométricos.

15 UFSM Nasceu uma criança especial na Índia. Não se sabe quem é nem em que cidade veio à luz, mas os cálculos indicam que ela, uma das 42 mil nascidas na quinta-feira, 11, fez os indianos chegarem à marca de 1 bilhão de pessoas.

Época, n. 104, 15 maio 2000.

Sobre esse país, assinale verdadeira (V) ou falsa (F) em cada uma das afirmativas a seguir.

- Apesar da ausência de uma política governamental de controle da natalidade, conseguiu reduzir significativamente o crescimento vegetativo devido à urbanização acelerada nos últimos anos.
- As planícies do Ganges e Bramaputra formam uma das áreas de maior densidade de população rural do planeta.
- Apresenta indicadores sociais deficientes, como reduzida expectativa de vida e elevada mortalidade infantil, formando, juntamente com Paquistão e Bangladesh, o maior bolsão de pobreza do mundo.
- Possui uma grande diversidade étnica, cultural e social, pois o sistema de castas, apesar de oficialmente extinto, continua a segregar classes através de privilégios, preconceitos e costumes.

A sequência correta é:

- (a) V – F – V – F.
- (b) V – F – F – F.
- (c) F – V – V – V.
- (d) F – V – F – V.
- (e) F – F – V – V.

16 FGV 2009

Província russa tem feriado para casais procriarem

O governador de uma das províncias da Rússia Ocidental instituiu a data de 12 de setembro para incentivar os casais a pensar em procriação em um dia livre do trabalho.

Disponível em: <www.noticias.uol.com.br>. Acesso em: 12 set. 2008.

Esse tipo de iniciativa evidencia:

- (a) a questão demográfica alarmante da Rússia, que apresenta uma taxa de natalidade muito baixa e registra atualmente um crescimento natural negativo.
- (b) a necessidade de o governo russo demonstrar a superioridade étnica dos eslavos frente a grupos étnicos minoritários, como os tchetchenos.
- (c) o esforço do Estado para associar o crescimento demográfico com o econômico, pois ambos ainda se ressentem do período de transição política.
- (d) a preocupação geopolítica russa com os grandes espaços vazios a serem povoados, principalmente nas áreas de fronteira com os outros países da CEI.
- (e) a nova política demográfica do governo russo, voltada para recuperar a posição que tinha até o final da década de 1980, de país populoso.

17 Unirio

Ruínas do império

“Transição” ao capitalismo na verdade é uma “grande depressão”.

Folha de S.Paulo, 19 set. 1999.

Um estudo realizado pela ONU mostra o declínio da ex-URSS. Dentre as razões para esta situação, podemos citar o(a):

- I. desmantelamento do aparato estatal que propiciou o aumento da contravenção e da economia informal.
- II. colapso do sistema de saúde e de educação que levou ao empobrecimento da população.
- III. liberalização imediata e indiscriminada dos preços que gerou uma economia hiperinflacionária.

É(São) verdadeira(s) a(s) afirmativa(s):

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) I e III, apenas.
- (d) II e III, apenas.
- (e) I, II e III.

18 PUC-RS Responda à questão com base nas afirmativas, que tratam das mudanças territoriais e culturais ocorridas no mundo após o fim da Guerra Fria.

- I. A União das Repúblicas Socialistas Soviéticas deixa de existir, dando lugar à Federação Russa, e é criada a Comunidade dos Estados Independentes.
- II. A República Báltica da Croácia é incorporada à Albânia.
- III. A incorporação da Letônia à Unidade Europeia ocorre concomitantemente com a queda do Muro de Berlim.
- IV. A divisão da Tchecoslováquia origina a República da Eslováquia e a República Tcheca.

Pela análise das afirmativas, conclui-se que somente estão corretas:

- (a) I e II.
- (b) I, II e III.
- (c) I e IV.
- (d) II, III e IV.
- (e) III e IV.

19 Fuvest Analisando as transformações ocorridas na ex-URSS, pode-se considerar que a Federação Russa:

- (a) atrai maciços investimentos estrangeiros devido ao seu elevado ritmo de crescimento econômico.
- (b) tem dificuldade em transferir a tecnologia desenvolvida no setor militar para a produção industrial do setor civil da economia.
- (c) ainda figura entre as cinco maiores potências econômicas do globo, em razão de sua moderna agricultura destinada à exportação.
- (d) completou o processo de privatização no país, porque suas empresas estatais eram rentáveis e competitivas no mercado.
- (e) conseguiu construir sua identidade nacional, com a saída das demais repúblicas que constituíam a URSS.

20 FGV Com o fim da Guerra Fria, os países que integravam o bloco socialista europeu voltaram-se à economia de mercado. Nessa transição econômica, a Federação Russa tem:

- (a) produzido o suficiente para atender às necessidades da população, graças à elevação do nível dos preços, antes determinados pelo Estado Soviético.
- (b) controlado com eficiência a inflação dos preços dos gêneros de primeira necessidade, mantendo um dos ideais básicos do socialismo: o bem-estar de toda a sociedade.
- (c) passado por privações, considerando-se que as novas regras de mercado significam a continuidade do apoio político aos países que antes constituíam o bloco, incluindo a ajuda financeira.

- (d) ampliado os privilégios da classe burocrata que, em troca, cuida da planificação necessária para o atendimento satisfatório das necessidades alimentares do povo soviético.
- (e) enfrentando uma forte competição entre as próprias ex-repúblicas, uma vez que o fim da planificação extinguiu mecanismos que integravam o conjunto da economia soviética.

21 FGV Comparada à russa, cada nacionalidade da Ásia central parece cada vez mais apegada às suas tradições, à sua língua, seja porque existe pouca migração, seja porque, por razões religiosas, os casamentos interétnicos são raros, seja porque a maioria da população não fala russo. [...] Como a população dessas repúblicas muçulmanas aumenta rapidamente e não emigra para outras regiões mais industrializadas, não é improvável que elas venham a reivindicar mudanças políticas que tornem possível um desenvolvimento mais eficaz e a própria direção de seus negócios.

Enfim, coloca-se o problema do Islã nas repúblicas vizinhas do Irã e do Afeganistão, que estão em plena efervescência política e religiosa.

Traduzido de P. Carriere. In: *Geographie: classes terminales*. Paris: Fernand Nathan, 1983, p. 74.

Redigido na década de 1980, o texto já aponta vários aspectos importantes no atual quadro político interno e externo das seguintes ex-repúblicas soviéticas:

- (a) Lituânia, Letônia e Estônia.
- (b) Ucrânia e Belarus.
- (c) Turcomenistão, Tadjiquistão e Uzbequistão.
- (d) Cazaquistão e Mongólia.
- (e) Geórgia, Armênia e Azerbaijão.

22 Uerj Leia o quadro e o texto.

1991	russos (em mil)	% da população
Azerbaijão	289	4,1
Armênia	37	1,1
Belarus	1.377	13,5
Geórgia	318	5,9
Cazaquistão	6.244	37,3
Quirguistão	905	20,6
Moldova	560	12,8
Tadjiquistão	349	6,5
Turcomenistão	328	8,8
Uzbequistão	1.589	7,7
Ucrânia	11.481	22,2

FONTE: THE ECONOMIST, DEZ. 1994.

C. Vicentino. *Rússia antes e depois da URSS*. São Paulo: Scipione, 1995.

Um elemento que contribui para a difusão do nacionalismo entre as minorias é o colapso das instituições do Estado. O fracasso em preencher necessidades básicas das pessoas e a inexistência de estruturas alternativas satisfatórias são fatores-chave para a compreensão da inesperada proliferação de movimentos nacionalistas na antiga União Soviética, onde novas estruturas de Estado estão em processo de estabelecimento, mas ainda não podem prover a segurança e o bem-estar de seus componentes.

M. Guibernau. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. (Adapt.).

Muitos dos problemas políticos vividos hoje nas ex-repúblicas soviéticas decorrem da política de expansão das populações. A consequência política que pode ser identificada é:

- (a) oposição ao regime socialista russo.
- (b) separatismo frente ao regime de Moscou.
- (c) ressentimento contra as minorias russas.
- (d) conflito entre as etnias majoritárias soviéticas.

23 Mackenzie

- I. Na região de Donbass (Ucrânia), a presença de jazidas de carvão e ferro favoreceram o desenvolvimento da indústria siderúrgica.
- II. Na região de São Petersburgo (ex-Leningrado), a proximidade da taiga siberiana possibilitou o desenvolvimento da indústria de papel e celulose.
- III. Na região do Volga-Ural, concentram-se as indústrias pesadas.

Dentre as afirmações citadas, anteriormente, relativas à industrialização da CEI:

- (a) somente I e II estão corretas.
- (b) somente II e III estão corretas.
- (c) somente I e III estão corretas.
- (d) todas estão corretas.
- (e) nenhuma está correta.

24 Puccamp Considere o mapa com os limites e as ex-repúblicas da parte europeia, da antiga União Soviética.



Com a desintegração da União Soviética, no final de 1991, muitas das repúblicas, que a constituíam, associaram-se à Comunidade de Estados Independentes – CEI, exceto as assinaladas no mapa, com os números:

- (a) 1, 2 e 3.
- (b) 1, 3 e 5.
- (c) 2, 4 e 6.
- (d) 5, 7 e 9.
- (e) 6, 8 e 9.

25 UEL Depois de um período inicialmente conturbado, as antigas repúblicas da ex-União Soviética formaram um bloco denominado Comunidade dos Estados Independentes. Essa nova composição do espaço estratégico ex-soviético tende a:

- (a) dar início a outro período da Guerra Fria, opondo esta Comunidade ao Bloco da União Europeia.
- (b) se reagrupar em torno da Rússia, que ainda mantém a liderança econômica e geopolítica sobre a região.
- (c) excluir a Rússia uma vez que este país, mergulhado em crises econômicas, deixou de exercer a tradicional liderança.
- (d) excluir a Rússia, pois com os atuais conflitos étnicos enfrentados pelas antigas repúblicas não é mais possível qualquer associação com aquele país.
- (e) se isolar do restante da Europa, para preservar a identidade étnica e impedir a penetração de capitais transnacionais nas economias ainda em crise.

26 UFMG Em relação à Comunidade de Estados Independentes (CEI), assinale a afirmativa incorreta.

- (a) A CEI, criada com a finalidade de resolver as questões de fronteiras do antigo bloco soviético, transformou-se ao longo do tempo e é hoje um organismo de integração econômica do tipo mercado comum.
- (b) Apenas três das antigas repúblicas soviéticas, as localizadas na região do Mar Báltico, recusaram-se a participar da Comunidade de Estados Independentes.
- (c) As desigualdades existentes entre os participantes da CEI são grandes, tanto no que diz respeito à renda *per capita* quanto ao nível de industrialização e valor do Produto Nacional Bruto (PNB).
- (d) Muitos dos países integrantes da CEI vêm enfrentando problemas econômicos graves, como o elevado déficit da balança comercial e o crescimento negativo ou quase nulo da produção.

27 PUC-MG Leia atentamente o texto a seguir.

Antes da desintegração da União Soviética havia uma república autônoma, a da Chechênia-Ingústia, que reunia dois povos que lhe davam nome. Quando a União Soviética não mais existia, a Chechênia se recusou a assinar o Tratado de adesão à Federação Russa e proclamou a independência, o que não foi reconhecido pelo governo de Moscou. Em dezembro de 1994 iniciou-se a intervenção militar russa na Chechênia.

Nelson Bacic Olic. *Conflitos no mundo: questões e visões geopolíticas*. São Paulo: Moderna, 2000. (Adapt.).

Assinale a opção que melhor explica os interesses russos pela região da Chechênia.

- (a) Áreas de produção e transporte de petróleo e gás das importantes jazidas da região; posição geográfica estratégica entre o "mundo-russo" e o Oriente Médio; implicações geopolíticas da religião islâmica.
- (b) Produção de haxixe e ópio para o mercado consumidor da Rússia; atuação da máfia chechena na capital Moscou; proteção à maioria russa na região.
- (c) Posição estratégica privilegiada (entre o Mar Negro, Cáspio e o Oriente Médio); importantes usinas nucleares e bases militares na região.

- (d) Jazidas de petróleo e gás natural; atuação de grupos terroristas chechenos que, tendo na religião ortodoxa ponto de união, desafiam o poder de Moscou.

28 UFU Considere a figura a seguir.



J.E. Barela. "O massacre dos inocentes". Veja. São Paulo, ed. 1837, n. 36, 8 set. 2004, p. 112. (Adapt.).

A região ilustrada na figura apresentada trata-se:

- (a) dos Urais, onde ocorrem conflitos entre russos ocidentais pelo retorno do sistema socialista à Rússia.
- (b) da Sibéria, onde se localizam as principais áreas produtoras de minério de ferro e carvão que alimentam o complexo siderúrgico russo.
- (c) da Mesopotâmia, onde as tropas estadunidenses enfrentam a resistência dos rebeldes iraquianos, desde a deposição de Sadam Hussein.
- (d) do Cáucaso, onde atualmente ocorrem conflitos relacionados à oposição de grupos nacionalistas islâmicos ao domínio russo da região.

29 FGV O choque entre civilizações está substituindo a Guerra Fria como fenômeno central da política global.

Samuel Huntington, 1994.

A alternativa mais adequada ao texto corresponde às tensões entre:

- (a) judeus da Federação Russa e muçulmanos da Chechênia, pelo domínio da região autônoma judaica, no Cáucaso.
- (b) bósnios e croatas muçulmanos, que não aceitaram se submeter aos eslovenos após a desagregação da Iugoslávia.
- (c) eslovenos e tchecos, que travaram lutas sangrentas pela dissolução da Tchecoslováquia, após a queda da URSS.
- (d) hutus e somalis, grupos étnicos religiosos que se enfrentam em guerra civil na Somália, causando milhares de mortos e refugiados.
- (e) maioria hindu e minoria muçulmana na Índia, país que também está em conflito com o Paquistão, pela posse de Caxemira.

30 Mackenzie Assinale a alternativa incorreta sobre a região do Cáucaso.

- (a) O extremismo islâmico é responsável por movimentos separatistas, como os ocorridos na Chechênia.
- (b) A região tem grande importância para a Rússia devido à produção de petróleo.

- (c) Trata-se da principal área produtora de cereais da Rússia.
- (d) Anteriormente integrante da ex-URSS, é atualmente dividida em países independentes e áreas vinculadas à Rússia.
- (e) Marcada por rivalidades étnicas e religiosas, é uma das regiões mais conturbadas do mundo.

31 Puccamp Considere os itens a seguir sobre o movimento separatista do Daguestão.

- I. República da Federação Russa, com subsolo rico em petróleo.
- II. Localiza-se na região do Cáucaso, que tem nove grandes grupos étnicos e 70 etnias menores. A maioria da população é muçulmana.
- III. Nesta região do Cáucaso, tem-se ainda a Chechênia e países independentes como a Geórgia.
- IV. Região de maior concentração de usinas nucleares da Rússia.

Sobre essa região, que apareceu no noticiário devido às lutas sangrentas ocorridas ultimamente, pode-se considerar corretas somente:

- (a) II e III.
- (b) II e IV.
- (c) I, II e III.
- (d) I, III e IV.
- (e) II, III e IV.

32 UFG 2008 A China é o país mais populoso do mundo, tem a terceira maior área de extensão territorial e destaca-se devido ao seu acelerado crescimento econômico, fato que renova a disputa pelo poder entre as grandes potências mundiais. O papel geopolítico da China atualmente é o de:

- (a) substituir a Rússia na luta pela hegemonia política no pós-Guerra Fria.
- (b) retomar a disputa nuclear enfrentando a força da Coreia do Norte.
- (c) estabelecer apoio às organizações socialistas em Cuba e na América Latina.
- (d) disputar com os EUA a liderança pelo controle dos mercados mundiais.
- (e) competir com o Japão pelo domínio geopolítico do Leste Asiático.

33 UFRJ

Pudong

A pérola cultivada das finanças globais



ZHANG ZHANG/WIKIPEDIA

Na Zona Econômica Especial (ZEE) de Pudong, que ocupa 500 km² na costa chinesa, está sendo construído o maior centro financeiro, industrial e comercial do Extremo Oriente. Antes do fim do ano, cerca de cem entidades financeiras da Europa e dos Estados Unidos se somarão as 200 que já operam na ZEE, considerada uma das maiores captadoras de investimentos na Ásia. Apresente uma vantagem oferecida pelo Estado chinês para atrair capitais transnacionais para Pudong.

34 Mackenzie Atualmente, o território chinês exibe três conjuntos regionais distintos: a China Oriental, ou marítima; a China central, ou interior, e a China periférica.

D. Magnoli. *O Mundo Contemporâneo*.

Sobre a regionalização da China, considere as afirmações.

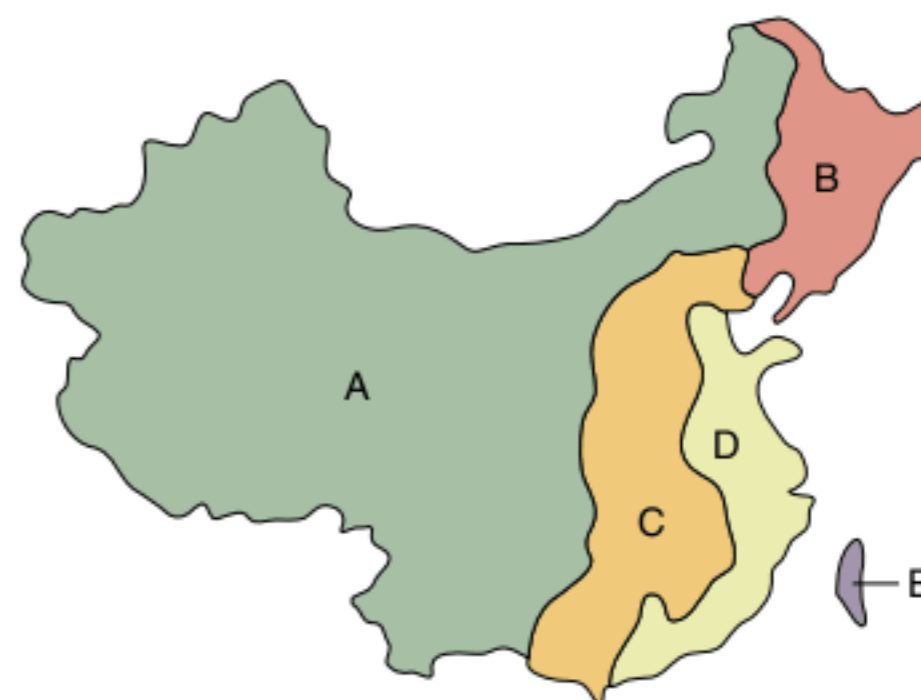
- I. A China oriental é habitada pela etnia majoritária no país, é industrializada e fortemente urbanizada.
- II. Na China central, identificam-se os grandes cinturões agrícolas, que acompanham os vales dos rios, especialmente o Hoang-Ho, a chamada “China do Trigo” e o lang-Tsé, a “China do Arroz”.
- III. A China periférica inclui os territórios recentemente incorporados, como Macau e Hong Kong, ainda não integrados completamente aos sistemas econômico e político vigentes.

Assinale:

- (a) se apenas I e II forem verdadeiras.
- (b) se apenas I e III forem verdadeiras.
- (c) se apenas I for verdadeira.
- (d) se apenas II for verdadeira.
- (e) se I, II e III forem verdadeiras.

35 Mackenzie

China – Divisão Regional



Observe o mapa e considere as afirmações a seguir, sobre a estrutura territorial da China.

- I. A região B dispõe de imensas reservas de carvão e minério de ferro, abrigando um grande conjunto de indústrias estatais, de bens de produção.
- II. A região D apresenta uma grande concentração de zonas econômicas especiais, que funcionam como verdadeiros enclaves econômicos.
- III. A região C apresenta uma economia voltada para as atividades primárias e se utiliza de técnicas arcaicas de cultivo.

- IV. A região A mantém sua tradição agrária com a instalação de grandes cinturões agrícolas, além de se comportar como reservatório de mão de obra para os centros urbanos.
- V. A região E é considerada uma província rebelde, criada em 1950, quando da ocorrência da diáspora provocada pela revolução Chinesa de Mao Tsé-Tung.

São corretas:

- (a) apenas I, II e III. (d) apenas II, IV e V.
 (b) apenas I, II e V. (e) I, II, III, IV e V.
 (c) apenas I, III e V.

36 PUC-PR A China, ou melhor, a “nova” China, possui uma superfície superior a 9,5 milhões de km² e uma população que já supera 1,2 bilhão de habitantes. Se de um lado sua população cresce em torno de 1% ao ano, sua economia bate recordes e seu PIB já atingiu a cifra de US\$ 1 trilhão.

A respeito do “Império do Centro”, assinale a alternativa incorreta.

- (a) A China se firma cada vez mais como parceira comercial do Brasil (soja, aço, minério de ferro), assim como em cooperação técnico-científica (satélites artificiais).
- (b) A abertura econômica chinesa, embora tenha acirrado as tensões políticas no interior do PCC (Partido Comunista Chinês), está se dando de forma segura, de modo a não repetir o insucesso da antiga URSS.
- (c) As Zonas Econômicas Especiais, como é o caso de Hong Kong, foram criadas e instaladas junto ao litoral para abrigar investimentos externos, no contexto de uma “economia socialista de mercado”, sem contudo “contaminar” o socialismo nas províncias do interior.
- (d) A reintegração de Hong Kong, Macau e Taiwan significou o coroamento do movimento de unificação nacional e de libertação da exploração imperialista, perseguido desde 1949 por Mao Tsé-Tung e encerrado em 1997 por Deng Xiaoping.
- (e) Apesar dos números favoráveis de sua economia, a China ainda convive com uma série de dificuldades sociais (desemprego, êxodo rural) e políticas (desigualdades regionais) que poderão, no futuro, significar sérias dificuldades para o governo.

37 Uerj

Crescimento econômico e desigualdade social

A economia chinesa vai muito bem. As fortunas crescem em vários setores e há muita gente com acesso a bens antes só possíveis em sonho. O socialismo à chinesa, porém, trouxe os ônus do capitalismo: a elevação da miséria, o desemprego crônico e a desigualdade social.

Dados do próprio governo dão a perspectiva deste drama. Até 2007, o número de chineses vivendo na miséria nos grandes centros urbanos deverá passar de 15 milhões para 37 milhões – aumento de 150%. Tal tendência já é realidade em Xangai, onde se veem, lado a lado, favelas de concreto e centros comerciais luxuosos.

Jornal da Tarde, 10 nov. 2002.

As desigualdades socioeconômicas chinesas se expressam espacialmente nas diferenças evidenciadas entre:

- (a) norte industrial, urbanizado e moderno – sul, agrícola e arcaico.
- (b) nordeste, área prioritária dos investimentos externos – sudeste industrializado.
- (c) oeste em acelerada expansão econômica – leste, à margem do crescimento econômico.
- (d) porção oriental enriquecida – porção ocidental, pouco alcançada pela prosperidade econômica.

38 UFMG A aceleração do crescimento econômico da China, nos últimos anos, reflete-se na economia mundial por razões diversas.

Considerando-se essa afirmação, é incorreto afirmar que tal aceleração:

- (a) é autônoma em relação ao capital internacional, pois estabelece um sistema financeiro paralelo, que vem se firmando como modelo para as economias regionais.
- (b) interfere na balança comercial de países emergentes, uma vez que reduz a taxa de exportações desse grupo para os países mais industrializados.
- (c) provoca aumento da demanda de matérias-primas e de produtos agrícolas no mercado internacional, afetando os preços praticados nesses itens.
- (d) resulta em um consumo maior de petróleo, o que contribui para a alta do preço da energia e, conseqüentemente, para a elevação dos custos de produção nos processos industriais.

39 UFRGS A China vem expandindo sua economia e ampliando suas relações para além de suas fronteiras. Há poucos anos, ela ingressou na Organização Mundial do Comércio (OMC), submetendo-se às regras do comércio internacional.

Assinale a alternativa correta em relação a essa temática.

- (a) A partir do processo de abertura econômica, a maioria da população chinesa passou a viver em áreas urbanas e a possuir renda *per capita* semelhante à de vários países desenvolvidos.
- (b) Entre os principais produtos brasileiros exportados à China, destacam-se aparelhos de ótica e precisão e componentes eletrônicos.
- (c) A parceria sino-brasileira ampliou-se quando foi acertado um dos mais importantes projetos na área técnico-científica entre os dois países: o desenvolvimento de satélites de rastreamento de recursos naturais.
- (d) O crescimento econômico chinês obtido nos últimos anos coincidiu com a abertura política, já que aumentou o número de partidos políticos e o país se tornou uma república democrática.
- (e) Apesar de a China ser uma das dez maiores economias do planeta, seu Produto Interno Bruto (PIB) depende quase que exclusivamente do setor primário.

40 FGV A China vem realizando um desenvolvimento econômico extraordinário, com taxas de crescimento anual entre 7 e 10% ao ano. Mantido esse ritmo, a China irá quadruplicar sua economia até 2020 e, certamente, será um dos principais polos da economia global.



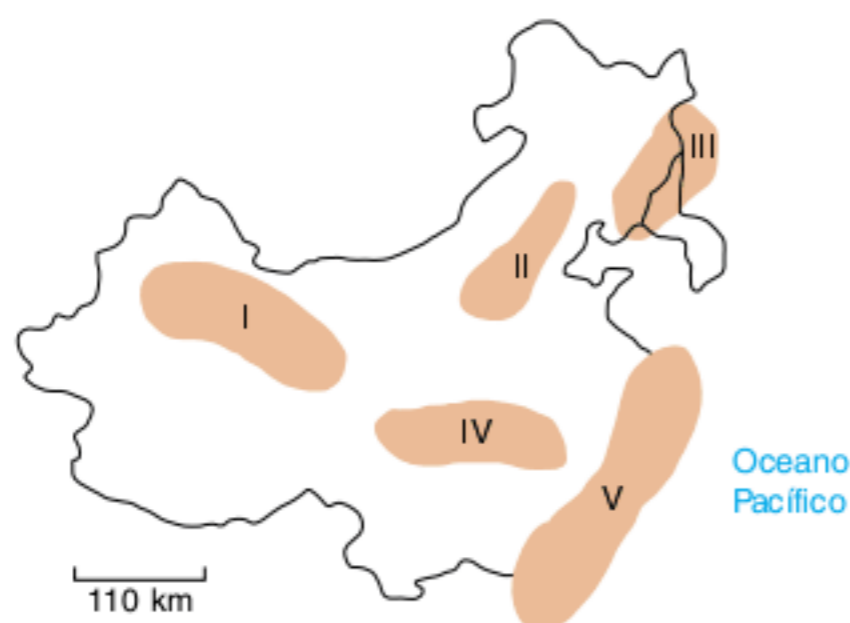
A partir da afirmativa e do mapa:

- apresente dois fatores responsáveis por esse crescimento.
- indique duas características espaciais desse crescimento.

41 Uerj Em razão de seu destaque em termos de crescimento econômico nas últimas décadas, cogita-se a possibilidade de a China se tornar uma nova potência mundial, vindo a ocupar a atual posição dos Estados Unidos. Contudo, esse crescimento agravou desigualdades e problemas que podem dificultar a trajetória do gigante asiático.

Identifique duas importantes desigualdades espaciais na distribuição da riqueza na China e dois problemas ambientais, em escala nacional, que precisam ser resolvidos para que não se comprometa o seu futuro desempenho.

42 Fatec A China, no seu processo de desenvolvimento econômico, apresenta áreas onde o investimento estrangeiro é bastante significativo. Temos as Zonas Econômicas Especiais, nas quais a economia de mercado pode se desenvolver de maneira plena. Considerando o mapa a seguir, localize onde esse fenômeno ocorre.



- I.
- II.
- III.
- IV.
- V.

43 FGV A ascensão da China como superpotência comercial, após sua filiação à Organização Mundial do Comércio (OMC), já está provocando ondas na América Latina.

Financial Times, 26 set. 2003. (Adapt.).

A esse respeito, está correta a seguinte afirmação.

- O acesso ao mercado mundial tem permitido aos fabricantes chineses difundirem seus produtos, apesar de perderem para seus concorrentes latinos em setores como brinquedos, têxteis e *commodities*.
- Ao mesmo tempo em que os fabricantes chineses derrubam seus concorrentes latinos em setores como calçados, brinquedos e têxteis, aumenta significativamente a demanda chinesa por minério de ferro, cobre e soja da América Latina, elevando os seus preços.
- A demanda aparentemente insaciável de Pequim por trigo, soja e minério de ferro, importados dos países ricos do norte, tem provocado a elevação contínua dos preços desses produtos, prejudicando a pauta de importação latino-americana.
- A inserção da China no comércio latino-americano está contribuindo para as ondas de crescimento econômico positivo verificadas em países que diversificaram sua base de exportação, a exemplo do México.
- As ondas mencionadas no texto referem-se aos recuos das exportações de países como a Argentina e o Brasil que estão perdendo, para os chineses, algumas das empresas mais eficientes do mundo em mineração e *agribusiness*.

44 PUC-Rio Em quase vinte anos, o império gigantesco multiplicou em quatro vezes seu desempenho econômico, com uma mistura de liberalização interna e controle estatal de investimentos. Tudo isso aconteceu sob um estrito isolamento em relação aos mercados financeiros globais e com pesados impostos para investidores estrangeiros. Apesar disso, os chineses do exterior e as empresas dos Estados Unidos, do Japão e da Europa investiram mais de 360 bilhões de dólares em centros produtivos da China.

G. Grefe; M. Greffrath; H. Schumann. In: *Attac: o que querem os críticos da globalização*.

Há hoje um enorme receio com relação ao papel da China no mercado internacional de produção e trabalho. Países e regiões inteiras se sentem ameaçados. Sobre os receios existentes em relação à China, analise as afirmativas a seguir.

- O desenvolvimento e o *design* dos produtos se realizam na Europa, mas a produção e os empregos migram para a China.
- As nações industrializadas perderão mais vagas de trabalho na produção do que ganharão com os pedidos da China.
- Os países em desenvolvimento, que constroem seu futuro com base em força de trabalho barata, não têm mercado e infraestrutura para competir com a China.

Assinale a alternativa correta.

- Somente a afirmativa II está correta.
- Somente as afirmativas I e II estão corretas.
- Somente as afirmativas II e III estão corretas.
- Somente as afirmativas I e III estão corretas.
- As afirmativas I, II e III estão corretas.

45 PUC-MG Na China, apesar de os dirigentes darem relevância à manutenção da estabilidade social e política, muitos setores estão esquecidos pelo “milagre econômico”. Assinale a afirmativa incorreta.

- (a) A habitação, emprego, saúde, justiça social e a corrupção existem, indicando problemas sociais, apesar do rápido crescimento econômico.
- (b) A grande preocupação dos políticos com o meio ambiente impede o desenvolvimento de atividades econômicas mais importantes, o que explica o baixo número de registros de problemas.
- (c) As cidades apresentam taxas de crescimento econômico elevado, e o campo não cresce na mesma velocidade, gerando pressões demográficas emigratórias no meio rural.
- (d) As regiões costeiras do leste recebem maior investimento que as centrais e do oeste, inclusive nas zonas urbanas, gerando desequilíbrios regionais.

46 Ufpel Observe o mapa a seguir.



Durante as duas últimas décadas, o espetacular crescimento econômico da China vem traçando uma linha ascendente parecida com a de um foguete; mas seis em cada dez chineses não estão a bordo do expresso do futuro; longe das metrópoles, às margens do Pacífico, a pobreza domina a planície aluvial, as cadeias de montanhas e além delas, o Gobi, deserto maior e mais quente a cada virada de estação climática.

Veja, 9 ago. 2006. (Adapt.).

Com base nas informações anteriores e em seus conhecimentos, analise as afirmativas a seguir sobre a estrutura territorial da China.

- I. A região (A), de Xinjiang-Uigur, Tibet e Mongólia Interior, é a mais povoada do país, com tradição agrária, grandes cinturões agrícolas e reservatório de mão de obra para os centros urbanos.
- II. A região (B), de posição setentrional e de menores altitudes, apresenta uma economia voltada para as atividades primárias e utiliza técnicas ultramodernas de cultivo.
- III. A região (C) se destaca pela existência de grandes cidades, como Xangai, e muitas das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), que funcionam como verdadeiros enclaves econômicos internacionalizados.
- IV. A região (D), da Manchúria, dispõe de imensas reservas de carvão e minério de ferro, abrigando um grande conjunto de indústrias estatais de bens de produção.
- V. A região (E), onde se localiza Taiwan, é considerada uma província rebelde desde a diáspora provocada pela Revolução Chinesa de Mao-Tsé-Tung.

Estão corretas apenas:

- (a) I, II e III.
- (b) II, III e IV.
- (c) III, IV e V.
- (d) I, IV e V.
- (e) I, III e V.

TEXTO COMPLEMENTAR

“Consenso de Pequim” brilha na crise e desperta temores

O enfraquecimento do presidente americano Barack Obama em apenas um ano de governo e as dificuldades de europeus, americanos e japoneses de reagir à crise econômica têm reforçado uma pergunta que deixa perplexos países ricos e em desenvolvimento: será que o modelo chinês é melhor?

O regime autoritário da China rapidamente lançou um pacote de estímulo que evitou a explosão do desemprego e fez que o PIB do país crescesse 8,7% em 2009, enquanto boa parte do mundo se arrastou. Em 30 anos, a renda *per capita* cresceu 12 vezes, e o PIB 10% ao ano em média.

O modelo chinês foi apelidado de “Consenso de Pequim”, marca cada vez mais usada em contraponto ao neoliberal “Consenso de Washington”, que pregava um receituário de livre mercado no início dos anos 90, em um sistema que se encontra em crise.

O jornalista e escritor americano Thomas Friedman o descreve como um híbrido de capitalismo comunista-confuciano sob um

partido único, com bastante interferência estatal, mercados de capital controlados e um processo de tomada de decisões autoritário que “é capaz de tomar decisões difíceis e de longo prazo, sem ter que dar atenção diária às pesquisas de opinião pública”.

Ele acrescenta que “os princípios de abertura econômica e comercial são mais bem praticados pelos chineses do que pelos americanos” e que “analistas já começam a se preocupar com a instabilidade política” de Washington.

Modelo próprio

O termo “Consenso de Pequim” foi criado em 2004 pelo consultor americano Joshua Cooper Ramo, diretor-gerente da consultoria do ex-secretário de Estado dos EUA Henry Kissinger. Ramo descreve o sucesso do modelo em três princípios: compromisso com inovação e experimentação; busca de melhorias na qualidade

de vida com “gerenciamento do caos” e independentemente da renda per capita; autodeterminação e soberania.

Segundo Ramo, o Consenso de Washington era um bom “manual de atração de investimentos feito por e para banqueiros”, enquanto o de Pequim não ignora a geopolítica e quer “melhorar a sociedade”. Implica respostas rápidas a novos problemas, vários laboratórios de políticas em regiões diferentes do país e combina interferência com “laissez-faire”.

O consultor admite que, dado o tamanho da China, com 1,4 bilhão de habitantes, seu modelo é único e dificilmente replicável.

Aponta, porém, que outros países em desenvolvimento podem ser inspirados “a tentar seus próprios caminhos de desenvolvimento, sem soluções uniformes para problemas diferentes”.

O ensaio de Ramo, com 60 páginas, foi desacreditado à época da publicação. O autor estava longe de ser um especialista em China, e seu escritório tem diversos interesses econômicos no país. Agora, o termo já não pertence mais a ele – e virou sinônimo de capitalismo autoritário de resultados.

Raul Juste Lopes. *Folha de S.Paulo*. 7 fev. 2010. Caderno Mundo.

Laissez-faire

Expressão-símbolo do liberalismo econômico. Segundo ela, o mercado deve funcionar livremente, sem interferência.

RESUMINDO

Neste capítulo, estudamos três dos países emergentes que mais se destacam na atualidade: Índia, Rússia e China. Os três possuem características comuns e também muitas especificidades.

No caso da Índia, que já havia sido estudada em parte com o Paquistão, temos um país multiétnico que se formou a partir do desmonte do Império Colonial Inglês. A partilha acabou gerando alguns problemas internos, já que a maioria hindu nem sempre permite que as diversas minorias se expressem, mesmo em uma democracia.

O principal problema nesse sentido é o separatismo no Punjab, habitado pelos *sikhs*, etnicamente e religiosamente diferentes da maioria hindu. Esse separatismo, diversas vezes, se transformou em conflito armado. Nos últimos anos, esse conflito perdeu um pouco de sua intensidade, mas ainda é uma questão relevante.

Em termos políticos e ideológicos, há o problema da guerrilha maoísta chamada naxalita. Esse grupo armado busca tomar o poder por meio de uma revolução. Apoiam-se na população rural empobrecida.

Quanto à Rússia, analisamos o impacto do colapso da URSS sobre a economia e sobre a política. Após uma década de crise (anos 1990), o governo de Vladimir Putin conseguiu reconstruir a economia com base nos lucros da venda de gás e petróleo, principalmente para a Europa. Apesar dos grandes lucros, a dependência russa em relação à exportação energética também é uma fraqueza, já que uma crise nos mercados consumidores pode afetar diretamente a economia russa.

Em termos de conflitos internos, vimos que a Rússia também é um país multiétnico e que nem todas as etnias não russas conseguiram sua independência quando a URSS se fragmentou. Destacam-se nesse contexto os conflitos da região do Cáucaso, uma região importante para o transporte de gás e petróleo, mas habitada por povos não russos de religião islâmica.

No caso chinês, analisamos brevemente a história da revolução comunista no país, que levou ao surgimento do atual governo. Na década de 1970, Xiaoping introduziu diversas reformas que permitiram o crescimento econômico acelerado que vemos até hoje. A principal medida foi a criação das Zonas Econômicas Especiais, regiões capitalistas onde multinacionais e empresas privadas chinesas se instalaram para produzir, se aproveitando da mão de obra barata e muito numerosa.

A China apresenta também alguns conflitos internos semelhantes aos vistos em outros países. Tibet e Xinjiang são regiões estratégicas (água e petróleo, respectivamente) que têm povos diferentes da etnia han, majoritária, e sofrem repressão devido ao seu separatismo.

Devemos lembrar que, nos três casos, o governo central tem diversas razões para reprimir os separatistas. Além de questões geopolíticas e estratégicas, há uma questão também importante: permitir a separação de um povo pode levar a outros movimentos separatistas.

■ QUER SABER MAIS?



SITES

- China Today.
<www.chinatoday.com>.
- Índia.
<www.india.gov.in>.
- Rússia.
<port.pravda.ru>.



FILMES

- *Arca russa*. Direção de Aleksander Sokurov. Rússia, 2002. 97 minutos.
- *Plataforma*. Direção de Jia Zhang-Ke. China/Japão/França/Hong kong. 154 minutos.

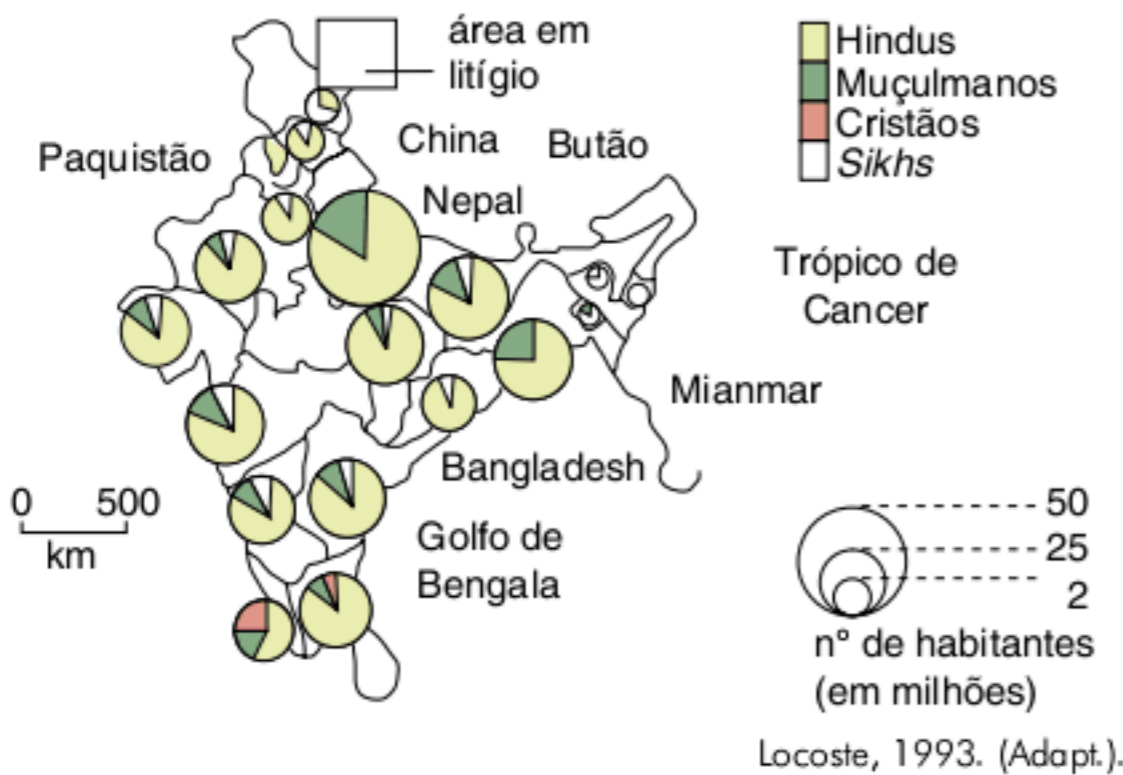


LIVROS

- Patricia Mello Campos. *Índia: da miséria à potência*. São Paulo: Planeta, 2008.
- Frederico Rampini. *China e Índia: As duas grandes potências emergentes*. Lisboa: Presença Editorial, 2007.

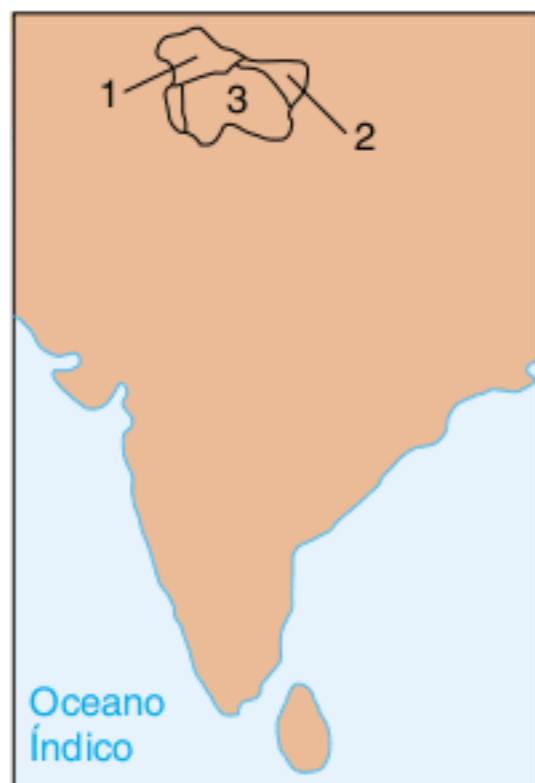
Exercícios complementares

1 Fuvest Com base no mapa a seguir, analise:



- a diversidade religiosa da população da Índia.
- as implicações políticas da distribuição dos grupos religiosos no país.

2 FGV



Magnoli; Arbex Jr.; Olic. *Panorama do Mundo*. Scipione, 1997. (Adapt.).

A área destacada, controlada por 3 nações, tem estado em evidência pelas disputas de origem externa. Trata-se:

- de Caxemira. 3 está sob o controle do Paquistão.
- do Bangladesh. 2 está sob o controle da Índia.
- de Caxemira. 1 está sob o controle da China.
- do Bangladesh. 1 está sob o controle do Paquistão.
- de Caxemira. 3 está sob o controle da Índia.

3 UnB As novas ideias divulgadas pela *Glasnost* e pela *Perestroika* transformaram significativamente as relações entre países componentes do então bloco soviético e as relações internacionais no mundo atual. Acerca desses acontecimentos, julgue os itens a seguir.

- O grande desenvolvimento tecnológico da ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi um dos principais motivos das reformas que ocorreram no plano econômico com a *Perestroika*.

- A dinâmica das reformas políticas e econômicas do período Gorbachev na URSS favoreceu a reestruturação externa em busca de desarmamento.
- A economia de mercado que se instalou após a queda do bloco socialista provocou rápido desenvolvimento industrial, aumento do mercado de trabalho e melhoria nas condições de vida, principalmente da população russa.
- Uma conquista importante para as ex-repúblicas soviéticas que se tomaram independentes foi a eleição de seus presidentes pelo voto popular.

4 PUC-MG Considerando a Rússia na Nova Ordem Mundial, assinale a opção incorreta.

- Tem uma economia mais significativa que a dos países emergentes, igualando-se aos países centrais no setor industrial e tecnológico.
- Acumulou-se um extraordinário arsenal nuclear ao longo dos anos, capaz de destruir várias vezes a Terra.
- A crise russa gerou impacto nos mercados emergentes e redirecionou os interesses das finanças internacionais.
- Os reflexos da instabilidade econômica refletem-se nas bolsas de valores e geram turbulências em países centrais e periféricos.
- Passa por graves transformações políticas e seus programas governamentais têm dificuldade de atender às necessidades da nação.

5 Fuvest



Em setembro de 2004, a tomada de uma escola em Ossétia do Norte, na cidade de Beslan, por terroristas chechenos, e a violenta reação russa provocaram centenas de mortes e feridos além de uma grande indignação mundial. Explique o conflito da Chechênia, contextualizando geograficamente seu território (aspectos físicos e socioeconômicos).

6 FEI A desagregação da União Soviética levou ao ressurgimento de lutas nacionalistas dentro do território. A onda de atentados terroristas na Rússia no segundo semestre de 1999 reacendeu um conflito entre o país e um pequeno território que luta pela sua independência. Esse território, que vem sendo atacado sistematicamente pelo governo russo, é o(a):

- (a) Bósnia.
- (b) Chechênia.
- (c) Sérvia.
- (d) Kosovo.
- (e) Azerbaijão.

7 UFV Leia o texto a seguir.

[...] Vistos durante a Revolução Cultural (1966-1976) como o símbolo do colonialismo britânico e desperdício da escassa terra agricultável da China, os campos de golfe se espalharam rapidamente após 1984, data da abertura do primeiro clube depois da revolução de 1949.

A China tem hoje 176 campos de golfe [...]. A rápida proliferação dos campos levou o governo a suspender a construção de novos clubes, com o objetivo de preservar terra para a agricultura e poupar água. Os clubes atuais ocupam 37.000 hectares e há dezenas de outros em construção.

[...]

Até pouco tempo, os chineses eram minoria nos campos locais, mas a relação hoje se inverteu. A Associação de Jogadores de Golf da China estima em 24 mil o número de chineses entre os praticantes, 58% do total de jogadores no país.

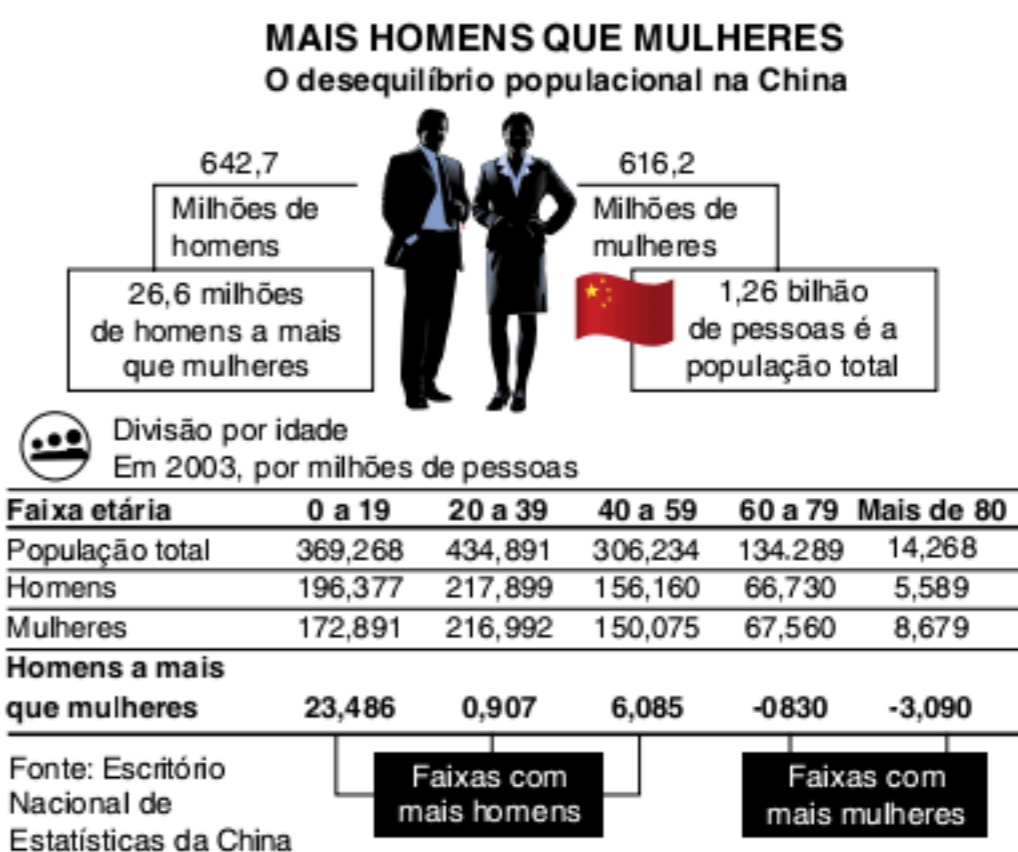
Cláudia Trevisan. "China teme 'latinização' da sociedade".
Folha de S.Paulo, 9 maio 2004, p. 21. Mundo.

O texto se refere às contradições do processo de modernização em curso na China. Entretanto, esse processo vem sendo elogiado por especialistas em mercado como exemplo de modernização bem-sucedida, devido às elevadas taxas de crescimento econômico sustentado por um longo período.

Das alternativas a seguir, assinale aquela que não apresenta contradições sociais, resultantes do processo de modernização acelerada da China.

- (a) Apresenta um crescimento econômico de cerca de 7% ao ano, porém 800 milhões de chineses vivem com menos de dois dólares por dia.
- (b) O crescimento dos últimos anos está relacionado à abertura econômica e sua posterior aceitação na Organização Mundial de Comércio.
- (c) É hoje um dos principais mercados de produtos de luxo do mundo, embora grande parte de sua população resida no campo.
- (d) O PIB *per capita* ultrapassou os 1.000 dólares, embora o salário médio seja de 134 dólares.
- (e) A sua economia atingiu 1,41 trilhão de dólares, no entanto ocupa o 104º lugar na classificação do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU.

8 UFRRJ Os dados a seguir demonstram as consequências da política demográfica adotada pela China nos últimos 30 anos.



Folha de S.Paulo, 13 jun. 2004.

Apresente os princípios básicos dessa política relacionando-a à situação retratada no quadro.

9 FGV Considere as afirmações abaixo.

- I. Possui tecnologia nuclear, mas ainda não produziu satélites artificiais.
- II. A produção de carvão é a maior do mundo, no entanto seu potencial hidroelétrico é bastante modesto.
- III. O arroz, o trigo e o milho ocupam a maior parte das terras destinadas à lavoura.
- IV. As Zonas Econômicas Especiais (ZEE) – cidades e regiões abertas ao investimento estrangeiro – localizam-se na costa do Pacífico.

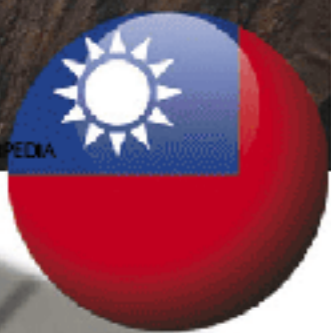
Correspondem à organização econômica chinesa as características expressas em:

- (a) I e II.
- (b) II e III.
- (c) III e IV.
- (d) I e III.
- (e) II e IV.

Japão, Tigres Asiáticos e Oceania



MATTHEW FIELD/WIKIPEDIA



DAVID KUFF/WIKIPEDIA



SHOUBI/WIKIPEDIA



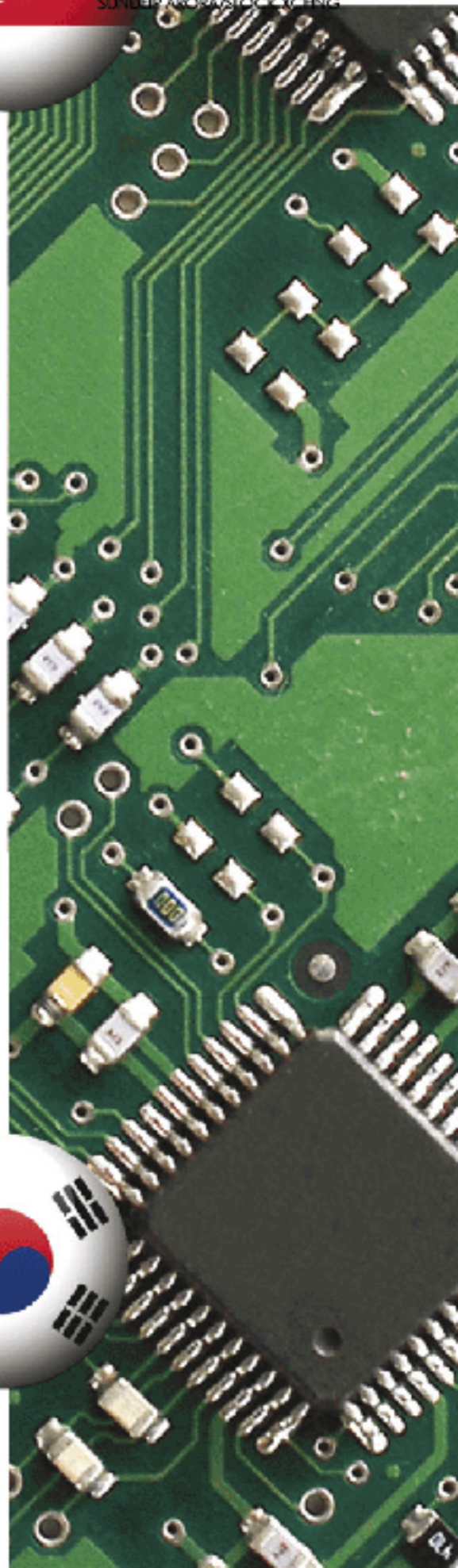
SUNDEEP ARORA/STOCK/GETTY IMAGES

Para muitos analistas da economia mundial, o centro do desenvolvimento tende a se transferir cada vez mais para o extremo oriente da Ásia. É comum encontramos na região países de cultura milenar, mas de modernização recente. Essa situação complexa vem produzindo intensos processos de industrialização e crescimento econômico. Neste capítulo, veremos, principalmente, o crescimento econômico japonês e dos Tigres Asiáticos. O Japão foi o primeiro grande sucesso econômico asiático da modernidade, industrializando-se no final do século XIX e passando por uma reconstrução após a derrota na Segunda Guerra Mundial. Até hoje, o país se mantém como a segunda maior economia do mundo.

Quanto aos Tigres Asiáticos, seu desenvolvimento foi posterior ao dos japoneses, iniciando-se principalmente a partir da década de 1960. Mesmo assim, até por sua ligação com o sucesso japonês, Hong Kong, Cingapura, Taiwan e Coreia do Sul conseguiram transformar rapidamente suas economias agrárias em modernas sociedades industriais.



FORGET/GETTY IMAGES



Japão: caracterização geral

O Japão é constituído por um conjunto de ilhas de origem vulcânica. A formação dessas ilhas se deve ao fato de o país localizar-se em uma margem continental ativa, ou seja, na zona de contato de três placas tectônicas: a da Ásia, a da América do Norte e a das Filipinas. A atividade tectônica da área foi responsável pela formação das ilhas, e continua atuante. Isso é facilmente verificado na constância dos abalos sísmicos (que podem chegar a mais de 1.000 sensíveis por ano) e dos vulcões ativos (cerca de oitenta).

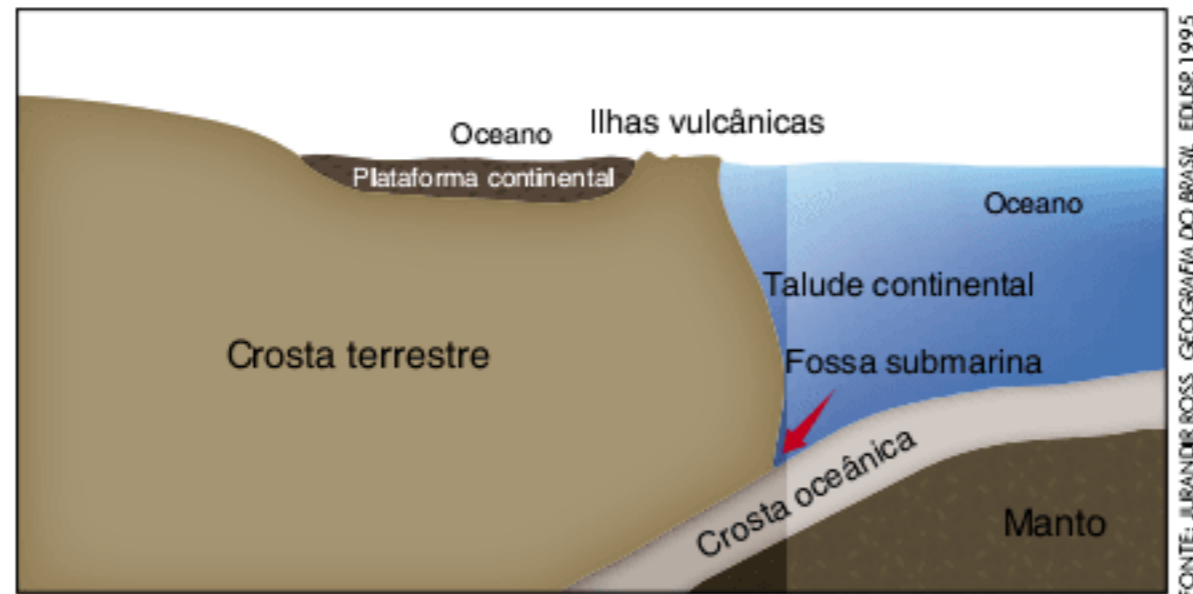


Fig. 1 Tipo de margem continental característica da região do Japão.

Apesar de ser composto de mais de 3 mil ilhas, o arquipélago japonês é identificado pelas quatro maiores: Honshu, Shikoku, Kyushu e Hokkaido. As regiões centrais das ilhas são bastante montanhosas e cobertas por vegetação preservada; desse modo, a população, cerca de 127 milhões de habitantes, passou a se concentrar nas planícies litorâneas. A área de maior concentração populacional é o Sul da ilha de Honshu, onde estão Tóquio, Yokohama, Osaka, Kobe e outras importantes cidades do país.



A formação geológica relativamente recente e de origem vulcânica não proporcionou ao país a existência de importantes reservas minerais, o que torna necessária a importação de matérias-primas e de combustíveis. Os terrenos vulcânicos, porém, proporcionaram

a formação de solos férteis, mesmo que em pequenas extensões, possibilitando um bom desenvolvimento agrícola ao país.

Em virtude do relevo montanhoso e do território pouco extenso, os rios japoneses costumam ser curtos, sem grande potencial para a produção de energia elétrica ou navegação. O desenvolvimento do setor naval japonês, tanto no que se refere à produção quanto ao dinamismo da frota, deve-se ao uso intenso das águas oceânicas para, entre outras coisas, transporte e pesca – esta última bastante desenvolvida no país.

Para suprir a necessidade de energia elétrica, os japoneses investiram na construção de muitas usinas term nucleares. Recentemente, há uma busca por formas alternativas de geração de eletricidade, como o aproveitamento da energia cinética das ondas do mar.

O clima japonês é subtropical ao sul e temperado ao norte, tornando-se mais frio nas regiões montanhosas. A vegetação se distribui de acordo com essas características climáticas, destacando-se duas formas de florestas: as de coníferas, encontradas nas regiões de clima mais frio, e as temperadas.

É interessante, ainda, destacar o fato de que o Japão está passando por uma transformação demográfica que traz grandes desafios ao país. Logo após a Segunda Guerra Mundial, o número de nascimentos foi bastante grande, o que elevou consideravelmente a população japonesa. No entanto, desde a década de 1970, a taxa de fecundidade sofreu forte queda, ficando em torno de 1,2 filho por mulher, o que significa declínio demográfico e envelhecimento populacional. Prevê-se que, por volta de 2050, a população diminua de aproximadamente 130 milhões para cerca de 100 milhões, resultando em uma forte escassez de mão de obra.

Para combater essa tendência, o governo japonês adotou duas estratégias principais: incentivo à imigração controlada e políticas de natalidade, que envolvem ajuda financeira para os pais criarem seus filhos e mais horas de folga para aqueles que se transformarem em chefes de famílias mais numerosas. Tais políticas, no entanto, foram seriamente abaladas pela crise financeira iniciada nos Estados Unidos em 2008. Muitos brasileiros de origem japonesa que estavam no Japão optaram por voltar ao Brasil devido ao desemprego.

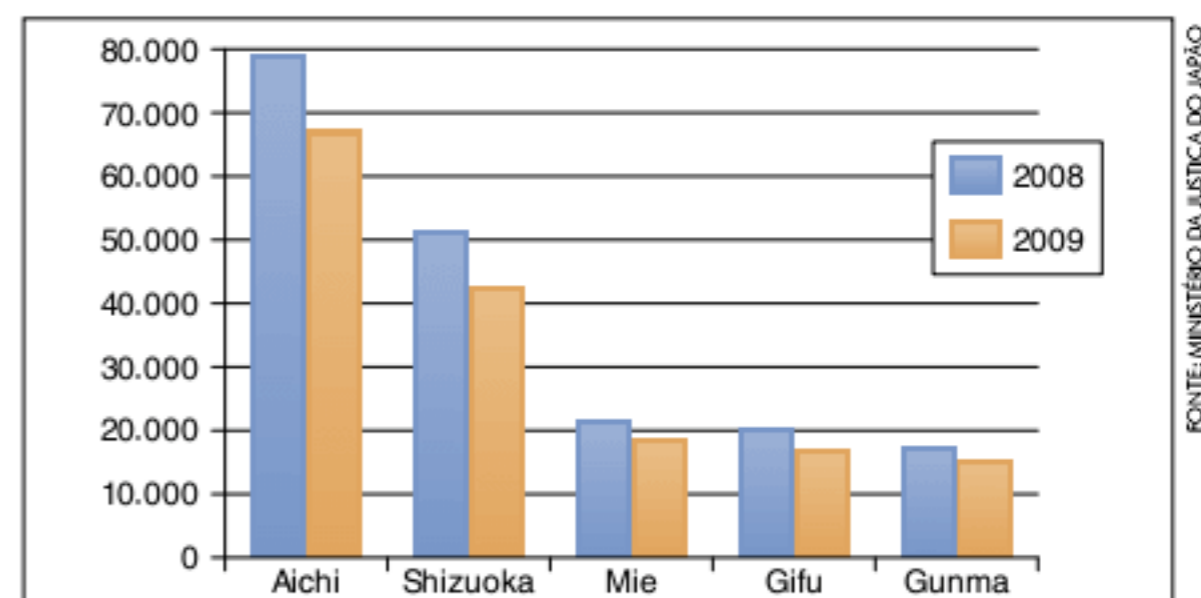


Fig. 2 Províncias japonesas com maior número de brasileiros (2008-2009).

Para o Japão chegar à condição de forte desenvolvimento econômico e social que tem atualmente, foram realizadas grandes e importantes mudanças nas estruturas sociais do país desde o século XIX. Esses aspectos serão tratados a seguir com mais detalhes.

O fim do xogunato e a Era Meiji

Por ser um país com poucos recursos naturais e pouca terra agricultável, o Japão não chamou a atenção das potências europeias na época do imperialismo. Somando-se à vontade dos próprios dirigentes japoneses em não se relacionar com os outros povos, esse desinteresse europeu pelo país o preservou da colonização. Até meados do século XIX, o Japão se caracterizava como um país atrasado e fechado. Sua economia era basicamente agrícola e organizada politicamente pelo xogunato, um sistema semelhante ao do feudalismo europeu. Em 1868, o xogunato foi derrotado no Japão, e o poder do imperador veio à tona. Iniciava-se a Restauração Meiji. Assim como no absolutismo europeu, a Restauração Meiji unia a burguesia que surgia no país, formada por comerciantes e pequenos industriais, a um governo forte e autoritário. Essa burguesia japonesa tinha se originado do próprio xogunato, que foi dividido em famílias, os chamados *zaibatsus*.



Fig. 3 Samurais do período da Restauração Meiji.

A função do governo japonês era criar condições para o desenvolvimento econômico do país. Foram lançados programas de educação voltados para toda a população com o objetivo de formar uma mão de obra qualificada para as novas indústrias. Criaram-se infraestruturas fundamentais, como portos e ferrovias, e as relações comerciais com os outros países foram modernizadas.

As reformas modernizantes da Restauração Meiji tinham produzido um desenvolvimento industrial razoável, mas havia obstáculos a vencer para atingir o amplo crescimento econômico. O Japão tinha dois problemas graves para resolver: a escassez de matérias-primas e fontes de energia, e a limitação de seu mercado consumidor interno. Por isso, o governo apostou na conquista de novos territórios, criando uma política imperialista fortemente apoiada pelos *zaibatsus*.

Em 1895, o Japão fazia sua primeira conquista imperialista, tomando a Coreia e a ilha de Taiwan da China. Dez anos depois, em 1905, os japoneses venciam uma guerra contra os russos e conquistavam a ilha Sacalina, ao norte do país. A contínua busca por novos territórios acabou aproximando o Japão da Alemanha e da Itália durante a Segunda Guerra Mundial.



Entre 1931 e 1941, o Japão obteve seus maiores sucessos em termos imperialistas, conquistando a Manchúria, boa parte da Indochina e grande número de ilhas próximas. Mas a crescente influência japonesa no Pacífico se chocava com os interesses dos Estados Unidos, que também pretendiam impor seu poder na região. O ataque feito pelo Japão à base naval americana de Pearl Harbor, no Havaí, em 1941, foi o principal motivador para lançar os americanos na guerra.

Desde o ataque até 1945, seguiu-se no Pacífico uma luta constante entre Japão e Estados Unidos, o que levou o primeiro a um esforço de guerra que estava além de suas possibilidades, tanto financeiras como populacionais. O Japão perdeu grande parte de sua população e sua economia entrou em colapso. Em agosto de 1945, os Estados Unidos lançaram as duas únicas bombas atômicas já usadas em uma guerra real nas cidades japonesas de Nagasaki e Hiroshima.

Embora tenham sido consideradas desnecessárias, as bombas colocaram fim à Segunda Guerra Mundial, com a rendição dos japoneses, às pretensões japonesas de estabelecer um império territorial no Pacífico e à própria Era Meiji.

A reconstrução econômica

Após derrotarem os japoneses na Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos iniciaram o processo de ocupação militar do país. Os objetivos americanos eram, por um lado, acabar com os fundamentos do imperialismo e, por outro, fazer

do Japão o principal aliado na guerra contra o socialismo na Ásia. Para isso, foram feitas profundas reformas nas instituições do país: primeiramente, o Estado foi separado da religião; em seguida, o imperador, ao ser obrigado a negar publicamente a sua divindade, abalou as bases do xintoísmo, considerado a principal religião japonesa. As demais medidas contemplaram uma ampla reforma agrária e uma modernização dos *zaibatsus*, que foram transformados em conglomerados industriais relativamente parecidos com os ocidentais.

Mas a reconstrução da economia, que ficou conhecida como milagre japonês, teve início com a grande ajuda financeira de aproximadamente 2,5 bilhões de dólares por parte dos Estados Unidos. Por outro lado, a política econômica do governo japonês baseou-se na busca de grandes índices na exportação de bens de alta tecnologia. A mão de obra barata, disciplinada e relativamente bem-qualificada, aliada à política de desvalorização do iene ante o dólar, fazia dos produtos japoneses fortes concorrentes no mercado internacional.



Fig. 4 Bolsa de Valores de Tóquio.

O crescimento das exportações propiciou um elevado superávit na balança comercial e um consequente acúmulo de riqueza no país. Com isso, as indústrias puderam se modernizar, a mão de obra tornou-se mais qualificada e mais bem remunerada. O nível de vida aumentou vertiginosamente e o mercado interno tornou-se de grande importância para o desenvolvimento econômico do país.

Entretanto, a necessidade de mão de obra barata para manter sua política de exportação acabou levando as indústrias japonesas a se expandirem pelos países do Sudeste Asiático; esse foi um dos principais fatores que contribuíram para a formação dos Tigres Asiáticos. Dessa forma, o Japão não só se reconstruiu durante o período da Guerra Fria como também se confirmou como um líder regional.

Os Tigres Asiáticos

Denomina-se Tigres (ou Dragões) Asiáticos um grupo de países que se industrializaram e obtiveram altos índices de crescimento econômico a partir da década de 1970. São eles: Cingapura, Coreia do Sul, Hong Kong e Taiwan. Os fatores internos desse crescimento econômico incluem a mão de obra

barata e relativamente bem-preparada, os incentivos fiscais e a criação de um clima de confiança para investimentos estrangeiros. Os fatores externos, porém, foram indispensáveis para tal desenvolvimento. Inicialmente, o fato de as potências capitalistas ocidentais, notadamente os Estados Unidos, apoiarem este crescimento no intuito de criar o que ficou conhecido como “cordão sanitário”, um grupo de países capitalistas que se desenvolviam economicamente para barrar a expansão socialista na região.



Outro fator importante foi o crescimento econômico japonês, que transbordou os seus próprios limites nacionais. Após passarem por um período de industrialização baseada na mão de obra barata, as indústrias japonesas tiveram que aumentar os salários internos e investir em seus vizinhos para compensar a baixa dos lucros.

Nesse contexto é que os Tigres Asiáticos deixaram de ter uma economia de base agrícola, que os caracterizava até pouco tempo depois da Segunda Guerra, para se colocarem ao lado das economias mais dinâmicas do mundo.

A indústria desses países surgiu com o objetivo de exportar produtos de média e alta tecnologia. As empresas que ali se instalaram para produzir mercadorias a serem exportadas para os principais centros de consumo do mundo são, em sua maioria, japonesas, americanas ou europeias. Diferentemente da industrialização latino-americana, voltada para o consumo interno e por isso chamada de **substituição de importações**, aos Tigres damos o título de **plataformas de exportação**, já que é esta a meta da maior parte das empresas ali instaladas.

Para atingir o objetivo de tornar-se uma plataforma de exportações, cada um dos governos desses países teve um papel fundamental. Primeiramente, houve um endurecimento do regime político em todos eles, limitando a liberdade dos trabalhadores em exigir maiores salários. Além disso, estabeleceu-se um esquema econômico voltado para exportações, incluindo desvalorização cambial, subsídios às exportações, restrições às importações e ao consumo interno. Para completar o quadro, cada governo direcionou seus investimentos para a formação de mão de obra e construção de infraestruturas de transporte, comunicações e energia. Com essas medidas, foi possível garantir uma grande vantagem em termos competitivos para os Tigres, que conseguiram monopolizar grandes fatias do mercado mundial, passando de cerca de 1,5% em 1970 para 8,5% em 1990. O dinheiro vindo das exportações foi reinvestido na modernização da economia, possibilitando a continuidade do crescimento econômico. Por sua vez, esse crescimento elevou os ganhos salariais e aumentou o consumo interno. Na tentativa de dar continuidade à busca de lucros, tendo como base a mão de obra barata, as empresas passaram a investir em seus vizinhos ainda pouco industrializados, repetindo o percurso das empresas japonesas.

O investimento das empresas dos Tigres no exterior deu origem aos Novos Tigres Asiáticos, países que começaram a se industrializar mais intensamente a partir da década de 1980. Fazem parte desse novo grupo a Indonésia, a Malásia, a Tailândia, as Filipinas, e, mais recentemente, o Vietnã. Enquanto nos Tigres já podemos falar de uma melhoria das condições de vida, nos Novos Tigres a situação ainda é muito problemática. Na Indonésia, por exemplo, até 1998 o regime autoritário do general Suharto permitia a empresas estrangeiras explorar a mão de obra local a um ponto tão extremo que o trabalho se confundia com a semiescravidão.

Além da industrialização, os Tigres Asiáticos conseguiram criar um clima de confiabilidade que, unido às facilidades que seus governos deram para a circulação de capitais estrangeiros dentro do país, transformou-os em uma ótima opção para os investimentos financeiros. Dessa forma, tornaram-se também importantes centros de finanças.

Este quadro de desenvolvimento só sofreu abalos no final da década de 1990, mais precisamente a partir de 1997, quando estourou a crise asiática. Por causa do aumento do consumo interno, derivado da melhoria da qualidade de vida da população e da crise econômica mundial, a balança comercial não permaneceu tão favorável como era até então.

Na Coreia do Sul, por exemplo, no ano 1996, as importações superaram as exportações em cerca de US\$ 30 bilhões. Para um país que vinha apoiando seu crescimento econômico em um amplo programa de exportações, o balanço era alarmante.

Antes dos sinais de crise levarem o dinheiro dos grandes investidores para longe, os Tigres desvalorizaram suas moedas e, com isso, conseguiram minimizar os efeitos catastróficos da crise. O problema, porém, não foi resolvido, já que todos os quatro Tigres atualmente dependem de um grande volume de importação, principalmente de matérias-primas, alimentos e parte da tecnologia usada nas suas indústrias. As crises econômicas de 2008 a 2010 novamente afetaram essa região, já que seus principais produtos de exportação são ligados à tecnologia, ou seja, não são necessidades básicas.

Para finalizar nossos estudos sobre os Tigres Asiáticos, vamos destacar algumas especificidades que vêm tomando a atenção da opinião pública internacional. Alguns aspectos dizem respeito principalmente às resoluções dos conflitos políticos que envolveram a região por um longo tempo do século XX.

Coreia do Sul

A Coreia do Sul surgiu na década de 1950 com a divisão da Coreia e recebeu grande apoio, inclusive financeiro, dos Estados Unidos e de outras potências ocidentais para se destacar na economia sob os moldes capitalistas, fazendo frente a sua vizinha do norte, apoiada pela URSS.

Atualmente, a Coreia do Sul passa por um processo de aproximação política com a Coreia do Norte, o qual pode levar, a médio prazo, a um complicado processo de reunificação. A Coreia do Norte, mesmo não tendo grande desenvolvimento econômico, garantiu certo destaque na corrida armamentista, produzindo ogivas nucleares.

A reunificação interessa a quase todos os habitantes dos dois países, uma vez que, desde o fim da Guerra da Coreia (1950-1953), muitas famílias foram divididas sem poder manter contato. O governo do Norte, uma ditadura comunista fortemente ligada à China, frequentemente ameaça atacar seu vizinho do Sul, gerando crises locais que rapidamente se transformam em tensões internacionais. A estratégia do governo da Coreia do Norte é conseguir ajuda internacional (dinheiro, comida, conhecimento técnico) através da ameaça de um ataque. Para a Coreia do Sul, a reunificação seria uma forma de resolver problemas internos (a divisão das famílias) e também uma expansão de mercado, já que a mão de obra no Norte é muito barata e o mercado é pouco desenvolvido.

SAIBA MAIS

A crise das Coreias de 2010

A chamada Crise das Coreias de 2010 começou com um ataque de artilharia da Coreia do Norte contra a Coreia do Sul em 23 de novembro de 2010. Militares sul-coreanos que realizavam um exercício na ilha de Yeongyeong responderam a tiros disparados por norte-coreanos. Por conta da resposta, a Coreia do Norte enviou um caça-bombardeiro para a região e houve mais troca de tiros, sendo que dois soldados foram mortos. Yeongyeong fica perto da fronteira marítima entre os dois países e a Coreia do Norte contesta os limites do território. Além das duas baixas, vinte pessoas sofreram ferimentos, incluindo três civis.

Hong Kong

No início da década de 1990, o futuro de Hong Kong estava permeado por dúvidas. Chegava o momento em que a cidade seria devolvida à China já que, desde o fim da Guerra do Ópio (1842), estava sob domínio inglês. A apreensão dos habitantes de Hong Kong, assim como das empresas que lá investem, era sobre o futuro do sistema político e econômico. Enquanto permanecia dominada pela Inglaterra e governada

por um membro do governo britânico, desenvolveu-se ali uma economia baseada na liberdade de circulação de capitais, nas baixas tarifas alfandegárias e na produção para exportação, elementos que fizeram de Hong Kong o terceiro centro financeiro mais importante do mundo (depois de Nova Iorque e Londres).



O questionamento frequente naquele período era se a economia de Hong Kong continuaria a mesma após unir-se novamente à China socialista. Para garantir os interesses dos grandes investidores, a Inglaterra forçou um acordo para que se efetivasse a devolução do território. Nesse acordo, previa-se que a China teria de manter o mesmo esquema econômico e político estabelecido na cidade-estado por, pelo menos, cinquenta anos.

Em 1º de julho de 1997, Hong Kong foi devolvida à China, e esta se comprometeu a manter as características políticas e econômicas da ilha pelo tempo estipulado, transformando a região em Zona Administrativa Especial. Hong Kong continua sendo um dos mais importantes centros comerciais e financeiros do mundo e sua população conseguiu aumentar sua liberdade política, a qual era bastante limitada na época da colonização britânica.

Taiwan

Por fim, há uma questão política envolvendo Taiwan. Como já foi visto, Taiwan foi o refúgio do governo nacionalista derrubado pela revolução de 1949 na China. Desde então, Taiwan, cuja capital se chama Taipé, vive seu cotidiano como se fosse um país capitalista independente e o apoio militar e econômico dos Estados Unidos fez com que a ilha se tornasse um polo tecnológico de destaque. Formalmente, Taiwan não é reconhecido pela ONU, mas na prática faz comércio com muitos países. Segundo o governo de Pequim, Taiwan é uma “província rebelde”. A relação entre Pequim e Taipé varia bastante de acordo com os governos de cada um dos lados e com o cenário internacional. Economicamente, porém, há uma grande aproximação, já que muitos empresários taiwaneses instalaram suas indústrias nas Zonas Administrativas Especiais da China continental. Em momentos de tensão, Pequim fala de guerra. Em momentos de paz, os dois lados falam de comércio e benefícios mútuos. A situação permanece em aberto, apesar de a China comunista oficialmente argumentar a favor da unificação.



Até a década de 1970, a maior parte dos países do mundo, principalmente as potências capitalistas, não reconhecia a legitimidade do governo socialista. Considerava-se que a China legítima era Taiwan, e o restante apenas uma região ocupada por revolucionários. Para se ter uma ideia, o assento reservado à China na ONU pertencia a Taiwan e não à República Popular, a qual nem era reconhecida como país. Tal posicionamento pouco tinha de razoável, já que o número de chineses que apoiavam e viviam sob o regime socialista era incomparavelmente maior que a população de Taiwan. O apoio aos chineses nacionalistas vinha das disputas na Guerra Fria entre os Estados Unidos e a URSS, uma vez que a revolução chinesa mostrava-se como uma ameaça de expansão do socialismo pela Ásia.

A situação começou a mudar a partir de fins dos anos 1960, quando a China socialista começou a entrar em choque com a URSS devido à fabricação, por ambos os lados, de armamentos nucleares. Nesse momento, as potências ocidentais seguiram o ditado: “o inimigo de meu inimigo é meu amigo”.

Em meados da década de 1970, a República Popular da China entrou no lugar de Taiwan como representante chinês na ONU.

Oceania

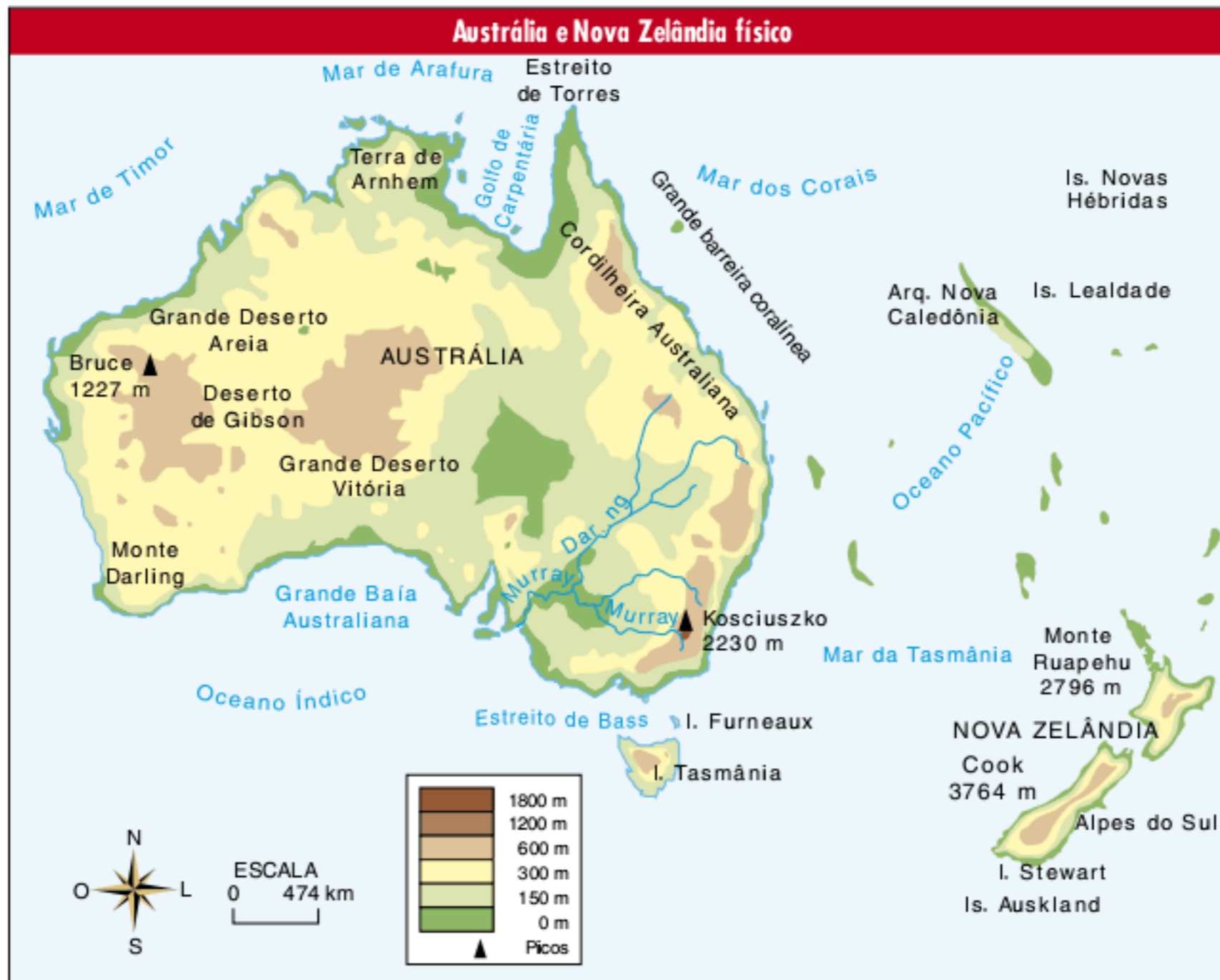
A Oceania é um continente localizado no sul dos oceanos Índico e Pacífico, sendo composto de três conjuntos de pequenas ilhas (Polinésia, Micronésia e Melanésia), pela Nova Zelândia,

Papua-Nova Guiné e Austrália. Foi a última região a ser encontrada pelos europeus no processo de expansão marítima iniciado no século XVI. A seguir, vamos destacar algumas características do país mais importante desse continente, a Austrália.

Austrália

A Austrália ocupa toda a área continental da Oceania (os outros países são considerados ilhas). Sua estrutura geológica é bastante antiga, formada por escudos cristalinos e bacias

sedimentares. O continente-ilha, como é também conhecida, pertencera à antiga *Gondwana*, grande continente posterior à Pangeia do qual também faziam parte a América do Sul, a África, a Índia e a Antártida. A separação da Austrália em um passado remoto levou ao isolamento em relação a outras grandes porções de terra, o que colaborou para o desenvolvimento de espécies vegetais e animais muito diferentes das encontradas nos outros continentes. Destacam-se, neste sentido, os cangurus, os coalas e os ornitorrincos.



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO ESCOLAR, IBGE, 2002.

O clima australiano é úmido apenas na costa oeste; ao norte dessa mesma região, pode-se encontrar o clima tropical úmido; já no Sul é possível identificar áreas de clima subtropical e mediterrâneo. Na maior parte do território, entretanto, predominam climas áridos e semiáridos.

A região é ocupada pelos aborígenes há milhares de anos, mas apenas no século XVIII iniciou-se a colonização europeia, comandada pelo Reino Unido. Originalmente, a Inglaterra utilizou o território australiano para diminuir a superlotação das prisões inglesas. Após cumprirem a pena na Austrália, homens e mulheres recebiam terras, tomadas dos nativos, de modo a promover o povoamento europeu da região.

Em 1942, o país tornou-se independente do Reino Unido, mas adotou a monarquia parlamentar, tendo a rainha da Inglaterra como chefe de Estado e o primeiro-ministro como chefe de governo.

A economia australiana se desenvolveu bastante e tornou-se uma das maiores do mundo, mesmo com o país contabilizando uma população de pouco mais de 20 milhões de habitantes. Esse desenvolvimento se deu graças à agropecuária moderna

e à industrialização. Em termos comerciais, o país está mais ligado às economias do Oriente, como o Japão e os Tigres Asiáticos, e à Nova Zelândia, país altamente desenvolvido.



Fig. 5 O Uluru, formação rochosa que se tornou um dos cartões-postais da Austrália.

Revisando

1 Qual a importância da Era *Meiji* para o Japão?

2 Quais os principais produtos de exportação japoneses?

3 O que são os Tigres Asiáticos?

4 Qual o principal problema externo político da Coreia do Sul?

5 Qual é a relação entre Hong Kong e o governo chinês de Pequim?

6 Qual é a relação entre Taiwan e o governo chinês de Pequim?

7 Quais os destaques econômicos da Austrália?

Exercícios propostos

1 UFRJ

Fim da Segunda Guerra Mundial – Bomba atômica Sessenta anos de terror nuclear

*Destruídas por bombas, Hiroshima e Nagasaki
hoje lideram luta contra essas armas*

“Shizuko Abe tinha 18 anos no dia 6 de agosto de 1945 e, como todos os jovens japoneses durante a Segunda Guerra Mundial, ela havia abandonado os estudos para se dedicar ao esforço de guerra. Era um dia claro e quente de verão e às 8h, Shizuko e seus colegas iniciavam a derrubada de parte das casas de madeira do centro de Hiroshima para tentar criar um cordão de isolamento anti-incêndio no caso de um bombardeio incendiário aéreo. Àquela altura, ninguém imaginava que Hiroshima seria o laboratório de outro tipo de bombardeio, muito mais devastador e letal, para o qual os abrigos anti-incêndio foram inúteis.”

“Hiroshima, Japão. Passear pelas ruas de Hiroshima hoje – 60 anos depois da tragédia que matou 140 mil pessoas e deixou cicatrizes eternas em outros 60 mil, numa população de 400 mil – é nunca esquecer o passado. Apesar de rica e moderna com seus 1,1 milhão de habitantes circulando em bem cuidadas ruas e avenidas, os monumentos às vítimas do terror atômico estão em todos os lugares.”

Domingo, 31 jul. 2005. *O Globo*
Gilberto Scofield Jr.
Enviado especial Hiroshima, Japão.

O Japão sustentou, nos anos 30 do século XX, um projeto expansionista que procurava atenuar as consequências da crise de 29 sobre sua economia. Sob o argumento de “coprosperidade no Pacífico”, ele previa a mobilização de recursos das áreas ocupadas para realimentar o complexo industrial-militar que se fortalecia internamente. A expansão imperialista japonesa iria esbarrar na presença norte-americana, e o conflito se tornou previsível. Ele vai terminar na tragédia de Hiroshima e Nagasaki.

Relacione a expansão imperialista japonesa, da primeira metade do século XX, com o potencial de recursos naturais existente no país.

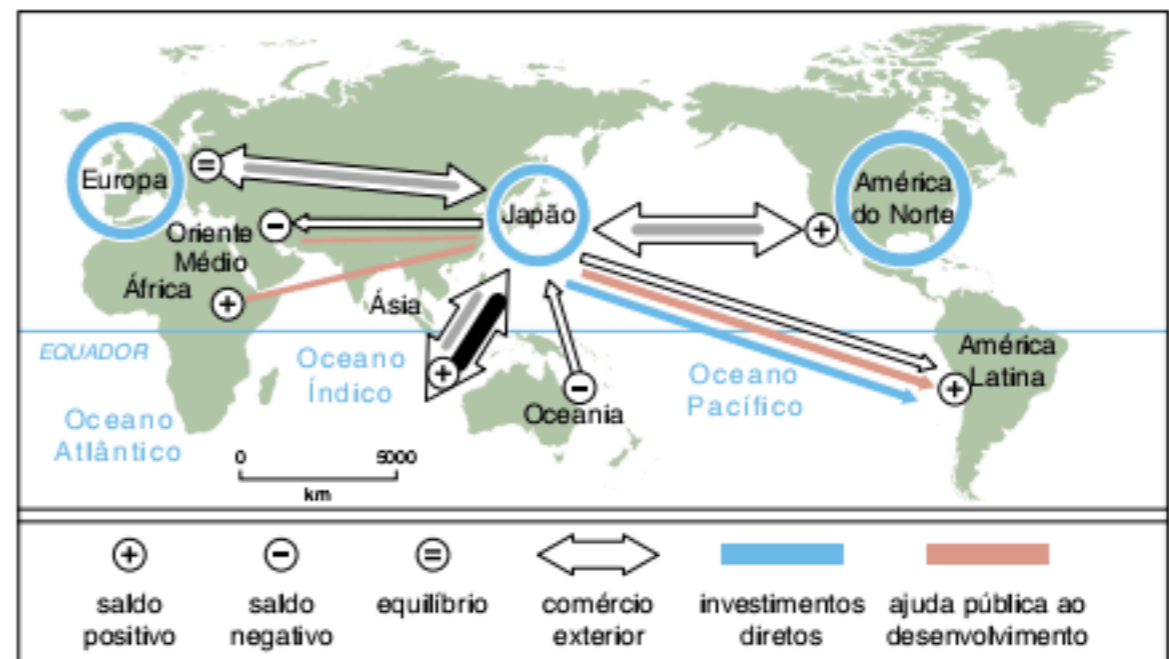
2 Fatec Esse espaço particular condicionou a formação de um determinado tipo de povoamento. O isolamento contribuiu para a formação de um povo singular, portador de uma língua singular [...]. A insularidade contribuiu para que as ilhas sofressem mudanças mais rápidas e profundas do que aquelas observadas nos países continentais, cuja evolução foi mais lenta [...].

J. R. Pitte. *Geografia*. São Paulo: FTD, 1998, p. 52. (Adapt.).

Assinale a alternativa que indica o país descrito.

- (a) Austrália.
- (b) China.
- (c) Japão.
- (d) Grécia.
- (e) Coreia do Norte.

3 Puccamp A posição do Japão no mundo



Danielle Ceruti; Serge Ceruti. *Histoire - Géographie*. Paris: Hachette, 1998, p. 236. (Adapt.).

Com base nas informações contidas no mapa e em seus conhecimentos sobre a temática abordada, pode-se fazer a seguinte leitura do panorama das relações econômicas japonesas na década de 1990.

- (a) O Japão foi um dos principais responsáveis pelo crescimento da economia em vários países asiáticos, na qualidade de grande investidor, exportador e importador de mercadorias da região.
- (b) As trocas comerciais japonesas com a América do Norte foram insignificantes, reflexo das dificuldades impostas ao comércio exterior com a entrada em funcionamento do Nafta.
- (c) A América Latina foi um dos principais destinos dos investimentos japoneses, interessado em matérias-primas abundantes, além de mão de obra barata e pouco qualificada.
- (d) A Europa foi a principal parceira comercial japonesa, fruto da abertura econômica em razão da constituição da União Europeia, com a livre circulação de mercadorias e pessoas.
- (e) A África foi um dos continentes mais beneficiados com transferências de recursos do Japão com finalidades humanitárias e/ou em programas de desenvolvimento econômico para a região.

4 UFPR Para acompanhar o desenvolvimento tecnológico ocidental, o Estado japonês investiu na instalação de fábricas nos setores em que o capital privado não tinha condições de atuar. Mais tarde, algumas dessas indústrias foram vendidas a baixo preço a empresários particulares. Surgiram assim os zaibatsu, verdadeiros monopólios privados que se desenvolveram muito no período entreguerras devido às inúmeras vantagens e privilégios assegurados pelo Estado. De 1955 a 1973, o crescimento industrial japonês foi maior que o dos Estados Unidos e o da Europa Ocidental, o que demonstra a eficácia da participação do Estado na reorganização industrial ocorrida no Pós-Guerra.

J. W. Versentini; V. Vlach. *Geografia crítica*. 18 ed. São Paulo: Ática, 1997. v. 3. p. 1.879.

Sobre a industrialização japonesa, é correto afirmar:

- 01 assim como nos Estados Unidos e na Europa, os estágios iniciais da industrialização japonesa foram possibilitados pela disponibilidade de carvão e ferro, minérios que hoje estão esgotados no país devido à exploração intensiva.

- 02 os setores em que o Estado japonês teve que intervir mais intensamente para alavancar a industrialização foram aqueles que compõem a chamada “indústria pesada”, principalmente siderurgia, construção naval e petroquímica.
- 04 graças à ação diligente do Estado e à importância simbólica da natureza na cultura nacional, o Japão logrou industrializar-se sem comprometer a qualidade de vida com poluição sonora ou do ar.
- 08 o trecho citado descreve com propriedade algumas características básicas do “modelo japonês” de desenvolvimento, mas não leva em conta a profunda crise que esse modelo vem experimentando desde o início dos anos 1990, com estagnação econômica e aumento do desemprego.
- 16 ao contrário de países como Estados Unidos e Inglaterra, cujas empresas industriais transferem fábricas para países subdesenvolvidos a fim de tirar proveito dos baixos salários ali vigentes, o “modelo japonês” tem a virtude de manter a competitividade industrial mesmo pagando altos salários, sem a necessidade de transferir parte de sua produção para países menos desenvolvidos.

Soma =

5 Cesgranrio O Japão teria tudo para ser apenas mais um arquipélago do oceano Pacífico, compondo um arco montanhoso e vulcânico, não fossem alguns traços que lhe conferem uma individualização em seu contexto socioespacial.

Ivaldo Lima (1998) “A inserção do Japão na Nova Ordem Mundial”. In: Haesbaert (org.). *Globalização e fragmentação no mundo contemporâneo*. Eduff.

O texto sugere que há características específicas na geografia do Japão. Dentre essas características, destaca-se a:

- condição de maior potência financeira e tecnológica asiática.
- instabilidade geológica marcada por vulcanismos e terremotos.
- elevada densidade demográfica ao longo das planícies costeiras.
- dieta nacional incorporando um expressivo consumo de arroz.
- adversidade climática provocada pelo regime monçônico.

6 UFRRJ 2004 Sobre os novos Tigres Asiáticos, leia o texto abaixo.

[...] os chamados novos Tigres Asiáticos expandiram suas economias e se industrializaram, com a participação de capitais japoneses e dos Tigres Asiáticos originais. Os investidores vão em busca das mesmas vantagens que permitiram a mudança da economia de seus países e quase não existem mais, como mão de obra barata, e de condições que nunca tiveram como recursos minerais.

L. M. A. de Almeida; T. B. Rigolin. *Geografia*. São Paulo: Ática, 2002, p. 244. (Adapt.).

A partir do texto citado, responda que países são considerados:

- os Tigres Asiáticos.
- os novos Tigres Asiáticos.

7 UEL 2008 Leia o texto seguinte.

O PIB per capita da Coreia do Sul, em 1970, era de U\$ 275, cerca de 75% do PIB per capita brasileiro. Em 1975, a renda per capita da Coreia do Sul era de U\$ 250, cerca de metade da brasileira, enquanto o PIB brasileiro era quatro vezes maior que o PIB sul-coreano. Entre 1980 e 1999, o crescimento médio do PIB sul coreano foi de 7,6% ao ano, contra o crescimento médio do PIB brasileiro de 2,9% ao ano, no mesmo período. Em 2001, o PIB per capita sul-coreano foi 2,5 vezes maior do que o brasileiro.

M. Cavalcanti. *Conhecimento e desigualdade*. Rio de Janeiro: COPPE/UFRRJ/CRIE, 2003. (Adapt.).

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o tema, considere as afirmativas.

- Em 1980, a Coreia do Sul registrou oito patentes nos EUA, enquanto o Brasil registrou 24 patentes. Em 1999, a Coreia do Sul tinha registrado 3.314 patentes contra apenas 98 patentes brasileiras. Isso se deu em consequência do investimento sul-coreano de 3% do PIB ao ano em Ciência e Tecnologia, com percentuais crescentes, enquanto o Brasil chegou lentamente no ano 2000 com apenas 1% investido em Ciência e Tecnologia.
- O governo sul-coreano herdou o programa de reforma agrária, realizada nos anos de 1950 sob inspiração norte-americana. Também foi adotado, a partir de 1970, um programa de educação inspirado no exemplo japonês. Com isso, o índice de analfabetismo geral (pessoas com mais de 15 anos de idade) caiu de 15% da população para menos de 2,5% da população em 1999. No Brasil, a taxa de analfabetismo é de 11,1% de pessoas acima de 15 anos. Este índice equivale a 14 milhões de brasileiros analfabetos.
- “O Brasil tem concentrado sua economia nos fatores tradicionais de produção”, de acordo com o economista francês Jean Baptist Say (1767-1832), o primeiro estudioso a definir terra, capital e trabalho como os três principais fatores de produção. A Coreia do Sul, por sua vez, adotou a “economia do conhecimento”, que deslocou o eixo da riqueza e do desenvolvimento de setores industriais tradicionais para setores cujos produtos, processos e serviços são intensivos em tecnologia e conhecimento.
- A Comissão Trilateral, criada em 1973, foi composta naquela época pelos Estados Unidos, pela Europa Ocidental e pelo bloco Coreia do Sul-Japão. Sua carta de princípios, “a partir de uma análise dos principais interesses que envolvem os países da Tríade, para o desenvolvimento neoliberal”, passou a difundir um ideal platônico de ordem e supervisão, sustentada por uma classe privilegiada de tecnocratas que coloca sua perícia e sua experiência acima das reivindicações profanas de simples cidadãos: “Um local protegido, a Cidade Trilateral, onde o tecno é a lei”.

Assinale a alternativa que contém todas as afirmativas corretas.

- I e III.
- I e IV.
- II e IV.
- I, II e III.
- II, III e IV.

8 UFPE 2008 As alternativas a seguir se referem a aspectos da economia de alguns países do mundo. Analise-as e marque V ou F.

- Os Estados Unidos participam do bloco econômico representado pela Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC), junto com o Canadá e alguns países da América Latina, da Ásia, da Oceania e da África.
- A área de maior concentração das indústrias japonesas é o centro-sul do país, estando os seus complexos industriais localizados, principalmente, no litoral. Tóquio, Yokohama e Osaka são importantes centros industriais.
- Hong Kong é um dos Tigres Asiáticos que tem como base de sua economia o setor portuário e os bancos, além de contar com uma importante indústria química.
- A Itália é um país da Europa caracterizado por um grande contraste geoeconômico entre a sua porção norte, onde domina a atividade agrícola, e o sul industrial, onde se localizam centros como Turim, Milão e Gênova.
- A Comunidade dos Estados Independentes (CEI), formada em 1991, é constituída pela Rússia e pelas quinze repúblicas que integravam a União Soviética.

9 UEG 2008 Os Tigres Asiáticos eram países subdesenvolvidos até a década de 1970, quando promoveram uma rápida e eficiente industrialização. Cite três fatores que favoreceram esse processo de industrialização.

10 Fatec 2009

Exportações mundiais de mercadorias por regiões selecionadas (em bilhões de dólares) – 1948-2006

Anos	1948	1963	1983	1993	2006
Valor (bilhões de dólares)	59	157	1838	3675	11783

Participação nas exportações por regiões selecionadas (%) – 1948-2006

Regiões/Anos	1948	1963	1983	1993	2006
América do Norte	28,1	19,9	16,8	18,0	14,2
América do Sul e Central	11,3	6,4	4,4	3,0	3,6
África	7,3	5,7	4,5	2,5	3,1
Ásia (menos Japão)	13,6	9,0	11,1	16,2	22,3
Europa	35,1	47,8	43,5	45,4	42,1
Japão	0,4	3,5	8,0	9,9	5,5

Fonte: OMC – *Estadísticas del Comercio Internacional*, 2007.

O desempenho das exportações de mercadorias na região do Continente Asiático (menos o Japão), principalmente após os anos 1980, pode ser explicado por fatores tais como:

- (a) a chamada industrialização tardia e/ou planejada da China, dos Tigres Asiáticos e da Índia.
- (b) a chamada industrialização clássica nos países da ex-URSS, após o fim do socialismo.

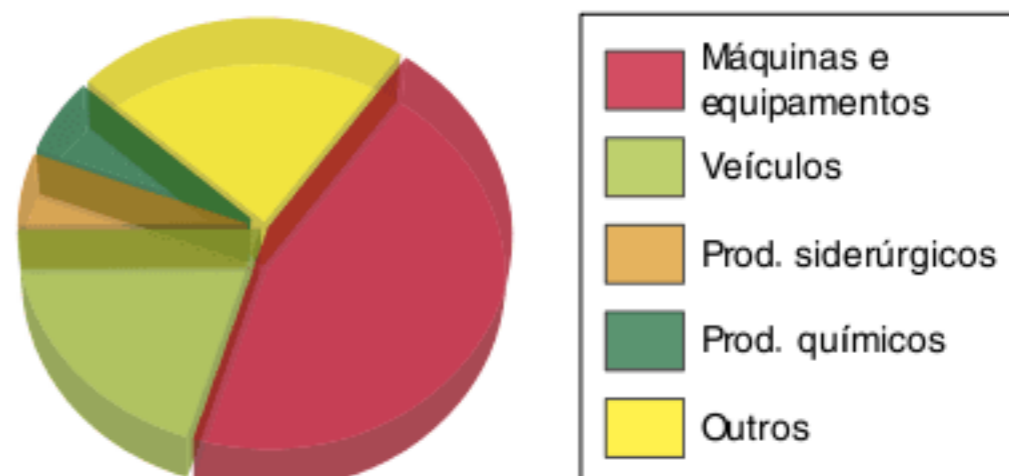
- (c) a criação de blocos econômicos como Asean e Nafta entre os países do continente.
- (d) a nova inserção do continente na divisão mundial do trabalho como grande produtor agropecuário.
- (e) a Terceira Revolução Industrial e as conquistas sociais do neoliberalismo na maior parte destes países.

11 FGV O termo “Oceania” costuma ser usado para identificar as terras emersas localizadas entre os oceanos Índico e Pacífico. Sobre elas, pode-se afirmar que:

- (a) as ilhas da Polinésia, Melanésia e Micronésia são constituídas, predominantemente, por países que complementaram sua independência política na década de 1950.
- (b) a Polinésia tem sido a área mais utilizada pelos EUA para a realização de testes atômicos, como os da década de 1970, que destruíram o Atol de Mururoa.
- (c) um traço cultural comum na Oceania é a completa adaptação das comunidades nativas aos padrões europeus e norte-americanos estabelecidos com a ocupação colonial, a partir do século XVI.
- (d) Austrália, Nova Zelândia e Papua-Nova Guiné são consideradas países independentes, apesar de terem como chefe de Estado a rainha Elisabeth II, do Reino Unido, ou alguém indicado por ela.
- (e) em comparação aos outros continentes, a Oceania apresenta o maior número de possessões do tipo colonial, a exemplo do Havaí, Taiti e Tonga, controladas pelos Estados Unidos.

12 UEL Analise o gráfico apresentado a seguir.

Principais exportações japonesas (em %)



A leitura do gráfico permite afirmar que o Japão:

- (a) é o principal país exportador de automóveis do mundo.
- (b) apresenta uma balança comercial superavitária.
- (c) mantém a liderança no comércio mundial.
- (d) sofre, atualmente, grande concorrência dos Tigres Asiáticos.
- (e) tem nos produtos industriais a base de suas exportações.

13 Cesgranrio A posição da Austrália, em relação às rotas de navegação, foi um dos motivos que retardou a incorporação de seu território ao horizonte geográfico europeu. Sua ocupação só viria a ocorrer de modo efetivo a partir do século XVIII, e seria marcada pela influência de fatores naturais, o que pode ser constatado pela:

- (a) descoberta de jazidas de ouro que atraíram milhares de imigrantes a partir de 1850.
- (b) existência de forte atividade madeireira nas áreas de vastas florestas de coníferas, na porção oeste do país.
- (c) implantação de lavouras de exportação de cana-de-açúcar e cacau, devido à abundância de água, em todo o território.
- (d) ocorrência, no centro do país, de solos tropicais de alto potencial de aproveitamento para o cultivo de trigo.
- (e) característica montanhosa do relevo, o que impediu a integração da rede de transportes no sentido norte-sul.

14 FEI A Austrália realizou, em novembro deste ano, um plebiscito para escolher entre Monarquia e República.

Sobre a Austrália e sua organização política, é incorreto afirmar que:

- (a) está ligada à Inglaterra pela *Commonwealth* Britânica.
- (b) tem como chefe de Estado a rainha Elizabeth II.
- (c) é uma monarquia parlamentarista.
- (d) apesar de ser um país independente, seu primeiro-ministro é o mesmo que o da Inglaterra.
- (e) foi uma colônia inglesa e tornou-se independente no século XX.

15 Mackenzie Observe o mapa a seguir.



É(são) característica(s) do relevo da área destacada no mapa da Austrália:

- (a) planalto cristalino de baixa altitude e formas onduladas.
- (b) dobramento antigo onde localizam-se as maiores altitudes do país.
- (c) planície aluvional com colinas e ondulações suaves.
- (d) dobramentos recentes com grande altitude.
- (e) planaltos sedimentares com formas tabulares.

TEXTO COMPLEMENTAR

Após tragédia no Japão, mundo está diferente

A recente catástrofe ocorrida no Japão nos insta ao luto pela perda de tantas vidas. Contudo, é chegado o momento de analisar seus reflexos sobre a economia daquele país e também do mundo. Ainda não há uma compilação a respeito do tamanho do estrago, mas é certo que haverá restrições de oferta no país. Algumas notícias sinalizam que as principais áreas industriais não foram muito afetadas, mas a infraestrutura de transportes e de fornecimento de energia sofreram danos.

No curto prazo, o país terá de lidar com apagões de energia elétrica programados, que repercutirão na redução da produção industrial mesmo em locais não diretamente afetados pelo desastre natural. Pode haver também o efeito espalhamento – como o Japão costuma operar com sistemas *Just in time*, isto é, sem estoques, se determinados componentes eram produzidos em fábricas afetadas, a produção do país como um todo pode ser comprometida. Isso sem mencionar o colapso do turismo e as restrições que podem ser impostas aos produtos japoneses, especialmente alimentícios – a Coreia do Sul já estuda a imposição de uma quarentena, haja vista a preocupação com uma possível contaminação radioativa.

Com isso, a demanda por energia para produção será reduzida, o que explica a queda dos preços do petróleo no mercado internacional. Ou seja, de imediato, o efeito da catástrofe é recessivo e inflacionário para o país. Para o mundo, considerando o peso da economia japonesa no PIB mundial, o efeito marginal deve ser levemente negativo.

Para o Brasil, desmontes de operações de *carry trade* devem ser observados, já que aumentará a demanda por iene para amortizar possíveis empréstimos emergenciais feitos por empresas japonesas. A intensidade do movimento vai depender do tamanho e velocidade das ações do Banco Central do Japão, o BoJ; hoje mais injeção de liquidez na economia já foi anunciada.

O Brasil também poderá ser afetado de forma imediata, no que diz respeito a sua produção industrial – quando se analisa a pauta de importações do Brasil, a participação japonesa é pequena (3,8%) em 2010, e relativamente espalhada (os 15 principais produtos correspondem a menos de 30% das compras brasileiras), mas corresponde, basicamente, a intermediários e insumos para a produção doméstica.

A interrupção do fornecimento de algum intermediário, se não puder ser rapidamente substituído por outro produzido em outros locais, poderá impactar a produção brasileira, numa magnitude que dependerá da efetiva suspensão do fornecimento e/ou da possibilidade de se encontrar substitutos à altura.

A principal preocupação, no médio e longo prazos, diz respeito à capacidade do país de se recuperar após o ocorrido. Preocupa a questão do já elevado nível de endividamento governamental (superior a duas vezes o PIB), num momento em que o ajuste fiscal volta ao centro das atenções em todo mundo. O prêmio de risco da dívida japonesa tem disparado e, mesmo com o Banco Central japonês injetando grande volume de recursos na economia – ele mais do que dobrou o programa de compras de ativos em curso antes do evento –, a Bolsa de Tóquio já recuou quase 20%.

A capacidade de gastar do governo será importante para lidar com os danos à infraestrutura e à logística do país, que exigirão investimentos maciços. Também serão precisos investimentos das empresas e das famílias, no processo de reconstrução.

Mas a principal consequência deste evento para a economia mundial é a reavaliação das estratégias de política energética pelas quais o mundo já começa a passar. Aqui, a grande questão é o direcionamento do foco à energia nuclear, que, diante da possibilidade de contaminação da população japonesa, gerou estado de alarme em todo o mundo.

O Japão, desde a década de 70, tem uma política que foca tanto o aprimoramento da eficiência energética (é um dos países desenvolvidos com maior grau de eficiência no uso da energia) quanto de redução da dependência de importações de petróleo e outras fontes de energia.

Em decorrência desta estratégia, o país reduziu a participação do petróleo em sua matriz energética de 80% no início dos anos 70 para cerca de 45% em 2008, segundo o EIA; também houve aumento gradativo da participação de energia nuclear (cerca de 11% em 2008).

Ainda assim, o Japão é hoje o terceiro maior país consumidor de petróleo (cerca de 4,4 milhões de barris por dia, em 2009) e o segundo maior importador. E, muito embora o Japão mantenha reservas estratégicas de petróleo (aproximadamente 590 milhões de barris em abril de 2010), é provável um aumento de sua demanda pela *commodity*, conforme sua produção vá retomando ao normal. Existem, no país, termoelétricas a óleo que são utilizadas apenas para atender picos de demanda; elas devem ser as primeiras a serem postas em funcionamento, quando da progressiva normalização das atividades.

Mesmo que a energia nuclear continue sendo vista como uma alternativa viável no mundo, seu custo deverá subir – mais restrições de segurança serão impostas, sem dúvida. Já há repercussões deste tipo, por exemplo, na Alemanha, que anunciou a suspensão das atividades em três usinas, para revisão de seus programas de segurança. Vale lembrar também que as nucleares japonesas já foram desligadas e dificilmente serão religadas.

Isso significa um aumento da demanda por energia derivada de petróleo (lembrando, num ambiente já que poderá ainda estar influenciado por tensões crescentes no Oriente Médio e norte da África), carvão e outras fontes renováveis, como o milho e a cana-de-açúcar.

Além dos impactos sobre os preços de commodities no mercado internacional, paira no ar a questão de se a *débâcle* em que entra agora a economia japonesa pode abortar a incipiente recuperação mundial. Por enquanto, é cedo para se avaliar o tamanho deste impacto; as próximas semanas serão cruciais para determinar sua extensão.

No balanço dos movimentos mundiais, o Brasil deverá sair como ganhador relativo, já que será um dos países convocados a suprir a lacuna de demanda japonesa por alimentos e combustíveis alternativos, além de ser um dos grandes supridores da demanda por ferro, que certamente aumentará no processo de reconstrução.

Aliás, vale a pena notar que o Japão correspondeu a cerca de 3,5% das exportações brasileiras em 2010, com uma pauta fortemente concentrada (87% da pauta correspondia a 15 produtos). O Brasil já exportava para o Japão, principalmente, minério de ferro e alguns alimentos, tendo começado a exportar petróleo bruto. Este perfil confirma o potencial de aumento das vendas brasileiras aos japoneses ao longo da fase de recuperação.

Por fim, uma nota semiotimista. Num país em que a tradição de reconstruir é o ponto forte e a poupança é elevada, um evento como este pode acabar tendo o efeito positivo de fazer aumentar o investimento e o consumo. Pode ser também uma boa oportunidade para ajustar a trajetória do déficit público, já que a probabilidade da população aceitar uma maior taxa no período posterior é maior. Resta-nos torcer para este cenário.

A autora é economista-chefe da Rosenberg Consultores Associados. Thaís Marzola Zara. Agência Estado, 17 mar. 2011. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/agencias/ae/economia/detail/2011-03-17-1786224.shtml>>.

RESUMINDO

Neste capítulo, estudamos os países do Extremo Oriente e a Austrália.

Começando pelo Japão, vimos como seu desenvolvimento acelerado dependeu de uma mudança política (Era Meiji) e de uma expansão imperialista para garantir mercados e matérias-primas. China e Coreia foram os principais alvos desse movimento. Quando a expansão japonesa colocou o país em choque com os Estados Unidos, o Japão envolveu-se na Segunda Guerra Mundial e foi derrotado. Apesar disso, os Estados Unidos investiram muito dinheiro no Japão como forma de impedir a expansão soviética na Guerra Fria, o que fez com que os japoneses pudessem continuar seu crescimento econômico por meio do setor tecnológico.

Aos poucos, porém, esse crescimento econômico tornou mais cara a produção em solo japonês, levando as empresas a se instalarem nos países vizinhos como a Coreia do Sul, Taiwan e Hong Kong. Esse processo deu origem aos Tigres Asiáticos, países que se industrializaram com estímulo japonês e também se transformaram em potências produtivas. O processo novamente se repetiu e as indústrias desses países se instalaram em outras regiões como a Indonésia e a Malásia, dando origem aos chamados Novos Tigres.

Taiwan é um caso de destaque, pois foi o refúgio do governo nacional-capitalista chinês derrubado pela Revolução Comunista de 1949. Hoje, Taiwan vive uma situação tensa: oficialmente não é um país e é considerada por Pequim uma província rebelde a ser reintegrada. Na prática, tem sua vida própria, faz comércio com diversos países e tem inclusive um presidente.

Por fim, analisamos o caso australiano. Ex-colônia britânica, a Austrália conseguiu se desenvolver de forma sustentada, criando as bases para uma economia industrializada muito rica. Comercialmente, seus maiores parceiros são os países asiáticos próximos, como o Japão e os Tigres Asiáticos.

■ QUER SABER MAIS?



FILMES

- *Memórias de uma gueixa*. Direção de Rob Marshall. EUA, 2005. 145 min.
- *Túmulo dos vaga-lumes*. Direção e roteiro: Isao Takahata. Japão, 1988. 89 min.
- *Cartas de Iwo Jima*. Direção de Clint Eastwood. EUA, 2006. 141 min.

Exercícios complementares

1 Mackenzie Assinale a alternativa incorreta sobre a economia do Japão.

- (a) A modernização agrícola é retratada pela pequena porcentagem de mão de obra empregada no setor.
- (b) A escassez de terras agrícolas, provocada pela montanhosidade e pelo alto índice de preservação florestal, constitui um sério problema.
- (c) O progressivo aumento do consumo de produtos de origem animal transformou a pecuária na segunda atividade agrícola, em área ocupada e em valor da produção.
- (d) Predominam as grandes e médias propriedades, com mão de obra assalariada e alto nível técnico.
- (e) A indústria pesqueira, desenvolvida com técnicas sofisticadas, garante ao país a primeira posição mundial no setor.

2 Uerj

Para construir um novo Japão
Trabalhe muito, trabalhe muito,
Aumentemos nossa produção
Nós, à frente, sem repouso.
Como um cristal
Brilha a nossa indústria
Sinceridade e harmonia
Eis a Matsushita Eletric.

Hino da Matsushita Eletric.

A leitura do hino anterior revela o grau de disciplina a que se submete o trabalhador no Japão. Esse grau de disciplina aliado a outros fatores geográficos e históricos permitiu a recuperação da economia do país, após a Segunda Guerra Mundial.

Um desses fatores de recuperação da economia do Japão, no período indicado, é:

- (a) desestruturação dos grandes monopólios empresariais.
- (b) adoção de um modelo agrícola baseado na grande propriedade.
- (c) constituição de um mercado interno de alto poder aquisitivo.
- (d) manutenção dos gastos militares nos patamares anteriores à Segunda Guerra.

3 UnB Considerando apenas fatores geográficos, o Japão não deveria ser uma das mais poderosas nações do mundo. Em menos de um século – depois que Matthew Perry aportou na Baía de Tóquio pela segunda vez, em 1854 –, o Japão transformou-se de um Estado isolado e praticamente medieval, feudal, em uma superpotência econômica moderna e inovadora. De fato, o Japão é pequeno. Faltam-lhe recursos naturais importantes. A maior parte do país é montanhosa. As florestas, que são consideradas sagradas, cobrem quase dois terços do país, o que representa mais do que em qualquer outra nação industrializada. Apenas 15% do seu território pode ser aproveitado para a agricultura. Situado no anel de fogo do Pacífico, o Japão está sujeito a violentos terremotos, erupções vulcânicas e “tsunamis”, ondas devastadoras gigantescas, causadas por maremotos.

Com o auxílio do texto, julgue os itens seguintes.

- No Pacífico, o Japão centraliza uma vasta área de influência, constituindo-se em um polo econômico.
- O comércio exterior é um dos pilares da economia japonesa.
- Registram-se na história relações igualitárias e pacíficas, de intercâmbio dos japoneses com outros povos asiáticos, o que facilitou a sua industrialização mesmo sem contar com grandes fontes de recursos naturais.
- O “anel de fogo do Pacífico”, referido no texto, diz respeito a uma faixa de instabilidade por ser o limite entre placas tectônicas.

4 Mackenzie A arrancada industrial dos Tigres Asiáticos, pós-Segunda Guerra Mundial, coincide com a implantação da Guerra Fria no mundo bipolarizado da época.

Esse fato só foi possível em virtude:

- (a) da ajuda financeira recebida na época do tesouro japonês, que sempre defendeu seus interesses econômicos na região.
- (b) da poupança interna desses países que, mesmo antes da Segunda Guerra Mundial, já controlavam suas importações, estimulando as exportações de bens de consumo duráveis.
- (c) da ajuda financeira norte-americana, por meio do Plano Colombo, uma forma de instalar o cordão sanitário na região.
- (d) da ajuda financeira soviética, que visava ampliar sua área de influência por toda a região.
- (e) da ajuda financeira mútua entre os países do bloco, que trocavam entre si matérias-primas, tecnologias e uma intensa abertura do mercado consumidor de toda a região.

5 PUC-MG Refere-se à industrialização dos Tigres Asiáticos:

- I. Uma série de vantagens, ligadas a fatores como a presença de mão de obra barata, foi considerada pelos grupos industriais americanos e japoneses para se instalarem nos Tigres Asiáticos.
- II. Após o desenvolvimento industrial dos Tigres Asiáticos, os salários se elevaram a níveis superiores aos da inflação e, com isso, elevou-se o poder aquisitivo da população.
- III. Para facilitar a colocação da produção no mercado internacional, tomou-se como estratégia a implantação de uma produção industrial muito homogênea para esse grupo de países.

Assinale:

- (a) se apenas a afirmação I estiver correta.
- (b) se apenas as afirmações I e II estiverem corretas.
- (c) se apenas as afirmações I e III estiverem corretas.
- (d) se apenas as afirmações II e III estiverem corretas.
- (e) se todas as afirmações estiverem corretas.

6 UFPEL Leia o texto a seguir.

Os países Coreia do Sul, Cingapura e Taiwan, além da Região Administrativa de Hong Kong na China, compõem os chamados Tigres Asiáticos. Coreia do Sul e Taiwan possuem uma economia

diversificada. Hong Kong, por sua vez, apresenta uma base econômica constituída pelo setor portuário e pelos bancos. Já Cingapura possui um dos portos mais movimentados do mundo e um forte setor financeiro, além de, um importante setor de indústrias petroquímicas. Observe o mapa a seguir.



Com base nos textos citados e em seus conhecimentos, assinale a alternativa que apresenta a numeração correta em relação à localização dos Tigres Asiáticos.

- (a) Coreia do Sul (1), Taiwan (3), Hong Kong (4) e Cingapura (6).
- (b) Coreia do Sul (1), Taiwan (2), Hong Kong (3) e Cingapura (4).
- (c) Coreia do Sul (5), Taiwan (6), Hong Kong (2) e Cingapura (1).
- (d) Coreia do Sul (3), Taiwan (4), Hong Kong (2) e Cingapura (1).
- (e) Coreia do Sul (5), Taiwan (6), Hong Kong (4) e Cingapura (6).

7 Ufes A população da Nova Zelândia é de 4 milhões de habitantes; os Maoris são 15% dela; 8 em cada 10 Maoris vivem em áreas urbanas. Entre 1994 e 1998, houve um aumento de 60% no número de Maoris com formação universitária; há Maoris nos ministérios, no Parlamento, entre o empresariado, nas repartições públicas, dando aulas nas escolas e em qualquer outro segmento da sociedade neozelandesa.

Veja, 30 jul. 2003, p. 93. (Adapt.).

O texto citado se refere aos sinais do processo de integração da população Maori à sociedade neozelandesa. A população nativa foi, por mais de um século, dominada pelos ingleses em nome da superioridade cultural.

A ideia de cultura superior está associada ao fenômeno denominado:

- (a) etnocentrismo.
- (b) imperialismo.
- (c) nacionalismo.
- (d) tradicionalismo.
- (e) sionismo.

8 Fatec (Adapt.) Considere os itens a seguir sobre a Indonésia.

I. Possui mais de 200 milhões de habitantes, com renda *per capita* de US\$ 3.750, sendo que aproximadamente 90% da população é composta de muçulmanos.

- II. Em função de uma política de expansão territorial, em 1975, anexou o território de Timor Leste, até então colônia de Portugal, gerando sérios conflitos que foram agravados com o plebiscito sobre a independência, em 1999.
- III. Essa área tem o domínio do clima equatorial e florestas semelhantes às da Amazônia, com inúmeros problemas de desmatamentos.
- IV. A Indonésia, juntamente com Malásia, Tailândia, Filipinas, Cingapura, Vietnã e Brunei, faz parte da organização econômica denominada Nafta.

Sobre esse país, que apareceu frequentemente nos noticiários no 2º semestre de 1999, podemos considerar corretos somente os itens:

- (a) I e II.
- (b) II e IV.
- (c) I, II e III.
- (d) I, II e IV.
- (e) II, III e IV.

9 UFU A Austrália no ano 2000 esteve focalizada pela mídia em virtude de ser sede dos jogos olímpicos.

Assinale a que identifica as principais características geográficas deste país.

- (a) Os nativos australianos foram praticamente dizimados com a ocupação europeia, e os que restaram se encontram hoje totalmente assimilados à cultura dos brancos.
- (b) Possui população rural reduzida, centros urbanos concentrados no sudeste do país, com base econômica derivada dos produtos agropecuários e da mineração.
- (c) Possui 40% do seu território recoberto por florestas tropicais e importantes indústrias de produtos manufaturados.
- (d) A maior parte do território é constituída por desertos, predominando população rural com economia baseada em recursos primários.

10 Unirio Assinale a afirmação incorreta sobre a Oceania e os países que formam esse continente.

- (a) O setor agropecuário na Austrália apresenta uma elevada participação nas exportações, e a pecuária constitui uma das principais fontes de riquezas.
- (b) A Austrália possui uma das mais baixas densidades demográficas do mundo e sua população concentra-se no litoral e nas regiões mais úmidas.
- (c) A agropecuária na Nova Zelândia ocupa grande parte de seu território; é uma atividade muito importante economicamente, responsável por grande parte das exportações de produtos industriais.
- (d) Ao todo, a Oceania é formada por 4 grandes ilhas; a maior que representa o território australiano, e 3 ilhas menores, que formam o arquipélago da Nova Zelândia e a ilha da Tasmânia, que constituiu um país independente.
- (e) Durante o processo de ocupação da Nova Zelândia pelos ingleses, a população nativa teve suas terras usurpadas e grande parte de sua população dizimada. Hoje a população é predominantemente branca.

Frente 1

10

Qualidade de vida

Revisando

1. Crescimento econômico é uma mudança quantitativa geralmente medida pela variação do PIB. Desenvolvimento é uma mudança qualitativa que envolve um complexo de fatores e variáveis.
2. É a população economicamente ativa, ou seja, aquela que está ocupada ou desocupada, mas procurando ocupação. Os fatores que costumam colaborar com a variação da PEA são a idade média da população e o nível de inserção da mulher no mercado de trabalho.
3. Setor primário, que envolve as atividades agrícolas, pecuárias e extrativistas; o secundário, que envolve a indústria; e o terciário, que envolve o comércio e os serviços.
4. A fome é uma condição de subnutrição crônica em que a pessoa não come durante vários dias, o que leva seu corpo a entrar em deterioração física. Já a subnutrição significa uma alimentação insuficiente ou inadequada.
5. A subnutrição ligada à escassez de alimento vem caindo fortemente no Brasil, o que se deve ao aumento da renda. Ao mesmo tempo, devido a este mesmo aumento, cresce o problema da obesidade no país.
6. A distribuição de água tratada, a coleta de esgoto, a disposição adequada de resíduos sólidos e o controle de pragas.
7. A maior parte das mortes de crianças com menos de um ano de vida hoje no Brasil se referem àquelas ocorridas no período neonatal, ou seja, até o 28º dia de vida.
8. Educação é qualquer processo de passagem de conhecimentos, práticas e valores de um indivíduo para outro. Alfabetização se refere ao ensino de códigos, regras gramaticais e noções semânticas de uma língua. Escolarização se refere à formalização e à institucionalização da educação em escolas segundo regras geralmente postas pelo Estado.
9. Educação, longevidade e renda.
10. É um índice de concentração de renda. Quanto mais próximo de 1, maior a concentração de renda, aumentando a desigualdade; quanto mais próximo de zero, maior a distribuição, diminuindo a desigualdade.

Exercícios propostos

O desenvolvimento e seus determinantes

1. A
2. E
3. a) A necessidade de elevação da renda familiar e a ampliação do número de mulheres com salários superiores ao de seus companheiros são aspectos que justificam a crescente participação da mulher como chefe de família, a partir de uma maior inserção feminina no mercado de trabalho.
b) A maior participação da mulher no mercado de trabalho do Brasil provocou uma ampliação significativa de seu exército de reserva, ou seja, da massa de pessoas disponíveis para o trabalho. Esse fato acaba gerando uma maior oferta de mão de obra, criando uma tendência de redução dos salários e aumento das taxas de desemprego.
4. E
5. D
6. D
7. A
8. B
9. D

10. A
11. E
12. A
13. A

Tentando medir o desenvolvimento

14. O Brasil mostra diferenças de expectativa de vida entre as regiões Norte e Nordeste, mais pobres com déficits sociais mais difíceis de solucionar, pelos muitos anos de descaso. Enquanto o Sul e Sudeste, regiões de melhor desempenho econômico e mais urbanizadas e com mais capital internalizado, acabam tendo melhor expectativa de vida.
15. a) Podemos justificar o índice de exclusão, entre outras causas, por aspectos como:
 - Características naturais desfavoráveis à expansão da agricultura com bases modernas;
 - Infraestrutura precária;
 - Grande distância em relação às regiões mais desenvolvidas do país.
 b) Alguns fatores sociais que explicam os índices relativamente melhores da região Sul:
 - Modernização da agricultura com base no agronegócio que possibilitou o aumento da produção e da produtividade regional;
 - A melhoria na agricultura favoreceu uma relativa prosperidade com geração de emprego e aumento da renda, em geral, possibilitando o desenvolvimento industrial.
 - Proximidade da região Sudeste do país, favorecendo relações vantajosas para a região.
16. a) As macrorregiões com exclusão social intensa e generalizada são: Norte e Nordeste.
b) A situação social de vulnerabilidade pode ser expressa por aspectos como: analfabetismo crônico ainda em alto valor percentual, incluindo o funcional com difícil acesso à educação, com baixo nível de formação e capacitação; insegurança alimentar, indo desde fome até subnutrição; difícil acesso ao mercado de trabalho, em relação direta ao baixo nível educacional; economia formal pouco estruturada ou vivendo de atividades de baixa remuneração; ambiente educacional e institucional favorável ao desemprego, subemprego e informalidade; desigualdade de acesso à renda; estrutura de produção agrícola arcaica com latifúndios de baixa produtividade e difícil acesso a terra e à moradia; exclusão digital por falta de equipamentos e investimento; difícil acesso aos instrumentos de cidadania como atestados, certidões, títulos; limitação de acesso a serviços de saúde, tratamento dentário, medicina diagnóstica.
17. C
18. D
19. a) O gráfico 1 segue as disparidades socioeconômicas regionais no Brasil. As regiões Sul e Sudeste apresentam melhores condições em relação ao Nordeste, enquanto as regiões Norte e Centro-Oeste têm posições intermediárias. As melhores condições de educação do Sul e do Sudeste atraem investimentos para essas regiões. A menor qualificação profissional e educacional do Nordeste dificulta a atração de investimentos para essa região, tornando o desenvolvimento mais lento e ampliando as desigualdades.
b) O Haiti é o país com o pior desempenho, com a maior taxa de analfabetismo. Ajuda a entender essa situação a grande instabilidade política por que passa o país nas últimas décadas, sendo necessária a intervenção da ONU, processo que conta com a participação de uma missão de paz do Brasil.
20. a) A região Sul. Pelos índices mostrados nos cartogramas apresentados, a taxa de mortalidade de crianças negras e brancas é a mes-

- ma (entre 16,00 e 27,00 mortes em mil), o que pode indicar uma menor desigualdade entre os dois grupos étnico-raciais nessa região.
- b) Nos estados do Rio Grande do Norte e de Alagoas. Nesses estados, a diferença entre as taxas de mortalidade de crianças brancas e negras é expressiva. Entre as crianças brancas, a taxa atinge a faixa entre 27,01 e 38,01 mortes por mil; já entre as crianças negras, a taxa sobe e atinge, nos dois estados, a faixa que fica entre 49,03 e 60,00 mortes a cada mil crianças, o que pode caracterizar uma desigualdade expressiva entre esses grupos étnico-raciais.
21. a) O cartograma, que utiliza a projeção cartográfica anamorfose, descreve dados e população e produto nacional bruto. Sobre a população mundial, a China e a Índia apresentam dimensões maiores em relação ao Japão, pois são os dois países mais populosos do mundo. No cartograma referente à repartição da riqueza mundial, o Japão se destaca em dimensão, pois apresenta um produto nacional bruto bem superior ao da China e da Índia.
b) A renda *per capita* de um país é o indicador econômico calculado pela divisão entre o produto nacional bruto e o total da sua população. Podemos concluir que a renda *per capita* norte-americana é bem superior à brasileira. Isso pode ser explicado pelo fato de que o produto nacional bruto dos EUA é superior ao do Brasil, enquanto o número de habitantes dos dois países é bastante próximo.

22. E
23. C
24. B
25. E
26. A
27. D
28. B
29. C
30. A
31. C
32. B
33. B
34. B
35. B
36. D

Exercícios complementares

O desenvolvimento e seus determinantes

1. a) Dentre as causas socioespaciais selecionadas estão:
 - a implantação dos serviços de saneamento básico em grande número de bairros das cidades brasileiras;
 - a instalação de centrais de tratamento de água nas principais regiões metropolitanas do país;
 - a realização permanente de campanhas nacionais e locais sobre regras básicas de higiene pessoal, popularizadas através dos meios de comunicação de massa;
 - a drástica redução do analfabetismo, através da disseminação das escolas de ensino básico por todo o território nacional;
 - a ampliação das redes de hospitais e postos de saúde pelo território nacional;
 - a criação de institutos de pesquisa dedicados à saúde pública, aprimorando técnicas de prevenção e controle de algumas doenças infecto-parasitárias (Fundação Oswaldo Cruz, Adolfo Lutz, Butantã).
 b) Dentre os motivos gerados por causas externas, destacam-se:
 - o aumento significativo dos acidentes de trânsito;

- o crescente número de vítimas da violência urbana, principalmente nas periferias dos grandes centros brasileiros.
Dentre as causas geradas pela categoria aparelho circulatório, destacam-se:
 - as mudanças nos padrões alimentares da população brasileira, com o aumento do consumo de gorduras polissaturadas, fast food e comidas industrializadas diversas, típicas do ambiente urbano;
 - a sedentarização do homem urbano que, pelo próprio ritmo de vida das cidades contemporâneas, reduz as chances de movimentos corporais;
 - a reduzida oferta, nas cidades, de espaços de lazer e para atividades físicas ao ar livre, diminuindo as possibilidades dos seus habitantes desenvolverem exercícios e atividades lúdicas e esportivas com mais frequência;
 - o estresse urbano e a sua associação com as diversas formas de poluição (do ar, sonora...) que afeta a qualidade de vida e amplia as chances de infartos e outras doenças do aparelho circulatório.
2. As grandes cidades brasileiras passaram por processos de crescimento desordenado com ocupação de áreas desprezadas pelo capital imobiliário em locais de risco de deslizamentos ou inundações. Além disso, a localização de muitos bairros longe dos principais centros de trabalho, acaba dificultando ou inviabilizando o deslocamento populacional e a relação entre oferta de emprego e sua localização. O resultado é uma massa de jovens com pouca perspectiva, que acabam se envolvendo com o tráfico de drogas e outras subocupações.
 3. D
 4. E
 5. C
 6. E
 7. A
 8. A
 9. A
 10. C
 11. A
 12. D

Tentando medir o desenvolvimento

13. E
14. A
15. V; F; F; F; F
16. D
17. F; F; V; V; F

Revisando

1. A integração do território nacional é o processo pelo qual as regiões do país, até então relativamente isoladas, passaram a se integrar econômica, cultural e socialmente devido à criação de sistemas de transporte e comunicação ligando-as. Essa mudança, ocorrida ao longo da segunda metade do século XX, esteve ligada à mudança da economia agroexportadora para a economia urbano-industrial.
2. A divisão territorial do trabalho é a distribuição de atividades econômicas interdependentes entre diferentes áreas, de modo que cada uma delas tenha seu papel no processo produtivo geral de uma sociedade. Com base nesse conceito, costuma-se dividir o Brasil em três regiões, chamadas de geoeconômicas: Centro-Sul, Nordeste e Amazônia.
3. A integração do território influenciou as migrações em dois sentidos, gerou a possibilidade do aumento

- dos fluxos, pois está diretamente ligada à construção de novos e melhores meios de transporte. Contudo, intensificou, principalmente, as migrações porque aumentou as desigualdades territoriais no país, aprofundando a crise econômica no Nordeste ao mesmo tempo em que estimulava o crescimento da economia do Centro-Sul e tornava necessária a expansão agrícola na Amazônia.
4. Há a tendência de aumento das migrações intrarregionais, isto é, dentro da mesma região, e, devido à descentralização econômica, a tendência de aumento das migrações para o Nordeste e Amazônia em detrimento dos fluxos em direção ao Centro-Sul.
 5. Região Concentrada: caracterizada pelo grande acúmulo de meios técnicos, antigos e recentes, que levam ao seu grande poder produtivo e decisivo no território nacional.
Região Nordeste: caracterizada pela presença de meios técnicos e de relações sociais e políticas antigas, que são, em grande parte, herança do período agroexportador e de sua decadência desde meados do século XX.
Região Centro-Oeste: caracterizada pela presença de meios técnicos ligados à ocupação recente, que procedeu da expansão da fronteira agrícola e da construção de Brasília e da rede urbana a ela ligada.
Amazônia: caracterizada como área de reserva territorial, ainda pouco ocupada por sistemas técnicos, a não ser em alguns núcleos de exceção como a Zona Franca de Manaus e as áreas de mineração de Carajás e do vale do rio Trombetas.
 6. O processo de descentralização da economia nacional e as políticas públicas voltadas à região vêm levando o Nordeste a receber investimentos em diversas áreas da economia, principalmente, nas grandes obras de infraestrutura, na indústria, no turismo e na agricultura irrigada. Com esse aumento dos investimentos, a região vem apresentando um crescimento econômico acima da média nacional.

Exercícios propostos

Regionalização

1. a) O IBGE dividiu o Brasil em cinco macrorregiões geográficas, a saber: Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul (divisão oficial).
b) As regiões geoeconômicas (ou complexos regionais) do Brasil são: Amazônia, Centro-Sul e Nordeste.
c) c.1. A divisão oficial adotada pelo IBGE, composta de cinco macrorregiões, está fundamentada na combinação das características econômicas, naturais e demográficas, mantendo na divisão regional o limite político-administrativo dos estados.
c.2. Na delimitação das regiões geoeconômicas (ou complexos regionais), o critério básico foi a divisão regional do trabalho, ou seja, a estrutura produtiva dominante em cada região, sem levar em conta os limites políticos territoriais dos estados.
2. a) Características econômicas regionais peculiares:
Amazônia: agroextrativismo.
Nordeste: agroexportação.
Centro-Sul: agropecuária comercial, forte concentração urbana e industrial.
b) População: maior parcela da população brasileira, melhor padrão, predominantemente urbana.
Economia: agropecuária comercial, indústrias, comércio, centro financeiro, infraestrutura, alta produtividade.
Urbanização: conta com a rede urbana mais bem hierarquizada do país, com metrópoles nacionais – São Paulo, Rio de Janeiro – e regionais, como Belo Horizonte, Vitória etc.
3. E

4. A divisão regional proposta por Pedro Pinchas Geiger considera aspectos naturais e socioeconômicos, podendo ser caracterizada como a mais dinâmica. Nela, temos a Amazônia, o Nordeste e o Centro-Sul, esta última caracterizada como a principal concentração econômica, de infraestrutura, financeira, social, cultural, populacional brasileira. A divisão regional do IBGE coloca o país em 5 regiões geoeconômicas com características peculiares. O sistema considera os estados existentes e seus limites correspondem às divisas estaduais. Essa divisão do IBGE é formada pelas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul. A divisão regional proposta por Milton Santos destaca uma região concentrada caracterizada pela concentração de ciência, tecnologia e informação, determinantes no processo de ocupação do espaço, sendo formada pela Amazônia, Nordeste, Centro-Oeste e Concentrada.
5. C
6. A
7. E
8. B
9. D
10. A
11. C
12. D

Migrações

13. B
14. E
15. B
16. B
17. V; V; F; F; V
18. a) Enquanto a área 1 é uma área de imigração, a área 2 é uma área de emigração.
b) A área 1 atrai população em decorrência da incorporação de novas áreas ao espaço produtivo nacional, em especial, em função de atividades com perfil predominantemente masculino, tais como: agricultura, pecuária, extrativismo vegetal e extrativismo mineral. Na área 2, ocorre a expulsão da população predominantemente masculina em função da concentração fundiária, do pouco dinamismo da economia e da forte presença da pecuária extensiva com baixo índice de geração de empregos.
19. B
20. D
21. E
22. C

Região Concentrada

23. O Brasil descoberto e colonizado por Portugal teve seus primeiros ciclos econômicos na base primária com madeira e açúcar ao longo dos séculos XVI e XVII, seguidos pela expansão de cidades comerciais como Salvador, Recife e Rio de Janeiro, nos séculos XVIII e XIX.
24. B
25. B
26. 15
27. D
28. A
29. E
30. B

Região Nordeste

31. A mão de obra numerosa e os custos tributários e os de produção menores. Consequências: maior geração de emprego, dinamização da economia regional.
32. Trata-se do uso político do processo natural da seca do Nordeste como forma de se conseguir recursos financeiros complementares para os orçamentos da região. A finalidade é a maior oferta de soluções para as secas, mas boa parte dos recursos acaba sendo empregada no pagamento de custeios diversos.

33. B
34. C
35. A
36. E
37. B
38. A
39. D
40. D
41. D
42. E
43. A
44. B
45. V; F; V; F; F
46. D

Região Centro-Oeste

47. a) O segundo verso da canção faz referência à opção pelo transporte rodoviário (após a chegada das montadoras de automóveis) como forma de integração do território; no sétimo verso, à inauguração de Brasília, ocorrida em 1960.
b) Justificativas simbólicas: promover o progresso e a modernidade da sociedade brasileira, legitimar a centralização e a segurança nacional. Justificativas políticas: deslocar o centro de decisões políticas para longe dos centros econômicos; diminuir os riscos de conturbações socioeconômicas. Justificativas econômicas: promover a integração territorial nacional, facilitar a ligação e o deslocamento entre o litoral e o interior, diminuir os desequilíbrios socioeconômicos regionais, abertura de novas possibilidades econômicas através de projetos para a captação de recursos e desenvolvimento tecnológico e favorecer as migrações.
48. B
49. A região Centro-Oeste mostrou altas taxas de crescimento urbano, caracterizado por fortes movimentos migratórios em direção à fronteira agropecuária pioneira.
50. D
51. D

Amazônia

52. a) São elementos incentivadores dos fluxos transfronteiriços entre cidades gêmeas:
– a busca por colocação profissional (oferta diferenciada de postos de trabalhos para funções principalmente de baixa qualificação);
– a circulação de capitais (oportunidades mais rentáveis de remuneração, lavagem de dinheiro);
– terra e outros recursos naturais (preço diferenciado desses recursos);
– busca por melhores condições de vida, ou seja, por serviços coletivos (saúde e educação, por exemplo);
– comércio legal ou ilegal transfronteiriço por causa da diferença de preços e da falta de controle de alfândega.
b) Projeto Calha Norte (1982), de caráter defensivo, que previa a ocupação militar na faixa de fronteira com países do norte da América do Sul tendo por base o eixo rodoviário da Perimetral Norte e o projeto Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia) ao longo dos anos 1990.
53. a) O Brasil iniciou seu processo de ocupação a partir do litoral durante o período colonial. As plantações de cana-de-açúcar, a criação, o café iniciaram as atividades econômicas, o que acabou favorecendo a concentração populacional na faixa litorânea. Com o desenvolvimento do país, a economia começou a se deslocar para o interior e a população foi junto através das migrações. Normalmente, as correntes migratórias são masculinas em busca das melhores oportunidades de trabalho para posteriormente constituir família ou trazê-la.

- b) A partir dos anos 1970, constituiu-se do ponto de vista do planejamento institucional do Estado brasileiro, a fronteira pioneira agropecuária como forma de atrair migrações planejadas com o intuito de ocupar o vazio populacional do interior. Os deslocamentos são realizados principalmente por migrantes sulistas. As atividades eram pautadas por uma determinada ordem. Basicamente, a partir da derrubada de mata, seguida por pecuária e lavouras. O contato desses grupos de desbravadores com a mata nativa forma o arco de desmatamento.
54. a) Mapa A – Formação Vegetal da Mata Equatorial Amazônica;
Mapa B – Área Geográfica abrangida pela Amazônia Legal.
b) O espaço caracterizado como Amazônia Legal é formado pelo domínio de floresta equatorial amazônica. A área encontra-se na fronteira agropecuária e sofre com desmatamento para exploração de madeira e queimadas para a expansão agropecuária. A partir de 2002 a região passou a ser monitorada pelo projeto Sivam, Sistema Integrado de Vigilância da Amazônia, em que radares aéreos e terrestre mais imagens de satélite são utilizados no monitoramento regional.
55. a) Entre os elementos associados à ocupação da região Amazônica, que ameaçam as Unidades de Conservação, temos: frentes madeireiras, frentes de pecuária, frentes agrícolas, urbanização e assentamentos (frentes de povoamento), estradas e atividades mineradoras.
b) A fiscalização das Unidades de Conservação é mais difícil na Amazônia que em outras regiões do país em função da extensão territorial da região e da dificuldade de circulação.
56. C
57. B
58. C
59. B
60. A
61. A
62. C
63. C

Exercícios complementares

Regionalização

1. Amazônia

Características físicas:

- floresta pluvial latifoliada;
- clima equatorial, quente e chuvoso o ano todo;
- hidrografia caracterizada por grande número de rios com abundante volume de água;
- bioma marcado pela extrema diversidade de espécies;
- topografia de predominância suave, marcada principalmente por planícies e baixos platôs.

Características socioeconômicas:

- densidades demográficas reduzidas na maior parte da região;
- expressiva participação das atividades primárias na composição do PIB e de absorção da PEA;
- forte participação dos grupos indígenas na composição étnica da população;
- marcante influência dos grupos indígenas brasileiros sobre a cultura regional.

Nordeste

Características físicas:

- vegetação de caatinga presente no sertão fortemente associada às paisagens regionais;
- clima semiárido do sertão nordestino;
- hidrografia sertaneja, marcada pelos rios temporários em função das características climáticas;
- climas megatérmicos, marcados pela pequena amplitude térmica.

Características socioeconômicas:

- grandes desigualdades socioeconômicas;
- concentração fundiária;
- perfil de renda com médias inferiores às do restante do país;
- predomínio, nas áreas rurais, das atividades agropecuárias tradicionais.

Centro-sul

Características físicas:

- médias de temperatura inferiores às encontradas nas outras duas regiões, com amplitude térmica maior em função da maior latitude;
- vegetação de Cerrado;
- muitas escarpas, localmente denominadas de serras.

Características socioeconômicas:

- maiores índices de população urbana;
- presença de áreas densamente urbanizadas, formando grandes aglomerações metropolitanas;
- alto nível de participação da indústria no PIB/grandes concentrações industriais;
- rede de transportes densa e diversificada;
- agropecuária moderna e em expansão.

2. A
3. B
4. C
5. E

Migrações

6. A
7. E
8. A
9. A

Região Concentrada

10. A
11. D
12. A
13. – Existência de maior número de estabelecimentos de ensino na região metropolitana.
– Acesso mais fácil às escolas na região metropolitana, por causa de uma rede de transporte mais densa e eficiente.
– Maior incidência de trabalho infantil em atividades rurais nas regiões norte e noroeste Fluminense.
– Incompatibilidade do calendário escolar com o calendário agrícola nas áreas rurais das regiões norte e noroeste Fluminense.
– Existência de maiores níveis de pobreza nas áreas rurais das regiões norte e noroeste Fluminense.
14. C
15. A
16. B
17. D

Região Nordeste

18. a) A localização geográfica das principais áreas irrigadas à montante da sequência de quedas-d'água no Rio São Francisco, onde estão situadas as usinas de Paulo Afonso I, II, III e IV, Moxotó, Itaparica e Xingó, faz com que a expansão da irrigação, que demanda cada vez mais água, esteja competindo com a geração de energia. O aumento da área irrigada no vale, conjugada com a demanda de água para a transposição, pode vir a comprometer a vazão mínima necessária para a geração de energia.
b) Entre as principais críticas dos movimentos ambientalistas contra o projeto da transposição temos: existem soluções menos custosas e mais sustentáveis para sanar o problema da falta de água no semiárido, como a construção de poços e cisternas; o regime fluvial e a vazão do Rio São Francisco já estão

bastante comprometidos pelo desmatamento em suas cabeceiras e de seus formadores e a transposição seria um golpe mortal na vida do rio; a transposição comprometeria a vazão do rio para a jusante, aumentando a salinidade em sua foz, o que afeta a vida nos manguezais; a transferência das águas do São Francisco, com os seres vivos que nele vivem, para os rios do Nordeste Setentrional, poderia afetar seriamente os ecossistemas fluviais do semiárido.

- 19. D
- 20. E
- 21. C
- 22. D
- 23. E

Região Centro-Oeste

- 24. B
- 25. A
- 26. a) Regiões com maior dinamismo econômico e financeiro com maior capacidade produtiva em diversificados setores, não dependendo muito dos setores públicos na geração de empregos.
- b) Região de fronteiras pioneiras com economias primárias com variados graus de dependência em relação ao investimento público.
- 27. D
- 28. A
- 29. B

Amazônia

- 30. D
- 31. C
- 32. E
- 33. 07
- 34. B
- 35. D
- 36. E
- 37. D
- 38. D
- 39. A

Frente 2

12 Oriente Médio

Revisando

1. É um movimento político surgido no século XIX baseado na crença da necessidade de conquistar um lar nacional para os judeus. Em outras palavras, é a tentativa de criar e reforçar uma identidade nacional para os judeus da Diáspora.
2. A região da Palestina pertencia ao Império Turco-Otomano até a Primeira Guerra Mundial. Após a derrota turca, a região ficou sob administração britânica para que ali fossem criados, gradativamente, países independentes para a população árabe.
3. Firmados entre as lideranças israelenses e palestinas, os acordos previam uma nova divisão dos territórios palestinos ocupados por Israel. Segundo os acordos, seria criada a Autoridade Palestina (um embrião de governo autônomo) e os territórios palestinos seriam divididos em tipos A (controle total palestino), B (controle civil palestino e militar de Israel) e C (controle total de Israel).
4. São colônias agrícolas israelenses em território palestino. Para os palestinos, a existência dos assentamentos é um insulto e uma prova de que Israel não está disposto a abandonar as regiões conquistadas e ocupadas.
5. Como uma medida de proteção, já que grupos armados palestinos estavam operando em solo

- libanês e o governo do Líbano não tinha condições de reprimi-los, já que o país vivia uma guerra civil.
6. As reformas políticas e econômicas do Xá (rei) Reza Pahlevi eram malvistas por parte da sociedade iraniana e sofriam forte oposição do clero. A ligação entre o rei e o Ocidente também era criticada.
 7. O ditador iraquiano, Saddam Hussein, tinha fortes motivos para temer a expansão xiita na região. Saddam representava os 20% de árabes sunitas do Iraque e oprimia os 60% de árabes xiitas e 20% de curdos sunitas. A revolução no Irã poderia estimular uma revolução xiita no Iraque também. Além disso, interessava ao Ocidente impedir a expansão xiita para que o petróleo não fosse afetado, o que levou ao apoio ao Iraque.
 8. O Iraque passou a ser fiscalizado de forma militar e também pela ONU, perdendo muito de sua soberania. Além disso, o embargo incluía uma série de restrições econômicas (incluindo um limite máximo de exportação de petróleo, o que restringia o lucro). As sanções penalizaram tanto o governo quanto a população civil.
 9. Segundo o governo estadunidense, o Iraque possuía armas de destruição em massa e estava colaborando com a rede Al Qaeda de Osama Bin Laden. As supostas armas não existiam, assim como não havia relação entre Saddam e a Al Qaeda. O que se seguiu foi uma violenta guerra civil com a participação de militantes radicais estrangeiros.
 10. A etnia pashtu, presente tanto no Afeganistão quanto no Paquistão, o que permitiu ao Talibã buscar abrigo no Paquistão após a invasão estadunidense de 2001. Para que o grupo seja vencido, é preciso combatê-lo nos dois países ao mesmo tempo.
 11. Além da crise envolvendo o Talibã, o Paquistão tem também um conflito em aberto com a Índia na disputa pela posse da região da Caxemira. Índia e Paquistão são potências nucleares.

Exercícios propostos

Geral

1. E
2. A
3. A
4. Uma razão do interesse americano no Oriente Médio, das apresentadas a seguir, entre outras:
 - ampliar e manter a hegemonia e a política americana junto aos países árabes: O Oriente Médio é uma área de disputa entre os polos ou centros importantes do mundo (Estados Unidos, União Europeia, Japão e China). No momento atual, a hegemonia é dos Estados Unidos; todavia, pode ser alterada pelas disputas dos diferentes focos de interesse ou pela união dos povos e estados islâmicos. Essa hegemonia foi alcançada por meio de ações unilaterais, invasões, ocupações e embargos econômicos por parte dos Estados Unidos;
 - controlar a produção e a comercialização de petróleo e gás natural: As empresas americanas são as principais exploradoras do petróleo extraído no Oriente Médio, e os Estados Unidos são os maiores consumidores mundiais de petróleo;
 - apoiar a manutenção do Estado de Israel: Os Estados Unidos apoiam o Estado de Israel na luta contra os palestinos em defesa (política e econômica) da colônia judaica internacional em virtude de Israel constituir-se em ponto de apoio para a defesa dos interesses estadunidenses no petróleo do Oriente Médio;
 - combater os grupos terroristas islâmicos: Os grupos terroristas islâmicos surgiram na

década de 1980, objetivando combater o Estado de Israel e a implantação de um Estado palestino islâmico. Como os Estados Unidos apoiam o Estado de Israel ao mesmo tempo em que defendem os seus interesses no petróleo, a ação desses grupos terroristas passou a ter também como objetivo atingir os Estados Unidos.

- 5. D
- 6. E
- 7. B
- 8. D
- 9. C
- 10. A

Israel, Palestina, Líbia e Síria

11. A
12. D
13. A figura mostra o Estado de Israel, a Faixa de Gaza e a Cisjordânia, sendo essas últimas predominantemente habitadas por árabes palestinos e fortemente controladas por Israel, ainda não constituindo o chamado Estado da Palestina. A ONU aprovou, em 1947, um plano de partilha da região para criar os Estados de Israel (reivindicado pelos judeus) e o da Palestina (reivindicado pelos árabes-palestinos). Logo que a Assembleia Geral das Nações Unidas votou e aprovou o plano, os judeus proclamaram o Estado de Israel. Porém, os árabes recusaram o plano por considerarem-no injusto, o que iniciou uma série de conflitos regionais que se estendem até os dias de hoje. Um dos problemas relacionados à condição espacial que dificulta, na atualidade, a formação de um Estado palestino na região, diz respeito à configuração do seu território. Este seria constituído pela Faixa de Gaza e Cisjordânia, espaços não contíguos, separados pelo Estado de Israel. Outra condição se refere às fronteiras do que seria o Estado da Palestina. A maior parte desse território – a Cisjordânia – apresenta grandes problemas de abastecimento, já que não tem acesso ao mar Mediterrâneo, além de ter uma grande extensão de fronteira com o Estado de Israel, o que a torna vulnerável econômica e politicamente.
14. E
15. a) Possibilidades de resposta: Resposta 1: a expansão de Israel sobre a Palestina tem um caráter geopolítico no tocante à expansão do território, fato que se cruza com questões culturais, étnicas, religiosas e históricas. Resposta 2: Israel é um Estado com um forte aparato bélico. Por meio de guerras, o país ocupou várias partes do território palestino, entre elas a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, que permanecem ocupadas.
- b) Os Estados Unidos, na condição de potência mundial, sempre apoiaram Israel. A presença de um Estado judeu no Oriente Médio, fortemente armado e aliado dos Estados Unidos, contribui para os interesses econômicos americanos na região.
16. a) Domínio sobre as Colinas de Golã, pertencentes à Síria, e sobre a Cisjordânia, pertencente à Jordânia. A disponibilidade de água nessas regiões possibilitou os assentamentos agrícolas tornando as fronteiras israelenses defensáveis.
- b) A bacia drena uma área pequena sob clima árido. Suas águas correm sobre uma falha geológica.
- c) Colinas de Golã (Síria); Cisjordânia, parcialmente devolvida para a ANP; Faixa de Gaza ainda sob parcial controle israelense.
17. A
18. A
19. B
20. A
21. C

Conflitos no Golfo

22. B
23. a) Os EUA têm interesses determinantes nas fronteiras com o Iraque, o Paquistão e o Afeganistão.
- b) Podem ser citados como interesses geoestratégicos:
- No Iraque, a instabilidade política dos insurgentes pode prejudicar os interesses petrolíferos dos EUA na região.
 - No Afeganistão, a presença militar americana contra os talibãs encontra-se em um impasse, pois as forças dos EUA encontram-se restritas à capital Kabul e seus arredores. Dependem de sanções presidenciais para novas ofensivas.
 - No Paquistão, o problema está na forma como grupos radicais islâmicos transitam pela fronteira do Irã e do Afeganistão, dificultando a guerra que os EUA desenvolvem contra esses grupos.
 - Em relação ao Irã, os EUA lideram uma campanha mundial contra as aspirações nucleares iranianas.
24. D
25. D

Afeganistão e Paquistão

26. C
27. E
28. B
29. C
30. C
31. E
32. D
33. E
34. D

Exercícios complementares

Geral

1. A
2. C
3. a) Iraque em questões de economia estratégica. Israel em questões de ordem étnico-religiosa.
- b) Iraque: invadido pelos Estados Unidos, que alegavam que o país possuía capacidade de construir armas de destruição em massa. Israel: vive às voltas com conflito em áreas ocupadas destinadas à Autoridade Palestina, onde as tentativas de acordo de paz são desestabilizadas por grupos radicais de ambos os lados.
4. D
5. A
6. E
7. D
8. E
9. a) O mosaico cultural, a posição estratégica como passagem entre a Europa e a Ásia, a ocorrência de extensas jazidas petrolíferas.
- b) Ele faz referência à questão israelense e palestina. Com o surgimento de Israel em 1948, os palestinos que ali viviam viram-se deslocados e sem expressão territorial, daí a menção de ocupação dos territórios por Israel.

Conflitos no Golfo

10. B
11. a) A década de 1980 iniciou-se com o conflito Irã-Iraque e a invasão do Afeganistão pela URSS, que só terminaria em 1989. É também nesse período que houve a consolidação de uma República Islâmica no Irã, apoiada no Aiatolá Khomeini – fato que ameaçou os interesses norte-americanos na região, além de representar um risco para a estabilidade do Estado de Israel. Está também implícita a questão do petróleo, controlado em grande parte pelos países do Golfo Pérsico.

- b) Atuação conjunta, como aliados, na luta contra o terrorismo internacional e seus desdobramentos. Nos últimos anos, o apoio dos Estados Unidos não se demonstrou irrestrito e várias foram as tentativas de reconciliação e acordos para a paz entre palestinos e israelenses, intermediados pelos norte-americanos.

12. A
13. A

Afeganistão e Paquistão

14. A
15. C

13

As potências emergentes: Índia, Rússia e China

Revisando

1. A resistência pacífica, também chamada de desobediência civil, consistia em um boicote às instituições colônias britânicas, na recusa de consumir os produtos ingleses e na aceitação passiva das represálias. O objetivo era fazer uma resistência sem enfrentamentos, caracterizando-a como não violenta.
2. Os principais conflitos internos da Índia são o separatismo no Punjab, devido às diferenças étnico-religiosas da minoria *sikh*, e o conflito entre o governo e o grupo guerrilheiro naxalita, de inspiração maoísta, que busca tomar o poder.
3. Gás e petróleo, produzidos na própria Rússia ou produzidos na Ásia Central e no Cáucaso e transportados através de território russo.
4. A Europa é o principal mercado russo. Com as crises, houve a queda no consumo de energia europeu e, conseqüentemente, uma grande crise econômica na Rússia também, já que seu principal produto de exportação foi diretamente afetado.
5. O governo é acusado de falta de transparência e de relações suspeitas com grupos financeiros que enriqueceram nos últimos anos. Há também a acusação do uso de violência contra os adversários.
6. A Rússia é um país multiétnico que apresenta conflitos separatistas principalmente na região do Cáucaso que, além de ser estratégica para o transporte do petróleo, é habitada por povos não russos que adotam a religião islâmica.
7. São regiões do país onde o capital privado e internacional pode se instalar para produzir se aproveitando da mão de obra barata e numerosa. São regiões capitalistas dentro de um país socialista.
8. Assim como na Rússia, algumas regiões estratégicas para a China são habitadas por povos de origens étnica e religiosa diferentes da maioria. Destacam-se Xinjiang (muçulmanos) e o Tibete (budistas).

Exercícios propostos

Gerais

1. O Brasil é o menor produtor de aço do grupo dos BRIC. Analisando a primeira tabela, nota-se que em 2006 a produção brasileira correspondia a cerca de 40% da russa e era inferior a 10% da chinesa. Além disso, no período analisado, o Brasil foi o único país com variação percentual negativa, demonstrando a queda sofrida no total de sua produção. A maior concentração de produção de aço pertence à Ásia, que é responsável por quase a metade da produção mundial.
2. D
3. B
4. D
5. A

Índia

6. E
7. B
8. A
9. E
10. E
11. E
12. B
13. A
14. D
15. C

Rússia

16. A
17. E
18. C
19. B
20. E
21. C
22. C
23. D
24. A
25. B
26. A
27. A
28. D
29. E
30. C
31. C

China

32. D
33. Entre as vantagens oferecidas pelo Estado chinês aos empreendimentos estrangeiros encontram-se: rendimentos livres de impostos; terrenos públicos e construções de qualidade a baixo custo; liberdade de remessa de lucros para o exterior e facilidades para associações entre o capital estatal e os investimentos privados globais; moeda desvalorizada, o que permite a exportação de produtos baratos para o mercado global; mão de obra local qualificada, com salários relativamente mais baixos; infraestrutura, de transportes e telecomunicações, moderna e promovida pelo Estado.
34. A
35. B
36. D
37. D
38. A
39. C
40. a) Entre outros fatores, os seguintes: a abertura da economia criou condições favoráveis para a inversão de capitais externos – a China é a economia que mais recebe investimentos diretos; a presença de um Estado forte capaz de impor as novas diretrizes econômicas sem pressões e turbulências internas; a qualidade da mão de obra e o seu custo; a instalação de uma infraestrutura industrial capaz de atender a esse crescimento excepcional; a desvalorização da moeda chinesa, que torna o preço de seus produtos competitivo nos mercados internacionais.
- b) Essas mudanças ocorrem principalmente na faixa litorânea, nas chamadas Zonas Econômicas Especiais. Há um contraste muito acentuado entre essa faixa e as regiões do interior, ainda agrícolas, onde se concentra o essencial da população chinesa.
41. Dentre as desigualdades, podemos citar:
- áreas urbanas muito mais ricas do que as áreas rurais;
 - porção leste do país (litoral) com nível de renda e desempenho econômico bastante elevados, em relação à porção oeste (interior);
 - Zonas Econômicas Especiais (ZEE), cidades e áreas cujas economias estão liberadas aos investimentos estrangeiros há vários anos com índice de riqueza bem superior ao das demais áreas urbanas.

Dentre os problemas ambientais, destacamos:

- avanço da desertificação;
- poluição dos rios por efluentes industriais;
- desflorestamento pela necessidade de biomassa;
- poluição do ar nas áreas urbanas, originando as chuvas ácidas;
- déficit hídrico em muitas regiões da China, seja pelo clima seco, seja pela grande densidade populacional;
- alagamento de grandes áreas para construção de hidrelétricas, como a de Três Gargantas;
- erosão e esgotamento do solo em função da utilização muito antiga e intensiva para a agricultura;
- esgotamento das fontes e das matérias-primas de energia do país perante a crescente demanda provocada pelo crescimento econômico chinês;

42. E
43. B
44. E
45. B
46. C

Exercícios complementares

Índia

1. a) Em sua enorme população absoluta, a Índia apresenta grande diversidade étnico-religiosa. Grupos principais: hinduístas e muçulmanos, além de cristãos e *sikhs*.
b) Disputas territoriais entre os diversos grupos: *sikhs* no Punjab; muçulmanos e hindus na Caxemira. Índia e Paquistão possuem bombas nucleares. Atentados terroristas e sequestros, como os ocorridos em hotel em Mumbai, em 2008.
2. E

Rússia

3. F; V; F; V
4. A
5. A Chechênia localiza-se nos sopés da cadeia do Cáucaso, sob clima temperado continental. Trata-se de região separatista em relação à Federação Russa, por causa das diferenças étnico-religiosas. Os chechenos praticam o islamismo. Ao governo de Moscou não interessa a separação, pois para os russos a região reveste-se de importância como área de passagem e pelas suas reservas petrolíferas. A ação do governo é de forte repressão a qualquer tentativa separatista por parte dos chechenos.
6. B

China

7. B
8. Política do filho único, em que as famílias com mais de um filho passaram a ser tributadas pelo Estado. Essa política trouxe como consequência vários casos de infanticídio feminino, provocando o desequilíbrio entre o número de mulheres e homens na população chinesa.
9. C

2. A economia japonesa, assim como a de muitos dos seus vizinhos, baseia-se na exportação de produtos de alta tecnologia, como eletrônicos, máquinas e automóveis.
3. São países indiretamente beneficiados pelo crescimento japonês, como a Coreia do Sul, Taiwan, Cingapura e Hong Kong. As empresas japonesas se instalaram nesses países como forma de fugir do alto custo produtivo do Japão, o que acabou modernizando esses países e transformando-os também em exportadores de tecnologia.
4. Coreia do Sul e Coreia do Norte são inimigas desde a guerra que foi travada entre 1950 e 1953. Apesar do subdesenvolvimento, a do Norte possui armas nucleares e frequentemente ameaça a do Sul.
5. Hong Kong foi uma colônia inglesa, mas voltou a ser parte da China em 1997. A estrutura capitalista foi mantida e hoje a região é um polo capitalista e financeiro bastante desenvolvido, tem uma das maiores bolsas de valores do mundo.
6. Taiwan vive uma situação ímpar. A ilha foi o refúgio do governo nacionalista derrubado por Mao Tsé-Tung e mantém até hoje uma vida autônoma em política e economia, mas não é reconhecida como país. A China pretende um dia recuperar a posse sobre Taiwan.
7. Basicamente pecuária e indústrias modernas que exportam para o Japão e os outros países da região, como a Nova Zelândia.

Exercícios propostos

Japão

1. O Japão tem um subsolo pobre em recursos naturais. Sua política imperialista procurava mobilizar, nas áreas ocupadas, os recursos minerais e energéticos para sustentar seu projeto de potência asiática.
2. C
3. A
4. 10
5. A

Tigres Asiáticos

6. a) Coreia do Sul, Hong Kong, Cingapura, Taiwan.
b) Indonésia, Filipinas, Tailândia, Malásia, Vietnã.
7. D
8. F; V; V; F; F
9. Protecionismo alfandegário; repressão ao sindicalismo e às greves, mão de obra abundante e barata, criação das ZPEs, forte apoio do governo com a criação de infraestrutura e investimento na educação e formação de mão de obra qualificada.
10. A

Austrália

11. D
12. E
13. A
14. D
15. B

Exercícios complementares

Japão

1. D
2. C
3. V; V; F; V

Tigres Asiáticos

4. C
5. B
6. A
7. A
8. C

Austrália

9. B
10. D

Revisando

1. A Era *Meiji* significou para o Japão o abandono de sua antiga estrutura isolacionista e agrária e a entrada no mundo industrial e exportador, permitindo o início do crescimento japonês.